SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

Newton Gonçalves de Barros

(Ver pág. 56)

CONTÉM: Refúgio, da **Redacção**; História da Maternidade «Casa da Mãe Pobre», por **H. Magalhães**; Exercício da Actividade Espirita, pelo **Dr. Paulo Hecker**; Pela Imprensa Profana; Transformismo — Atavismo — Espiritismo, pelo **Dr. Carlos Imbassahy**; A Meu Irmão, por **Adolfo Oliveira Fernandes**; Liberdade de Consciência, por **José Francisco Cabrita**; O Caminho da Evolução, pelo **General Levino Cornélio Wischral**; Mensagens do «Grupo Humildade», do Centro Espiritualista Luz e Amor; Ernesto Bozzano — Sua Vida e Sua Obra —, por **Armand Donnay**; O Prof. Carlos Radini no Centro Luz e Amor; Que é o Espiritismo?, por **Aquille Biquet**; Natal dos Necessitados; Orientação Educacional, por **Newton Gonçalves de Barros**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

19.º ANO — FEVEREIRO DE 1958 — N.º 2

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos*, *Deolindo Amorim*, *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*, *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*, *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores

Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros. *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva*.

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

19.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1958 — N.º 2

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

REFÚGIO

Um refúgio é bom para quem sofre ou quem trabalha. As intempéries da labuta são às vezes ásperas e nem sempre temos forças para as dominar. É preciso concentrar energia, aplicar a força de vontade, vencer o que se opõe, atrair o que se quer.

O que nos rodeia pode inspirar-nos grandes obras, fornecer-nos elementos de estudo, alargar a visão e a ponderação. Mas há coisas sue estão mais longe ou mais perto e só elas podem completar o panorama da nossa vida.

A doutrina espirita, por si só, é refúgio de tristes e desajustados. Tem remédio para todos os males. O equilíbrio do espírito fortalece o corpo, destrói a dúvida, faz nascer a esperança. Temos visto homens desnorteados que se recompuseram, que se transformaram à luz do Espiritismo. Não porque nele encontrassem panaceias, mas realidades práticas que firmam os passos e orientam as almas.

Quem há que não queira um refúgio, quando o vento sopra, quando a onda espadana, quando a labareda envolve? Quem há que não queira um refúgio?...

A ideia não chega para se atingir a plenitude. Qualquer coisa fica alheio ao festim do pensamento. Está no mundo espiritual.

As consolações maiores estão lá. São almas amigas que voltam ao convívio de antano, com seu temperamento e seu carácter. E então, sim, a plenitude é atingida. Este é o grande refúgio. Tudo nele se encontra reunido, desde o bálsamo à esperança.

As horas belas são fáceis de entender, não obrigam a esforço individual. Decorrem serenamente, que o trabalho e a diversão fazem parte do homem. Mas as horas más são prova dolorosa e às vezes dura. O que em nós palpita sofre embates que os tónicos terrenos não extinguem. Temos então que recorrer ao auxílio espiritual. E quando vem, não há pessimismo. As forças conjugam-se para a vitória e os horizontes alargam-se. O refúgio aparece em todo o seu esplendor.

Já temos provado o fel da taça e só o refúgio nos acalentou. Desilusões, ingratidões, ataques, malevolências, eis a moeda dos fracos que invejam a corrida dos fortes e audaciosos. Devemos estar prevenidos contra o monturo, donde os gases emanam, deletérios, mefíticos, corruptores, e vestir uma couraça imunizante. Ela está no refúgio. Muitas vezes a vestimos e foi assim que atravessámos o mundo, sem medo da enxurrada, cujos salpicos nunca impediram os nossos passos.

Os adeptos do Espiritismo, sobretudo quando detêm postos de responsabilidade, estão sujeitos à lama dos rodados, esses veículos que levantam pó, para que os não vejam. Pó e lama é a mesma coisa. Bastam alguns pingos de água. Mas eles conhecem-se pelo andar. Haja esforço grande, haja sacrifício, haja renúncia, o veículo aparece aqui e ali, por causa do pó, por causa da lama. E o refúgio também, por causa da justiça que se não fez e que devia fazer-se. Um juiz clama por ela contra a multidão ululante. O juiz tem razão, estudou o processo, lavra a sentença de olhos vendados. O que ele diz é verdade.

Se não fosse o refúgio... Mas há o refúgio da consciência e o refúgio da alma. Um contra as injúrias do próximo e outro contra a ingratidão.

José de Alencar dizia que os ingratos são como as varejas. Elas empeçonham o corpo que as sustenta e eles vendem os protectores que os agasalham.

De tudo há na vida que se estuda. E bom será fazer como Descartes, que alteava o espírito, para que a injúria o não tocasse.

De uma forma ou de outra, felizes os que podem repousar o coração noutros corações. O refúgio fecha as portas de oiro e abre as janelas para o céu, onde não chega a lama dos rodados.

Um refúgio é bom para quem sofre ou quem trabalha. Depois há mais ânimo para viver e sofrer.

HISTÓRIA DA

Maternidade "Casa da Mãe Pobre"

(FRUTOS DE UMA IDEIA)

Por H. MAGALHÃES

II

LEGIÃO PROTECTORA DA MÃE POBRE

Nilo Silva preconizava, desde que se fundou a Maternidade, a formação de um grupo de senhoras para trabalhar para a Instituição. Chamava-lhes: «formigas carregadeiras». Seguindo essa orientação, a Directoria foi atraindo os familiares e conhecidos, senhoras e moças, formando um grupo apreciável. Na primeira reunião em que foi eleita a Directoria desse grupo, surgiu o problema do nome simbólico a adoptar. O Secretário da Instituição, José Barbosa do Nascimento, escreveu vários títulos, numa folha de papel, escolhendo por proposta de D. Hermengarda o sugestivo nome de «Legião Protectora da Mãe Pobre».

Esse notável grupo tem tido notável actuação durante toda a vida da Maternidade. Seu principal objectivo consiste em angariar donativos, sócios, roupas para crianças pobres, confecção de lençóis, fronhas, toalhas, auxílio constante à administração, direcção da Creche, Campanhas Financeiras, Campanhas de Natal, etc. Algumas cooperadoras dão todo o seu esforço à «Casa da Mãe Pobre», mas é bom frisar que cabe a Deus e não a nós ajuizar sobre o trabalho de cada qual e premiá-las, em Sua Infinita Misericórdia, por esforço tão útil a favor da humanidade.

Ficou assim constituída a 1.ª Directoria da «Legião Protectora da Mãe Pobre»:

Presidente — Maria Isabel Prista
Vice-Presidente — Alzira Vieira Waldeck
1.ª Secretária — Eulina Tavares do Nascimento
2.ª Secretária — Edite de Carvalho
1.ª Tesoureira — Geny de Oliveira Fróis
2.ª Tesoureira — Alda de Oliveira Assis.

A primeira reunião das Legionárias realizou-se a 14 de Abril de 1943.

1.ª SECRETARIA DA CASA DA MÃE POBRE

Os serviços da Instituição obedeceram sempre à mais irrestrita economia. Não havendo sede própria, o nosso muito conhecido Nilo Silva ofereceu a sala de jantar de sua casa para servir de Secretaria; e sua filha Inês trabalhou para a casa, graciosamente, por longo tempo, sendo após aproveitada na função de primeira funcionária da Casa. Era localizada essa Secretaria à Rua Senador Furtado, 131 e só foi transferida de local, quando se comprou sede própria à Rua Frei Pinto, 16, Estação do Rocha.

PORMENOR INTERESSANTE

Em determinada época, cremos que em 1939, o cidadão que aqui se denomina companheiro X foi levado por Nilo Silva à presença de Agostinho Pereira de Sousa. Falando-lhe da obra em perspectiva, perguntou este qual o motivo por que não iniciávamos a construção desde logo.

— Falta de dinheiro — explicou o visitante.

Entrando em pormenores, ficou resolvido apresentar-lhe a planta do terreno na semana seguinte e assim se fez. Às nossas primeiras palavras, o companheiro Agostinho revelou que, depois de meditar bem no assunto, resolvera não tomar parte no empreendimento, porque — asseverou — a responsabilidade era grande. Ofereceu, contudo, cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), dádiva avultada naquela época, para a Instituição, quando a Directoria iniciasse a construção do hospital, promessa cumprida religiosamente.

Na realidade, o que nós procurávamos não era esse auxílio, generoso aliás. Desejávamos, sim, a colaboração efectiva e permanente daquele dinâmico irmão, para alcançarmos mais ràpidamente o fim que tínhamos em vista.

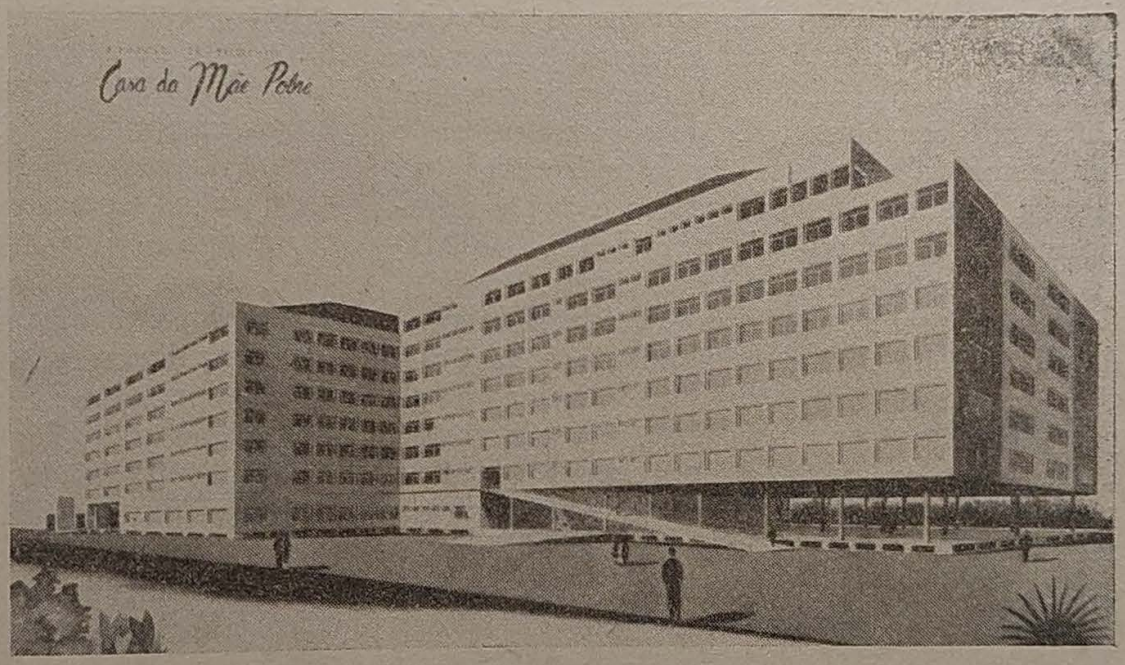
Passam-se alguns meses, quatro, cinco, seis, talvez, quando o companheiro Agostinho é «pescado», não sabemos como, para os «Obreiros do Bem», ombreando, portanto, com responsabilidade idêntica e, sem saber como nem porquê, é seguro, desta ou daquela maneira, para cumprir a missão que lhe estava destinada.

E foi naturalmente por esse motivo que Agostinho Pereira de Sousa não quis tomar parte activa na «Casa da Mãe Pobre» e buscou responsabilidade talvez maior na Associação Espirita «Obreiros do Bem», criadora e mantenedora do Hospital Espirita «Pedro de Alcântara».

PERSEVERANÇA

O Sr. Coriolano dos Reis Araújo Góis, 1.º Presidente da Maternidade «Casa da Mãe Pobre», legou-nos o exemplo da perseverança. Homem probo e de coração bondoso, difícil de igualar na terra, foi escolhido para dirigir os destinos da Instituição, devido às suas elevadas virtudes.

Dissemos noutro local que o *companheiro X* tinha comprado, por Cr$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros), um terreno, à Rua Frei Pinto, 45. Verificou-se, meses após, que o mesmo era pequeno para o fim a que se destinava, isto porque a Prefeitura exigia um recuo lateral de 5 metros lineares de cada lado, ficando, portanto, a área a construir reduzida a 7 metros. Na Campanha de sócios levada a efeito por alguns Directores e Legionárias, duas destas, D. Hermengarda Dámaso e D. Geny de Oliveira Fróis, descobriram que estava à venda o prédio com um bom terreno na mesma Rua, 16, cuja largura, na frente, alcançava 22 metros, bem mais largo que o que possuíamos, no n.º 45. Iniciaram-se desde logo negociações com a proprietária e comprou-se a propriedade. Como se tratava de uma Casa de Caridade, requereu-se ao Prefeito a isenção do Imposto de Transmissão.



Perspectiva da frente (lado esquerdo) da futura Maternidade «Casa da Mãe Pobre»

Não sabemos porquê, o Dr. Henrique Dodsworth, então Prefeito, declarou em seu despacho que para conceder essa isenção deveria a Instituição reformar os Estatutos e declarar num dos artigos que, em caso de insolvência da mesma, caberia ao Prefeito do Distrito Federal dividir o remanescente a seu belprazer, assim como opinar, toda a vez que se reformassem os Estatutos. Não aceitámos aquele presente de grego, é claro, e pagámos o imposto exigido.

O nosso querido «velhinho», como chamávamos ao 1.º presidente da Maternidade, o Dr. Coriolano dos Reis Araújo Góis, que já se abeirava dos 80 janeiros, não se conformou. Requereu novamente ao Prefeito, pedindo reconsideração de seu acto, e acompanhou o processo até o mesmo ir às mãos da autoridade suprema do Distrito. Como o Dr. Coriolano fosse muito considerado, pois era engenheiro aposentado da Prefeitura, foi recebido por mais de uma vez pelo Prefeito, o qual lhe prometeu conceder a isenção requerida. A promessa, no entanto, ficou na palavra, obrigando o velhinho a subir as escadas, por várias vezes, da actual Câmara dos Vereadores, naquele tempo repartição da Prefeitura, para reclamar a execução da promessa.

As dilações sucediam-se, obrigando o venerável ancião a voltar àquela repartição, quase todas as semanas, sem conseguir o seu objectivo.

«Deus não dorme», afirmou antigo filósofo. Nessa época foi nomeado Chefe da

EXERCÍCIO DA ACTIVIDADE ESPIRITA

Pelo Dr. PAULO HECKER (correspondente em Porto Alegre)

Chamamos a atenção dos leitores para este notabilíssimo trabalho onde há lições que é necessário aprender e desassombro que é necessário imitar. Servir uma causa não é incensar os Mestres, nem considerá-la a melhor do mundo e muito menos apresentá-la como panaceia. E quando o seu exercício impõe responsabilidades grandes oriundas do bom senso e da competência, o caminho é estudar e meditar para que o serviço nivele a beleza da Doutrina. Demais, o que se vai ler constitui a tese apresentada a um Congresso Espirita realizado sob a égide da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre.

I

A marcha do desenvolvimento do Espiritismo entre nós é multifária. Os profitentes, como não tenham superiores hierárquicos aos quais devam prestar contas da acção mantida, enrumam para onde querem, procurando trajectos curtos e cómodos, ou se submetem às circunstâncias ocasionais despreocupados com o interesse real da Doutrina. Enveredam por directrizes invias e, apesar disto, blasonam de espiritas e se avocam a prerrogativa de seguir pelos caminhos que mais lhes agradam, descumprindo ensinamentos básicos e menosprezando os moldes doutrinários essencialmente regeneradores e progressistas.

Usam rituais, realizam cerimónias similares às práticas religiosas das igrejas materializadas, a saber, baptizados, casamentos, encomendações e preces públicas.

As obras fundamentais desaconselham esses actos que satisfazem usos generalizados, mas não têm valor intrínseco. Allan Kardec, com o espírito de crítica despertado, testificou que os melhores serviços que se podem prestar à Causa, por serem os que mais directamente influem sobre o progresso espiritual humano, são os de combater o culto externo em todas as suas maneiras de ser e destruir o afrontoso contra-senso das penas eternas, concepção humana que ultraja às coisas sagradas e que, mantido por elites interesseiras, vem atravessando os tempos.

Teístas que discernem a divindade como o mais alto grau de todas as perfeições e crêem com fé raciocinada, não podem admitir que acções praticadas por terceiros e sem nenhuma relação com o mérito daquele em favor do qual são feitas, possam influir nem em mínima parte em Deus e decidir sobre a sorte presente ou futura das almas, mormente se realizadas por profissionais que habitualmente caem na rotina, desfazendo qualquer provável valor espiritual desses processos absolutamente ineficazes.

A responsabilidade pelos actos perpetrados positiva-se sempre e em tempo oportuno de sorte que todos são obrigados a arrostar temporâneamente com as consequências dos respectivos procedimentos. O nexo causal entre o facto e o seu resultado pode escapar à percepção do agente que nem por isto foge à lei de causa e efeito por meio da qual se efectiva o resgate das dívidas ao último ceitil e se amplia o património espiritual pela conquista de virtudes e conhecimentos.

Na seara espirita não cabe o proselitismo, predomina o convite insistente para o livre exame e o estudo capazes de converterem o homem profano em filho consciente de Deus.

Essas características são singularizantes e criam a injunção de se propugnar pela pureza da Doutrina, afastando inovações descabidas e indicando com clareza as metas a colimar. Daí a contingência natural de difundir as normas doutrinárias estáveis, as que contêm alta dose de verdade eterna, separando-as das criações humanas, destinadas a desaparecerem esmagadas pelo saber e pela compreensão.

ESPIRITISMO

A Doutrina dos Espíritos é evolucionista, tanto por estabelecer verdadeiro o progresso espiritual indefinido, como porque é da sua substância ter de acompanhar a evolução científica em suas descobertas e marcha ascensional.

A ciência anda sem parar deslocando-se para a frente, com o surto dos descobrimentos e ensinos novos que fazem desvendar outros horizontes, de sorte que se as religiões ou as filosofias estacionarem, ficarão para trás. Devem desenvolver-se paralelamente num íntimo consórcio. Eis porque os espiritistas esforçam-se sempre, aproveitando todos os motivos e ensejos para se melhorarem, de sorte que suas potencialidades inteligentes cresçam de modo incessante, a bem de virem a discernir cada vez mais as leis divinas.

Conhece-se da sinceridade dos adeptos, é princípio kardecista autêntico, pelas suas constantes transmutações para melhor. Estão obrigados a se manterem em perene progredimento, substituindo ininterruptamente os falsos valores pelos reais e o efémero pelo permanente.

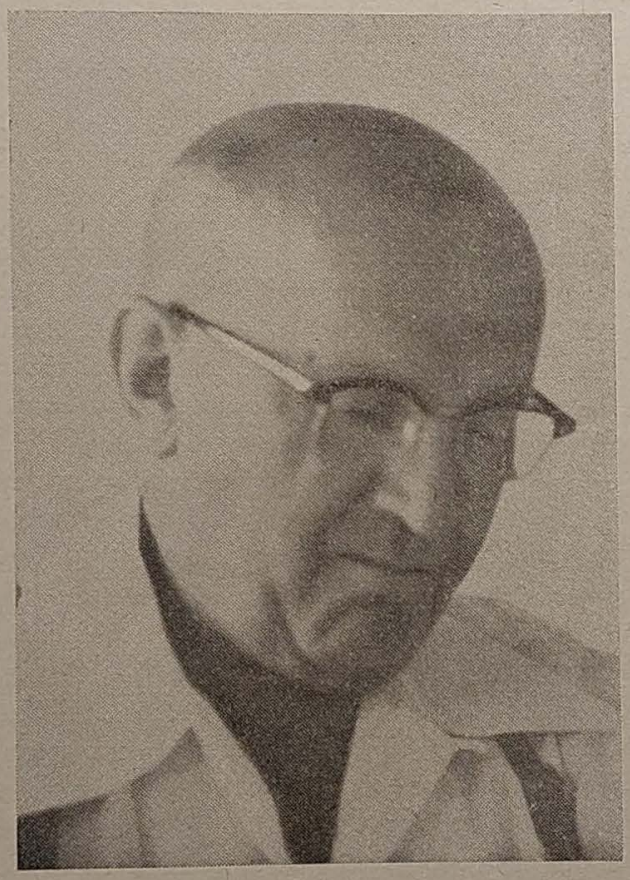
Não serão espiritistas na acepção lata do termo os que se conservarem onde se encontram, fugindo à destinação de evolucionarem, de vez que são obrigados a aprender até fazerem próprios os ensinamentos e regras da teoria de que são partidários.

Devem-se colocar em condições de receber e racionalizar luzes exteriores, nunca obstando que a verdade, venha de onde vier, deixe de penetrar seu íntimo ser. É necessário conservar abertas as portas para a iluminação interna.

A sinceridade, como lisura de carácter e franqueza, sem disfarce nem malícia, deve imperar, para que o espírito não faça aquilo que já sabe errado ou prejudicial; a lealdade, como fiel e franca forma de entrar e se manter em relação com os outros, jamais forçando argumentos a favor de pontos de vista pessoais, nem mesmo por entusiasmo faccioso, notadamente se os souber errados ou falsos.

O Espiritismo, infenso às exterioridades e ostentações, simples e humilde, tem por fim conduziar directamente as criaturas ao seu Criador pelo progresso incessante. O equilíbrio entre a vida emocional e o plano mental chama-se sabedoria, e, seja qual for o conceito que se faça de perfeição, há-de sempre conter os de sábio e de santo.

A imortalidade e a eternidade comuns a todas as seitas teístas, fazem ressaltar que o destino do espírito está no aperfeiçoamento indefinido por ser a perfeição um ideal inatingível, de vez que, conforme a revelação crística, «perfeito só o Pai que está nos Céus».



O Dr. Paulo Hecker no gabinete de trabalho

DESTINAÇÃO DO ESPIRITISMO

O seu papel não pode ser sòmente o da eterna preocupação de provar a imortalidade da alma através do fenómeno medianímico. Essa missão já foi executada completamente por notáveis investigadores que a efectivaram em trabalhos científicos primorosos, mundialmente conhecidos e admirados, desenvolvidos em ambientes próprios, sob fiscalização técnica rigorosa.

Não vale insistir sobre um mesmo assunto eternamente. É indispensável ceder à evidência dos conhecimentos adquiridos, quando positivos e inconcussos, para, com mais esse cabedal, tentar a conquista de outras fases, progredindo sempre. Não se concebe que o caminho a perlustrar pelos adeptos seja sempre e invariàvelmente o mesmo.

É certo não apenas que o espírito preexiste e sobrevive ao corpo mas que é dotado de vida imortal para progredir no tempo e espaço infindo, através de tantas existências planetárias, quantas forem precisas. A reencarnação é um facto cósmico, não há que negar. Sem o progresso espiritual realizado através das vidas múltiplas e sucessivas não se explicam as disparidades humanas, sem ferir os supremos atributos divinos.

O Espiritismo tem por fim renovar os usos e costumes, erguendo a humanidade para propeli-la ao seu objectivo de tender constantemente para o melhor.

CASAS ESPIRITAS

Os núcleos e entidades são também forçados a progredir colectivamente ao infinito, aumentando de maneira gradativa as suas esferas de acção, a bem de virem a exercer influência benéfica na vida social. Urge agir no sentido providencial, enviando tudo em coordenação conjunta, para, sem desperdícios, tornarem-se cada vez maiores e mais eficientes nas comunas em que vivem e actuam.

Se as sociedades espiríticas prosseguirem dedicando-se exclusivamente à curandeirice e às sessões de caridade ou desobsessão, estarão desviadas de sua finalidade e, por isto mesmo, a todo o momento sujeitas a serem tolhidas por leis humanas, que em absoluto não ferirão a liberdade de cultos e de crenças garantida constitucionalmente.

Tais entidades devem internamente converter-se em escolas, onde os sócios se reunam para estudar até entenderem os princípios gerais doutrinários, fazendo-os seus a ponto de os poder difundir alhures para que outros os aproveitem. O Espiritismo não é dos espiritistas, mas de todos, como o sol, o ar e a água.

As casas espiritas são faróis postados à beira da estrada da existência com o fim de aclarar os caminhos dos que passam, fornecendo-lhes os elementos iluminadores necessários para que também os transeuntes não espiritas se façam teístas conscientes.

Porque o espiritista se conhece a si mesmo, não

se entrega a tarefas para as quais não esteja preparado, mas faz com exacção o que lhe compete e é da sua seara, porque é um homem de bem; assim, as entidades espiríticas são sinónimas de casas de caridade por combaterem o obscurantismo, esparzindo luzes, concretizando os ensinos cristãos na vivência da inscrição lemática de seus pórticos: «*Aqui os espiritistas têm deveres e os outros direitos*».

Administrar, falar de público e escrever são actividades que implicam prévio e longo aprendizado. Entretanto, a enganosa suposição de que os Guias espirituais supram o que se não sabe, leva muitos a se exibirem em público, esquecidos de que se colocam mal, prestando desserviços à Causa.

Todos devem ser cônscios de suas possibilidades, pouco lhes importando a opinião dos outros. Estes podem ajuizar mal, enquanto eles sabem qual a parte que se lhes aplica e aquilo a que realmente fazem jus. Não adianta imputar a outrem actos não praticados, ou negar os que sejam reais. Os factos são-no e não vale argumentar contra eles. Os elogios por incensarem a vaidade não merecem guarida; porém, as opiniões contrárias reclamam atenção e exame detidos.

Os espiritistas devem manter-se alerta e vigilantes, perguntando-se no fim de cada dia, como viajeiros despertados da senda que conduz ao melhor:

— Aprendi algo hoje? Consertei alguma imperfeição da alma? Renunciei? Fiz bem a alguém?

E se as soluções forem negativas, precisam firmar o propósito deliberado de, no dia imediato, ao menos, aprenderem duas coisas, sanarem dois defeitos, renunciarem e levarem a bom termo dois actos altruísticos.

A seara é enorme. Há lugar para todos, cumpra cada um com a sua obrigação, sem se preocupar em saber se os demais fizeram outro tanto.

Os empreendimentos espiritas devem funcionar sob a égide excelsa do amor, prevalecendo o princípio geral de desejar para os outros o que se quer para si. Dessarte, os ambientes espiritas manter-se-ão harmónicos e em paz, por preencherem as condições de fundo necessárias ao seu bom e regular funcionamento. Não prevaleçam críticas não construtivas nem pretendam uns exercer os cargos ocupados pelos outros. Tratem de conseguir acabamento excelente nas respectivas incumbências, pois vale mais um serviço de pouca monta bem feito, do que outros maiores que tenham, por defeituosos, de ser novamente realizados.

Os postos de comando são encargos honoríficos de sacrifício. Os dirigentes de casas espiríticas não devem tirar vantagens materiais nenhumas, como decorrência de suas funções administrativas. É preciso que o procedimento espiritico se caracterize pelo desinteresse. Os que moram gratuitamente nas casas espiritas, ou que locam onerosamente partes de casa para fins espiríticos, não estão bem inspirados.

Certas funções nivelam-se a ministérios sagrados e só podem ser exercidas por quem estiver em condições de se lhes devotar sem ideia de recompensa imediata ou remota, material ou moral.

Com os Céus não se transacciona sem alienar escrúpulos de consciência. Estacionam, sem perspectiva de progredimento, os que presumem emprestar a Deus quando dão ao pobre, ou abrir créditos celestes, ao realizarem actos de beneficência ou filantrópicos.

A caridade representa exigência espiritual de quem a pratica. O homem realiza acto caridoso em obediência aos ditames do «eu» superior, cuja normalidade só se alcança ao efectivar a justiça de dar aos desafortunados aquilo que lhes falta. Os abastados são depositários dos bens divinos, encarregados de os administrar, de forma que quando os entregam em parte aos pobres, dão o que a estes pertence.

A caridade pode melindrar; a justiça, ao invés, felicita sempre, enaltecendo também quem a recebe.

FUNÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DO ESPIRITISMO

No duplo aspecto político e social é vastíssima a missão espiritica, porque, ante a Doutrina, o homem não é um corpo com alma; ao contrário, é uma alma que toma transitòriamente um corpo. Decorre como corolário lógico dessa verdade evidente a multiplicidade de vidas. Existe divergência filosófica fundamental relativamente às demais filosofias ou religiões, e uma superioridade material manifesta dos postulados espiríticos, de vez que obrigam a um trabalho sem tréguas, tanto na purificação individual, como no dever de exercer acção salutar no próprio ambiente.

O terrícola é um espírito que encarna neste planeta, vindo da Pátria comum, porque necessita das limitações da matéria para efectuar o progresso espiritual, lapidando uma a uma as suas diversas facetas até torná-las todas luminosas e brilhantes. A sua função, quando espiritista, no meio social, é desenvolver o culto do bem, proporcionando a evolução de todos, compreendendo-se integrante de um meio cujo valor é perfeitamente igual à soma do mérito de todos os seus membros componentes. Por isto envida tudo para se melhorar, elevando o quilate do respectivo valimento, para aumentar o valor do conjunto.

Cada um de certa forma é responsável pelo que se passa onde se encontra.

Os espiritistas não esperam favores nem graças gratuitos, sabem que na justiça dos decretos de Deus e na harmonia do entrosamento das leis naturais não cabem privilégios, castigos e prémios.

Usa do livre arbítrio e escolhe a estrada a percorrer, certo de que a liberdade de escolha cresce na proporção em que o espírito se adianta. Quanto maior for a compreensão, tanto mais livre será o procedimento de cada um. Estes princípios individuais reflectem-se no todo que fica, como os indivíduos, submetido às mesmas leis...

PELA IMPRENSA PROFANA

O jornal «O Educador», semanário de formação pedagógica e social que se publica em Lisboa, e que noutro tempo se designava «jornal dos professores primários», publicou em 10 de Novembro último, na sua secção Tribuna de Honra, a seguinte transcrição:

SOBRE O ESPIRITISMO

«Nunca, na história da humanidade, Satanás trabalhou tão afincadamente para arrastar para o erro e para o caminho da perdição os filhos dos homens. «Sabendo que tem pouco tempo», procura arrastar os sábios para o caminho da heresia; quanto aos simples, engana-os com as suas fraudes nas sessões espiritas. Tem, pois, toda a oportunidade o aviso de S. Paulo: «Porque nós não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra principados e potestades, contra governadores das trevas do mundo, contra os espiritos de malícia espalhados por esses ares».

... ...

«Dia a dia, a literatura espirita aumenta assombrosamente. Estão constantemente a aparecer no mercado livros que ensinam a evocar os espíritos; grossos volumes registam as respostas obtidas em diversas sessões, ao mesmo tempo que as agências nos informam periòdicamente do movimento espirita. Os próprios jornais diários não encontram outro meio para entreter os seus leitores senão com o relato das sessões espiritas e das respostas obtidas por intervenção de médiuns.

Desnecessário será mencionar como são surpreendentes algumas das respostas obtidas por intermédio do espiritismo. Não é raro que essas respostas venham lançar por terra tudo quanto até agora tinha sido acreditado universalmente.

Em vez da tradicional doutrina sobre a imutável felicidade das almas dos mortos, o espiritismo apresenta-nos um quadro alegre e cheio de fantasia, que parece ser o produto da imaginação dos pagãos...

... ...

(Cardeal Alexis Henri M. Lépecier, O. S. M. — «O Mundo Invisível»)

O nosso colaborador e confrade professor José Francisco Cabrita, que é leitor assiduo e colaborador eventual de «O Educador» desde o seu primeiro número, pediu ao director do referido semanário que, naquela mesma secção, publicasse o que segue e com o mesmo título:

SOBRE O ESPIRITISMO

Ao meditar nas suas observações sobre o mundo invisível, Sua Eminência o Cardeal Alexis Lépecier encara, no livro que escreveu com semelhante título, aquele mundo só por um dos seus aspectos: o da existência dos espíritos satânicos, «espíritos de malícia» na designação de S. Paulo, conforme Sua Eminência menciona. Ora, naquele Mundo Invisível há as legiões dos espíritos dos muitos Neros, dos muitos Estripadores, dos muitos Lampeões, enfim, dos muitos maldosos que passaram pela Terra, mas há também as legiões dos espíritos angélicos dos muitos discípulos de S. Francisco de Assis, de S. Vicente de Paulo e de muitos da formação cristã dum Dr. Sousa Martins ou dum Padre Cruz.

Por uma lei natural de equilíbrio a Misericórdia de Deus — o Pai Criador, pôs, em defesa da evolução espiritual da Humanidade, a acção vigilante destes Espíritos da Luz contra a perniciosa acção daqueles espíritos das trevas. É isto mais uma demonstração da Bondade Divina.

O Espiritismo, nas suas doutrinas e nos seus estudos reconhece a existência daquelas duas forças invisíveis e, fundamentado no Evangelho, trabalha e actua para que os humanos terrenos não se deixem arrastar pelas influências malignas e se apoiem, pela prece e pela fé, nas forças salvadoras da Luz, ao mesmo tempo que procura iluminar os transviados daquele mundo invisível pela doutrinação em suas sessões. E porque conheci muitos descrentes e egoistas que se encaminharam para Jesus pelo poder de convicção das comunicações com os espíritos bons, muitos até de familiares que conseguiram, por conselhos e provas, transformar corações de pedra em corações de santos (relativamente, bem entendido) e porque tenho verificado o poder da prece e da doutrinação evangélica na mudança radical de espíritos rebeldes em espíritos humildes, eis porque eu sou militante espírita há 42 anos. E, por verificações semelhantes em todo o mundo, eis porque «a literatura espirita aumenta assombrosamente», como Sua Eminência acentua naquele livro mencionado.

Pelo exposto, o Espiritismo, sob o ponto de vista místico, (porque também tem o seu lado científico), tem direito ao respeito que lhe confere a liberdade de consciência dos que o seguem, reconhecida em todas as Constituições dos Estados civilizados.

E os espíritas de todo o mundo confiam no reconhecimento daquele direito.

★

Nota final: Já se esperava que havia de ser negativa a consideração prestada àquele pedido supra citado por parte da Direcção de «O Educador», pois até hoje nada publicou. São normas jornalísticas unilaterais usadas por quase todos os jornais profanos, quando se trata da revelação espirita.

Esclarecemos que Estripador foi um grande criminoso inglês e Lampeão um criminoso e salteador brasileiro. Nero, todos sabem quem foi.

PARA MEDITAR

Um dia despertarás do pesado sonho em que vives. Um dia sairás do absurdo engano dos sentidos para te inclinares à brandura, ao egoísmo, à comodidade; ao deleite e à satisfação dos teus desejos materiais.

Um dia notarás, embora tarde, que tudo aquilo que te contentou, que te satisfez, que te cegou transitòriamente, se extinguirá com o teu corpo, permanecendo inconsciente e vão como força perdida que deve voltar ao depósito comum, enquanto se consome o teu invólucro efêmero, ao qual rendeste culto, sem pensar jamais na tua meta final.

Alma enganada, rectifica os teus passos, aproveita os teus dias!

Ana de Gómez Mayorga

Seria interessante pesquisar porque não é uniforme o progresso mental do indivíduo, ou porque o moral não corresponde ao intelectual e vice-versa. Acontece que um tal progride moralmente, mas conserva-se intelectualmente atrasado. Em outro se dá o contrário. Ainda no avanço espiritual encontramos sensíveis diferenças de nvel, sobretudo quando se trata de crenças. Este, de notável inteligência, deixa-se acorrentar às mais grosseiras superstições. Aquele, de cultura elevada, é dominado por absurdos princípios religiosos. Aqueloutro, cientificamente aditando, emperra nas mais claras noções filosóficas.

Um árabe, que estudou no Ocidente, profundo conhecedor de Física, grande matemático, não se pôde libertar das imposições religiosas, e vêmo-lo de Alcorão em punho, recitando-o de cór, cumprindo as mais estravagantes prescrições, a fazer grandes sacrifícios na sua peregrinação a Meca, sem o que se acharia comprometido aos olhos de Alá.

Não é menos estranha a atitude do Ocidental, a quem a cultura já devia ter-lhe aberto as portas da razão. Quantos se acham ainda presos ao Velho Testamento, quando suas noções sobre Deus, a imortalidade, a alma, o destino, a clemência, a moral, são inteiramente diversos do que se encontra naquele livro! Seriam incapazes de cometer uma mínima parte das iniquidades que lá se narram, praticadas por patriarcas e profetas, sob os olhos complacentes de Jeová, senão sob suas ordens directas. Mas que não lhes toquem naqueles versículos...

Antes de procurar uma explicação para o caso, demos uma olhadela às teorias transformistas.

A embriologia é a ciência que trata da formação e desenvolvimento do embrião, que estuda o feto. Diz-nos ela que a criança, no ventre materno, apresenta em suas diferentes fases os aspectos dos animais inferiores. Concluem os transformistas que o útero humano é uma espécie de quadro vivo em que se nos mostra aquilo que fomos e por que passámos, antes de chegar à nossa espécie.

Dizia William Harwey:—«Vêem-se aparecer sucessivamente no útero da mulher as formas por que passaram os nossos antepassados».

Isto foi em 1622, antes de Darwin.

E estabeleceu: — «Na formação de cada animal a natureza passa pelas constituições de todos os animais». (*De Circulatione Sanguinis* — C. XVII.) Acompanham-no Karl Kielmayer, St. Hilaire, Friedrich Meckel...

António Serres, em 1842, declara: «A série embrionária é a repetição da série animal».

Darwin, em 1862, estabelece que «as formas atravessadas pelo embrião, no seu desenvolvimento, são as dos seus antepassados».

E Fritz Müller: «A história ancestral da espécie é conservada na história do seu desenvolvimento. Depois de apresentar-se como réptil, ou seja um verdadeiro crocodilo aos 31 dias de sua fecundação, o ser aos 35 é um mamífero, e aos 48 um antropóide».

O embrião dos mamíferos possui a estrutura dos vertebrados inferiores e passa sucessivamente pela do peixe, do réptil, do batráquio, da ave. É a revelação das formas por que passa o indivíduo até chegar ao homem.

Para Haeckel havia no ser embrionário 17 espécies. Binet Sanglé é mais minucioso e descobriu em nossa linhagem 29 espécies, que resumimos: o micrococo, a monera, a ameba, o infusório, o polipo, a medusa, o anelídeo, o peixe, o batráquio, o réptil, o marsupial, o lémur, o antropóide, o pitecantropo.

O transformismo apresenta ainda as provas fornecidas pela Anatomia. Vê-se que possuímos órgãos atrofiados ou vestigiários, que estavam em pleno desenvolvimento em nossos antepassados e de que já não necessitamos.

Há inegàvelmente no corpo vestígios do antropóide: o sérum, que não destrói os glóbulos vermelhos dos antropóides, mas destrói o dos outros animais; a torsão dos fémures, que lembra os antigos pés e mãos; os pêlos.

Há que notar os casos teratológicos.

Em 1683 uma jovem teve um filho com uma cabeça de gato; foi por isso queimada na praça de Copenhaga.

Essas monstruosidades, segundo Binet Sanglé, são uma retroacção à espécie animal ou a detenção do nosso embrião numa das fases zoológicas que atravessou no curso do seu desenvolvimento.

António Serres escrevia em 1842: «Se os organismos em via de desenvolvimento param em sua marcha, deverão necessàriamente reproduzir os de algum animal das classes inferiores». (*Précis d'Anatomie*, p. 27).

Atribui-se a parada a uma intoxicação.

A evolução pára no todo ou em parte, numa fase anterior à aparição do homem. A parte reproduz uma forma animal tanto mais antiga, quanto a intoxicação é mais profunda e vice-versa.

Diz Binet que monstruosidade, anomalia, retrogradação, volta atrás, degenerescência, e nos casos mais simples, atavismo, designam o mesmo fenómeno.

Ibsen chamava-lhes «*les revenants*» (os que voltam). Era o ser antigo que revivia com seu carácter, suas paixões, suas manias e seus vícios.

Aparecem, às vezes, diz Morel, seres estranhos que nada têm de comum com seus irmãos, seus compatriotas. Daí, o renascimento de aventureiros e bandidos como os da Idade Média. Está um tanto perto da teoria espirita.

Há longa lista de exemplos. Jean Strays fala-nos da cauda de um indígena da ilha Formosa, condenado à morte. Jesuitas encontraram em Mindoro uma raça, a dos manghians, com grandes rabos. Reeping diz que no arquipélago de Nicobar havia insulares com cauda. Maillet viu um preto com uma cauda de meio pé. E todos da região tinham caudas iguais, dizia o preto. O missionário José Ribeiro assegura a existência de peles vermelhas rabudos. Centenas de povos conservam ainda esse apêndice. Tiraram-se fotografias.

Binet apresenta o retrato de um

TRANSFORMISMO - ATA

Pelo Dr. CARLOS
(Correspondente

menino que era um perfeito mono. A criança parara na fase do antropóide.

★

O estudo do transformismo levar-nos-ia a melhor compreender a evolução anímica. Seriam duas evoluções paralelas, dependendo uma da outra. A matéria transforma-se e evolui devido à transformação e evolução do espírito. É este que dá impulso e vida àquela. E assim como a Ciência vai apanhar o início da vida material no micrococo, na ameba, no infusório, é aí que também poderemos buscar o espírito, o qual, através dos tempos, vêm achando o caminho do seu progresso até chegar ao homem e aos tipos superiores, moralmente aperfeiçoados. É uma longa escala a percorrer através dos tempos, das espécies, das vidas...

A teoria materialista de Darwin não afirma a teoria espiritualista

Assim é que vemos o indivíduo adiantado, manter as ideias passadistas, retrógradas, que lhe parecem incrustadas no cérebro, como ostras, recusando-se a acompanhar a marcha do progresso, apesar do bater constante das ondas civilizadoras.

Temos este que é catedrático; passou pela cadeira de História Natural, celebrizou-se em Antropologia, soube do homem primitivo na caverna, bruto, selvagem, animalesco, feroz. Entretanto, defende a génese adâmica, porque o lance consta da Bíblia, o «livro sagrado». O ser não veio da mata, como ele aprendeu e ensinou, mas do Paraíso; não é o troglodita; para ele tudo provém do casal que foi expulso, justamente por se achar enfronhado na ciência do bem e do mal.

Outro é um juiz íntegro, que acredita no Cristo salvador. Para ele, porém, a salvação pelo Cristo não está nos seus ensinos, nem nos

Pois o nosso juiz, exemplo de um grande equilíbrio mental, tomava por herege, desnorteado ou insano, quem não visse naquela mecânica bíblica o suprassumo da justiça, a expressão da verdade.

★

A interrupção na vida espiritual dá-nos o mesmo aspecto de regressão que se nota na vida uterina.

Esse estacionamento no nosso critério, com a aceitação de princípios obsoletos e desarrazoados, é perfeitamente compreensível, em Espiritismo: é que o indivíduo, trabalhado por séculos numa ideia, deixou que ela se empedernisse em meio a outras que continuaram sua marcha evolutiva.

O interessante é que o caso se verifique, mesmo entre nós. Sabemos o que é um espírito adiantado e as normas que deve seguir. Ninguém desconhece as leis morais por que nos devemos guiar.

O Evangelho tem algumas lacunas na transmissão do pensamento divino; há ali, por vezes, a colaboração humana; nada existe, porém, de chocante, de escandaloso, de imoral. E bastaria para o imortalizar o preceito do «amai-vos uns aos outros».

Poderíamos inverter o sentido quanto ao V. T. — Bastariam umas tantas descrições para manchar-lhes as páginas.

Vemos, entretanto, conspícuos espiritualistas, cheios de virtudes, proclamarem continuamente a excelência delas. E se lhes mostramos os textos, prenhes de casos, façanhas ou ensinos escabrosos, ei-los a arquitectar desculpas infantis, como os indivíduos hipnotizados, quando, em vigília, pretendem explicar porque cometeram os actos ordenados pelo hipnotizador.

Têmo-los, então, a apelar para os velhos tempos, os velhos hábitos, o atraso dos escritores, o atraso dos homens, a incultura, a fraca mentalidade da época, os baixos sentimentos...

E assim, vemos promanar de fontes duvidosas, a reflectir os actos de um povo selvagem, a transmitir-nos exemplos de uma geração má, de uma época inculta, de uma raça amoral, «uma obra-prima, um monumento imperecível, um livro venerável, de inspiração divina, um repositório de moral»!

Com os nossos actuais conhecimentos estamos aptos a compreender a formação desses quistos espirituais.

VISMO - ESPIRITISMO

S IMBASSAHY

(em Niterói)

dada a Kardec, antes vem reforçá-la, mostrando a solidariedade entre os dois planos, o material e o espiritual, que se auxiliam e completam. A Ciência teima em afastar dos seus quadros a intervenção espiritual; mas dia virá em que deixará de circunscrever à matéria a actividade do Universo e verá que essa actividade parte de um princípio gerador: no começo, o princípio anímico, que aparece nos primórdios da vida e que se vem desenvolvendo até o estado actual da vida humana. Na cúpula, superintendendo a tudo, o Espírito Divino.

★

Ora, as paradas, *les arrêts* que se notam na evolução fetal, reproduzindo as características da vida animal anterior, notam-se no progresso do espírito.

E daí essas anomalias que verificamos nas acções, no carácter, no pensamento humano. O espírito evolvido em diversos ramos do saber imortaliza-se em determinado sector.

seus exemplos, senão em seu cruento sacrifício, com o qual nos remiu da primeira falta do primeiro homem.

De sorte que aquele magistrado recto, digno, probo, que vivia fazendo justiça, que era um verdadeiro sacerdote de Temis; que, na sua longa carreira, nunca deu qualquer sentença que não fosse absolutamente justa; que possuia uma noção perfeita da rectidão, acreditava nessa injustiça imensa, nessa iniquidade berrante, a de que estivéssemos pagando as faltas de outrem, e que, para remir-nos, fosse necessário sacrificar um inocente, o Cristo, o qual, como nós, nada tinha que ver com a desobediência de Adão e Eva. E então derramou Ele o seu sangue, e diante desse facto material ficamos isentos da mácula avita, sem culpa diante de Deus, embora em nada contribuíssemos, nem para a falta, nem para a remissão. E mal-grado todo esse sangue derramado, todo esse sacrifício, toda essa aparelhagem, toda essa encenação, continuamos a pecar e a sofrer!

A MEU IRMÃO

«Audi alteram parti...»

por Adolfo Oliveira Fernandes

Quem se detém pára, mas o termo genérico de parar não representa retrogradar.

Se te amo como irmão, porque censuras ao ouvir verberar incoerentemente, com pitadas acintosas dum diálogo mordaz, impassível à ferroada silenciosa da acusação sibilina que omites?... (Esta, atingiu o escopo).

No rescaldo da dor propínqua à sensibilidade espiritual, vejo em trilogia ascendente, o dedo acusador do verdugo, o cenário do tagarela mundano e a ignota obra realizada.

(Eu respeito o vosso ouropel perifrástico).

O acusador, que na rua passa polidamente estendendo a mão enluvada, de sorriso paternal, teria feito uma tradução verídica da realidade?...

Teria processado bom julgamento mental?...

O pensamento é uma força criadora que imprime com mais clareza do que os caracteres que Gutembergue nos presenteou.

Há cérebros bem intencionados que por sistema complexo cruzam ideias, lançam palavras obtusas e determinam actos sem consistência racional de maior, por erróneos na actuação pretensiosa.

O presente é pródigo em expiantes, juizes e acusadores que proliferam nesta escola de fecundos ensinamentos.

As aguarelas bíblicas reproduzem-se por miríades, quotidianamente, em ignotos tons, quer no cenário das grandes cidades ou na aldeia perdida entre a imensidade dos penhascos da serrania.

A multidão dos obreiros espirituais, ocultos pelo anonimato, apesar da missão ser árdua em todos os sectores, limpa satisfeita e honradamente o suor do rosto, perante o materialismo, alheio à dor imensa dos sofredores. Assinala por obras sua presença «Deo juvante», deixando para trás a pretensa sombra acolhedora da ilusória árvore paradisíaca (família «Escariotes» ou «Pôncio»).

A Seara, é imensa.

Felizes dos tarefeiros que no seu vaivém não necessitam de voltar.

Há dívidas, meu irmão, que levam milénios a saldar.

Ouve tua voz interna; procura nos actos diários a quem tivesses ofendido, mesmo involuntàriamente; ajuda os humildes servos e coopera com os olhos da alma postos no Redentor; vive mais para os outros do que para ti; revê, antes do repouso quotidiano, o teu «deve-haver» cármico nos arquivos astrais; satura a criação do nosso Pai-Mãe, das maiores benesses. Para tanto, terás que te deter e deixar o palacete brasonado; abandonar a mesa chocarreira do café; dar ajuda ao silvícola; remar com os que procuram chegar a porto de salvação; catequizar as filhas do prazer; imiscuir-te na lama sem nela te conspurcares (não esqueças que «na lama há ouro»); tentares-te nas correntes nauseabundas que infestam o planeta, atento ao depauperamento pela investida contrária e distribui aqui e além o alimento espiritual que é a VERDADE, a PAZ, o AMOR e a HARMONIA.

Se teus titânicos esforços foram baldados como escopo da obra, revigora tua alma numa prece ardente ao Criador e com a ajuda de nossos Mentores enceta nova tentativa (chi dura vince). Ainda que só ínfima parcela tenhas conduzido ao redil, eleva hosanas ao Supremo.

Jesus, disse: «Eu sou a VERDADE».

Dirige-te aos surdos de àquem e além-túmulo. Não te canses de espalhar a verdade crística, como tão sàbiamente nosso Mestre nos ensina, porque dos que olham tua persistência, de soslaio, alguns a compreenderão.

A verdade, junto do agonizante ou da mãe que vê partir o filho, é um bálsamo divino impossível de descrever.

Leva, como bom cristão espirita, a PAZ ao pai moribundo que supõe tudo terminar no túmulo, deixando os pedaços de sua alma, como aves implumes, sem pão.

Auxilia o coração aflito da velhinha tisnada e corroída de lágrimas, em cárus, ao ver seu ente filial debater-se num mar de sofrimento.

Reparte teu pão com o orfão, mas vê se o sabes dividir e dar com AMOR.

Contempla, perlustrando, desde a grandeza incomensurável do Universo ao minúsculo átomo, para que em ti germine o amor pelo Supremo Arquitecto e Sua criação transcendentalmente operada.

O amor é um fulcro enebriante que tudo vence e nos une à Essência Divina.

Exemplifica o amor de JESUS, Pastor dos Pastores, Mestre dos Mestres, Virtude das Virtudes, Rei dos Reis, Guia dos Guias, Mártir dos Mártires, que foi crucificado como bandoleiro, escarnecido, humilhado e maltratado com requin-

tes de bestialidade, em troca do amor sem limites. Passados dezanove séculos, o mesmo amor mantém-se, inalterável, mesmo em face das miríades de pretensos cegos que tentam desconhecê-lo.

Não desperdices o tempo que corre veloz.

Sai de espectador, despindo o polimento da carcaça transitória e emprega ao serviço do Alto, sem distinção de credos sectaristas, teus conhecimentos no palco da vida.

Pratica a maior soma de bem que puderes, indiferente às vaias e eleva tua mente ao sublime prazer da HARMONIA. *Nutre-a dessa benesse de eleição e esparge-a pela humanidade depauperada que, sob a influência ou ao serviço dos infernais, corteja os frades da mandrágora, por entre rios de sangue, em flagelo dissonante e constante, servindo os satânicos.*

Ingressa, de corpo e alma, em nossas fileiras de devoção e empunha confiante as alfaias do mais nobre, elevado e puro amor na Seara do Mestre.

O militante cristico deverá, em modesto uniforme de serviço, ostentar a divisa divina do BEM; guiar-se pela Estrela de sua bandeira —JESUS; e, caminhar, alheio a críticas, credos ou raças, para a Essência Divina —o Sol Espiritual—, DEUS.

Quando tua visão estiver lúcida, julga, porque me detive a saldar uma velha dívida.

Foi sublime (não era de «César» a moeda). A riqueza simbolizada, traduz-se em «dinheiros» de VERDADE, PAZ, AMOR e HARMONIA, *infalíveis e únicos capazes de nos saturar duma abastança inaudita e abençoada que nos guinda à mansão dos bem-aventurados por curtos atalhos.*

As lágrimas purificam, fazendo perdurar os ensinamentos.

O modo de agir passou no tempo, mas a essência perdurará para além das fronteiras e sistemas dúbios, conservados pretensiosamente nas mesuras de salão.

LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

por José Francisco Cabrita

Liberdade de consciência, vista mais pròpriamente sob o aspecto de liberdade de crenças no caso que abordamos hoje, é daquela natureza de liberdade que mais respeitada deve ser e perante a qual todos se devem curvar.

É uma variante da liberdade de pensamento, mas é de per si uma liberdade especialmente distinta pela predominância íntima que a caracteriza. Ultrajar as crenças de cada um é o maior atropelo feito à dignidade humana.

Cada um tem a crença que melhor vibra com os anseios da sua alma ou que melhor compreende.

Insultar este porque é protestante, menosprezar aquele porque é judeu, ou ridicularizar aqueloutro porque é espirita, é a manifestação mais falha da boa civilidade e da natural tolerância e a exibição da mais abjecta falta de bom-senso.

Todavia há quem não queira reconhecer o Espiritismo como uma crença. Mas, se o Espiritismo se fundamenta na existência e na sobrevivência das almas ou espíritos, e se esta existência e esta sobrevivência nos levam a acreditar no mundo espiritual e em todas as hierarquias de espíritos, desde os menos evoluídos e atrasados até aos mais divinamente angélicos, consubstanciados estes numa vibração comum de luz e santidade que designamos Espírito Santo; levando-nos, pois, o Espiritismo a acreditar em toda esta gama de valores espirituais, incute, conseguintemente, nos que o aceitam, uma crença definida e, sobre todas, objectiva e racional.

Com que direito apodam então os espiritas de lunáticos, de doidos, de endemoninhados, se a mesma desconsideração e afronta fizeram a Joana d'Arc e hoje a veneram como a maior das Santas de França?

É deplorável que crentes de outras correntes espiritualistas tenham tão má vontade contra os espiritas, que os acusem tão maldosamente de não serem cristãos, que os injuriem de menos respeitadores das crenças dos outros; porque é tudo falso: os espiritas procuram seguir e cumprir os ensinamentos do Cristo e por isso são cristãos, e os espiritas respeitam e não menosprezam as crenças dos que seguem outros rumos espirituais, pois sabem que nem todos têm as mesmas possibilidades de compreensão e que a luz não pode ser recebida com a mesma intensidade por todos os olhos.

É falso que não possamos receber comunicações de Espíritos de luz e de espíritos de nossos familiares.

São aos milhares as provas obtidas nas reuniões espiritas confirmando tais possibilidades, porque as mediunidades de vidência e de audição verificam-se naquelas reuniões tal como se verificaram em Lurdes e em Fátima.

Lá porque Jesus condenou tal atitude, não é de bons cristãos fazer julgamentos sobre o porte de quem quer que seja, e menos ainda julgamentos errados e, para mais, invadindo os arcanos sagrados das consciências alheias no que respeita às crenças que acarinham.

Ninguém tem que julgar os outros sobre pontos de fé. Ora, a fé do espirita é raciocinada e firme, e baseia-se neste conceito de pura espiritualidade cristã: «Fora da Caridade não há salvação». E esta Caridade é a recomendada nos ensinamentos de Jesus, quando disse: «Eu dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, para que vós também mùtuamente vos ameis». (João c. 13 v. 34).

«Amai, pois, a vossos inimigos, fazei o bem, e emprestai sem daí esperardes nada. Tereis nisso muito avultada recompensa e sereis filhos do Altíssimo que faz bem aos mesmos que lhe são ingratos e maus. Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai Celeste é misericordioso». (Lucas c. 6 v. 35 e 36).

Quem deturpar ou não procurar cumprir estes ensinamentos, ou não é cristão ou é falso espirita.

Meditem nisto todos os que combatem e injuriam os espiritas sinceros, porque, os que o são, cumprem com os ensinamentos de Jesus, o Mestre dos Mestres.

(Continuação do n.º anterior)

O CAMINHO

Pelo General LEVI

É tido como certo que a ansiedade, o nervosismo, e, em particular, o desespero preparam o caminho para depois surgir, inesperado, o temível câncer após haver deitado traiçoeiramente as raizes pelo corpo todo.

As feridas asquerosas e as úlceras repugnantes que algumas vezes são exibidas na rua, nada mais são do que abençoados orifícios por onde se canalizam, para fora do corpo, as imperfeições e as mazelas do espírito. É a pobre alma, aspirando urgente purificação, que expulsa de si as suas máculas e imundícies. Quando estes doentes entopem as úlceras com pó secante ou pomadas secativas, parece que ouvimos a alma desesperada do enfermo a reclamar: «Não fechem a minha válcula de purificação!»

E o ser humano, apesar de conduzir em seu íntimo a centelha divina, descamba, pela incompreensão, no poço da amargura. Qual melancólico e indiferente fantasma, trôpego e desiludido se transforma num habitual frequentador de consultórios e ambulatórios à procura de milagrosas injecções, de inexistentes comprimidos e preparados farmacêuticos e mil outros recursos medicinais na suposição de curar os sofrimentos do corpo e da alma. Como, porém, pode o médico dar a saúde ao enfermo se a alma não se deseja harmonizar com as leis do Pai, continuando teimosa, perversa e insubmissa? O Alto nos envia o médico chamado DOR para que ele nos cure e oriente.

Qualquer delito que se cometer contra as leis de Deus causa profundos e negros sulcos na alma que passa a sofrer e a gemer, corrompendo, igualmente, o corpo. Nesse inferno punitivo permanecerá o pecador até resgatar a falta, para, de tanto sofrer, reconciliar-se, enfim, com a vontade divina. Como vemos, é a dor que desempenha o papel de recambiar, de recuperar o transviado.

Prosseguindo em nosso estudo de quanto pode o espírito sobre o físico mencionamos o seguinte:

Um arrufo no lar ou uma indignação pode fazer subir, quase que instantâneamente, a pressão arterial, de 13 para 23, acompanhado de tonturas, mal-estar, podendo até sobrevir a morte. Quantos já não morreram à frente do rádio ouvindo uma partida de futebol ou uma disputa no hipódromo? É o frágil corpo físico que sofre e não está em condições de resistir ao choque e contrachoque do espírito indisciplinado ou em desacordo com as leis de Deus. Aquele, pois, que se irrita quando seu grupo ou seu favorito perder, é muito provável que ganhe doença até o fim da vida.

Nada faz envelhecer mais depressa do que a ansiedade. A mãezinha que todas as noites espera temerosa, até alta madrugada, seu filho querido, ou seu marido retardatário, perde o viço de sua fisionomia, envelhece de preocupações.

Que produz o pavor? Vejamos: Os cabelos de uma mulher belga, condenada à morte durante a última guerra, embranqueceram, repentinamente, durante a noite antes de execução. Outro caso: Ao ser bombardeada uma cidade na Inglaterra, manifestou-se, pelo terror, uma erupção da pele, transformando-se em violenta urticária, apresentando placas enormes e salientes, com muita comichão, em um dos braços de certa mulher; cada granada que explodia aumentava o número das manchas; isto era visto no momento em que a bomba rebentava.

Um susto pode também produzir a queda da pressão arterial; sentimo-nos debilitados de um instante para outro, tremem e fraquejam-nos as pernas e passamos a sentir um penoso mal-estar no plexo-solar; quando isso acontece os glóbulos brancos contidos no sangue diminuem instantâneamente. O susto, o medo e o terror produzem então aquilo que o francês diz: «se faire de mauvais sang», isto é: «faz-se sangue ruim»; é fabricado sangue prejudicial, diríamos — falsificado ou adulterado.

O pensamento fixo a algum problema pode produzir lesões em certos órgãos, mòrmente no cérebro, acompanhadas de recalques, complexos e manias, e até a própria loucura. Atraímos pelo pensamento aquilo que nos preocupa; assim, pelo «chamamento» adquirimos doenças, desgraças e sofrimentos. Feliz é aquele que se enfaixa em pensamentos puros, pois constrói ao redor de si uma impenetrável couraça; os dardos envenenados de um mau pensamento não o podem atingir e terão que retornar rápido para aquele que os enviou. Cedo ou tarde, cada um herda aquilo que desejar ou enviar a outrem; o povo explica tal fenómeno dizendo: — «o feitiço virou contra o feiticeiro...» e nós diríamos: — «cada um colhe aquilo que semeia».

O medo de um fracasso, a ansiedade para enfrentar as dificuldades da vida, levam as criaturas a complicados pesadelos durante o sono: quando acordam, sentem-se esgotadas, com falta de ar; parece que estiveram batalhando toda a noite quando deveriam repousar; isto bem retrata o louco drama de inquietações desta época apocalíptica em que muitos, quase todos, querem a posse de tudo, nem que seja pela violência ou pela astúcia; a palavra honestidade não têm sentido.

No presente desajuste humano vemos a maioria das pessoas de

DA EVOLUÇÃO

CORNÉLIO WISCHRAL

semblante abatido e confuso; a irritação e o desânimo são seus companheiros mais chegados. Temos a impressão que nos grandes centros todos correm, em louca disparada, atrás de alguma coisa que nem sabem o que é. Os jovens e as crianças muito sofrem nessa tremenda babel recebendo seus graves impactos; e quantas mães amamentam suas criancinhas em estado de sofreguidão, envenenando o leite que seu filhinho ávido suga do peito. Como poderá o médico curar este pequenino, permanecendo sua mãe à margem das leis do bom-viver?

Outro problema grave que abala as nações é o da alimentação que transforma os seres afortunados, pela desnutrição, em miseros trapos humanos. Em seus corpos físicos pela desordem das transformações químicas, processa-se à passagem dos micróbios intestinais para o aparelho circulatório, isto é, os micróbios invadem o sangue para dele se alimentarem.

E os cientistas no afã de afastarem o sofrimento da face da terra estabelecem doutrinas, escolas e sistemas para a cura psicossomática, isto é, para a cura simultânea do espírito e do corpo. Assim procedendo, orientam a medicina moderna aos mesmos processos já utilizados pelos iniciados egípcios, em seus templos de curas, há 3.000 anos atrás.

Um desses sistemas agora em voga é a «psicanálise» criada para tratamento das doenças nervosas. Através desse sistema procura-se descobrir no doente o objecto, ou seja a causa que impressiona o enfermo; encontrada a causa, a cura será fácil; no entanto, Alexis Carrel condena este método dizendo: — as actividades do corpo devem conservar-se inconscientes, isto é, os órgãos devem trabalhar sem que sejam perturbados em seu funcionamento pela incidência de nossos pensamentos sobre eles. A psicanálise fazendo com que os doentes fixem firmes e demoradamente sua atenção sobre a parte doente, ainda os torna mais enfermos.

Podemos ler na mente dos leitores a seguinte interrogação: — «como então encontrar o remédio para tantos erros e doenças?».

Vejamos algumas sugestões.

Onde a vida se conservar simples e calma, as doenças são bem mais raras, como nas aldeias distantes, nas colónias próximas às florestas, nas estações de água e nas praias retiradas. A meditação, o êxtase e a contemplação da abóbada celeste é um precioso fortificante para o corpo combalido e a alma hesitante, pois somos colocados em comunhão com os inesgotáveis laboratórios do Alto, donde receberemos saúde e reconforto. Assim procedendo criamos em torno de nós, mesmo sem que o saibamos, um verdadeiro escudo contra fracassos, temores, doenças e dificuldades.

Para os que não podem gozar as delícias de uma estação de água ou de alguma praia, recomenda-se, para obtenção da serenidade íntima, a contemplação demorada de um lindo quadro que represente uma paisagem tranquila e aprazível da natureza; imaginai-vos naquela paisagem...

Conheceis a força da medicação au da prece? Eis um interessante exemplo: Os grandes místicos hindús, ocultistas e iogues, quando absortos em êxtase tornam-se insensíveis às necessidades do mundo; não conhecem a fome, a sede, o frio, o sono, a dor, o sofrimento e o calor; assim permanecem imóveis por semanas e até meses. Quando em êxtase tomam aparência de ressequidas múmias chegando a elevar-se docemente a alguns pés acima do solo ou mesmo das altas copas de árvores. Isso foi há pouco observado, com grande admiração, por um grupo de cientistas franceses em viagem pelo Tibete. Parece incrível, mas chegam até a anular a lei da gravidade permanecendo estáticos e insensíveis no ar! Eis o poder do pensamento que até montanhas pode mudar de um lugar para outro.

A verdadeira prece é uma força ainda pouco conhecida do homem. Pela oração, certas criaturas chegam a obter modificações anatómicas e funcionais em seus corpos físicos, como as curas e as operações espirituais, as desmaterializações de tumores, gânglios, etc. É, no entanto, preciso entender, por prece, não apenas a simples leitura maquinal de fórmulas escritas, de orações encomendadas: a verdadeira prece é uma elevação de sentimento a Deus partida das profundezas do coração, de modo amoroso, ardente, contrito, sublime e com fé. Já se têm visto pessoas orando em majestosos templos, dedilhando apressadas e distraídas o rosário, enquanto observavam vestidos, chapéus e bolsas, além do que, criticavam, em voz alta, a conduta irregular de certos fieis. Malbaratando assim esse portentoso poder da prece, naturalmente que Jesus mais uma vez diria a esses imprudentes religiosos: «Não esbanjeis as pérolas da prece em considerações irreverentes».

Os vaidosos, os egoistas, os intelectuais, os sábios, os homens de ciência ainda não podem compreender o verdadeiro sentido e poder da prece que opera «milagres». Os simples, os humildes, os pequeninos, estes sim, podem sentir Deus tão fàcilmente como sentem o sol, o frio ou a bondade de um amigo. A prece, quando é sincera, natural, simples e honesta tem a eficácia de conceder os desejados efeitos para quem a faz.

(A concluir)

Mensagens do «Grupo da Humildade»

MÉDIUM N. B.

— Caminheiros da luz, segui avante! Os que começaram com o Codificador, apesar de toda a grandeza da sua obra, de toda a grandeza e beleza dos resultados obtidos, começaram à bruxuleante luz de uma vela. E digo assim, porque nessa época os espíritos não estavam preparados para receber a grandeza da Ideia. Era demasiado bela para eles. Hoje, que para vós vai volvido um século, estão os espíritos mais adiantados, mais preparados para a receber, mas ainda não tanto, quanto é preciso. Trabalhai, pois, trabalhai com afã. Não desanimeis nunca, segui avante, segui com coragem, segui com fé e vereis que será Apolo no seu glorioso carro que virá receber-vos. E vereis então a luz, a luz resplandecente que hoje só vedes ao longe, muito ao longe! É no trabalho e pelo trabalho que conseguireis ver realizados os vossos desejos. Trabalhai! Esta é a minha mensagem. Trabalhai! Trabalhai sem desânimo. É curta, mas é sincera e podereis crer que se a seguirdes serão brilhantes os resultados.

— É curta, irmão, mas é uma mensagem de vida para aqueles que se encontram na trincheira e que têm necessidade de estímulo como o que nos dás neste momento.

— Por saber isso eu vim. Porque me anima ver que trabalhais com fé, com perseverança, por que as obras realizadas com fé e perseverança atingem sempre os seus desígnios.

— É muito apoio espiritual o que desejamos e necessitamos.

— Não sou ninguém, mas tenho visto muita coisa através dos tempos e entusiasma-me ver trabalhar na boa causa. Estava há muito com vontade de vir trazer-vos a minha mensagem de incitamento para que continueis a trabalhar com fé e com ardor. Não vos importem as murmurações alheias Deixai que falem os que não sabem o que dizem. Trabalhai vós. E repito: Segui avante!

— As tuas palavras entraram em nossa alma como um bálsamo, como um refrigério. Porque os que estão na luta às vezes estiolam, oscilam e chegam a duvidar se as forças os levarão a porto de salvamento.

— Eu sei. Às vezes dizes assim: «Valerá a pena, senhor?» Mas vale. Vale sempre a pena.

— Por isso é de mensagens como a tua que desejamos neste momento.

— E de exemplos como o teu necessitam muitos daqueles que trabalham na Causa. Porque não é só dizer: «Eu sou». É preciso mostrar-se que se é.

— Se alguma coisa existe na minha obra é sinceridade e verdade.

— E boa vontade sem limites. Um esforço enorme, que nos causa admiração e júbilo.

— Mas é preciso que a obra seja de todos e que venham outros obreiros ligar-se a ela.

— Não compreendes que nesta hora as minhas palavras são precisas? É forçoso que haja quem te siga o exemplo, quando partires.

— Sem dúvida. Há muito que espero um Cireneu que me ajude a levar a cruz.

— Ele aparecerá. Velaremos para que isso aconteça. Não sou ninguém. Mas farei o que puder para que tal suceda.

— És uma voz e um incitamento. Isso me basta e nos basta. É de vozes amigas como a tua que se precisam na construção das grandes obras. Não daquelas que falam muito e agem pouco, mas daquelas que silenciosamente vão erguendo os andaimes e carreando as pedras até à cúpula.

— De vozes amigas como esta e de trabalhadores como tu.

— De todos nós... Os esforços aqui são de todos...

— Vê lá quantos têm desertado...

— Sim, é verdade, infelizmente. Mas nós não podemos construir um grande edifício sem pequeninas pedras...

— Sem dúvida. Todas são precisas...

— Há sempre oportunidade de as utilizar nas boas obras.

— Sim. E quantas vezes uma pequenina pedra fica tão bem a acabar uma obra que parecia grande e seria pequena, se essa pedrinha se não ajustasse...

— Exactamente. Por isso eu digo que não há grandes nem pequenas pedras. Há pedras necessárias a uma obra.

— Sem dúvida. Tens razão. Todas são precisas.

— Aqui, neste Grupo, há obreiros de boa vontade. Cada um dá o que pode, na medida de suas forças.

— E todos acabarão por dar muito mais do que dão hoje. Verás que se realizará a minha predição. Todos darão muito mais do que dão hoje, porque serão galvanizados pelo exemplo e talvez até pelos conselhos, porque necessitam deles.

— Pois claro. Por isso eu digo: vozes como a tua são esforço e incitamento.

— Para isso vim.

— Muito obrigado, amigo.

— Essa ideia é que me trouxe.

— E permite que te consideremos, não só amigo, mas também colaborador.

— Farei por colaborar.

— E embora não te saibamos o nome — o nome não importa, o que importa é a ideia — fica certo de que a tua entrada foi singular e perdurará nos nossos corações.

— Fazes bem em desprezar nomes. Os nomes são etiquetas às vezes mal colocadas.

— Oh! Quase sempre! E quando não encobrem pacotilha...

— Vês como compreendeste o meu pensamento?...

— Compreendi, sim. Perfeitamente...

— É isso mesmo. Portanto, nomes não interessam. Não sou ninguém. Chega.

— Sem dúvida.

Sr. Rasteiro — É tudo. Faz parte da tal construção de pedra, para que a edificação se levante perfeita e gloriosa.

Médium — Que se há-de levantar...

Sr. Rasteiro — É uma pedra valiosa.

— Que a nossa colaboração se torne cada vez mais firme e que este Grupo se desentranhe em flores de sacrifício, para que a obra resulte mais perfeita e mais sólida e que os amigos do Alto se tornem cada vez mais frequentes. Os que mourejam nestas fainas ingratas e cheias de alçapões e de traições necessitam que lhes suavizem o caminho e lhes tragam novos obreiros para que a obra se difunda e se transfunda.

— Eles virão, mas dará trabalho.

— Sem dúvida.

— Trabalhem. E fiquem com Deus.

do Centro Espiritualista Luz e Amor

MÉDIUM C. A.

Que Deus vos dê forças para a luta que vos é destinada. Lutais com coragem, sem desfalecimentos, sem olhar para a grandeza do trabalho ou para os prejuízos que isso vos possa causar. Lutai com todas as vossas forças, que a obra é digna de luta. Lutai, que mais tarde tereis a recompensa. Nada de desfalecimentos. Avante! Sempre avante! Que Deus vos dê coragem para enfrentar todos os obstáculos!

— Temos necessidade desse tónico que vens trazer na hora própria.

— Nada de desfalecimento. A hora é de luta e tendes de lutar para vencer.

— E quem és tu que nos vens animar tanto?

— Um amigo.

— Novo ou velho?

— É-se sempre novo e sempre velho. O tempo não conta, amigo. O que conta são as obras que se vão deixando. E temos que lutar para as fazer, progredindo cada vez mais. Por isso, nada de desfalecimentos. Continuai com toda a coragem, que o auxílio vos será transmitido, sempre que as vossas forças fraquejem. Coisas naturais de quem luta. Muitas vezes sente-se desanimar. Esse desânimo tem que desaparecer, porque não é preciso para nada. Só atrapalha. Se outros vos transmitem desânimo, mais uma razão para vos couraçardes contra os aborrecimentos. Por isso, muita coragem e avante. É esta a minha mensagem de hoje, e o meu abraço amigo, para todos os componentes deste Grupo.

— Amigo... E quem és? Conhecias algum de nós?

— Que pode isso interessar?

— Talvez possa... É um grande consolo.

— Não interessa. Se eu não conhecesse, não falava desta maneira. Acho que precisavas que te desse conforto, uma palavra amiga para te incitar, para aproveitares todo o tempo. Por isso, continuai!

— Mas dize-me lá: já me deste algumas mensagens antes desta?

— Que interessa? Queres uma identificação? Já te disse que sou um amigo. Um grande amigo. Não é preciso mais nada.

— Dize lá: a médium teve a intuição da tua personalidade?

— Para que queres ter a certeza?

— E para que queres ocultar? Se és amigo...

— Não há conveniência. Às vezes produz confusões.

— A nós, não. É um estímulo.

— É um amigo da obra e de longa data...

— Desta vida ou de outras?

— Se a gente as pudesse separar... De outras, amigo, de outras...

— Eu tive um grande amigo desse género. Tantas mensagens me deu, tantas consolações me trouxe...

— Que ele te acompanhe novamente para que continues a receber os seus conselhos.

— Eu peço. É uma grande aspiração da minha parte.

— Muitas vezes não se aparece, mas não se esquece. O auxílio vem de amigos deste lado.

— Vale muito, esse auxílio.

— Dá graças a Deus, por compreenderes e apreciares.

— Compreendo e aprecio.

— Nada mais por hoje. Fiquem com Deus e continuem com toda a vontade. Ponham todas as energias na obra para que ela permaneça cada vez mais brilhante e mais verdadeira. O que a estraga é a falta de sinceridade. E a verdade acima de tudo. Amor, Verdade e Caridade.

— Só queremos ser merecedores da tua confiança e da tua simpatia.

— Assim o espero.

— Deus nos dê forças para imitar outros que foram mais sábios e mais fortes do que nós.

— Haveis de ser fortes. Porque não haveis de ser fortes? Tens que deixar o teu exemplo, para que alguém o siga. Por isso tens uma grande responsabilidade...

— A obra não é minha.

— Está nela o teu exemplo. És um continuador. Um continuador que tem de prestar as suas provas.

— E as suas contas...

— Tens um bom exemplo a seguir... Por isso continua. Que Deus te dê saúde e boas companhias, bons auxiliares, boas amizades, sinceras, verdadeiras. Bons guias tens tu.

— Mas queria assimilar os seus ensinamentos de forma mais perfeita...

— Lá chegarás. Segue, que vais bem. Continua. Avante, com toda a coragem, pois as minhas palavras são para todos os presentes.

— Nós te agradecemos. Que és um grande e velho amigo. Deste conselhos e nunca desceste à louvaminha. Pelo contrário, apareceste nas ocasiões e às vezes as tuas palavras eram ásperas...

— Assim tem que ser. Tem que ser mesmo...

— Mas eram amigas.

— Quanto mais áspero... às vezes mais amigo se é dos filhos. Por isso quero sempre que eles façam mais e melhor. Portanto, trabalhem para o progresso geral. Cada vez mais e cada vez melhor.

— Nunca estavas satisfeito... Querias sempre mais...

— Já te disse o que um pai quer dos seus filhos...

— Continuas na tua linha. És coerente...

— Assim tem que ser.

— Eu prefiro a palavra rígida ao louvor.

— Cada um tem a sua maneira de ser e assim se continua. E assim se vai singrando...

— Pois, amigo, agora sei quem és.

— Não ficavas descansado sem descobrir. Essa eterna curiosidade...

— E o que está aqui é teu em grande parte.

— Fica na parte, porque o resto pertence-te.

— Pertence-nos.

— O seu a seu dono. Continuai.

— Mas o alicerce é teu, amigo.

— Tem que haver sempre um princípio e sentimo-nos felizes, quando esse princípio é continuado.

— Diziam que o Centro estava suspenso do Alto...

— É preciso toda a vontade para lutar, aguentando todos esses vendavais, todas essas tempestades. Tudo isto é preciso. Para darem mais força e criar mais alicerce, para haver mais coragem e se saber quem é capaz de vencer. Portanto, continuai. Avante, amigos, com todo o coração, com toda a verdade e boa vontade, para que a obra sirva de exemplo aos que hão-de vir. Porque ela não pode morrer. Tem de continuar. E a vida terrena tem a sua contagem. Por isso fazei o máximo para os outros que hão-de vir.

— Continuaremos com a mão no arado...

— Nada mais por hoje. O meu abraço, o abraço do

Amigo de sempre

ERNESTO BOZZANO

SUA VIDA E SUA OBRA

II

Vimos que Bozzano não possuia tendências místicas, pois que negava a existência dum Ser supremo e a sobrevivência humana.

Após o estudo do livro de Aksakoff, principiam verdadeiramente as suas investigações metódicas no campo da «Ciência da Alma».

Compreende imediatamente a sua grande complexidade e sente a necessidade de a penetrar até aos seus alicerces, de esquadrinhar as suas origens, de a estudar na história dos povos civilizados e na dos povos selvagens, de proceder pessoalmente a experiências com numerosos médiuns.

A lógica irresistível dos factos fará dele um dos defensores mais ardentes, mais autorizados, mais prestigiosos da tese espirita.

Lê primeiro as obras de Allan Kardec, Gabriel Delanne, Léon Denis, Nus, Gabier, Crookes, Wallace, D. D. Home, du Prel e adquire as principais obras inglesas e americanas publicadas desde a origem do movimento.

Vai catalogando o conteúdo dessas obras por meio de um classificador alfabético, método precioso e prático que empregará durante toda a sua vida.

Adquire assim uma cultura sólida e só depois considera que chegou o momento de pôr frente a frente os seus conhecimentos teóricos com as pesquisas experimentais.

Com alguns amigos, funda em Génova a primeira Sociedade de Estudos Psíquicos: o Círculo Científico Minerva, onde faz experiências desde 1891 a 1906. Este Círculo vive especialmente quatro anos magníficos, durante os quais os experimentadores registam manifestações de toda a espécie: pancadas, movimento de objectos, transportes em plena luz, e, além disto, provas de identificação espirita.

Também durante três anos faz experiências com a médium Eusapia Paladino. Obtém, especialmente, em companhia dos professores Morselli e Porro, materializações completas de fantasmas em plena luz, estando o médium visível ao mesmo tempo.

Durante toda a sua vida, Bozzano prossegue nas suas numerosas experiências e leituras.

Durante meio século de investigações severas, nada parece indigno duma análise atenta a este homem de inteligência prodigiosa.

Lê os livros e revistas publicados em todo o mundo que versam o assunto que o apaixona. Nota todos os casos interessantes, classifica todos os factos, dividindo-os em categorias, grupos, subgrupos e mantém cuidadosamente em dia um quadro geral das matérias.

Este homem infatigável dispôs assim duma antologia extraordinária — única, porque só ele efectuou trabalho semelhante — de 1.200 classificações de factos produzidos em todo o mundo; antologia na qual se encontram registados todos os fenómenos supranormais e rigorosamente controlados, obtidos experimentalmente ou espontâneamente produzidos desde o início do movimento espirita até os nossos dias, quer dizer, durante 100 anos.

Esta colecção compreende também todas as teorias, todas as hipóteses imaginadas para explicar os factos, todas as argumentações, quer sejam excelentes, boas, mediocres, absurdas ou voluntàriamente falsas para induzir em erro, que foram formuladas para sustentar essas hipóteses.

Como todo o investigador dum ramo da ciência, qualquer que seja, Bozzano empregou o processo de análise comparada e fê-la seguir imediatamente duma síntese.

Nunca se aventurou a emitir conclusões de natureza geral relativamente à origem provável duma categoria de factos, sem primeiro ter passado em revista, analisado, comparado, todos os casos conhecidos e todas as hipóteses formuladas.

O escalpelo que emprega na análise racional dos factos — diz o Doutor Francesco Leti na revista italiana «Mondo Occulto» — corta e divide com precisão miraculosa, separando o substancial do acessório, realçando com justeza os pontos que, à primeira vista, não têm qualquer importância para o investigador superficial e desatento, mas que são importantíssimos, quando submetidos a uma crítica mais minuciosa e a um exame mais rigoroso.

Graças a este método que o conduzirá à convergência das provas, critério de toda a investigação científica; graças a esta prodigiosa massa de factos inteligentemente reunidos, Bozzano pronuncia-se com autoridade. Rebate as hipóteses dos seus contraditores em todos os domínios do pensamento: filosófico, científico, teológico.

A sua lógica cerrada e o seu raciocínio verdadeiramente matemático tornam-no temível lutador. Sob o fogo dos seus argumentos subtis, os adversários emudecem.

Cria renome cada vez maior: depressa é considerado um Mestre. Mais de 200 cartas por mês, provenientes de investigadores e curiosos de todas as partes do mundo, vêm interromper-lhe as meditações e o trabalho perseverante executado em reclusão quase completa.

Não obstante o excesso de trabalho — a delicadeza mais elementar exige uma resposta para essas cartas — colabora em numerosas revistas italianas e estrangeiras, entre as quais La Revue Spirite.

A parte essencial da sua obra consiste na publicação ininterrupta de monografias poderosas, profundas, das quais só algumas foram traduzidas em francês e inglês. Nelas reúne os factos mais importantes de cada categoria.

Não elimina a priori qualquer hipótese, porque só tem um objectivo: o conhecimento da VERDADE. Não emprega frases impressionantes e vazias de sentido. Demonstra com factos. Factos, sempre factos...

★

Vamos citar, por ordem cronológica, os seus trabalhos mais importantes e percorrer assim, muito ràpidamente, o vasto campo da fenomenologia anímica e espirita.

Em 1903, na «Hipótese Espirita e Teorias Científicas», relata-nos as suas experiências com a médium Eusápia Paladino. Discute e elimina as hipóteses de fraude, de alucinação e sugestão, passa em revista as teorias explicativas e consagra um capítulo aos fenómenos de interferência, quer dizer, as diversas causas susceptíveis de alterar as comunicações. Termina pelas provas de identidade fornecidas no decurso destas sessões. Conclui que tudo concorre para demonstrar que inteligências espirituais, autónomas, estranhas ao médium e aos assistentes presidem realmente à manifestação dos fenómenos mediúnicos.

Em 1909, no estudo intitulado «Casos de Identificação Espirita», relata as provas dadas por mortos que viveram obscuramente e desconhecidos do médium e dos assistentes.

Em 1911 (e 1937), nos «Fenómenos de Bilocação», comenta os diversos graus de produção destas manifestações, graus que se completam e reforçam uns aos outros:

a) Fenómenos ditos de sensação de integridade nos amputados; os membros fluídicos são vistos pelos sensitivos e revelados por fotografias.
b) Desdobramento apenas esboçado, no qual o indivíduo vê à distância o seu duplo, embora conserve plena consciência de si próprio (autoscopia).
c) Desdobramento completo: a consciência pessoal é transferida para o duplo, que vê, à distância, o seu próprio corpo inanimado.
d) Desdobramento durante o sono normal, o sono magnético, a síncope, etc.
e) Casos em que o duplo dum vivo adormecido é visto por outras pessoas.
f) Desdobramento fluídico no leito de morte perceptível aos sensitivos ou aos assistentes.
g) Descrições de videntes sobre o processo da separação, nos moribundos, do corpo etéreo e do corpo físico, com a intervenção de entidades espirituais.

Os fenómenos de bilocação, por si sós, bastam para demonstrar experimentalmente a existência e a sobrevivência da alma humana. Provam a existência do corpo etéreo, que pode afastar-se temporàriamente do corpo físico, durante a existência terrena. Por consequência, logo que dele se separa definitivamente na crise da morte, o espírito individualizado continua a sua existência num meio apropriado.

Por ARMAND DONNAY
(Correspondente em Liège)

Em 1915 (e 1928) aparece o estudo sobre «Os Fenómenos Premonitórios» (clarividência do futuro). A análise destes fenómenos concorre para demonstrar que, se é verdade que o destino humano está prèviamente traçado nas linhas principais do seu desenvolvimento, é igualmente verdade que se deixou ao indivíduo certa liberdade de acção, maior ou menor, segundo o grau da sua maturidade espiritual.

Não há, portanto, livre arbítrio absoluto, nem determinismo absoluto; trata-se antes de liberdade condicionada que governa a existência encarnada do espírito.

Em 1919 (e 1929), nos «Fenómenos de Obsessão», comenta alguns dos 532 casos que recolheu: estudo extremamente profundo, duma amplitude impressionante, onde o autor é sempre claro, apesar da complexidade do problema.

É o clássico do Espiritismo contemporâneo e a melhor obra sobre o assunto.

Notamos que os fenómenos de obsessão e os fenómenos mediúnicos são transformáveis, convertíveis e intermutáveis, quer dizer que:

— as manifestações mediúnicas experimentais transformaram-se em fenómenos de obsessão;
— os fenómenos de obsessão transformaram-se em manifestações mediúnicas experimentais;
— os fenómenos de obsessão cessaram após uma sessão mediúnica realizada com esse objectivo no local assombrado, ou após o cumprimento de promessa feita no leito de morte e não cumprida.

Em 1920, é publicada a monografia «Aparições de Defuntos no Leito de Morte».

No decorrer do período que precede a agonia, os moribundos vêem por vezes pessoas já falecidas. Estas aparições são vistas:

— ou só pelo moribundo;
— ou colectivamente, pelo moribundo e pelos assistentes;
— ou apenas pelos assistentes, o que é muito raro.

Acrescentemos ainda o importantíssimo grupo das aparições no leito de morte que foram antecipadamente anunciadas e mediùnicamente confirmadas.

Em 1920 e 1921, apareceram sucessivamente «Os Fenómenos de Telestesia», faculdade de experimentar sensações a distância sem o concurso dos sentidos físicos. É a clarividência no presente, e «Os Enigmas da Psicometria», faculdade de se pôr em comunicação com uma pessoa (viva ou morta) ou um grupo de pessoas, por meio de um objecto. O contacto pode estabelecer-se igualmente com animais, organismos vegetais, matéria inanimada ou determinado meio ligado ao objecto.

Bozzano faz-nos admirar, nesta última obra, o mecanismo completo de faculdade tão desconcertante, que é uma das formas da clarividência.

Em 1922: «Os Fenómenos de Telecinesia em Relação com os Acontecimentos de Morte». Trata-se de fenómenos espontâneos: regra geral, são retratos ou quadros que caem sem qualquer causa natural; ou então relógios que param ou recomeçam a trabalhar; levitação de camas, espelhos partidos, ruídos, toques de campainhas, etc.

Exerce-se, portanto, uma acção física à distância, o que necessita duma vontade diligente.

Estes fenómenos podem verificar-se no momento da morte, ou no instante em que a família recebe a notícia, ou ainda no momento em que se evoca a recordação do falecido.

Resultam muitas vezes de promessa feita em vida pelo defunto aos seus amigos.

Repetem-se, em certos casos, até que tenha sido satisfeito o desejo expresso pelo morto antes do trespasse.

"ECOS DE UMA VIAGEM"

Em virtude da necessidade de dar vazante ao original que se encontrava à espera de publicação fomos obrigados a retirar deste número a nossa crónica habitual «Ecos de Uma Viagem», do que pedimos desculpa aos inúmeros leitores interessados.

Uma Sessão de Quirologia

O Prof. Carlos Radini no Centro Luz e Amor

A Quirologia — nunca é demais afirmá-lo — é hoje uma ciência tão positiva como a Física, a Biologia ou a Metapsíquica. Grande número de cientistas a têm estudado, e, principalmente, uma plêiade de médicos ilustres tem concretizado e descoberto as relações existentes entre certos traços das mãos e as enfermidades. Particularmente interessantes, neste campo, são os trabalhos do Dr. Wolff, na Polónia, e do Dr. Krumm Heller, na Alemanha. Em Curitiba, no Brasil, na sua *Faculdade de Filosofia*, utilizam-se já em testes psicológicos certos conhecimentos de carácter quirológico.

Tudo isto vem a propósito da sessão de quirologia realizada no *Centro E. Luz e Amor* pelo Professor Carlos Radini na passada terça-feira, 14 de Janeiro, no *Grupo Experimental Ernesto Bozanno*. O Professor Carlos Radini, que pela segunda vez nos dá o prazer da sua presença, é, sem favor, um dos primeiros — senão o primeiro — quirólogo profissional do País, com larga projecção além fronteiras. Ainda recentemente — há ano e meio — durante o colóquio de Astrologia realizado em Lisboa, no Hotel Embaixador, o Professor Carlos Radini gravou uma interessante palestra de carácter científico sobre o assunto, que foi depois transmitida em França, Áustria, Alemanha e Bélgica.

Presidiu a esta sessão no *Centro E. Luz e Amor* o nosso companheiro António Cardoso, que fez justíssimas referências ao orador. O Professor Carlos Radini, depois de agradecer essas referências que — disse — muito o sensibilizaram, fez uma palestra interessantíssima sobre a importância da Quirologia e ciências correlativas. Mostrou que a leitura do futuro pelas linhas da mão não pressupõe determinismo absoluto, inflexível, ao contrário do que muitos julgam.

— As linhas mostram que o facto se realizará, se as condições existentes actualmente prevalecerem. Mas, desde que o indivíduo reaja, desde que modifique esas condições, as linhas também sofrerão uma alteração e, portanto, o facto já não se realiza. É o caso, por exemplo, de uma doença. A leitura das linhas mostra que o indivíduo dentro de certo tempo vai sofrer de uma doença de determinado órgão. Ora, se ele não ligar importância a isso, a doença aparecerá, de facto; mas se ele tomar os devidos cuidados com esse órgão, evidentemente que não adoecerá.

Gostámos francamente de ouvir estas palavras, pois elas dissiparam, julgamos que de uma vez para sempre, a ideia preconcebida de que a leitura do futuro implica determinismo absoluto, coisa que não podemos aceitar. Por isso, repetimos, as palavras do Professor Carlos Radini foram verdadeiramente oportunas.

Na segunda parte, o ilustre quirólogo fez algumas experiências interessantíssimas, examinando as mãos de vários assistentes, *lendo* nelas como num livro aberto. Num confrade diagnosticou: 100 % filósofo, aos 14 anos perda do ano no estudo e além disso grande preguiça para estudar, frequentes vezes sensação de mal-estar indefinido, sofrimento dos rins, grande paixão pela música séria, questão com as autoridades aos 17 anos, carácter de grande teimosia e faculdade de intuição! Tudo certo!

Examinado o Dr. Adriano de Oliveira, diagnosticou-lhe enfermidade no fígado (já estive com os pés para a cova — confirmou o Dr.) e qualquer perturbação na nádega esquerda. (— Sim! Fui agredido.)! Nas mãos da nossa colaboradora D. Ivone de Sousa, continuando a ler como num livro aberto, viu uma vida de sacrifícios e lutas, parte sentimental desastrosa, qualquer coisa no fígado, sentido de direcção como se fosse um homem, etc.

Nas mãos do confrade Licínio Cordeiro *viu*, entre muitas outras coisas certas, uma mudança de profissão. Licínio Cordeiro confirmou que está tentando mudar de actividade — de tecidos para construções.

E podíamos continuar, como o Professor Carlos Radini continuou, até depois da meia noite, mas este breve apontamento dará uma ideia da magnífica sessão realizada. No final, António Cardoso agradeceu ao Professor Carlos Radini a sua comparência, de que todos levarão agradável e inesquecível recordação.

São sempre de grande utilidade as palestras acerca de assuntos mais ou menos ligados às ciências psíquicas, sobretudo quando são ventilados por estudiosos como o Professor Carlos Radini, que já nos tinha deliciado com sessão análoga que em nós deixou indeléveis impressões. Fazemos votos pela saúde do conferencista para que possa voltar aqui noutra emergência.

Um aspecto da sessão. O Dr. António Cardoso apresentando o conferencista

QUE É O ESPIRITISMO?

Por ACHILLE BIQUET

II

Quais são os Espíritos que se comunicam connosco? São os Espíritos bons? De grande elevação moral? Por outras palavras, os Espíritos Superiores? Ou serão os Espíritos pouco adiantados e impròpriamente chamados Espíritos maus?

Os Espíritos que se comunicam são de todas as naturezas, pertencendo a todos os graus da escala infinita da evolução. Depende de nós receber os ensinamentos das esferas celestes mais elevadas. Na medida em que as nossas intenções forem puras, na medida em que visarmos um fim sério, na medida em que procurarmos a verdade com sinceridade no coração, beneficiaremos da protecção dos Espíritos Superiores. Se, pelo contrário, organizarmos sessões sem outro intuito que não seja o de encontrar nelas um divertimento, ou por interesse, comunicar-nos-emos com Espíritos inferiores.

O nosso pensamento é uma força e emite vibrações. Se os nossos pensamentos forem elevados, as suas vibrações irão alcançar os bons Espíritos através da imensidade do espaço, os quais, por afinidade, virão até nós. Se os nossos desejos forem materiais, não entraremos em contacto a não ser com espíritos materialistas que sentem prazer em se divertir à nossa custa. Tornar-nos-emos, fatalmente, objecto de inúmeras mistificações.

Onde está o verdadeiro Espiritismo? O Espiritismo que nos permitirá conhecer as verdadeiras alegrias, que nos proporciona ocasião de proceder a experiências, com vista a obter factos incontestáveis?

É o Espiritismo que é praticado com intenções puras. É o Espiritismo dos valorosos experimentadores, dos pesquisadores, dos sábios que têm sede de verdade, que aniquilaram as teorias perigosas e falaciosas do materialismo. É o Espiritismo que nós praticamos e que queremos propagar. Este Espiritismo é a luz do Alto, é a voz dos que nos amam. Este Espiritismo é a fonte das consolações que Deus derrama sobre todos nós através dos médiuns. Este Espiritismo é a ciência que reconduz o homem à verdade.

OS MÉDIUNS

Falei de médiuns. Que é um médium? É alguém que serve de intermediário entre os espíritos e os homens.

Por que razão é que os espíritos têm necessidade de médium para entrarem em comunicação connosco?

No estado de vigília, isto é, tal como nos encontramos neste momento, as nossas percepções são limitadas aos sentidos físicos. Normalmente, fora deles, nada mais podemos apreender. Estamos na matéria, e os espíritos estão fora dela. Os homens e os espíritos vivem em planos diferentes.

Estando os espíritos fora da matéria, é preciso, para comunicar com eles:

> ou que os espíritos possam actuar sobre a matéria para virem até nós e nos provarem a sua presença,
> ou então teremos nós de sair da matéria e ir até eles.

O homem é constituído por uma *alma* ou *espírito*, e por um *corpo físico*. Entre a alma e o corpo, há um intermediário a que chamamos *perispírito*. É a *constituição ternária* do homem.

Para que o nosso espírito possa agir sobre o corpo e obrigá-lo a executar os movimentos que desejamos, servimo-nos, sem o saber, duma *força vital* ou *força psíquica* que reside em nós. No momento da morte, o espírito abandona o corpo e o mesmo se dá com a *força vital*. Desprovido desta última, já lhe não é possível ter influência sobre a matéria.

Se os espíritos querem agir sobre a matéria, poderão fazê-lo por si próprios? Não, visto que já não dispõem da força vital. Vão extraí-la dum médium, para dela se servirem momentâneamente.

É assim que procedem os espíritos, nos fenómenos de efeitos físicos, quando fazem girar mesas, deslocar objectos, bater pancadas, fazer transportes, levitações e materializações: ou então impõem-se à nossa vontade, ao nosso espírito, e servem-se do nosso corpo, como é o caso dos médiuns psicográficos e o dos chamados de incorporação.

No outro caso, somos nós que saímos da matéria e penetramos no mundo dos espíritos.

Basta, para tal, que os espíritos de certas pessoas exercitadas abandonem o corpo e nos relatem o que vêem ou o que ouvem no Além.

É o fenómeno que verificamos nos sonâmbulos e nos videntes.

OS FACTOS

O número de factos é incalculável. O seu estudo revelou que provêm das leis naturais, e viu-se que, sempre que se produziram, as leis naturais foram respeitadas.

Estas leis naturais residem principalmente na harmonização das ondas vibratórias entre os encarnados e os desencarnados.

Estes factos, pense-se deles o que se pensar, não são sobrenaturais. Não há milagres. Existiu sempre a possibilidade de comunicar com os *mortos*.

De resto, seria lógico que Deus, na sua perfeição, tivesse necessidade de infringir as leis que Ele próprio estabeleceu? Acreditar no milagre é negar a perfeição de Deus.

Se o Espiritismo nem sempre foi estudado tão cientificamente como o é desde há um século, é preciso ir buscar a razão do facto, não na inexistência de manifestações, mas no atraso dos diversos povos e raças que se sucederam no decorrer dos séculos.

Cada coisa a seu tempo. O mesmo acontece no que diz respeito à utilização das forças da natureza.

Da mesma maneira, a ciência material só começou a evoluir há um século. Os seus progressos foram consideráveis. Servimo-nos hoje do calor, da electricidade e de outras forças. Fala-se agora da energia atómica.

Estareis convencidos de que não existem forças totalmente desconhecidas e que, mais tarde, o que consideramos maravilha da ciência, não parecerá brinquedo infantil ao lado das realizações que nos esperam num futuro mais ou menos próximo?

NATAL DOS NECESSITADOS

Em virtude da falta de espaço, não foi possível aludir à distribuição de donativos durante a quadra do Natal realizada no Centro Espiritualista Luz e Amor.

No dia 22 houve distribuição de roupas, agasalhos e sanduiches a cerca de 200 famílias pelo Grupo Jesus Cristo, dirigido por D. Adelaide de Jesus Pires.

No dia 23, nova distribuição, desta vez constante de enxovais a muitas dezenas de crianças.

No dia 24, distribuição de donativos em dinheiro a cerca de 200 necessitados.

No dia 4 de Janeiro, aniversário da desencarnação de D. Maria Gonçalves Duarte Santos (LIA), nova distribuição a perto de 150 necessitados.

Além disto ainda distribuimos donativos em peças de vestuário que nos foram oferecidas por amigos caridosos.

Mais uma vez cumprimos o nosso dever de intermediários numa cruzada de bem-fazer. Deus queira que no ano decorrente as almas se animem e possam aumentar ainda mais a distribuição de donativos. Estudos Psíquicos *agradece a todos os benfeitores, fazendo votos pela sua saúde física e moral. Que Deus os fortaleça e acrescente em seus trabalhos e nobres aspirações!*

"VOZ INFORMATIVA"

A grande revista de Espiritismo* Voz Informativa, *que se publica no México sob a direcção de Elodia Cástol de Benavides, que há pouco nos deu o prazer da sua visita, tem novo representante em Portugal na pessoa do nosso Director, com o qual poderá ser tratado qualquer assunto relativo a assinaturas, na Rua do Salitre, 149, 1.°, Lisboa.

Assinatura anual	**80$00**
Dois anos	**150$00**
Três anos	**210$00**

Quem poderá contradizer-se? O estudo da energia atómica abre vastos horizontes. Não será a matéria um conjunto de forças que basta libertar?

Estas forças desconhecidas, são, todavia, naturais.

O vapor, a electricidade, eram forças não utilizadas, mas eram forças naturais.

Os factos espiritas não eram estudados, mas resultavam igualmente de leis naturais.

De resto, encontramos vestígios de factos espiritas, ao longo de toda a história.

É de factos espiritas que falam os Evangelhos.

Os efeitos e os gestos dos grandes iniciados, dos espíritos superiores que passaram pela terra, tais como Krishna, Moisés, Jesus-Cristo e outros, não são mais do que factos espiritas.

É porque o Cristo tinha fé imensa em Deus e com ela curou os doentes, que o confundem com o próprio Deus.

O Cristo é a luz que, brilhando gloriosamente na história, deve servir-nos de exemplo.

Esta luz é o seu amor pelos humildes, pelos atormentados, pela humanidade sofredora.

Quanto aos apóstolos, poderemos nós deixar de os comparar aos médiuns? Não foi sob o impulso dum mundo oculto que levaram longe a boa palavra, em línguas que lhes eram desconhecidas?

Para o homem de boa fé, sem preconceitos, que estudou as grandes épocas do passado, é incontestável que os fenómenos do Além-túmulo estão na base de todas as religiões.

Devemos insistir neste ponto. Todas as religiões, especialmente aquelas que conhecemos, têm como ponto de partida as relações com os Espíritos. Insisto sobre outro ponto: na sua origem, os princípios, as crenças, os ensinamentos, são os mesmos em todas as religiões.

Não tireis daqui a conclusão que queremos demolir as religiões. Que todos os que as professam e nelas se sintam bem e creiam que nenhuma outra lhes é superior, lhes continuem fiéis. Mas isto não nos impedirá de fazer luz. A pouco e pouco, as primeiras verdades foram alteradas ao contacto dos homens e das paixões. Os homens adaptaram-nas à sua compreensão e, ajudada pela superstição, a luz esbateu-se para dar lugar a crenças e a cultos que nos afastam mais de Deus do que nos aproximam.

Mas o edifício dos homens desagrega-se; e a verdade, sendo eterna como Deus — que é toda a verdade — vem de novo aquecer os corações, acordar as inteligências, sacudir as energias, tal como o sol de manhã dissipa o nevoeiro e vem inundar a natureza com seus raios benfazejos.

O homem já não está à mercê dos outros homens. Tudo evolui. A luz, recebe-a ele directamente dos mundos superiores, aquela que desce das esferas celestes, onde tudo é harmonia, beleza e amor.

(A concluir)

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

(Após o simpósio realizado em S. Paulo, Brasil)

Por NEWTON GONÇALVES DE BARROS

(Correspondente em Nova Iguaçú)

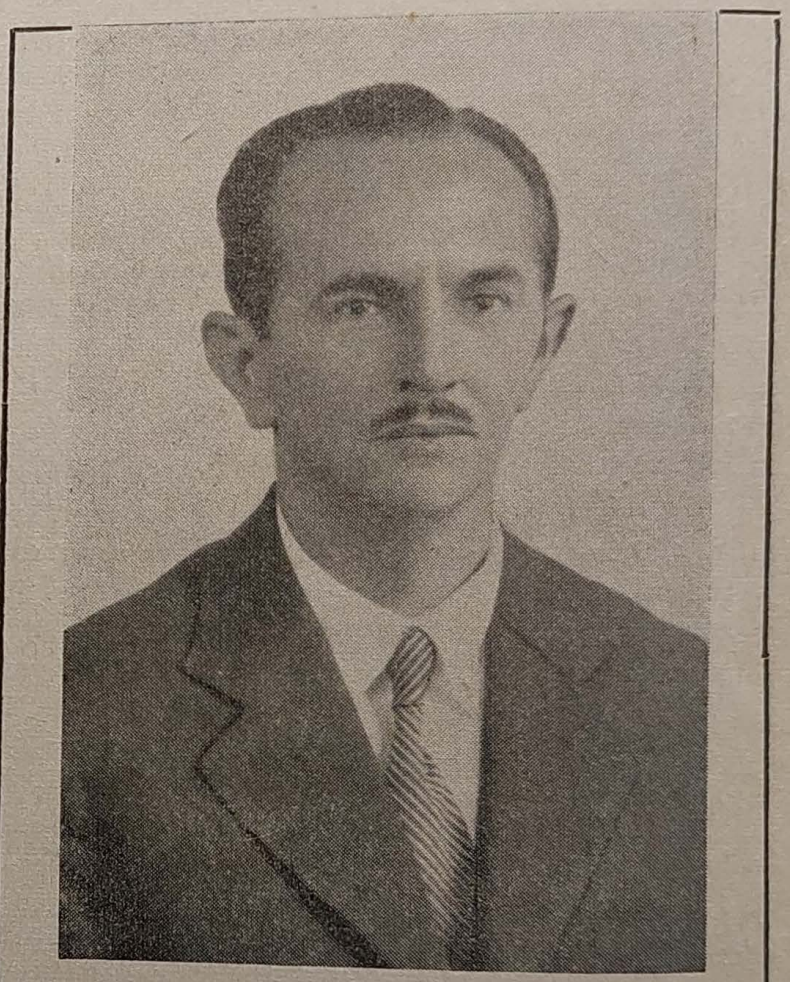
Após o regresso à pátria espiritual do nosso colaborador Leopoldo Machado, que tanta influência exerceu na vida de Estudos Psíquicos, entra em acção outro plumitivo não menos ilustre e já conhecido dos leitores. É o Dr. Newton Gonçalves de Barros, professor de História do Colégio Pedro II e do Ginásio Central do Brasil, orientador educacional geral do Colégio Leopoldo, de Nova Iguaçú, onde lecciona Matemática e História. É formado em Matemática pela Escola Nacional de Engenharia e em História e Geografia pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Distrito Federal, onde obteve o «Prémio de História Jónatas Serrano», como melhor aluno do curso. Pertence também à Arcádia Iguaçuana de Letras.

No Espiritismo, preside ao Grupo da Fraternidade Irmã Sheila, é director de propaganda do Centro E. Fé, Esperança e Caridade, membro do Conselho Fiscal do Lar de Jesus, doutrinador do Grupo Espirita André Luís e da Federação Espirita Brasileira, professor da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos e futuro Instituto Brasileiro de Cultura Espirita, colaborador da «Revista Internacional do Espiritismo», onde substituirá Leopoldo Machado na secção bibliográfica, e colaborador do «Correio da Lavoura» na secção «Educação e História».

Autor do livro de poesias «Mansos como as Pombas», onde há estrofes de ressaibo junqueiriano, e «Primeiro a Trave de Teus Olhos...», «Quem são Meus Irmãos?» (romance espiritualista) e «Crónicas de História».

É natural da Cachoeira Paulista e filho do nosso saudoso amigo Alberto Gonçalves de Barros.

Newton Gonçalves de Barros, além de tudo isto, é senhor de um verbo cintilante, credor da nossa admiração. Cunhado de Leopoldo, sucede-lhe na sua obra de Nova Iguaçú erguida à custa de trabalho e perseverança. É uma bela aquisição para a nossa revista, que o saúda como redactor-correspondente na linda terra dos laranjais.



Newton Gonçalves de Barros

I

Infelizes são todos aqueles que caminham na vida levados pela corrente..

Todos os obstáculos adquirem formas descomunais. Todos os sofrimentos crescem centuplicadamente. O desespero aproxima-se constantemente. Os desequilíbrios nervosos aniquilam as reservas orgânicas e psíquicas, provocando neuroses e disfunções.

«Só pode haver orientação, quando há vários caminhos a escolher». Todos nós, humanos, sabemos que somos livres. O livre arbítrio existe independentemente de nossas concepções filosóficas, materialistas u espiritualistas. O adolescente sonha com a liberdade para fugir à coacção paterna, real ou inoperante; mas sabe que pode decidir, mesmo contra as vontades paternas!

As leis psico-bio-sociológicas são coactoras. Mas os adultos sabem que podem violentá-las. E violentam-nas, conscientes das reacções provocadas. Às vezes, serenamente; na maioria das vezes, porém, pela própria desorientação, pela ausência de finalidade da própria existência.

A verdade é que, em todas as fases de nossa vida, da infância à senectude, preci-

samos de orientação. Há sempre uma encruzilhada, onde a razão pára e precisa decidir. A experiência (ou a soma de conhecimentos adquiridos...) apressará ou retardará uma decisão! Os menos orgulhosos, os mais humildes, ou aqueles que adquiriram a formação democrática, ouvem alguém. Esse alguém é o orientador educacional!

Daí afirmarmos: a orientação educacional é uma tarefa complexa, de responsabilidade crescente, característica dos que sabem para onde vão e sentem a alegria de criar felicidades.

Não há teoristas em orientação educacional. A teoria será uma estatística em bases científicas e técnicas, capaz de aproximar-nos, assintòticamente, da vida do orientado, sem jamais afirmar os resultados unívocos a obter.

O composto humano da filosofia espiritualista, ou o complexo biológico da filosofia materialista, age e reage como animal racional, de maneira imprecisa e inesperada, perante os estímulos.

Há um determinismo relativo que delimitará, dentro de uma faixa larga de probabilidades, o possível comportamento; nunca o real comportamento.

A orientação educacional da infância, do adolescente, do adulto será sempre um fincamento de estacas, encaminhando judiciosamente por estradas deslocáveis... Estacas que podem ser saltadas, ultrapassadas a cada instante, inesperadamente...

Há vinte anos passados, encontrámos um colega de estudos, da antiga Escola Politécnica (hoje, Escola Nacional de Engenharia), sentado numa cadeira da cantina. Na véspera, havia recebido o meu amigo F., solenemente, no Teatro Municipal, o seu cobiçado diploma de engenheiro civil.

Magro, olhos brancos, rictus de desânimo na face, falou assim:

— Que vou fazer com este diploma?

Nunca me saiu da memória aquele quadro!

Mundos de conjecturas turbilhonaram na minha mente de universitário. Procurei nos infinitos negativo e positivo — o princípio e o fim.

Senti a necessidade de viver justificando a própria vida. Não me bastava viver. Era preciso saber convictamente «para que viver»... Antes de saber «como viver».

A hora que atravessamos é de carência lamentável de padrões morais positivos. O «como viver» é exemplificado pelo imediatismo mais egoista e ultrajante do «socius» que deveríamos ser. E a criança, o adolescente e o adulto sabem «como viver». Pretendem saber... Terminar ràpidamente os «anos escolares», adquirir um diploma e... defender-se.

Montar uma indústria ou uma casa comercial e obter o máximo lucro, com o mínimo de trabalho (e honestidade) e o máximo de lucros económicos.

A agricultura, não. Nem a pecuária. Ainda estão controladas inflexìvelmente pelas leis naturais. Mesmo assim, há técnicas de enxertia, inseminação artificial, estufas e chocadeiras eléctricas...

Para onde vamos? Perguntam os assustados quando pressentem o envolvimento pelas ondas tempestuosas dos descalabros morais.

II

— Para que viver? É a primeira pergunta que o orientador educacional deve responder. Ou tentar responder. Ou conduzir o orientado a responder...

De outra maneira conduziremos um barco de convivas, artificialmente alegres, arrastado pela correnteza normal do rio da vida. Esperando, a cada momento, a cachoeira, o despenhadeiro, a pororoca, o mar insondável...

Três filosofias educacionais lutam pela sobrevivência.

E seus filósofos, embora convictos, ainda nao compreenderam, ainda não quiseram procurar um «modus vivendi», uma fórmula de coexistência.

Talvez o «para que viver» tenha fugido das estradas racionais dos valores absolutos da «Harmonia Universal».

Só os animais irracionais não sabem coexistir, porque só sabem «como viver».

Só os animais racionais podem coexistir, porque podem saber «para que vivem» e podem procurar «como viver», sem que, um só, deixe de viver, para que outros vivam.

Somos todos iguais (afirmamos), quando nascemos e quando morremos.

Justificado o «porquê» da vida, basta aplicar as leis da convivência, para que vivamos todos igualmente, harmònicamente.

Só há verdadeira vida, onde há paz, serenidade e harmonia. E a paz, a serenidade e

DOIS LIVROS DE RAMATÍS

A VIDA NO PLANETA MARTE E OS DISCOS VOADORES

Eis uma obra sensacional cheia de revelações assombrosas decalcadas na ciência objectiva. Insere capítulos especiais sobre a humanidade marciana, entre eles, noivado, casamento, família, religião, cinema de quatro dimensões, alimentação, edifícios, energia-motriz, indústria, comércio, formas de governo, etc.

1 grosso volume de 415 páginas — 100$00

MENSAGENS DO ASTRAL

Outro livro sensacional, contendo capítulos de grande valor, tais como, «O Juízo Final», «O Valor da Profecia», «A Besta Apocalíptica», «O Número 666 na Profecia Apocalíptica», «O Astro Intruso e sua Acção Satânica», «A Verticalização do Eixo da Terra», «As Explorações Atómicas e os Efeitos Kármicos», «Os Engenheiros Siderais e o Plano da Criação», «O Terceiro Milénio e a Nova Humanidade», etc.

1 grosso volume de 500 páginas — 130$00

a harmonia são dinâmicas como a própria vida. Não há paz fria, nem serenidade indiferente, nem harmonia estática. Só há paz onde há trabalho. Só há serenidade onde há amor. Só há harmonia com o dinamismo do trabalho e do amor.

No Universo há harmonia, porque há trabalho e equilíbrio — e equilíbrio é amor!

O amor a uma pessoa nos leva a torná-la feliz. Mas se desejarmos só essa felicidade, criaremos desequilíbrio; amor egoístico não é amor.

Se amamos a nossa família e só para ela queremos felicidade, amaremos egoìsticamente; criamos desequilíbrio. E não há amor no sentido cristão integral...

Se amamos nossa pátria exclusivamente, em detrimento das outras, criamos desequilíbrio.

E amor exaltado não é amor.

Só o amor a todos igualmente; só o amor a todas as famílias igualmente; só o amor a todas as pátrias igualmente, causará o equilíbrio das partes e do todo.

E haverá equilíbrio e amor e paz e serenidade e harmonia!

Devemos orientar todos, não para uma ventura isolada. Não há ventura exclusivista. Ou cada um trabalha e ama, para que o todo trabalhe e ame, ou não haverá nem paz, nem serenidade, nem harmonia.

A orientação educacional é uma condução de vontades para a integração num todo que trabalha e ama.

O orientador educacional não tem hora, nem local para orientar. Porque a vida é dinâmica. E todos os dinamismos da própria vida que não forem somados, segundo a segundo, milímetro a milímetro, serão subtraídos e anularão os movimentos positivos.

Pensamentos, palavras e actos são formas dinâmicas de vida dos seres racionais. O pensamento sem amor, a palavra má, o acto mau, causam desequilíbrio. Desequilíbrio é sofrimento. E o sofrimento individual desequilibra a pequena sociedade e esta desequilibra a maior.

Integrar o «socius» na grande sociedade, eis a tarefa da orientação educacional.

Sem a convicção inabalável, persistente e contínua, nessa finalidade superior da vida, qualquer tarefa de orientação é flor passageira, que perfuma, encanta e logo fenece.

Gosto de repetir, para mim mesmo, contìnuamente, aquela velha lenda de raízes orientais.

Perguntam a três carregadores de uma obra arquitectónica, o que fazem.

Diz o primeiro:

— Não vê? Carrego pedras!

Responde o segundo:

— Eu trabalho...

E o terceiro, convicto e entusiasta:

— Eu construo uma catedral!

Todos os orientadores educacionais devem repetir como uma prece ao colocar os pés no chão para o primeiro passo da manhã:

— Vou continuar, sereno, a construção da paz e da harmonia universal!

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

37

CRER OU NÃO CRER

Amigo radiouvinte:

A missão do adepto não é só defender o seu credo dos ataques adversos. Antes disso é necessário difundi-lo. Um credo deve ser dinâmico, deve procurar os homens, estejam onde estiverem, deve conquistar as almas pela persuasão e pela lógica dos conceitos. Ai das ideias que se impõem pela força, abafando outras ideias. Deixam de ser o que deviam ser. A verdade passa a simulacro.

Gustavo Le Bon é tido por bom psicólogo, não obstante as suas irreverências. Afirmava que as ideias que arrastam as multidões não costumam passar de fantasmas ilusórios. O pior é quando elas contendem entre si e o mundo fica arruinado e desolado.

Claro que as ideias não governam sempre. Há períodos históricos de grande vacuidade. Parece que as ideias se ausentaram dos homens.

Mas os adeptos — dizíamos — devem ser dinâmicos e valorosos na disseminação do seu credo. Por isso o estudo se impõe, como premissa essencial. Adepto que não estude, que não aprofunde, não tem autoridade para difundir seja o que for. Por isso há escolas de oradores, de polemistas, de agentes de propaganda. Cada um no seu lugar.

Entretanto, vejamos um provérbio árabe que se traduz assim: «Um sábio sem crença é uma árvore sem frutos». Quer dizer: não basta o conhecimento directo das coisas; é preciso ter crença, ou «luar de intuição», como lhe chamou Junqueiro.

António Nobre escreveu esta sextilha que alguns têm utilizado em reforço da sobrevivência da alma humana:

Não tenhas medo. Morrer
não custa nada. É viver.
Custa menos que se pensa.
O principal é ter crença.
Morre o corpo; a alma abre a asa
e vai: É mudar de casa.

Aqui, ter crença é ter convicção. E podemos afirmar: as realizações humanas são filhas da crença que transfigura os construtores e os leva à edificação de obras incríveis.

Antes de crer nos outros devemos crer em nós, em nossas forças, em nossas possibilidades. E se tivermos fé poderemos abalar montanhas, no sentido evangélico. Mas sempre ao serviço da verdade, porque só a verdade enobrece.

Os católicos, os protestantes, os maometanos espalham suas doutrinas, num direito inegável. Os espiritistas farão o mesmo e os adeptos de outras correntes poderão imitá-los, ao abrigo dos códigos. São livres de construir templos, mesquitas ou sinagogas, porque as ideias têm livre curso nos países civilizados.

Em geral, os crentes religiosos baseiam-se na fé, que principia onde o orgulho acaba. Dizia Lamenais: «Tirai a fé e tudo perecerá. Ela é a alma da sociedade e a substância da vida humana». Preferem a fé, preferem a intuição que os próprios cientistas reconhecem.

Entre dois crentes é mais forte o que mais perto está da verdade. Por isso temos apregoado as excelências do Espiritismo, sem menoscabar a beleza moral de outros credos. Thoreau aconselhava o banho diário na verdade. Semelhante prática dava realce e convencia de que nenhuma verdade era amarga, que todas continham sua porção de realismo útil. Todavia, a crença adquire melhor alicerce, quando as suas verdades se podem demonstrar à luz do raciocínio ou através dos factos. E embora estejamos num mundo relativo em que os paradoxos de hoje sejam verdades de amanhã, temos que aceitá-los, como hipóteses de trabalho.

A crença e a verdade são duas atitudes espirituais. Às vezes a primeira avulta em detrimento da segunda. É que há verdades tão duras, que temos necessidade de ocultá-las e fingir que não existem. Procuramos acreditar numa coisa qualquer. Ao cabo de algum tempo estamos habituados.

Há lendas que se engendraram e correm mundo como verdades autênticas. A humanidade plasmou-as sem dar por isso.

Todos buscam a verdade. Alguns estão nela sem a ver e outros vêem-na e não a compreendem. Depende do entendimento. A mesma verdade tem vários estilos, semelhantes aos veículos de certos medicamentos.

Ter crença ou não ter, eis a questão, como diria Shakespeare. No fundo, o que é preciso é coerência de ideias e respeito pela crença dos outros.

Álvaro Yunque contou uma anedota de profundo conceito filosófico.

Um sábio disse:

— A Verdade é branca.

E logo outro acrescentou:

— A Verdade é azul.

E construiu cada um o seu templo.

As pessoas da rua dirigiam-se para o templo da sua feição: da verdade branca ou da verdade azul.

Na praça ficou apenas um homem, a quem perguntaram:

— Como é a verdade?

— Não sei — respondeu ele, encolhendo os ombros.

Então uns e outros, furiosos e depreciativos, gritaram:

— Ateu!

Isto caracteriza o espírito de facção que impede a visão imparcial das coisas. Onde ele entra, não há entendimento, não há justiça.

Só a verdade elucida e nada pode existir fora do seu âmbito.

Crer ou não crer, era a questão de cada grupo. O resto não contava no comércio das ideias.

Esta moral aplica-se a quantos fanáticos há no Espiritismo. Não admitem outras doutrinas. Estratificaram e julgam que nada mais existe do que a sua. E aplica-se aos fanáticos do catolicismo, do protestantismo e do maometanismo. Em todos os ismos conhecidos e desconhecidos é assim, porque o homem é homem e a matéria é amorfa no Oriente e no Ocidente.

Arejar ideias é banir a superstição do convívio dos homens. La Harpe dizia que a superstição transformava o homem em besta, que o fanatismo fazia dele um animal fe-

roz e que o despotismo o transformava em burro de carga.

Fiquemo-nos neste último conceito e meditemos na condição daqueles, cuja posição moral é crer ou não crer e se não dão ao trabalho de procurar a Verdade.

Adeus, amigo. Que Deus nos inspire a todos.

38

A CHAVE

Amigo radiouvinte:

Acabámos de ler uma obra interessante assinada por Fabián Palasi, escritor do século dezanove e autor do livro «Renacimientos ou Pluralidad de Vidas Planetárias». Impressionou-nos a sua maneira de escrever e de pensar, objectiva e lógica, onde a sagacidade acompanha a erudição. E detivemo-nos num capítulo que muito nos prendeu, em virtude do apólogo anedótico que apresenta aos leitores.

Nós sempre gostámos dos apólogos. É uma forma pitoresca de ensinar coisas rebarbativas ou duras de roer. Leopoldo Machado também gostava deles. Quando tinha que falar mais claro, oferecia o apólogo. E todos o digeriam alegremente, ou, pelo menos, indulgentemente.

O livro de Palasi estuda a reencarnação nos seus múltiplos aspectos, desde o «eu» à sobrevivência, desde as desigualdades mentais e sociais à recordação de vidas anteriores. Mas a questão das hipóteses mereceu-lhe considerações especiais.

Na verdade, a hipótese é uma atitude necessária para desenvolvimento da ciência e da filosofia. Não basta juntar factos para comprovar afirmações. É preciso submetê-los aos domínios da lógica e da razão. É preciso buscar as causas e as leis, como exigia Claude Bernard.

Os materialistas não admitem o reencarnacionismo e os metapsiquistas e alguns espiritualistas chama-lhe hipótese, sem qualquer estudo prévio que lhes dê autoridade.

Ora, a lei da gravitação e os sistemas planetários baseiam-se em hipóteses. Newton e Kepler disseram: «Suponhamos que os astros se atraem na razão directa das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias...». E deste «suponhamos» saiu a Lei. Partimos do simples para o composto ou do composto para o simples, no encalço da verdade oculta. Foi sempre assim desde o princípio.

O éter é outra hipótese explicativa. Oliver Lodge reforçou-a e Einstein inutilizou-a. Qual deles terá razão? Ernesto Bozzano chegou a divinizá-lo, a fim de o integrar na *omnipresença* atribuída ao Criador. Outros, porém, negam este e admitem o éter, sem explicar a razão.

Estas discrepâncias revelam o anseio do homem no tocante ao progresso do espírito.

A reencarnação tem de aceitar-se como necessária, porque é lógica, como lógica é a existência de Deus. É um facho luminoso no mundo moral. O mesmo não sucede à teoria da vida única de certas religiões, que não pode explicar todos os acontecimentos da vida em relação com os indivíduos. Apesar disto há pessoas cultas que chamam loucos aos que acreditam nas vidas sucessivas.

E aqui entra em cena o apólogo. Um príncipe oriental construiu sumptuoso palácio, cercado de extensos parques e jardins cheios de cascatas e repuxos e acumulou ali todas as suas riquezas quase fabulosas e um grande tesouro de obras de arte.

Quando acabou a construção, ausentou-se com os operários e o palácio ficou cerrado durante muitos anos. E assim ficaria, se um sábio estrangeiro que lá passou não tivesse lido a seguinte legenda em língua morta:

«O príncipe destes reinos lega a todos os súbditos esta maravilhosa propriedade para estudo e recreio, com a condição de encontrarem a chave da porta que o dono deixou escondida nestas imediações. Será inútil escalar os muros ou arrombá-la. Neste palácio só se entra pela porta. Quem encontrar a chave será o seu guardião, mas a moradia abrir-se-á para todos».

A notícia correu velozmente o país. Não obstante, como sempre acontece, muitas atitudes se exibiram, algumas delas desencontradas. Os impacientes experimentaram ansiosamente todas as chaves que puderam, ao passo que os apáticos ou receosos desistiram do intento, certos de que jamais encontrariam aquela chave misteriosa. Os mais desconfiados chegaram a propalar que o dono teria destruído a chave ou a teria levado consigo. Foi uma inquietação geral.

Só meia dúzia, atendendo à fama de bondade que rodeava o príncipe, resolveram continuar à procura da chave. E começaram a revolver a terra e a despejar os tanques da redondeza.

Muito tempo se gastou em esforço inútil. Todavia, ao fim de uma tarde, revolveram o lodo de um tanque e encontraram uma chave que se ajustava à fechadura e com ela abriram fàcilmente a porta daquele edifício encantador, no qual todos entraram para admirar as suas enormes riquezas.

Os ingénuos e bem intencionados convenceram-se de que era a «verdadeira chave» do palácio e proclamaram-no aos quatro ventos; outros, porém, mais atilados ou com inveja de não serem depositários de coisas tão preciosas, apresentaram dúvidas e chegaram a negar a veracidade da chave, construída de propósito para a fechadura. E como alguns dos impugnadores pertenciam à *Academia dos Pseudo-sábios* da região, trouxeram à sua presença o possuidor da chave e disseram-lhe:

— Como representantes da ciência destes reinos, negamos que essa chave seja a verdadeira. Como poderás tu provar o contrário?

O pobre homem ficou surpreendido com a mal intencionada pergunta, mas respondeu com serenidade e aprumo:

— Senhores: eu não poderei provar, directamente e matemàticamente, que é a verdadeira chave, porque não ajudei a fabricá-la; mas se a sua missão era abrir a porta e franquear a entrada e tudo isto conseguimos, considero-a boa e legítima. Que outra coisa poderia fazer a «verdadeira chave»?

Palasi termina assim a exposição:

«Admitamos que a hipótese reencarnacionista é a «chave» que abre os arquivos do destino humano, já que através dela, transformada em lei, se explicam os factos da vida que outras hipóteses deixam no mistério. E observemos também esta judiciosa sentença: «Quando uma proposição é verdadeira, tudo se conjuga para estabelecê-la e prová-la». Sim, tudo se conjuga. Até a fábula ou o apólogo».

Podemos aplicar «el cuento» a muitos postulados que correm mundo, entre os quais as manifestações dos espíritos dentro e fora da igreja. Dentro, são verdadeiras e devem aceitar-se como acontecimentos de grande alcance espiritual; fora, são diabólicas e merecem a repulsa das pessoas de bem.

Perguntamos:

— Não será a mesma chave que abre a porta do fenómeno?...

Boa noite, amigo. Até à próxima. Que Deus te guarde e nos guarde.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

BOA PROPAGANDA

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul distribuiu uma circular intitulada «*Não compre brinquedos de guerra*», na qual incita a aquisição de brinquedos instrutivos, a fim de educar as crianças no sentimento de fraternidade universal. Eis a circular:

«Por motivo dos folguedos de fim de ano reaparece o costume de oferecer brinquedos às crianças.

«Os brinquedos devem satisfazer a função de apresentar aos olhos das crianças o elemento capaz de lhes despertar as faculdades no sentido estético e solidário.

«Actualmente, graças ao progresso técnico, os idealizadores e fabricantes de brinquedos, em cooperação com professores da infância e chefes de família, podem realizar trabalho construtivo que os converterá em legítimos trabalhadores da paz. Portanto renunciemos à aquisição de brinquedos de guerra.

«*Não comprar brinquedos de guerra* ou coisas parecidas equivale a colocar dinheiro, energia e entusiasmo ao serviço da paz, *do bem-estar e educação da infância.*

«Ao comprar brinquedos devemos preferir os que exaltem o senso de trabalho, formação estética, artística e mecânica, despertando assim reacções fraternas e pacíficas.

«*Não deseja para seu filho um mundo de paz, de amor e de trabalho? Cumpra a sua parte e o mundo melhorará*».

Não pode haver melhor propaganda do que esta. A crise humana atingiu pontos melindrosos e todo o bom senso é pouco para restaurar os caminhos da paz, imprudentemente destruídos em horas de confusão e pesadelo. A salvação do mundo é obra educativa. Que rende contratos entre povos e ideologias, se no coração das gentes não existir o germe da fraternidade? Os brinquedos de guerra são fermentos perigosos que devem ser afastados da infância. A mentalidade pacífica é que pode orientar a humanidade em seus passos claudicantes. Só a mística de paz nos salvará de futuros cataclismos. Para isso é necessário fazer a progaganda em livros escolares, cerceando ao olhar infantil tudo o que possa constituir motivo bélico. Tantas coisas perniciosas que vemos a circular sob os olhares benevolentes da lei! O romance policial e as histórias de quadradinhos, o cinema de cordel e a revista teatral ao serviço do mau costume... Tanta coisa inútil e prejudicial, além do exemplo que muitos responsáveis dão aos filhos e à colectividade!... É, pois, de louvar a iniciativa dos confrades de Porto Alegre, a quem felicitamos.

ESPÍRITOS QUE TOCAM PIANO...

O *Psychic World*, revista grega de Espiritismo publicou um relato pormenorizado de algumas sessões realizadas no grupo particular do químico E. Platon, sediado em Candia, na ilha de Creta. A reportagem é de George Stratigos.

O grupo teve origem numa conversa entre o sr. Platon e seus filhos, um dos quais se lembrou de utilizar uma pequena mesa nas experiências. E logo que surgiram os primeiros movimentos, embora vagarosos, o suposto comunicante disse que haveria melhores resultados, se convidassem para os trabalhos uma vizinha chamada Constantina.

Ninguém conhecia a mediunidade desta senhora, mas a sua actuação no grupo assumiu carácter de acontecimento. Logo no início notaram-se levitações de móveis e mãos materializaddas acariciaram os assistentes com apertos de mão.

Em certo momento a pequena mesa ergueu-se e permaneceu no ar durante alguns segundos. Depois, repentinamente, a porta abriu-se automàticamente e a mesa avançou pelo corredor, com os assistentes atrás. Em seguida voltou ao quarto e colocou-se no mesmo sítio, enquanto os assistentes permaneciam no corredor...

O sr. Platon pediu então ao guia que trouxesse um cinzeiro e o objecto foi trazido imediatamente. Para ter a certeza da deslocação dos objectos colocou no piano um prato com uma vela e várias vezes se notaram transportes do piano para a mesa e vice-versa. Quando a luz se estabeleceu, viram-se impressões digitais na mesa absolutamente diferentes das dos assistentes.

Depois alguns espíritos músicos tocaram várias peças ao piano, desconhecidas de todos. Quando um assistente perguntou o nome da música, o espírito respondeu-lhe em alemão: «Vaterlandisches Lied», de Grieg. Tocaram também algumas partes da «Flauta Mágica», de Mozart, da 5.ª Sinfonia, e «Ruínas de Atenas», de Beethoven, e também o *Gluck*, de «Orpheu».

A chave do piano moveu-se automàticamente, como se o piano fosse mecânico. A música era tão nítida, que uma noite em que as janelas do quarto tinham ficado abertas, alguns transeuntes pararam na rua a ouvir.

Pouco depois veio Michael Makrakis, espírito familiar do sr. Platon, e pediu um violino para tocar alguma coisa. Pois ouviu-se abrir a caixa e o violino foi colocado nas mãos do sr. Platon, a quem o espírito pediu que o afinasse.

Logo que o sr. Platon o afinou, o violino escapou-se-lhe das mãos e ficou suspenso no meio do quarto e começou a tocar uma música de Creta, ao mesmo tempo que o piano acompanhava. Foi uma execução maravilhosa, como os assistentes nunca tinham visto.

Na mesma noite, o filho do sr. Platon pediu a Makrakis que o levitasse e logo foi levitado com a cadeira, voltando ao mesmo lugar.

Noutra ocasião houve escrita directa. O guia pediu papel e lápis e a mão materializada de um espírito começou a escrever. Primeiro, as letras eram quase ilegíveis, mas depois tornaram-se perfeitas. Páginas inteiras foram escritas a velocidade incrível, dando informações interessantes acerca da vida no Além, assim como ensinamentos morais e filosóficos. As palavras

usadas e a redacção eram de entidades altamente instruídas.

Depois, outras mãos igualmente materializadas fizeram desenhos a lápis, alguns dos quais eram verdadeiras obras de arte.

O mais estranho é que estes fenómenos, que duraram quatro meses, cessaram inopinadamente e qualquer tentativa para produzir os fenómenos foi inútil...

MENSAGEM NOTÁVEL

Entre as mensagens, ou teses, levadas ao último Congresso Espirita Internacional de Paris, realizado há pouco e ao qual acorreram 250 representantes de vinte países, a de Maurice Barbanell, director de *Two Worlds*, foi realmente notável.

Referindo-se às informações recebidas pelos espiritistas, disse que eram muito mais satisfatórias do que as suposições, as esperanças e o receio dos pastores e de quem se aferra às várias seitas religiosas, baseadas em doutrinas teológicas ou em afirmações que se encontram nos livros sagrados.

«Depois da morte — disse ele — cada qual continuará o que era. Não precisa de morrer para se tornar em ser espiritual. A morte vem quando a verdadeira personalidade se retrai e funciona através do ser espiritual, que é o duplo material, sem doenças, sem dores, nem velhice. Eis o grande consolo que o Espiritismo oferece aos doentes e aos infelizes: a doença não persiste depois da morte. O cego terreno não o será no Além; o surdo ouvirá, o mudo falará...

«A vida espiritual não é sonolência. É rica de actividade e oferece a todos possibilidades e ocupações. Acreditar que os mortos durmam para sempre é um conceito errado. Nós consideramos sólido o mundo material, mas a ciência demonstrou que a matéria é uma ilusão e as descobertas atómicas confirmaram que só no invisível se encontra energia e realidade.

«Alguns homens, após a morte, podem ter um período de descanso que lhes permita adaptar-se à nova vida e é lamentável que a maioria dos homens se perturbem ao saber que sobreviveram ao túmulo. Outros só despertam séculos após a morte. São aqueles, cuja vida espiritual pouco se exerceu. Apesar de se terem libertado do corpo físico, a carência de evolução amarra-os à terra depois de chegarem ao mundo do espírito.

«Geralmente, os que morrem habituam-se depressa e encontram os que amaram e os precederam. Vive-se em casas mentais e não de tijolo e de cimento. Os estados mentais são a grande realidade do mundo espiritual. Sobrevivem alguns instintos: vestem-se, comem e bebem, enquanto necessitam disso. Depois compreendem que já não têm necessidades materiais».

POETA MORTO FALA AO TRADUTOR DA SUA OBRA

Two Worlds de Março de 1956 publica um relato do humanista W. F. Jackson Knight, que antes tinha entregado à editora *Penguin Classics* uma tradução da «Eneida», de Virgílio, publicada a 27 desse mês.

«Durante a sua tradução — diz ele — recebi respostas precisas sobre a interpretação de alguns passos do poema. Vinham de localidade afastada da Inglaterra, obtidas por médiuns que haviam entrado em contacto com o grande poeta latino.

«Várias vezes, a médium (sr.ª Gwen Jones) anunciou figuras históricas da antiga Roma, entre elas, o poeta Virgílio. Embora desconhecesse essa civilização, as informações eram correctas e pronunciava o latim como os eruditos, coisa que os latinistas não fazem. Uma vez o espírito chamou *pagão* a Virgílio. Este corrigiu: «Hoje não sou».

«Isto sucedeu em Exeter, antes do Verão de 1956. No mês de Agosto desse ano, um rapaz visitou a médium e ao ver-me sentiu que devia dar-me uma mensagem ligada ao latim, embora nunca tivesse estudado esta língua. Disse, por exemplo, a frase «carmina luso» (pensando, eu compus poemas», do penúltimo verso das «Geórgicas».

«Sentámo-nos os três num quarto meio obscurecido, em minha casa, no dia 3 de Setembro. A sr.ª Gwen viu algumas formas espirituais, mas a de Virgílio apresentou-se luminosíssima e só podia comunicar-se através de outros espíritos.

«O rapaz, que também era médium, pediu-me que recitasse umas estrofes em latim e eu recitei versos das «Pastorais». O rapaz respondeu-me, recitando os versos 563 a 566 do Livro IV das «Geórgicas», onde reapareceu as palavras *carmina lusi* e outras alusões autobiográficas relacionadas com as que eu citei. Ele via as palavras escritas em letras minúsculas e separadas entre si. A princípio, as letras passavam ràpidamente e tive que pedir ao operador que diminuísse a velocidade. Depois desligavam em frente dos seus olhos, como se alguém as introduzisse pela direita e as retirasse pela esquerda. De vez em quando parecia que um dedo escrevia letra por letra. O rapaz lia com dificuldade, repetindo as sílabas várias vezes até acertar com a palavra correcta.

«As principais impressões eram visuais, mas também havia outras. Por exemplo, na frase «*patulæ cecini sub tegmine fagi*» (sob o copioso pálio de uma faia) via uma paisagem e qualquer coisa debaixo de uma árvore. Esta visão ilustrava claramente a cena dos versos que recitei, por demonstrar que os operadores espirituais queriam impressionar o espírito da médium, a fim de captar a palavra, não só através da visão, mas também por via auditiva e sensitiva.

«Ao terminar, a médium ouviu estas palavras: «A viagem a Exeter não foi em vão». E ficou exausta pelo grande esforço da prova numa língua que desconhecia».

UMA REUNIÃO SINGULAR

Two Worlds está organizando uma grande reunião de propaganda em Lewisham, precisamente no local onde há pouco se registou um trágico desastre de caminho de ferro.

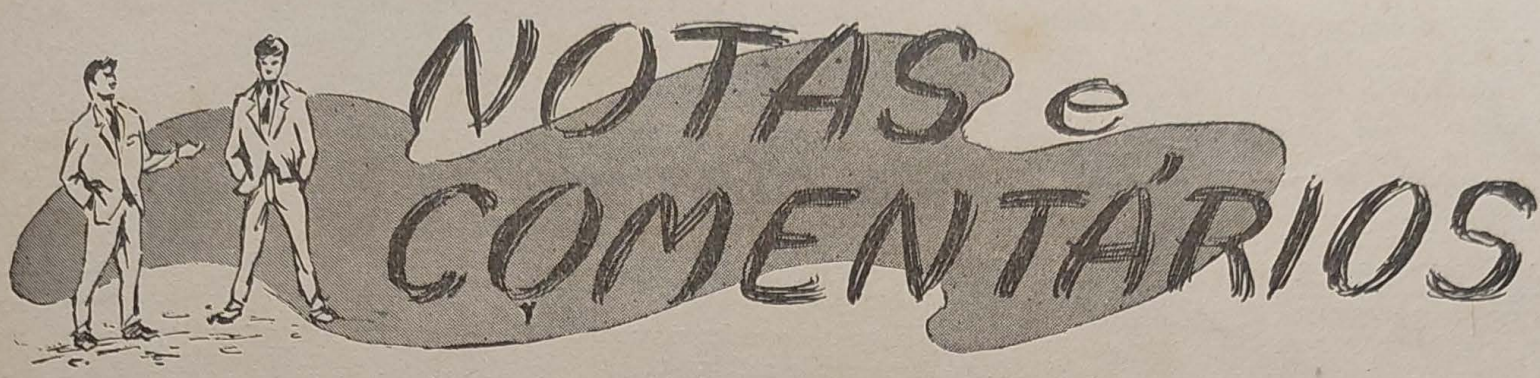
Na verdade, milhões de pessoas tiveram ensejo de apreciar, na televisão, as cenas tristes relativas à sessão comemorativa, onde o presidente da câmara e outros deram o seu adeus de despedida.

Two Worlds, no intuito de elucidar os habitantes de Lewisham e dos subúrbios, e algumas famílias enlutadas acerca dos ensinamentos directos que o Espiritismo pode oferecer em guisa de conforto espiritual, vai realizar no dia 29 de Janeiro uma importante sessão de clarividência com os famosos médiuns Helena Hughes e José Benjamim, na Câmara Municipal da cidade.

O Centro Espirita de Lewisham (Lewisham Spiritualist Church) ofereceu-se imediatamente para cooperar neste serviço. Os presentes terão assim possibilidade de fazer inquirições pessoais.

Estamos convencidos de que a ideia é oportunissima e dará grandes frutos entre as famílias que perderam os seus entes queridos.

O Espiritismo é doutrina que se não limita à exposição de conceitos. Procura demonstrar a verdade da sobrevivência. Nisto reside a sua grande força. É que, perante a morte, os mais fortes fraquejam e os próprios cientistas ficam, por vezes, desorientados.



«A VOZ DAS GALERIAS»

A Nova Era, de Franca, Estado de São Paulo, publicou um artigo de José Russo intitulado «A Voz das Galerias», no qual transcreve grande parte do que escrevemos acerca dos críticos que aparecem nos carros triunfais, como de cogumelos após as primeiras chuvas.

José Russo é plumitivo desassombrado que se lê com grande prazer. Sabemos que atrás daquelas palavras se alteia uma figura de bronze servida por vontade sem limites. Vimo-lo em Franca, à frente da Casa de Saúde «Allan Kardec», onde há muitos doentes mentais, no Albergue Nocturno e no Centro Espirita «Judas Escariotes», obras magníficas que o retratam. E por isso os seus queixumes são compreendidos por todos nós.

A voz das galerias está nos derrotistas que buscam as pequeninas falhas para destruir as grandes obras, «uma espécie de fiscais gratuitos empavonados», como lhes chama o articulista, mas incapazes de qualquer obra de valor. São mestres de obra feita, querem repousar à sombra dos louros alheios e criticam pelo prazer de criticar.

Conhecemos essa fauna espúria, conhecemos a sua empáfia e a burundanga que levam no alforge. Dizem «se eu fosse ministro...», «se eu fosse presidente...», «se eu fosse director...», porque nunca poderão ser directores, presidentes ou ministros. Nunca serão nada, porque o ofício de mau crítico os anula na ordem científica, na ordem filosófica, na ordem material.

Ninguém foge ao seu ariete. Não sabem escrever uma peça e são críticos de teatro. Nunca desenharam ou pintaram e fazem de sapateiro de Apeles. Abrem uma revista, folheiam-na, passam a vista pelos títulos e põem-na de lado com um «não presta» sonoro.

Não são engenheiros e dizem mal da Engenharia; não são compositores e dizem mal das partituras. Donos de um senso mais alto, têm a vida na mão e tudo há-de girar à volta da sua sombra. E quando os não chamam oferecem a colaboração para melhor criticar...

A voz das galerias instalou-se na humanidade e ninguém a fará calar, por mais arietes, por mais rolhas que tiver ao seu alcance.

Não nos interessa a galeria nem a sua voz. O que nos interessa é o silêncio operoso, que fala quando anuncia uma obra, que medita nas ideias para as transformar em actos. Este é que interessa a José Russo, provedor de Casa de Saúde e benfeitor da sociedade numa cidade paulista; este é que interessa aos homens sérios, brancos, pretos, amarelos, viajores ou construtores, estejam onde viverem, no fundo das minas ou no rumo das águas, na fábrica ou no campo, na escola ou no hospital.

DOIS LIVROS

A literatura espirita brasileira voga em maré auspiciosa. Raro é o dia em que não surge uma afirmação nova. É o despontar de um ciclo que se nos afigura grande, em relação ao que já conhecemos com este qualificativo.

O Dr. Carlos Imbassahy, indiscutìvelmente o maior escritor espirita de além-mar, assinalou a passagem do centenário do «Livro dos Espíritos» com uma obra biográfica: «A Missão de Allan Kardec».

Em realidade, nada melhor podia ter sido feito do que reconstituir uma vida que se projectou no tempo como símbolo de progresso.

«O Livro dos Espíritos», embora seja obra de invisíveis, pelos ensinamentos que o informam, tem a marca indelével de Kardec, génio realizador que ninguém poderia exceder em lógica e bom senso.

O Dr. Carlos Imbassahy mantém-se em nível superior neste ensaio a que Argus fará merecida referência. Não se limitou a fotografar ou a desenhar a figura. Realizou obra psicológica e enquadrou o Mestre numa época histórica, com propriedade e honestidade. Imbassahy é sempre honesto. Dá o seu a seu dono e até o que tem distribui a mancheias. Fica pobre na aparência, mas no fundo aumenta o pecúlio mental. Já se não pertence. E quando o escritor é arrebatado do seu tugúrio, quando é transcrito mundo em fora por outros que o conceituam em termos de valor, não precisa de mais nada. É como os poetas, cujos versos andam na boca do povo. Ao fim de algum tempo perdem o nome. É a maior glória perder o nome. A obra é que se lega, porque fica a assinalar o facto.

Outro livro é de José Russo, de quem falamos acima. Intitula-se «Pedras no Caminho» e é constituído por uma série de crónicas publicadas em A Nova Era, que se lêem com grande aprazimento. José Russo já publicou «Túmulo de Vivos» e «Herança do Pecado», ambos de êxito magnífico. O produto destas obras beneficiou a Casa de Saúde «Allan Kardec», de que é provedor, e o mesmo sucederá à que acaba de publicar e que merecerá igualmente do nosso crítico palavras de análise imparcial.

O CAVALEIRO-FANTASMA

O Daily Mirror, de Londres, referiu-se há pouco a um cavaleiro-fantasma que em certas noites de luar assombrou Wombourn e Trysull, arredores de Staffordshire, destruindo sebes e valados.

A Junta de Freguesia da primeira localidade declara que o cavaleiro é realmente fantasmático e não um ser humano susceptivel de capturação policial.

Por sua vez, o sr. Robert Campbell disse à referida Junta que não valia a pena requerer a captura do fantasma, acrescentando:

— Tenho razões para crer que se trata de um fantasma, pois ouvi um cavalo a correr ao longo do canal em noite de neblina e nenhum homem podia correr a tal velocidade numa estrada perigosa como aquela.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

O Espiritismo é para vivos e não para mortos, eis o que tantas vezes temos afirmado nestas colunas, dizendo o nosso Presidente que é preciso que os novos entrem no movimento, arejando e engrossando as fileiras com o seu dinamismo, com a sua vitalidade, com os seus conhecimentos.

Pois no passado domingo, 12 de Janeiro, um jovem surgiu! Trata-se do sr. Coelho de Sousa, entusiasta naturista e espiritualista e defensor da arte da subjugação dos sentidos (ilusionismo) que estuda e pratica desde os 12 anos, tendo já realizado neste campo muitos espectáculos públicos com êxito assinalável.

Ante uma assistência curiosa, o sr. Coelho de Sousa desenvolveu o tema «Em Torno do Homem», de forma metódica, precisa, entusiástica, cheia de espiritualidade e elevação.

Citando Ramatís, Pietro Ubaldi, Costa Cabral e Ramos Pereira, mostrou que o homem só pode evoluir e afastar-se dos planos inferiores através de uma reforma na vida física e particularmente na vida espiritual.

Isidoro Duarte Santos, que presidiu, secretariado pelos Drs. Adriano de Oliveira e António Cardoso, congratulou-se com esta estreia e afirmou que outras se sucederiam brevemente para que a Causa Espirita se dignificasse e expandisse cada vez mais.

LAR DE JESUS

A nova Directoria do Lar de Jesus, de Nova Iguaçú, ficou assim constituída:

Presidente — Atlas de Castro.
Vice-Presidente — D. Olga Moreira.
1.º Secretário — João Martínez Armada.
2.º Secretário — António Ferraiuolo.
Tesoureiro — Renato de Sousa.
Vogais — D. Laura Babo e Elpídio de Araújo.
Comissão Fiscal — Waldemiro de Faria Pereira, Carlos Augusto de Carvalho e Newton Gonçalves de Barros.

Aos novos semeadores, os nossos cumprimentos de saudação.

CORRESPONDÊNCIA

Avisamos os nossos correspondentes que devem fazer acompanhar a correspondência de 2$50 em selos de correio, sempre que solicitem qualquer esclarecimento de seu interesse.

COLECÇÕES DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Temos em depósito alguns exemplares de *Estudos Psíquicos* encadernados em percalina, que cedemos aos seguintes preços:

1.º vol.	120$00	9.º vol.	100$00
2.º »	120$00	10.º »	100$00
3.º »	120$00	11.º »	95$00
4.º »	95$00	12.º »	95$00
5.º »	95$00	13.º »	95$00
6.º »	95$00	14.º »	95$00
7.º »	100$00	15.º »	95$00
8.º »	100$00	16.º »	95$00

CENTRO «HACIA LA VERDAD»

Do Centro Evangélico Espiritual «Hacia la Verdad», de Montevideu, Uruguai, recebemos amistosa carta com abraços fraternos e verdadeiro incitamento à Cruzada do Bem.

É com o maior prazer que retribuimos os seus votos de progresso espiritual. Aos subscritores Aurora A. de los Santos, Baltazar Silveira e António Nicolini, os nossos agradecimentos.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE FEVEREIRO DE 1958

Grupo Reper-Siam

Todas as 5.as feiras, às 21.30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 2, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 7, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 9, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 11, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 14, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 16, domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «As Forças Ocultas do Homem».

Dia 21, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo .Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 23, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 25, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 28, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 2 de Março, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 7 de Março, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 9 de Março, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Os Fenómenos Telestésicos».

Dia 11 de Março, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos que agradecemos:

Mês de Janeiro — F., 20$00; C., 5$00; Eugénio da Costa Morgado, de Aveiro, 30$00; I. S., 20$00; Cristiano de Almeida, de Nelas, 30$00; D. Palmira Monte e Freitas, 10$00; Alfredo Cavalheiro, 100$00; A. L., 10$00; V. L., 10$00; A. G., 10$00; António dos Santos Almeida, 15$00; D. Margarida Fonseca Brito, 20$00.

Total — 280$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estado da Doutrina Espirita	15$00
A Prece	10$00
Espiritismo	15$00
O principiante Espirita	15$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 42$00	30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 42$00	30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 42$00	30$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 42$00	30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	25$00
Depois da Morte (nova edição)	40$00
O Porquê da Vida	20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	40$00
No Invisível (nova edição)	45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	45$00
A Evolução Anímica	42$00
O Fenómeno Espirita	40$00
A Alma é Imortal	45$00
A Reencarnação	45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	20$00
Enigmas da Psicometria	25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	32$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	20$00
Xenoglossia	25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	30$00
Casas Mal-assombradas	40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	60$00
Narrações do Infinito	25$00
Urânia	35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00	25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00.	30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís*	35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel*	60$00
Pão Nosso, pelo Espírito de Emmanuel	35$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	25$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	30$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	40$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	30$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	35$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 45$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espíritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	25$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espíritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	25$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	25$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	25$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley*. Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	60$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	60$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espíritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	20$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	120$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*. Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	30$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof*. Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	70$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	25$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM:

Esclarecimento, da **Redacção**; História da Maternidade «Casa da Mãe Pobre», por **H. Magalhães**; Exercício da Actividade Espirita, pelo **Dr. Paulo Hecker**; Que é o Espiritismo?, por **Achille Biquet**; Mensagens Recebidas no «Grupo da Humildade; Amar é Viver; Saudação; Oração Gratulatória, pelo **Marechal Mário Travassos**; A Mulher Adúltera, por **Manuel de Sousa**; O Militar e a Religião, por **Luís António Milleco**; Ecos de Uma Viagem — XXXV — Uma Visita a Sabará, por **Isidoro Duarte Santos**; Dois Poemas de **Rocha de Sousa**; A Mulher Contemporânea, por **Adelaide Ivone de Sousa**; As Regras de Saúde de «André Luís; Apologia da Prece, por **Alfredo Miguel**; A Ovelha Perdida, por **Octávio de Marialva**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

O Dr. Celso Cardão, o Prof. Magaldi, Isidoro Santos e o Dr. Amadeu Santos junto ao chafariz de duas bicas, em Sabará

(Ver pág. 80)

19.º ANO — MARÇO DE 1958 — N.º 3

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos*, *Deolindo Amorim*, *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*, *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*, *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Não se devolvem originais

Os artigos são da responsabilidade dos autores

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros. *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

19.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1958 — N.º 3

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

ESCLARECIMENTO

Os órgãos de informação proliferam no campo espirita. Arroteada a gleba, espalha-se a boa semente. É momento que se não deve perder. Semear fora de tempo é esforço ingrato, para não dizer inútil. Os semeadores sabem-no; e por isso vigiam as estações e as fases da lua. Quem ignora a climatologia não pode semear com proveito.

Mas os órgãos de informação, já muitos e variados, devem esclarecer o público, sem o induzir em erro. Enganá-lo, a pretexto de escudar a causa, é mil vezes pior do que veicular uma verdade triste. Lá diz o prolóquio: «Quem não deve não teme».

Quem engana o povo engana-se a si mesmo, porque a mentira é bloco de gelo ou fogo de palha velha. Não resiste ao sol nem à chuva. Uma criança a domina. Basta dizer a verdade.

Mas há verdades que não devem dizer-se. Se prejudicarem totalmente, se não contribuirem para sanear ou prevenir maus acontecimentos, não merecem divulgação. É melhor o silêncio.

A doutrina exige prudência, exige aprumo, exige vigilância de pensamentos. Exige, principalmente, correcção para com os adversários. Para exaltá-la é desnecessário atacar as outras. «Quem semeia ventos colhe tempestades».

Há jornalistas que pensam diferentemente. Donos dos seus órgãos, trilham caminho discricionário, sem atender ao bom senso. Conhecemos alguns assim. Zurziram a torto e a direito, na mira do escândalo, e depois sumiram-se pelo buraco do ponto, antes do pano descer. O público não gostou. E quando não gosta, manifesta-se. No Japão volta as costas ao palco. Em Portugal e Brasil falam os «calcantes», mas o resultado é o mesmo.

A função é esclarecer. Quem fala e não esclarece, é melhor calar-se, para bem de todos. Neste pensamento enquadram-se oradores e escritores.

Um editorial não é efeméride, não é notícia que se ponha de lado após a leitura. Um editorial é esclarecimento, é orientação doutrinária. Diz respeito a muitos ou a poucos. É facho que se ergue para guiar alguém.

A opinão das massas deve ser dirigida em plena liberdade, com diplomacia, com prudência, de maneira que as ideias se encontrem e sejam ampliadas. Nem os loucos as poderão apontar, como disse Madame *Roland, nem os sábios as julgarão. E a discussão não convém muito a quem difunde as ideias. Alexandre Dumas Filho emitiu um dia o seguinte conselho: «Nunca discutam, porque não convencerão ninguém. As opiniões são como os pregos: quanto mais se lhes bate, mais se cravam». E ás vezes era mais preciso cravar ideias do que opiniões vazias. Estas é que são dignas de combate, por contrárias à realidade; e a imprensa é um poder mental que não deve atraiçoar a sua missão.*

Quem orienta nem sempre obedece às simpatias individuais, mormente quando ao serviço de uma ideologia. Então os juízos serão contingentes. Haverá integração ou assimilação transitória. Quando se fala como espiritista exprime-se opinião pessoal que pode divergir de quando se fala como dirigente. Seja, porém, como for, o que é preciso é coerência, honestidade, pudor jornalístico, moeda que não corre todos os dias, ao contrário da moeda falsa que ergue altares no coração humano, enquanto a Justiça não «estende sobre ela a mão pesada».

O sector espirita requer esclarecimento e quem o tiver é que o pode dar. Não sabemos quem seja. Mas, se pelo fruto se conhece a árvore, a consciência terá o problema resolvido. Escolherá sem custo e sem medo de laborar em erro.

Venham órgãos de informação que saibam esclarecer e guiar. A causa necessita deles a cada instante. Na prática e na teoria.

HISTÓRIA DA

Maternidade "Casa da Mãe Pobre"

(FRUTOS DE UMA IDEIA)

Por H. MAGALHÃES

III

O PODER DA FÉ

Não foi sem razão que o companheiro Nilo Silva escreveu e levou à cena com absoluto sucesso uma peça teatral com esse título, cujos proventos foram encaminhados ao cofre da «Casa da Mãe Pobre». Isso passou-se em 26 de Maio de 1938 e teve por motivo não só fortalecer as finanças da Instituição, mas principalmente para encorajar os que estavam à frente do empreendimento e de outros análogos, isto é, de outras casas de caridade.

A PLANTA E INÍCIO DAS OBRAS

Quando a Instituição já possuía determinada importância monetária mandou a Directoria elaborar a planta do Hospital.

Inicialmente, esse projecto aproveitava a Casa velha existente, mais uma parte a construir, nos fundos e para o lado, em forma de L: como ainda hoje se encontra em dois andares. Pronto esse projecto e aprovado, deu-se andamento às obras.

Estavam as mesmas em execução, quando o Director José Barbosa do Nascimento informou que o Sr. Gama de Paula, ilustre arquitecto, tinha oferecido seus serviços gratuitos à Instituição.

É necessário informar que as obras iniciais estavam sendo dirigidas pelo construtor José Pereira de Oliveira, recebendo, como salário, sòmente pequena parcela, para a condução.

Foi uma cooperação directa e muito valiosa, de vez que economizou para a Casa muitos milhares de cruzeiros.

Tendo adoecido, já quase no final das obras, sucedeu-lhe seu filho, Manuel Pereira de Amorim, espírito prático e muito inteligente, o qual, como bom mestre-de-obras, ultimou a construção.

Resolveu pois a Directoria aceitar os bons ofícios do Sr. Gama de Paula, dada a sua técnica em obras desta natureza.

Na primeira visita que o Sr. Gama fez à construção notou desde logo o erro em que estávamos incorrendo, ao aproveitar uma Casa velha, com paredes de 0,75 cms. de espessura, além de outros defeitos originais, e ofereceu-se para fazer nova planta que atendesse melhor aos fins a que se destinava.

Elaborado o novo projecto, foi aprovado desde logo, mas notou-se a exiguidade do espaço para a Lavandaria Mecânica. Entrou-se posteriormente em negociações com o vizinho dos fundos e comprou-se-lhe uma nesga de terreno que tinha a mesma largura do da Maternidade (22 metros lineares — por 12 de profundidade. Ao todo, 264 m²).

Essa aquisição ficou por CR$75.000,00 (setenta e cinco mil cruzeiros). Nesse terreno instalaram-se as duas caixas de água subterrânea e suspensa, com capacidade para, 50.000 e 30.000, respectivamente; ao todo 80.000 litros; lavandaria, casa da caldeira, almoxarife, despensa e creche.

Esse projecto continha dois andares, representava um esboço (não a planta definitiva) e comportava 20 leitos destinados às parturientes pobrezinhas e 6 quartos para pagantes.

Na volta da reunião e já no bonde, o cidadão que aqui aparece como companheiro X pediu ao Sr. Gama se ele poderia, a título de sugestão e estudo, aumentar mais um andar à planta.

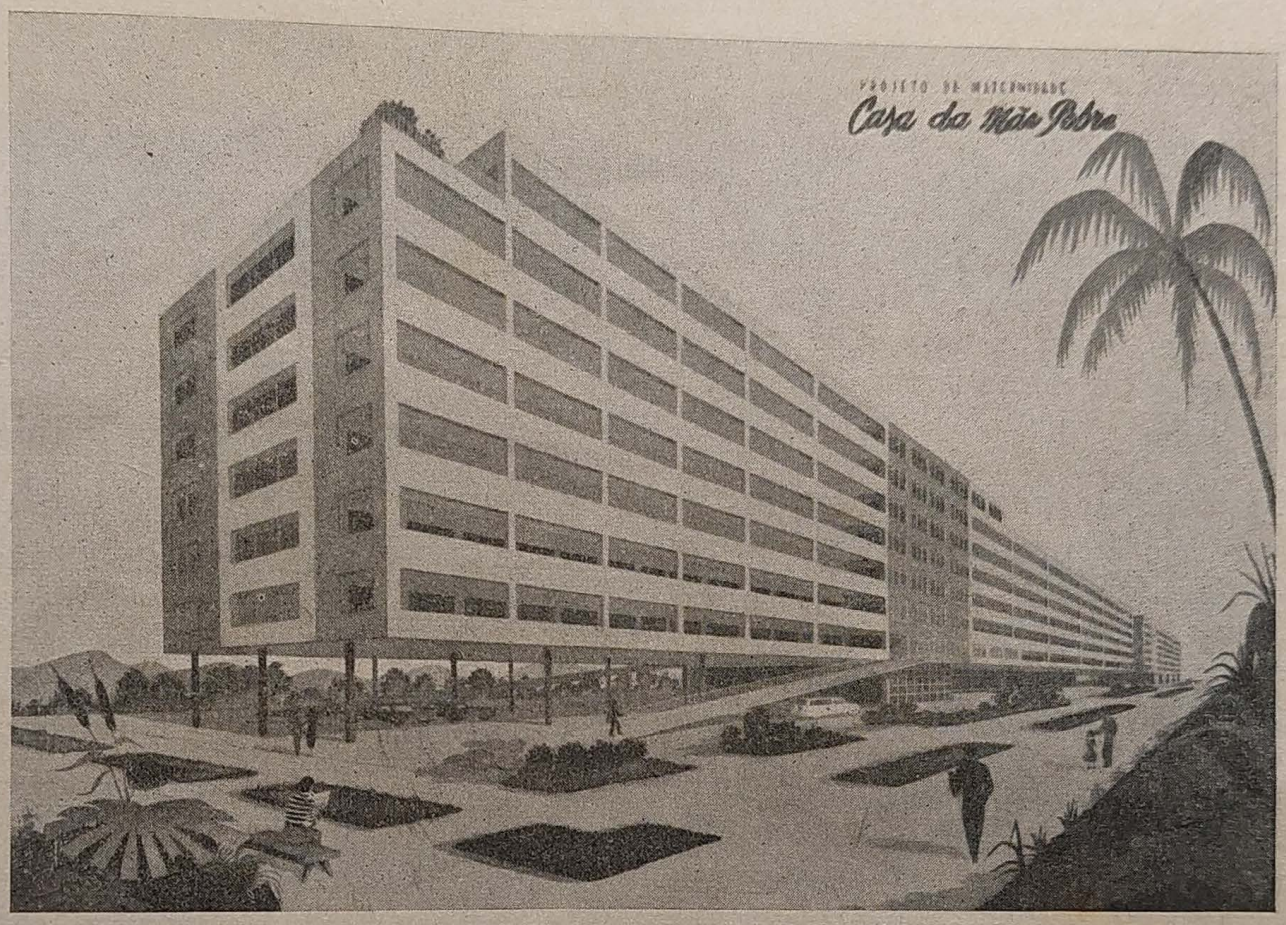
O raciocínio que este Director fazia era que, com três andares, podia-se aumentar para 43 leitos a capacidade para as pobrezinhas e as parturientes particulares para dezanove quartos. O aumento das acomodações para as pagantes aumentaria as possibilidades de uma renda maior, para auxiliar a manutenção das parturientes gratuitas.

O Sr. Gama anuiu ao pedido e na reunião seguinte levou a planta com os três andares.

Houve indecisão de alguns Directores, devido ao vulto que as obras iam tomar, mas, dadas as considerações emitidas, foi o projecto aprovado, com aplausos gerais.

As obras prosseguiram e aproximavam-se do fim. Nenhum de nós possuía luzes sobre equipamento hospitalar, pormenor de real importância na vida de um hospital.

Morava nas proximidades o Sr. Cordovil de Oliveira, adido ao Departamento Hospitalar da Prefeitura do Distrito Federal. Inteirou-se esse senhor do destino daquela obra e dos motivos da Instituição. Entrou para sócio contribuinte e ofereceu os serviços gratuitos de um grande técnico da Prefeitura em assuntos hospitalares. Tratava-se do Dr. Luís Adolfo Magalhães, Engenheiro do Departamento Hospitalar da Prefeitura, a quem estava afecta toda a responsabilidade da conservação, aumentos, obras e equipamentos, dos Hospitais da Prefeitura.



Perspectiva da frente (lado direito) da futura Maternidade «Casa da Mãe Pobre»

Dessa forma e inesperadamente vinha ao nosso encontro o técnico que nos faltava para complemento do Hospital.

A propósito do auxílio enviado por Deus aos homens de boa vontade, nos momentos em que se faz necessário, falamos noutro capítulo. Este episódio é um exemplo vivo do que ali afirmamos.

Foi de grande valia o auxílio do Dr. Luís Adolfo Magalhães.

A este distinto e operoso Engenheiro e ao valoroso Arquitecto Gama de Paula, muito deve a Maternidade «Casa da Mãe Pobre». Neste singelo relato agradecemos o valoroso trabalho desses abnegados Companheiros.

COOPERAÇÃO

Entre os auxílios recebidos, durante as obras, temos a assinalar CR$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros), do saudoso Sr. Manuel Jorge Gaio, importância doada em três fases sucessivas, e outros CR$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros), doados pelo Sr. Mário de Almeida, o qual ainda conseguiu de seus amigos mais CR$ 63.000,00 (sessenta e três mil cruzeiros).

Computando o valor do cruzeiro, em 1946-47, verifica-se que essas duas criaturas tiveram relevante cooperação na construção do Hospital da Maternidade «Casa da Mãe Pobre».

Deus abençoe os seus esforços em prol da humanidade e os proteja sempre, com a sua magnanimidade.

LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA

Mais ou menos quando as obras do Hospital iam na sua primeira metade, um director da Instituição lembrou-se de pedir auxílio à Legião Brasileira de Assistência.

A pessoa que atendeu informou que fosse

instruída a petição com plantas e outros documentos complementares, o que foi feito.

Esse pedido ficou engavetado, sem maiores consequências, chegando um funcionário daquela Instituição a informar que nada podiam fazer pela Maternidade, desaparecendo, portanto, toda a esperança de auxílio.

Ficou a Maternidade, pois, no esquecimento.

Três anos depois é mudada a Directoria da L. B. A., indo para a Presidência o saudoso Dr. Rocha Miranda.

Estavam nessa altura as obras da Casa da Mãe Pobre em vias de concluir-se quando, um belo dia, recebemos a visita de uma funcionária daquela Instituição, informando que a nova Directoria da L. B. A. mandara examinar todos os processos pendentes e desentranharam duma gaveta a petição da Casa da Mãe Pobre, recebendo por isso a incumbência de fazer uma visita à Maternidade, para informar sobre o caso.

A sua impressão foi além da espectativa, do que resultou uma valiosa informação, dando em resultado a que o Dr. Getúlio, médico da Legião, procedesse a nova sindicância.

Este médico reforçou o relatório daquela funcionária e recomendou fossem doados à Casa da Mãe Pobre, CR$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros).

O seu relatório, no entanto, provocou a sindicância de outro colega, o Dr. Monis de Aragão, e este fez tal elogio à Maternidade, que o Dr. Hermes Bartolomeu, então Assistente do Presidente daquela Instituição de Assistência, decidiu recomendar que o auxílio fosse aumentado para CR$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros).

Chegando o processo às mãos do Dr. Rocha Miranda, fez este um estudo aturado do relatório, resolvendo então visitar em pessoa a Maternidade «Casa da Mãe Pobre».

Quando aquela alta autoridade chegou à Instituição as obras estavam pràticamente terminadas, faltando sòmente alguns retoques na pintura.

O Presidente da Legião Brasileira de Assistência ficou tão entusiasmado com o que observou, que resolveu, ali mesmo, dentro da Casa da Mãe Pobre, elevar o auxílio para CR$ 750.000,00 (setecentos e cinquenta mil cruzeiros), a fim de auxiliar a aquisição do equipamento hospitalar e mais CR$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros), em lençóis, fronhas e toalhas.

Essa dotação substancial abreviou a inauguração da Maternidade, pelo menos em um ano.

Como gratidão ao gesto dignificante, vem a Maternidade, desde a sua inauguração, assistindo às gestantes e parturientes enviadas por aquela Casa de Assistência, apesar dos auxílios posteriores da L. B. A. à Casa da Mãe Pobre se terem reduzido ao mínimo, até ao ano de 1955.

PUPILEIRA (CRECHE)

No estatuto da Maternidade há um artigo, segundo o qual poderia ser inaugurada o mais depressa possível uma Pupileira, para agasalhar crianças pobres durante o dia, possibilitando o trabalho diurno às suas mães.

Logo no segundo ano de suas actividades hospitalares, ou seja, em 1950, e embora a Directoria lutasse com dificuldades, resolveu inaugurar aquele Departamento, que tem funcionado regularmente até à data presente, sob a orientação da Legionária D. Edite de Carvalho, auxiliada por suas dignas Companheiras.

PRÉ-NATAL

De acordo com o Estatuto, mantém a Casa da Mãe Pobre os serviços de Pré-Natal, a partir do 3.º mês de gestação, como preventivo necessário e profiláctico às mães sem recursos e também para prevenir mortes prematuras, tão comuns, infelizmente, nas classes menos favorecidas.

PRÉDIO N.º 18 DA RUA FREI PINTO

Possìvelmente no ano de 1949 recebemos a visita de D. Alda Caminha, senhora culta e virtuosa, que solicitou licença para percorrer o hospital. Satisfeito o seu desejo, mostrou-se encantada com o que viu e explicou os motivos que a levaram à Instituição. Contou então que numa sessão espirita, o espírito que atendia pelo nome de *Pai João* aconselhou-a a trabalhar em benefício da Maternidade Casa da Mãe Pobre.

Terminada a reunião perguntou aos outros componentes do grupo se sabiam onde estava localizada a Maternidade. Ninguém infor-

mou, porque não tinham conhecimento de sua existência.

Será que *Pai João* se enganou desta vez? — monologou ela, de si para si! No dia seguinte lembrou-se de procurar na Lista Telefónica, na suposição de que a Casa deveria possuir telefone, e achou o que procurava.

— Eis o motivo, declarou ela, por que me encontro aqui.

Estabeleceu-se animada e amistosa palestra entre ela e um Director da Instituição. No final, D. Alda declarou que se achava ao nosso inteiro dispor, para trabalhar de algum modo pela Casa da Mãe Pobre.

Passaram-se alguns meses, quando a Maternidade foi solicitada pelo Departamento Nacional da Criança para tomar parte numa grande Campanha Financeira, convite esse feito por intermédio do Dr. Clóvis Correia da Costa, que muito trabalhou para esse fim.

D. Alda entrou desde logo em acção, requisitando as suas amiguinhas para trabalhar em benefício da Maternidade e da infância desvalida.

Foi um trabalho admirável e sem precedentes, pois rendeu a elevada soma de CR$ 380.000,00 (trezentos e oitenta mil cruzeiros). Naquela época era algo de grandioso. Foi um trabalho abençoado e jamais esquecido.

Em nossas preces sempre pedimos a Deus proteja e abençoe aquelas abnegadas criaturas.

As finanças da Instituição achavam-se equilibradas.

Começámos a trocar ideias sobre a aplicação daquele dinheiro, quando surgiu à venda o prédio ao lado da Maternidade, ou seja, Rua Frei Pinto n.º 18, com 13 metros de frente por 37 de extensão.

Entabularam-se negociações e comprou-se a propriedade por Cr$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil cruzeiros), onde mais tarde se instalou o anexo da Maternidade.

DR. CLOVIS CORREIA DA COSTA

Desde a fundação da Casa da Mãe Pobre, o Dr. Clóvis Correia da Costa foi escolhido seu Director Técnico. Ginecologista de vastos recursos, um dos mais afamados do Brasil nessa especialidade, emprestou o nome e a valiosa influência à formação da Casa da Mãe Pobre. Foi esse grande vulto da ciência que organizou os serviços hospitalares da Casa, organização que perdura até aos dias de hoje.

Em meados de 1949 surgiu a primeira grande crise da Instituição. Dizemos primeira, porque crises outras, tremendamente avultadas, têm varrido a Casa da Mãe Pobre, deixando sulcos profundos.

Os seus alicerces têm-se mantido firmes, graças à Misericórdia Divina. Não fosse essa protecção e a Casa da Mãe Pobre não poderia perdurar.

No auge dessa grande crise financeira e devido a um mal entendido entre a Directoria da Casa e o Dr. Luís Alfredo, muito digno filho do Dr. Clóvis e seu representante directo na Casa da Mãe Pobre, desligou-se da Instituição essa dinâmica criatura, levando consigo todo o corpo médico que trabalhava na Maternidade.

Foi um incidente lamentável e que muito chocou todos os componentes da Directoria.

Ao Dr. Clóvis Correia da Costa sucedeu outro ginecologista de grande valor, o Dr. Oswaldo Nazaré.

FESTA DA ROSA

A crise que então atingiu a Casa ameaçava de perto sua estrutura económica, levando a Directoria a profundas meditações.

Resolveu-se, por fim, numa reunião conjunta da Directoria e da Legião Protectora da Mãe Pobre, levar-se a efeito uma grande festa que se denominou: «Festa da Rosa».

O resultado dessa festa e das que se seguiram nos anos seguintes foi altamente compensador e fortaleceu consideràvelmente as finanças da Instituição.

(A concluir)

AOS ASSINANTES REPRESENTANTES BRASILEIROS

Rogamos o favor de procederem à liquidação das assinaturas; os primeiros, aos representantes autorizados, cujos nomes e endereços se encontram na segunda página da capa desta revista, e os segundos enviando o numerário ao nosso representante no Rio, António J. Monteiro, Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja — Ponte dos Marinheiros.

Desde já agradecemos.

EXERCÍCIO DA ACTIVIDADE ESPIRITA

Pelo Dr. PAULO HECKER (correspondente em Porto Alegre)

II

CARGOS ELECTIVOS

Não se diga que um espiritista não deva aceitar investiduras políticas. Ao invés, necessita das mais elevadas posições e das cátedras, para dessas altitudes pregar com desassombro as verdades eternas que desvendou. O que se tem de evitar é que os candidatos se alcandorem com o manto espiritico para pleitearem posições electivas de governo. Subam alteados pelos seus méritos, reconhecidos pelas massas eleitoras capazes de os imporem preferencialmente; nunca, porém, guindados pela só circunstância de serem espiritistas, ou pelo engodo de que, nas assembleias governamentais, a grei necessite de representante directo.

O Espiritismo ciência e filosofia é obra do Mundo dos Espíritos, e não do homem, nem de grupos de homens. Por ser árvore plantada por Deus influirá na direcção política dos povos, demonstrando que todos têm que realizar a sua destinação, aperfeiçoando-se individual e colectivamente, para evitar o predomínio de uma classe sobre outra.

Os partidos devem gozar de perfeita igualdade de direitos, de modo que se erija em princípio constitucional comum esse de que seja qual for o partido que vença nas urnas, uma vez alteado à posse do governo, poderá manter os ideais programáticos da facção que representam, mas não se valer propotentemente da situação ocasional, para ferir interesses de outrem em benefício de companheiros.

Os governantes foram elevados à curul do comando para dirigirem todos os governados e não para favorecerem os que directamente, pelo voto, os elegeram.

O Espiritismo no sector político e social terá que efectuar a obra imensa de amparo organizado aos pobres e infelizes, de maneira que sejam garantidos pelo Estado através de organizações assistenciais e de previdência capazes de diminuirem o infortúnio humano, assegurando de preferência os que se não podem defender, como a criança, as gestantes, a mãe e o velho.

Os espiritistas, expandirão individualmente suas virtualidades anímicas e os núcleos espiríticos propagarão, exemplificando os primados ímpares do Espiritismo, a fim de que todos se avantagem dilatando horizontes para propiciarem a efectivação do progresso geral.

IMPRENSA ESPIRITA

As revistas e os jornais doutrinários são tribunas livres de difusão consciente do Espiritismo, em que a responsabilidade dos artigos assinados pertence privativamente aos seus firmatários,

Com rigorismo plausível permite-se a não inclusão de escritos contrários aos pontos cardiais da Doutrina, pela óbvia razão de que as colunas dos órgãos espiritas são feitas para difundir o Espiritismo por todos os prismas e não devem agasalhar discussões, sempre estéreis por degenerarem em polémicas, nem propagar ideias opostas às suas.

Entre os adeptos, porém, a liberdade na manifestação do pensamento deve ser completa, de vez que as intenções que os movem são as do bem-estar colectivo e da pureza do corpo doutrinário que abraçaram e defendem. Proceder diferentemente equivaleria à implantação da prevalência de pontos de vista de pessoas ou de grupos, o que é prejudicial e deve ser reprimido no campo espirita por todas as forças válidas e esclarecidas.

As teses doutrinárias merecem versadas com probidade, elevação de pensamento e de linguagem. Cérebros ventilados precisam meios livres de expansão, desde que guardem o devido respeito pela maneira alheia de pensar, mesmo que lhes pareça errada e ainda que, de facto, o seja.

Censurar trabalhos assinados por confrades estudiosos, não os publicando, significa proclamar que os que os censuram julgam-se superiores a eles, mais capazes e competentes.

A situação ocasional de se estar dirigindo um periódico espirita não dá aos seus mentores o direito de se suporem corifeus de uma Doutrina que se singulariza pela tolerância. As ideias ventiladas diferentemente fazem ressaltar erros ainda não afastados e combatem hábitos infensos à lógica e à verdade. Tudo gravita para a unidade que é Deus, mas pela multiplicidade, que é factor diário de progresso.

Os órgãos oficiais das entidades norteadoras do Espiritismo estão obrigados, em seus editoriais, a indicar o que pareça mais acertado aos seus directores. Por isto mesmo, mais possível lhes será publicar outros trabalhos, porque quando se examinam diversas produções sobre idênticos temas fácil é escolher a melhor.

Entre duas construções, uma alterosa e moderna, edificada com todos os requintes da arquitectura, e a outra, arcaica e sem os requisitos da primeira, não há quem prefira esta àquela.

Um espiritista cordato respeita o direito alheio de livre escolha, facultando o que de si dependa para o exame detido dos seus prismas individuais, comparando-os com outros diversos e sobre o mesmo assunto, para que a liberdade de externação do pensamento não fique cerceada por pessoas ou comissões que nem sempre estão à altura de julgar os trabalhos que lhes sejam apresentados, principalmente se o fizerem em nome de uma doutrina evolucionista, generosa e liberal.

A boa imprensa deve ser esclarecida e moderada, inspirando-se em liberdade, moralidade e tolerância.

É lacrimável verem-se periódicos de propagação espirítica com ataques aos outros credos, às vezes irreverentes, deslembrados de que ninguém acredita no que quer, porém apenas no que pode e que se não pensa consoante se deseja, mas como realmente se é capaz de pensar.

Pior, ainda, dá-se quando não dispensam a atenção devida ao vernáculo, permitindo que circulem artigos escritos em português ilegível. Até as grandes ideias morrem, quando sufocadas por uma forma errada. A forma e o fundo juntos integram o trabalho. Uma

jóia legítima passa por falsa, se apresentada em mau estojo.

Na acção, não bastam intenções boas, prevalecem as obras. É preciso capacidade intelectiva para que alguém se abalance a vir à linha de frente versar de público teorias e ensinamentos transcendentes, sem adrede se ter aprestado para tão difícil mister e sem antes dominar os casos de que vai tratar.

Observadas essas normas gerais ditadas pelo senso comum e decorrentes da lógica, devem predominar no jornalismo a tolerância moralizada e a liberdade, contra quaisquer outros interesses.

PSIQUISMO EXPERIMENTAL

Preliminarmente, os trabalhos espiríticos requerem antecipada preparação por parte dos agentes terrestres, que devem estar familiarizados com a vida de além-túmulo e o mediunismo. Além de presidentes de sessões e médiuns aptos para a produção dos factos que procuram obter, é indispensável ambiente formal e sério.

Não basta ser crente sincero e honesto para se evocar a prerrogativa de dirigir sessões espiritas, nem que recados mediúnicos tenham feito a indicação. Estudos e experimentações especiais devem preceder à acção, assim como o conhecimento das obras fundamentais da Doutrina, sob pena de se prejudicar o chefe do grupo, nocivando aos médiuns e assistentes males de penosas consequênrias que não desejavam que acontecessem, e que não tiveram capacidade de prever para impedir.

Pessoas sensatas não lidariam com máquinas finas e complicadas sem conhecimentos minuciosos dos mecanismos em que iam actuar, embora estes sejam simples construções humanas. Bem mais grave é dirigir a máquina dianímica, complexíssima, feita por Deus, sem lhe conhecer o mecanismo de funcionamento e a influência deste sobre os factos pretendidos.

Ninguém tentaria pilotar um avião só por haver lido muito a propósito e visto outros pilotarem, pela óbvia razão de correr o risco de danificar o aparelho, sacrificando-se e aos companheiros que transportasse. Como operar com máquinas medianímicas sem se preparar para tanto, apenas induzido pelo fanatismo de supor que psiquismo experimental seja acto religioso e que os Céus lhe possam acudir, remediando-lhe as faltas e inaptidões?...

As experiências num laboratório de Física ou de Química não são mais científicas que as experimentações psíquicas, sendo, contudo, evidente que estas são muito mais difíceis que aquelas e exigem além de competência, subtileza.

Abusos e enganos tais inspiraram Moisés a proibir a comunicação com os mortos. É que o povo daquela época, 1500 anos antes da era actual, como o de hoje, não estava em condições de figurar como operador num laboratório de psiquismo experimental, denominado sessão espirítica, como não se acha apto para manobrar com os aparelhos laboratoriais dos físicos e químicos.

LEI DA REPARAÇÃO

A única lei natural realmente desvendada pelo Espiritismo, é a da reparação e consiste na contingência inevitável de ter o culpado de repor os equilíbrios que quebrou. Ninguém se escapa dessa consequência certa de seus actos. Quando acontece um mal, logo se pensa que deflui de falta anterior que se está resgatando pelo sofrimento.

Não é assim; as dores, às vezes, são misericordiosas advertências. Se Deus castigasse, produzindo padecimentose nos que erraram, era porque deixara de ser bom e omnipotente, de vez que eternizava o mal na criação, por não dispor de meios adequados para reconduzir seus filhos ao caminho e por isto recorria ao castigo.

Os que se desmandam ou extraviam estão obrigados a reparar o erro cometido ou a voltar para retomar o recto caminho. Dessarte, se um homem mata outro, não terá empós de ser morto, porque isto seria afirmar que a Divindade, para consertar um dos seus filhos, fazia com que outro se tornasse um criminoso e que, a seu turno, como seria natural, também devia morrer assassinado, e assim indefinidamente.

Quem contrai com a natureza a dívida de ter roubado uma vida, fica obrigado a salvar outra para reparar o mal feito.

É neste sentido que a pena de Talião é totalmente verdadeira e real. Os resgates devem ser feitos mais ou menos na mesma moeda, de sorte que quem rouba fica obrigado a repor as coisas de que se apropriou em espécie, ou em género, senão a prol do roubado, ao menos em favor de quem esteja delas em carência.

É o que ocorre entre os homens. Quaisquer danos que se causarem a terceiros deverão ser ressarcidos compridamente, estimando-se a indemnização em espécie ou em pecúnia, consoante o caso, circunstâncias e possibilidades.

O resgate pela reparação refaz o conceito integral da justiça divina; se realizado pelo castigo seria bárbaro e prepotente, revoltando em vez de corrigir.

Fora isto, pagar o mal com o bem é eternizar o bem universalmente, de maneira que, transpostos alguns milénios e dada a destinação comum de progredir sem cessar, o bem prevalecerá, não havendo mais lugar para medrar o mal. Então se compreenderá a necessidade de amar os inimigos, senão com ternura, ao menos fazendo-lhes o bem, já que se galgou o período em que se é capaz de proceder mal.

Tal conceito espirítico ensina a ver em Deus a equidade absoluta, a pureza superna, incapaz do mal ainda que indirectamente, sempre pai misericordioso, infinitamente justo, absolutamente bom, favorecendo suas criaturas com ocasiões novas para repararem os desequilíbrios produzidos, por destiná-las todas ao mesmo objectivo de perfeição.

(A concluir)

NATAL NA PRISÃO

Pelo espírito de UM POETA

Veio a carta de longe,
a carta infalível da mãe!
Mãe não esquece o filho
esteja ele onde estiver!

E o homem marcado na vida chorou.

QUE É O ESPIRITISMO ?

Por ACHILLE BIQUET

III

OS FENÓMENOS

Vejamos agora em que consistem os fenómenos.

Dividi-los-emos em duas classes: os que se notam ao contacto do médium e os que se notam fora dele.

Fenómenos ao contacto do médium

1 — Movimento de objectos produzido pelo contacto das mãos, sem impulso consciente dos presentes. É o caso das mesas falantes.
2 — Pancadas vibradas na mesa, logo que o médium coloca as mãos sobre ela.
3 — Escrita automática. Um lápis empunhado pelo médium ou fixado numa prancheta, sobre a qual o médium coloca as mãos.
4 — As mediunidades auditivas, visuais. O médium vê e ouve os Espíritos. É o que se classifica como fenómenos de vidência.
5 — Mediunidade por incorporação. O espírito serve-se do corpo do médium e fala. É o meio mais rápido de se comunicar.

Fenómenos à distância do médium e fora do seu contacto

1 — Pancadas vibradas a distância nas paredes e dando comunicações inteligentes.
2 — Movimento de objectos sem contacto. Levitações. A mesa move-se sem qualquer toque dos assistentes. Os objectos são transportados, sem um suporte visível, através do espaço, numa sala. Por vezes, a mesa levanta-se completamente do solo. O fenómeno de escrita directa é de interesse primordial. Eis como se obtém: o médium tem, debaixo da mesa, por exemplo, duas ardósias seladas e lacradas, entre as quais se colocou um lápis. Ouve-se o ruído produzido pela escrita.
3 — Transportes: penetração da matéria através da matéria. Objectos, flores, são trazidos do exterior do edifício através de paredes ou de portas ou de janelas fechadas.
4 — Materializações e desmaterializações.

Este é o fenómeno mais importante. O espírito extrai a matéria do corpo do médium e serve-se dela para criar um corpo momentâneo.

Um caso bem típico, relatado nos Evangelhos, é a pretensa ressurreição de Jesus-Cristo.

O espírito materializado não é um fantasma: é uma criatura viva, com um corpo completo (ossos, músculos, vísceras), cujo coração bate, cujos pulmões respiram, que fala, age e difere muito pouco dum ser vivo. Dispende uma força muito superior à de um homem normalmente constituído.

A materialização nem sempre é completa, e o fenómeno, por vezes, não é menos convincente.

E, assim, sucede que uma só mão se materializa, uma cabeça, ou qualquer outra parte do corpo.

Podereis retorquir que se trata de alguém que se faz passar por um espírito. Desenganai-vos. Os métodos de fiscalização são rigorosos. O médium é amarrado, o seu fato cozido. Os nós são selados. De resto, muitas vezes se fotografaram formas materializadas.

Estes factos foram notados numerosas vezes.

Eis ainda alguns resultados obtidos por experimentadores que levaram a investigação ao extremo:

1 — Obtiveram-se moldes de pés e mãos dos espíritos.
2 — Os Espíritos foram vistos, *em plena luz*, ao mesmo tempo que o médium.
3 — Os Espíritos foram fotografados ao lado do médium.

Depois de ter relatado os factos principais do Espiritismo, examinemos as declarações feitas por grandes sábios que, por amor da verdade, se dedicaram à investigação.

Todos os que abordaram este assunto sem ideias preconcebidas, objectivamente, afirmaram a realidade dos fenómenos.

Melhor, alguns dentre eles, abordaram a questão, com a ideia antecipada de contestar os fenómenos. Apesar disso, foram obrigados a curvar-se à verdade.

Eis a maior parte desses sábios:

Em França — Léon Rivail, dito Allan Kardec; o Conde de Gasparin, Camille Flammarion, Doutor Gibier, Doutor Geley, Professor Charles Richet, o Coronel de Rochas, etc..., o poeta Victor Hugo.

Em Inglaterra — Oliver Lodge, Crookes, Myers, Wallace, etc.

Na Alemanha e na Áustria — o Professor Zoellner, o Doutor Carl du Prel, Ulrici, Weber, Fechner, Schrenck-Notzing, etc, etc.

Na Suíça — os Doutores Perthy, Metzger e Flournoy.

Na Suécia — os Doutores Tarneboem e Esland.

Na Rússia — Aksakoff, os Professores Boutlerow e Wagner, de Bodisco, o Doutor Ochorowicz.

Na Itália — Lombroso, o Professor Otero, Schiaparelli, Ermacora, Finze, os Professores Bozzano, Brofferio e de Amicis, etc.

Sir William Crookes, o célebre físico inglês que descobriu o tálio, o estado irradiante, inventou o radiómetro, experimentou os raios catódicos e facilitou o estudo dos raios X (tubos de Crookes), após seis anos de experiências sobre o Espiritismo, durante os quais concebeu numerosos aparelhos destinados, quer a permitir fiscalização científica, quer a registar os fenómenos, escreveu a propósito dos factos espíritas:

> «*Tendo-me assegurado da realidade dos fenómenos espíritas, seria uma cobardia moral recusar-lhes o meu testemunho. NÃO DIGO QUE SÃO POSSÍVEIS. DIGO QUE SÃO UMA REALIDADE. Desprezar os testemunhos relatados, é desprezar todas as atestações humanas, quaisquer que sejam, pois que nenhum facto da história sagrada ou profana foi sustentado por um conjunto tão forte de provas*».

Eis a opinião de C. Varley, Engenheiro-Chefe das Companhias de

Telegrafias International e Transatlântica, inventor do condensador eléctrico, que permitiu resolver o problema da telegrafia submarina:

«A ridicularização que os espiritistas sofreram partia dos que não tiveram a coragem nem o brio de fazer algumas pesquisas antes de atacarem aquilo que ignoram. Não conheço nenhum exemplo de homem de bom senso que, tendo estudado cuidadosamente os fenómenos espiritas, não se tenha rendido à evidência».

Eis ainda a opinião de Sir Oliver Lodge, físico inglês, Reitor da Universidade de Birmingham e Membro da Academia Real, cujos trabalhos, no campo da electricidade, especialmente a teoria dos iões, são ensinados no mundo inteiro:

Declaro-me espirita, porque tive que aceitar os fenómenos como realidades. A perspectiva de me tornar útil, faz-me desprezar fàcilmente os gracejos a que me exponho; tenho a esperança de consolar algumas almas aflitas dando-lhes a CERTEZA DE QUE É POSSÍVEL COMUNICAR COM OS QUE ESTÃO DO OUTRO LADO DO ABISMO.

Não me parece inútil relembrar a grande repercussão de um relatório publicado em 1908, como conclusão das experiências feitas no decurso de três anos pelo Instituto Geral Psicológico com Eusápia Paladino. Redigido por Jules Courtier e aprovado *unânimemente* por testemunhas como os Srs. d'Arsonval, *Pierre* e *Marie Curie*. Branly, Bergson, Gilbert Ballet, afirmava a realidade dos movimentos a distância registado automàticamente, das manifestações luminosas e espectrais, de contactos inexplicáveis pelos meios vulgares.

OS FINS DO ESPIRITISMO

Que vemos nós neste século de positivismo?

A humanidade afasta-se cada vez mais do domínio espiritual, para se confinar no materialismo.

Porquê? Porque o homem se torna exigente, não quer saber de lendas. Precisa de coisas concretas.

Os ensinamentos das religiões são insuficientes. Os seus dirigentes enterram-se no dogmatismo, ocultam as verdades principais e opõem-se a todo o progresso.

O homem quer saber por que razão veio à terra, porque sofre. Tem necessidade de uma doutrina que toque à razão e ao coração. A braços com as vicissitudes da vida, tudo lhe parece injusto.

Pensa: se Deus existisse e se fosse bom, não consentiria o sofrimento. Sem consolações, sem esperança, o homem erra indefinidamente. Agarra-se aos prazeres materiais. Só tem um desejo: adquirir dinheiro que lhe proporcione maiores gozos terrestres.

Já não é o Deus de amor que nele reside. A este Deus sobrepõe-se outro que ele próprio criou. É o interesse. Procurando os prazezes materiais, jamais saciados, o homem não é feliz. Para ele o horizonte é sombrio. Esta mentalidade tornou-se geral. Dela nascem as guerras e as catástrofes.

Muita gente não sabe pensar por si própria. Segue os movimentos do pensamento. No dia em que todos os sábios, à semelhança daqueles que citei, reconheçam o Espiritismo, as grandes massas, todos os humanos, enfim, voltarão os olhos para o mundo espiritual.

Além disso, não é exagero afirmar que o problema da sobrevivência é o mais importante de todos. Instauram-se sistemas políticos, sistemas económicos, e omite-se o factor mais importante, sem o qual nada de sólido se pode realizar.

É escusado engendrar regimes políticos. As doutrinas políticas, os mais belos regimes, os melhores sistemas, só serão possíveis, quando a humanidade se reformar. E para reformar a humanidade, é preciso que cada um se reforme. É preciso que cada um compreenda que só há um direito: o que resulta do dever. Para que cada um compreenda, é-lhe necessário conhecer de maneira clara, indiscutível, incontestável, o papel que foi chamado a desempenhar na terra, e o que o espera, o bom ou mau emprego da sua vida. E como conhecer esta função? Pelo estudo do Espiritismo, pela observação dos factos paranormais.

Assim, a imortalidade não será *uma crença, será uma certeza.*

Quanto às consequências morais, são de importância essencial. Baseado na mais pura lei de amor ensinada pelo Cristo, o Espiritismo sacrifica impiedosamente os preconceitos, as obrigações factícias, as restrições inúteis, que enchem a moral tradicional e que os homens parecem ter acumulado pelo prazer de se atormentarem mùtuamente. Deve desaparecer também a superstição, a credulidade cega e o direito da força bruta. O direito será substituído pelo dever. Só o mérito dá direitos. Que os fortes ajudem os fracos; que o pauperismo e a miséria, vergonhas da sociedade, dêem lugar à solidariedade.

Pelo conhecimento das leis que emanam desta ciência, o homem aprende a dominar-se, a amar o trabalho, a vencer as paixões e a elevar-se. Como divertimento, procura o prazer das artes e da inteligência, sabendo que os prazeres materiais são passageiros, e, por vezes, a causa de muitas decepções.

O Bem e o Belo associar-se-ão e constituirão a verdadeira felicidade.

Vós, os que chorais... vós, os que sofreis..., vós, que tendes sede de verdade..., vinde dessedentar-vos directamente nas fontes celestes. Os nossos amigos do Além vos trarão consolação e esperança. Revelar-vos-ão as grandes leis do Destino e podereis avançar a passo firme na estrada que Deus vos traçou. Sabereis que as armadilhas espalhadas em vosso caminho servem para vos fazer subir até ao amor divino. As vozes do espaço aligeiram o sofrimento, aquecem os corações martirizados e restituem a coragem.

Por intermédio de um médium, já ouvi um filho dizer: «Mamã, estou bem, não chores...» Ou um pai, do além-túmulo, vir aconselhar os filhos, ou um amigo materializar-se para provar a sua sobrevivência; muitas vezes, também, um espírito superior, um guia, espalha os seus fluidos benfazejos e regeneradores; vem exortar os assistentes à prática da caridade dizendo-lhe: «Amai-vos uns aos outros, nós estamos perto de vós e ajudamo-vos».

Volvamos os olhos para o Alto, para os mundos de luz, onde tudo é verdade, harmonia e esplendor. De lá, descera sobre nós uma força que nos permitirá dominar as paixões, cumprir o nosso dever, a fim de que conheçamos as verdadeiras satisfações duradouras, as alegrias reais, a paz do coração e da consciência.

Tereis também a alegria de saber que os seres que amastes e que já passaram para lá da morte, vos protegem, vos consolam e vos inspiram.

Que o nosso pensamente se eleve e voe para aqueles que nos precederam, porque... os mortos vivem... vivem a verdadeira vida... a vida eterna.

(Tradução de M. L. S.)

FIM

MENSAGENS RECEBIDAS NO

A MENINA DAS FLORES

— Cá estão as minhas flores para todos. Hoje são branquinhas. São tão lindas!

— É o melhor que podemos ter.

— Gostas de flores?

— Muitíssimo. Não há ninguém que não goste de flores e de música.

— Também ouço música. São duas coisas que dão grande prazer. Quando pegais num ramo...

— Embriagamo-nos com o seu perfume. Até os maus gostam delas.

— Maus? Ignorantes é que eles são. Se eles aprendessem! Deve-se aprender sempre.

— Sim, tens razão. A maldade não existe. O que há é ignorância.

— A maldade está em certos pensamentos, em coisas que se não devem fazer... Aqui só há bons pensamentos.

— Mas ninguém despreza as flores. É uma oferta sensibilizante. Por isso ficamos sempre alegres, quando vens com as tuas flores.

— Tantas que há aqui! Cravos cor-de-rosa... É tudo cor-de-rosa.

— E ali são brancos.

— Os brancos já não os vejo.

Mudando de tom:

— Como estão os meus amiguinhos? Não estão tristes? No outro dia estavam tristes...

— Hoje estamos alegres. E com a tua vinda mais alegres ficamos.

— Que Deus vos dê sempre alegria e bons companheiros. E quando os não tiverem, fiquem com flores e música. Sempre que possam... ouçam flor... ouçam música e tenham flores. Estava a dizer ao contrário... enganei-me... Tanto faz ser primeiro uma coisa como outra...

— Não importa. A música e as flores confundem-se.

— É verdade. O que é preciso é ser bondoso e ter alguma coisa, nem que seja a presença de uma flor. O carinho é necessário. Carinho sincero. O afecto...

— Transforma tudo.

— Quando não tiverdes companhia, que Deus vos dê um afecto sincero e flores.

— Quem ouve música suave sente-se melhor...

— A vibração musical transmite ao ambiente um bem-estar que se reflecte nos ouvintes.

— É uma grande harmonia. É amor... é bondade...

— Não pode haver amor sem harmonia. A desarmonia traz aversão.

— Sem dúvida. A felicidade não é mais do que harmonia. Harmonia de pensamento e de sentimento.

A entidade demonstrava emoção e prazer espiritual. E respondeu, um tanto comovida:

— Os que não encontrarem a felicidade, não desesperem. Mais tarde, quando vierem para um campo de música e de flores, serão felizes. Mas sejam bons para todos. Sejam muito bons, para que haja harmonia. E quando se sentirem sós... tenham flores e música.

— Vibração e perfume...

— Se forem bem assistidos sentirão harmonia à sua volta. Nunca se arrependam de fazer bem. Quando a harmonia se quebra... é música estragada. Com as pessoas dá-se o mesmo. É uma barafunda. Não dá paz a ninguém.

— Um piano desafinado...

— Não gosto dessa música.

— Irrita...

— Isso mesmo. Irrita. A irritação é má companheira. Deus vos livre dela, do rancor, da inveja, do ódio, do egoismo... Cada um de nós tem um bocadinho e somos felizes, quando Deus nos dá coragem para o repelir completamente. Lutem contra o egoísmo. É próprio do homem, mas lutem contra ele, para que mantenham a verdadeira harmonia.

— Esse é o grande objectivo.

— Nem sempre se pode... Alguns estão pensando assim. Eu sei...

— Há muitos factores...

— Sim, há muitos factores. Há muitas lutas, muitas ingratidões, muitos ignorantes que nos ferem e que... Mas em vez de irritação deve-se ter pena deles. Esquecermo-nos de nós em benefício deles. É a única maneira de não haver irritação e estarmos em harmonia. Entre as minhas flores nunca me sinto irritada. Tenho sempre harmonia, essa harmonia que vos trago de boa vontade. E quando se enervarem, repito, oiçam música suave e pensem que estão junto das minhas flores. Pensem em mim. Pode ser que os alivie. Nos momentos de tristeza oiçam música e pensem em mim...

— A menina das flores está em nosso coração. Por isso, quando chega, primeiro chega o perfume. E quando se apresenta, já nós sabemos quem é. Porque as flores não se podem ocultar, por causa...

— Do seu perfume.

— Isso mesmo. Vai sempre à frente. Irradia e envolve. Chega primeiro do que as flores. E até as flores chegam primeiro que a sua portadora. Não é verdade?

— É como as pessoas bondosas. A bondade chega primeiro. Não é preciso ver as pessoas para se ver a bondade, que está nos actos, nas palavras, nas maneiras e nos pensamentos, que são a verdadeira causa da harmonia.

— Sim essas pessoas podem estar silenciosas, que a sua bondade irradia sempre...

— É como o perfume das flores. São qualidades maravilhosas que Deus lança no jardim da vida, para que sejam cultivadas. Tudo foi posto à vossa disposição, mas é preciso cultivá-lo. É como um jardim vulgar. Deve cuidar-se, senão as ervas tiram o vigor às flores...

— É o joio no meio do trigo... E a vida é um grande jardim.

— Mas têm que o cultivar bem... Há outras, como a inveja. Mas são muito feias.

— São escalrachos... Às vezes é preciso arrancá-los e queimá-los...

— O melhor é esquecê-los.

— Quando não fazem mal esquecem-se. Mas quando impedem a boa sementeira temos que os arrancar. Temos que os queimar. A vida é, de facto, um grande jardim.

— Que requer virtude para se cultivar. Não se esqueçam da bondade e do amor ao próximo...

— São as mais belas flores. Têm perfume eterno.

— Como a amizade verdadeira, sincera, que não se extingue, que não se desvanece.

— Vence a própria morte. Vence tudo, tudo!

— Dons maravilhosos que Deus concedeu para que os cultivem. Depois, assim os trazemos, assim os levamos...

— A amizade aproxima os seres.

O "GRUPO DA HUMILDADE"

— Dá harmonia. Mais harmonia do que o próprio amor.

— O amor é transitório e às vezes egoista...

— É sempre egoista.

— É exclusivismo. É diferente da amizade, que é bela e divina.

A entidade vai-se animando com o diálogo.

— É pena — diz ela — não se cultivar tanto a amizade. Há muitos contratempos, muita maldade.

— É o mundo das paixões.

— Há seres que não cultivam as amizades com receio de terceiros.

— As convenções sociais...

— Cá de cima são tão feias! Se houvesse maior amizade, haveria maior compreensão e a vida seria melhor...

— Mas os homens complicam a vida... Essas convenções são talvez o maior obstáculo da amizade.

— É tão linda!

— Quando é cultivada. Já disseste que não é egoista. É reconhecimento de virtudes, é auxílio... E gratidão recíproca. Quando notamos amizade sentimo-nos ligados por correntes invisíveis e sabemos que estão ali as raízes de uma coisa divina. E verificamos que até para lá da morte continuam.

— Continuam. Olha, não sei que diga. Quando essas amizades são entre sexos diferentes há sempre complicações. E é pena, porque assim mesmo haveria amizades sinceras. Seriam flores para cultivar...

— E também as há. O que tudo complica são as convenções. Mas há países, cujos habitantes se libertaram dessas peias.

— Questões de educação...

— E temperamento...

— Era isso que — pensavas...

— Era, sim. Acho que a amizade tanto pode existir entre seres do mesmo sexo, como entre seres de sexo diferente. A amizade é sempre amizade. Não há dedicações sublimes deste género?

— Mas falta o àvontade, para que a amizade se intensifique. Portanto, quem conseguir amizades verdadeiras deve estar satisfeito.

— É produto do meio em que se vive. Sabes uma coisa? Houve um filósofo que vivia numa casa pequenina. Um monarca visitou-o e disse: «Que casa tão pequena para tão grande homem!» E o sábio respondeu: «Se eu pudesse enchê-la de verdadeiros amigos!» Quer dizer que os verdadeiros amigos são tão raros...

— Que cabem numa casa pequenina... Por isso eu digo que se devia cultivar melhor a amizade. A amizade verdadeira.

— Mas ela cultiva-se, apesar de tudo. O pensamento é invisível. Quantas vezes o mundo nos obriga a fazer afirmações que o espírito não assina! Só numa vida diferente da nossa poderíamos cultivar amizades sem as convenções.

— Aqui é tudo amizade. Não há parentesco. Sinto-me tão feliz entre as minhas flores!

— Nestes colóquios com as entidades espirituais avalio a precária situação do homem e o que ele poderia ser, se modificasse as suas condições actuais. Se houvesse menos vaidade e as criaturas se mostrassem mais verdadeiramente...

— Amiguinhos, aqui fica a minha mensagem de hoje. Quando estiverem aflitos pensem em mim, oiçam música e lembrem-se das flores...

— Ouviremos, sim. Ouviremos música e aspiraremos o aroma das flores.

— Não música muito forte...

— Sim, música suave...

— Então deixo aqui as minhas flores. Fiquem com Deus.

— Adeus. Vai cultivá-las e traze muitas, quando voltares...

MÉDIUM — C. A.

AMAR É VIVER

Dai com amor.
Dar é viver.
É bem melhor
Que receber.

Vede, porém:
Quem dá recebe
E todo o bem
Se lhe concede.

Quanto aconteça
Só vos redime
E se processa:
Troca sublime.

Se é curta a vida,
Se pouco dura,
Seja vivida
Sem amargura.

Com alegria
No coração,
Com harmonia,
Dedicação;

Com amizade,
Fraterno amor,
Boa vontade
Nesse labor,

Pois que viver
É labutar.
E p'ra vencer
Tereis de amar...

Saudação

Da fonte o som cristalino,
das asas o doce ruflar,
riso alegre de menino,
um regato a murmurar...

O gorgeio dos passarinhos,
as pétalas de uma flor,
o fofo quente dos ninhos,
doce milagre de amor...

A Primavera florida,
toda a graça e a beleza
que vos envolve na vida
é obra da Natureza?!

Não lhe chameis simplesmente
Natureza, sim, Amor!
Amor do ente supremo
a quem chamais Criador!

Que Ele vos proteja e guarde
a todos vós que pensais
estar em sendas de luz
como outros por quem chamais

e sentem prazer em vir
convosco confabular.
— Sou um irmão que vos ama
mas que não quer assinar.

MÉDIUM — N. B.

ORAÇÃO GRATULATÓRIA

(ao ensejo de diplomação de 10 Oficiais de Estado-Maior espiritas)

Pelo Marechal Mário Travassos
(Correspondente no Rio de Janeiro)

Lida pelo autor em nome da Cruzada dos Militares Espiritas, em 21 de Dezembro de 1957, no auditório da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, do Rio de Janeiro.

I

Falar nesta Casa, em que se preparam os auxiliares do *Alto Comando do Exército*, esses mesmos que mais tarde poderão integrar o próprio Alto Comando como Oficiais Generais, falar aqui a Oficiais de Estado Maior espiritualistas, recém-diplomados e a professos Espiritas em Jesus, é privilégio, sem falsa modéstia, muito acima das minhas forças espirituais.

Não fora caber-me falar em nome da *Cruzada dos Militares Espiritas* e, consequentemente, ajudado pelas irradiações de seu Patrono e Guia Capitão Maurício, é certo que teria ficado estático ante as folhas de papel em branco, em que pese a grande alegria de meu espírito em estar diante de vós, na qualidade de vosso irmão menor, nesse instante maior de vossa carreira militar.

Mas, ainda resta a emoção de respirar uma vez mais o *ar de montanha* desse recinto, leve e restaurador, graças ao Prana que se evola de nossas mais legítimas tradições militares de generosidade e renúncia, e de evocar os dias felizes que passei nesta Escola e o que tentei, numa última oportunidade, em proveito do aperfeiçoamento funcional de sua estrutura.

Que a angústia a envolver, assim, o meu espírito, se transforme em humildade, como aquela que nimbou a figura do «filho pródigo», para que seja possível elevar-me à altura de vossa atitude gratulatória de Oficiais de Estado-Maior, no momento em que sois diplomados com título de tão alta responsabilidade, agora não só moral, como dizem as leis e regulamentos, mas espiritual, como requerem os textos evangélicos.

Se bem situada essa vossa atitude no quadro complexo da «*Economia Espiritual*» da Terra, poder-se-á sentir, com o máximo de clareza possível, o grau dessa responsabilidade espiritual que, como um fardo de luz, ajustastes aos vossos lombos, como se diria ao tempo de Simão Pedro.

II

De facto, quem haja lido e meditado a obra que Pietro Ubaldi escreveu e intitulou «Profecias»; as «Mensagens do Astral» de Ramatis, psicografadas por Hercílio Maes; as mensagens outras que chegam, sem cessar, aos quatro cantos da Terra, notadamente em Pedro Leopoldo, onde Chico Xavier as recolhe em sua radiosa humildade, mensagens sobre temas evangélicos do teor de «os tempos são chegados», «muitos são chamados, poucos escolhidos», «muitas são as moradas na casa de meu Pai» — aquele que, assim esclarecido, leia e medite o «Apocalipse» revelado por Jesus a João, o *Evangelista*, sem dúvida que compreenderá por que o Espiritismo no Brasil incide ostensivamente sobre os meios militares, dos mais modestos aos mais altos escalões, como jubilosamente verificámos agora de público.

É que — ninguém se canse de repetir — estamos em fim de ciclo, de um dos ciclos decisivos para a *Civilização Humana*, nesta expressão compreendidas não sòmente as conquistas do saber tão bem traduzidas pelos progressos *científicos* e *tecnológicos*, mas, também, as emanações da conduta dos seres humanos, que integram a *aura colectiva* da humanidade terrestre, ou da Terra, como planeta habitado, para usar de mais precisão.

No quadro das correlações entre os coloridos negativos desta aura e as enganosas aparências da tecnologia vertiginosa reaparecerão, como em outras épocas (Sodoma, Gomorra, Babilónia, Pompeia e Roma), agravadas pela ampla envergadura dos acontecimentos contemporâneos, as mesmas dores, provindas de causas idênticas e com efeitos igualmente fatais, reflectindo a insânia generalizada a todo o orbe.

Ocorre ainda que na superfície dessa profunda convulsão, a um tempo física e espiritual, como na crista das ondas picadas do mar, antes que caia o mau tempo, sofrem-se já as consequências maléficas do atrito das instituições religiosas — com seus credos, seus ritos, seus mistérios e seus dogmas — contra as instituições espiritualistas, sem qualquer confinação, sem quaisquer compromissos com César, inteiramente livres na manifestação das forças espirituais, principalmente depois da Codificação do Espiritismo por Allan Kardec, esplêndida versão simplificada, ao alcance de qualquer um, dos sistemas iniciáticos das revelações ocultistas ou esotéricas, de todos os tempos, assim se tenha «ouvidos de ouvir e olhos de ver».

À sombra desses desajustes é que, em última análise, corvejam as *forças luciféricas* — essas mesmas das quais *André Luís* nos dá uma amostra mais forte em «Libertação» — aprofundando as dissenções em nome do mesmo DEUS que todos reconhecem *Omnisciente* e *Omnipotente;* fomentando a arregimentação de descrentes em fuga para o materialismo, desde as mais sedutoras teorias cerebrinas às mais grosseiras manifestações; subvertendo por meio de distorções verdadeiramente diabólicas, por que bem disfarçadas, conceitos morais básicos à evolução do espírito humano; estimulando a *desonestidade funcional* na administração pública e privada, ambiência por demais favorável ao descontentamento, à luta de classes; criando formal antagonismo entre a Ciência e a Religião de

que se aproveita a Política para fins inconfessáveis — elaborando, enfim, o *Cáos*, em cujo vórtice — assim esperam as forças luciféricas — todos deverão desaparecer das vistas de Deus.

Nada mais precisaria ser dito para sentir-se a razão da *incidência espiritualista* nas Forças Armadas do Brasil, tão bem configurada pela *Cruzada dos Militares Espíritas*, e do papel a representar por aqueles homens de farda, cujos espíritos se deixam envolver pela túnica do Cristo de Deus, do Meigo Nazareno, do Cristo-Jesus.

III

No entanto, algo ainda convirá ser dito, pois, de tais circunstâncias — previstas pelos profetas desde a mais remota antiguidade — têm-se aproveitado os *planos reencarnacionistas* do Além, de modo a aumentarem a *quota de reencarnações interplanetárias* na crosta terrestre, seja de entidades necessitadas de purificação que *caem* atraídas pela aura planetária terráquea, seja de entidades evoluídas que *descem* em missão de socorro.

Inversamente, «os tempos são chegados» em que se deverá processar a *limpeza* astral da Terra, cujo amadurecimento geofísico, a ponto de completar-se, se considerados os rumos das descobertas e invenções ao alcance do espírito humano, torna-la-á mais adequada para encarne de entidades, do ponto de vista espiritual, também em plena fase de amadurecimento. Dessa maturidade física e espiritual é que resultará, em fim de operação, a *Era Crística* na Terra, marcada pelo advento do *Terceiro Milénio*.

Alguns dados numéricos poderiam dar um ideia desse estado de coisas, no quadro da «Economia Espiritual» da Terra, tendente a objectivar, de certo modo, a complexidade dessa sorte de metabolismo reencarnacional.

Segundo Huberto Rhoden («Imperativos da Vida») a carga astral da Terra é de cerca de 20 (vinte) biliões de desencarnados. Mais de 200 (duzentos) bilhões de seres humanos já passaram pela crosta, em corpos de carne. Presentemente a taxa anual de desencarne é de cerca de 50 (cinquenta) milhões de espíritos.

Ainda há mais. Pelo que se sabe das estatísticas comuns, ao tempo das descobertas marítimas a população do mundo conhecido seria da ordem de 400 (quatrocentos) milhões ou seja cerca de $^1/_5$ do presente volume populacional do Planeta que é de pouco mais de 2 (dois) biliões de habitantes (cerca de 1 % da carga astral da Terra).

Os índices de crescimento da população da Terra, assim intensificado logo após as descobertas marítimas, as quais puseram à disposição do homem novos espaços agricultáveis, novas áreas piscosas, nova sensação de segurança, novas esperanças, foi que, de resto, inspiraram Malthus (1766-1834) e seus precursores (Boesnier de L'Orne e Auxiron) a relacionarem, estrictamente, os facto demográficos e os factos económicos. Segundo Malthus, como se sabe, a população cresce em progressão *geométrica* e os recursos alimentares em *progressão aritmética*. O equilíbrio demográfico dependerá de factores de eliminação compulsória (guerras e outras calamidades) e o deliberado recurso das restrições à natalidade. Àqueles chamava Malthus de «obstáculos repressivos» e a estes de «obstáculos preventivos», obstáculos à saturação demográfica do orbe.

É pena que tenham escapado às concepções do economista inglês a possibilidade da industrialização da produção alimentar e que não tivesse entrado em suas cogitações a *reencarnação* como meio de evolução espiritual, inclusive seus mecanismos metabólicos, se assim se pode dizer, regulados por *contingências bio-espirituais*, a maior parte delas ainda fora de nossa percepção.

Deste último ângulo seriam de lembrar as *respostas* que vêm sendo ensaiadas aos «obstáculos repressivos» como, por exemplo, as baixas das duas guerras mundiais e o aumento cada vez maior do risco de vida para toda a gente, e, mesmo, aos «obstáculos preventivos», com a frequência dos partos múltiplos e até a tenebrosa ideia genética da inseminação artificial humana, verdadeira atitude de desespero inspirada por aquelas entidades que a qualquer preço querem um corpo de carne.

Quando se medita sobre circunstâncias de tal modo contraditórias e transcendentais — o globo terrestre em vésperas de sofrer os últimos retoques em sua evolução geofísica, para que possa servir de «habitat» à humanidade do Terceiro Milénio; falanges e falanges de entidades errantes ansiosas pelo reencarne, umas para virem gozar as últimas «delícias» da Terra tal como ainda é e outras para se aproveitarem das dores colectivas que se aproximam e nelas se caldearem pelo sofrimento; e, ainda, a retirada por *sucção magnética* (Ramatís) das entidades que de nenhum modo deverão permanecer no campo astral da Terra, como aconteceu aos antigos exilados de Capela — quando nos detemos em tão complexos problemas chega-se a pensar nas técnicas que nos ajudariam a resolvê-los, técnicas similares, quem sabe, às que adquiristes em vossa longa caminhada nesta Casa.

Mas a conclusão de todas as pesquisas é sempre a mesma. O que nos esmaga é a profundidade da crise moral e espiritual que angustia a *Humanidade Terrestre*, em consequência das acções e reacções de encarnados e desencarnados, em desespero de causa, para cuja gravidade não há técnicas capazes de dar solução. Sòmente a palavra do Mestre poderá guiar-nos através das trevas que cada vez mais se adensam: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei».

IV

Prezados Confrades!

A Terceira Revelação é assim como o feixe de luz que cegou Paulo de Tarso à entrada de Damasco. É preciso, porém, que cada um encontre o seu Ananias, para que sinta restabelecida a visão das coisas, que o encontre e o ouça:

— E agora porque te deténs? Levanta-te, e baptiza-te e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor» (Actos, 22:16). E disse-me (o Senhor): «Vai, porque hei-de enviar-te aos gentios de longe» (Actos 22:22).

Essa é a grande jornada que espera a todos os tocados pela Terceira Revelação, particularmente aos que, como vós, vão desempenhar funções de crescentes responsabilidades, mas só possível, se partirmos de dentro de nós mesmos para fora.

Iludem-se os que esperam de outrem a própria salvação, para usarmos um termo não bem exacto, mas de compreensão mais generalizada. O aperfeiçoamento espiritual é obra de cada um. Ninguém pode fazê-lo por nós, porque sòmente a nós compete realizar o Cristo em nossos pensamentos, em nossas palavras e, sobretudo, em nossos actos, tarefa difícil, por vezes dolorosa, mas sempre consoladora.

Eis, porque a Terceira Revelação não requer atitudes exteriores nem materialização da fé e tudo espera, simplesmente, da irradiação das verdades cristãs nascentes em cada um de seus despertados. Desse modo, o Espiritismo Cristão (perdoai a redundância) é, em verdade, à volta às origens do cristianismo puro, aquele que nasceu com Jesus na manjedoura de Belém, que vicejou à beira de água, entre pescadores, que subiu aos montes solitários para orar e pregar, que nos legou o exemplo do perdão, da humildade e do amor. A expressão de toda essa singeleza se encontra nas próprias palavras do Mestre: «Pois onde se acham dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles» (Mat. 18:12).

O Espiritismo Cristão é o Consolador prometido por Jesus (João, 14:26). «Mas o Consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto eu vos tenho dito». E mais (João, 16:12-13): «Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele, o Espírito de Verdade, ele vos guiará a toda a Verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas vindouras».

Pelas actividades mediúnicas, hoje tão divulgadas, e sem outro requisito além de se estar reunido em nome de Jesus, é que se dá essa transfusão de espiritualidade.

Conforme diz Paulo em sua primeira epístola aos Coríntios (12:4 a 11), «Ora há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito para o proveito comum. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra de sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; a outro, pelo mesmo Espírito, dons de curar; a outro a operação de milagres; a outro a profecia; a outro o dom de discernir espíritos; a outro a variedade de línguas e a outro a interpretação de línguas. Mas um só e mesmo Espírito opera todas essas coisas, distribuindo, particularmente a cada um, como quer».

V

Não há, prezados confrades, técnicas capazes de solucionar a crise moral e espiritual que nos angustia a todos neste fim de ciclo em que, afinal, será separado o joio do trigo, que de acordo com a Lei cresceram juntos até agora.

Nem mesmo os maravilhosos mecanismos da fé podem ser levados à conta de técnicas para a salvação das almas, como se costuma dizer, inclusive porque falta à fé que anima a quase totalidade dos que crêem, com simplicidade e pureza de coração. Muito menos ainda o conhecimento da Bíblia, mesmo que «de capa a capa», seria repositório dessas técnicas, pois uma coisa é saber e outra é sentir, praticar os textos sagrados isentos dos prejuízos kármicos que trazemos connosco de vidas pregressas.

Só e só «a suprema excelência do amor», como assinala Paulo em sua Primeira Epístola aos Coríntios (Cap. 13:1 a 7), resume toda a Verdade, quando diz: «Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou o sino que retine. E ainda que eu tivesse o dom de profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse montes e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. O amor é sofredor, benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece; não se porta inconvenientemente, não busca seus próprios interesses, não se irrita; não suspeita mal, não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a Verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta».

A Caridade, prezados confrades, é a expressão prática do amor, desse amor sem o qual nada seremos e nada faremos, por isso tão difícil de ser vivida — a Caridade sob seus múltiplos aspectos, principalmente aquela que actua no silêncio das dores morais, nos abismos do sofrimento espiritual, quando se defrontam espíritos carregados de energias antagónicas em transes amargos para saldarem antigos débitos, nesta como em outras vidas.

Por isso é que «*fora da caridade não há salvação*», conceito gravado, com todo amor, no pórtico do *Espiritismo* há um século codificado por Allan Kardec.

Sejam quais forem as benemerências de cada um, que Deus nos ajude a todos a implantar no mais fundo de nós mesmos esse amor em termos de *Caridade*, especialmente para com aqueles que, como agora fazemos, se atrevem a emergir do cipoal de suas imperfeições para falar na Seara do Mestre.

Sede felizes e alegres em Jesus no cumprimento de vossas tarefas, assim no Exército como nas Forças Armadas, no âmbito da Família como da Pátria, tal vos deseja a *Cruzada dos Militares Espíritas*.

RIO DE JANEIRO

A MULHER ADÚLTURA

Chegava ao templo a turba alucinada:
— Mestre! há pouco foi, sim, esta mulher
Em adultério vista, e no dizer
De Moisés, deve ser apedrejada!

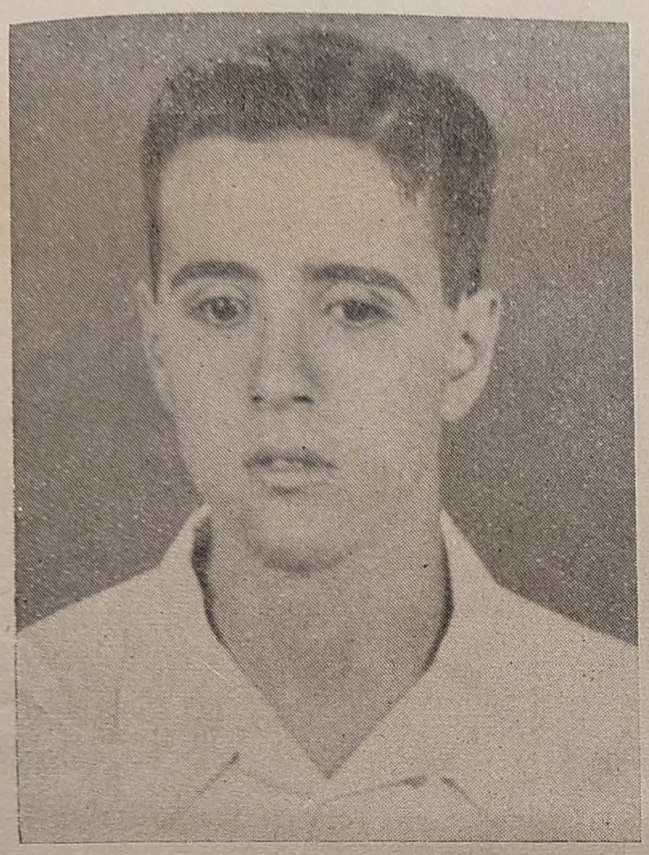
Ao vil pretexto, a mente concentrada,
Jesus assim ficou sem responder.
Logo pôs-se na terra a escrever...
E à voz do ódio, que subsiste e brada,

Ergue-se e diz no seu apostolado:
— Seja o primeiro a pedra a lhe atirar
Esse de vós que esteja sem pecado!...

— Ninguém te condenou. Nem eu jamais!
Novo caminho tendes de trilhar
Daqui por diante! E vai, não peques mais!...

MANUEL DE SOUSA

O Militar e a Religião



Luís Antônio Millecco

Página de Luís Antônio Millecco lida na sessão gratulatória, de 21 de Dezembro próximo findo, realizada na Escola de Comando e Estado Maior do Exército, sob os auspícios da Cruzada dos Militares Espiritas, em homenagem a dez oficiais espiritas recém-diplomados.

Constitui, para nós, pequeninos e insignificantes que somos, verdadeira honra, falar-vos neste dia glorioso em que vos congregais para a demonstração pública de vossa fé espirita ou reencarnacionista. Tal acto, de tão profunda e tocante beleza, é mais que uma afirmação de fé; é a antevisão radiosa do futuro venturoso de um povo, que, mercê de Deus, começa a despertar para as claridades sublimes do Evangelho.

A glória militar de uma Pátria repousa, geralmente, nos feitos guerreiros, na bravura e no sangue dos seus heróis. Recapitulemos os factos, e verifiquemos que, no Brasil, a coragem e o civismo não são as únicas virtudes do soldado: O imortal Caxias, teve suas atitudes marcadas por um profundo espírito de pacificação e concórdia. No conflito com o Paraguai, em resposta às atrocidades cometidas contra os nossos patrícios, como, por exemplo, na retirada de Laguna, em que, nem mesmo os enfermos foram poupados, não só nos recusámos a impor ao inimigo o jugo da colonização escravagista, mas ainda lhe perdoámos as dívidas de guerra e recebemos, na pessoa do actual presidente da República, uma condecoração que tem por título o nome de Francisco Solano Lopez. Na Itália, nosso Corpo Expedicionário mais se assemelhava a uma missão religiosa ou social, do que, pròpriamente, a um exército militar em território inimigo; onde quer que houvesse um pracinha brasileiro, ali não imperava a fome, a sede ou o frio, pois o separativismo da guerra era substituído por um fraternismo sem par, que só conhecia um inimigo: a dor e a necessidade do próximo.

Eis, porque rendemos graças a Deus por ter-nos permitido nascer neste solo abençoado e não concordamos com os que julgam que o sentimento religioso é incompatível com a carreira militar. Caxias, «o braço do Império», já citado, era profundamente apegado à religião, e foi, por isso mesmo, o dinâmico pacificador que todos admiramos. Joana d'Arc, a jovem e piedosa virgem de Nanterre, por determinação do Alto toma a frente dos exércitos da França, livrando-a do domínio inglês, que dificultaria, talvez, os acontecimentos sociais de 1789, que nos trouxeram o lema de «Igualdade, Liberdade e Fraternidade», facilitando, em fins do século passado, a eclosão do maravilhoso incêndio de luz que abalou o mundo, qual seja, a Terceira Revelação, o Espiritismo. Humberto de Campos, no princípio da segunda grande guerra, pelo lápis de Chico Xavier, verbera o procedimento do nazismo em relação aos Judeus e nos exorta à defesa da civilização.

Teriam razão, os que não conciliam a tendência religiosa com a carreira das armas, se fôssemos dados a aventuras militares com vistas à conquista do território alheio. No Brasil, todavia, a educação moral para a guerra não é, como poderia parecer aos menos avisados, o esboço de agressões armadas ou de morticínios em massa; é, antes, a arregimentação de homens para a eventualidade de um conflito armado, desgraçada *contingência* do mundo *ainda inferior* em que vivemos. Seria absurdo que, a pretexto de sermos religiosos, consentíssemos na invasão de nosso solo, no saque dos nossos lares, na chacina de nosso povo. Cabe-nos, portanto, ao ensejo deste feliz banquete espiritual, já dentro da atmosfera sacrossanta do Natal de Jesus, que se aproxima, rogar ao Mestre Nazareno que nos abençoe, que nos poupe a tragédia de uma nova hecatombe; mas, se o Brasil tiver, novamente, que «erguer da justiça a clava forte», para usar a expressão do hino pátrio, que todos os seus defensores sejam, como vós, espiritualistas, cristãos, esclarecidos pelo Evangelho, para que utilizem a moderação, tanto quanto lhes permitam as circunstâncias, e para que, cessada a tormenta, apaguem, com a água viva do amor que salva, a chama incandescente do ódio que arruina e mata.

ECOS DE UM

Por ISIDORO DIJAR

XXXV

UMA VISITA A

A visita a Pedro Leopoldo imprimira em nós maior confiança, no tocante aos homens e à terra. Ninguém se admira das mutações que as viagens originam. Todos as têm sentido em grau variável. Há motivos que estimulam, há motivos que deprimem. E dessa amálgama de sensações saímos mais robustos ou mais perfeitos. A sensibilidade altera-se a cada passo em contacto com a vida. É perfume que se distila e concentra e envolve a humanidade.

A chegada a Belo Horizonte ofereceu-nos o panorama da cidade

O Dr. Celso Cardão, o Prof. Magaldi, Isidoro Santos e o Dr. Amadeu Santos junto ao chafariz de duas bicas, em Sabará

nocturna, quase ao romper da alvorada. As árvores projectavam maior sombra em briga com a iluminação pública e logo recolhemos a penates a recuperar as forças. E por isso, uma noite não chegava para equilibrar o organismo. Teríamos de alterar o programa. O que atrai tem sugestão incrível. Quase nunca se compreende. Sentimos-lhe a intensidade, é certo, mas não a podemos medir. Belo Horizonte era um polo fechado a fixar as almas, a chumbá-las à cidade-jardim, aos campos e às fontes...

Mas o Dr. Celso Cardão tinha-a fisgada. Se bem a pensou, melhor a fez. E na manhã seguinte arrastou-nos a Sabará com o Magaldi e o Amadeu, em colheita de paisagens. Ele é bom volante e 40 quilómetros somem-se prestes na rodovia. Estamos a ver os altos e baixos do passeio campestre. À direita, o Sanatório da Baleia, na sua imponência, a emergir da vegetação forte. Os torcicolos da estrada dão pitoresco à viagem. Belo Horizonte relampagueia numa curva por entre a folhagem roxa da quaresma, semelhante à glicínia suave.

O Magaldi diz que a flor retardou à nossa espera, à espera do viandante... Agora é a Serra do Curral d'El-rei. Ao longe parece um cabeço a esbater-se na neblina. E Belo Horizonte surge outra vez em deslumbramento, a contrastar com a rudeza dos maciços que nos envolvem à direita e à esquerda, à frente e à retaguarda.

Ladeamos o Morro Velho, um morro donde se extrai ouro, prata e arsénico, a 1.500 metros de fundo, com ar condicionado, em que os milagres da técnica permitem vida a certos animais que nunca viram a luz do dia, demonstrando como é grande o poder de adaptação das espécies.

Desta mina sai um tijolo de ouro de 48 em 48 horas. São 22 quilos de metal precioso que vão correr mundo em forma de adorno ou a garantir a estabilidade das moedas. Os mineiros não gostam da entrada de mulheres e de padres. Fogem da toca insalubre.

A sua vida é nocturna em pleno dia. Seus olhos atrofiam-se à força de penumbra, como sucede aos peixes das grandes profundidades. São misantropos, vivem entre um desejo e uma saudade. Desejo de ganhar muito para compensar a vertigem que os empolga e saudade de um lar que mal distinguem nas estrias da memória. O sol é uma visão longínqua. Muitos estão amarrados à tarefa e contam pelos dedos os dias que passam até à libertação daquele inferno estiolante. Quando vão a casa respiram fundo e prometem trocar o trabalho do subsolo por outro mais arejado. Mas a mina não perdoa. A nostalgia do sertão está nela a vibrar. É a teia de aranha que aguarda o insecto e o retém para sempre, à semelhança do seringueiro na colheita da borracha.

O Brasil tem epopeias que o extremo ocidente não conhece. A batalha humana trava-se na cabeleira dos morros frente ao sol que deslumbra e queima, e no talvegue de ribeiras extintas donde a luz se ausentou...

★

Agora a paisagem modifica-se um pouco. A ferrugem escorre das trincheiras ao lado do ocre que se utiliza na cerâmica. Em Nova Lima a polícia da estrada vem até nós de sorriso nos lábios. Aqui está um quadro impressionante e indelével. A nossa polícia não sorri. Às vezes vai direita à transgressão inocente. «Deixe ver os documentos!» e não

MA VIAGEM

DJARTE SANTOS

XV

A SABARÁ

profere uma sílaba de alívio para quem espera encadernado em dúvida. Pois a polícia foi amável. O Dr. Celso Cardão esquecera-se dos documentos. Depositou 200 cruzeiros... Ficaram em reféns para garantia da «carta» e seguimos avante cheios de optimismo e alegria. Antes da curva olhámos para trás. O polícia sorria também, de satisfeito, por ter praticado um bom acto. É que o seu fim não era complicar a vida dos transeúntes, mas facilitar a circulação.

Quase todas as autoridades brasileiras são razoáveis. E a polícia de trânsito, quando vê portugueses a transgredir o código, indica-lhes o caminho em continência fraterna. Se a nossa fizer o mesmo cumpre um dever de lealdade para com um povo sempre disposto a perdoar e a fugir à discussão.

A conversa generalizou-se acerca do incidente e surpreendemo-nos no Rio das Velhas, que serviu de fundo à Guerra dos Emboabas (senhores das terras) contra os Mascates (que entravam nos rincões e vendiam tudo). Foi uma guerra civil, um movimento libertário em que a violência exerceu actos condenáveis.

As guerras de paixões estão no coração do povo. Às vezes nem revelam interesse público. Na guerra civil sente-se a sobreposição de alguém ou de alguma coisa. Mas já Voltaire dizia que não há exemplo de guerras que tenham compensado com um pouco de bem o mal que fazem. Sobretudo as deste género, que depredam, encegueiram, aniquilam, ateando ódios que deviam extinguir-se.

No rio há cascalho amarelo, prenúncio do demónio do ouro. As águas são barrentas, fortemente vasculhadas. Não admira. «Às chuvas de ouro copiosas, Dánai não há nenhuma que resista».

Lá está a ponte das duas entradas e a estrada de ferro... Chegámos a Sabará...

★

Agora é o mergulho no passado. Como disse Bossuet, a história é o grande espelho da vida humana. Instrui com a experiência e corrige com o exemplo. O que íamos percorrer evocaria em nós coisas antigas, passos de bandeirantes arrojados, a fé e o império a dilatar o sol da glória. Não a glória das batalhas sangrentas, mas da batalha humana, lenta e progressiva, em continuidade salvadora.

Em Sabará tudo é português. Primeiro o chafariz de duas bicas construído em 1757. Depois as ruas, que fazem lembrar a velha Alfama.

Mas nós íamos apreciar a obra de um escultor estranho. Seu nome de baptismo é António Francisco Lisboa, que ficou conhecido como Aleijadinho. Filho do arquitecto Manuel Francisco Lisboa e nascido a 29 de Agosto de 1730, herdou do pai a sua arte. Era um ser anormal, de compleição física inferior, pele amulatada, nariz ponteagudo e cabelo anelado. Mas entregou-se muito cedo à libertinagem e aos 47 anos começou a subir doloroso calvário. A doença foi-o deformando pouco a pouco. Uns dizem que era morfeia, outros que era escorbuto e outros que era lepra nervosa. Mas ninguém o afirma peremptòriamente. Sabe-se que sofria muito. Segundo escreve Santos Maia, chegava a ferir os dedos com a ferramenta, como quem deseja provocar dor maior para dominar a que sentia. Até que os dedos dos pés lhe caíram totalmente, sendo obrigado a usar joelheiras de couro para se locomover mais ràpidamente.

Depois caíram-lhe alguns dedos das mãos. O Aleijadinho pedia aos escravos que lhe atassem aos pulsos os utensílios necessários e assim trabalhou muito tempo em obras imorredoiras.

A doença e o sofrimento às vezes são estímulo. «Quem não sofre não vive; e quem mal vive morre na vida e morre na morte». Este pensamento de Antero de Figueiredo justifica o ardor com que o Aleijadinho se abalançou à sua obra após a enfermidade.

Em Congonhas vêem-se as imagens dos Profetas e as figuras dos Passos. E como não podia deixar

Os quatro Companheiros estacionam na estrada de Ouro Preto, em viagem para Sabará

de ser, o artista afastou-se da sociedade para que os outros não sentissem repugnância em sua presença. E chegava a andar a cavalo pelas ruas tortuosas da localidade, embuçado em longa capa para que o não vissem... E nos locais onde trabalhava ocultava-se com panos, investindo com os visitantes, que eram obrigados a retirar-se. Esta via-sacra durou até aos 84 anos.

Muitos críticos apontam erros crassos nas obras deste homem, nas suas figuras grotescas desprovidas de rigor anatómico. Todavia, é bom não esquecer que a sua cultura se limitava à escrita, a pequenos rudimentos de matemática, a um pouco de música e de latim.

O Aleijadinho nasceu artista e aplicou totalmente os seus dons na escultura sacra. Não teve escolas, mas deixou uma escola específica que tivemos ensejo de admirar, principalmente em pedra-sabão. E uma faceta interessante do seu carácter reside em certas criações, nas quais retratava muitos inimigos que o amesquinhavam. Um exemplo frisante encontra-se nas imagens dos soldados romanos dos Passos e da Paixão existentes em Ouro Preto «em que se notam os pés tortos e desencontrados, narizes arrebitados e feições que traduzem hipocrisia e cinismo». Vimos este quadro no Museu da Inconfidência na cidade mencionada e a ele nos referiremos oportunamente. Nos últimos anos da sua vida trabalhava às escondidas, a braços com a disformidade provocada pela doença.

★

A Sé é um monumento nacional do mais fino preço. Mantém os muros intactos, de metro e meio de espessura, construídos com xisto e lágeas semelhantes às da nossa Beira Baixa. A pedra é levemente granitada. A capela está dentro do velho casarão. Ao lado, um púlpito inacabado, e a meio uma passagem de lágeas e granito. Ainda se notam os batentes de braúna, madeira muito rija semelhante ao pau-ferro.

Há dois púlpitos laterais cingidos a paredes sem relevo algum.

Tudo isto em estilo colonial, sob as vistas do Património Histórico do Brasil, que não deixa construir casas modernas, em homenagem ao «livro eterno de folhas desdobradas», onde a alma lusíada espreita o futuro.

Guerra Junqueiro classificou assim a História na «Introdução à Morte de D. João»:

«..... uma mulher sombria,
gigante colossal que anda noite e dia
a cavar sobre o chão dos vastos ce-
[mitérios,
tirando do sepulcro a ossado dos
[impérios.»

De facto, a História é a mestra da vida; e o seu fim não é deleitar-nos com os sucessos, mas transformá-los em lições para os vindouros. D. Francisco Manuel de Melo pensava assim e nós pensamos como ele. A sucessão das coisas não teria significado, se desprezássemos o cotejo e o estudo das causas.

★

A Igreja de N. S. do Carmo exibe um magnífico frontão do Aleijadinho.

Sobre a porta vetusta uma coroa real entre dois anjos alados. Em frente, mausoléus embutidos nas paredes esverdeadas e ao fundo árvores frondosas: bambús, mamoeiras, palmitos, bananais...

A igreja tem 245 anos. Nela vimos um lustre artístico de madeira, feito a canivete. O edifício é imponente, mas o soalho tem fendas nos bordos das tampas sepulcrais.

É um monumento verdadeiramente português e construído por portugueses. Aqui predominou a banca do português Barbagato, que descobriu a Serra das Esmeraldas e fundou Sabará. E foi morrer à Fazenda do Fidalgo, próxima da futura Belo Horizonte, que então se chamava Curral d'Elrei...

★

Na Igreja Matriz tivemos ensejo de ver ornatos de ouro puro, nos quais há vestígios de poluição com ideia de roubo. O Dr. Celso Cardão é professor da Escola de Engenharia e Arquitectura na Universidade de Minas Gerais e um apaixonado da História e da arte sacra. Todos os pormenores o interessam e devemos-lhe observações preciosíssimas relativamente à figura de um grande escultor que venceu o tempo e ficará durante séculos sujeito à expectação dos vindouros.

Neste edifício há um Cristo crucificado em que as gotas de sangue são autênticos rubis, e oito altares todos diferentes, num dos quais está a coroa portuguesa. Noutro, Santo António de Lisboa. Noutro, vislumbra-se a influência chinesa, porque ao lado se vê um pagode característico.

A sacristia atrai sempre os visitantes. O Dr. Celso indicou-nos uma cómoda inteiriça de $5^m \times 1^m,20$. Mas há outra sacristia com quatro telas: a «Última Ceia», a «Ascensão», a «Cerimónia do Lava-pés» e a «Fuga para a Galileia». A meio, um sacerdote chinês dos tempos em que a China expulsou os padres católicos, ou seja no século dezóito da nossa era.

Esta igreja tem arcadas laterais, fazendo lembrar as mesquitas árabes.

O altar do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Boa Morte são do Aleijadinho. Vimos também uma pia de água formada de um só bloco de pedra-sabão e uma balaustrada de cabiúra com magníficos torneados pela qual os americanos ofereceram mil contos.

Muitas coisas vimos em Sabará, não esquecendo a antiga Casa da Intendência, transformada em Museu do Ouro, e a indústria siderúrgica nacional.

★

O Aleixo Magaldi e o Amadeu Santos acompanharam a digressão com o melhor humorismo de que há memória e animados de grande simpatia pelas coisas portuguesas. A propósito de tudo vinha uma alusão oportunissima. E o Dr. Celso, filho do Almeida Cardão, de Juiz de Fora, era o bom senso personificado. Bom senso e fleuma, serenidade e alegria de alma são requisitos preciosos que nem todos se gabam de possuir. Pois ele tem-nos aliados à modéstia do homem que julga saber menos do que sabe.

A região de Minas Gerais é talvez a mais rica do Brasil. O solo é um tanto árido e montanhoso. As exalações minerais e os ventos não deixam crescer a vegetação, como noutras latitudes, onde é luxuriante. Mas sabe bem viajar através de seus morros e cerros alcantilados, lembrando a acção dos portugueses de há séculos, animosos e varonis, esventrando o sertão e fundando cidades e aldeias onde o metal da língua punha manchas de civilização. Sabe bem passar no Rio das Velhas e evocar as três que morreram na aluvião qualificativa. As enchentes arrastam o ouro e dão origem à pesquisa através das águas lodosas, barrentas, enigmáticas... A alma brasileira anda por montes e vales a colonizar a terra, abrindo caminhos, instalando povoações em vales

ubérrimos ou galgando os maciços que dominam planuras e alcantis debruados de folhagem. Anda, sim, anda por lá a alma brasileira.

Sente-se no homem que passa, junto à berma ou torcicolando nos caminhos; nos olhos nostálgicos de quem vem de longe e para longe vai; no «salve-o Deus» do caboclo, que traz no coração o sentimento de quatro séculos transformado em humildade e bondade.

Sente-se em tudo a alma brasileira. Doce na mulher que ama e vive em saudade, espontânea no quri que salta, no cavador, no rachador, na música dos sambas e no cantar das marchinhas, no matuto que sobe aos morros para apreciar a lonjura e no índio corta-mato

Uma rua de Sabará

que se compraz no seu sonho de relíquia. Em tudo ela está...

★

Em Sabará andou connosco nas ruas e nos templos, como retábulo da história e como brisa suave. A poesia dos anos imprimia tom de mistério ao aglomerado. O casaredo respirava tradição, que o Dr. Celso divulgava em frases curtas. Para cada motivo tinha uma legenda. Éramos três curiosos em torno do mestre. E nós o mais ignorante e o mais curioso. O Magaldi era catedrático de Farmácia e grande humanista. O Amadeu era jurista e filósofo com o curso de jornalismo. Além disso leccionava no Ginásio Leopoldo, de Nova Iguaçú, acumulando com dotes de orador e de poeta. Mas o Dr. Celso pontificava. Que simplicidade, que espontaneidade a deste amigo, sempre pronto a tirar conhecimentos à sua vasta erudição! Por sua vontade ficaríamos em Sabará uma semana inteira, para que sentissemos bem os traços lusíadas da velha cidade.

Wertheimer dizia que a curiosidade não envelhece connosco e fica sempre criança. O que ali fizemos demonstra a realidade do asserto. O nosso canhenho encheu-se de curiosiaades. Se pudéssemos traziamos toda a história daquele rincão português.

«Não tenhas acanhamento de perguntar o que não sabes, nem de aprender de quem quer que seja — aconselhava L. Vives —, pois disto nunca se vexaram pessoas de bom tino. Deves tê-lo de não saber e de não querer aprender». Na verdade, com um Dr. Celso à ilharga, ninguém tinha vergonha de perguntar fosse o que fosse. Ele próprio lembrava e alvitrava e nós os três abanávamos cabeça:

— Sim, senhor! Com você vamos ao fim do mundo!

★

Não fomos ao fim do mundo, não! Fomos a uma igreja cujo nome não queremos revelar. Se não estamos em erro, é lá que estão os restos mortais do Aleijadinho.

Mas nós queríamos outra coisa. Queríamos plagiar Junqueiro e dizer rotundamente que

Onde a razão acaba
a crença principia!

Qual era, afinal, o motivo da nossa curiosidade? Atrás do altar-mor havia um nicho e nele um santo milagreiro e dadivoso. O Dr. Celso é que revelou o segredo. Quem tivesse grande anseio subia ao altar, concentrava o pensamento e formulava o pedido. O santo daria as voltas necessárias e tudo se resolveria pelo melhor.

Subimos as escadas, atravessámos difícil passarela, galgámos degraus escansos como tributo de consolação e pedimos uma coisa aparentemente simples, mas complexa. Três vezes a requisitámos na maior unção.

Fomos todos ao nicho, em fila indiana...

Um escritor inglês ou irlandês — não nos lembra bem — escreveu a «Viagem Sentimental» que nos deliciou na mocidade e lamentava aqueles que não tinham certo fundo de candura e de confiança, embora fossem por ambas iludidos. Esse homem foi L. Sterne, humorista de fina têmpera que não punha limites ao sentimento, quando lhe dava para fazer chorar o leitor. Lembrámo-nos dele nesse momento e da fé que invade os mais fortes, quando dela necessitam para se erguer da queda.

Pedimos, solicitámos, requeremos em boa linguagem muda, talvez mais incisiva do que a falada, mas ainda não tivemos notícias do taumaturgo, que não tem culpa de se pedir a lua ou uma flor de Marte.

Não sabemos o que pediram os outros. Segredo de Estado era a condição imposta aos quatro devotos do milagre que numa igreja de Sabará se juntaram em dia de sol que punha reflexos de oiro nos vitrais.

Nisto de pedidos há opiniões diferentes. Séneca dizia: «Quem pede a medo ensina a que lhe neguem». E o padre António Vieira, que tanto perorou, não se esqueceu do pedido. Para ele era a coisa mais repugnante. Tão repugnante, «que nem o sangue a moderava, nem o amor a facilitava, nem a ambição a vencia». E rematava, num sermão notável:

— Onde há vinte e quatro modos de negar, há vinte e cinco de pedir.

Donde se conclui que a pedincha está no próprio sangue humano a conclamar.

O sorriso de cada um era sintoma de prazer que envolvia a todos.

Pena tinhamos que o tempo se escoasse, que o nosso desejo era ficar naquele retalho lusitano, tão lusitano, que até as calçadas e os portais, as varandas e as ombreiras semelhavam os da Beira e do Alentejo, onde santos da raça deixaram vestígios de aroma eterno, que anda cá e lá, no sangue da comunidade...

★

Ao subir a rampa que nos conduziria novamente a Belo Horizonte externámos a nossa admiração pelo Aleijadinho, que devia ter sido um génio, na verdadeira acepção do termo.

César Lombroso disse que o génio era uma forma de degenerescência mental. Isto mesmo assinalámos em nosso livro «Pierino Gamba, o Menino Maestro à luz da Nova Psicologia»:

«Esses extraordinários seres não devem ter saúde perfeita, devem ser anormais. Em regra são dotados de imaginação ardente e rápida e de censo crítico original. Há neles excitação que os impele à criação e corrigem e melhoram a inspiração espontânea com excelente espírito de revisão e crítica. A associação de ideias súbitas, ou seja a força criadora que neles existe em estado latente, anda sempre ligada ao criticismo que procura atingir o equilíbrio, erguendo factores de efeito contrário. Há quem diga que o génio é irmão da loucura. De facto, os doidos são fortemente estimulados, embora não sintam incitação criadora. E desde Aristóteles a Lombroso, passando por Demócrito, Platão, Diderot, Schelling, Moreau, Tarnowsky, Mejia, Tebaldi e Pisani, tem-se verificado a existência de forças contrárias nos trabalhadores mentais: a incitação e a inibição ao movimento. A sua resultante é o movimento concluído que distingue o génio de qualquer espécie de loucura».

O Aleijadinho era um ser disforme, em parte responsável pela sua misantropia. E se tivesse feito estudos regulares o seu nome avultaria como o de alguns génios de fama universal.

Certas figuras saíram-lhe do cinzel nimbadas de luz esparsa e ninguém supõe que o seu autor fosse um primário que plasmasse imagens ao sabor da inspiração.

Foi um toque impressivo a nossa visita a Sabará na companhia de três intelectuais que em forma de leque espargiam conhecimentos a mancheias.

★

Interrogar o passado — dizia Young — é procurar uma resposta que aproveitará à nossa experiência. Era a segunda vez que o interrogávamos no Brasil. A primeira foi na linda estância de Petrópolis. O Museu Imperial avivara em nós recordações esfumadas pelo tempo e diluídas na história pátria. Sabará aproximava-nos da outra margem do Atlântico. Os pedreiros e mestres-de-obras de antano estavam naqueles arruamentos característicos e traziam-nos à memória uma ideia verdadeira: o mundo é todo igual. Os usos e costumes é que diferenciam as regiões. As casas de Sabará constituíam mancha típica nas lindas cidades mineiras. Sair delas era passar as fronteiras de um país, era fechar um grande livro de recordações muito gratas ao sentimento português.

Uma igreja de Sabará

Por saber tudo isto é que o Dr. Celso proporcionou aquela visita à cidade velha e nos levou a diversas igrejas. Queria apreciar a nossa reacção, que não podia ter sido melhor em semelhante emergência. Depois de tanta maravilha brasileira ficava bem um pouco de mãe-pátria, «a mais formosa e linda, que ondas do mar e luz do luar viram ainda».

Já dissemos que a terra natal se avalia melhor, quando saímos das suas fronteiras.

Para José de Alencar cada região da terra tem alma sua e raio criador que lhe imprime originalidade. É uma espécie de seiva que forma as famílias na sociedade universal.

Correia de Oliveira, no seu cantar de poeta, chama-lhe:

.....árvore frondosa
Erguida à vida livre e luminosa.

E acrescenta, em complemento suave e verdadeiro:

É seu tronco uma Raça:
São as famílias os seus verdes ramos
Em que em si mesma a arredonda e abraça:
Homens, somos as folhas pequeninas
Que a luz do Pensamento respiramos.

Em Sabará éramos «folha grande». E embora o Brasil não seja estranja: embora nele tudo respire lusitanidade; embora seus homens e suas mulheres sejam espelho de raça que afunda a raiz no tempo heróico; embora a amizade refulja e trasborde, como raio de sol que beija e abraça; embora a simpatia se estampe nos olhos de quem nos vê e de quem nos fala, há um fluido que nos liga ao tugúrio que se perde na distância, mas que vive em nós em imagem doce e se aviva mais em presença de outras imagens. Sabará era o quadro vivo da nossa terra transportado a Minas Gerais. O degrau da porta e a soleira, o chafariz de água clara, a vidraça à moda antiga, a varanda corrida e os beirais, as cimalhas ilustradas de faianças, os coruchéus das torres, a erva musgosa entre a

Dois Poemas de Rocha de Sousa

HISTÓRIA DUMA FLOR

A flor morreu...
Morreu essa pobre flor que eu amava.

Viveu... viveu...
e tombou na relva fresca.
Tombou lentamente
num adeus sentido de quem sofre.

A flor morreu...
Morreu essa pobre flor
que habitava a berma do caminho.

O caminho era longo,
imensamente longo...
E esse céu azul que brilhava pr'além dele
era coisa perfumada,
era coisa desconhecida.
E nesta dor que me consome
por saber a flor já morta,
sinto vontade de chorar na berma do caminho
toda mágoa da vida inteira.

A flor sorria para mim
quando eu passava.
E nesse sorriso que eu amava
estava posta tal beleza,
que o céu também sorria,
que o céu também amava!

CHUVA

Chove.
Lágrimas de chuva,
lágrimas de céu.

Chove sobre os homens,
chove sobre o mundo.

Chuva de misérias.
Misérias de lágrimas de chuva.
Misérias de Destino
subindo pelas alturas da ambição,
descendo aos abismos sem fim
de estradas com espinhos,
de estradas sangrentas,
de estradas luminosas.

Chove.
Chuva que lava corpos.
Chuva que limpa ambições,
chuva de lágrimas em miséria
que marca destinos,
abismos,
estradas,
e põe luz nos caminhos...

calçada... Tantas coisas, tantas, que nos davam a ilusão de Portugal e da família!

★

O regresso à capital mineira foi emoção maior do que a vinda. A paisagem apresentava aspectos novos, coados pela saudade portuguesa. E o nosso amor pelo Brasil aumentou nessa hora alacre. Em frente era o já visto percorrido em sentido inverso. Era visão apreciada de outro prisma.

O Amadeu vinha maravilhado. O seu Portugal-Brasil assumia vastas proporções. E desabafava:

— Grande banho lusófilo nos deu o Dr. Celso!!

E o Magaldi:

— Sabará é uma relíquia luso-brasileira. A história do Brasil é história de Portugal!

O Dr. Celso dominava o volante e não podia falar. Proibia-lho o código e outra coisa que se instala em nós e produz estragos nas almas sensíveis. Era filho do português de Juiz de Fora...

Nós levávamos os olhos rasos de água. Sempre esta humidade persistente a enevoar a visão das coisas belas! Se não fosse improficua escreveríamos a «Romagem da Saudade». Improficua para nós, que voltaríamos a chorar e não fiamos no coração, já muito vergastado pelas coisas emotivas.

Por isso é que emudecemos naquele regresso nostálgico, a ouvir o jurista e o catedrático. Mas nem o primeiro falou de leis nem o segundo de farmácia. Falaram a linguagem que as boas almas utilizam. Os poetas é que falaram. E no seu verbo fulgurou a amizade sensibilizante que enlaça e comove. Falou a voz da pátria, a voz da raça, a voz fraterna e simples que vem do coração e ao coração retorna.

Muitas vezes — dizia Fênelon — o tempo é para nós um fardo; mas um dia chegará em que um quarto de hora parecerá mais desejável do que todos os bens do Universo. Esse quarto de hora vivêmo-lo na cidade velha que ficava à nossa retaguarda.

Adeus, Sabará! Que bem nos fez o teu panorama! Deus guarde as casinhas vetustas que te informam e que em breve possamos ver-te com olhos diferentes!...

A MULHER CONTEMPORÂNEA

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

Se as mulheres não puderam dar a sua opinião acerca das fortes tempestades políticas que agitaram o Mundo, demonstraram, em contrapartida, a sua preciosa colaboração e o estoicismo com que sofreram os horrores da última Guerra Mundial. Ousarão ainda os seus detractores chamar-lhes o «sexo fraco»?

O sábio Novicow, no seu livro sobre «O Amor», afirmou que «a diferença entre o homem e a mulher não é um facto de ordem fisiológica ou psíquica, mas um facto de ordem social».

É certo que aquele termo já vai passando de moda, numa época em que as mulheres se apresentam desassombradamente, sem masculinidade, mas com senso prático. Não lhes veio esse costume das exigências da dura existência durante a guerra, nas oficinas, e nos rudes labores dos campos? Durante essas épocas bélicas não sofreram elas as mesmas humilhações e perseguições que os homens? Não conheceram igualmente o inferno dos campos de concentração da Alemanha e da Polónia? Não viram elas as suas casas saqueadas e incendiadas, os companheiros e os filhos massacrados? Não tomaram também parte no Movimento da Resistência em França, participando em associações clandestinas, sabotando pontes e fábricas e até combatendo nas guerrilhas? Poderá chamar-se «frágil» e «inferior» a Claudina Fornicheva, que realizou setenta missões de bombardeamento aéreo, tendo sido abatida duas vezes com o avião em chamas?...

E Hona-Huang, de 12 anos, que percorreu quinhentos quilómetros a pé, numa região infestada de japoneses, a fim de se unir às forças livres do seu país? E quantas, quantas outras poderia citar, como Ana Afarer que recebeu a medalha de «bravura» por ter posto fora de combate uma coluna inimiga, tendo sido ferida nessa luta?...

★

O Mundo caminhou muito desde o dia em que os legisladores franceses perguntaram a Napoleão quais as condições da Mulher no novo código, cuja reforma estavam elaborando, e o grande Corso respondeu:

— A Natureza fê-las nossas escravas e pretender a igualdade de sexos é uma loucura!

Para Napoleão, a única função da mulher era fornecer-lhe «carne de canhão», e a esse respeito cita-se a sua frase em resposta às observações que lhe foram feitas acerca da mortandade da batalha de Friedland:

— Uma noite de Paris mos restituirá.

É inegável que o homem e a mulher são fisiològicamente diferentes. Mas, acaso, todos os homens são iguais em seus conceitos, embora pertençam ao mesmo plano biológico? Dentro desta escala não há gamas que os diferenciem uns dos outros, como o demonstra, nitidamente, a caracteriologia?...

Nos tempos que vão correndo, na hora das convulsões raciais que atravessamos, a Mulher não pode ficar indiferente aos grandes conflitos políticos mundiais que, de perto ou de longe, muitas vezes a obrigam a desempenhar perigosas missões.

O conceito de Napoleão caracterizou a sua época, que está em contradição com a rajada de feminismo que varre até os velhos países (referimo-nos ao feminismo no bom sentido do termo).

A sábia Natureza, criando as tão decantadas diferanças fisiológicas, teve apenas o objectivo de constituir os elementos indispensáveis à perpetuação da espécie e nunca marcar a superioridade de um sexo. Ela quis realizar uma obra de Harmonia e Beleza, como tudo que emana de Deus.

★

As guerras têm-se desencadeado sobre o mundo em circunstâncias que não cabe aqui apreciar; contudo, não deixarei de dizer que uma parcela de responsabilidade cabe à Mulher, porque, tendo ela o encargo de educar os filhos, pertence-lhe inculcar-lhes o culto da Paz, isto é, o respeito pelos seus irmãos em humanidade — sejam cristãos, maometanos ou budistas. Os profetas de todas essas religiões ensinaram que a primeira palavra de Deus era a Paz, pois que, sem ela, jamais poderá haver Amor, que é verdadeira manifestação divina.

Não devemos passar o tempo carpindo sobre os destroços da guerra, mas reunir a nossa energia e a nossa capacidade de acção, bem como paciência e perseverança, tudo, enfim, quanto for útil, alegre e

cativante, para alcançar o nosso desejado triunfo: *um mundo melhor!*

Pertence especialmente à Mulher criar esse Mundo. Para o efeito impõe-se que não seja mera espectadora dos acontecimentos. Sendo, de facto, educadora, saberá apreciá-los e julgá-los, tirando deles as necessárias conclusões com que educará as crianças de que fará os cidadãos do mundo: homens e mulheres integrados nas Leis da Harmonia e do Amor, como Jesus, o Cristo, ensinou. É esta, sobretudo, a missão da mulher contemporânea, colocando-se acima das ambições e das futilidades da vida feminina, tal como nos foi legada pelas nossas avós. Exaltando a civilização do seu país, contribuindo para o progresso da Humanidade, realçará a sua graça, dignificará a sua inteligência, formando assim um mais belo conjunto com o seu companheiro — o Homem —, de quem e deste modo poderá orgulhar-se de ser uma valiosa colaboradora.

Houve circunstâncias em que as mulheres deixaram a vida frívola e luxuosa para acudirem às necessidades da pátria em perigo. Roma aceitou-lhes as jóias e a França recebeu a sua directa e útil participação social, quando, por duas vezes neste século, perigou a sua independência.

★

A convulsão de 1939-45 foi mais um passo em frente nesse grande caminhar daquela que há tantos séculos fora afastada das actividades sociais. Até nos países mais aferrados ao conservantismo, como a China, onde, há doze anos, apareceram mulheres-juízes constituindo a presidência dum Tribunal!

A China milenária dos Tongs, dos Mings, dos Manchus, essa China mártir secularmente destroçada pela guerra, pela fome e pela peste, mergulhada no sono da grande Ásia, despertou também para tomar parte nas reuniões históricas com as potências europeias, enviou seus filhos e filhas à Inglaterra e à América e entrou ousada, firme e resolutamente e de maneira vertiginosa, no caminho do progresso.

No tempo do Celeste Império os adversários da emancipação feminina citavam, entre outros argumentos, a falta de capacidade da mulher para criar. A Natureza mostrou quanto era erróneo esse critério e deu-lhe uma cientista de que a China se orgulha — a doutora Feng-Yung-A — que descobriu o processo da fabricação da seda artificial, com troços de kao-lijang (caolino), uma espécie de sorgo que se cultiva em grande quantidade nesse país.

Todos sabemos que a humanidade vai entrar num ciclo em que as civilizações serão diferentes daquilo a que estamos habituados; e neste momento não podemos prever o aspecto que apresentarão essas futuras sociedades. Mas o que já se esboça com certa nitidez, é uma remodelação completa em todos os ramos da actividade social, intelectual, moral e familiar. Pelo ritmo que as famílias estão estabelecendo nos países nórdicos podemos prever a emancipação da mulher e a sua completa integração na vida social, como já se verifica em muitos países, onde quase não se distingue o homem da mulher, como em Inglaterra, Estados Unidos da América, Suécia, Noruega, etc.

Coisa curiosa! Ao mesmo tempo que esta evolução se acentua, os costumes moralizam-se. Em muitos desses países já se aboliu a prostituição regulamentada — essa infâmia que é uma vergonha, tanto para a mulher, como para o homem!

A primeira metade do nosso século foi aureolada pelo génio de muitas mulheres célebres nos vários domínios da inteligência, como já vimos. Depois da insigne Madame Curie — de quem já falei noutro trabalho — seguiu-se Eva Curie, sua filha e também notável cientista e apreciada biógrafa.

A nossa época pode orgulhar-se da plêiade de mulheres que a ilustraram irradiando aliciante luz num alvorecer prometedor dessa Nova Era a que poderá chamar-se a Idade da Luz.

Quem não conhece Sigrid Undset, a notável romancista dinamarquesa, assim como Grazzia Deledda, contista italiana? A escritora francesa Colette, a delicada poetisa galega Rosalia de Caires e Blanca de los Rios que se dedicou a compilar toda a obra de Tirso de Molina e que, aos 96 anos e em plena actividade intelectual se estreou com êxito, como dramaturga, tendo enriquecido gloriosamente a literatura espanhola?... E a grande América não se orgulha também da sua célebre pedagoga Hellen Keller, essa admirável cega, surda e muda que tanta luz tem dado ao mundo, não só com o exemplo da sua vida extraordinária como pelos seus apreciados livros? E a chilena Gabriela Mistral, Prémio Nobel de Literatura, que há pouco desencarnou?

Muitos nomes ilustres poderia ainda citar, nomes que, pelo seu fulgor, colocam a Mulher em perfeito paralelismo com os maiores homens de todos os tempos.

Razão teve o ilustre escritor Plínio Salgado, quando disse:

— O homem e a mulher têm necessidades, aspirações, direitos e deveres, tanto no que diz respeito à sua substância física, como à inteligência na vida político-social e às aspirações religiosas. Dentro desta tríplice concepção, a mulher é absolutamente igual ao homem.

O Movimento da Emancipação da Mulher alastra por todo o mundo e no futuro os problemas político-sociais assumirão um carácter muito diferente daquele que estamos habituados a conhecer-lhes: então os

As Regras de Saúde de "André Luís"

1 — Mantenha o coração em paz à frente de todas as situações. Tudo pertence a Deus.

2 — Apoie-se no dever cumprido.

3 — Cultive o hábito da oração. A prece é luz na defesa do corpo e da alma.

4 — Ocupe o tempo disponível com trabalho proveitoso, sem esquecer o descanso. A sugestão das trevas chega a nós pela hora vazia.

5 — Estude sempre. A renovação das ideias favorece a evolução do espírito.

6 — Evite a cólera. Enraivecer-se é animalizar-se, caindo nas sombras.

7 — Fuja à maledicência. O lodo agitado atinge quem o revolve.

8 — Sempre que possa respire a longos haustos e não olvide o banho diário, ainda que ligeiro. O ar puro é precioso alimento e o banho revigora as energias.

9 — Coma pouco. A criatura sensata come para viver; a criatura imprudente vive para comer.

10 — Use a paciência e o perdão. Temos sido tolerados milhões de vezes pela Bondade Divina e conservar a intolerância é provocar a queda na morte inútil.

(Recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier)

níveos cisnes de Paris não voltarão a morrer de fome, como aconteceu durante a última guerra.

★

A mulher, além de ter sido político, soldado intrépido e intelectual de valor, também se ergueu às culminâncias da espiritualidade em voos diáfanos, tocando o céu.

Clara de Assis, Isabel de Aragão (a nossa popularíssima Rainha Santa), a formosa princesa Santa Joana, filha de D. Afonso V, Teresa d'Ávila, e a muçulmana Leilla Rheira e tantas outras almas peregrinas nimbadas de luz espiritual, atingida num acrisolado amor a Deus e ao seu próximo.

Nas fileiras do neo-espiritualismo, além das senhoras Blawatsky e Beraut, que já citei noutro artigo, apareceram Alice Bailey e Annie Rix Militz, que empreenderam intensas campanhas para a libertação espiritual da Humanidade, assim como Mme. Anne l'Homme esposa do grande pioneiro e antigo presidente da União Espírita Belga, José l'Homme.

★

É incontestável que o Mundo muda de aspecto e ninguém pode afirmar o que ele será amanhã.

Mas o que todos verificam é uma grande tendência para o direito à Vida, desejo duma existência melhor e impulso mais conforme às leis naturais.

Por toda a parte o Homem e a Mulher despertam do sono da ignorância em que mergulharam durante séculos. Despertam para uma Vida essencialmente pacífica, cristã e espiritual. Se, por um lado, há uma vaga de materialismo, esse facto não é de assustar — é a parte dos que ainda dormem.

A obra espiritual, ou seja a educação para a *humanização* das futuras raças, estará, de facto, entregue à mulher, mas sòmente quando ela tiver a noção exacta da responsabilidade dessa missão. Pertence, portanto, à mulher contemporânea compenetrar-se do valor da hora presente, na educação que ministrar às crianças de hoje, que serão os homens e as mulheres de amanhã. À futura geração competirá resolver muitos dos cruciantes problemas que actualmente afligem a Humanidade.

As juventudes carecem de ser educadas no conhecimento das leis fundamentais da Vida: Reencarnação, Livre-Arbítrio e Karma, a fim de se compenetrarem das responsabilidades inerentes a cada indivíduo perante si próprio, a família e a sociedade.

Os homens já se aperceberam de que o mundo tende para uma civilização mais equilibrada, em que a influência feminina seja predominante, e cujos alicerces já estão esboçados.

A mulher «sexo fraco» passou à História! Hoje é colaboradora do homem; amanhã será sua igual, e assim as duas metades componentes da Humanidade, de mãos dadas, unidas pela luz radiosa da Espiritualidade, saberão realizar a Paz do Mundo.

APOLOGIA DA PRECE

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

1.ª PARTE

PROVAS TEÓRICAS DA EFICÁCIA DA PRECE

I

UMA PERGUNTA CURIOSA — A COMUNHÃO COM DEUS — PATENTE, NA PRECE, A MUNIFICÊNCIA DIVINA — PEDIR E SABER PEDIR

Há homens que desdenham a prece, que a acham banal e ridícula. Esses jamais oraram, ou talvez nunca tenham sabido orar. Ah! sem dúvida, se só se trata de padre-nossos proferidos sem convicção, de responsos tão vãos quanto intermináveis, de todas essas orações classificadas e numeradas, que os lábios balbuciam, mas nas quais o coração não toma parte, podem-se compreender tais críticas; porém nisto não consiste a prece.

LÉON DENIS

Vale a pena orar?

Esta pergunta nos fez um homem, bastante instruido, mas em quem o problema religioso não despertou ainda nenhum interesse.

Nós lhe respondemos: Vale a pena, sim; vale a pena orar.

A prece é uma elevação da alma para Deus. É o meio de comunicação entre a criatura e o Criador. Tudo que o homem possa realizar de mais sublime, não se compara ao acto da prece, pelo qual nesse maravilhoso instante ele se põe em íntima comunhão com Aquele que lhe deu o ser. «Quem, pois, ora com fervor e com fé, quem ora compreendendo o alto significado e o extraordinário valor da prece, realiza o mais belo, o mais fecundo e o mais completo fim do pensamento» (1).

Em muitas ocasiões torna-se palpável a munificência de Deus, quando a alma necessitada a Ele se dirige com unção e humildade. Factos numerosos comprovam os efeitos tangíveis da prece, e esses factos, alguns dos quais relataremos, rebatem e esmagam completamente o arrazoado dos que a julgam desnecessária.

Não se contam, é certo, os que em vão têm batido às portas do céu. Desiludidos, já não acreditam no socorro que possa vir através da prece, e, mesmo assim, sentem-se presos a um velho hábito de rezar que adquiriram na infância...

Esses não oram — rezam, com os lábios —, como quem despreocupadamente canta um samba. Pedem e não obtêm, diz São Tiago, porque não sabem o que pedem, ou desejariam obter para dissipar nos seus deleites... (2).

Na verdade, Deus é a Providência Suprema, razão por que os pedidos que lhe dirigimos deixam de ser deferidos, quando nossos desejos são insensatos. Convenhamos que uma coisa é pedir e outra é saber pedir; e coisa mais importante ainda é saber o que se deve pedir, para que, por falta de conteúdo, nossas rogativas não fiquem sem resposta. Estulto, por exemplo, é quem roga sejam-lhe concedidos os tesouros da terra e o remédio que o isente da dor. Ora, a dor é necessária ao desenvolvimento de nossa inteligência e à elevação do nosso espírito. «Os males que desejaríamos afastar de nós — observa judiciosamente o filósofo Léon Denis — são muitas vezes a condição necessária do nosso progresso. Se fossem suprimidos, o efeito disso seria tornar estéril a nossa vida. De outro modo, como poderia Deus atender a todos os desejos que os homens exprimem nas suas preces? A maior parte destes seria incapaz de discernir o que convém, o que é proveitoso. Alguns pedem a riqueza, ignorando que esta, dando um vasto campo às suas paixões, seria uma desgraça para eles» (3). Peça, pois, cada qual a Deus que lhe infunda bom ânimo e resignação para não virem a sucumbir sob o fardo de suas

A OVELHA PERDIDA

O Bom Pastor foi um dia
o seu rebanho guardar.
Descia a tarde nos cerros,
vinha a brisa a ciciar.

Percorreu então os montes
e desceu té aos valados,
chamando as suas ovelhas
pelos termos costumados.

À maneira que avançava,
ia embalando os ouvidos
por entre as urzes e tojos,
com os lânguidos balidos.

Depois, começou contando,
não fosse faltar alguma...
E, percorrendo o olhar,
marcou todas, uma a uma.

Mas notou que dessas cem
só noventa e nove estavam,
pois uma ovelha abalara
enquanto as outras pastavam.

Ficou logo inquietado
este nosso Bom Pastor,
a si mesmo perguntando
que acontecera em redor.

E caíu por fim a noite
sobre a terra adormecida.
Onde estaria, Senhor,
a pobre ovelha perdida?

Ter-se-ia extraviado
nalguma agreste ravina,
cheia de fome e de frio,
sob a nortada assassina?

Ou algum lobo daninho
a arrastara tristemente,
cravando os dentes de fera
na sua carne inocente?

E o Pastor vendo as trevas
já a montanha abafando,
instantâneamente parte,
à procura, perscrutando.

Ei-lo afrontando, sem medo,
os mais tétricos perigos
sobre a margem dos abismos,
onde há ecos inimigos.

Chove agora, chove sempre,
ao longo relampagueia;
o terror invade o ermo,
mas o Bom Pastor vagueia...

Tem os ossos alagados,
sente o frio enregelar.
Procura, porém, a ovelha,
porque a pretende salvar.

Encontrou-a finalmente,
ao rebentar um corisco,
era a ovelha mais ronhosa
que havia no seu aprisco.

Todavia, o Bom Pastor
não se arrependeu de ter
arriscado a própria vida
pela vida desse ser...

Mas no regresso à arribana,
carregando a ovelha aos
[ombros,
que aconteceu ao zagal,
para assombro dos assombros?

Perante alguns guardadores
que tinham ficado à espreita,
penetrou pelo curral
com uma certeza perfeita.

Trazia os lívidos pés
rasgados de caminhar,
e sobre o peito uma chaga
terrìvelmente a sangrar.

E tombou morto no meio
das noventa e nove ovelhas,
que o furor da tempestade
lhe emurchecera as orelhas.

Foi assim que o Bom Pastor
veio a saber quanto custa
ser bom de mais nesta vida,
que muita vez é injusta!

OCTÁVIO DE MARIALVA

(Do livro a publicar «Messias»)

provas. Quantos nas suas orações solicitam riquezas, glórias, bem-estar, saúde e colocam o que é material e perecível acima do que é espiritual e duradouro!

Para Prentice Mulford, a melhor oração será a que pedir acima de tudo a maior dose de sabedoria, pureza e elevação da alma e, sobretudo, a maior caridade. É evidente que Deus só concede aos seus filhos o que é merecido e útil; negando-lhes algumas coisas é que estas não lhes trariam proveito real. Nós mesmos, a despeito de nossa ignorância e atraso no terreno do bem, obramos da mesma maneira em relação aos nossos familiares. Naturalmente não satisfazemos todas as vontades de nossos filhinhos, embora lhes causemos desgosto e pranto, justamente por preservá-los de sofrimentos que a satisfação de seus gostos acarretaria. Por espírito de previdência devemos evitar o prazer que causa dor. Qual o pai ajuizado que atenderia o pedido de seus filhos em idade infantil, para banharem-se num rio caudaloso, ou os deixaria livres de brincar em frente à residência onde houvesse intenso trânsito de veículos? Os infantes, coitadinhos, não sabem o que pedem a seus pais humanos; e nós, adultos, também somos quais crianças sem juízo a encher de pedidos frívolos ao Pai celestial que tudo prevê e provê para nosso bem.

---

(1) Dr. Pedro Dias de Sousa, «O valor da Prece e a eficácia da Concentração», *in* «ESTUDOS PSÍQUICOS», ed. Janeiro-Fevereiro de 1940.

(2) Tiago, 4: 2-4.

(3) Léon Denis, «Depois da Morte», p. 315, 7.ª ed. da F. E. B.

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

39

A VISÃO DE OLAVO BILAC

Amigo radiouvinte

Não sabemos se ainda vive o Dr. Leal de Sousa, que um dia subiu ao estrado da Federação Espirita Brasileira, para realizar uma conferência notável. Se não estamos em erro, analisou a posição de grandes sumidades que negaram os factos espiritas e a de outras que os reconheceram após investigações laboriosas. E teve esta frase sintomática: «A teoria não produz o facto e a transcendência da mais completa teoria não destruirá o facto mais simples». E depois acrescentou que o Espiritismo era o facto criando a teoria.

Há muitos anos que lemos o trabalho em questão, mais descritivo que analítico, mas a verdade é que nos impressionou grandemente. Em linguagem sugestiva, o conferencista contava as suas observações que se relacionavam com gente conhecida, de 1911 a 1915. Alcides Maia, da Academia de Letras, Ezequiel Ubatuba e o deputado Francisco Marcondes tomaram parte numa série de coisas insólitas que bem mereciam estudo de pessoas inteligentes. Assim, uma vez estava Leal de Sousa deitado, a ler, de luz acesa, e começou a sentir frio nos pés, ao mesmo tempo que uma coluna de luar se lhe desenhava sobre a cama. Apavorado, fugiu do quarto, sem poder explicar o fenómeno.

Noutra ocasião em que tomava chá com o Alcides e o Ubatuba, a poltrona em que o Alcides se sentara começou a erguer-se devagar e pairou no ar durante algum tempo.

A causa nunca se soube ao certo; mais tarde, porém, o andar passou a outros inquilinos e quando Alcides lá foi uma noite os novos moradores fugiram em trajes menores, gritando que lhes estavam a sacudir e a quebrar os móveis...

Foi assim que Leal de Sousa principiou a investigar no mundo dos espíritos e não podemos esquecer o seu inquérito jornalístico que mais tarde reuniu em livro precioso e foi o prólogo de estudos mais profundos, ombro a ombro com o grande Coelho Neto, durante os quais assistiram a fenómenos surpreendentes, entre eles algumas materializações de espíritos identificados pelos circunstantes.

Em Junho de 1915 pôs termo à existência o poeta Aníbal Teófilo. Um grupo de amigo costumava jantar diàriamente em companhia de Olavo Bilac. Era o Goulart de Andrade, o Martins Fontes, o Alexandre Lamberti Guimarães, o Heitor Lima, o Luís Murat, o Leal de Sousa e o Aníbal Teófilo.

Gente na flor da vida, esfusiante de glória literária. Mas dias antes do trágico desenlace o ambiente tornou-se carregado. Aqueles jantares perdiam a alegria juvenil.

Certo dia, o Aníbal Teófilo visitou Leal de Sousa e disse-lhe que iria morrer em breve e desejava transmitir-lhe as últimas vontades. O amigo não se conformou e fê-lo observar por um médico familiar. O Aníbal não tinha doença alguma...

E acora damos a palavra ao conferencista.

«Nas antevésperas do dia fatal — disse ele — jantávamos em casa de Alexandre Lamberti Guimarães e, de pronto encruzando os talheres, a face ensombrada, Olavo Bilac declarou sentir-se indisposto, pediu que não nos inquietássemos e que não fizéssemos perguntas. No fim chamou o Alexandre e mais alguns e disse:

«— Vi naquele canto o Aníbal cair ensanguentado.

«O Aníbal estava noutra sala a conversar com uma senhora, mas o Olavo Bilac afirmava de novo:

«— Vejo-o naquele canto, caído e ensanguentado.

«E dois ou três dias depois dessa visão, o poeta caía ensanguentado no saguão do *Jornal do Comércio*».

Porque disse Aníbal Teófilo que iria morrer em breve? A explicação está numa carta que dirigiu a uma pessoa de São Paulo e que passou às mãos de Gregório da Fonseca.

Descrevia um sonho que tivera e que Leal de Sousa resumiu assim:

«Era noite cerrada, de espessa treva. Caminhando ao longo da muralha do cais da Glória, Aníbal ouviu um barulho de remos batendo na água e, parando, viu encostar-se ao paredão um bote negro, donde saltaram marinheiros vestidos de negro que o cercaram.

«— Tens medo? — perguntou um deles.

«— Não tenho —, respondeu o Aníbal.

«— Vem connosco.

«E embarcou no bote funéreo, com os marinheiros enlutados, atravessando o silêncio escuro da noite, sobre as águas cheias de sombras. Longe, no meio da Guanabara, passou-se para um navio inteiramente negro, a cujo lado, junto à escada, encostara o bote. Ao percorrer o interior desse navio, verificou, com surpresa, que os camarotes e beliches eram túmulos com epitáfios. E lendo, numa lápida, o nome de seu pai, abriu-a. Apareceu-lhe então a amada figura paterna, que lhe disse:

«— Meu filho, está próxima, muito próxima, a tua última hora. Fiz quanto me foi possível para salvar-te, mas nada consegui. Vai e prepara-te para morrer.

«Depois desapareceu. Aníbal afastou-se, regressou à terra no mesmo bote e despertou».

É bem natural que este sonho influenciasse o poeta Aníbal Teófilo e o levasse ao derradeiro extremo do suicídio. Mas, se assim foi, devia ter havido causas predisponentes, a que não se referiu o Dr. Leal de Sousa. Não se lhe pode chamar sonho premonitório, nem indicação de que o poeta estava à beira da morte. A formação religiosa povoou-lhe talvez a mente de coisas terríficas e daí o ser levado à conclusão de que a sua vida estava prestes a extinguir-se.

Parece que as suas mensagens de espírito denotavam semelhança com a sua situação anterior; e o conferencista afirma que o ouvira em sonho a dizer que estava no escuro, sentindo-se devorado pelos vermes. É que o sr. João Fontoura recebera uma comunicação em que Aníbal, já

liberto dessas preocupações, se lembrava de «estar no escuro, sentindo-se devorar pelos vermes».

Seja como for, o que o Dr. Leal de Sousa quis frisar com o relato das suas investigações foi que aceitou os resultados desse trabalho, ao contrário de muitos que viram e não acreditaram. A morte de Aníbal Teófilo pode relacionar-se com o fenómeno de obsessão e quer-nos parecer que não seria outra a causa. Quantos sonhos temos nós tido que nos levariam ao desânimo e a consequências perigosas, se começássemos a engendrar pessimismo e a ligar, incoerentemente, uma cena a outra! Ao cabo de alguns minutos estaríamos na peugada do poeta Aníbal Teófilo.

O que não há dúvida é que vivemos num oceano onde forças ocultas vogam sem cessar à espera que os binóculos mediúnicos as distingam. Além de grande poeta, Olavo Bilac foi grande sensitivo, coisa que talvez muitos ignorem.

Amigo radiouvinte: desejo-te saúde e progresso e que o Brasil seja a terra da Promissão.

40

NO MUNDO DAS SENSAÇÕES

Amigo radiouvinte:

Há problemas tão complexos e aliciantes que, pensar neles, é desdobrar um panorama vastíssimo e apresentá-lo à expectação de sábios e psicólogos. Já cogitaste alguma vez no mundo dos cegos, surdos e mudos? E no esforço quase sobre-humano de educar estes seres em idioma de região diferente?

Em 1944, o *Diário da Noite* do Rio de Janeiro publicou uma reportagem curiosa acerca de Marta Heurtin, internada no Instituto de Poitiers, onde havia seis cegas-surdas-mudas a trabalhar em malhas, e outras imóveis, inexpressivas, como estátuas, mergulhadas em noite silenciosa. Marta é que nunca vira, ouvira e falara desde a nascença. Era uma alma segregada da multidão, que não externava sentimentos, à mercê de todos, em vida vegetativa. Não adiantava o que iria na escuridão e no silêncio do seu espírito. Só uma coisa era certa: a sua vida constituía mundo aparte, que outros não podiam franquear nem entender, à excepção da irmã São Luís, que a levou a novos horizontes, ensinando-lhe a linguagem táctil. Foi esforço enorme e difícil de avaliar, semelhante ao caso de Helena Keller, que está na memória de todos.

O jornalista falou a Marta Heurtin cujo aspecto era simples e vulgar, bastante agradável, faces coradas que davam tonalidade a uns olhos verdes de grande agilidade. A voz é que era rouca, sem modulação, esquisita e monocórdica, além de articulada em surdina.

A irmã São Luís pegava-lhe nas mãos e tocava-as em gestos rápidos. E Marta compreendia e respondia, falando ou escrevendo na lousa... Disse o nome, a idade, a estação do ano, o dia, e que aprendera o alfabeto nos lábios da irmã São Luís. Além disso escrevia à máquina e lia pelo método de Braille ou de Ballu. Galgava as muralhas de um país mental e debruçava-se no campo luminoso da vida corrente.

— Porque está aqui?

— Porque sou cega, muda e surda. Deus assim o quis...

— Tem parentes?

— Tenho. São velhos. Visito-os nas férias e quero-lhes bem. Também tenho sobrinhos. São bebés.

— Sabe como se vive fora do Instituto? Como vivem as moças?

— Li nos livros que ficam com os pais ou se casam. Mas comigo não é possível.

— E causa-lhe pena?

— Não. Sou feliz com as irmãs e as minhas companheiras.

— Que faz durante o dia?

— Levanto-me às seis, trabalho, passeio, leio, tenho as orações...

— Que leitura lhe agrada mais?

— A «História Sagrada». Sei muitos trechos de cor. Também gosto dos livros de viagens. Estou a ler o de um menino que procura o pai através dos mares. Tenho a certeza de que há-de encontrá-lo.

— Como se distrai?

— As irmãs proporcionam-me festas em que representamos.

— Tem recordações da infância?

— Não me lembro dela. Só me lembro de que aprendi a custo e que uma vez fiquei triste e outra alegre. Sofri muito quando minha irmã morreu. Estávamos doentes e dormíamos na mesma cama. Um dia toquei-lhe no corpo e senti que estava frio. Disseram-me que iria dormir debaixo da terra e que a sua alma fora para o céu, onde a verei.

Esta conversação era feita penosamente, por intermédio da irmã São Luís, verdadeira heroína ao serviço da humanidade. Era um livro aberto a projectar-se na cripta escura de Marta.

Depois disse que a sua linguagem e compreensão estavam nas mãos daquela desvelada protectora. E julgava-se feliz, pela variedade e energia das sensações que recebia.

— Se o bom Deus quiser — concluía — assim continuarei sempre até o fim. Sei que morrerei como todos, mas viverei satisfeita, se passar a vida resignadamente.

O jornalista retirou-se alanceado. Levava na alma impressões misteriosas a respeito dos miseráveis que vieram à Terra para sofrer.

A irmã São Luís explicou que a jovem era um conjunto de nervos e de gritos, ao entrar no Instituto. Se lhe tocava atirava-se ao chão. E só quando começou a compreender o idioma dos sinais é que se pôde trabalhar na transformação do ser.

Marta Heurtin possuía uma faquinha de que gostava muito. A irmã tirou-lha e devolveu-lha, fazendo-lhe um sinal na palma da mão. Repetiu-o vinte vezes. Um dia, para pedir a faca, Marta fez o mesmo sinal. Estava dado o primeiro passo no estudo dos sinais dactilógicos. Vieram letras, sílabas e palavras. Vieram sentimentos, veio o drama evolucionista, quando o vocabulário atingiu as coisas abstractas.

Ao cabo de dois anos fizeram-lhe conceber a vida e a morte.

E levaram-na ao jardim e fizeram-lhe tocar as plantas e as folhas e as flores e sentir o sol... E perguntaram-lhe quem tinha feito tudo e a ela e a todos... E veio a compreensão do mar e da terra, do céu e do espaço... Até que chegou à ideia do universo...

O mundo das sensações desdobrou-se em galopada fremente e ela ocupou o lugar que lhe pertencia. Isolada, mas não segregada, porque aprendera a comunicar com os semelhantes, à falta de veículos naturais.

Marta Heurtin deve ter perto de cinquenta anos, se ainda fizer parte das hostes terrenas. E é possível que o seu conhecimento se tenha estendido a sectores vedados a seres normais que se limitam a observar a superfície. Gostaríamos de ler as suas memórias, as memórias de quem viveu emparedado e começou a sentir que alguma coisa se movia em torno de seus passos.

No manto escuro da noite os videntes sentem quadros de maravilha. Outras vezes contemplam-nos com os olhos do espírito. Os leigos não entendem, os leigos não vêem, e sequem encolhendo os ombros. Marta Heurtin via mais do que eles. Cega, surda e muda, como Helena Keller, talvez viva e agradeça a Deus o seu destino.

Boa noite, amigo. Que Deus nos inspire a todos.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A CURA PELA MÚSICA

O ano passado *Psychic News* inseriu uma notícia acerca de Georges Melachrino, maestro muito popular que começou a praticar a cura pela música com óptimos resultados. O mais curioso é que nada menos de quatro psiquiatras patrocinam o tratamento que o maestro aplica a várias crianças que sofrem de alienação mental.

Melachrino considera esta actividade como a melhor obra da sua vida. Pelo menos a mais aliciante. Ele próprio declara:

— Amei sempre as crianças. Perdi as minhas duas filhas na última guerra-relâmpago e por isso quero auxiliar todas as crianças que puder.

A ideia da terapêutica musical surgiu-lhe em 1953, ao ler a sua correspondência. Pensou que talvez pudesse prestar serviços à Medicina e fez secretamente algumas experiências.

Conheceu um garoto de nove anos, com grande personalidade, que gostava de destruir tudo o que encontrava, atirando pedras e foguetes. Um dia atingiu o carro de Melachrino e este obrigou-o a sentar-se tranquilamente, a fim de escutar vários discos, entre os quais «Abençoai esta casa», «Fica comigo» e «O fim de um belo dia». Agora, o garoto lava-lhe o carro todos os domingos. Foi uma mudança radical.

Levaram-lhe também uma menina de 10 anos que não podia andar nem falar.

— Deixei agir a música — diz ele — e 15 dias depois ela andava e falava como as outras crianças.

Quando Melachrino organiza uma sessão musicoterápica para as suas crianças, permite-lhes marcar o compasso e os tempos com os pés ou batendo com pequenos objectos, segundo o seu próprio ritmo. E muitas vezes faz sessões em grupo e toca flauta.

A propósito desta curiosa terapêutica, diz um psiquiatra que a música faz vibrar uma corda infantil que os médicos não podem encontrar.

Há muitas coisas na terra que os sábios desconhecem... O equilíbrio e a saúde são movimentos vibratórios de efeitos diversos. A Medicina — já o temos dito algumas vezes — não faz mais do que auxiliar a Natureza. A cura solar, a cura dietética e a cura hidroterápica são efeitos desses movimentos que se processam à margem da farmacopeia. A cromoterapia, a musicografia e a magnetoterapia são modalidades terapêuticas que muitos médicos desconhecem, mas de resultados práticos incontestáveis. E muitos doentes crónicos que a Medicina não cura, porque não pode curar, como declarou o Dr. Adriano de Oliveira, ficariam sem auxílio e sem esperança, se não fossem esses métodos, tão achincalhados e combatidos, principalmente no campo das neuroses.

APARIÇÃO NO MOMENTO DA MORTE

Conta *Two Worlds* de 5 de Maio de 1956 que Schiaparelli, a famosa rainha da moda parisiense, teve conhecimento da morte de seu pai muitas horas antes de ser conhecida. Eis o que ela contou a um jornalista francês que a entrevistou:

— Um dia estava deitada na obscuridade e vi meu pai entrar silenciosamente através de uma porta fechada e sentar-se aos pés da cama, onde ficou imóvel. Ao notar-lhe o rosto extremamente pálido, perguntei a mim mesma se ele estaria vivo ou morto.

«Tudo é possível no reino da afeição. E agora pergunto: não nos será permitido um último desejo no momento da morte, antes de seguir a rota do destino? Quando um ser humano chega às fronteiras do Além, não lhe será permitido lançar a vista retrospectiva para os entes queridos ou para os que mais necessitavam dele?

«Assim fez meu pai no visitar-me para me dar força e coragem.

«No dia seguinte disse a meu marido:

«— Meu pai morreu ontem.

«Pouco depois, a notícia chegou. Morrera exactamente no instante da aparição».

Damos este relato a título de curiosidade, certos de que os leitores têm lido muitos outros semelhantes.

O ESPIRITISMO NA SUÉCIA

O Espiritismo vai fazendo a ronda do mundo, apesar dos calços que encontra no caminho. Sem protecção oficial, sem privilégios de alguma espécie, enfrenta as multidões, vai ao laboratório, à escola, à oficina, abana os indiferentes, como quem diz, ciente do seu papel e da sua força:

— Cá vou, amigos. A verdade não tem pés e anda...

Assim é, com efeito. Depois de aliciar os meridionais foi às regiões nórdicas e ali se estabeleceu com dignidade e aprumo.

Segundo um relato da Comissão Organizadora do Congresso Espirita Internacional de Paris, a *União Espirita Sueca* tem 28 Sociedades espalhadas pelo continente, as quais desenvolvem grande actividade ante o respeito da Imprensa e da Rádio.

Sob a presidência de Magnus Bernström, de Gotemburgo, que até há pouco foi Secretário Geral, a *União Espirita Sueca* esforçou-se por consolidar a posição das diferentes agremiações e criar outras nas cidades onde o movimento não estava representado. Nesta conformidade viajou por toda a Suécia, a fim de realizar conferências e dar instruções às novas células espiritas.

Já se encontra preparado um folheto de 50 páginas destinado a todas as sociedades, com o resumo do Espiritismo e com instruções necessárias para a organização de uma sociedade.

Os grupos existentes têm recebido médiuns e conferencistas, não obstante a dificuldade de obter o concurso de bons médiuns que se

disponham a estas viagens de propaganda.

A Sociedade Espirita de Estocolmo tem perto de mil agremiados e costuma realizar conferências públicas, além de seis reuniões anuais com assistência de 500 pessoas, embora sem experiências psíquicas que, por enquanto, não são autorizadas por lei.

O grande escritor Jan Fridegard é um belo conferencista e adepto da doutrina. Ainda há pouco o confirmou, quando os jornais o entrevistaram por ocasião do seu sexagésimo aniversário. A própria Rádio deu-lhe ensejo de interessante debate com um médico a respeito da «Vida após a Morte» e segundo os comentários da imprensa, Fridegard saiu vencedor. O facto de as autoridades da Rádio autorizarem a emissão de assuntos psíquicos é sinal de progresso evidente.

Em 1924 visitou a Suécia o sr. Len Lloyd, presidente da Federação Espirita Internacional, e em 1927 lá esteve também a senhora Jean Thompson, célebre médium escocesa muito conhecida nas Ilhas Britânicas.

A *União Espirita Sueca* recebeu em Gripholm a visita da *União Espirita Nórdica* de 3 a 13 de Agosto de 1956. Esta última colectividade enviou 150 participantes da Suécia, da Dinamarca, da Finlândia e da Noruega.

No dizer da Comissão Organizadora do Congresso referido, é cada vez mais auspicioso o movimento espirita sueco, embora muito haja ainda a realizar para que os alvos sejam atingidos.

Como dissemos, o Espiritismo vai fazendo a ronda do mundo, apesar dos obstáculos que se levantam. A sua doutrina é tão lógica, tão racional, que até as príprias religiões assumem atitudes benévolas para com ele e outras sofrem cisões, como sucedeu recentemente na África do Sul.

A Suécia é um dos países mais civilizados do mundo. Por isso não podia menosprezar o estudo de um ideal que tanto fortalece o homem.

E A RONDA CONTINUA...

Segundo lemos em *Spiritualisme Moderne*, órgão da União Espirita Belga e dirigdo por Armand Donnay, nosso redactor-correspondente em Liege, o *Grupo de Estudos Espiritualistas* de Nice, tem desenvolvido enorme actividade mediúnica. Foi organizado em 1955 pela senhora Naschitz-Rousseau, que em Marselha fundara outro semelhante.

O fim do Grupo é difundir as ideias espirtualistas, inclusivé o Espiritismo, esforçando-se pela compreensão e fraternidade total entre todos os que defendem os mesmos ideais. A senhora Raschitz é, ao mesmo tempo, a médium do grupo e uma das melhores conferencistas.

As conferências são realizadas três vezes por mês no Salão de Maria Cristina, Rua de França, n.º 20, e versam todos os assuntos de filosofia espiritualista, bem como de radiestesia.

Como tudo isto não bastasse, há também sessões mediúnicas em casa da senhora Raschitz, que é clarividente. Primeiro transmite uma mensagem doutrinária e depois seguem-se outras dirigidas aos assistentes, com o fim de dar provas da sobrevivência. E muitos têm sido confortados.

Também há cursos de desenvolvimento psico-espiritual, destinados àqueles que desejem aperfeiçoar-se na concentração e na meditação.

Como é natural, aquele ambiente de espiritualidade e fraternidade, quer nas sessões, quer nas conferências, produz amizades verdadeiras que se prolongam pela vida fora.

Os doentes nunca são esquecidos durante os trabalhos do Grupo. Deste modo grandes curas se têm obtido.

Sim, o Espiritismo vai fazendo a ronda do mundo e dos homens, apesar de tudo o que lhe fazem os que o não conhecem.

OS ANIMAIS NOSSOS AMIGOS

Lord Dowding, Marechal do Ar e espiritista militante que inúmeras conferências tem realizado na Inglaterra, falou na Câmara de Lordes contra a vivisecção e fê-lo desassombradamente, como segue:

«À medida que evoluciona, a raça humana vai aceitando melhor as revelações novas. Infelizmente, a maior parte das religiões é que omitem com frequência a realidade deste factor. Em geral, os prelados costumam dizer: «Tudo o que é necessário à salvação se encontra na Bíblia; portanto é inútil e até incrível procurá-lo noutro lado».

«A ideia de que os animais não sobrevivem à morte física deve-se ao ensino ministrado à nossa infância. Todas as vidas são idênticas e se integram na evolução. Os animais são nossos irmãos menores e por isso a sua escala está próxima da nossa».

Noutra ocasião, Lord Dowding disse na mesma Câmara que o número anual de experiências de vivisecção se elevou a *dois milhões e meio*, acrescentando que, para defender os animais de experiências dolorosas, só havia 5 inspectores distribuidos por 520 laboratórios. Quer dizer: cada um tinha que vigiar 500.000 experiências anuais e assegurar a observância da lei, que é cheia de escapatórias.

—O sistema da inspecção—disse ele — é uma burla e serve para deitar poeira nos olhos do público. Assim, é lógico supor que os laboratórios continuem nas suas experiências à porta fechada. Creio que as experiências referidas são moralmente repreensíveis, pois não se deve praticar o mal para se atingir o bem, mesmo que se provasse que género humano tiraria proveito do sofrimento infligido aos animais. Estou firmemente convencido de que, na maioria dos casos, a humanidade não lucra nada com isso e que os resultados da vivisecção são falsos e perniciosos».

Altamente judiciosas são as palavras de Lord Dowding. E para demonstrar a sua justificação, basta dizer que em Julho de 1957 foi preso um casal que roubou 720 gatos para os ceder, a 12 xelins e 6 dinheiros cada, a um intermediário que os vendia a 25 xelins a hospitais e universidades para experiências de vivisecção.

A MÉDIUM TINHA RAZÃO...

Two Words publicou em Maio de 1956 uma notícia edificante. O artista psíquico Coral Polge mostrou ao sr. Poole um retrato que fizera da mãe deste e recebeu a seguinte resposta:

— Tenho muita pena, mas isto está errado.

No entanto... Quando chegou a casa, o sr. Poole foi observar um quadro com o retrato da mãe, que morrera dois anos depois dele ter nascido. Notou qualquer semelhança, mas ela usava o cabelo sobre a testa... como se via no quadro...

Depois abriu um pequeno album de fotografias e sempre o mesmo pormenor, quanto ao cabelo, até que encontrou a última fotografia da sua mãe tirada pouco antes da morte. Ficou então impressionadíssimo, quando lhe viu o cabelo penteado para os dois lados...

O mais interessante é que o sr. Coral Polge nunca vira qualquer fotografia da mãe do sr. Poole.

NOTAS e COMENTÁRIOS

O FANTASMA BRINCALHÃO

A Agência portuguesa ANI distribuiu um telegrama de Selsley, Inglaterra, que transcrevemos:

«Quem desejar umas férias agradáveis e emocionantes não tem mais do que alugar a casa de campo de Charles Quick, onde existe um fantasma brincalhão e amigo de ajudar nos pequenos trabalhos domésticos, tais como dar corda aos relógios ou arrumar a louça nos armários. Quick garante que Peter (o fantasma) é absolutamente inofensivo e as palmadas que às vezes dá, de brincadeira, não aleijam ninguém, antes pelo contrário».

Ainda há quem diga bem dos fantasmas. Dizer mal deles é dizer mal dos homens. Cada um de nós se apresenta como é, com sua índole, sua inteligência ou temperamento. Isto faz parte do espírito e a mudança de ambiente não altera aquelas qualidades.

Muitos não dão pela morte. Aferrados à terra, densificados e quase materializados, entretêm-se com frioleiras, como essas do telegrama. Outros são menos pacientes. Fazem distúrbios. Estilhaçam vidros, abrem e fecham portas e janelas, deitam louça ao chão, rasgam cobertores, etc., quase sempre para que notem a sua presença e cheguem à fala com eles. Quando desabafam, abandonam o local e tudo volta ao que era dantes.

Os espíritos são almas desencarnadas. Para que se há-de ter medo delas? Em cada segundo muitas encarnam e muitas se libertam. E nós todos pertencemos ao número das que vieram e aguardam a partida. Então seremos fantasmas como eles, conforme o nosso grau de evolução espiritual.

Não se riam dos fantasmas. Elevem um pensamento em sua intenção e saibam que o nosso mundo é semelhante aos outros. A solidariedade é universal.

«VOZES DO CORAÇÃO»

Temos aqui o n.º 4 de «Vozes do Coração», revista anual editada pela instituição «Legionárias de Maria», do Rio de Janeiro. É relativa ao Natal de 1957 e insere matéria escolhida em prosa e verso. Entre outras coisas, vemos a notícia da desencarnação de Leopoldo Machado.

«Conhecido em todo o Brasil — diz o articulista —, não media sacrifícios para servir a doutrina a que esteve ligado. Escritor de fôlego, grande poeta e polemista destemido, era grande amigo das crianças e dos moços. A ele se deve a realização, em 1948, do 1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, de larga repercussão, ainda hoje recordado por quantos desbravaram caminhos, vencendo o comodismo e preparando o terreno para o desenvolvimento das Mocidades espalhadas por todo o território nacional, como decorrência daquele congresso».

Saudamos a Instituição «Legionárias de Maria» e o seu impulsionador José Carvalho Lucena, patrício e amigo que se entregou inteiramente à vida desta colectividade.

«VIDAS SUCESSIVAS»

Acabamos de receber o n.º 3 de «Vidas Sucessivas», órgão independente de publicação bimestral sob a direcção do Dr. W. Cangussú. Tem a redacção em Belo Horizonte e apresenta-se com belo aspecto gráfico em sua feição essencialmente noticiosa. A secção «Notícias do Brasil e do Mundo» é muito interessante e elucidativa. Quase todas as revistas e jornais brasileiros se limitam à notícia local, mas Vidas Sucessivas, neste ponto, rasgou janelas sobre o horizonte.

É pena que não se transforme em revista mensal. A causa necessita de obreiros e certos assuntos requerem pertinácia.

Não conhecemos o seu director, mas quer-nos parecer que é homem dinâmico capaz de fazer desta revista um grande órgão de propaganda. Impressa a duas e três colunas, no formato de Estudos Psíquicos, lê-se com muito agrado, motivo por que lhe auguramos pleno êxito no seu futuro.

EM TORNO DE HUMBERTO DE CAMPOS

Segundo informação do Diário de Notícias do Rio de Janeiro, voltou ao pretório o caso de «Humberto de Campos, cujas obras, psicografadas por Francisco Cândido Xavier, deram que falar durante muito tempo, originando um grosso volume da autoria dos Drs. Miguel Timponi e Carlos Imbassahy. Diz este jornal, em edição de Setembro de 1957:

«Uma das mais complexas e sensacionais questões sobre direitos autorais registadas em toda a história forense voltará a empolgar a opinião pública com o prosseguimento este mês dos julgamentos de uma obra póstuma de Humberto de Campos, que se considera psicografada por «Chico Xavier». O caso será apreciado em recurso de revista pelo Tribunal de Justiça local, conforme providência tomada há dias pelo advogado Milton Barbosa, patrono da família do saudoso escritor».

Como já lá vão cinco meses sem que a imprensa espírita se tenha manifestado, gostaríamos de saber o que este meritíssimo Tribunal terá resolvido.

100 ANOS DE PROPAGANDA!

Assim mesmo! Cem anos de propaganda ao serviço do Espiritismo!

La Revue Spirite, fundada por Allan Kardec e actualmente dirigida por Hubert Forestier, editada em Soual (Tarn), onde o seu director desempenha as funções de Presidente da Câmara, é um documento vivo da doutrina que serve. Pena é que apareça bimestralmente. O seu carácter literário distingue esta revista entre muitas outras e a larga informação dos seus «Ecos» torna-a credora da nossa simpatia.

Felicitamos Hubert Forestier pelo grande serviço que está prestando à Causa Espírita, não só mantendo a revista de Allan Kardec, como também editando bons livros que muito contribuem para melhor conhecimento do Espiritismo, sob os três aspectos bem conhecidos: científico, filosófico e moral.

Centro Espiritualista Luz e Amor

Prezados Consócios e Leitores Amigos

Conversemos um pouco, havendo que reconhecer precisarmos de estar mais em contacto, não só entre nós como aumentar o nosso campo de acção a outros sectores.

O nosso Centro é sobretudo uma organização de irradiação mental de superior cultura para todas as pessoas de qualquer credo ou ideologia. Difundir uma doutrina sem ferir a de quem quer que seja, mas que a estudem e dela se apreendam bem, é o nosso lema.

Possuimos uma excelente biblioteca que, estamos crentes, uma grande parte dos sócios ignora e outros lhe não dedicam o devido e merecido interesse. Dela consta numerosa e variada existência de bons livros de óptima cultura espiritual, através dos quais, toda a pessoa encontra leitura de alto fortalecimento intelectual e nova bagagem de conhecimentos, levando o seu pensamento a novas directrizes e, por ventura, a melhor orientação.

Eis por que vimos lembrar-vos que tais obras estão à vossa disposição em condições acessíveis.

É uma das boas regalias que o nosso Centro concede aos seus associados com as suas quotizações em dia.

Àqueles que as não possam consultar, ou mesmo ler, na sede, é-lhes facultada a leitura no seu próprio domicílio, mediante depósito do valor dos livros requisitados, pagando pelo período dos primeiros 10 dias Esr. 3$00; depois desse tempo pagarão mais 30 ctvs. por dia, não podendo nenhum sócio, todavia, reter os livros por mais de 30 dias. Ou por assinatura mensal de Esc. 5$00, podendo, dentro deste tempo, ler os livros que possam e desejem, se bem que neste caso cada obra a não devam demorar mais de 15 dias. E assim todos poderão ter leitura fácil e boa no seu lar.

Também desejamos tornar extensivas estas facilidades aos leitores da revista «Estudos Psíquicos», nas seguintes condições:

— Taxa de aluguer de Esc. 4$00 por 10 dias; depois desse tempo mais 50 centavos por cada dia e por livro que requisitem não podendo em caso algum reter os livros em seu poder mais de 30 dias: ou por assinatura mensal de Esc. 7$50, sem limitação de requisições que façam durante cada mês, mas, neste caso, sem deverem reter cada obra por mais de 15 dias e sempre contra depósito do valor das mesmas.

Em qualquer dos casos e nas mesmas condições também atenderemos requisições para a província, pagando os requisitantes as despesas postais.

Posto isto, apraz-nos informar que, tanto quanto possível breve esperamos ter em distribuição catálogo geral dos livros em existência, tanto para aluguer como para venda.

Entretanto, poderão guiar-se para as suas requisições pelos anúncios que a nossa revista vai publicando das principais obras, podendo também requisitar quaisquer outras de vosso interesse que nos indiquem.

Aguardamos, por conseguinte, as estimadas ordens dos interessados e as apreciáveis sugestões que também julguem conveniente fazer-nos.

E a todos, os nossos votos de saúde, boa disposição, paz e harmonia, por elevação dos nossos pensamentos ao alto, em solicitação de comunhão com os vossos.

A NOVA DIRECÇÃO

TRABALHOS DO CENTRO EM MARÇO E ABRIL DE 1958

Grupo Réper-Siam

Todas as 5.as feiras, às 21.30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Grupo «Allan Kardec»

Todas as 6.as feiras, dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 2, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 9, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso: «Os Fenómenos Telestésicos».

Dia 11, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 16, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 23, domingo, às 21.30 — Festa da Primavera, na qual participarão oradores, declamadores e cantores.

Dia 25, 3.ª feira, às 21.30—Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 26, 4.ª feira, às 21.30 — 2.ª Conferência de Isidoro Duarte Santos da série «As Forças Ocultas». Falará acerca das energias cósmicas, dos fluidos aplicados às doenças orgânicas e mentais e dos passes magnéticos em geral. Assunto de grande interesse para médiuns curadores.

Dia 30, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 6 de Abril, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 13 de Abril, domingo, às 16 horas—Conferência do Dr. Adriano de Oliveira, intitulada «Medicina Herética».

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Fevereiro — I. D. S., 30$00; José H. Santos, 20$00; L. S., do Porto, 50$00; X, Algés, 20$00; F., 20$00; C., 5$00; A. L., 10$00; Abel Alves, de Encoberta, 40$00; V. L., 10$00; M. L., 10$00; Anónimo, de Lisboa, 10$00. *Total — 225$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estado da Doutrina Espirita	15$00
A Prece	10$00
Espiritismo	15$00
O principiante Espirita	15$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 42$00	30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 42$00	30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 42$00	30$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 42$00	30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	25$00
Depois da Morte (nova edição)	40$00
O Porquê da Vida	20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	40$00
No Invisível (nova edição)	45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	45$00
A Evolução Anímica	42$00
O Fenómeno Espirita	40$00
A Alma é Imortal	45$00
A Reencarnação	45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	20$00
Enigmas da Psicometria	25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	32$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	20$00
Xenoglossia	25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	30$00
Casas Mal-assombradas	40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	60$00
Narrações do Infinito	25$00
Urânia	35$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

	br.
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00	25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00.	30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís*	35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel*	60$00
Pão Nosso, pelo Espírito de Emmanuel	35$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	25$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	30$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	40$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vitor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	30$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	35$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 45$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira* e *B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	25$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	25$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro.* Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	25$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	25$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley.* Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	60$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	60$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	20$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	120$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia.* Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	30$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof.* Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	70$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	25$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

ACYR FARIA

(Ver pág. 151)

CONTÉM :

Dar, da **Redacção**; Diálogo com um Materialista, por **Cyrilo Alleixo**; No Câmbio da Vida Eterna, por **Emmanuel**; A Alma Suprema, por **R. N. Emerson**; Meditação, por **Ego**; Espiritualismo Académico, por **Deolindo Amorim**; Tentação, Excerto de um livro de **Lia**; Despertai, Amigos!, por **José Francisco Cabrita**; O Militar em Face do Espiritismo, pelo **General Levino Cornélio Wischral**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Uma Carta de Lord Byron, por **José Martín**; Telepatia e Vidência; Palestras Doutrinárias - 1 - O Cristo Espírita, por **I. D. S.**; Figuras que Partem - José da Costa Filho; Espiritismo, Doutrina Sublime, por **F. Noronha**; A Criança, por **Acyr Faria**; Dois Sonetos de **Manuel de Sousa**; Apologia da Prece, por **Alfredo Miguel**; Poema da Cegonha, por **Octávio Marialva**; A Voz de Portugal Espírita, por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

19.º ANO MAIO DE 1958 N.º 5

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos*, *Deolindo Amorim*, *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*, *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*, *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Não se devolvem originais

Os artigos são da responsabilidade dos autores

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

Distribuidores: Agência Internacional de Livraria e Publicações—R. S. Nicolau, 119-2.º—Telef. 26 94 02

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros. *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite. 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

19.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1958 — N.º 5

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

DAR

Quem te procura — disse Amado Nervo — vai pedir-te alguma coisa. O rico aborrecido, a amenidade da tua conversação; o pobre, o teu dinheiro; o triste, um consolo; o débil, um estímulo; e o que luta, uma ajuda moral.

«E tu ousas impacientar-te! E tu ousas pensar! A lei oculta que reparte as excelências entregou-te o privilégio dos privilégios: dar. E tu podes dar».

Nunca palavras foram mais bem aplicadas. Quem há que não possa dar alguma coisa? Para isso estamos em vida de relação, em contacto permanente com seres da mesma espécie. É um fluxo mental e espiritual. Não sabemos quando damos ou quando recebemos.

No fundo, não há seres privilegiados. O privilégio existe na acção. Todos o podem exercer para se completarem. Quem não dá, não recebe. Limita a prerrogativa, fecha o compartimento que devia ser aberto à luz do sol.

Dar do que se tem não é esbanjar, não é destruir, não é alienar direitos. Estes vêm do esforço realizado. A nascente jorra em dádiva contínua e quem passa dessedenta-se. Dessedenta-se o grande e o pequeno, o bom e o mau. A nascente não se importa, que a sua função é correr. O movimento é vida plena em todos os lugares. Foi assim no abstracto e no concreto, na ignoto e no revelado, na luz e na sombra. E será através dos séculos.

Quando damos alguma coisa, que é que se abre em nós? Ao certo não sabemos. Não é porta, nem janela, nem caminho. Mas abre-se. Seja o que for e onde for, abre-se ou distende-se no sentido do semelhante. É a corrente natural que da fonte vem. Quem a recebe não sabe o que é, se vem ou se vai, se está nele ou fora dele.

Felizes os que podem dar muito, como a fonte. Quanto mais dão, mais têm, como a fonte. O homem é uma fonte a jorrar...

Não há ricos nem pobres; há conformados e inconformados. A matéria pertence à matéria; ninguém a levará consigo. É transitória, convencional; e o espírito, porque é eterno, exige coisas eternas.

Dar, participa do eterno. Conjuga-se em todos os tempos e modos, neste e noutros mundos, no consciente e no inconsciente.

A quem dá, Deus lhe acrescenta os bens; e a quem não dá, Deus lhos tira. O povo diz assim, porque assim é.

Papillon chamou devolução à beneficência. Quer dizer: quem dá, devolve o que lhe deram. E embora os benefícios envelheçam depressa no pensar de Aristóteles, tornemo-los actuais, mudando-lhe o sentido. Voltemos para nós o seu objecto, porque somos, de facto, os maiores beneficiados.

Dar é reflexão e transcendência. Todos dão e se transcendem, procurando na esfera alheia o que não encontram na esfera própria. É a moeda do espírito, inoxidável, infalsificável, uma espécie de irrigação que vem não se sabe de onde. Transmite alegria, equilíbrio, tranquilidade. Fogo, aquece o sentimento; luz, ilumina o recôndito; bússola, livra do baixel. Proporciona tudo.

«Quantas horas tiver o dia, tu darás — continua Amado Nervo —. Nem que seja um sorriso, um aperto de mãos, uma palavra de alento. E devias cair de joelhos ante o Pai e dizer-lhe: «Graças, porque dou! Nunca sentirei impaciência».

Na verdade, que sentes tu, amigo, quando ajudas um cego, defendes um coxo, proteges um infante? Esperas que te recompensem? Não recebeste o prémio em calma, em força, em prazer? Não te sentes mais submisso? Nesse momento a matéria perde muito do seu valor. O abstracto passa ao primeiro plano.

Dá sempre, que não ficas empobrecido. Os rebentos cortam-se e florescem de novo, ainda mais luxuriantes. O que fica em ti é reflexo divino, porque nada se comporá à luz do espírito, que ilumina o passado e o presente. Dá sempre a quem tiver necessidade e não abuse da graça alheia. Não esqueças que mais vale, dar, que receber...

DIÁLOGO COM UM MATERIALISTA

Por CYRILO ALLEIXO

— Que não morremos? Mas então são os vivos que baixam à sepultura? Pergunta aos coveiros o que resta dos corpos, após algum tempo. Pó, cinza e nada, eis o nosso destino; o resto são cantigas.

— Mas, meu amigo, quem te disse que a vida se aniquila após a frieza e a imobilidade de um cadáver e a sua própria dissolução?

«Quem te disse que o nosso organismo é tão bem apetrechado, que conseguimos dar conta de tudo o que se passa à nossa volta?

«Nunca ouviste dizer que as aparências iludem? Neste caso, mais do que nunca, pois a morte é apenas aparente e não real.

— Essa forma de pensar, faz-me duvidar da tua integridade mental, desculpa a observação, porque isso de afirmares que não se morre, vai de encontro à razão e ao bom senso. Como podes compreender a vida, depois de inutilizado e desaparecido o corpo que a originava?

— Meu amigo: estou na plena posse das minhas faculdades e mantenho a afirmação de que a morte não existe.

«Claro que, fazendo fé apenas pelas aparências, não deixas de ter razão; mas, como te disse há pouco, não nos apercebemos de tudo que se passa à nossa volta. Há muita coisa invisível e os órgãos auditivos, por sua vez, são insensíveis a uma certa gama de vibrações.

«Acaso vemos os micróbios, as vibrações situadas abaixo do vermelho ou para além do violeta? Certamente não e no entanto elas existem...

«Há sons agudíssimos, emitidos por certos insectos, que os ouvidos não apreendem.

«Já ouviste falar numa ave, cujo canto é inaudível, não obstante a nossa retina assinalar os movimentos do bico, que se abre com maior ou menor amplitude, durante a execução do mesmo?

«Portanto, se te disser que com a morte da nossa carcassa, dela se destaca um outro corpo, constituído de matéria mais rarefeita e por isso mesmo invisível aos olhos dos mortais, em virtude das suas radiações ficarem para além da faixa visível, corpo com o qual passamos a viver num meio afim, constituído igualmente por matéria mais quintessenciada, acho que poderás aceitar, pelo menos teòricamente, a sua existência, uma vez que, em face do exposto, carecerá de fundamento a tua possível objecção:

«Não acredito, porque meus olhos não vêem esse tal segundo corpo».

— Falas duma maneira original, recorrendo a argumentos de certo peso, mas que me não convencem. Tenho de admitir o que dizes, quanto a certas radiações, invisíveis umas e inaudíveis outras, por serem comprovadas pela ciência, mas posso recusar a ideia desse tal corpo etéreo, relegando-o para o plano das fantasias.

«Não basta proclamar a sua realidade, sendo necessário prová-lo e, nesse caso, parece-me que estás desarmado, pois, como poderás demonstrar a existência de uma coisa que escapa por completo aos sentidos?

— O campo onde te encontras, meu amigo, é bem restrito, convencido como estás de que só os sentidos materiais poderão ser testemunhas de todos os fenómenos circundantes, ignorando assim a existência de outros canais de observação muito mais perfeitos, além de que, como se costuma dizer, para ver a aurora não e preciso luz.

«Felizes dos que se apercebem do transcendente sem contarem com a colaboração dos sentidos orgânicos, providos de outros meios de observação, muitíssimo superiores àqueles, mergulhados porém em profundo sono embrionário em grande parte dos terrícolas.

«Mas para estes últimos há processos adequados, que provam com clareza a existência de um princípio independente do corpo, susceptível de se separar temporária ou definitivamente, princípio esse que denominamos alma e que é sede de todas as faculdades, não passando o corpo físico de mero instrumento, destinado a agir no mundo material.

— Permite-me uma observação, neste ponto da conversa: essa do nosso organismo desempenhar as funções de simples instrumento nas mãos do que dizes alma, não me convence e estou a ver que, confundindo a realidade dos fenómenos, chamas alma ao simples funcionamento orgânico, quando, na verdade, tudo se resume a um conjunto de secreções.

— Então, segundo esse modo de ver, o pensamento, por exemplo, não passa de secreção das células cerebrais...

— Justamente. E porque não?

— Ora, meu caro, aí está uma teoria incapaz de se manter de pé, porque, em vários casos de autópsia, o cerebro se encontrava reduzido a massa purulenta, não obstante os seus possuidores terem mantido até ao fim a integridade mental.

Como vês, o pensamento é coisa bem diferente da secreção do cérebro e independente deste órgão. Mas, prossigamos no assunto, interrompido por este, aliás importante parêntese.

«Julgas não ser possível provar a existência de um corpo etérico, com o qual fazemos vida em novo meio; todavia, esse assunto tem sido objecto de estudo por parte de muitos homens de ciência, ao qual consagraram o melhor de suas comprovadas capacidades.

«O eminente experimentador francês, Coronel de Rochas, por exemplo, fez experiências interessantíssimas e concludentes, conseguindo exteriorizar em certas criaturas, levadas prèviamente ao estado sonambúlico, esse corpo fluídico, visível aos sensitivos, se não pudessem ser, em parte, corroboradas pela experimentação e, assim, se aproximarmos um alfinete do local onde aparentemente nada existe, mas que o sensitivo diz ser ocupado pelo duplo exteriorizado do sonâmbulo, este acusará uma dor correspondente ao ponto tocado e tanto mais violenta, quanto mais fizermos penetrar a ponta do alfinete no citado duplo.

«Se calcarmos o ponto indicado

pelo sensitivo correspondente ao pé do duplo etérico, o sonâmbulo acusará dor nessa parte do corpo e assim sucessivamente.

— Isso é esquisito, de facto, mas...

—Mas, meu amigo, é natural essa resistência, oriunda de errados pontos de vista, há muito radicados em teu espírito, como sagrados artigos de fé. No entanto, em certos casos, esse corpo fluídico exteriorizado chega a ser fotografado e as placas fotográficas não podem ser impressionadas por ilusões...

«Mas o Coronel de Rochas, foi excedido por Durville, outro abalizado observador, que, por meio de novas experiências, confirmou plenamente a realidade do duplo etérico.

Outros experimentadores se empenharam também nas mesmas pesquisas, como Collavida, etc., etc., e dos estudos destes homens de ciência concluiu-se que os sentidos físicos se encontram obliterados nos sonâmbulos, sendo as sensações localizadas no respectivo duplo, sede real de todas as faculdades.

— Nesse caso, o duplo de um sonâmbulo cego ou surdo, deverá ver ou ouvir, se realmente houver qualquer anormalidade impeditiva dos respectivos órgãos serem utilizados...

— Assim é, de facto, porque cegos e surdos, mesmo de nascença, vêem e ouvem naquelas condições; e se assim não fosse, a argumentação a favor de um segundo corpo que subsiste após a morte, seria inconsistente.

«Mas não. As provas são múltiplas e irrefutáveis, podendo abranger uma infinidade de casos e, assim, a um idiota, por exemplo, será dado recuperar as faculdades mentais, durante os tais estados sonambúlicos, etc.

«Na anestesia, dá-se um caso idêntico. A parte anestesiada não acusa dor, por a sua sensibilidade ter sido transferida para outro ponto. Não houve aqui anulação, mas exteriorização.

— E se esse tal duplo não voltasse ao corpo físico, sobreviria a morte?

— Folgo muito, meu amigo, por estares compreendendo esta matéria, pois, de facto, se tal sucedesse, a morte sobreviria; mas isso, pràticamente, não se dá nessas experiências, por serem feitas com as precauções necessárias. Chegamos assim ao ponto em que a morte é fácil de compreender.

«Existe um cordão fluídico unindo o duplo ao físico, consistindo a morte na rotura desse cordão; mas a morte do corpo físico, porque o outro continuará vivendo num meio adequado à sua natureza. A nossa carcassa é um simples instrumento ao serviço do espírito, a fim de poder manifestar-se no plano material, qual escafandro de mergulhador, posto de parte fora da água, onde já não é necessário. É o instrumento musical, são os pincéis ou o cinzel para o artista e, assim como esses objectos são incapazes de, por si sós, executarem seja o que for, o corpo físico também não passa de mero utensílio manobrado pelo agente espiritual que lhe dá vida.

— Estou a achar curiosa a tua explicação. Todavia...

— Todavia, não estás convencido e isso não admira.

— Não duvido da veracidade das experiências realizadas por esses homens de ciência, há pouco citados, mas, confesso, gostava de vê-las com meus próprios olhos. Que queres? Sou assim...

— Ver para crer, como S. Tomé, e porque não? Concordo com esse ponto de vista, dada a impossibilidade de te aperceberes das realidades ocultas através de outros meios vedados ainda, pelos vistos, à tua actual fase evolutiva e, por isso, aconselho-te a estudar o assunto convenientemente, pois não te faltam boas obras a esse respeito, podendo tu próprio repetir aquelas experiências e, possìvelmente, enriqueceres a ciência com novas descobertas.

«Devo dizer-te que nem só no estado sonambúlico o espírito abandona temporàriamente o corpo; em outros casos o faz também, como no sono natural, no fenómeno de bilocação, etc. É conhecido aquele episódio da vida de António de Pádua, em que, estando a pregar em Espanha, apareceu ao mesmo tempo em Pádua, para salvar o pai, acusado de crime de homicídio, provando a sua inocência com a indicação do verdadeiro criminoso.

«Foi, de facto, um fenómeno de bilocação o que então ocorreu, segundo o qual António apareceu naquela localidade com o duplo materializado, mercê de certas condições que virás a conhecer, se te resolveres a estudar a ciência da alma, tão fértil em ensinamentos superiores.

«Devo dizer-te agora, depois de te haver falado na realidade da alma, que a vida não só não acaba no túmulo, como também não começa no berço. Antes de nascermos, já existiamos há quanto e quanto tempo!

— Como assim? E a existir a alma, não é ela criada ao mesmo tempo que o corpo?

— Isso é a teoria do criacionismo, teoria errónea e incompatível com a existência dum Deus soberano e justo.

«Se o fim da vida é fazer-nos progredir, não seria no curto espaço de tempo compreendido entre o primeiro vagido e o último suspiro que conseguiríamos alijar as imperfeições e adquirir as virtudes dos eleitos.

«Além disso, como explica tal sistema as diferenças físicas, morais e sociais da humanidade? Porque serão uns sãos e escorreitos e outros estropiados e minados de mazelas? Não, meu amigo, a bondade e a justiça de Deus são perfeitas, pelo que o mal só pode ser atribuído aos homens, ao seu atraso, à sua cegueira.

«Mas, se te disser que, em vez de uma, temos uma infinidade de vidas, tantas quantas as precisas para nos purificarmos devidamente, então o caso muda de figura e Deus se agiganta a nossos olhos, por conceder a seus filhos as oportunidades indispensáveis, para que, de melhoria em melhoria, possamos atingir as alturas onde se situa a bem-aventurança intérmina, fascinante destino de todos os seres da criação.

«Depois de sabermos que cada um colhe segundo as suas obras, recebendo ao nascer a herança por nós próprios preparada nas actuações pretéritas e que todas as acções e até os próprios pensamentos terão em nós fatal repercussão, tornando-nos felizes ou desgraçados, conforme a sua natureza, seremos mais cautelosos pela vida fora, tratando de preparar sementeiras que no porvir nos deliciem com seus saborosos frutos.

«Se o fim da natureza fosse apenas perpetuar a vida, ter-se-ia detido nos protozoários, mas o aparecimento sucessivo de formas cada vez mais perfeitas, através dos tempos, mostra bem a ânsia de progresso implícita na lei da evolução constante, abarcando toda a criação.

Uma vida única seria, pois, insuficiente para tecer as asas da libertação a estes vermes, tão apegados ainda à lama que lhes serviu de berço em remotas eras.

— Mas, a ser verdade o que dizes, porque não nos lembramos

NO CÂMBIO DA VIDA ETERNA

Por EMMANUEL

Não te deixes conduzir por simples ilusões.

Atende aos valores substanciais da vida imperecível.

Amanhã, no grande futuro, quando descerrares a própria visão à verdadeira luz, contemplarás, ombro a ombro, os reais inimigos de tua felicidade.

As horas perdidas na omissão inconsciente ou deliberada do bem...

As palavras contundentes arrojadas à dor do próximo...

Os julgamentos apressados ao redor da conduta de teu irmão...

As pequeninas deserções de cada dia, quando te ausentas apressado do prazer de servir...

As irreflexões faladas ou escritas com que, por vezes, subestimas o valor dos companheiros de luta...

As exigências descabidas com que, em muitas ocasiões, procuras lisonjear os próprios caprichos, com manifesto esquecimento das necessidades alheias...

E aprenderás a louvar as mãos que te feriram, os gestos que te dilaceraram, as dificuldades com que buscaste a própria superação e as dores que te auxiliaram a ver com mais segurança...

Lembra-te de que o câmbio das situações e das coisas é diferente na vida verdadeira para a qual te diriges de momento a momento.

Persistamos com os recursos de nossa própria regeneração, aceitando os obstáculos que nos convidam à experiência e agradecendo o concurso daqueles que nos inclinam à renovação necessária.

(Recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier)

dessas tais vidas anteriores? Porque ficam no olvido tantas cenas passadas, sem a mais pequena recordação a atestar a sua realidade?

— O esquecimento das vidas passadas é apenas temporário, porque, volvidos ao Além, delas nos lembramos com mais ou menos nitidez, segundo o grau evolutivo alcançado e esse olvido é um bem e uma necessidade, por nos ocultar durante cada aprendizado na escola da vida, o nosso passado pecaminoso, para, com mais segurança, podermos trabalhar no progresso anímico.

«Que seria de nós, se, ao volvermos aos domínios da carne, nos reconhecêssemos mùtuamente, sentindo subir à tona da consciência antigos ódios e paixões? Se qualquer mãe, ao contemplar o filho estremecido, nele visse o inimigo de outrora, acolhido em seu seio amoroso para a sublime tarefa da reconciliação e se aqueles com quem convivemos se nos apresentassem como outros tantos comparsas de condenáveis conluios passados, seria bem difícil, senão impossível, o nosso progresso, sufocado nas inevitáveis explosões de antigos rancores, reavivados ante a lembrança dum passado tenebroso.

«No entanto, pessoas tem havido em todos os tempos, que se recordam com maior ou menor precisão de suas existências, como Juliano, o *apóstata*, Ponson du Terrail, o padre Gratry, Lamartine, etc., etc.

«É bem conhecido o caso deste último poeta, descrito no seu livro: «Viagem ao Oriente», no qual relata que, ao visitar a Judeia, teve a nítida sensação de lá ter vivido, por aqueles locais lhe serem familiares.

«Mas a reencarnação, ou palingenesia, prova-se também experimentalmente, por meio do fenómeno chamado *regressão da memória*, mediante o qual o paciente, mergulhado em determinado grau hipnótico, é susceptível de rememorar o passado com absoluta fidelidade, descrevendo cenas da meninice e outras, completamente esquecidas no estado consciente, chegando depois a fazer interessantes descrições relativas à sua situação anterior ao nascimento e ainda das próprias existências anteriores.

«São muitos os homens ilustres, adeptos da reencarnação, citando apenas Benjamim Franklin, cujo epitáfio, composto por ele próprio, é significativo:

«Como a capa dum livro velho a que tivessem arrancado as folhas e cujo título e cujos dourados houvesse o tempo apagado, aqui jaz, servindo de pasto aos vermes, o corpo do impressor Benjamim Franklin. Nem por isso essa obra se perderá, porque, como pensa o autor, ela será novamente impressa em edição mais elegante e por ele revista e corrigida».

— Não há dúvida de que os teus argumentos, a serem exactos, são de peso, mas há ainda um pormenor que carece de esclarecimento. Dizem ser possível falar-se com os mortos, o que até aqui me repugnava à razão, mas, em face da luz projectada em assuntos tão misteriosos, já não me admiro que isso lhe não resista também.

— Tens razão. Esse mistério terá, de facto, o destino dos outros, porque a comunicação com o plano invisível é uma admirável certeza, de que já se não pode duvidar, encontrando-se assim desfeita a barreira entre os dois mundos, para um intercâmbio instrutivo e consolador.

«Para isso, porém, é necessário o concurso de pessoas dotadas de determinadas faculdades —os médiuns— através dos quais conseguimos estabelecer essas comunicações, que, conforme a natureza de tais faculdades, podem ser visuais, auditivas de actuação materialização, etc.

«Mas, meu amigo, vai longo o nosso diálogo e nada melhor do que o estudo desta ciência, pela qual me parece estares já interessado e por isso te aconselho a entrar na falange dos estudiosos, para que mais uma luz se acenda a espancar as trevas do erro e da ignorância.

Não receies o estudo do Espiritismo, porque ele não contém o sobrenatural, mas sim o transcendente e te abrirá de par em par as portas de um novo mundo, fértil em consolações e esclarecimentos...

A ALMA SUPREMA

Por R. N. EMERSON

Mas as almas dos que participam da sua própria vida, ama-as como a si mesmo. São-lhe tão caras como os seus olhos. Nunca as abandona. Se morressem, o próprio Deus morreria. Vivem uma vida feliz e eterna.

Enrique Mose

Há diferença entre as horas da nossa vida e são diversas pela autoridade que exercem em nós e nos efeitos respectivos. A nossa fé é transitória e o nosso vício habitual. Contudo, há nesses breves instantes de fé uma profundidade que nos obriga a tribuir-lhe mais realidade do que a outra experiência qualquer.

Por isso, o argumento que se usa para reduzir ao silêncio os que concebem esperanças extraordinárias, isto é, o apelo à experiência, deve considerar-se sempre vão. Abandonamos o passado a quem nos apontou a nossa falta de provas e contudo esperamos.

Concedemos que a vida humana é mesquinha. Mas, como descobrimos que o é? Qual a razão da nossa inquietude a respeito do antigo descontentamento? Donde nos vem o sentimento universal de inópia, de miséria e de ignorância, senão da bela intuição que temos da alma e do seu formidável protesto? Porque não se escreveu ainda a história humana? Porque se antecipou o homem a tudo o que se tem dito a seu respeito? Porque se desvalorizam os livros de Metafísica?

A filosofia de seis mil anos não sondou os escaninhos da alma. No crisol das suas experiências ficou sempre um resíduo.

O homem é rio, cujos mananciais permanecem ocultos. Ignoramos a nossa ascendência. O lógico mais rigoroso carece da presciência que num instante o pode ludibriar. Nos acontecimentos há uma origem mais alta do que a minha própria vontade.

Com as ideias sucede o mesmo que com os acontecimentos. Quando considero esse rio trasbordado que, de regiões que não vejo, lança em mim a sua corrente no momento oportuno, compreendo que sou pessimista, isto é, não uma causa, mas um espectador surpreso pelo curso da inundação etérea. Sei que desejo e olho para cima, pondo-me em atitude de observar, mas as visões procedem de energia a que sou estranho.

A crítica suprema dos erros do passado e do presente e o único profeta do que será é essa grande natureza em que repousamos, como a terra nos braços atmosféricos; essa Unidade, essa Alma suprema *(over soul)* que reside em todos os seres; esse coração comum, para o qual toda a conversação sincera é culto e submissão todo o acto meritório; essa realidade omnipotente que confunde os nossos artifícios e o nosso talento e nos obriga a passar pelo que somos, a revelarmo-nos pelo carácter e não pela língua e que tende cada vez mais a passar em nossos pensamentos e em nossas acções, a fim de se converter em sabedoria, virtude, poder e beleza.

Vivemos na sucessão, na divisão em partes e partículas. E, todavia, no homem está a alma do todo, o discreto silêncio, a beleza universal a que partes e partículas se referem igualmente, o eterno uno. E esse profundo poder em que existimos e cuja beatitude é acessível a todos, não só se basta a si próprio e é sempre perfeito, mas também às vezes é acto de ver e a coisa vista, o espectador e o espectáculo, o sujeito e o objecto.

Vemos o mundo peça por peça: o sol, a lua, o animal, a árvore; mas o todo de que estas coisas são partes salientes e já radiantes é a Alma. Só pela visão desta Sabedoria podemos ler o horóscopo dos séculos; só meditando sobre os nossos pensamentos mais elevados, cedendo ao espírito profético inato em todos os homens, podemos compreender as advertências da dita sabedoria.

As palavras do homem que fale dessa vida interior devem parecer vazias de sentido a quem não comungue no mesmo pensamento. Não quisera falar dela. As minhas palavras não podem traduzir-lhe o augusto sentido; resultam falhas de calor e permanecem vãs. Ninguém mais do que ela pode inspirar a quem quiser; e vede o resultado: os discursos tornam-se líricos, harmoniosos e universais, como o vento que sobe.

Se reflectirmos acerca do que nos sucede na conversação, no desvario, no remorso, nos momentos de paixão, nas surpresas, nos ensinamentos que recebemos em sonho, nos em que frequentemente nos vemos mascarados — o jocoso disfarce só aumenta e realça um elemento verdadeiro, impondo-o à nossa observação — receberemos muitos avisos que se alargarão e iluminarão numa ciência que procurará revelar o segredo da natureza.

Tudo se encaminha a provar que a alma, no homem, não é um órgão, mas que anima e põe em acção todos os órgãos; que não é uma função como a faculade da memória, do cálculo, da comparação, mas que se serve destas coisas como de mãos e pés; que não é uma facul-

dade, mas uma luz; não é a inteligência nem a vontade, mas a soberana de uma e de outra; é o fundo do nosso ser em que tais faculdades repousam, uma imensidade não possuída, nem susceptível de sê-lo. Do interior do nosso ser ou atrás dele uma luz brilha através de nós sobre as coisas e nos faz compreender que nada somos e que a luz é tudo.

A POSIÇÃO DO HOMEM

O homem é a fachada de um templo onde o bem e a sabedoria se albergam. Aquilo a que vulgarmente chamamos homem, o homem que come e bebe, procria, calcula, o homem tal como o conhecemos, não se representa a si mesmo, mas falsifica-se. Não é a ele que respeitamos, mas à alma de que é órgão e que, se quisesse mostrar-se-nos através da sua acção, nos faria cair de joelhos. Quando passa através da inteligência converte-se em génio; através da sua vontade, em virtude; e quando flui através dos seus afectos, torna-se amor. E a cegueira do entendimento e prostração da vontade começam, quando a inteligência e o indivíduo pretendem ser alguma coisa por si mesmos. Toda a reforma permite à alma que siga um rumo através de nós próprios. Numa palavra, a forçar-nos à obediência.

Há ocasiões em que todos os homens são conscientes dessa pura natureza. A linguagem não pode pintá-la com as suas cores. É demasiado subtil, indefinível, incomensurável, mas sabemos que nos penetra e que nos contém. O que é espiritual está no homem. Diz um provérbio antigo: «Deus visita-nos sem nos chamar». Quer dizer que nada existe entre a nossa cabeça e os céus infinitos; de maneira que não existe barreira ou muro na alma onde o homem — o efeito — cesse e onde Deus — a causa — comece.

Destruímos os muros; abrimos um lado às profundidades da natureza espiritual, aos atributos de Deus; vemos e conhecemos a Justiça, o Amor, a Liberdade, o Poder. Nenhum homem logrou dominar jamais estas naturezas; bem ao contrário, elas nos dominam, sobretudo nestes momentos em que o nosso interesse nos incita a lastimá-las.

O que prova a soberania dessa natureza é a sua independência dos limites que por toda a parte nos rodeiam. A alma circunscreve todas as coisas e contradiz a experiência e suprime o tempo e o espaço.

A influência dos sentidos subjugou tanto o espírito da maior parte dos homens, que estes visionam os muros do espaço e do tempo como reais e insuperáveis. E falar levianamente de tais limites é sinal de loucura.

Apesar disso, o tempo e o espaço são medidas inversas da força da alma. O espírito toma parte no tempo, «pode amontoar a eternidade numa hora ou estender uma hora à eternidade».

Somos às vezes obrigados a reconhecer outra juventude e outra infância que se mede pelo ano do nosso nascimento. Alguns pensamentos sempre nos encontram jovens e assim nos conservam: por exemplo, o amor à beleza universal e eterna.

Todo o homem sai desta contemplação com o sentimento de que pertence mais aos séculos do que à vida mortal. A menor actividade das faculdades intelectuais salva-nos até certo ponto das condições do tempo. Nas horas da doença, na languidez ou na tristeza, deixai-nos ouvir os acentos da poesia ou uma sentença profunda e fortalecer-nos-emos.

Apresentai-nos um volume de Shakespeare ou de Platão ou lembrai-nos os seus nomes e logo experimentaremos sentimento de longevidade. Vede como o profundo e divino pensamento reduz a nada épocas inteiras e faz sentir a sua presença através dos séculos.

O ensino do Cristo é agora menos real do que ao sair de seus lábios? O relevo dos olhos e das pessoas, em minha opinião, nada tem com o tempo. E assim a escala da alma é sempre uma; a dos sentidos e do entendimento, outra.

GRANDES PROBLEMAS

Ante as revelações da Alma, o Tempo, o Espaço e a Natureza se desvanecem. No discurso ordinário referimos todas as coisas ao tempo, como, em nossa imaginação, relacionamos as estrelas imensamente separadas numa esfera côncava. Assim, dizemos que o dia de juízo está próximo ou remoto; que se aproxima o fim de uma era; que o dia de certas reformas políticas, morais e sociais, não está longe, etc., etc., quando referimos que na natureza das coisas um dos factos que se oferecem à nossa contemplação é externo e fugaz e outro permanente e relativo à alma.

As coisas que agora consideramos fixas desprenderam-se uma a uma da nossa experiência e caíram, como frutos maduros. O vento as arrebatará e levará, ninguém sabe para onde. As paisagens, as estátuas, Boston e Londres, são factos tão fugidios, como as instituições passadas ou como qualquer partícula de humo ou de névoa. Tal é a sociedade e tal é o mundo.

A alma olha sèriamente para o futuro, cria um mundo na sua frente e deixa mundo atrás de si. Não tem datas, nem ritos nem pessoas, nem especialidades, nem homens. A alma só conhece que é alma; e a trama dos acontecimentos é a túnica flutuante de que vai revestida.

Os seus progressos devem calcular-se, relativamente à sua própria lei e não pela regra aritmética. Os progressos da alma não se exercem por gradação, de forma que um movimento em linha recta os possa traduzir, mas por ascensão de estádios, como a metamorfose do óvulo ao guzano e do guzano à mosca.

O desenvolvimento do génio reveste certo carácter total que não conduz ao indivíduo eleito, seja João, Adão ou Ricardo, deixando neles a mágoa da inferioridade des-

coberta, mas que a cada impulso de crescimento o homem alarga a sua esfera de acção e passa sobre classes e populações humanas através das suas pulsações.

Em cada um destes divinos impulsos o espírito abandona a delgada casca do visível e finito em direcção à eternidade e aspira e respira o seu ar. Toma contacto com verdades que foram sempre proferidas no mundo e sabe que tem mais simpatia por Zenão e Ário do que pelas pessoas de casa.

Eis a lei das aquisições mentais e morais: os simples devido à sua inconstância específica elevam-se, não a uma virtude particular, mas à região de todas as virtudes. Estão no espírito que as contém a todas.

O QUE A ALMA REQUER

A alma requer pureza, mas a pureza não é toda a alma; requer justiça, mas a justiça não é toda a alma; requer benevolência, mas a alma é melhor do que isto; de maneira que há uma espécie de descida ou de compromisso, quando cessamos de falar da natureza moral para encarecer uma virtude nela contida.

Na criança bem nascida todas as virtudes são naturais, mas não penosamente adquiridas. Falai-lhe ao coração e o homem tornar-se-á logo virtuoso.

O germe do crescimento intelectual procede desse sentimento e obedece à mesma lei. Os que são susceptíveis de humildade, justiça, amor e aspiração encontram-se numa plataforma de onde se dominam as ciências e as artes, a linguagem e a poesia, a acção e a graça. Quem viver em beatitude antecipa-se a essas faculdades especiais que os homens tanto apreciam. O talento e a destreza do gato não passam inteiramente despercebidos à dama enamorada, embora ela possua em grau precário a faculdade correspondente; e o coração que se abandona ao Espírito Supremo encontra-se ligado a todas as suas obras e alcançaria as ciências e as faculdades especiais, como se tomasse um caminho real.

Uma das formas de ensino divino é a encarnação do espírito numa forma semelhante à minha. Vivo em sociedade com pessoas que respondem a pensamentos do meu espírito ou que exprimem certa obediência a grandes instintos que me fazem viver. Vislumbro nelas a essência desses instintos. Estou ciente de que temos natureza comum; e essas outras almas, esses egos separados de mim, atraem-me poderosamente. Despertam em mim emoções várias que se chamam amor, ódio, temor, admiração, piedade; daqui procede a conversação, a confidência, a persuasão, as cidades e a guerra! A personalidade supre o ensino primário da alma. Na juventude, a personalidade nos enlouquece. A infância e a juventude vêem o mundo inteiro nos indivíduos. Mas a experiência mais vasta do homem sente que uma natureza idêntica o trespassa todo.

Nas conversações entre duas pessoas alude-se tàcitamente a uma natureza comum, como a um terceiro. Este terceiro interlocutor ou esta natureza comum não é social, é impessoal, é Deus. E assim, nos grupos onde o debate se acalora, especialmente quando se trata de questões elevadas, a sociedade nota que o pensamento se eleva ao mesmo nível em todos os indivíduos e que todos participam da sua propriedade espiritual. Todos ganharam em sabedoria, que se alça sobre eles, como a abóbada de um templo, nesta unidade mental em que palpitam os seus corações cheios de sentimento mais nobre do poder e do dever e crêem e agem com extrema solenidade. Todos sabem que atingiram mais completa posse de si mesmos. Essa unidade brilha para todos. Há uma sabedoria comum aos grandes e pequenos homens, mas a educação esforça-se às vezes em fazê-la calar e tomar-lhe o passo.

A FUNÇÃO DA ALMA

A alma é uma e os espíritos mais delicados, que amam a verdade pela verdade, cooperam menos do que os outros no seu descobrimento. Aceitam-na com gratidão em toda a parte e não a rotulam ou selam com o nome de um homem, porque é sua desde a eternidade. A sabedoria não é monopólio dos doutos nem dos incapazes de pensar com serenidade, pois observações notáveis se devem a homens de escassa agudeza e profundidade que sem esforço dizem coisas cuja expressão havíamos buscado em vão durante muito tempo. A acção da alma nota-se mais frequentemente no que sentimos e calamos do que naquilo que exprimimos na conversação. Aninha-se na sociedade e os simples a buscam de modo inconsciente.

O nosso conhecimento é superior à acção. Ainda nos não possuímos e sabemos que somos muito mais do que aparentemente somos. Esta verdade percebo-a com frequência ao falar de coisas triviais com o meu vizinho; qualquer coisa superior a ele e a mim representa na sombra a principal acção. Algo de mais elevado vigia este jogo acessório. Júpiter sorri a Júpiter atrás de cada um de nós.

Os homens descem para se encontrar. Na sua relação habitual e mesquinha com o mundo, pela qual renunciam à sua nobreza nativa imitam os xeques árabes que habitam em pardieiros e aparentam nobreza para se livrarem à rapacidade do rajá, reservando a ostentação da riqueza aos departamentos interiores bem guardados.

Do mesmo modo que tal sabedoria está presente em cada um, está também em todos os períodos da vida. Na criança está plenamente desenvolvida. O meu filho, o meu latim, o meu grego, o meu talento, o meu dinheiro, de nada me servem: só a alma importa. Se manifesto uma vontade opõe a sua vontade à minha. Mas se renunciar à minha vontade e agir por meio da alma, erigindo-a como árbitro entre ambos, através de suas jovens pupilas vejo brilhar a mesma alma: venera e ama comigo.

A alma é que sente e revela a

verdade, que reconhecemos quando a vemos, digam o que quiserem os brincalhões e os cépticos. O vulgo néscio perguntar-vos-á, quando disserdes alguma coisa que não gosta de ouvir:

COMO SE REVELA A VERDADE

— Como sabeis que é verdade e não um erro?

Conhecemos a verdade, vendo-a, por persuasão, como sabemos que estamos acordados, quando realmente estamos. Devemos a Manuel Swedenborgue uma profunda sentença, que prova por si só a extraordinária penetração deste filósofo. É a seguinte: «Provar ou confirmar o que se quer não é sinal de inteligência, mas discernir o verdadeiro do falso».

No livro que leio, os bons pensamentos me oferecem a imagem total da alma. Para julgar os maus pensamentos que nele encontro, a alma converte-se em podadora que separa os pensamentos uns dos outros. Somos mais cordatos do que julgamos ser. Se quiséssemos, deveríamos fortificar-nos e agir com inteireza ou ver como a coisa se relaciona com Deus. Conheceríamos as coisas particulares, cada coisa e cada homem, porque o Criador de todas as coisas e de todos os homens está atrás de nós e lança a terrível omnisciência através de nós sobre todas as coisas.

Mas a alma também revela a verdade fora do conhecimento de si mesma nos factos da experiência individual. E aqui deveríamos fortificar-nos pelo pensamento da sua presença e falar dessa vinda de forma mais digna e elevada. Porque a comunicação da alma com a verdade é o maior acontecimento da Natureza, visto que a alma, então, não dá sòmente algo de si mesma; dá-se inteiramente ou passa ao homem a quem ilumina e chega a ser ele ou se entrega a ele na proporção da verdade que recebe.

(Tradução de I. D. S.)

MEDITAÇÃO

A aceitação de pontos de doutrina, assentes em base indiscutível, é falha de senso, porque lhe falta a luminosa racionalidade. O raciocínio robusto, ligado à rigorosa observação científica, é o crivo laboratorial que conduz à verdade.

O dogmatismo é só aceite, enquanto os voos do intelecto são dirigidos por princípios preconcebidos. O que não impossibilita que raríssimos indivíduos, apesar disto, se elevem aos pináculos da santidade, graças ao espírito evangélico. *No entanto, se deixamos o produto de excepção, como é o que acabamos de referir, e dissecamos o que constitui a massa generalizante, ficamos estupefactos, pois que à estranheza sucede a desilusão e à dúvida segue-se a certeza.*

A santidade, sublinhe-se, não é pertença de religião ou seita, mas fruto dum grande amor a Deus e às suas criaturas. Na Terra, portanto, encontra-se a santidade, orientada por diferentes escolas filosóficas. Não nos referimos a uma bondade de cartaz ou exposta por panegiristas entusiasmados; referimo-nos, antes, às criaturas de Deus que fazem o bem naturalmente e que dão com a mão direita de modo que a esquerda não veja.

Convençamo-nos de que os caminhos de Deus são suaves como a brisa e luminosos como as estrelas, mas que para seguirmos neles é necessário ter Fé.

Embora o espiritual triunfe sempre, as arremetidas do Materialismo desviam, ocasionalmente, o Homem do seu verdadeiro caminho. Apesar desses contratempos, a Verdade, na altura própria, ergue-se resplandecente.

Confessam os paladinos do Cientismo a sua impossibilidade criadora. Reconhecem quase todos que há uma razão oculta que possibilita o existente.

O homem evolvido debruça-se, tolerantemente, sobre o magno problema da Imortalidade da Alma. Estuda os critérios estranhos com Inteligência e Coração. O Espiritismo apresenta-se-lhe diferente do que uns tantos querem fazer crer.

Sem preconceitos de escola, deve-se estudar o problema espirita — só assim se poderá ter opinião. Sem isso constroem-se castelos no ar. Para tanto, sejamos cristãos na acepção total do termo, respondendo com a força da Caridade!

EGO

ESPIRITISMO ACADÉMICO

Por DEOLINDO AMORIM
(Correspondente no Rio de Janeiro)

Ainda não compreendi bem o que se entende ou deve entender por *espiritismo académico,* mas a verdade é que já se empregou esta designação, mais de uma vez, não sei se com ou sem cabimento. Parece-me, pelo que já escutei, em diversas oportunidades, que esta expressão é pura ironia, porque esconde certa dose de prevenção. Sempre que um companheiro nosso se dedica mais ao estudo sério ou resolve tomar iniciativas de natureza cultural, não falta quem diga, por exemplo, o seguinte: *é um confrade inteligente, muito distinto, mas o espiritismo dele é um espiritismo académico...* Isto revela, sem tirar nem pôr, a influência da falsa noção de humildade. Por incrível que pareça, muita gente ainda tem uma espécie de alergia à cultura, não tolera movimento de natureza intelectual, no meio espirita, por entender que tudo isto é um atentado à humildade. Se assim fosse, teríamos de chegar à triste e espantosa conclusão de que seria melhor arquivar os livros e fechar as bibliotecas, para que, assim, se pudesse implantar logo de uma vez o reinado da ignorância...

Se o Espiritismo tem, na realidade, uma função essencialmente renovadora no espírito humano, claro é que não pode deixar de ter muita repercussão em diversos ramos da cultura. O Espiritismo tem bagagem para entrar nas academias, sem prejuízo de sua influência no seio das massas. O que é preciso é saber apresentar bem as bases da doutrina, para evitar interpretações que podem, até, comprometê-lo perante pessoas cultas ou sensata . O Espiritismo cabe, portanto, em toda parte: na choupana do humilde de fé, como no cenáculo dos homens de ciência. E é necessário levar as luzes do Espiritismo a todos os ambientes. Dizer que o Espiritismo veio sòmente para os *pequenininhos,* como se sòmente estes fossem filhos de Deus, é ser muito unilateral. O Espiritismo veio para todos quantos queiram estudá-lo, compreendê-lo e praticá-lo sinceramente.

Devemos compreender que a seara espirita é muito grande, muito complexa, e por isso tem diversos campos de actividade. Já se disse, muitas vezes, e com absoluto acerto, que o *Espiritismo tem lugar para todos,* e é verdade: o médium, o promotor de movimentos humanitários, o jornalista, o orador, o homem de pesquisa, o escritor, o artista, o homem de dinheiro. Cada qual, dentro de sua capacidade e seu campo de acção, pode servir à Causa espirita, desde que saiva fazer bom uso dos *talentos,* como ensinou o Cristo. Se o Espiritismo tem um aspecto sentimental, porque fala profundamente ao coração humano, como tem um aspecto social e outros aspectos, também é certo que tem, e não pode deixar de ter um aspecto cultural, porque não é possível tratar com uma doutrina que abrange ciência, filosofia e religião, sem cuidar do estudo, sem edsenvolver e enriquecer os conhecimentos, de dia para dia. Há, porém, pelo que já notei, algumas vezes, uma reacção de espanto quando se fala em criar alguma coisa relativa a actividades culturais.

Vai para quinze anos, se bem me lembro, quando a antiga Liga Espirita do Brasil organizou as suas primeiras *tertúlias* a propósito de Allan Kardec, no mês de Outubro, e foram séries de conferências muito proveitosas, um confrade nosso, muito respeitável, com expressão um tanto solene, virou-se para mim, por ser o Secretário-Geral da Liga, e disse o seguinte: *isto que os senhores estão fazendo é muito académico; o Espiritismo não comporta este tipo de conferência,* etc., etc. Afinal de contas, nada havia de *académico* nas sessões de conferências: eram palestras doutrinárias, nas quais cada conferencista se ocupava de um tema prèviamente escolhido sobre a personalidade e a obra de Allan Kardec. Que mal havia nisto? Nenhum.

Não me parece que o ambiente espirita deva ter a feição de uma câmara mortuária. Tudo deve ser feito com decência, sem exibições, sem ostentação de luxo ou de *sapiência,* mas é preciso que se faça alguma coisa, também, no domínio cultural do Espiritismo. Convém separar as sessões em que se faz necessário o maior recolhimento espiritual e as sesões onde é necessário que haja vibração, entusiasmo, alegria, tudo com a moderação condizente com os hábitos espiritas.

Não se deve jamais depreciar qualquer mo-

TENTAÇÃO

A tentação é de todos os mundos, pode considerar-se uma forma de progresso. Coloca as almas entre dois caminhos, obriga-as a duras experiências, porque o efeito é relativo à causa. Aqui, há uns que se elevam, gradual e difícilmente, agarrados ao tojo da ladeira. Vão cabisbaixos, vivendo a tarefa e fixando o objectivo. A rota é aquela, o caminho é aquele: abrolhos e pedregulhos. Mas no fim estará a recompensa, o prémio do trabalho realizado.

Há outros, porém, que não pensam a longo prazo, que não têm força para aguardar em dúvida esse efeito longínquo. São os solicitados pela encosta traiçoeira, cheia de tufos que ocultam abismos mortíferos.

Vedes a analogia? Vedes como o Além é continuação do Aquém? Então, porque receais a morte? Quando chegardes podereis viver o novo ambiente, senti-lo como nunca houvésseis sentido outro. Vossas tendências serão estimuladas e cultivadas, os sentidos desdobrar-se-ão para as necessidades deste mundo, mas nada se terá, verdadeiramente, modificado em vós. O que vos parecia inerte e sem utilidade, exerce-se em plenitude. Sois os mesmos que ereis aos vossos olhos. Não sentis diferença alguma. Tanto, que muitos nem se lembram da passagem. Sentem algo de estranho, mas não descortinam a razão, tal a fragilidade do fenómeno. O amontoado de desejos, de sensações fortes, de emoções transfigurantes que aí torturam o ser, existe aqui, correcto e aumentado, nos que olham para baixo e descem a encosta para atingir o vale. É um carrocel fantástico, vertiginoso, onde se vibra e palpita desordenadamente, onde a ideia se esfuma em benefício da sensação. É um delírio estranho que arrebata, uma espiral que atrai o espírito. Ninguém foge à sua acção premente.

Ao rolar no declive perde-se a noção do essencial. O cromatismo emocionante causa grandes perturbações. A tentação oblitera o raciocínio e cria autómatos. Está em nós e fora de nós. É positivo e negativo, conforme o lado em que acciona. Quase sempre está em baixo, procurando o menor esforço, servindo a gravidade. Subir exige impulso, combustão orgânica, mutação celular. Na descida é diferente. Basta regular a marcha, travar o carro, que pode sair das calhas e arrastar o condutor.

(Excerto de um novo livro de LIA, recebido por Isidoro Duarte Santos).

vimento ou iniciativa de natureza cultural, porque tudo isto é tão necessário, tão meritório, quando realizado com sinceridade, como qualquer outra tarefa que vise à prática da caridade. Distribuir a luz do conhecimento e arrancar o homem do erro, da superstição, da idolatria e do fanatismo, através de conferências culturais, é prestar caridade, e caridade no mais alto sentido, porque edifica e ilumina. É verdade que nem todos podem ou querem servir à doutrina no campo intelectual, e todos os outros campos são igualmente necessários e benéficos, mas é preciso que haja um grupo, um escol encarregado de desenvolver a cultura no meio espirita, porque é uma necessidade inadiável e tão imperiosa como as outras.

Sob o falso pressuposto de que os movimentos culturais levam à formação do impròpriamente chamado *espiritismo académico*, muita gente combate *a priori* as mais belas iniciativas, os mais sadios propósitos de servir ao ideal espirita, concorrendo para que alguns companheiros, verdadeiros idealistas, percam o entusiasmo, por falta de compreensão e estímulo dentro do seu próprio meio. Combater a cultura espirita é exaltar a ignorância. O Espiritismo pode e deve *aparecer* também nos meios cultos, porque tem elementos de convicção. Invocar o perigo de *imitação académica* para impedir a propagação do doutrina em ambientes neutros é querer colocar barreira para dificultar o progresso. Os meios cultos também têm os seus dramas, as suas mazelas espirituais, e a luz não deve ser colocada sob a alqueira, como diz o Evangelho. O Espiritismo é luz, e deve penetrar em todos os meios: nos lares simples, na caserna, nos navios, nas cátedras, nas sociedades académicas, nos lares abastados. Em qualquer ambiente há muita chaga encoberta, muito doente disfarçado, muito «sofredor elegante», e são os doentes que precisam de médico, como ensinou o Cristo, que foi, sobretudo, o grande médico do espírito. Se queremos combater a ignorância, que é a génese de tantos e tantos males do corpo e do espírito, devemos cuidar sèriamente da cultura espirita, que é cultura integral do intelecto e do sentimento.

MENSAGENS AOS MATERIALISTAS

DESPERTAI, AMIGOS!

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

I

Procurar convencer os crentes dos diferentes credos religiosos quanto ao que se contém de sublime e belo, para o aperfeiçoamento das almas, nas doutrinas do Espiritismo, é tarefa só própria da paciência de um santo, porque todos os que se encontram imbuidos de preconceitos e de fanatismos, só sabem gritar descompostamente que os espiritas são agentes do *demónio*, que só por Satanás se explicam as aparições, as manifestações e as comunicações que os espiritas registam nos seus trabalhos.

Parece mesmo que os espíritos satânicos agitam aqueles crentes por aquela forma, para que eles não larguem as ilusões em que vivem e não abracem as verdades luminosas do Espiritismo, porque são estas as armas mais eficientes contra o satanismo das trevas. E assim as transformam nos piores cegos: porque não querem ver.

Mas para os descrentes materialistas, sector não menos aguerrido contra os espiritas, há que fazer uma exposição de argumentos de outro género e apresentar réplica em novos moldes, por forma a tornar-lhes os assuntos espiritas interessantes.

Porque é mais fácil despertar, naqueles descrentes materialistas, o desejo de estudar os referidos assuntos, do que levar os crentes fanáticos a meditar neles durante alguns minutos.

E, contudo, há descrentes tão presumidos da sua mentalidade livre-pensadora, que a estes domina-as também um preconceito ferozmente fanático — o de que só é real e existente o que é palpável ou visível: a matéria, preconceito não menos cego do que o daqueles que só vêem em tudo manifestações do demónio.

Vamos, pois, dar aos nossos irmãos descrentes, que nos lerem, alguns ensinamentos que os convençam das verdades espiritas, ou que, pelo menos, lhes mostrem que os espiritas não são uns simplórios ou uns lunáticos, mas sim uns entusiastas seguidores e cumpridores de um corpo de doutrinas fomentadoras da regeneração humana à base do cristianismo e fundamentadas em demonstração científica da existência e da sobrevivência da alma.

Ao mesmo tempo aqueles ensinamentos servirão para os crentes nossos leitores reforçarem os fundamentos da sua crença nas doutrinas que apregoamos.

Para atingirmos, pois, os objectivos que pertendemos temos que demonstrar:

1.° — Que a alma existe;

2.° — Que a alma humana subsiste ao aniquilamento do corpo;

3.° — Que as almas ou espíritos dos seres humanos atingidos pela morte continuam com a faculdade e possibilidade de comunicar com os que vivem sobre a terra, com os que ainda arrastam no mundo o seu corpo carnal.

Para conseguirmos tudo o que deixamos dito temos, simplesmente, que chamar a atenção para o que podemos ver, para as conclusões das experiências que os homens de ciência têm feito, para os factos supranormais que aquelas experiências nos revelam e outros que a cada passo nos surgem fora do campo daquelas experiências, para a razão esclarecida e despida de preconceitos e para a categoria moral e intelectual daqueles experimentadores.

Vejamos então o que nos dizem a razão e os factos. Todos sabemos, e disso estamos convencidos, que a criatura humana é uma dualidade evidente: corpo e espírito ou alma. Os próprios materialistas a quem nos dirigimos o reconhecem, admitindo a existência da parte física — o corpo, e da parte psíquica — a alma.

Eis o que ensina o grande filósofo espiritualista sueco do século XVIII, Swedenborg, grande médium vidente e de alta intuição: «O homem é um espírito revestido de um corpo. Todo o homem é um espírito quanto às suas faculdades interiores.

«Para conhecer a natureza íntima do homem, é preciso saber que há um homem interno e um homem externo. O homem interno está no mundo espiritual e o externo no mundo natural.

«Assim aquele está na luz do céu, este na luz do mundo.

«Pois também é preciso saber que o homem interno é de tal maneira distinto do homem externo, que aquele, sendo anterior e interior, pode subsistir sem este, enquanto que este — o Externo, sendo posterior e exterior, não pode subsistir sem aquele».

Assim falou o filósofo, e parecidamente se exprimiu o sr. coronel Faure da Rosa, grande e saudoso propagandista espirita, numa conferência que realizou no Cinema Condes, em Lisboa, em Maio de 1942, dizendo assim:

«A observação leva-nos a acreditar que nós temos duas consciências: a interna, que é individual, e a externa, que é sensorial.

A pessoa, que resulta da consciência externa, não pode identificar-se com o *Eu*, que deriva da consciência interna. Por outras palavras: aquilo a que nós chamamos «a nossa consciência» não é igual ao nosso *Eu*. Há que distiguir entre *pessoa* ou *personalidade* e *individualidade*.

A pessoa resulta do organismo, e o organismo é o resultado temporário do princípio individual, transcendental, existente na consciência interna.

A experimentação no domínio do sonambulismo e do hipnotismo, confirma esta grande verdade: desde que a pessoa, a consciência externa (sensorial), esteja semi-adormecida, outra coisa surge, outra coisa que pensa e quer, que não é identificável com a pessoa adormecida, que tem maneiras próprias, características, de se manifestar. Para nós é uma individualidade que não conhecemos; mas ela — *essa outra coisa que pensa e quer* — conhece a pessoa adormecida e lembra-se das suas acções e pensamentos».

Aí ficam os conceitos do vulgo, do filósofo e do propagandista, faltando esclarecer que aquele

princípio individual, a que se refere o saudoso propagandista coronel Faure da Rosa, é o que sobrevive ao corpo segundo a doutrina espirita.

Vejamos ainda o que o padre António Vieira diz, a respeito da alma, numa das suas mais notáveis peças literárias:

«Quereis ver o que é uma alma? Olhai (diz Santo Agostinho) para um corpo sem alma.

«Se aquele corpo era de um sábio, onde estão as ciências? Foram-se com a alma, porque eram suas. A retórica, a poesia, a filosofia, as matemáticas, a teologia, a jurisprudência, aqueles discursos tão deduzidos, aquelas sentenças tão vivas, aqueles pensamentos tão sublimes, aqueles escritos humanos e divinos que admiramos e excedem a admiração, tudo isto era alma.

«Se o corpo é de um artífice, quem fazia viver as tábuas e os mármores? Quem amolecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova forma e novo ser à mesma natureza? Quem ensinou naquele corpo regras ao fogo, fecundidade à terra, caminhos ao mar, obediência aos ventos, e a unir as distâncias do universo, e meter todo o mundo venal em uma praça?

«A alma.

«Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exércitos, a disposição dos arraiais, a fábrica dos muros, os engenhos e as máquinas bélicas, o valor, a bizarria, a audácia, a honra, a vitória, o levar na lâmina de uma espada a vida própria e a morte alheia; quem fazia tudo isto?

«A alma.

«Se o corpo é de um príncipe, a majestade, o domínio, a soberania, a moderação no próspero, a serenidade no adverso, a vigilância, a justiça, todas as outras virtudes políticas, com que o mundo se governa, e de quem eram governadas, de quem eram? Da alma.

«Se o corpo é de um santo, a humildade, a paciência, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altíssima das coisas divinas, os êxtases, os raptos, subido o mesmo peso do corpo e suspendido no ar, que maravilha! Mas isto é a alma. Finalmente os mesmos vícios nossos nos dizem o que ela é: uma cobiça que nunca se farta, uma soberba que sempre sobe, uma ambição que sempre aspira, um desejo que nunca aquieta, uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre, uma altiveza, como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus.

«Tudo isto que vemos com os nossos olhos é aquele espírito sublime, ardente, grande, imenso, a alma. Até a mesma formosura que parece dote próprio do corpo e tanto arrebata e cativa os sentidos humanos: aquela graça, aquela proporção, aquela suavidade de cor, aquele ar, aquele brio, aquela vida, que é tudo senão alma?

«E, se não, vêde o corpo sem ela. Aquilo que amáveis e admiráveis não era o corpo, era a alma: apartou-se o que se não via, ficou o que se não pode ver. A alma levou tudo o que havia de beleza, como de ciência, de arte, de valor, de majestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma».

E assim falou o escritor que melhor soube falar e escrever na língua de Camões.

E nós, adepto fiel de todas as simplificações, diremos que toda a criatura é simplesmente um espírito manejando uma máquina — o corpo, cuja máquina ou aparelho serve para a deslocação do mesmo espírito incorporado, ou antes encarnado, e para estabelecer, por meio dele, relações com o mundo físico em que vive, e assim receber (ele — o espírito) por intermédio dele — aparelho, noções que melhor se gravem no subconsciente, parte sublimíssima do espírito, permitindo-lhe assim aumentar a sua sabedoria. E ao mesmo tempo, pela pressão do meio ambiente sobre o aparelho ou máquina que é o corpo, o espírito corrigir-se de certas noções falsas e adquirir, pelo sofrimento que lhe causam as *panes* que o aparelho, a cada momento, sofre, atitudes de humildade e hábitos de resignação contrários a atitudes e hábitos que o espírito tinha, resultando-lhe daqui, destas actuações kármicas, aumentar os seus sentimentos de bondade, base essencial para a sublimidade do espírito, só atingível quando as suas vibrações são ùnicamente de puro amor.

Espírito é, pois, o agente inteligente dominador e distribuidor da energia ou vitalidade que anima e renova a máquina corpórea, energia ou vitalidade transmitida ao corpo pelas captações dos elementos cósmicos e vitamínicos contidos no ar, na água e nos alimentos ingeridos e que o Espírito, pelo subconsciente ou Mente Superior, distribui consoante as necessidades celulares, energia que é irradiada numa certa percentagem para o exterior, por um agente de natureza fluídica, que Allan Kardec denominou perispírito.

Este agente fluídico irradia o que Mesmer designou magnetismo animal, a que Rochenbach chama força ódica, e outros força anímica, e W. Crookes designou com o nome de força psíquica. Esta força pode ser medida com aparelhos diversos que são o magnetómetro do abade Tortin, aperfeiçoado por Boirac com o de sua invenção denominado biómetro, o electroscópio de Tayol, o pêndulo de Briche e o estenómetro de Joire.

Pois o Espírito, juntamente com a revestimenta do fluído perispirital, constitui o que denominamos *a alma*, e aquele fluído interpenetra a matéria corpórea em todas as direcções e a comanda até onde se estenda a acção dos sentidos e da vontade, actua mesmo onde a vontade não se exerce, dá ao indivíduo personalidade e sensibilidade.

Todavia a alma é considerada pelos materialistas a força vital que resulta do funcionamento dos órgãos, comparável à energia eléctrica resultante dos elementos de uma pilha, o que leva aos dois absurdos seguintes:

1.º — a máquina humana, a mais perfeita máquina deste mundo, ter faculdades auto-dirigentes;

2.ª — esta máquina, constituída de elementos puramente materiais, como todas as máquinas, e funcionando por acção simplesmente mecânica, produzir energia e forças conscientes e inteligentes que dirigem tal máquina, e criadoras doutras máquinas e de muitas maravilhas que ilustram a engenharia e as artes.

Ora, como os efeitos são da mesma natureza das causas, não é, por isso, de aceitar efeitos inligentes resultantes de causas brutas, por serem mecânicas.

Fica-nos, assim, a doutrina de que o espírito, como qualquer motorista que dirige o seu automóvel, é que dirige o corpo e vela pela sua boa conservação, como individualidade que foi encarregada de tal missão por conveniência própria, e que ao deixá-lo, por desarranjo mortal, se vai para donde veio. Mas será assim? perguntará alguém. É o que vamos provar com os factos de cada dia, que relataremos nas Mensagens seguintes.

O MILITAR EM FACE DO ESPIRITISMO

Pelo General LEVINO CORNÉLIO WISCHRAL

A Cruzada dos Militares Espiritas nasceu da vontade de um grupo de militares espiritas em afirmar pùblicamente a sua crença no Espiritismo, em viver sem dispersão e, portanto, em comunhão evangélica com as demais criaturas, assim como difundir no seio das Forças Armadas o amor cristico, através da divulgação dos preceitos da codificação de Allan Kardec. Esta entidade congrega elementos do Exército, da Aeronáutica, da Marinha, Força Policial, Guarda Civil, Corpos de Bombeiros, etc., bem assim senhoras, civis e reservistas de qualquer categoria.

O guia espiritual da Cruzada dos Militares Espiritas é o capitão Maurício, que foi comandante da histórica Legião Tebana, do século III. No mundo católico é conhecido como São Maurício e festejado a 22 de Setembro. Foi mártir do Cristianismo no ano 286, quando sucumbiu horrìvelmente supliciado, com toda a sua legião, composta de 6.661 soldados. Todos foram mortos por se terem negado a homenagear e adorar a falsas divindades esculpidas em barro, antes de entrarem em combate, recusando-se, dessa maneira, aos usos e costumes pagãos daquele século. Teriam que oferecer a esses deuses sacrifícios inúteis, regados a sangue, em troca da vitória certa sobre o inimigo! Como se negassem a esse bárbaro costume, foi toda a Legião Tebana exterminada pelas próprias forças amigas de outras legiões! A tropa de Maurício não podia proceder de maneira diferente, pois, pouco antes, havia aceito a Jesus como excelso modelo de amor, paz e vida, e não de desamor, guerra e morte.

Sob as luzes do espírito do capitão Maurício foi, pois, fundada no Rio de Janeiro, no dia 10 de Dezembro de 1944, a Cruzada dos Militares Espiritas, devidamente registada em Cartório, sendo seus Estatutos publicados no «Diário Oficial» de 20-3-1952.

O seu actual presidente é o general Duque Estrada, tendo como vice-presidente o marechal Mário Travassos, ambos figuras de relevo no Exército e também esforçados servos da Seara de Jesus. Funcionam Núculeos dessa Cruzada em todos os sectores do Exército, da Aeronáutica e da Marinha, sendo que, sòmente no Exército, funcionam com regularidade 33 núcleos. O entrelaçamento espiritual, cada vez mais amplo, de confrades civis e militares, é um dos principais objectivos de seus dirigentes.

Dentro da Academia Militar de Agulhas Negras, antiga Escola Militar, e no Colégio Militar do Rio de Janeiro, existem desses núcleos, havendo, no âmbito da Academia Militar, um que se especializou na realização de sessões de materialização de espíritos, dirigido por oficiais e professores daquela Academia. Por isso mesmo, enquanto há anos atrás os nossos aspirantes a oficial deixavam as Escolas, orgulhosos de serem materialistas, ateus ou positivistas, hoje, graças ao bom Deus, observamos satisfeitos que existe grande número de oficiais, professores, sargentos, alunos e soldados estudando com amor e sinceridade a lei da Reencarnação, a lei de Causa e Efeito e a continuidade da vida. Nota-se um extraordinário despertamento espiritual e todos se esforçam para ser também autênticos «Soldados do Cristo».

Nós bem gostaríamos de substituir nos decionários dos povos o vocábulo MATAR pela palavra salvadora que Jesus tanto exaltava: AMAR! De momento, parecerá tola pretensão, mesmo insensatez; sabemos, porém, que o espírito do capitão Maurício, nosso mentor, vem há séculos influenciando os homens para que as guerras se tornem mais humanas, até se chegar à anulação completa das desinteligências existentes entre as nações.

De uma mensagem de Maurício, recém-recebida através dos canais mediúnicos destacamos os seguintes tópicos:

«A nossa Cruzada não semeia sangue, mas luz e amor para todos, sem distinção de fé, cultura, situação social ou económica, cor ou raça; nela tomam parte civis e soldados até ao marechal».

Referindo-se aos militares, em particular, aconselha e pergunta Maurício, como se segue:

«Quantos compreenderão a vossa coragem de transformar os símbolos de guerra em objectivos de paz e amor? Quantos poderão alcançar o sentido íntimo de vossa renúncia aos emblemas bélicos, em troca das insígnias de submissão ao Cristo? Quantos compreenderão as vossas recusas ao brilho efémero do mundo terreno, para confiar na glória da paz espiritual, que é também a paz universal? Arregimentai, pois, as vossas energias criadoras, como vanguardeiros da mais comovente peleja que se há-de travar, em breve, sobre o orbe terráqueo, quando a luz do Cristo espancar as trevas do ódio, da crueldade e do egoísmo. Fustigai, isso sim, as vossas paixões inferiores, libertando-vos dos grilhões da vaidade, do amor-próprio e do orgulho! Combatei em vós os impulsos primitivos do homem-carne e sede as sentinelas atentas e eternas do homem--Amor! A Cruz Redentora que fulgurou nos estandartes de Constantino, protector da religião cristã, há-de imprimir em vossas almas o selo divino do Sublime Pastor. Lançai-vos, decididos, à conquista dos corações adversários, aliando-vos às hostes defensoras do Cristianismo! O júbilo e a esperança tornam-se mais vivos no Espaço, quando os soldados belicosos da Terra trocam os símbolos de guerra pela mansuetude de Jesus. Aceitai por distintivo de fé, no amor a Jesus, e pela eternidade afora, a espada luzidia, sem gume!».

Assim terminou o nosso patrona à sua exortação aos militares.

Sejamos todos «cruzados» do exército de Jesus!

SOLILÓQUIO

Os factos comprovativos da dualidade do homem: — Espírito e corpo — da acção do Espírito fora do corpo e da sua sobrevivência, e ainda da comunicação dos Espíritos desencarnados com os homens, são já em tão grande quantidade, que se torna muito difícil agrupá-los e classificá-los; eles são de tal quilate comprovativo das verdades transcendentes que encerram e que constituem o Espiritismo, que se torna inteiramente impossível refutá-los e negá-los.

Tais factos são verdadeiramente irrefragáveis; mas, não são de menor valia comprovativa nem possuem menor influxo persuasivo da existência dos Espíritos, da sua comunicação connosco e da sua Ciência, os argumentos da Razão, que têm jus á primazia na consideração do censo comum, pela sua natural superioridade.

Diz a razão, que a matemática não serve o mineral nem o vegetal nem os seres irracionais das diversas faunas que povoam o globo terráqueo; ela serve apenas o homem. Mas o homem é efémero, porque tem uma vida curtíssima, e a matemática é eterna, porque dois mais dois são quatro, hoje, ontem e amanhã; temos, portanto, o transitório dominando o perpétuo, o eterno ao serviço do efémero: colossal paradoxo que a Razão rejeita inexoràvelmente! Logo — esclarece a Razão —, a matemática não serve o homem somático, o homem orgânico; ela serve, ùnicamente, o indivíduo espiritual, porque só ele sabe servir-se dela, e utilizá-la nas suas aplicações concretas e abstractas. Sem esse Princípio inteligente, denominado Espírito, que anima o homem, a Matemática de nada serviria ao homem físico, como não serve ao ser irracional nem ao vegetal nem ao mineral. A Razão conclui, portanto, que, sendo a matemática uma ciência do eterno, o Princípio inteligente que dela se sabe servir tem de ser também eterno; mais ainda, que todas as ciências eternas e transitórias são produto do Espírito, visto que só ele sabe e pode servir-se delas a seu talante, quase; que o Espírito é soberano da matéria, pois que a ele todas as coisas são sujeitas e todas elas utiliza inteligentemente.

Dentre todas as ciências, a que merecia o primeiro lugar, na instrução dos povos, devia ser aquela que trata da vida espiritual, da acção dos Espíritos em todos os planos da Criação, fora e dentro do organismo físico que lhes serve de veículo nos diversos estágios da vida experimental, isto é, aquela a que ora chamamos Ciência Espirita.

Portanto, o Espiritismo é uma ciência essencialmente eterna, com mais justa razão do que qualquer outra por tratar da verdadeira vida espiritual, e é variável nas suas inúmeras aplicações, como as demais ciências do eterno.

Por não ser possível repetir algumas das suas experiências, à vontade de cada experimentador, ela não deve ser condenada nem rejeitada por menos verdadeira, visto que sucede o mesmo com todas as outras.

A matemática tem progressões que são pràticamente inaplicáveis; ela diz, por exemplo, que, se um operário chapeleiro fabrica um chapéu em 60 minutos, sessenta operários fabricariam um chapéu igual em um minuto; não é possível; contudo, ninguém, cuja cabeça não é apenas um cabide, se atraverá a dizer que a matemática é uma batata.

Pessoa alguma é capaz de produzir, a seu belprazer, um arco-íris, no Espaço, e muito menos lhe é possível atravessá-lo; tão pouco pode produzir, à sua vontade, uma aurora boreal e provocar a queda dum aerólito ou a aparição dum cometa.

As distâncias interplanetárias, o volume e o peso dos astros, a sua constituição química não se podem confirmar pràticamente; no entanto, ninguém rejeita nem nega nem se atreve a dizer que são falsas as ciências correspondentes a tais fenómenos.

A Medicina, pela sua fundamental virtude de curar enfermos, é essencialmente eterna, mas extremamente variável nas suas múltiplas aplicações, até em casos igualmente classificados. Eis porque, há mais de dois milénios, o velho Hipócrates dizia já que havia doentes e não doenças. Insucessos?... Confirma-os o antigo conceito: — «onde Hipócrates diz que sim, Galileu diz que não!»

A criminologia, também do eterno pela sua primordial faculdade de reparar delitos e corrigir delinquentes, não é menos variável na sua aplicação. Em dois casos de homicídio, por exemplo, ela pode absolver o autor dum, por ter sido involuntário e em legítima defesa; ao do outro acharia pouco a aplicação da pena capital por ter sido premeditado, provocado e cometido com sádicos requintes de crueldade; no entanto são dois homicídios, dois crimes iguais, podendo ser o primeiro caso de mais graves consequências sociais por ser um chefe de família que pode ficar à míngua, e o outro, um Zé Ninguém que não tinha onde cair morto, como diz o vulgo. Injustiças?... Pelo menos uma, aquela que Pilatos confessou lavando as suas mãos: a condenação de Jesus-Cristo.

Porventura, o agricultor desdenhará, com razão, da arte de estivar um navio, de o manejar e conduzir, pelo vento, através dos mares? E o marinheiro fará o mesmo, da experiência do velho cultivador na condução do arado, no amanho da terra, na cultura de uma das maiores riquezas dos povos, quando é certo que ambos sabem distinguir nos astros a sua orientação?! E, um e outro, rirão, com motivo, da sapiência do astrónomo? E o astrónomo mofará, de igual modo, da sabedoria do astrólogo, quando é certo que, uns e outros, se baseiam na situação e movimento dos astros!? Não, por certo, não desdenharão, ainda que cada um ignore a ciência dos outros. Manda a prudência, que não devemos mofar daquilo que não conhecemos; e aqueles que mais de perto lidam com o incognoscível são sensatos, prudentes e respeitadores da sabedoria alheia.

Insucessos?... Não contam nem se contam na vida milenária das ciências; se têm alguma influência é apenas como incentivo. Se os fracassos fizessem recuar os verdadeiros investigadores, ainda agora estaríamos na idade em que o martelo era um seixo. Ícaro jamais derreteria as asas que o levaram às alturas onde os modernos «ícaros» queimam as dos seus aviões.

Por MANUEL CAVACO

É que os insucessos das experiências de qualquer ciência não autorizam, seja quem for, a rejeitar, a condenar, como falsa, a ciência em questão. Não é pelos efeitos de experiências mal conduzidas que se devem julgar as ciências correspondentes e muito menos negar-lhes a razão de ser.

Na investigação criteriosa dos factos, na apreciação, liberta de preconceitos, desapaixonada, inteiramente imparcial, das aquisições acumuladas por indivíduos representando o mais elevado expoente da inteligência humana, diz a Razão, que a Ciência Espírita é uma ciência do eterno, precisamente por ser aquela que trata exclusivamente dos Espíritos — realidade das realidades —, verdadeira vida espiritual; e se, por este superior motivo, ela não merece a primazia no estudo e na investigação, seja, ao menos, julgada em igualdade com as demais ciências consideradas do eterno.

UMA CARTA DE LORD BYRON

(Experiência com Adela Albertelli)

Por JOSÉ MARTÍN

UM ESCRITO EM ALEMÃO

Em 28 de Junho de 1954 a senhora Albertelli, estando em transe, encheu duas folhas de papel com o que lhe parecia a reprodução de uma carta de *lord* Byron, datada de 25 de Agosto de 1819, na cidade de Bolonha. A missiva oferecia a particularidade de estar escrita num idioma desconhecido da médium. Não era o Inglês, como seria lógico, mas o Alemão.

Eis a tradução da carta:

Minha queridíssima Teresa:

Li este livro no teu jardim, meu amor. Tu estavas ausente, senão eu não o poderia ter lido. É um dos teus livros favoritos e o autor um dos meus amigos. Não compreenderás estas palavras inglesas e outros também as não entenderão. Este é também o motivo por que as não garatujei em italiano. Mas tu reconhecerás a letra de quem te ama ìntimamente e perceberás que ele, estando com um livro que te pertencia, sòmente podia pensar no teu amor.

Nesta palavra, que é bela em qualquer idioma, mas muito mais ainda no teu — meu amor —, está compreendida a minha existência, aqui e sempre. Sinto que o meu lugar é aqui, agora e mais adiante. Com que finalidade, tu o decidirás. O meu destino está nas tuas mãos e tu és uma mulher de dezóito anos e há dois que deixaste a escola conventual. Desejava ardentemente que lá tivesses ficado, ou que, pelo menos, nunca te houvesse encontrado casada.

Mas é demasiado tarde. Amamo-nos mùtuamente. Pelo menos, assim o dizes e procedes em conformidade, sendo isto um grande consolo em todas as circunstâncias. Mas eu faço mais do que querer-te: não posso deixar de amar-te. Pensa em mim de vez em quando, quer os Alpes ou o oceano nos separem, mas nunca o farão, se o desejares.

LORD BYRON

Bolonha, 25 de Agosto de 1819

OBSERVAÇÕES

A grafia da médium mudou um tanto, com relação à que usa correntemente. A forma da letra *G* (maiúscula), por exemplo, é completamente diferente da habitual.

No texto figura uma letra que não é latina, mas a sua inclusão não é incorrecta, pois os alemães, quando usam caracteres latinos, costumam empregar também essa letra gótica, embora, por vezes, a substituam por *ss*.

Nota-se a falta de várias comas e outros sinais ortográficos. Há também alguns pequenos erros, como *wirt* por *wirst*, e *wäreste* por *wärest*.

Depois da expressão «Minha queridíssima Teresa», não há qualquer sinal imediato e a palavra *ich* (eu) começa com minúscula. Contudo, nas cartas alemãs, depois do cabeçalho, é costume pôr um ponto de exclamação em vez de dois pontos e começar o vocábulo seguinte com letra maiúscula.

O tradutor disse-nos que, além destes leves erros, a carta está escrita em alemão erudito.

TERESA GAMBA DE GUICCIOLI

As averiguações feitas para verificar se o que dizia a nota era verdadeiro levaram-nos à evidência de que a Teresa a quem foi dirigida era a Condessa de Guiccioli, o amor dos últimos anos do poeta.

Após a separação de sua esposa, *lord* Byron percorreu vários países europeus, para chegar, finalmente, à Itália, em 1816, fazer uma curta visita a Roma e estabelecer-se em Veneza, onde conheceu a jovem e bela Teresa Gamba que, pouco tempo antes, se convertera na terceira esposa do Conde Guiccioli, um riquíssimo fazendeiro de 60 anos de idade.

O conde e sua esposa deixaram Veneza em Abril de 1819 e passaram a Ravena, quando Byron e Teresa já estavam enamorados.

Em Junho desse ano o poeta soube que a condessa caira enferma e procurou-a no palácio de Guiccioli, em Ravena, o mesmo fazendo *em Agosto*, quando o casal passou a Bolonha.

As relações de Byron com Teresa, depois de vários episódios novelescos, levaram o conde a intentar o divórcio. O papa acedeu à separação dos esposos, com a condição de que Teresa vivesse com seu pai, o conde de Gamba. Este e outros membros de sua família mantiveram a causa da liberdade do país e simpatizavam com os patriotas gregos. Admiravam Byron pelas suas ideias liberais e tanto o conde de Gamba como a sua filha se despediram do poeta, quando este em 1823 embarcou com o irmão dela e outros amigos, a fim de lutar pela independência da Grécia contra os turcos.

Byron morreu em Missolonghi, no ano de 1824. Em 1832 Teresa foi a Inglaterra com seu irmão Pedro Gamba, por razões sentimentais, pois quis conhecer os sítios onde Byron tinha passado os anos de estudante.

Em 1851 casou com um marquês francês que morreu em 1866 e voltou a Florença. Em 1868 publicou um livro intitulado «As Minhas Lembranças de *Lord* Byron» e faleceu na mesma cidade, em 1873.

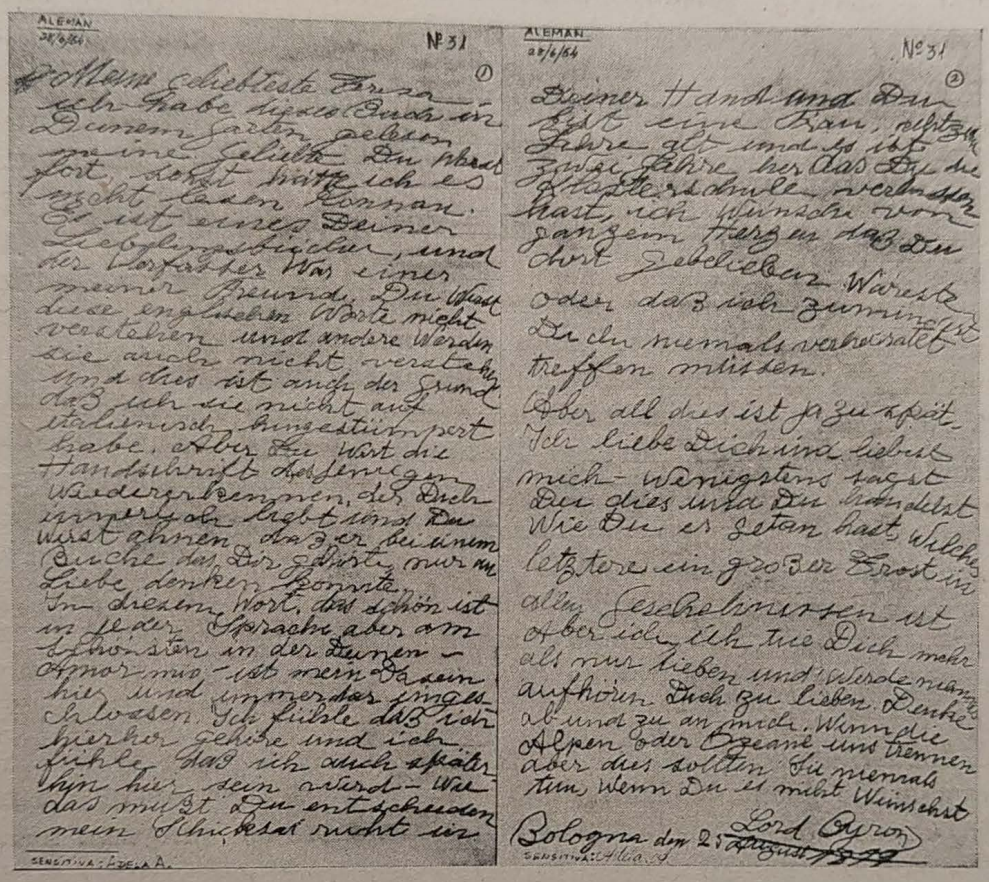
PROCURA E LOCALIZAÇÃO DA CARTA

Os livros e as cartas referentes às relações entre o poeta e a senhora italiana, que consultámos, em nada contradiziam o teor da nota escrita pela senhora Adela, mas faltava averiguar se realmente Byron teria nessa data escrito uma carta assim.

Há meses pudemos comprovar a sua existência real, graças ao auxílio de Miss M. W. Sungleton, correspondente de «Estudos Psíquicos» em Londres, da senhora Arnold, empregada do Museu Britânico, e de outras pessoas que também colaboraram desinteressadamente.

Verificámos que em Agosto de 1819 o conde e sua esposa sairam de Bolonha para visitar as propriedades que tinham em Molinella, ao sul do Pó, na Romana. Teresa deixou a Byron as chaves das suas casas; e este, na ausência dela, ia ao palácio Savioli, entrava nos aposentos, consultava os livros, deixava neles algumas notas escritas e passeava nos jardins da residência, onde permanecia longas horas.

Entre os livros da biblioteca de Teresa havia um exemplar de «Corina, ou Itália», de Madame de Staël, que trata também dos amores de um inglês (*lord* Nelvil) e uma italiana (Corina). No dia 25 de Agosto de 1819 teve-o nas mãos e na última página escreveu em inglês a carta equivalente à que escreveu a senhora Albertelli.



Facsimile da carta recebida em alemão

Lord Byron conhecera Madame de Staël, quando ela foi a Londres em 1813.

Segundo o livro «The Last Attachment», de Iris Origo, editado em Londres em 1949, a família do conde Carlo Gamba, descendente de Teresa, conserva objectos relacionados com os amores da condessa e Byron. Entre eles figura um livro forrado a veludo vermelho. É o exemplar de «Corina» com o original da carta a que nos referimos e cujo texto em Inglês coincide com o que escreveu em Alemão a senhora Albertelli.

O ESTRANHO DO ESCRITO

Estabelecida a exactidão do seu conteúdo e a realidade da existência de uma carta equivalente escrita pelo poeta, fica ainda por resolver a questão de como chegou ao conhecimento da médium e quais as faculdades ocultas que lhe permitiram a reprodução.

Partindo da hipótese da hipermnesia, perguntámos à senhora Adela se tinha folheado livros escritos em alemão. A resposta foi negativa. Em compensação disse-nos que lhe haviam passado pelas mãos algumas revistas desse idioma, mas que só vira as gravuras, por ignorar o Alemão. Não se lembrava de ter visto nelas qualquer coisa relacionada com *lord* Byron; e mesmo que tivesse passado os olhos pelo nome do poeta antes das experiências, não o fixaria, porque não sabia quem era.

Contudo, podia ser que, enquanto olhava para a capa das revistas, tivesse caído em transe e nesse estado visse a carta em Alemão e lhe ficasse impressa na mente até à reprodução através de escrita automática.

Dizemos isto na possibilidade de ter sido a carta publicada nessa língua, o que não pudemos comprovar. Mas ainda assim, tal facto não significaria que a devia ter visto, pois também se pode ter produzido uma leitura paranormal a distância ou uma tradução mediúnica directa.

Os trabalhos da senhora Albertelli têm sido muitos e variados. Nalguns deles, as mudanças caligráficas foram tão profundas, que só um grafólogo poderia notar que pertenciam à mesma pessoa. Além disso, os idiomas usados não são apenas o Alemão e o Castelhano. Também utilizou outros, tais como, Inglês, Francês, Holandês, Italiano, etc., e até frases em Latim e palavras soltas em Japonês, que, diga-se em abono da verdade, não foram muito bem feitas. Reter tudo na memória teria sido difícil a uma pessoa vulgar e até àqueles que estão habituados a exercícios mnemónicos.

A mesma médium admira-se ao reler os seus escritos em Castelhano. Não se explica como possa escrever tantas coisas que não entende. E o mais notável é que, apesar de haver lido os seus trabalhos várias vezes, não pode fixar conscientemente alguns pormenores, como datas e nomes que na sua oportunidade escreveu ou ditou sem vacilação.

Noutros artigos daremos a conhecer vários aspectos das suas faculdades psíquicas que também deixam em aberto a hipótese da existência nesta senhora de uma espécie de memória subli-

Telepatia e Vidência

O Semeador, de São Paulo, extraíu dos «Anais Psíquicos e Espiritas» o seguinte fenómeno, publicando-o como se fosse recente. Quer-nos parecer que é muito velho, embora não deixe de ter o seu valor intrínseco. Por isso o transcrevemos:

«Um caso prodigioso de telepatia e vidência que está despertando desusado interesse nos meios científicos da Europa é o do tcheco Frederic Marion. Este médium realizou sensacionais demonstrações de suas faculdades na Inglaterra.

«No transcurso duma sessão efectuada no *Aeolian Hall*, uma senhora cuja identidade o médium desconhecia relatou num bilhete, que manteve sob sua guarda, um facto que só ela conhecia, pois, ao que parecia, era coisa que se relacionava consigo mesmo ou com alguém de suas relações.

«O médium deveria dar ciência do conteúdo do referido bilhete. Como se vê, tratava-se de fenómeno que no passado fora muito observado, mas que, actualmente, é raro, pelo menos, ao que nos consta.

«Muito senhor de si, o senhor Marion concentrou-se e, ao cabo de alguns minutos, disse:

«— Vejo um homem numa sala grande repleta de livros. Escreve sentado a uma mesa coberta de papéis. Parece muito agitado. Levanta-se, dá alguns passos, torna a sentar-se e, finalmente, termina chorando.

«Após esse relato, Lady Oxford, (a senhora que escreveu o bilhete) declarou que Marion havia dito a verdade. A sala cheia de livros era uma dependência da casa do Chefe do Governo Britânico, situada em Downing Street, n.º 10.

«Esta cena desenrolara-se em Agosto de 1914, quando, a chorar, o Primeiro Ministro inglês Lord Asquith assinou a declaração de guerra contra a Alemanha.

«Lady Oxford era a esposa do Ministro.

«Esse Médium conta entre os fenómenos que produziu coisas curiosíssimas que vale a pena lembrar.

«Certa vez, Marion encontrava-se no gabinete do Director do Teatro Alhambra, em Bucarest; nessa hora, um afamado trapezista actuava na sala de espectáculos, fazendo exercícios muito arriscados. Ivanoff, o célebre trapezista, de quem falamos, antes de se aventurar aos seus perigosos exercícios, costumava examinar os aparelhos em que actuava e por isso estava seguro de que nada de anormal poderia ocorrer. A certa altura, o médium visitante, descuidadamente, derrubou no chão uma fotografia do acrobata, que estava em cima da mesa. Inclinou-se para erguê-la e, ao tocar a fotografia, levantou-se lívido e gritou: Chamem Ivanoff, pois está em perigo de morte.

«Interrompida a cena verificou-se que um dos cabos do trapézio se esgarçava sem que ninguém notasse».

minar, capaz de se exteriorizar, revestindo modalidades multiformes.

(Tradução de I. D. S.)

TEXTO DA CARTA ORIGINAL, SEGUNDO O LIVRO «THE LAST ATTACHMENT», DE IRIS ORIGO, LONDRES 1949

(O sublinhado das palavras «others», «Amor mio», «what», etc. pertence a *lord* Byron)

My dearest Teresa:

I have read this book in your garden; — my love, you were absent, or else I could not have read it. It is a favourite book of yours, and the writer was a friend of mine. You will not understand these English wards, and others will not understand them, which is the reason I have not scrawled them in Italian. But you will recognize the handwriting of him who passionately loves you, and you will divine that, over a book which was yours, he could only think of love. In that word, beautiful in all languages, but most so in yours, — Amor mio — is comprised my existence here and hereafter. I feel I existe here, and I fear that I shall exist hereafter, — to what purpose you will decide; my destiny rests with you, and you are a woman, eighteen years of age, and two out of a convent. I wish that you had staid there, with all my heart, — or, at least, that I had never met you in your married state.

But all this is too late. I love you, and you love me, — at least you say so and act as if you did so, which last is a great consolation in all events. But I more than love you, and cannot cease to love you.

Think of me, sometimes, when the Alps and the ocean divide us, but they never will, unless you wish it.

LORD BYRON

Bologna, August 25, 1819.

PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

(1) O CRISTO ESPIRITA

(Estas palestras são improvisadas todas as 5.as feiras no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone).

O mundo católico celebra hoje o dia de quinta-feira-santa e envolve o acontecimento de luto, de crepes e de tristeza. É que esse facto representa para ele um ciclo verdadeiramente grande ligado à figura do Cristo. Apresentando-o crucificado, com lamentos, choros e ranger de dentes, atinge, é certo, uma finalidade. A impressão que deseja causar nos fiéis é talvez o móbil mais importante de todo o ritual que apresenta no dia de hoje.

Mas, para o Espiritismo, o Cristo não está morto. O Cristo está vivo, dentro de nós e entre nós. É para esse Cristo vivo que erguemos o pensamento, é para ele que chamamos a atenção dos homens. O Espiritismo exige que cada um de nós se sublime, se transcenda em bondade e caridade, fitando a figura do Cristo, visionando-a pelas ruas, pelos povoados e pelos campos, erguendo hosanas ao Criador dos mundos.

O Cristo, à luz do Espiritismo, foi um enviado; e a sua missão — bem espinhosa por ter recalcitrado contra as ideias constituídas e até contra os próprios regimes — foi a única que o podia conduzir ao calvário e a uma situação deprimente, no dizer dos sacerdotes e os césares. Portanto, o Cristo foi um revoltado no bom sentido, porque soube combater os erros, os desmandos e as oligarquias; e ao mesmo tempo apresentava panoramas de liberdade. Ele disse: só a verdade vos fará livres. E quem bem compreender esta frase verá sem custo que o homem deve ser livre. Não se pode viver sem liberdade.

Confinar o Cristo a um templo de pedra e não o deixar viver entre os homens, dando exemplos, apontando caminhos, não é fazer humanismo. E nós queremos um Cristo humano e divino, porque dentro do homem há grande porção de divindade. Todos sentimos princípios de justiça, porque nos revoltamos, porque recalcitramos contra o arbítrio. É que em nós existe um representante da Divindade e que nos diz quando delinquimos ou praticamos uma boa acção. Este juiz estava no Cristo, e está em cada ser vivente. É extensivo aos animais e aos insectos. O homem é que se encheu de orgulho e julga que, para lá da sua espécie, não há inteligência, há só instinto. Mas se olharmos para as obras dos insectos e das aves (tantos deles que dão lições à humanidade!) somos forçados a concordar que também existe o princípio divino nessas espécies. Olhemos para um casulo. Vemos a simetria que os homens não são capazes de imitar com os seus estudos; mas a abelha, por exemplo, dá-nos uma lição de geometria superior. Os entomologistas que estudaram o assunto reconheceram esta grande verdade: faz o seu casulo com tal perfeição, que, se lhe colocássemos um obstáculo intransponível, do outro lado o casulo continuaria em simetria perfeita. Não têm réguas nem compasso. Que têm eles, então, para dar lições deste género ao rei dos animais? O princípio divino está espalhado nos três reinos. Porque as pedras também são seres. Nelas, a alma dorme o sono milenário; depois avança pelo vegetal e entressonha, porque o homem não sabe onde termina o vegetal e começa o animal. É que há vegetais que participam do animal, como as algas marinhas; e há plantas carnívoras que têm estômago rudimentar. Assim, os zoólogos verificam que não podem com certeza absoluta delimitar os dois reinos. Em seguida passa ao animal. E há certos exemplares que participam da centelha humana. Pelo menos o cão e o cavalo dão provas decisivas. Logo, o princípio divino está espalhado por todos os seres. O Cristo não foi um ser excepcional. Se o fosse, derrogaria as leis da Natureza, que são imutáveis, e Deus não pode derrogar as suas leis, nem permitir que as derroguem. Mas o Cristo (e outros Cristos à sua semelhança) foi uma alma de longa formação, foi uma espécie de diamante: atravessou várias fases, várias metamorfoses, até chegar à lapidação, à quintessência da sua forma. O Cristo sofreu os mesmos transes que o mineral e todos nós havemos de ser Cristos ou enviados. Quem o enviou, não sabemos. Sabemos apenas que se distinguiu de maneira peregrina, que o seu evangelho atravessou os séculos e que, apesar das mutilações sofridas, ainda se mantém incólume e bom seria que pudesse entrar melhor no coração dos homens.

A igreja católica celebra hoje a quinta-feira santa de forma tristonha e o Espiritismo celebra-a, desejando a todos alegria de viver e optimismo, porque sem optimismo e alegria não se vive; vegeta-se. O homem retornaria à planta e para trás não pode andar o homem; tem que avançar sempre, sempre, sempre... Essa é a lei, como disse Allan Kardec: «nascer, viver, tornar a nascer e progredir sempre». Esta é a lei, porque o espírito humano, quando parte para o seu mundo e lá tem o seu estágio natural, volta e voltará as vezes necessárias para atingir a perfeição. E quando alcançar o limite do progresso terreno, não mais voltará. Uns podem atingi-lo mais ràpidamente do que outros. Esse é o caminho apontado pelo Cristo. É a porta estreita; e nós, extremos comoditas, trocamo-la pela estrada larga, quase sempre de perdição.

Queríamos frisar esta faceta, este aspecto da figura do Cristo. E não devemos entristecer-nos, recordando — vamos lá — os tormentos que passou, visto que, por si sós, não podem constituir, nem uma orientação, nem uma directriz. Tantos e tantos sofreram como ele, porque no seu tempo havia a crucificação. Depois, já nas eras modernas, houve estrangulamento, guilhotina, forca e fusilamento. A forma de morte não interessa, pois, ao caso; mas é, precisamente, a forma de morte que a igreja ca-

FIGURAS QUE PARTEM

JOSÉ DA COSTA FILHO

Mais um obreiro decidido caiu na refrega e trocou a terra pela pátria espiritual. É o caminho de todos nós, que aqui estacionamos de empréstimo, aprendendo a lição da vida, através de observação e sofrimento.

José da Costa Filho, eis o lutador que partiu e que na cidade paulista de Matão dirigiu perto de 20 anos o jornal O Clarim *e a* Revista Internacional do Espiritismo, *como legítimo sucessor de Cairbar Schutel.*

Ao lado de Watson Campelo e Antónia Perche da Silveira, trabalhou denodadamente, carregando pedra no seu edifício espiritual.

Conhecemo-lo em 1955, já muito alquebrado pela doença. Visitámo-lo em seu lar, junto da companheira dilecta, e ficámos surpreendido com a modéstia que envolvia o grande obreiro da seara.

Falámos muito do Brasil e de Portugal. Estava também o Vicente Neto, que nos acompanhara na digressão pelas cidades sertanejas, e os três constituímos uma tertúlia que perdura ainda em nossas almas.

O seu aspecto não alimentava esperanças. O corpo estava no fim e podemos avaliar o esforço inaudito que suportou nos últimos tempos para manter em dia as duas publicações de que era responsável.

61 anos, 1 mês e 18 dias foi a duração da prova que o Costa Filho concluiu em 5 de Fevereiro último, após uma vida de trabalho contínuo, onde havia honestidade e verdade. E devemos afirmar que a Revista Internacional do Espiritismo *se tem mantido em elevado nível, com escolhida colaboração e belo sentido de oportunidade. É certo que o Campelo auxiliou muitíssimo e D. Antónia foi sempre a Egéria da obra que se manteve e mantém, para que o «Amantes da Pobreza» prossiga na trajectória imposta pelo seu fundador.*

Infelizmente nem todos sabem ou podem avaliar o esforço de José da Costa Filho à frente de um baluarte de tamanha envergadura. De uma forma ou de outra, a obra existe e fulgura nas páginas daqueles órgãos de propaganda, o primeiro dos quais já passou o meio século de existência e tem larga repercussãc nas camadas populares. Para isso foi criado, a fim de que a palavra Espiritismo se não deturpe à face da ignorância, que é a maior desgraça humana.

Costa Filho há muitos anos que estava ligado à obra de Cairbar Schutel. Podemos dizer que chegou na hora própria. Assim, não houve soluções de continuidade e tudo caminhou naturalmente. Agora é o Watson Campelo que está na brecha. Apesar da idade, continuará na labuta de sempre. Estas linhas são também para ele e para a esposa, duas almas que não esquecemos, porque entraram em nosso coração pela porta da afinidade.

Josê da Costa Filho! Em boa verdade, tu não partiste como alguns. Ficaste em espírito a incitar os pioneiros. E à semelhança dos amigos da tua «Colectânea», que tantos pensamentos te enviaram, darás os teus agora aos outros.

---

lica apresenta e toma relevo na sua liturgia. E nós não queremos ser formais. Queremos ser essenciais. A essência, sim, a essência é que perdura, a essência é que é imortal. A forma é transitória. Tem havido até quem ponha em dúvida a existência do Cristo. Outros dizem que foi um símbolo necessário; mas isso não interessa aos espiritistas. O que importa, neste caso, é a sua palavra, é o seu evangelho. E se nós seguirmos as suas pegadas, se formos seus evangelistas, teremos dado um grande passo no caminho da evolução. Eis o que o Espiritismo deseja a todos: força de vontade, espírito de sacrifício, desejo de vencer pela bondade, nunca prejudicar o semelhante, trancendermo-nos em serviços àqueles que necessitam, levar-lhes, repetimos, alegria de viver para que regressem a casa mais fortificados, mais alegres e repartam o quinhão espiritual com os seus familiares. E que o homem faça a sua reforma moral e espiritual. Que seja bondoso. Isto é o que o Espiritismo indica a todos os profitentes; e por isso, neste dia tão assinalado no campo católico, não queríamos deixar de escrever algumas palavras alusivas e vincar peremptòriamente e entusiàsticamente a figura do Cristo, porque é este o aspecto mais belo e grandioso que podemos entrever na sua grande lição.

O Espiritismo é de vivos e não de mortos. Sendo assim, como poderemos conceber um Cristo crucificado, um Cristo chaguento, se temos nele o Mestre e o Guia? Como poderemos conceber um quadro desse género, se queremos que ele entre em nossas almas? Como poderemos ter um Cristo crucificado no mais recôndito do nosso coração?

Mas o Cristo paternal, o Cristo bondoso, o Cristo sugestivo, diz ao homem: «Trabalha, amigo! Não tenhas medo, que a morte não existe! Trabalha, aperfeiçoa-te, dá do que tens, faze bem aos que te maltratem!» Estas frases são lapidares e devemos tê-las presentes no coração e na memória. Nestas condições, a únima maneira de compreendê-lo é esta, porque é lógica, porque é racional, porque está de harmonia com a verdade.

I. D. S.

Espiritismo, Doutrina Sublime

Por F. NORONHA

(Colaboração póstuma)

I

Allan Kardec, isto é, o médico dr. Léon Hippolite Denizard Rivail, ao encerrar o cap.º 1.º do *Livro dos Médiuns,* convida os não crédulos no Espiritismo a que «busquem, no arsenal dos factos espiritas», alguma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica, e provem por a mais *b*, partindo sempre do princípio da existência e sobrevivência da alma:

1.º Que o ser que em nós pensa durante a vida não pode mais pensar depois da morte.

2.º Que, se pensa, não pode mais pensar naqueles que amou.

3.º Que, se pensa naqueles que amou, não pode mais querer comunicar-se com eles.

4.º Que, se ele pode estar em toda a parte, não pode estar ao nosso lado.

5.º Que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se connosco.

6.º Que, mediante o seu envoltório fluidico não pode actuar sobre a matéria inerte.

7.º Que, se pode actuar sobre a matéria inerte, não pode actuar sobre qualquer ser animado.

8.º Que, se pode actuar sobre um ser animado, não pode dirigir-lhe a mão para fazê-lo escrever.

9.º Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às perguntas e transmitir-lhe os pensamentos.

Ao precedente, Kardec acrescenta: «Quando os adversários do Espiritismo provarem o nosso erro com argumentos tão patentes como os que Galileu empregou para demonstrar que não é o Sol que anda em torno da Terra, então poderemos dizer que as suas dúvidas são fundadas; infelizmente, todo o seu argumento até hoje se resume nestas palavras:

«Não acredito; por conseguinte, é impossível.»

Desencarnou o Grande Iniciado aos 31 dias do mês de março de 1869, e neste longo intervalo de 80 anos, até à data presente, não só não foi produzida semelhante prova, mas em campo algum, alheio ao Espiritismo, se patenteou lógica de argumentos combativos ou se revelaram prévio conhecimento do que é negado e consciência do que é combatido.

Isto, pelo menos, põe em evidência a má fé com que procedem os atacantes daquilo que ignoram.

Eu, antes de abeirar-me do Espiritismo, pessoalmente, sem embargo de, por diferentes vezes, me ocupar do assunto em artigos que tiveram publicidade na Imprensa, não o fiz sobre o joelho, de partido tomado, mas precedendo informação, leitura selecta e raciocínio imparcial.

E, em verdade, nunca se me depararam motivos de repulsa, de motejo ou de arguição.

Mais tarde, em absoluto e tranquilo sossego na minha residência, registei um fenómeno de observação directa, inequívoco, sem sombra sequer da mínima intervenção, e sem mesmo possibilidade imaginável de ilusão, por minha parte, encontrando-me em estado positivamente normal.

E, decorridos breves dias, surgia-me a explicação categórica desse fenómeno em notícia lacónica de passamento, publicada num semanário. E, então, racional e serenamente, compreendi que o Espiritismo assenta numa base lógica e sólida, — o facto, sendo já do meu restrito alcance mental que, *contra o facto, não colhe o argumento*. Princípio e lei, de conformidade de axiomática e de acesso pleno, por consequência.

Será susceptível de oferecer dúvidas ao senso íntimo, ou de contê-las em si? Os leitores o dirão.

★

A reflexão sisuda de nós próprios conduz-nos à verificação de duas ordens de fenómenos que não se confudem, sem embargo de se manifestarem numa unidade.

«A nossa alma reconhece-se como sensível, inteligente e activa, lê-se pela pena de ido professor de filosofia liceal, Almeida e Azevedo (1872): «mas um ente que tem o dom de se conhecer a si mesmo e os objectos com que está em relação; que abarca com o pensamento o Céu e a Terra, o presente, o passado e o porvir, e submete à ousadia dos seus cálculos não só as coisas mas as suas condições e causas *a priori*, as suas relações e os seus fins; que concebe o absoluto e o infinito, a imensidade do espaço e do tempo; que forma muitas vezes ideias contrárias às impressões recebidas pelos órgãos e rectifica as suas relações; que se conhece ao mesmo tempo dotado de desejos infinitos como o próprio pensamento e de um princípio interno de acção que o constitui uma verdadeira causa livre, com império sobre os seus próprios actos e sobre os do organismo; um ente dotado de tais atributos não poderia, *sèriamente*, identificar-se com uma substância material nem considerar-se como um efeito ou modificação do organismo. Fora mister, na primeira hipótese, admitir a coexistência de atributos e propriedades repugnantes em um mesmo sujeito; e na segunda, supor um efeito melhor e mais perfeito que a própria causa, isto é, dois manifestos e exóticos absurdos. Logo, a alma é uma substância essencialmente distinta do corpo, isto é, um verdadeiro *espírito*».

Outro professor liceal da mesma disciplina, o sr. Pedro A. Monteiro (1881), exprimia-se por este teor: «Os fenómenos da alma denominam-se psicológicos; estão neste caso a ideia, o prazer, a dor e a resolução: e os que dizem respeito à vida e às funções orgânicas do corpo humano denominam-se fisiológicos; tais são, por exemplo, a nutrição, a respiração e a circulação do sangue. Os fenómenos psicológicos distinguem-se dos fisiológicos *em si mesmos, nas causas que os explicam e nos meios por que estas causas e os próprios fenómenos se nos dão a conhecer*».

Comprovando, pormenorizadamente, o que antecede, o desencarnado professor concluia assim: «Uma ordem de fenómenos perfeitamente averiguados, como as ideias, as dores, os prazeres e as resoluções; uma causa que os explica, que é a alma humana, que somos nós mesmos, cuja existência é indubitável, e que conhecemos melhor do que qualquer outro objecto; e uma faculdade espe-

cial de conhecer a alma e as suas modificações directa e imediatamente, que é a consciência, cujo testemunho se nos impõe dum modo irrecusável, são elementos suficientes para constituirem a psicologia com independência da fisiologia, cujo objecto, causa que o explica e meio de conhecer, são totalmente diferentes».

É justo observar que o professor Pedro Monteiro foi admirador do ilustre sábio filósofo Tiberghien, não desafecto ao Espiritismo.

Teria eu ensejo de prosseguir, amparado por vultos idóneos, na esfera científica e experimental que o nosso ambiente define e proporciona, mas, em verdade, não faria mais luz, onde a evidência de distinção irredutível, qual a existente entre o fenómeno fisiológico e o psicológico, ou entre o físico, localizável, composto, decomponível, etc., e o anímico, fora do alcance dos nossos sentidos materiais, incorpóreo, inatingível pelo escalpelo anatómico, espiritual, inteligente, força trina que o pensamento e a vontade, a aspiração e o desejo aproximam da Suprema Essência, fulgem sem paralelismo possível!

Pensar, sentir, querer, tais os elementos constituendos dessa força trina: a alma humana, que, na linguagem de Max Heindel, «desejaria remontar às etéreas asas da intuição, desejaria banhar-se na eterna fonte de luz e amor espiritual».

E esta sede de transcender, o sonho arrebatador que nos provoca, estando acordados, a contemplação da abóbada estrelada, em noite de branda aragem, a ânsia de vencer por nós próprios, o espaço intermédio e voar, voar sem preamento, até os pontos matemáticos de suas órbitas, transpô-los, penetrar num Além, de presença inefável, mergulhar num âmbito de sociedade excelsa e de unção de sonoridade perpétua, em que almas redimidas nos endereçassem saudações fraternas, pondo-nos em contacto de visão espiritual com a Sublimidade Augusta, esta sede, que seduz e encanta, que emociona e arrasta, comporta-se porventura em só matéria?

«Após os fenómenos — diz um proeminente académico, Luís Liard— nós queremos conhecer o *absoluto;* após as *condições*, inquirimos da *razão* da existência».

E não permanecemos acorrentados a qualquer resposta banal, exigimos o porquê, aceitável e ajustadamente lógico.

Impera em nosso espírito o princípio de causalidade e não carecemos de discutir, para perfeita convicção, que não há efeito sem causa. Igualmente não precisamos de discutir, que não é pelos sentidos que adquirimos as ideias necessárias, não contingentes nem efémeras. «A vida própria do espírito, diz F. Huet, abrange tudo o que é objecto de conhecimento imediato, e que designa o vocábulo pensamento em sua acepção mais ampla. Esta vida é ao mesmo tempo riquíssima e simplicíssima. Os nossos pensamentos são numerosíssimos, afluem, sucedem-se divergentes e rápidos; e simultâneamente assemelham-se, ligam-se e reduzem-se com facilidade a escasso número de princípios comuns, que só com certo esforço de atenção analisamos separadamente».

Huet diz ainda, em epílogo: «O espírito é um mundo, tão simples quão grande, uno e infinito, concentrado em si e envolvendo todas as coisas... A religião do espírito, o cristianismo, a sociedade do espírito, a democracia universal e a ciência do espírito, o platonismo, triunfarão conjuntamente. Então o progresso ininterrupto, que falta ainda ao presente, que faltou principalmente ao pretérito, brilhará sobre a nossa raça consolada e sobre idades mais felizes».

★

Fiz uma viagem, nas precedentes linhas, por terreno alheio, de elaboração preclara, em que não há discrepância essencial de opiniões e julgamento quanto ao homem, despido e desligado da matéria.

Prevalece o espírito, a centelha imponderável, a consciência, e volve ao laboratório da natureza, é-lhe restituída a parcela vulnerável em que fora hóspede uma substância de destino diferente e de modalidade elevada.

Esta substância, o espírito, a alma, cuja imortalidade Brás Pascal disse ser coisa «de tamanha monta» e interessar-nos «tão profundamente, que se torna preciso haver perdido todo o sentimento para que se permaneça na indiferença de saber o que ela seja», esta substância, entre a qual e o arcaboiço assoma o perispírito, é essência da doutrina espírita, sua orientação docente e sua Luz no Caminho, conformando-me, para aqui, na presente emergência, com as palavras de típico título, que o estudioso director de «Estudos Psíquicos» adoptou para designação de livro interessante de que é autor. E não ficam deslocadas, neste lugar, duas frases em artigo de *Cristianismo*, de Buenos Aires, Outubro de 1938, assim firmado: A. S. C.

«O Espiritismo confirma todas as suas revelações»;

«O Espiritismo é a única doutrina que pode justificar-se sinceramente...».

Para que negar-lhes realidade, desconhecendo o meio?

«Sem dúvida que uns observam mal, clama com palpitante acerto o professor universitário inglês *Sir* William Barett e outros se apressam demasiado nas conclusões, diminuindo assim o valor de sua opinião; mas a uniformidade das leis naturais faz parte da experiência comum e quando alguém nos diz que a sua nogueira dá pinhões, não espera que o acreditem, enquanto não provar a sua afirmação».

Não procedem no vago os espíritas, nada inventam ou fantasiam, e, a mais disto:

«Ser espírita não é só dizer que se é. É preciso sê-lo na essência, conforme o verbo de conferencista brasileiro, o dr. Viriato Corrêa. Ninguém é espírita pela boca e sim pela alma.

«Ser espírita é ter a fé acesa como o Sol e ter a fé maior que o próprio mundo. É ter o apostolado do bem, é ter o sacerdócio da dor. «Ser espírita é perdoar. É receber a ofensa com humildade, porque em cada humilhação que se recebe está a graça de Deus para nos exaltar.

«Ser espírita é ter fraternidade. É ver em cada homem um irmão de dor, em cada irmão um companheiro que precisa de amparo. É ver nos humildes, nos que parecem inferiores, a nossa própria inferioridade.

«Ser espírita é renunciar. É renunciar aos gozos terrenos em bem da ventura que está lá acima, nas esferas iluminadas. É renunciar ao gozo próprio, em bem do alívio alheio. É ter a volúpia da dor, por saber que em cada sofrimento, está o desconto de uma dívida. É ver na dor um bem, é ver no infortúnio uma graça, é ver na desventura um prémio. É sorrir quando sofre, porque quem sofre caminha para Deus. É agradecer a amargura, como se agradece o mimo de uma flor. É sair para a rua, sufocando gemidos próprios, para consolar os alheios».

E há quem atribua ao Espiritismo «carácter de magia» e identifique os fenómenos espíritas com «a operação dos demónios»!... Se alguém desejar esclarecer-se a este respeito, bastar-lhe-á lançar uma vista de olhos pelas páginas do folheto *O Espiritismo (Sua Natureza e Seus Perigos)*, da autoria de A. Jeanniard Du Dot, que eu percorri em data recente.

A CRIANÇA

Por ACYR FARIA

Como é óbvio, a criança começa a sua existência na vida uterina e desde essa ocasião os maiores cuidados médicos deverão ser-lhe ministrados, a começar pelas pesquisas sobre a saúde da mãe que, naturalmente, é o factor principal na formação de um corpo são. Se houver qualquer anormalidade na gestação compete à mãe procurar o seu médico para evitar ocorrências desagradáveis, que poderão ir até ao aborto.

Infelizmente não é o que observamos. Mães, às vezes possuidoras de recursos, evitam a consulta peródica, cometendo com isto duplo crime, pois comprometem a saúde de seu filho e a sua própria. Nas mulheres de menos recursos o caso então é alarmante. Raríssimas são as que procuram os serviços especializados, mesmo gratuitos, e só aparecem nas Maternidades, quando notam que o parto vai ser anormal e já não tem remédio...

Para evitar este grande mal é necessário que os governos, as instituições de amparo à maternidade, os médicos e todas as criaturas que se interessam pelos destinos do povo, façam uma campanha permanente, activa e inteligente, capaz de orientar a mulher na sua verdadeira missão de mãe e nas suas responsabilidades perante a família, a pátria e Deus, quando deixam de cuidar do filho em suas entranhas, que lhe deve merecer tanto como os que já nasceram.

Essa campanha tem que ser em grande escala e depende muito da mulher esclarecida para elucidar as suas irmãs em Deus, para que elas cumpram o dever cristão de amparar o filhinho que está no ventre e cuja vida depende dela.

A segunda fase da vida da criança é a compreendida entre o nascimento e os trinta meses, considerada como 1.ª infância e se divide em duas fases: pré-dentária, até aos seis meses, em que a criança é chamada latante, e dentária, que vai dos seis meses aos 30, vindo então a 2.ª infância, dos 30 meses aos 6 anos, sucedendo-se a grande infância dos 6 aos 12 anos, e depois a adolescência, que alcança até aos 25 anos.

ACYR FARIA

Como se sabe, a criança precisa de inúmeros cuidados para preservar a saúde de contágios de vírus bacteriológicos perniciosos. Todo o cuidado é pouco; porém, chegamos à triste conclusão de que as crianças desde a 1.ª infância vivem em verdadeira promiscuidade, que ocasiona males sem conta, acarretando mortalidade infantil em índice muito elevado.

Falo das crianças, cujos pais possuem recursos e que deixam de criar os filhos pelas normas da puericultura, exactamente porque ignoram essas normas.

E os filhos dos desajustados?

Estes são em maioria e criam-se ao léu da sorte, sem higiene, sem alimentação adequada, não sendo, por isso, de espantar o índice elevado da mortalidade infantil.

Os governos organizam serviços, mas destinam pequenas verbas para a assistência à Maternidade e à Infância, e que nada ou quase nada podem fazer. A iniciativa particular, que sobrepuja em prestação de serviço a governamental, nada, ainda, representa, pois é geralmente desconhecido o esforço particular e muitos casos obstados em seus esforços. Acredito que se os governos não dispõem de recursos para esse problema máximo da nacionalidade, deveriam aproveitar o interesse das instituições particulares que se propõem executar gratuitamente essa assistência e, através de auxílios ou subvenções, possibilitar às mesmas o trabalho de assistência. Aliás, convenhamos, assistência à Maternidade, à Infância e à Velhice só poderão ser eficazes, quando praticadas com alma e dedicação por um ideal, sem remuneração para àqueles que a praticam.

Empregados assalariados, com horas fixas de trabalho e ordenado

DOIS SONETOS DE MANUEL DE SOUSA

DOR

Consideram-te sempre abominável...
Mas há em ti a Lei bem sacrossanta!
P'ra todo o ser és tu insuportável...
Mas em ti há um Bem que nos levanta!

Fazem de ti a filha inconsolável,
Tão infeliz e de tristeza tanta...
Mas em tua missão inalterável,
Ês sempre triunfante, nobre e santa!

Quando a todo o momento és renegada,
No amargor do pranto e da má sorte,
Recresce o teu labor, fecundo e forte!

Alma que por ti seja iluminada,
Por ti se eleva, já feliz e pura,
Como a ave subindo a enorme altura!...

VIDA

A Luz intensa de harmonia linda,
De bondade, de amor e de beleza,
Divinizada em toda a Natureza,
Na própria treva resplandece, infinda!

Amparando a matéria desavinda,
— Só porque Lei divina a traz acesa —
Sobe aos mundos celestes da pureza,
Quando a sua missão na Terra finda!

Inquieta essência de remotas eras,
— Está constantemente a renascer —
É aroma beijando as primaveras.

De asa liberta além a transcender,
Chama predominante das esferas,
Sob as luzes infinitas dum Poder!...

certo e preso à burocracia estatal, com excepções, naturalmente, não resolvem o magno problema, pois o mesmo exige, acima de tudo, devotamento absoluto, calma, propensão a conselheiro paternal ou maternal, nunca se cansando nem se aborrecendo, num verdadeiro apostolado que só é equiparado ao do médico que cumpre o juramento de sua apostólica missão.

Assim, a meu ver, só estes facultativos estão dentro do seu ofício, porque, sendo assalariados, possibilitam maior eficiência aos seus trabalhos profissionais, tirando-lhes a preocupação do ganha-pão diário.

Do ponto de vista material e de maneira genérica, concluo essa primeira parte para tecer, a seguir, algumas considerações, embora sintéticas, sobre a parte moral e espiritual da criança.

Alguns renomados pediatras já chegaram à conclusão de que a criança até mesmo na vida uterina recebe os reflexos dos choques emocionais da progenitora que interfere na vida do nascituro. Desde o nascimento a criança sofre um constante assédio do meio em que vive. A convivência dos pais, a maneira porque são tratados, com rispidez ou carinho, as emoções que têm do medo ou do pavor, influem no seu subconsciente, mesmo antes de terem compreensão ou raciocínio, advindo daí males sem conta.

Logo que começam a entender as coisas, são, frequentemente, tomados de interesse maior por determinados assuntos que aderem às suas predisposições de espírito e vão influir na tendência e personalidade de cada um. Daí advêm os complexos, as taras, os vícios, não se falando na herança atávica e na própria vida pregressa do espírito.

Ora, se a criança é essa argila moldável de que poderemos fazer as formas que idealizarmos, é claro que, vivendo elas sem amparo, sem educação moral nem intelectual, entregue à sua própria sorte, tendo companheiros na vadiagem, os maus costumes, o crime, a libertinagem, poderão, na adolescência, pôr em execução os seus pendores e até tornarem-se mais perfeitos nessas práticas condenáveis.

Entra aí, então, a obrigação de todos os homens conscientes, de todas as instituições profanas ou religiosas, formarem uma única frente de amparo à criança, deixando de lado os princípios religiosos, os partidos políticos e todas as barreiras separativistas, unindo-se Governo e povo na campanha mais gloriosa, mais cristã e mais valorosa aos olhos de Deus que é a da redenção da criança que equivale à própria redenção da pátria brasileira.

Se assim não procedermos, sofreremos na própria carne as consequências de nossa dissídia, pois esses futuros delinquentes, essas futuras meretrizes serão os algozes de nossas famílias, matando, roubando, desviando moralmente os descendentes, cabendo estes males, em última análise, a nós próprios, porque descurámos nossas obrigações de solidariedade, de amparo e de educação à criança de hoje — a sociedade de amanhã.

Três Rios, 15 de Outubro de 1957.

APOLOGIA DA PRECE

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

1.ª PARTE

PROVAS TEÓRICAS DA EFICÁCIA DA PRECE

III

FÓRMULAS DE PRECES — NENHUMA FÓRMULA ABSOLUTA É PRESCRITA — RENUNCIAR A PRECE É DESDENHAR A BONDADE DE wEUS — ALÉXIS CARREL E A PRECE

Não é fora de propósito aludirmos aqui às fórmulas de orações. Elas não são de todo inúteis; mas, em face do que atrás ficou dito, compreende-se que bem pouco valem. A gente culta, principalmente, subestima os modelos de preces, reconhecendo que melhor é improvisá-las, sempre de acordo com as circunstâncias e as solicitações do momento. Isto não apenas em se tratando de cerimónias ou actos públicos, de carácter religioso; mas em casa, também, quando procuramos pôr-nos em sintonia com a Potência Divina. «A linguagem da prece — ensina um escritor francês — deve variar, segundo as necessidades, segundo o estado do espírito humano. É um grito, um lamento, uma efusão, um cântico de amor, um manifesto de adoração, ou um exame de seus actos, um inventário moral que se faz sob as vistas de Deus, ou ainda um simples pensamento, uma lembrança, um olhar erguido para o céu» (1). E têm razão os que preferem orar sem se aterem ao que está escrito. Sentimos melhor quando exprimimos nossas próprias ideias do que quando nos fazemos eco das ideias dos outros. A Allan Kardec disseram os comunicantes do Além: «A forma nada significa, o pensamento é tudo. Cada um ore de conformidade com as suas convicções e da maneira que mais lhe toque o íntimo. Um bom pensamento vale mais do que um grande número de palavras, com as quais nada tenha de comum o coração».

«Nenhuma fórmula absoluta de prece nos prescrevem os Espíritos. Quando nos dão alguma é com o objectivo de nos despertar ideias, e, sobretudo, com o de chamar a atenção para certos princípios da Doutrina Espirita. É também com o intuito de vir em auxílio daqueles que se sentem embaraçados para exprimir suas ideias, pois muitos há que não acreditam ter orado realmente, desde que não formularam seus pensamentos» (2).

Os discípulos de Jesus, ao que nos informa o evangelista Lucas, não sabiam orar. Pedindo-lhe um deles que lho ensinasse, o Mestre ditou então aquelas palavras que todo o mundo cristão conhece pelo nome de «Pai Nosso». (Lucas, 11: 1-4).

Porém, será que em todas as ocasiões de recorrer à Divindade, tenhamos de reptir o Pai Nosso *ou a* Prece de Caritas, *quando não outra fórmula qualquer?*

Pelo menos em dadas circunstâncias, isto é inteiramente impossível.

Quando, por exemplo, um mal ou um perigo nos está à vista e, aflitos, procuramos conjurá-lo para nos pouparmos às suas consequências, tempo e calma não nos restam para recitar qualquer espécie de oração. Só nos ocorre, de súbito, erguer aos céus o nosso angustiado brado de socorro. E porque parte do coração com toda a força do sentimento, o grito de aflição no instante pressago é uma grande prece de efeito quase sempre imediato.

Talvez nunca tenham observado isto os «espíritos fortes» que acham poder passar muito bem sem orar.

«Renunciar a prece — escreve o Codificador do Espiritismo — é desconhecer a bondade de Deus, é renunciar a sua assistência e ao bem que pode alcançar aquele que ore, assim como aquele por quem se ore» (3).

Sábios e pensadores de renome perceberam esta verdade. O grande Alexis Car-

Poema da cegonha

Podia ter sido como a Morte do Cisne.
Mas a cegonha não canta:
a cegonha não tem garganta...
É um pássaro apenas, de asa discreta,
que pousa ou vagueia sobre a terra
[abjecta.

Deu-se isto não sei quando...
Num certo dia, de manhã,
e ao ler o comum foliculário,
deparei com uma local malsã
acerca da Morte da Cegonha.
— Mas, qual cegonha? — perguntaria
alguma diva esguia.
Pois era uma ave gris, de arribação,
pernalta e feia como um avejão.
Teria vindo da Argélia ou do Egipto?
Ninguém o soube dizer.
O facto, porém, já revelado,
que tristemente aconteceu,
foi o seguinte: o pássaro morreu!

E morreu na Ilha da Bonança,
onde o Sol e o Amor são eterna aliança.
Foi abatido, traiçoeiramente,
por um caçador impenitente,
empedernido.
Não teve pena da cegonha errante,
que talvez acossada
por um siroco do Levante,
viesse buscar asilo
a esta encosta abençoada.
E lá foi para a sala de um Museu,
embalsamada, donairosamente.
E agora, toda a gente
poderá ver a Cegonha
com um dístico em latim,
(colado ao pescoço ou ao pé de
[marfim).
Mas, pelo menos, nesse andar burguês,
nunca mais há-de de morrer
— segunda vez!

OCTÁVIO DE MARIALVA

rel teve a franqueza de se pronunciar nestes termos:

«A oração é uma força tão real como a da lei de gravidade terrestre. Na qualidade de médico, tenho observado doentes (a propósito de cujos males falharam todas as demais terapêuticas, que se restabeleceram, libertando-se de suas enfermidades e melancolias, mediante o sereno influxo da oração. É o único poder no mundo que parece vencer as chamadas «leis da Natureza».

Estas expressões do famoso cirurgião e biologista francês constam de um artigo de sua autoria em Selecções do Reader's Digest, *artigo que ele conclui com estes períodos:*

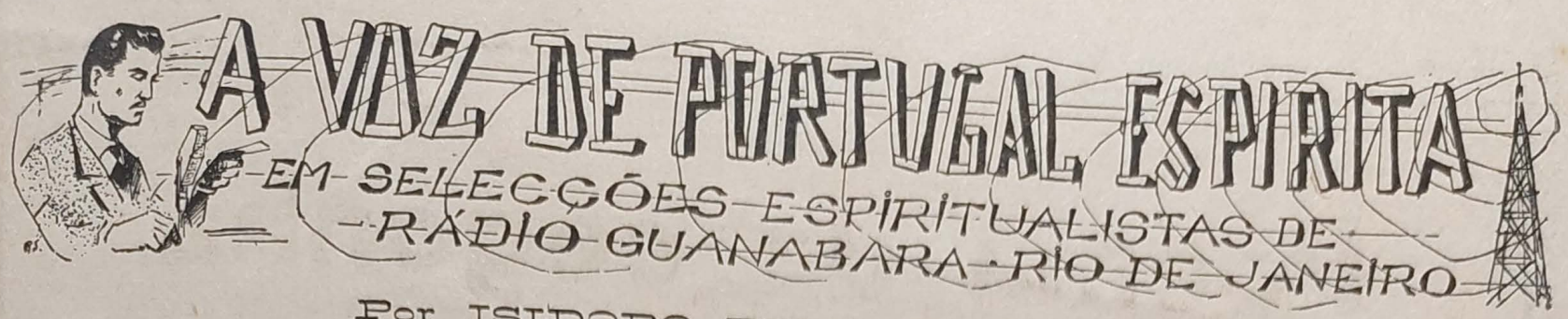
«Em regra, para plasmar personalidades, a oração deve tornar-se um hábito. Nada vale orar pela manhã e passar o dia como um bárbaro. Verdadeira oração é o modo de viver. A verdadeira vida é o transcurso de uma oração. As melhores preces são as naturais e improvisadas, tais como as conversações amistosas entre as pessoas que se querem. Não obedece a fórmulas. A oração, pois, como exercício fundamental do espírito, precisa ser activamente praticada em nossa vida particular. A alma humana deve tornar-se bastante forte para salvar-se mais uma vez».

---

(1) Léon Denis, «Depois da Morte», pág. 314, ed. da F. E. B., 1946.

(2) Allan Kardec, «O Evangelho Segundo o Espiritismo», cap. XXVIII, n.º 1.

(3) Id., Iibidem.



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

43

UM SALVAMENTO

Amigo radiouvinte:

Quem vem ao microfone deve ter sempre que dizer. És tu que o exiges e eu também, quando sou ouvinte. Locutor que não interesse o público, que não vibre com ele, que não lhe ausculte os anseios, é locutor queimado. O melhor é mudar de poiso ou de assunto.

Eu não sei se já estou em condições de passar à reserva, tantas frioleiras tenho dito, à falta de elementos de trabalho, que se imporiam, desde que houvesse ambiente e liberdade. Se cheguei ao «limite» digam-no, que não desejo ocupar tempo que pertença a outros.

Enquanto não vem a resposta vou contar um caso estranho. Sei que o radiouvinte gosta destas histórias. Todos gostamos de coisas raras, inabituais, que agitem a sensibilidade e o temperamento.

Vem narrado no jornal *Two Worlds*, grande semanário espirita londrino com mais de setenta anos de existência.

Em 14 de Junho de 1955, um operário soldador encontrava-se sòzinho numa trincheira de quatro metros de profundidade aberta ao longo da rua Washington, na cidade de Boston. Estava entretido a consertar a tubagem da água. Os companheiros deixaram-no a soldar dois tubos e meia hora depois um desabamento de terra apanhou o pobre homem, que ficou soterrado. Só pôde erguer os braços.

Sullivan — assim se chamava ele — quis pedir socorro. Foi o primeiro impulso do intinto de conservação; mas estava quase asfixiado e pensou que a única maneira de salvar-se era agitar a mão que emergia do entulho, esperando que algum curioso a pudesse descobrir. E dirigiu o pensamento para Tommy Whittaker, companheiro de trabalho e seu grande amigo, que estava noutro ramal a soldar tubos, ignorando a presença de Sullivan na rua Washington, visto que este resolvera trabalhar em Chelsea, ao norte da cidade, e só depois de almoço o escalaram para ali, onde ninguém estivera, desde a penúltima semana.

Se não fosse notado antes de anoitecer (eram cinco horas da tarde) perderia toda a esperança de salvar a vida. Muitos veículos ladeavam a trincheira, mas ela era profunda e não podia avistar-se de um carro e só a curiosidade de qualquer papalvo daria com a mão a mexer, entre pedregulhos e terra solta.

Como se vê, a situação era aflitiva e só um milagre resolveria a questão, devolvendo um homem ao lar, onde cinco filhos o aguardavam.

O caso é que Tommy Whittaker teve o pressentimento de que na rua Washington algo se passava e que não faria mal dar por lá uma vista de olhos. Era uma sensação vaga, indefinível, que não sabia explicar. O que o atraía não se traduz em gestos ou palavras. Nem sequer a imagem de uma pessoa lhe ferira a retina. Era só a ideia de que devia ir àquela rua, para controlar a preocupação que o dominava, uma espécie de chamamento contínuo mais forte do que ele, a martelar, a martelar, como quem está a bater num prego.

Um soldador amigo a quem expôs o caso tentou demovê-lo do intento, insistindo em que o trabalho de Sullivan não levaria mais de meia hora e que era inútil ir à rua Washington, onde ninguém trabalhava. Outro operário que encontrou no caminho disse-lhe a mesma coisa. Que não fosse, pois não haveria ninguém naquele sector...

Mas o pressentimento contiuava a acicatá-lo e quando chegou às proximidades da trincheira viu um carro da Companhia que funcionava como gerador de corrente, prova de que algum soldador ali estaria. Relanceando os olhos, só viu terra à sua volta; mas, avançando para o local, notou a terra remexida e verificou que houvera desabamento; e, observando melhor, viu a mão que emergia do cascalho.

O que se apoderou deste homem ninguém o pode descrever. No primeiro instante esforçou-se por desenterrar o corpo, escavando com as mãos; mas a tarefa exigia auxílio rápido e o soldador correu a uma garagem, de onde telefonou aos bombeiros para que viessem salvar o pobre soterrado. Entretanto, munido de uma pá, continuou na obra de salvamento do trabalhador, cuja identidade ignorava, embora intimamente pensasse que só poderia ser o seu irmão ou Sullivan.

Minutos depois vieram os bombeiros e em menos de meia hora salvaram o desgraçado cheio de fracturas e contusões. Mais ainda: com o desabamento, o ombro e o braço ficaram-lhe colados ao aço do tubo, que fora levado ao rubro com a soldagem. Este facto produziu-lhe 75 % de incapacidade de trabalho.

Apesar disso, sente-se verdadeiramente feliz e agradece a Whittaker tê-lo salvo de morte certa e horrorosa.

E agora, como explicar o que se passou com Whittaker? Que força o levou ao sector da rua Washington, mesmo contra a opinião dos companheiros? Teria, de facto, recebido o pedido de socorro de Sullivan que, no auge da aflição, dirigira o pensamento para o seu maior amigo?

A telepatia tem salvado indivíduos em perigos ameaçadores. Neste foi clara, em forma de pressentimento.

Whittaker afirma que não sentia impressão de urgência, mas qualquer coisa lhe dizia que fosse. Essa coisa é que não sabe definir. Se tivesse estudado ciências psíquicas chegaria a ilações diferentes. Saberia que o espírito é antena e receptor de grande sensibilidade. E que a telepatia já não é abstracção pura e simples, mas realidade de efeitos persuasivos. Entrou nas academias, preocupa muitos sábios e psicólogos e todos os investigadores a aceitam sem discussão. No tema que nos interessa foi ela que salvou o enterrado vivo. Ter a mão

à superfície do entulho ou debaixo dele pouco influiria, se uma força não guiasse o amigo para a trincheira da rua Washington e lhe intuisse o nome de Sullivan.

Se há coisas espantosas nesta vida, a que apresentamos é uma delas. Temos muito que estudar para saber alguma coisa...

Boa noite, amigo. Até à próxima, Deus te dê saúde e alegria.

44

PAULO SACOMÃ

Amigo radiouvinte:

Há coisas que sacodem de vez em quando a alma humana. Ficamos perplexos e não sabemos que espécie de fluido nos percorre as artérias. E o preconceito de raça e de cor desmorona-se como castelo de cartas. A epiderme não conta, não pode contar no mundo moral.

Vem isto a propósito de um combate de boxe no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, entre o negro brasileiro Paulo Sacomã, e o luso Júlio Neves a quem a Federação Portuguesa desta modalidade proibira de jogar.

É preciso fixar o nome de Sacomã, um negro de alma branca, nobre entre os mais nobres. É preciso tomá-lo como exemplo de humanidade, pois não tenho notícia de gesto semelhante ao que ele mostrou em luta legal.

Ao quarto assalto atingiu o adversário no supercílio esquerdo e provocou-lhe um grande ematoma. Foi uma cena impressionante. O juiz, inexorável, contou nove segundos e o português foi de encontro ao negro, que soltou nova esquerda, estoirando-lhe o ematoma. E o sangue começou a jorrar e a vítima permanecia de olhos vidrados e braços pendentes, mal se equilibrando, inconsciente de um «golpe de misericórdia» que o poderia reduzir à expressão mais simples para todo o sempre...

Neste momento Sacomã teve um rebate de consciência. Com mais um soco liquidaria a questão e ganharia quinze mil cruzeiros que lhe fariam bom arranjo na situação financeira que atravessava. Era tão cómodo! Mas ele tinha coração. O seu pensamento voltou-se para Deus e recusou atingir o contendor, apesar dos pedidos instantes do seu técnico Horácio Molina.

Em face desta atitude, o juiz começou a contagem, enquanto o negro pedia que suspendessem a luta e chamassem um médico para o campeão luso, pois só um médico poderia dizer se Júlio Neves estava em condições de prosseguir.

O juiz, porém, mantinha-se indiferente à rogativa, e Sacomã, no seu desespero, na sua aflição, erguia as mãos ao céu e gritava inùtilmente:

— Por Deus! Eu não posso atacar um homem nestas condições!

«Mas o juiz era bárbaro — diz o articulista do Globo —. Não entendia assim. Como no tempo das arenas romanas, onde gladiadores se matavam para divertir, parecia querer ver mais sangue, Irritado por Sacomã não atacar, começou a contar até 10. Vendo que no coração do juiz não havia sentimento de solidariedade, o pugilista brasileiro não esperou o final da contagem. Saltou as cordas e retirou-se do tablado. Preferia perder a luta, por abandono, a golpear novamente o adversário, que certamente ficaria inutilizado para toda a vida».

O quadro foi espectacular. Vale mais não o descrever, porque as palavras nem sempre correspondem aos sentimentos. O árbitro deu o vencido como vencedor e o público, emocionado até às lágrimas, vitoriou e acarinhou o nobre Sacomã, que ficou surpreso, quando lhe disseram que nada receberia, por abandono de combate. Além de tudo isto, ainda o acusaram de mau profissional. Foi o «manager» desalmado que lho disse, cheio de fúria e de revolta.

Se estas são as leis do boxe, a que chamam arte das mais dignas, estão absolvidas as touradas.

Mas — dirão os ouvintes — na atitude do negro deve ter havido um motivo forte. Qual seria? É o próprio diário brasileiro que o revela:

«— Se tudo acontecesse de novo — disse o pugilista — eu faria a mesma coisa. Obedeci a uma voz interior, a um impulso do coração. Foi a voz de Deus. Repito: faria a mesma coisa, embora isso pudesse arruinar para sempre a minha carreira de boxeador profissional».

Houve quem dissesse que a religião é que impediu o negro de espancar Júlio Neves. Eis o que ele respondeu a quem lhe fez a pergunta:

— Não sei. Todas as religiões são boas e ensinam a fazer o bem. Há seis anos que sou espírita e a religião só me tem feito bem. Qualquer homem com noção de solidariedade humana faria o que fiz. O pugilista tinha subido ao rinque para ganhar a vida. Eu não poderia arruiná-lo para sempre. Sou tapeceiro de profissão, mas o boxe é que é a minha verdadeira vida. O boxe não é pecado. Pecado é massacrar um adversário indefeso, como queriam que eu fizesse.

Amigo radiouvinte: o caso que aí fica é dos mais belos da história humana. O procedimento de Paulo Sacomã, além de honrar a criatura, honra o adepto e a sua doutrina.

É certo que ninguém obrigou o português a lutar. Foi ao rinque voluntàriamente, confiado em seus músculos e na boa estrela dos audaciosos. Mas há situações estranhas, nas quais o coração suplanta as próprias leis. Numa delas se encontrou o negro espiritista, o negro de alma branca, que fugiu para não exterminar o semelhante.

O juízo do árbitro não atingiu este lutador que cedeu à consciência, em face de um rosto ensanguentado.

Dos gladiadores romanos até hoje a força bruta tem-se imposto à força moral. Nos jogos, nas competições, nas maratonas. O egoísmo impele os atletas, cujo fim é ganhar a prova. O trofeu esquece a humanidade. Medalhas, galhardetes, lantejoulas, são relíquias de glória efêmera.

A atitude de Paulo Sacomã deixou o público boquiaberto, numa explosão de ternura. Fez lembrar os combates de antano, em que os vencedores, generosos e altruístas, poupavam os vencidos, seus adversários da véspera.

No Brasil, ser espiritista é ser homem de bem. Mais uma vez o conceito se confirma. Sentir uma doutrina é trabalhar no aperfeiçoamento individual. Se o Espiritismo viver em nós, não podemos cometer acções que nos envileçam.

Nos mortos não se bate, reza o prolóquio; e bater num homem indefeso é o cúmulo da covardia. Por isso o exemplo de Sacomã «persuade sem rectória, reduz sem porfia, convence sem debate, todas as dúvidas desata e corta caladamente todas as desculpas», como diria Manuel Bernardes, se tivesse notícia do acontecimento.

Boa noite, amigo. Não quero que o negro me agradeça. Eu é que lhe agradeço o bem que fez a si próprio, ao Espiritismo e à sociedade.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

IGNORÂNCIA E PRECONCEITO...

La Revue Spirite, de Paris, insere em seu número de Março-Abril um interessante comentário de Jean Barbier acerca do conceito em que os médicos e os clérigos ingleses têm os fenómenos espiritas. E fala numa famosa Comissão médico-religiosa fundada para estudar as curas chamadas espirituais realizadas por certos médiuns. Criada em 1953, só agora é que o seu relatório foi publicado, no qual se vê que muitos curadores, especialmente o mais célebre de todos — Harry Edwards — lhe submeteram vários casos de cura obtidas através da mediunidade.

Este último apresentou oito casos de curas notáveis em doentes considerados «incuráveis» pela Medicina, mas foram todos eliminados por serem demasiado velhos e não poderem fiscalizar-se, ou demasiado recentes e não poderem apresentar a cura definitiva. É interessante notar que o nome de Edwards é omitido no relatório.

Eis como Jean Barbier apresenta a questão:

«Do lado médico diz-se que as doenças «tratadas» pelos médiuns curadores não teriam sido «curadas» pelos remédios tradicionais.

«Do lado eclesiástico diz-se que a cura miraculosa pertence a Deus e só pode ser obtida por um servo de Deus e ùnicamente pela oração.

«As centenas de milhar de curas obtidas no mundo inteiro por médiuns curadores e as centenas de cartas de encorajamento e de agradecimento que alguns médicos escreveram a Edwards são rejeitadas ou negadas. Felizmente, a Inglaterra é o país da liberdade, onde os curadores não são perseguidos pela Ordem dos Médicos e podem continuar pacificamente a sua acção».

Jean Barbier termina o comentário com uma nota humorística extraída do *Psychic News* de Londres. À entrada de um pórtico com a legenda «Comissão do Arcebispo» vê-se Harry Edwards com os testemunhos médicos que lhe apresentou. Mas ele não pode entrar, porque a porta está fechada com quatro ferrolhos, denominados *Ortodoxia, Preconceito, Ignorância, Fanatismo.*

A PORTA FECHADA

ESTRANHA OCORRÊNCIA

Voz Informativa, da cidade de México, publicou o relato de um fenómeno ocorrido no Brasil e que *O Semeador* de São Paulo transcreveu na sua edição de Fevereiro último. Vamos transmití-lo aos leitores:

«Recolhendo dados para o seu «Dicionário Histórico-geográfico», o Dr. Moreira Pinto hospedou-se em casa do velho cura da cidade de Lavras, Estado de Minas Gerais.

«Em conversação contou-lhe o cura um facto que o tinha impressionado deveras e para o qual não tinha explicação. Certo dia em que se encontrava na sacristia da igreja, despreocupado, tranquilo e sòzinho, como de costume, viu entrar um jovem de pouco mais de 20 anos, de fisionomia simpática, desconhecido dele e que lhe disse:

«— Padre, sei que não tem missa para amanhã e assim celebrará missa por minha alma.

«O cura respondeu que não podia ser, porque as missas se celebravam só para os defuntos.

«— Pois é isso mesmo. Amanhã faz um ano que morri e os meus familiares esqueceram-se.

«Impressionado com o estranho visitante, levantou-se assustado e tratou de afastar a aparição, que julgou demoníaca. Dirigiu-se a casa, tomou um calmante e não pôde dormir a pensar na visita que tivera.

«No dia seguinte, ao entrar na igreja, recebeu a visita do sacristão, que lhe disse, ao mesmo tempo que lhe entregava o importe de uma missa:

«— Tome, sr. cura!

«— Que é isto?

«— É o importe da missa que ontem lhe foi encomendada por um jovem que o sr. já conhece.

«De indagação em indagação, o bom cura, mais morto, que vivo, convenceu-se de que o dinheiro provinha da entidade que lhe aparecera na véspera na sacristia, e não sabia o que devia fazer.

«Afinal e em cumprimento do seu dever recolheu o dinheiro sem conhecer o nome do devoto e celebrou a missa encomendada pelo estranho, tendo na mente a fisionomia que vira e que — diz ele — nunca mais lhe esquecerá.

«Dias depois, quando o facto se ia esquecendo, apresentou-se um camponês em sua casa, dizendo que tinha de lhe falar particularmente. O cura levou-o então ao seu escritório e ouviu-o.

«— Venho pedir-lhe que me tire uma dúvida que me não deixa dormir e que me explique um facto que me sucedeu.

«— Diga, diga...

«— Vai ver. Eu tinha um filho que morreu faz um ano. Há dias, sem dele me lembrar, vi-o entrar no meu quarto e dizer-me: — «Pai, perdoe-me haver tirado dez milréis do seu dinheiro, mas foi para mandar dizer uma missa

no aniversário da minha morte, que o sr. tinha-se esquecido».

«Assombrado pela visão, que desapareceu instantâneamente, corri ao móvel onde pouco antes deixara dezassete milréis, e qual não foi o meu espanto ao ver que lá estavam sete!

«O cura levantou-se e silenciosamente pegou numa caixa donde retirou duas notas de cinco milréis, uma delas rasgada e colada com papel de selos, que mostrou ao visitante, exclamando:

«— São estas?

«O visitante olhou e tornou a olhar para as notas e, com mãos trémulas, pôs-se a chorar como uma criança, dizendo ao cura:

«— Os mesmos, sim, senhor... Os mesmos...».

Para edificação de incrédulos, não é preciso mais. O resto pertence à consciência. Se o homem ainda não explicou nem explica o fenómeno vital, como poderá explicar outros que se processam além da morte?

ECOS DO ESPIRITISMO NO BRASIL

Two Worlds de 12 de Abril publica uma grande notícia acerca do Espiritismo no Brasil, extraída do *Yours Fraternally* que, por sua vez, inseriu um relato circunstanciado em forma de questionário, ao qual respondeu o nosso amigo Conrado Ferrari, presidente da Direcção do Hospital Espirita de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

A admiração do articulista manifesta-se logo no princípio, quando exclama:

— A marcha fantástica do Espiritismo no Brasil é enorme, pois há 79 *Two Worlds* neste país católico-romano. 79 jornais e revistas espiritas!

Quanto ao número de espiritistas, deve ultrapassar um milhão e quinhentos mil, tomando como base as estatísticas oficiais, que estão bem longe de corresponder à verdade. O pessoal encarregado de preencher as listas do censo é o próprio a deturpar as declarações individuais no tocante à religião professada. Não considerando o Espiritismo como religião, inscrevem como católicos os espiritistas incultos que não podem, por si mesmos, preencher o boletim.

Mas, voltando à notícia do semanário inglês, vemos que há 30 hospitais e 357 escolas espiritas. Isto causa espanto aos ingleses.

«O ensino espirita — escreve — é dado quase diàriamente num grande número de estações radiodifusoras em todo o Brasil. São tantas as que citou *Yours Fraternally*, que enchem uma página em letra miúda».

Em 1954 houve perto de 400.000 reuniões e, quanto à prática doutrinária, há passes e prescrições de remédios largamente exercidos, embora sem protecção legal, mas a faculdade mediúnica desenvolve-se livremente nas agremiações ao abrigo estatutário. Os médiuns nada recebem pelo seu trabalho.

O nosso amigo Ferrari diz que a cura espirita é ilegal, mas tolerada. E acrescenta:

«O Espiritismo é considerado no Brasil, não só como religião, mas também a religião em que se dá e não se recebe. Todos os associados de uma colectividade assumem o compromisso de exemplificar os ensinos espiritas recebidos. Mais ainda: cada um se prepara para dar tempo e dinheiro ao Espiritismo».

E o artisculista termina assim:

«Se você quiser saber a razão do desenvolvimento extraordinário do Espiritismo no Brasil, procure-a na dedicação dos espiritistas daquele país».

AS INVESTIGAÇÕES PSÍQUICAS NA TURQUIA

O presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas e Metapsíquicas de Istambul escreveu na revista *Yours Fraternally* um pequeno artigo informativo acerca das dificuldades e progressos do departamento que mantém a seu cargo.

Diz ele que a Turquia é uma região muçulmana e que o fanatismo religioso é o principal obstáculo ao desenvolvimento das investigações. Quando, em 1923, a república foi proclamada, Ataturk empenhou-se pessoalmente na luta contra o fanatismo e durante esse período o movimento espirita viu dificultadas as suas praticas. Pode mesmo dizer que até 1956 o Espiritismo não se pôde divulgar e que a investigação foi apenas individual.

O verdadeiro movimento começou com a publicação de trabalhos científicos do médico Bedri Ruhselman, intitulados «O Espírito e o Universo». É pena, diz Refet Kayserilioglu, autor do artigo, que não tenham sido traduzidos nalgumas línguas europeias, acrescentando que o Dr. Ruhselman foi o fundador do Neo-espiritualismo sob o aspecto científico, muito semelhante à Metapsíquica, pois todos os fenómenos se explicam por conceitos racionais, assim como as mensagens mediúnicas.

Esta Sociedade foi fundada em 1950, como já referimos, e o Dr. Ruhselman eleito seu primeiro sidente.

Tem sido grande a sua actividade, em conferências públicas sobre vários assuntos espiritas e em sessões mediúnicas, nas quais se têm recebido belas mensagens.

Ouçamos o articulista:

«Não costumamos entrar em comunicação com os nossos parentes e familiares, cujas opiniões são apenas de carácter convincente. Os desencarnados que se comunicam através dos médiuns são, em geral, seres superiores e não usam nomes terrenos, a não ser para mostrar a identidade. Nestas sessões fazemos várias perguntas sobre assuntos psíquicos e científicos e discutimos as respostas recebidas. Para dar ideia destes trabalhos transcrevemos um passo das comunicações, em que se nota conhecimento transcendental: «A matéria e o espírito tornam-se cada vez mais subtis e dilatam-se por toda a parte. Nem dentro nem fora, estão em toda a parte, construindo vergônteas e camadas».

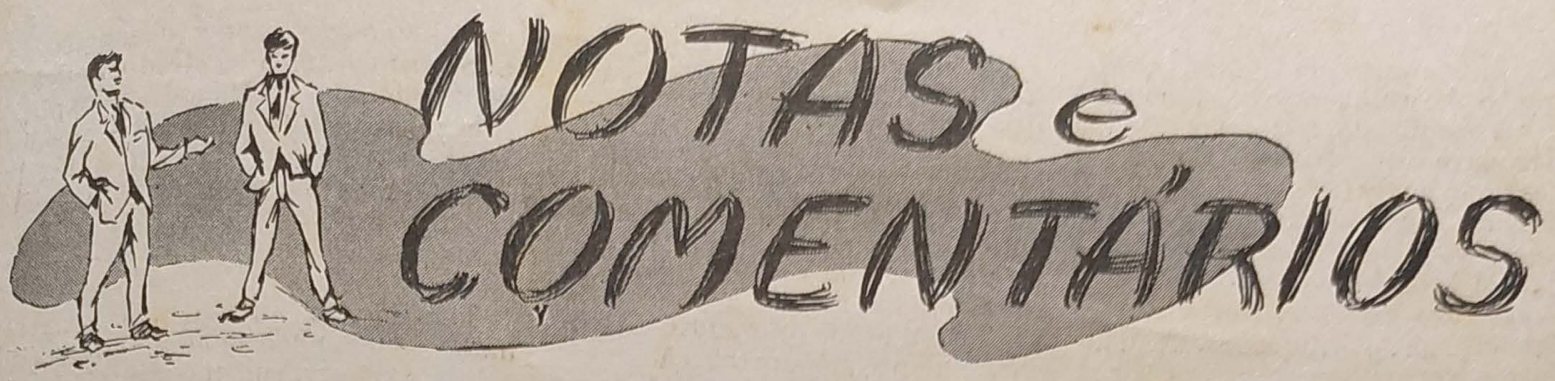
Desde Outubro de 1952 a Junho de 1954 publicaram-se 18 números da revista *Spirit and Universe*, mas foi suspensa por dificuldades financeiras.

A respeito de livros, os mais sérios são os do Dr. Ruhselman. Além do que citámos, em três volumes, há «In the Spirit Realm» (Nos Domínios do Espírito) e «Mediunidade», (traduzido em Inglês e submetido ao Congresso Espirita de Estocolmo em 1951), «Deus» e «O Destino e Suas Incongruências». Há também as comunicações recebidas e traduzidas em Inglês.

Actualmente, não há centros, mesquitas ou hospitais espiritas, nem se podem esperar emissões de ràdiodifusão.

O Dr. Bedri Ruhselman afastou-se da Sociedade de Investigações Psíquicas em Abril de 1957, em virtude da sua vida particular. O actual Presidente é o Dr. Refet, autor do artigo, de onde extraímos estas notas, e o Vice-presidente e o Secretário, são, respectivamente, Dogan Tugcu e o engenheiro-químico Erol Sevil.

Apesar das dificuldades financeiras, o futuro antolha-se promissor de actividades.



SERVIÇO INFORMATIVO

A Associação de Jornalistas, Publicistas, Escritores Espiritas e Metapsiquistas *enviou-nos um boletim de serviço informativo respeitante a investigações psíquicas e a outros acontecimentos do sector espirita mundial e destina-se a todas as publicações que tenham interesse na divulgação deste noticiário.*

É uma ideia de grande utilidade. Tudo o que se faça neste sentido é reforçar a posição da Doutrina.

«Estudos Psíquicos» gostaria de colaborar com os confrades argentinos, como tem feito sempre, inserindo em suas colunas notas e artigos que da mesma origem lhe têm sido enviados. Não o podemos fazer desta vez, em virtude do atraso do boletim em matéria de actualidade. As novidades que nos traz publicámo-las há muito tempo e são extraídas quase todas de jornais europeus, que aqui chegam mais depressa.

Uma revista como «Estudos Psíquicos» necessitava de fontes informativas para reforçar o já vasto noticiário internacional que arquiva em suas colunas. Por isso nos congratulamos com os objectivos da Associação em causa. Os nossos reparos não são de crítica, tanto mais que estamos ligados por laços de simpatia e de amizade a alguns dos seus redactores. Esperamos que nos enviem notícias actualizadas para a mútua colaboração que desejamos empreender.

UMA REVISTA CENTENÁRIA

Em Janeiro último, La Revue Spirite *perfez cem anos de existência ao serviço do Espiritismo! Um século de luta permanente ao serviço do neo-espiritualismo, ao serviço da humanidade!*

Quanta emoção sentimos ao escrever estas palavras! Quanta emoção e quanta alegria de alma, ao evocar o esforço de Allan Kardec, seu fundador egrégio, numa sociedade anquilosada e submetida a preconceitos de toda a espécie! Os 18 anos de Estudos Psíquicos *dão-nos autoridade para falar assim daqueles que em França lançaram uma ideia redentora, libertando o mundo de escalrachos que o prendiam ao receio da morte e ao velho obscurantismo.*

A obra desse grande pioneiro ultrapassou a sua própria expectativa e avançou, qual rastilho em trevas densas, iluminando consciências e temperando almas sequiosas. Nem a política, nem a filosofia, nem a religião sacudiram tão fortemente as multidões, em qualquer época da história. O Espiritismo era a Boa Nova, a certeza da sobrevivência, que ligava o passado ao presente, por cima de credos, positivismos e negativismos.

Assim, o 1.º de Janeiro de 1958 representa o início de uma nova era para milhões de almas que não cessam de apregoar esta bela doutrina.

Treze anos permaneceu o Mestre à frente deste arauto, que era, ao mesmo tempo, um foco de cultura. Sucedeu-lhe Pierre - Gaétan Leymarie até 1901, data em que desencarnou, passando a revista à esposa deste — Sr.ª Marina Leymarie —, que a dirigiu proficientemente durante três anos, após os quais abandonou as plagas terrenas. Seguiu-se-lhe seu filho Paul Leymarie até 1915, momento difícil em que surgiu Jean Meyer, suíço de origem, considerado Mecenas do Espiritismo, que não só adquiriu a propriedade da revista, como também a dirigiu de 1917 a 1921.

Em 1931 desencarnava Jean Meyer e sucedia-lhe Hubert Forestier, que nela desempenhara as funções de Chefe da Redacção. Na verdade, Hubert Forestier tem sido um verdadeiro arauto. Meyer não poderia ter encontrado mais idóneo continuador. Sob o seu impulso multiplicou-se a propaganda do Espiritismo em França, com a Casa dos Espiritistas, *e com as* Edições Jean Meyer *aliadas à mesma revista.*

Após a última guerra, cujos vandalismos danificaram os departamentos parisienses de La Revue Spirite, *Forestier domiciliou-se em Sual (Tarn), onde exerce o cargo de Presidente da Câmara e continua a batalhar pela Causa.*

Deste extremo ocidental da Europa felicitamos o nosso amigo Forestier pela sua tenacidade e espírito de sacrifício na continuação de uma obra significativa e cujos frutos se reflectem nos países de língua francesa.

Os 100 anos de La Revue Spirite *respiram jovialidade e frescura, prova concludente de que o Espiritismo é... imortal e os seus profitentes possuem o segredo da longa vida.*

UM BRADO DE ALERTA

La Voz Espiritista, *de Rosário, Argentina, diz que a chamada «Escola Espiritista Científica Basílio», que tem uma Central na Argentina e várias filiais no interior do país, apregoa ciência, mas que as suas práticas nada têm de científico nem de conteúdo espirita. Esta agremiação desprestigia a doutrina, chegando mesmo a ridicularizá-la, quando afirma que o «Espiritismo é um culto».*

É preciso cuidado com algumas sociedades de via reduzida e sem responsabilidade filosófica, que se apoiam no Espiritismo para a consecução de objectivos ocultos. A codificação kardeciana não se confude com doutrinas espúrias. Por outro lado, as suas obras fundamentais encontram-se à venda em todo o mundo e até o Esranto as divulga em países de fala asiática. É, pois, conveniente adoptar medidas profiláticas, de dentro para fora, a fim de se evitarem futuros arrependimentos. Conhecemos alguns grupos que são verdadeiros focos de desordem moral e cujos dirigentes se inculcam de origem divina. Portanto, cuidado com a miscelânea...

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 13 de Abril o Dr. Adriano de Oliveira realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor uma conferência intitulada «Medicina Herética».

Com a proficiência que lhe é peculiar desenvolveu um tema interessantíssimo que agradou a todos os que o ouviram. Apresentou as incongruências da chamada Medicina Alopática, narrou casos da sua clínica demonstrativos do erro em que laboram os que preconizam a droga como elemento terapêutico e voltou a dizer que aquela Medicina não podia curar doenças crónicas.

Depois apresentou as excelências da Medicina Natural, afirmando que ele próprio lhe deve a vida e o tem declarado, alto e bom som, a muitos colegas aferrados à tradição médica.

Em certa altura deixou-se entusiasmar e contagiou os assistentes, contando algumas anedotas alusivas ao assunto.

Foi uma bela conferência e contamos publicá-la na revista *Medicina Natural*.

TRABALHOS DO CENTRO EM MAIO E JUNHO DE 1958

Dia 1 de Maio, 5.ª-feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Réper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 2, 6.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 4, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 6, 3.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 7, 4.ª-feira, às 21.30 — Grupo de captação, com a médium D. Ermelinda, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 8, 5.ª-feira, às 21.30 — Grupo de irradiação mental, «Réper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 9, 6.ª-feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 11, domingo, às 16 horas — Conferência por Coelho de Sousa, intitulada «Naturovegetarianismo».

Dia 13, 3.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Fernanda Moreira, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 14, 4.ª-feira, às 21.30 — Grupo de captação com a médium D. Ermelinda, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 15, 5.ª-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Réper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 16, 6.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 18, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 20, 3.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 21, 4.ª-feira, às 21.30 — Grupo de captação, com a médium D. Ermelinda, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 22, 5.ª-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Réper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 23, 6.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 25, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 27, 3.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 28, 4.ª-feira, às 21.30 — Grupo de captação, com a médium D. Ermelinda, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 29, 5.ª-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Réper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 30, 6.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

JUNHO

Dia 1, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «A Psicologia do Tempo».

Dia 3, 3.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4, 4.ª-feira, às 21.30 — Grupo de captação com a médium D. Ermelinda, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 5, 5.ª-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Réper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 6.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 10, 3.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Fernanda Moreira, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 11, 4.ª-feira, às 21.30 — Grupo de captação, com a médium D. Ermelinda, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

NOTA — As sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, munir-se da última quota paga, a fim de apresentá-la ao director de serviço, quando este o julgar conveniente. As conferências são públicas desde que os assistentes inscrevam o nome na Secretaria.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Abril — Donativos recebidos: M. V. Z. L., de Monte Estoril, 100$00; I. S., de Lisboa, 100$00; D. Maria Inês Sena, 20$00; Fé, de Lourenço Marques, 30$00; C. S. M., de Ovar, 50$00; Anónimo, de Lisboa, 10$00; L. L. M. C., de Tavira, 10$00; D. C. de Meneses, de Alhandra, 20$00; C. L., 50$00; A. L. de Lisboa, 10$00; F., 20$00; V. L., de Lisboa, 10$00; C., 5$00; M. L., de Lisboa, 10$00. *TOTAL — 445$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estado da Doutrina Espirita	15$00
A Prece	10$00
Espiritismo	15$00
O principiante Espirita	15$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 42$00	30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 42$00	30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 42$00	30$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 42$00	30$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	25$00
Depois da Morte (nova edição)	40$00
O Porquê da Vida	20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	40$00
No Invisível (nova edição)	45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	45$00
A Evolução Anímica	42$00
O Fenómeno Espirita	40$00
A Alma é Imortal	45$00
A Reencarnação	45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	20$00
Enigmas da Psicometria	25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	32$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	20$00
Xenoglossia	25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	30$00
Casas Mal-assombradas	40$00
A Morte e o seu Mistério, 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	60$00
Narrações do Infinito	25$00
Urânia	35$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

	br.
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00	25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00.	30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís*	35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel*	60$00
Pão Nosso, pelo Espírito de Emmanuel	35$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	25$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	Br.
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	30$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	40$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vitor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	30$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	35$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 45$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira* e *B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	25$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	25$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	25$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	25$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley*. Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	60$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	60$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	20$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	120$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*. Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	30$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof*. Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	70$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	25$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

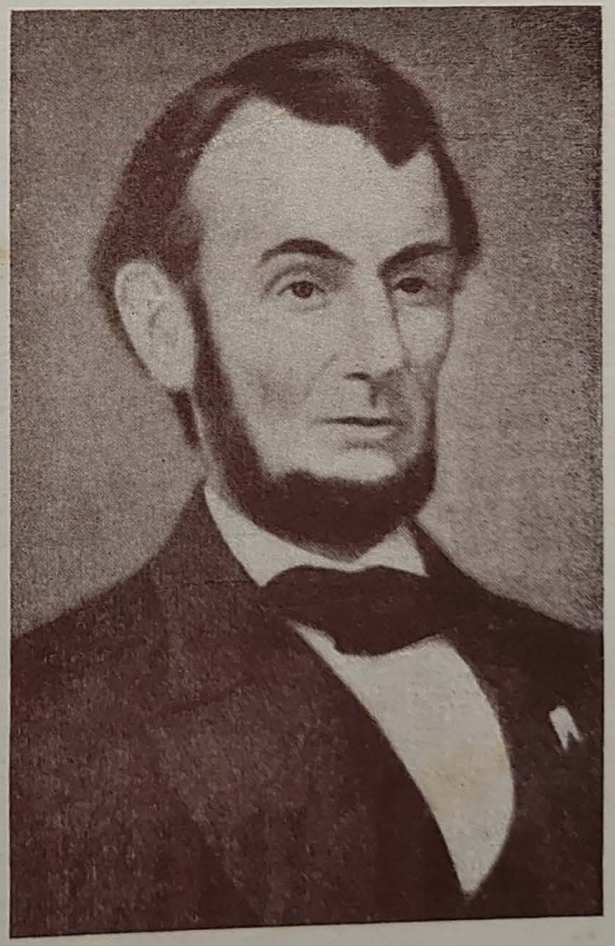
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM : Linguagem, da **Redacção**; As Ideias Espiritas de Abraham Lincoln, por **Enid S. Smith**; Consoladora Certeza, por **Álvaro da Silva Valente**; Allan Kardec e a Reencarnação, por **Deolindo Amorim**; A Missão do Espiritismo; Duas Páginas Mediúnicas; A Moral, por **Eduardo F. Conceição**; Pela Boca, por **Emmanuel**; Porque Somos Kardecistas?, por **Tito L. Bancéscu**; Apelo, por **Maria Inês Sena**; A Existência da Alma, como Parte Integrante do Homem Terreno, por **José Francisco Cabrita**; Ecos de Uma Viagem - XXXVIII - Coração Mineiro, por **Isidoro Duarte Santos**; Apologia da Prece, por **Alfredo Miguel**; O Chelmicki; Palestras Doutrinárias - 3 - Os Grandes Heróis, por **I. D. S.**; A Humildade, (Trecho de um novo livro de *Lia*); Só Espiritismo Científico?, por **Henrique Magalhães**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.



ABRAHAM LINCOLN

(Ver pág. 195)

19.º ANO — JULHO DE 1958 — N.º 7

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores

Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

Distribuidores: Agência Internacional de Livraria e Publicações—R. S. Nicolau, 119-2.º—Telef. 26 94 02

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Henrique Magalhães — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
João Coragem — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Zalmino Zimmermann — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

19.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1958 — N.º 7

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

LINGUAGEM

A linguagem é o maior privilégio do homem, embora Manuel Bernardes dissesse que a da terra é falar bem de si e mal dos outros. As «línguas» de Ésopo esclarecem o assunto, segundo o qual se nota grande maleabilidade no atributo. São duas faces opostas que se apresentam a belprazer, de harmonia com o interesse ou necessidade.

Há pessoas que levam a existência a coleccionar adjectivos. Quando os empregam é aos grupos de dois e três, em tom progressivo. Avaliam menos pelo sentido genérico, que pelo significado pejorativo. São fabricantes de injúrias que nascem e morrem sem epitáfio. A linguagem é como o papel-moeda: exige reserva, garantia circulante. A palavra é o vestuário das ideias e nem sempre se adapta ao conteúdo. Umas vezes é grande; outras vezes, pequeno. Desequilíbrios, incongruências de raciocínio, podem alterar num minuto o que levou anos a elaborar.

Quem fala, primeiro deve ser sóbrio; depois deve ser verdadeiro.

O palavroso mente sem querer. É como as árvores ramalhudas: a seiva perde-se nas folhas e não serve aos frutos. Melhor é a parcimónia, a delicadeza, a veracidade.

As afirmações impõem-se por si. Não há nada mais lacónico do que um facto, seja qual for a circunstância que o origine. Os homens é que o vestem de ilusão, qualificando-o a seu modo, conforme o desejo e o engenho. Mas, debaixo da roupagem, o facto permanece nu e cru. É o que é. Por mais esforços que haja, não se pode alterar. O que se altera é o significado. A nuvem por Juno é deturpação. E o facto não é facto. É a imagem falseada, ao sabor das conveniências.

Por isso a linguagem é uma arma de dois gumes. Boa, chega a ser eloquente, quando combate a injustiça e se levanta contra as liberdades ameaçadas. Má, é um lobo voraz, como lhe chamou Vicente de Paulo.

Temo-la visto numa e noutra acepção, mas apreciamo-la de outra forma. Nem a crítica mordaz, nem o louvor fácil. A coisa pelo seu nome. É quanto basta. Gostamos de vestuário simples e elegante.

A linguagem é feminina e por isso deve ser modesta para se impor. Assim, aumentará a formosura e servirá de véu à fealdade. Assim dizia Fontenelle.

O que sai das normas expõe-se ao reparo e a virtude está no meio termo. Mas sempre dentro da verdade.

Quem escreve é como quem fala. Veste as ideias a seu talante, dá-lhes aparência e rumo e vai atrás delas, enleado. Às vezes não as pode orientar e dominar. É a pedra fora da mão.

Wertheimer observou excelentemente nesta afirmação:

— Não há mais severo moralista do que o caloteiro, quando é caloteado.

Há quem se insurja contra a linguagem crítica dos outros, sem atentar na própria. São maneiras de ver o problema. Cada ser, cada evolução.

É difícil refrear o abuso aliado à ideia preconcebida. Vê-se quase sempre mal, não se tem consciência do erro e foge-se à análise rigorosa, para evitar o reconhecimento da fraqueza. E a linguagem é relativa à deformação do carácter. Pertence ao mundo psicológico.

No fim de tudo, o que é preciso é construir em rocha a reputação que alguém apelidou de segundo património. Dela vale mais uma onça, que uma libra de astúcia. Sidney assim o afirmava e nós afirmamos também. Manhosos há muitos. O que fala é boa linguagem, que exalte a virtude, refreie o vício, extinga a maledicência.

Isto não deve esquecer quem fala, porque o verbo é o melhor e o pior fruto do homem. E quem serve uma doutrina, exaltando-se a exalta. Os ideais fazem os cidadãos; e o que sai da boca é que degrada e envilece.

As Ideias Espiritas de Abraham Lincoln

Por Enid S. Smith

I

Abraão Lincoln não foi apenas um homem profundamente religioso; foi também um grande místico. Muitas doutrinas o solicitaram, mas ele era considerado um grande espirtista.

É improvável, por enquanto, que venha a saber-se toda a história de Lincoln como espiritista, mas todos os anos surgem novos factos a comprovar a evidência do seu interesse pelos assuntos psíquicos.

Além de factos recentes aduzidos pelo Dr. W. D. Chesny, cuja família foi amiga do Presidente, há informações reveladas pelos papéis pessoais de seu filho Roberto, publicadas pela Livraria do Congresso.

AS SUAS PREMONIÇÕES

Um largo estudo de material acessível mostra que o grande Presidente da América do Norte julgava estar sujeito a leis especiais guiadas por uma Inteligência acima da sua compreensão.

Não tentou esconder as suas tendências psíquicas, a sua comunicação com os desencarnados, as suas premonições, sonhos, visões, avisos, experiências em sessões. E falava de tudo livremente.

Ao seu amigo Speed, escreveu ele: «Sempre tive grande tendência para o misticismo e tenho sido controlado por outro poder, além da minha vontade. Muitas vezes vejo claramente a decisão que devo escolher, embora saiba que não há factos suficientes para fundamentá-la. E sempre que segui este critério os resultados foram satisfatórios. O mesmo não sucedeu, quando segui a opinião dos outros».

VOTO SOLENE

E acrescentou: «Sempre que o Todo-poderoso desejava que eu fizesse ou não uma coisa, encontrava maneira de mo comunicar».

Lincoln disse ao seu amigo Warren Chase, legislador do Estado de Illinois: «Fiz perante Deus o voto solene de que, se o General Lee fosse repelido da Pensilvânia, eu libertaria os escravos».

Chase escreveu uma carta em Janeiro de 1865, quando estava numa conferência em Washington, em que dizia: «Vi muitas vezes Colchester, o médium que assombrou muitos homens públicos com as suas experiências. Sei que visitava frequentemente o Presidente Lincoln, que este o mandou chamar muitas vezes e que, através dele, obteve provas da comunicação dos espíritos. O mesmo sucedeu com Nettie Colburn, antes de casar com Maynard. Foi também o Presidente Lincoln que a mandou chamar. Eu conhecia bem o Presidente e sabia que ele era espiritista».

AVISO EM SONHOS

Francis B. Carpenter, o homem que pintou o retrato de Lincoln e mais tarde o quadro da Proclamação da Independência, que se encontra no edifício do Congresso, andava ao tempo reunindo material para o seu livro «A Vida Íntima de Lincoln» e sabia que o Presidente era espiritista.

Escreveu muitas cartas a Miss Colburn, a respeito da vida psíquica de Lincoln. Estas cartas foram guardadas por ela, assim como muitas outras de pessoas de Washington que assistiam às sessões do Presidente.

Em 9 de Junho de 1863, Lincoln teve necessidade de se afastar de casa. Estava num hotel de Filadélfia e teve um sonho premonitório. Telegrafou a sua esposa, dizendo: «É melhor guardar bem a pistola de Tad. Tive um mau sonho a respeito dele». Este telegrama foi reproduzido anos depois pela revista «Ainslee's Magazine».

PROXIMIDADE DO ESPÍRITO DO FILHO

Dizer que o Presidente acreditava em sonhos é pouco. Ele acreditava na comunicação com os «mortos», se assim lhe podemos chamar. Acreditava também em premonições, seres espirituais, «fantasmas», «anjos» e dizia que falava com eles na Casa Branca.

Acreditava também na sobrevivência de seu filho Willie, o qual sentia perto de si. Falou deste assunto ao seu amigo íntimo, Coronel Simon P. Chase, Juiz do Supremo Tribunal e seu conselheiro, perguntando:

— Nunca deste contigo a falar com os mortos?

O Coronel Chase olhou-o de soslaio, enquanto Lincoln continuava:

— Desde a morte de Willie, começo involuntàriamente a falar com ele, como se ele estivesse comigo. E sinto que está».

TESTEMUNHO JURADO

Outra prova de que Lincoln era espiritista é o testemunho jurado por Ridgley Martin, M. D em Maumee, Ohio, no qual diz:

«Conheci Abraão Lincoln, 16.º Presidente dos Estados Unidos e fui seu vizinho durante três anos em Springfield, Illinois. Eu estudava leis num edifício onde ele tinha o escritório e assisti com ele a uma sessão de espiritismo, na mesma cidade. O médium chamava-se Throp. Lincoln recebeu mensagens da mãe e de Ana Rutledge, seu primeiro amor. No fim da sessão, quando os oito assistentes volveram os olhos para ele, o grande homem disse:

— Todos os religiosos são mais ou menos espiritualistas.

Esta expressão levou os presentes a crer que ele era espiritista. Religioso era, embora não pertencesse a qualquer igreja. Quando perdeu a única mulher que amou na vida, Ana Rutledge, quase endoideceu.

Lincoln contou aos íntimos que o espírito de Ana Rutledge o dissuadira da ideia de suicídio, quando esteve para pô-la em prática. Sem a intervenção deste espírito, que teria acontecido, se ele partisse desta vida sem cumprir a sua missão?...

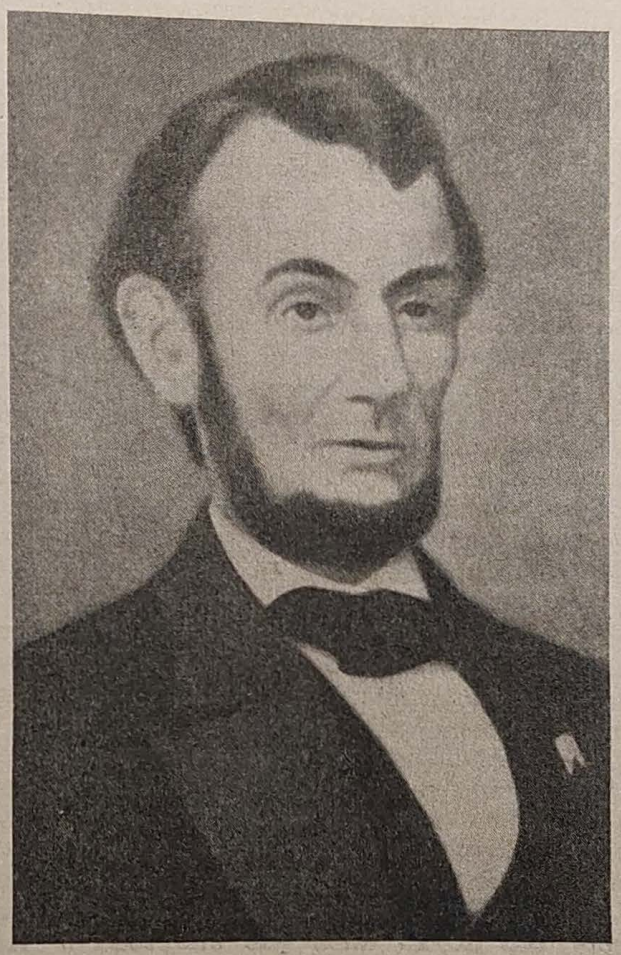
ATAQUES DA IMPRENSA

Perto de 1850 Lincoln começou a fazer sessões na sua própria casa de Springfield, como informou o Dr. W. D. Chesney. Antes da sua eleição para a Presidência foi muitas vezes a Nova Iorque às sessões do médium J. B. Conklin.

Pouco depois de ser eleito, o *Cleveland Plain Dealer* atacou Lincoln, por ser espiritista. Lincoln, ao ler o relato, admitiu a insinuação, dizendo:

— Este artigo devia contar as maravilhosas coisas que tenho presenciado.

A família Chesney veio viver para a região de Lincoln e conheceu pessoalmente o grande emancipador.



Este retrato de Abraham Lincoln foi obtido mediùnicamente pelos irmãos Campbell, através de precipitação espirita. Não há sinais de pincel. A tela foi colocada debaixo da mesa, com as tintas e o retrato apareceu ao cabo de alguns minutos

SESSÕES NA CASA BRANCA

«Cerca de 1860 — conta o Dr. Chesney — meu pai trabalhava no escritório de Lincoln antes de ir para Chicago a tirar o curso de Direito. Depois do exame final, Lincoln aconselhou-o a ir para Topeka, Estado de Kansas, onde foi eleito Delegado do Ministério Público da Comarca de Swanee, em 1864».

Cheney fala-nos do caderno de seu pai, onde este anotou algumas informações àcerca de Lincoln. Eis algumas delas:

A sr.ª Lincoln organizou e assistiu a inúmeras sessões de Espiritismo, quer em sua casa, quer na Casa Branca. Mais tarde veio a conhecer miss Nettie Colburn, que anunciou grandes batalhas e as suas consequências, muito antes dos telegramas mais rápidos chegaram à Casa Branca.

PREDIÇÃO DE MORTE VIOLENTA

O *Banner of Light*, de 7 de Março de 1891, publicou uma carta de Hudson Tuttle, pioneiro espirita que dizia: «Nettie Colburn, durante os últimos três anos de guerra, foi permanentemente consultada pelo Presidente Lincoln. Deu muitas vezes conselhos que foram aceites e postos em prática, provando-se a sua importância. A mediunidade de Nettie Colburn é maravilhosa».

Uma das mais vigorosas referências à vida espirita de Lincoln é feita por James Creelman editor de *Mcblure's Magazine*, que disse, em 1908:

«Lincoln teve sonhos premonitórios, fez experiências no mundo dos espíritos; predisse morte violenta para si próprio; teve a visão do seu assassinato e discutiu sèriamente essa questão. Não declarou o profeta Amos que os anciãos teriam sonhos?»

NOTA — Embora os factos que se naram neste artigo não sejam inéditos nos anais do Espiritismo, é com o maior prazer que os divulgamos, certos de que serão justamente apreciados pelos leitores que os ignorem. **(De *Two Worlds*)**

CONSOLADORA CERTEZA

Por ÁLVARO DA SILVA VALENTE

No «Livro dos Espíritos», Capítulo I, quarta parte, lêem-se os seguintes comentários de Allan Kardec:

«A possibilidade de nos pormos em comunicação com os espíritos é uma dulcíssima consolação, pois que nos proporciona o meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos, que deixaram a terra antes de nós. Cessa deste modo e a bem dizer, toda a separação entre nós e eles. Auxiliam-nos com os seus conselhos, testemunham o afecto que nos guardam e a alegria que experimentam por nos lembrarmos deles. Para nós grande satisfação é sabê-los ditosos, informarmo-nos por seu intermédio dos pormenores da nova existência a que passaram e adquirir a certeza de que um dia nos iremos juntar a eles».

Esta certeza de um dia nos reunirmos aos nossos queridos mortos é talvez a maior consolação que nos pode dar a comunicação com os espíritos. Realmente, deste modo se torna compreensível que a separação é temporária apenas, jamais definitiva, o que a faria insuportável. Assim a morte já não causará pavor, esse pavor irreprimível pelo que tem de fatal ou inevitável acontecimento, que pode ocorrer agora ou logo, amanhã ou depois, iminente sempre. E se nos poupa até à velhice, então sentimos este desolado acabar em cada dia, que magnìficamente expressa o poeta Filinto de Almeida nestes belos versos de um soneto:

«Morre um pouco de nós em cada [hora...
Dentro de nós a morte não des- [cansa...
Tudo em nós vai morrendo e nos [molesta,
Até que a morte venha a ser um [dia,
A única coisa viva que nos res- [ta»...

Mas podemos nós, efectivamente, adquirir esta certeza de que nos fala o Codificador?

Se consultarmos o referido livro, encontraremos o seguinte na pergunta 289, Capítulo VI, segunda parte:

— Nossos parentes e amigos costumam vir ao nosso encontro quando deixamos a terra»?

— Sim. Os espíritos vão ao encontro da alma a que são afeiçoados. Felicitam-na, como se regressasse de uma viagem, e ajudam-na a desprender-se dos liames corporais.

Ora a solidez da Doutrina Espirita deve-se ao facto de assentar em princípios verdadeiros e inabaláveis, pois que o ensino dos espíritos se comprova pela experiência, o que o torna irrefutável.

Pois bem. Diz a última parte da resposta acima: «ajudam-nos a desprender dos liames corporais». Na obra de Ernesto Bozzano, «Fenómenos Psíquicos no momento da morte», há vários relatos de aparecimento de fantasmas na ocasião do trespasse e são eles tão constantes que mereceram do autor estas palavras: «Toda a mulher do povo vos dirá, de facto, que assim que um doente começa a falar com os seus mortos, não há mais esperanças de cura. Noventa e nove vezes sobre cem isto acontece».

Do citado livro apressamo-nos a transcrever o caso seguinte:

«Uma senhora tinha uma filha de 15 anos que era todo o seu orgulho. Necessitando fazer uma pequena viagem deixou-a aos cuidados da avó, recebendo mesmo de casa uma carta sem nenhuma novidade. Quando, porém, regressou e a filha não veio ao seu encontro, quis saber logo o que se passava, e achou-a doente, embora sem gravidade. «Duas noites antes do desenlace imprevisível, narra a senhora, tinha-me deitado perto do quarto de minha filha. Fechara os olhos, mas não dormia. Repentinamente, uma viva luz, comparável à do sol ao meio-dia, iluminou o quarto. Chamei logo a enfermeira que custou a responder, apesar de estar velando. Fui para junto de minha filha, mas a luz extinguira-se. A enfermeira, muito pálida, não respondia às minhas perguntas. No dia seguinte contou aos íntimos que vira meu marido ao pé da cama de minha filha, e meu marido tinha morrido seis meses antes».

Estava ali então aquele espírito para ajudar a desligar do corpo a alma da que fora sua filha? Não é uma bela prova de que os desencarnados nos assistem na crise da morte? Só a lembrança deste carinhoso auxílio pode suavizar o tormento de quem assiste à passagem de pessoa muito querida ou parente muito amigo. A certeza deste amparo traz à cena uma sublimidade capaz de estancar as lágrimas.

Acode-nos logo à memória a comovedora história de Daisy, a menina de 10 anos que nos três últimos dias de sua vida terrena vê o irmãozinho falecido, conversa com ele e com outras entidades, tendo rápidas visões do Além, «visões, nítida e clàssicamente espiritas», como as considera Bozzano. As notas tomadas durante esses dias inesquecíveis pela própria mãe da criança, foram publicadas em livrinho para «que pudessem levar o conforto a alguma alma duvidosa». Termina assim a narrativa:

«Justamente no momento em que os ponteiros marcavam 11 horas e meia — a hora pressagiada para a partida — ela estendeu os braços ao alto, dizendo: «Eu vou, Allie». E deixou de respirar (Allie era o irmãozinho que a precedera). Seu pai recolocou no leito o corpozinho inanimado, balbuciando: «Nossa querida filha partiu; cessou de sofrer». Um silêncio solene reinava no quarto, mas ninguém chorava. Porquê chorar? Devemos, pelo contrário, agradecer ao Pai Supremo pelos ensinos que nos aprouve dar, por intermédio de uma criança, nesses três dias consagrados à glória dos céus. E enquanto se contemplava a figura da pequena morta, tinha-se a impressão de que o aposento estava cheio de anjos vindos para confortar-nos. Uma paz muito doce descia sobre nossos espíritos, como se os anjos repetissem: «Ela não está aí; ela ressuscitou»! Este episódio de tanta beleza e tão comovente, bastaria para nos convencer. Mas não podemos deixar de referir o caso em que o espírito do Rev. Stockwell comunica a seus amigos as impressões

colhidas no mundo espiritual, e que assim resumimos:

«Mas o que constituiu para mim a maior alegria foi encontrar-me com a querida companheira de toda a minha vida, que logo se pôs a prodigalizar-me, no meio espiritual, as dedicadas atenções e as ternuras que me dispensava no meio terrestre. Meus primeiros passos na morada celeste foram vigiados por esse afeiçoado guia».

No final de outro esplêndido livro de Ernesto Bozzano, «A Crise de Morte», enumera ele 12 pormenores fundamentais a cujo respeito se acham de acordo os autores espirituais das mensagens que ali regista, «salvo as excepções que confirmam a regra», e, entre eles, há o seguinte, que é o 4.º: «Esses espíritos afirmam terem sido acolhidos no mundo espiritual pelos espíritos das pessoas de suas famílias e de seus amigos».

Parece, pois, bem fundamentada a certeza consoladora de que um dia nos iremos juntar aos espíritos dos nossos queridos «mortos». Deus assim o quer.

Eis a outra resposta a Kardec, no «Livro dos Espíritos»:

«Os laços sociais são necessários ao progresso, e, os de família, mais apertados tornam os primeiros. Eis, porque os segundos constituem uma lei da natureza. Quis Deus que, por essa forma, os homens aprendessem a amar-se como irmãos».

É portanto no convívio da família que melhor nos aprestamos para progredir. Ali desenvolvemos os sentimentos de renúncia, de sacrifício, de justiça, de amor, de perdão, que iluminam e elevam as nossas almas. Estes laços que nos ligam à família actual, já nos prenderam a outras, em passadas vidas, e assim cada vez aumenta mais o número de pessoas a que estamos ligados por sentimentos de verdadeira e imperecível amizade.

Não sei como esquecemos tantas vezes os deveres de fraternidade que temos para com todos os mortais. Entre tantas criaturas, agora estranhas, com as quais a vida de relação nos põe em contacto, não poderão estar parentes ou amigos nossos de outras vidas? É pela lei da reencarnação que se compreende o sentido profundo e verdadeiro do mandamento «Ama o próximo como a ti mesmo».

CONSIDERAÇÕES

O Homem, obra complexa da Criação, é o pioneiro da inconstância e, também, o eterno escamoteador de subtilezas. Agarrado à sua lógica, raciocina dum modo e, mais tarde, contràriamente. Porquê tal variação?

Debrucemo-nos sobre o Homem, observando-o. O Egoísmo e a Vaidade são, vezes sem conta, degraus de evolução degradante. A aspiração de se ultrapassar projecta-o, neste caso, para maus caminhos. Muda cingido ao instinto do atropelo, fixando simplesmente o que agrada à sua pequenez. A ganância, lastro duma materialidade densíssima, é, assim, o energético que impulsiona o egocentrismo humano. Para que exista a ambicionada harmonia é necessário que o homem proceda sinceramente. De que vale a prática dos ritos, se o externo não impressiona o íntimo?! Ah! O brilho das cerimónias não apaga as atitudes conscientes, não! Pode mascarar a visão, mas não destrói a falta realizada. Só as mudanças sérias na vida podem dirigir o homem para as alturas da Perfeição.

Se os raios da hipocrisia dardejam, em si, o homem, em lugar de subir, desce verdadeiramente; deixa-se arrastar pelo furacão da vilania, mergulhando os outros na intranquilidade.

Para que a hipocrisia se não abeire de nós cinjamos a armadura do zelo e enfrentemos os momentos da vida com nobreza cívica. Com os olhos fixos na Fé e livre de superstições, o homem deve, naturalmente, evoluir cingido a dois poderosos auxílios: a Tolerância (síntese da boa sociabilidade) e a Caridade (elo de realismo fraterno).

A mudança radical explica-se, também, se for motivada por estudo e meditação. De contrário é manobra de sórdido interesse.

Não pode haver paz, enquanto houver luta íntima.

J. S.

Mas, quantas vezes as próprias amizades terrenas são tão frágeis, que se desfazem à primeira contrariedade? E quantos laços de família andam tão esgarçados, que admira não se rompam logo? Decerto não serão estes os amigos e parentes que se vão unir no Além...

Meditemos na grande lição que encerra a resposta à pergunta n.º 290 do «Livro dos Espíritos», Capítulo VI, parte segunda, assim formulada:

— Os parentes e amigos sempre se reunem depois da morte?

Eis a resposta:

— Depende da sua elevação e do caminho que seguem, tentando progredir. Se um está mais adiantado e caminha mais depressa que o outro, não podem os dois conservar-se juntos. Ver-se-ão de tempo a tempos, mas não estarão reunidos para sempre, senão quando puderem caminhar lado a lado, ou quando se houverem igualado na perfeição. Acresce que a privação de ver os parentes e amigos, é, às vezes, uma punição.

Por isto mesmo não alimenta uma esperança vã aquele que, por muito amar, espera ver no outro mundo os entes que neste lhe foram verdadeiramente caros. Pela consulta às obras do Codificador e às dos autores que as seguem e explicam, chegaremos a esta certeza consoladora.

E para reforçá-la, vamos transcrever parte de uma prece inserta no «Evangelho Segundo o Espiritismo»:

É uma prece para o momento em que perdemos um ente querido e onde se lê aquela passagem:

«Tu, que tão caro eras para mim, escuta a minha voz que te chama para te oferecer novo penhor da minha afeição. Permitiu Deus que te libertasses antes de mim e eu disso não poderia queixar-me sem egoismo, porquanto fora querer-te sujeito ainda aos sofrimentos e penas da vida. Espera, pois, resignado, o momento de nos reunirmos de novo no mundo mais venturoso em o qual me precedeste».

ALLAN KARDEC E A REENCARNAÇÃO

Por DEOLINDO AMORIM — Correspondente no Rio de Janeiro

Um dos pontos fundamentais, senão o verdadeiro alicerce do Espiritismo, como já se sabe, é a reencarnação. É bastante ler-se O Livro dos Espíritos, *«pedra angular» da doutrina, para que logo se verifique esta verdade, aliás notória. Teria, porém, Allan Kardec sustentado a tese reencarnacionista até à hora de seu desenlace? Claro que sim, e se tal não ocorresse, todo o edifício doutrinário do Espiritismo teria de ser modificado. Apesar disto, pouco depois da desencarnação de Allan Kardec, circulou uma notícia, na Europa, insinuando que ele próprio relegara as ideias reencarnacionistas. Dizia-se então:*

— Allan Kardec, antes de morrer, renegou a reencarnação.

Qual a prova disto? Quando e a quem teria Allan Kardec feito esta espantosa confissão?

Nenhum documento, nenhum testemunho, nenhuma prova, até hoje!

São numerosas, aliás, e cada qual mais bem arranjada, as velhas «histórias» de conversões e abjurações na «hora da morte». Naturalmente, como não seria possível criar uma história para fazer crer que um homem convicto e sereno, como Allan Kardec, abandonara o Espiritismo, no fim de sua existência terrena, depois de haver dado os mais eloquentes testemunhos de convicção, espalhou-se o boato de que o Codificador da doutrina espirita repudiara a crença na reencarnação, exactamente no momento da separação de seu espírito.

A «história» da renegação ou retratação de Allan Kardec apareceu em 1871, na Europa, e no ano seguinte, La Revue Spirite, *de Fevereiro de 1872, transcrevia e comentava, com alto espírito crítico, uma comunicação publicada no jornal austríaco* Licht des Jenseits, *na qual ficara bem patente a reafirmação da tese reencarnacionista. Allan Kardec continuava, portanto, no outro plano, a manter as suas ideias reencarnacionistas, sem qualquer dúvida ou reserva.*

Se realmente Allan Kardec houvesse feito, na hora da morte ou depois da morte, qualquer declaração desfavorável à reencarnação, os íntimos ou familiares, pelo menos, deveriam saber disto, cedo ou tarde. A viúva, aquela dedicada companheira de lutas, que se chamava Amélie Boudet, ainda ficou por algum tempo, apesar de ser mais idosa do que ele, e nunca se soube sequer de um momento de recuo de Allan Kardec, em relação à tese reencarnacionista.

A direcção da La Revue Spirite *pôs as coisas nos devidos termos, tendo invocado até uma circunstância muito significativa no caso: poucos dias antes de sua morte, no ano de 1869, Allan Kardec fizera a revisão de nova edição do* Livro dos Espíritos, *ainda publicado sob a sua responsabilidade pessoal. Se, portanto, nessa oportunidade, Allan Kardec já não estivesse mais seguro quanto à validade da tese reencarnacionista, teria introduzido modificações no texto doutrinário da sua obra.*

Na mesma ordem de ideias, levantou-se outra questão, também posterior à desencarnação do Codificador: se as palavras, para Allan Kardec, nada significavam, poder-se-ia substituir a palavra Espiritismo *por outra mais adequada. Uma revista italiana, já depois de 1870, propôs a substituição da palavra* Espiritismo, *chegando a tachá-la de ilógica ou antiquada. O argumento mais corrente, na época, era apenas este: Allan Kardec dissera, de uma feita, que as palavras nada significam e que poderíamos dar às coisas os nomes que quiséssemos, contanto que houvesse entendimento. É preciso ver em que circunstâncias se pode tomar uma frase de quem quer que seja, para servir de bandeira a certos movimentos reformistas.*

Para provar que Allan Kardec prezava muito o valor exacto das palavras, e foi por isso mesmo que ele criou a palavra Espiritismo, *sabendo muito bem o que estava fazendo,* La Revue Spirite *transcreve, no mesmo número, com toda fidelidade, uma parte da Introdução do* Livro dos Espiritos, *precisamente a edição revista em 1869, na qual se vê a mesma expressão inicial:* Pour les choses nouvelles il faut des mots nouveau—, ainsi le veut la clarté du langage, pour eviter la confusion inséparable du sens multiple des mêmes termes. *Ora, se Allan Kardec não fazia questão de palavras, como então se propalou, como é que ele próprio, ao fazer a última revisão do* Livro dos Espíritos, *manteve as mesmas expressões iniciais:* para as coisas novas são necessárias, pois assim o exige a clareza da linguagem, *para a evitar confusão decorrente dos diversos sentidos dos mesmos termos? Reafirmou inicialmente que «os adeptos do Espiritismo serão os* espiritas *ou, se quiserem, os* espiritistas. *Já se vê que a questão das palavras não é tão simples, tão destituída de importância como se pensa. Em 1939, quando se realizou o 1.º Congresso de Jornalistas e Escritores Espiritas, ventilou-se a ideia de adoptar a palavra* Espiritologia *em lugar de Espiritismo, por ser, esta última, de uso muito popular. A lembrança nem chegou a ser convertida em proposta para o plenário. Já se falou, também, na velha forma* neo-espiritualismo, *como se pensou até em* espiritosofia, *etc., etc., mas a verdade é que a palavra ESPIRITISMO é a que corresponde inteiramente ao caracter da doutrina codificada por Allan Kardec.*

De tudo isto se conclui que Allan Kardec,

em primeiro lugar, manteve a palavra Espiritismo, com todo o cabimento;
em segundo lugar, sustentou inteiramente o princípio da reencarnação, como fundamento filosófico do Espiritismo.

A MISSÃO DO ESPIRITISMO

Respostas de Ramatis *às perguntas feitas num trabalho mediúnico realizado em 29 de Fevereiro de 1957, com referência ao «Centenário da Codificação do Espiritismo», especialmente quanto à missão da doutrina espírita na Terra.*

Pergunta — *Poderíeis transmitir-nos qual a impressão dos Espíritos de vossa esfera espiritual, com referência ao Espiritismo, que é doutrina de simpatia ocidental e que este ano comemora o seu centenário de codificação na Terra?*

Ramatis — A Doutrina Espírita é profundamente electiva aos orientais, porquanto os seus postulados são intrìnsecamente baseados nas experimentações do Oriente. O seu centenário é nobremente reverenciado em nossa esfera de actividades espirituais, porquanto confirma o êxito de um dos mais louváveis movimentos de apressamento angélico, para a grande massa de almas reencarnadas no Ocidente.

Pergunta — *Quais as vossas considerações sobre a afirmativa de que o Espiritismo é a Terceira Revelação, já prevista nos labores espirituais do passado?*

Ramatis — Moisés revelou ao mundo a Lei da Justiça Divina; Jesus foi o mensageiro da Lei do Amor, ao passo que Allan Kardec codificou a Lei do Dever. A primeira revelação atemorizou o Homem pela figura de um Jeová feroz e sanguinário, que não trepidaria em lançá-lo, eternamente, no fogo infernal, sem qualquer esperança de fuga ou perdão; a segunda revelação transformou esse irascível Deus guerreiro num Pai Magnânimo, como doador de graças e providências para a salvação dos que sofrem e amam; a terceira revelação, como o Consolador prometido por Jesus, fixou as bases definitivas do «dever» que o próprio Espírito reencarnado tem para consigo mesmo. Moisés foi rigorosa exigência para o Céu através do temor e da ameaça; Jesus foi o convite celestial, pela renúncia e pelo amor; Kardec foi a inteligência e o bom senso, para que o Homem se emancipasse pelo conhecimento espiritual e realizasse a sua íntima ventura.

O Espiritismo propicia essa emancipação psicológica do Espírito, através dos caminhos tortuosos da vida humana; revela que o Homem é anjo em potencial e autor fiél do seu destino bom ou mau. Assinala, também, quais os principais deveres da alma no comando da carne e aponta as responsabilidades e as culpas que podem decorrer dos seus deslises e afoitezas provocadas pelo descanso espiritual. O Homem não se gradua para situações meritórias, pelo simples facto de ser bom sob a ameaça das punições eternas; nem tampouco na passividade do fatalismo inconsequente, de que «precisa sofrer» para evoluir, pois o sofrimento é sòmente o produto da ociosidade e da ignorância da alma ante as disposições da Lei Sideral. A mensagem espirítica ensina a alma a despertar para a compreensão dessa Lei de Causa e Efeito, que lhe rege a formação da consciência aparte, no Cosmos, exigindo o resgate completo dos seus débitos do passado, mas também oferece os poderes e os meios, para que se faça a tão desejada libertação do fardo cármico das existências nos planos físicos.

Os ciclos das reencarnações físicas ainda são o produto de incapacidade espiritual.

Pergunta — *Considerais que o Espiritismo é o Cristianismo redivivo?*

Ramatis — O Espiritismo, quanto aos seus objectivos de purificação moral do Homem e à sua mensagem consoladora prometida por Jesus, é, sem dúvida alguma, a revivência do próprio Cristianismo, que se forjou com o sangue dos heróicos mártires sacrificados nos circos de Roma. Mas ainda se revela extraordinàriamente valioso na sua mensagem edificante aos bens da alma, porque ousou descerrar o misterioso «Véu de Isis», que estabelece a fronteira temerosa entre o mundo espiritual e a matéria densa. Kardec revelou-nos, à luz do dia, num texto disciplinado e progressivo, o próprio conteúdo tradicional dos templos iniciáticos e das práticas reservadas, favorecendo o homem comum, para que também pudesse activar a sua ascenção espiritual e integrar-se, mais breve, no divino mistério do «Eu Superior». Em vésperas do milénio do Mentalismo, que é o terceiro milénio já no limiar dos vossos dias, a Doutrina Espirita significa valioso recurso para a alma se libertar dos dogmas asfixiantes e afinar a sua consciência de memórias acumuladas no tempo.

A singeleza didáctica do Espiritismo, aliada à grandiosa mensagem que se oculta na sua contextura íntima, asseguram-no como sendo doutrina actualmente mais favorável para a ascese da vossa Humanidade tão distanciada dos preceitos superiores do Espírito imortal. Graças à sensatez e admirável acuidade de Kardec, entreabriram-se as cortinas pesadas, que velavam às massas comuns o mistério do «ser» e do seu destino. Mas a codificação também significa severo programa final, elaborado pelos Mentores da Terra e que vos servirá como última arguição, para aliciar aqueles que realmente se interessarem pela ética ditada pelo Cristo. Em verdade, é o rigoroso exame final, que precede a mais importante transformação do vosso planeta, desde que foi corporificado no trânsito sideral do Cosmos. É por isso que os postulados espiritas hão-de penetrar nos lares e preocupar todos os seres.

Mas é necessário que não os confundais como princípios de seitas imbuídas de exclusivismo isolacionista. Como intérprete de Jesus, na sua função de Cristianismo Redivivo, é divino fermento que modifica e nutre o meio em que actua, assim como também é fonte de esclarecimento

nas contendas do fanatismo humano. De modo algum tem por função criar novas fronteiras separativistas nas competições religiosas do mundo, pois na figura de elevado movimento filosófico espiritual, que amplia a visão da alma subvertida pelas ilusões do mundo carnal é, acima de tudo, um condutor evangélico de feição universalista. É força coesiva e vigoroso cimento de solidariedade entre os homens; mas também deve afastar-se da ideia de promover ecletismos religiosos formalísticos à superfície do Espírito imortal. A mistura heterogénea de seitas adversas, embora sob recomendável entusiasmo de adeptos espiritas, sempre lhe sacrifica a pureza interior, em que a *qualidade* é sacrificada à *quantidade*. E o Espiritismo, antes de tudo, considerai-o eclетismo espiritual, pois a sua presença em qualquer elemento da vida humana, resulta sempre melhor interpretação da técnica real da Vida Superior.

Pergunta — *E não haverá perigo dos valores puros do Espiritismo se promiscuirem com seitas ou doutrinas exóticas?*

Ramatis — É preciso compreenderdes que Allan Kardec não estabeleceu as linhas sensatas e fundamentais da Doutrina Espirita, apenas no decurso de sua última encarnação física, na França, no século passado; mas deu corpo disciplinado e entendível ao homem comum, aos princípios que já se haviam fixado na sua retina espiritual, em mais de três milénios de preparativos iniciáticos, em várias romagens reencarnatórias, pelas diversas latitudes do orbe terreno. Quando reencarnou no Egipto, na figura ponderada e estudiosa do sábio Amenhófis, o Espírito que seria Kardec pôde reviver toda a sua trajectória anterior e meditar nos inúmeros labores espiritualistas dos templos consagrados aos mistérios da alma. Em sua alma ainda vibravam as evocações do politeísmo da Lemúria, as revelações dos génios da Atlântida e os esforços dos infatigáveis mentores siderais, que situaram a raça adâmica nos seus primórdios de civilização organizada. Kardec sempre conviveu sèriamente com os grandes hermetistas, no Egipto, na misteriosa Índia dos Vedas, onde assimilou os fundamentos e as práticas do Bramanismo; mais tarde peregrinou pelas regiões que serviram de cenário a Jesus, acompanhando de perto os surtos evolutivos do Cristianismo.

As suas existências no pretérito já definiam o seu futuro ideal e revelavam os primórdios de um grandioso plano elaborado pelo Alto, pois sempre habitou a Terra com espírito endereçado particularmente aos objectivos da Espiritualidade Superior. Essa decisão indesviável e firmeza de intenções, tornaram-se o milenário cimento de garantia insuperável à Doutrina Espirita, a qual se revelou ao mundo Ocidental, assim que a sua Humanidade apresentou as condições psicológicas exigíveis, para intercâmbio sensato e progressista com o plano invisível. É indiscutível a pedagogia espiritual codificada por Kardec, em favor da mais breve ascenção humana, porque os seus fundamentos não residem só na selecção de valores fenoménicos observados na sua última existência terrena.

As principais raízes do Espiritismo perdem-se nos milénios transcorridos e aprofundam-se em quase todos os templos iniciáticos, ligando-se também às demais filosofias de proveito espiritual de quase todos os povos. Trata-se de bases edificadas desde os santuários egípcios até às instituições sagradas da Índia, as quais, assim que foram entrevistas por Allan Kardec, na comunicação dos Espíritos, em França, despertaram-lhe a memória etérica e se associaram aos novos acontecimentos. Enquanto a maioria dos apreciadores de tais fenómenos se mantinha ignorante da realidade milenária do Espírito Imortal, o genial codificar foi tomado pela avalanche de ideias, que lhe inundou a alma tão experimentada no pretérito, reconhecendo os velhos preceitos da Reencarnação, da Lei do Carma e da sobrevivência espiritual.

Sob o fascínio dessa evocação, em sua retina espiritual delinearam-se os vultos heráldicos dos severos sacerdotes de Rá e Osíris-Ísis, no sumptuoso culto aos «mortos que sobrevivem»; as figuras imponentes dos druídas na filantropia e a oferenda no seio das matas; os Gregos presidindo os mistérios de Eleusis! Hermes, Crisna, Lao-Tseu, Zoroastro, Rama, Buda e o divino Jesus povoaram-lhe a alma por alguns instantes, embora Kardec se sentisse condicionado na existência francesa a uma severa disciplina científica. Actuava-lhe na mente sensibilizada por essa evocação incompreendida, o resultado da longa caminhada através das instituições espiritualistas do passado, quando buscava conhecer os motivos de vigorosa imposição da matéria planetária sobre a entidade espiritual.

É por isso que a Doutrina Espirita nunca se extinguirá na sua linhagem iniciática, nem se subordinará aos exotismos dissolventes, recrutados em labores espirituais imaturos, porque a sua força principal reside exactamente nesses alicerces milenários de pesquisas e de experimentações adultas, forjados no terreno sólido das realizações dos povos devotados aos problemas espirituais. A própria natureza religiosa, que forma a contextura essencial do Espiritismo, é profundamente universalista, porque se firma no Evangelho, que é o tratado de orientação espiritual no mundo das formas.

Pergunta — *Afirmam alguns espiritualistas e fraternistas iniciados, que a Doutrina Espirita não pode sobreviver a contento, porque lhe falta o método e a disciplina, que só a cultura e o ritmo iniciático da alma, poderão despertar nos seus adeptos. Acreditam que a sincronização espiritual consciente, familiar aos ambientes de linhagem iniciática, é que há-de produzir a desejada emancipação sideral.*

Ramatis — Há épocas psicológicas apropriadas à revelação de cada sistema de ascenção espiritual. Como podeis avaliar, difere, entre si, o tecnicismo evolutivo das mensagens reveladas por moisés, Jesus e Kardec. A contextura e a focalização mental de cada uma delas variam exactamente conforme a psicologia e a cultura espiritual dos povos, na época de sua revelação. A Direcção Superior não costuma violentar a imaturidade espiritual dos povos em aprendizado nos mundos das formas; gradua-lhes as revelações ou então veste a realidade ofuscante com a simbologia protectora só entendível aos iniciados.

A figura do feroz Jeová, descrita por Moisés, distancia-se bastante da ternura de Deus promultada por Jesus; mas o «passivismo» dos crentes, que ingènuamente aguardam as «providências» divinas, e as «graças» do céu, subvertendo o sentido dinâmico do Evangelho, foi mortalmente ferido pela severidade

das «obrigações» e «deveres» que Allan Kardec assinalou em sua genial codificação. Depois do advento do Espiritismo, o céu tornou-se mais dificultoso para os ociosos de todos os tempos, que vicejam à sombra dos templos religiosos e praticam deslises sob a protecção das «graças» requeridas à última hora. O aprimoramento espiritual é fruto de auto-sacrifício e Deus não faz concessões sob os compungidos louvores de suas criaturas, que só à perspectiva de sofrimentos compulsórios despertam a vontade adormecida. E o Espiritismo surgiu no momento psicológico exacto, assim que o homem terrícola principiou a transpor a letargia das formas para actuar na intimidade da energia em liberdade. A magnanimidade do Criador só entreabriu a cortina do mistério das massas em comum, quando verificou a realidade do seu despertamento mental para as forças ocultas.

Em consequência, quando os homens ainda não podiam concepcionar a natureza das forças poderosas desse mundo oculto, era justo que os esclarecimentos se fizessem por fases preparatórias, no interior dos templos iniciáticos e consagrados pelos hierofantes. Mas desde que a Humanidade apresenta um índice científico, capaz de compreender as causas geradoras dos fenómenos materiais, na feliz concepção de «energia condensada», justifica-se que o oculto ao Homem comum seja explicado à luz do dia. A codificação espirítica já estava prevista por Jesus, quando predisse: «Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito (João:XIV:26)». A maturidade científica e a receptividade psíquica sensibilizada nos milénios findos recomendam que a mensagem do Espiritismo, em sua plenitude oculta, seja transferida para o entendimento quotidiano do homem comum.

Cada um deve ser o seu próprio fiscal na trama da vida de relação; há que vigiar severamente os actos e intercâmbios com os demais seres, pois em face da proximidade dos «tempos das aflições» profetizados por Jesus, o cenário aberto ao mundo profano substitui as abóbadas severas dos templos iniciáticos. O exaustivo entrechoque de ideias e o crescimento do conflito entre as criaturas cada vez mais dominadas pelas cobiças, egoismos e oportunismos anti-crísticos, significam as provas que devem graduar os discípulos nas glórias do «Eu Superior».

E o Espiritismo, embora para alguns se afigure apenas um conjunto de princípios reduzidos no mundo oculto, é realmente a *porta entreaberta* para que as almas dotadas de ânimo, coragem e perseverança levantem completamente o véu da tradição iniciática. Mas à semelhança das severas advertências do passado, dir-vos-emos, que, se o Espiritismo significa a porta do Templo da Revelação Espiritual, é preciso que o seu adepto deixe as sandálias impregnadas da poeira do mundo, para ir ao encontro da «voz sem som» do Cristo e conhecer a realidade do «Caminho, Verdade e Vida».

DUAS PÁGINAS MEDIÚNICAS

ESTUDANDO O DINHEIRO

por Emmanuel

Não é a autoridade que solapa a elevação da alma.
É o abuso do poder.
Não é a inteligência que distila o veneno intelectual.
É a perversidade com que a mobilizamos.
Não é o tesouro verbalístico que abre feridas naqueles que nos ouvem...
É o modo com que arremessamos o estilete da palavra.
Não é a beleza da forma que gera o fel do desencanto.
É a vaidade com que a malbaratamos no vício.
Assim, também não é o dinheiro que nos condena ao inferno da angústia.
É o nosso processo de empregá-lo, quando nos esquecemos de facilitar a corrente do progresso, através da acção diligente na fraternidade e do devotamento constante ao bem, com que nos cabe colaborar no engrandecimento do mundo e da vida.
O ouro com Jesus é balsamo na úlcera do enfermo, é gota de leite à criancinha desamparada, é remédio ao doente, agasalho aos que padecem frio, é calor no lar sitiado pelo infortúnio, é assistência aos braços que suplicam trabalho digno, é socorro aos animais e protecção à natureza.
O cofre-forte nas garras da usura é metal enferrujado, criando miséria, mas um vintém no serviço de Jesus pode converter-se em preciosa sementeira de paz e felicidade.
Não amaldiçoes o dinheiro, instrumento passivo em tuas mãos.
Fá-lo servir contigo sob a inspiração do Cristo e as tuas possibilidades financeiras serão talentos em teu caminho, cooperando com o teu esforço, na edificação terrestre do Reino de Deus.

PRECE DA CRIANÇA

pelo Espírito Meimei

Amigo que me proteges:
Não relegues minha Mãezinha ao esquecimento.
Ajuda-me, ajudando-a.
Sou a flor que promete fruto.
Ela é a árvore que me abriga.
Sem a seiva que a socorre, meu destino é a frustração.
Sou a corrente que se move para o futuro,
Ela é a fonte que me alimenta.
Se o veneno da terra poluir o manancial que me nutre, ainda que eu não deseje, espalharei no solo da vida a perturbação e a morte.
Lembra-te que Mãezinha é a ternura que me afaga, o carinho que me levanta, a voz que me abençoa e o regaço que me acalenta...
Como poderia reconfortar-me sem lhe ver nos olhos o fulgor da alegria?
Irmão que me estendes o braço amigo, não venho a sós ao teu encontro.
Não derramarás tua luz em minha taça de esperança, olvidando na sombra a mão que me ergue!...
Toma-me o coração em teu coração, mas não desprezes o coração de Mãezinha, o cofre de amor e luz, talhado em meu auxílio pelo coração Paternal de Deus.

(Recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier)

A MORAL

por EDUARDO F. DA CONCEIÇÃO

8.º

A Moral é a lei do Universo que mais pesa sobre a humanidade. É tão imperativa, que a Natureza criou a dor em sua defesa e a consciência como supremo juiz da Verdade.

A Natureza tem por princípio a liberdade e por base o equilíbrio; e os homens que pretenderam adaptar-se a ela, adoptaram como lema social a máxima «*Liberdade, Igualdade e Fraternidade*». Liberdade, porque os elementos da Natureza não sofrem por ela restrições; Igualdade, porque esses elementos aproveitam a todos os seres e Fraternidade, porque é por ela que os homens equilibraram as relações entre si e o humanismo com que acariciam os irracionais que se aproximam do seu covívio e que o auxiliam na luta pela vida.

Foi pela moral que brotaram sobre a terra, através de todos os tempos, os génios que difundiram a doutrina da Verdade, culminada com o Cristo há menos de 2000 anos; mas o Cristo foi interceptado e mal sucedido pela incompreensão dos senhores da terra que, pelo seu predomínio, se apoiavam na intolerância e na violência, para impedir a voz da razão.

Os materialistas intelectualizados pretendem justificar a intolerância e a violência com a afirmação de que o mundo é habitado pelos que comem e pelos que são comidos, mas esquecem-se do aforismo que diz: «muito parvo é quem come, mas mais parvo é quem se deixa comer».

É pela verdade que o homem se salva, mas só 5 % da humanidade compreende, respeita e segue as leis eternas.

Os homens de boa vontade são os que acatam a Natureza, os filósofos que buscam a verdade e os cientistas que a firmam, com as oscilações dos seus graus de evolução.

O vulgo é o remanescente, 95 % trilham as vias do erro e trazem o mundo perturbado e convulsionado, sem remédio, porque, como mistificadores, embargam tudo quanto possa iluminar e esclarecer os incautos, donde dimana a força do domínio social.

Desde que as sociedades sejam orientadas pelo princípio da liberdade, igualdade e fraternidade, bastam os raros homens de boa vontade, para que a consciência do vulgo desperte e acabe a Natureza. As seitas adulteram os princípios naturais e limitam as faculdades humanas. Longe de actarem o voto do todo, apenas servem os seus grupos.

Em regra, o vulgo desconhece as obras dos melhores clássicos, como Alexandre Herculano, João Bonança, Antero do Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Eça de Queirós e Guerra Junqueiro, que justificam plenamente os ensinamentos dos grandes profetas.

É à intolerância e à violência que se devem as dissonâncias e as dessintonizações que isolam os mortais dos imortais que habitam os sete planos superiores.

A Terra, habitada por menos de 3 biliões de mortais, é constantemente actuada pelos imortais, que erram na atmosfera terrestre e que ascendem a mais de 17 biliões, segundo os cálculos teosóficos. Nem as pessoas de boa vontade, quando incautas, escapam a essas actuações, sabido como é que as entidades dos planos superiores, que apenas actuam pela dignificação humana, só são atraídas pela boa vontade, as afinidades e o sentido mais elevado.

As atmosferas, com as suas desastrosas consequências, têm causas físicas ou morais. São criadas não apenas pelas emanações putrefactas, mas também pelos maus pensamentos; e sobre estes resulta o aforismo, de que «mais vale um mau acordo do que uma boa demanda».

Os imortais alimentam-se de substâncias cósmicas, atraídas pelo pensamento, e quando errantes têm os mesmos desejos e vícios que tiveram como mortais, mas que só podem ser satisfeitos através destes, actuando-os.

Os errantes da atmosfera terrestre, que actuam individualmente, com frequência, formam forças de choque, como, entre nós, as tradicionais.

O sono, o sonho e o pesadelo, que corroboram a existência das relações entre os mortais e os imortais, testemunham o desdobramento, a dupla visão e a actuação das almas como fenómenos naturais.

Os «textos sagrados» são omissos a este respeito.

Os seus autores caminharam na sombra às apalpadelas. Fundados na tradição afirmaram muitas coisas que a ciência recusa. E daqui as explicações erróneas dos teólogos, que persistem tanto mais, quanto mais se desacreditam.

O pensamento atrai, a palavra incita e a acção revoluciona, mas o homem despreza as suas responsabilidades, impostas pela Natureza.

Adão e Eva, Abel e Caim e Noé, são imagens mitológicas, que têm tanto valor como a criação do mundo em seis dias e o descanso do criador, ao sétimo.

Moisés, autor da *Génese*, que concebeu estes absurdos, viveu no Egipto, entre os faraós, durante 40 anos, até cursar, como sacerdote, a doutrina monoteista de Hermes, já então em ostensiva decadência; outros 40 anos passou a tratar do gado de seu sogro; e os últimos 40 anos consagrou-os ao antipoliteismo da Palestina, onde fundou a doutrina, pela dominação dos seus compatriotas.

Como se vê, Moisés foi, sucessivamente, sacerdote, pastor, profeta e rei, e se morreu de morte natural, foi porque acumulou o poder eterno e o temporal.

O leitor de boa memória pode estranhar que as mesmas teorias sejam aqui expendidas por mais de uma vez, mas não se admire, dada a conveniência de se tanger o mesmo bordão sobre as transcendências que o vulgo ignora que são as coisas que mais importam à sua evolução.

É pela moral que o velho remoça, que o fraco fortalece, o preguiçoso trabalha, o bêbedo se morigera e o pobre se basta.

O homem que engana os outros

engana-se a si próprio, porque a Natureza é retributória e acaba por colher o errante, quando ele menos o espera. Às causas sucedem-se os efeitos.

Duma semente nasce a árvore e da árvore nascem os frutos. E os frutos serão tanto melhores, quanto mais vitalizarem .

A religião é universal, porque tem por base a Natureza, mas os homens dividiram o mundo em numerosas seitas contraditórias e rivais, que são a sua perdição.

Aqueles que se sacrificam pela verdade, não podem, com a doçura e a benevolência, que só é acessível aos incautos, enfrentar a má fé, que impõe o erro.

Amar e trabalhar pelos outros são princípios regeneradores.

O amor que exclui o trabalho e a gratuitidade das maternidades, das creches e dos asilos, é o que pede para os pobres.

Quando a moral domina a consciência, cessa a hipocrisia, o cinismo, a intriga e a opressão. Não há necessidade de armas, de trancas nas portas e de grades nas janelas.

Os transviados criam as Rochas Tarpeias e os Capitólios, para sacrificar as vítimas e glorificar os heróis. Esta errada concepção da vida levou os antigos a dizer que «os homens eram como as nuvens: quanto mais ocos, mais subiam».

A complacência dos robustos, que não é atributo dos franzinos, depõe contra a intolerância e a violência dos ardilosos.

O amor a Deus e ao próximo é o predicado que dignifica, o primado da dignidade humana.

O amor não se reveste de adornos. Traduz-se por actos e não por palavras. Os actos são realidades e as palavras podem encobrir os pensamentos.

Aqueles que são capazes de se sacrificar pelos incautos, trazem no cérebro e no coração o Deus e o Cristo que os outros trazem na boca.

Não é a monopolizar e a açambarcar que se servem os povos.

É pelos interesses inconfessáveis que os direitos alheios são embargados e preteridos.

A moral falha tanto mais, quanto mais divergem e abun- quanto mais abundam as publicações do materialismo.

Enquanto os homens não substituirem a balança e a espada por fachos de luz não solucionarão os seus problemas.

A inteligência e a instrução sem a moral, são faculdades perigosas ou contraproducentes.

É mais proveitoso louvar do que criticar, mas a crítica construtiva é o esforço que revela maior abnegação.

As desordens que criam e destróem impérios são de todos os tempos da história humana e em todos os tempos forjaram a miséria e a opulência. A razão cessa perante os impérios.

Os impérios começaram pelos povos atrasados, que convertiam os imperadores em deuses.

Este é o maior erro das sociedades organizadas.

A humanidade, dominada pela ignorância, reincide na prática dos mesmos erros, como se a História de nada servisse; e é assim que os transviados perpetuam as lutas desastrosas que ensanguentam e matam.

A agricultura, a indústria e o comércio são frutos do trabalho utilitário, mas quando a utilidade é excedida pela exploração, surgem as cidades monstruosas, onde o vício e o crime se aninham, com poderes absolutos. A evolução natural dos indivíduos e dos povos é lenta e metódica. As acelerações são excessos que os perdem.

As «Escrituras Sagradas» contêm mandamentos de ordem moral, dentre os quais avultam estes dois: «Crescei e multiplicai-vos». «Trabalha o pão com as tuas mãos». Mas a verdade é que nem estes dois mandamentos são respeitados. Quanto ao 1.º, é vulgar o homem ultrapassar aquilo que lhe pertence; quanto ao 2.º, o nutrido caça ao nutridor as suas produções, por metade do seu valor, para as vender por mais do dobro. Com a preterição da moral evangélica, os cegos e os surdos são os autores do direito e da Justiça.

Os temporais, as inundações e as secas; a fome, a sede e as doenças; as guerras, as endemias e as epidemias; os desastres, os sismos, os vulcões e as submersões, são fenómenos relacionados com a moral dos homens, aviltada pelas mistificações.

Lourenço Marques

PELA BOCA

Por EMMANUEL

O que sai da boca, — diz-nos o Evangelho — deve merecer-nos tratamento especial.

As viandas com que o homem, muitas vezes, ameaça a própria saúde, prejudicam apenas a ele mesmo, quando a frase ou o grito de cólera podem alcançar uma assembleia de corações, determinando enfermidade e desequilíbrio.

É pela boca que vazamos da alma desprevenida os tóxicos da maledicência e é ainda por ela que arrojamos de nosso desespero os espinhos da discórdia que levantam trincheiras sombrias entre irmãos.

É da boca que saltam de nosso sentimento mal conduzido as serpentes invisíveis da calúnia, envenenando a vida por onde passam e é ainda por intermédio dela que operamos o exame insensato das consciências alheias.

Mas também é pela boca que exteriorizamos a ternura e a compreensão que restauram e fortalecem e é ainda por ela que externamos a fraternidade que nos imanta uns aos outros, à frente da Lei.

É pela boca que aprendemos a ajudar aos nossos semelhantes e é ainda por ela que clamamos para o Céu, suplicando socorro e misericórdia.

Vejamos, pois, o que fazemos da palavra para que a palavra não nos destrua.

A língua revela o conteúdo do coração.

Saibamos, assim, modular a nossa voz na benção da serenidade e elevar a nossa frase sobre o pedestal do amor que nos cabe estender ao próximo.

Caridade que não sabe começar pela boca, dificilmente se expressará com segurança, através das mãos.

Entronizemos o verbo respeitoso e digno em nosso campo íntimo e estruturemos a nossa frase no apelo ao melhor que possuímos, para que possamos receber dos outros o melhor que possuem e estaremos com Jesus, construíndo pela conversação os sólidos alicerces de nossa alegria e de nossa paz.

(Recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier)

PORQUE SOMOS KARDECISTAS?

POR TITO L. BANCÉSCU
(Correspondente em Rosário)

Várias cartas têm chegado à Redacção da Associação de Jornalistas, Publicistas, Escritores Espiritas e Metapsiquistas, em que se nos faz a mesma pergunta:

— Porque somos kardecistas?

Vamos responder aos leitores.

Em primeiro lugar, porque Allan Kardec não foi o descobridor do Espiritismo, mas sim o Codificador da Doutrina Espirita. Os espíritos superiores é que executaram o pensamento divino, oferecendo aos terrícolas uma nova verdade adequada às necessidades evolutivas.

Esses espíritos colaboraram com o Mestre; e ele, por sua vez, colaborou com eles. De modo que houve mútua compreensão na coordenação que deu às sete obras que assinou com o pseudónimo de Allan Kardec, assumindo a responsabilidade do seu conteúdo, assim como o sensitivo Francisco Cândido Xavier assina os livros psicografados.

A circunstância de ter usado um pseudónimo — o seu nome era Léon Hypolite Denizart Rivail — constitui um indício que revela desinteresse no labor desenvolvido, ao estruturar a doutrina espirita.

Nas páginas das suas obras magníficas nota-se o espírito expositor de autêntico pedagogo empenhado em orientar os adeptos da doutrina, que apresenta com critério claramente científico e filosófico, dando solução aos problemas que o materialismo e as religiões não são capazes de resolver. Um e outros se desacreditarão ao chegar a becos sem saída, enquanto o género humano se submerge na incerteza acerca do problema do destino.

Kardec abriu profunda brecha no campo científico através das experiências de sábios austeros, indicando rumos novos à investigação, com amplíssimas concepções relacionadas com horizontes filosóficos.

O Espiritismo apregoado por Kardec deu o sinal de alarme a toda a humanidade, mostrando que as origens dos males que suporta estão no homem ao violentar as leis da Natureza em suas manifestações e convidando-o a conhecer-se a si mesmo e a responsabilizar-se, dizendo-lhe que nas esferas introspectivas da sua individualidade mergulham as causas de tantas dores e de tantas incertezas. A lei de causa e efeito constitui a «causalidade».

Kardec sugere a necessidade de acompanhar a ciência, cooperando na marcha do progresso geral. Combate o fanatismo e a idolatria, bem como o autoritarismo concretizado no endeusamento. Assim, vemos no codificador a abnegação, a humildade e a fraternidade.

Dentro do campo religioso estabelece as «derivações religiosas» da Doutrina, contemporizando com um ponto de vista milenário de raízes palingenésicas e cósmicas.

Aconselha também o respeito pela pessoa humana e a liberdade de consciência. Pois não encerra a sociologia espirita admiráveis princípios que é necessário pôr em prática? Como não seremos kardecistas, se vemos o seu corpo doutrinário sob a denominação de Metapsicologia, Parapsicologia, Metapsíquica, etc., penetrar nas Universidades de muitos países, imprimindo carácter moderno à velha Psiquiatria e à Psicologia?

Além dos milhares de volumes que sintetizam eloquentemente a expansão e concretização do Espiritismo científico mantido por Kardec, não constitui a mais bela documentação ter sido ele o iniciador das ciências e filosofias do espírito destinadas a introduzir no mundo novas bases às normas que o homem deve reivindicar, se quiser compreender as verdades eternas?

Não negamos que houve outros escritores que se ocuparam do mesmo problema; mas deram-lhe carácter unilateral, ao passo que os espíritos, através de Kardec, saturaram-no de universalidade.

Em Kardec há método didáctico, autodisciplina, sentido de responsabilidade. Não acusa ninguém. Ensina, orienta, desperta consciências e acrescenta o amor no homem, porque só o amor o salvará e conduzirá na verdadeira senda.

Identificamo-nos com Kardec sem o idolatrar. Consideramo-lo precursor de uma formosa realidade e de surtos espirituais que embelezam e nos tornam melhores, mais fraternos, mais solidários com os semelhantes, quando nos incita a despojar-nos dos ressaibos do passado, pois só deste modo nos conheceremos melhor a nós próprios e a compreender e a tolerar os outros.

O escalpelo da evolução — diz-nos ele — burila lentamente a nossa psique, disposta a progredir sempre. Sofre, cai, levanta-se, cai outra vez e torna a levantar-se no caminho da eternidade. A evolução minora as nossas aflições de peregrinos.

Isto lembra-nos o doce vate mexicano, que assim aludiu à dor:

A dor fere até o fim,
e ve se deste barro
fazes um serafim.

(Trad. de I. D. S.)

APELO

Por MARIA INÊS SENA

Anda... vem... Vem, que os meus braços abertos são como duas asas protectoras, iluminadas pelo facho do meu olhar a encaminhar-te... a atrair-te para a serenidade do polo onde gravito muito acima das coisas comesinhas...

Anda... vem... Vem debruçar-te no parapeito da minha alma e verás que esse facho que dá irisações ao meu olhar, veemência à minha voz e emanações cálidas a todo o meu «Eu». É a Fé, com a qual te quero mostrar o caminho luminoso da verdade!

Anda... vem... Vem e deixa que te envolva no meu âmbito, para que o meu sentir te percorra em frémitos de uníssona comunhão.

Ah! Conseguirei introduzir-te nas vibrações da minha concepção ou deixar-te-ei na sensação do nada?

—Não sei, irmã, se o meu desejo será pueril... se a minha escrita te será acessível...

Não sei! Todo o meu pensamento forma um poema de anseio que o coração rima em sentir vibrátil, mas que a missanga das palavras talvez não traduza...

Será como fieira de vidrilhos embaciados?...

Porém, assomando ao recôndito desse parapeito, alheia-te um pouco, deixa-te imbuir no meu fluido e terás a ilusão de que me não lês e sim que me estás ouvindo.

E eu aconchegar-me-ei, fundindo as nossas almas, caldeando as mútuas vibrações e temperando o nosso sentir para a recíproca captação; depois, nessa transfusão, escuta-me:

Confia na existência de Deus e na imortalidade da Alma com a Fé que resgata e diviniza. Porque a fé será a tua redenção. Aumenta-a, ensinando-a, para que melhor a compreendas.

Medita no que será uma existência sem fé. É um mar proceloso em noite sem farol...

Cai-se num precipício sem fundo. Interroga-se... perscruta-se... Nada, absolutamente nada se vê... e, no entanto, tudo está bem visível.

Olha a Natureza! Como o firmamento nos envolve num manto de topázios e rubis!

Como os campos se atapetam de matizes policromos!

Todo esse cenário majestoso não te entusiasma à mistica admiração?!

Em cada coisa, desde a mais delicada flor até à sinfonia do Universo, tudo nos atesta existência e retrata a imagem de Deus que muitos teimam em não ver, obcecados por conjecturas que os oprimem e definem.

Diz-se que o espírito esclarecido do nosso tempo não admite o sobrenatural, porque tudo está cientìficamente provado.

O que é mister aceitar em abono da dignidade da razão é que desconhecemos o mistério dessa inteligência estabelecida em leis naturais advindas da poderosa sabedoria do Criador; que desconhecemos grande número de fenómenos que parecerão ocasionais e que são consequência de ignorado determinismo — a ignorância do homem que é regido por leis imutáveis, raramente acessíveis à sua compreensão.

E que sabemos nós, pobres obtusos dos desígnios de Deus?

Supões que vale alguma coisa a nossa vontade?

O nosso dever é crer e trabalhar, colimando a perfeição. E a crença nos guiará os passos a bom porto.

Quando surgir a tempestade, não será por acaso; é porque a estrada não era essa, e por isso o trilho foi desviado em nosso benefício.

Não chores nem te lamentes. Oferece-te em holocausto e agradece a Deus as tuas provações. Em cada uma terás lições proveitosas a aguçar-te o entendimento, a dissipar-te a névoa que te ofusca. Não desesperes e aprenderás a definir o que te parecia inexplicável.

No santuário do teu Lar elabora este programa e pauta nele as regras do teu viver quotidiano:

Sê boa; não albergues em teu âmago ódios nem vinganças; enche o teu espírito de ideias elevadas e procura fazer a caridade.

Sempre que possas acalma o sofrimento alheio, confortando, aconselhando e aliviando com transportes de alegria moral. E na tua alma repassarão cânticos de melodiosa felicidade que te elevarão a Deus.

Sê indulgente para com o teu semelhante; não troces, nem censures...

Sabes lá a penitência de cada um para cumprir e resgatar?

Se todos ao nascer trouxessem uma cornucópia de benesses! Cultiva os lírios da justiça que adornarão de paz a tua vida!

Não te esqueças de insuflar o ideal da Fraternidade. Deixa que de ti se desprendam exemplos desse amor diluídos em suavidade espiritual!

Impregnada dessas benéficas influências, mergulha-te nelas em êxtase, dando a teu irmão a aurora que espargirá sobre todos o seu carrilhão de perfumes, elevando-os às alturas do sublime!

Irmã, num ciciar brando te levei a escutar meu pensamento. Que ele te sirva de refrigério e incitamento na efémera passagem terrena, levando-te a repetir: «Eu quero!... Eu amo!... Eu creio!...

E agora vai. Pega em teu bordão de peregrina e semeia o Bem, que é obra meritória, seja qual for a maneira como se apresente.

Ao cabo da jornada, quando o espírito em libações de engrandecimento se haja libertado do turbilhão da matéria, sorverás a merecida vitória pelo Caminho Luminoso da Verdade!

A existência da alma como parte integrante do homem terreno

por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

Foram expostas anteriormente algumas experiências feitas pelo Dr. Martins Velho sobre a exteriorização do fluido basilar de toda a fenomenologia espirita. E, como aquelas, muitas experiências semelhantes têm feito outros investigadores, e os resultados têm sido os mesmos, mais ou menos acentuados segundo a natureza psíquica dos passivos.

Mas o mais extraordinário é que estas experiências hipnóticas ou magnéticas, como lhe queiram chamar segundo o processo empregado, revelam, duma maneira evidente, a existência da alma mas agindo separada do corpo do passivo, visto que a alma é o agente onde reside o princípio inteligente — o espírito, que é, como já dissemos anteriormente, o que em nós pensa, sente e quer.

É a que nos conduzem os fenómenos do sonambulismo lúcido ou dupla vista, ou, antes, os fenómenos de desdobramento.

Há inúmeras obras de vários autores sobre este assunto, mas vamos limitar-nos a citar as experiências feitas em Portugal pelo Dr. Sousa Couto e Dr. Martins Velho, e para isso continuamos a utilizar o valiosíssimo repositório que é a revista *Estudos Psíquicos* já referida, publicada em Lisboa de 1905 a 1908 como noutro lugar dissemos.

Em o n.º 4 de 1905 vem um artigo assinado pelo mencionado Dr. Sousa Couto, seu Director, e subordinado ao título — *Fenómeno de exteriorização anímica obtido em Lisboa*, que a seguir trancrevemos nos termos em que o articulista o redigiu:

«Devo dizer que, tratando destes fenómenos, nunca gostei do testemunho envolvido em pseudónimos ou iniciais.

«Sempre entendi que a investigação não desdoura ninguém, e quando se busca um estudo sincero e verdadeiro, a independência e a franqueza devem ocupar o primeiro plano.

«Devo, porém, significar que a lição prática me tem mostrado não ser sempre possível realizar esse *desideratum*, em respeito a variadas e especialíssimas circunstâncias alheias. A situação individual dos assistentes não lhes permite, muitas vezes, poderem usar dessa independência.

«Ora as exigências do experimentador não podem, e não devem mesmo, ir tão longe, que desconheçam o direito de cada um, no que respeita à conveniência da reserva do seu nome.

«É por consideração a este princípio, com pesar meu, que no relato abaixo alguns nomes são dados pelas respectivas iniciais, sem quebra da integridade das actas que o signatário possui.

«De entre a série de sessões que, com diversos médiuns venho realizando desde há tempos em Lisboa, destaco hoje um incidente da sessão de 6 de Feveveiro deste ano (1905), na qual se produziu o fenómeno de *visão a distância*, que acima classifiquei de *exteriorização*, sendo, em meu conceito, no caso o melhor que lhe corresponde.

«Essa sessão teve lugar às 9 horas e um quarto da noite do referido dia, dirigindo-a eu, e sendo assistentes os srs. Fernando de Lacerda, José Simões dos Santos, o Dr. A. de O., e C. F., e as senhoras D. Emília Campos, D. Ernestina do Espírito Santo, M. L., D. Maria da Piedade, D. Mariana Grilo, D. C. G. e D. R. L. Era médium S. S.

«Começada a sessão com observância das precauções e preliminares costumados, o médium entrou em transe, notando o signatário que, depois duma violenta agitação, adviera o estado cataléctico com arrefecimento pronunciado dos braços e mãos.

«Ouviu-se a queda dum objecto. Era o *apport* duma moeda de cobre de 1834.

«Começaram a rolar por cima do médium nítidas fosforescências, algumas amorfas, outras de contornos definidos, tendo a principal origem de emanação nas extremidades digitais e nos olhos e boca do médium.

«Este fenómeno foi plenamente observado por todos, e afirmado por unânimidade.

«Começou então o médium a acusar o seu desprendimento.

«O médium reconhecia que evolava como que de si mesmo, que se soltava elevando-se no ar; queixava-se, mostrava receio de cair. Depois principiou a dizer ansiadamente as impressões da trajectória do seu percurso: via em baixo as casas, as ruas, a iluminação... até que se encontrou no interior duma casa.

«A sua primeira apreensão foi o receio de ser visto; assegurei-lhe que não, que sossegasse, pois que a sua presença não seria ali notada. E pedi-lhe para descrever o que via.

Como tenho observado outras vezes, a visão não podia exercer-se de pronto no conjunto do ambiente; era preciso a adaptação prévia, regular e suficiente; a vista ia conquistando os pontos ou o campo restrito de acuidade de modo gradual e analítico, e por vezes tenho observado com este médium, que, quando se pede a descrição dum objecto determinado, ele ensaia aquela adaptação e vai fazendo a descrição gradual.

«O médium afirmava a sua presença *in loco*; tinha disso consciência, via estando ali.

«Para não alargar muito este artigo resumirei os pontos capitais da visão: era uma sala, tendo ao centro uma mesa e várias cadeiras. Havia duas senhoras, uma de mais idade cuja descrição fez, e outra, menina ainda, estava lendo um livro. Era uma

sala de jantar, onde havia dois jarrões de forma especial, que descreveu. Havia também a um lado um piano.

«Instado para ver o nome do livro, o médium declara não poder à distância em que está, mas aconselhado a aproximar-se, assim o faz, segundo diz, e lê: «Diabo na Côrte». Nesta altura o assistente sr. Dr. A. de O. afirma a veracidade dos factos.

«No fim da sessão apurou-se o seguinte: o sr Dr. A. de O., antes de sair de casa, deixou as coisas dispostas para ver se, porventura, o médium podia exteriorizar-se e descrever a sua casa, que, aliás, não conhecia. Esse facto realizou-se, autorizando-nos ele a afirmar peremptòriamente a sua realidade.

«O sr. Dr. A. de O. é de probidade e severo escrúpulo científico, que só o levam a induzir de factos bem averiguados o justo alcance dos mesmos factos.

«No caso presente derivou ele, sob um critério que perfilhamos, a legitimidade do fenómeno das seguintes considerações:

«Não conhecer o médium a casa, fazer uma descrição exacta das pessoas e das coisas, não ser natural estar na sala de jantar o piano, e, enfim, a precisão do título da obra que sua filhinha estava lendo».

Terminou aqui o artigo do Dr. Sousa Couto, director da revista *Estudos Psíquicos* de há 50 anos.

Mas agora vamos relatar esta mesma espécie de fenómenos observados nas notáveis experiências do Dr. Martins Velho.

O relato é feito pelo próprio Dr. Martins Velho num seu artigo publicado em Março de 1906 e é precedido das seguintes considerações altamente elucidativas sobre a veracidade dos factos e processos de os obter:

«Quando em cada sessão me havia assegurado de que o sonâmbulo havia atingido o grau máximo de lucidez, passava a outra ordem de experiências, indubitàvelmente as mais maravilhosas e surpreendentes — *a visão a distância ou telescópica.*

«Foi ela demonstrada perante umas 80 pessoas das mais ilustradas da cidade, pessoas que se revesavam em quatro que, sem serem permanentes, haviam assistido a outras sessões, e apenas umas duas a três que assistiam pela primeira vez. Aumentar a percentagem destas seria perigoso, e a experiência assim o demonstrou.

«Durante esta parte da sessão os circunstantes só deviam falar a meia voz, e manifestavam-me em segredo o seu desejo com respeito às perguntas a fazer ao sonâmbulo, para que ele não pudesse saber de quem se tratava.

«Como se verá pelo que em resumo tenho a dizer destas experiências, são elas as que mais triunfantemente demonstram o poder do magnetismo, logra desdobrar o sonâmbulo em duas entidades distintas — *uma espiritual que vai aonde a mandam* e aí *vê, sente e ouve* o que a rodeia, e outra corpórea, que fica *junto de nós*, servindo apenas de *órgão receptor* das sensações experimentadas *pela outra*, que anda viajando.

«A fim de evitar que o sonâmbulo *soubesse de antemão* o sítio aonde o enviava, e pudesse assim ser sugestionado por quaisquer *reminiscências* da vida normal, pedia em segredo a qualquer dos circunstantes (geralmente daqueles que assistiam pela primeira vez), que me dissesse ao ouvido a rua onde morava e o número da porta.

«Sabido isto dizia ao sonâmbulo: Virgílio, vamos dar um passeio. Dirige-te à Rua A, B ou C, e procura o número tal.

«Ele então estendia a mão adiante de si como tacteando o espaço. Após uma pequena busca, dizia que havia encontrado o número desejado.

«Então perguntava-lhe de que cor era a porta, se era inteiriça ou de duas meias-portas, e se estava aberta ou fechada.

«Por acenos de cabeça ou em voz baixa, o inquilino ia-nos indicando, e aos presentes, se as respostas eram exactas.

«Então dizia-lhe que subisse a escada e contasse os degraus. Nesta contagem o sonâmbulo errava uma ou outra vez a conta em um ou dois degraus, para mais ou para menos.

«Chegado ao cimo da escada perguntava-lhe quantas portas via e mandava-o entrar pela que o inquilino me indicava.

«Então fazia-o penetrar nos diversos quartos e descrever, minuciosamente, o número de janelas, portas, mesas, cadeiras, quadros ,etc., e a natureza e cor de cada objecto. Descrevia igualmente as pessoas que aí se achavam, a sua idade aparente e o que estavam fazendo, etc. Nesta investigação psíquica o espírito do sonâmbulo, se bem que se deixe guiar fàcilmente pelo magnetizador, conserva, todavia, a sua independência de acção e espontaneidade pròpria, trabalhando por vezes *por sua própria conta.*

«Assim, por vezes sucedia ele descrever-nos objectos que não estavam no quarto onde eu o supunha estar, mas que se achavam *de facto* em quarto diverso, porque, tendo o sonâmbulo *passado espontâneamente* para outra casa a sua resposta não correspondia à minha pergunta.

«Devo declarar que as casas onde fazia entrar o sonâmbulo eram, por via de regra, completamente desconhecidas tanto do sonâmbulo como de mim mesmo; não podendo por isso admitir-se aqui a hipótese de uma reminiscência muito apurada ou a sugestão mental da minha parte, ou leitura do pensamento.

«Demais, posso afirmá-lo, tendo feito algumas experiências nesse sentido, nunca me foi possível conseguir que ele lesse no meu pensamento, como parece dar-se com alguns sonâmbulos.

«Se, porventura, nas suas digressões anímicas topava com um animal qualquer, mesmo doméstico e manso, retirava precipitadamente a mão exploradora, e o sonâmbulo traduzia o mais intenso susto exclamando: — *Um bicho!...* No estado sonambúlico era este o designativo para toda e qualquer espécie de animais.

«E era preciso um certo jeito e afirmar-lhe repetidas vezes que *o bicho era manso*, que não mordia, para ele se resolver a aproximar-se mais dele e dizer qual a sua espécie».

E o Dr. Martins Velho acrescenta então mais as seguintes considerações:

«São inúmeras as observações que demonstram que este *quid*, que viaja longe do corpo material, goza de todas as faculdades e sentidos que no ser normal completo residem habitualmente. Por outros termos — esse *quid* viajante *vê, ouve, sente, cheira, prova, pensa* e *raciocina*, embora lhe faltem nos lugares onde divaga os órgãos fisiológicos dessas sensações e faculdades».

Fica por aqui esta nossa terceira *Mensagem* com elementos bastantes para que neles meditem os que em nada crêem que seja de natureza espiritual.

E afinal, com o que fica dito nesta e na *Mensagem* anterior se prova que o espírito ou a parte psíquica de qualquer terreno pode separar-se do próprio corpo e deslocar-se a lugares distantes daquele em que se encontra o corpo adormecido.

ECOS DE U

Por ISIDORO D

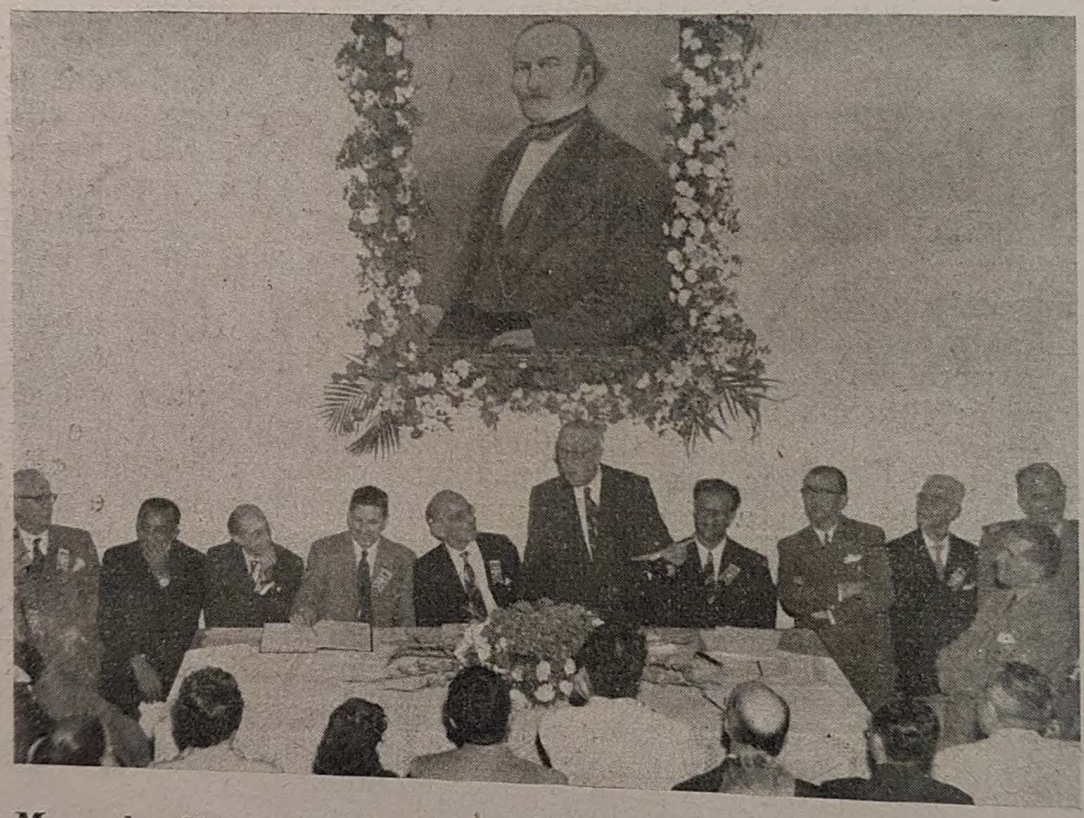
XX

CORAÇÃO

De Ouro Preto a Belo Horizonte a paisagem não mereceu grande atenção. O Dr. Celso acelerou a marcha e os quadros campesinos sucediam-se ininterruptamente, como em caleidoscópio. A face das coisas manifesta-se de mil formas diferentes. O rio, a planície, a montanha, são aspectos variados da beleza universal. A cada passo buscamos motivos de encantamento. E as coisas inanimadas adquirem expressão vital ao relanceamento de nossos olhos. Na vertigem da corrida assumem proporções fantasmáticas, vêm connosco qual cinema de relevo e ficam a esbater-se, a reduzir-se, até se confundirem no que vai ficando...

A perspectiva deforma as imagens, dá relevo ao casebre e apouca o monumento. A ilusão do material avança na retina e os sentidos são postos à prova.

O regresso à capital mineira tinha resquícios de ansiedade. Queríamos chegar a tempo. Em casa de António Augusto dos Santos estariam amigos para a saudação final que o Coragem iria gravar em fita magnética e o relógio avançava demasiado, não deixando esperança. Era o Badi Elias Curi, presidente da União Espirita Mineira; o Osório de Morais, presidente do Abrigo Jesus; Oscar Coelho dos Santos, presidente da Sopa dos Pobres; Maria Filomena A. Beruto, presidente da Congregação Espirita Feminina Casa de Betânia e directora da Escola Primária Pascoal Commanducci; Alda Romanelli, representante da Escola de Moral Cristã; Wanda Noronha, pelo Cenáculo António de Pádua; Beatriz A. Duarte. pelo Centro Espirita Luz, Amor e Caridade; Rúbens Romanelli, director Pedagógico do Ginásio «O Precursor»; Elias José, presidente do Centro Espirita Francisco de Assis; João Amaral, presidente do Centro Espirita Judas Tadeu; Jaime de Ávila Machado, pelo Espirita Mineiro, *e o grande amigo Ademar Dias Duarte, presidente da Associação Cristã Educadora e do Conselho Deliberativo da União Espirita Mineira, o qual deixamos para o fim, para ser o último a afastar-se.*



Mesa do último Congresso Espirita Mineiro, enquanto falava o Dr. Noraldino Melo Castro

Estes amigos consultavam-se e olhavam-se mùtuamente, admirados da nossa ausência. Se pudéssemos destruir a distância, prestes estaríamos reunidos. Mas Ouro Preto cativara-nos e o Dr. Celso queria esgotar o cálice do precioso néctar. Entretanto, carregava no acelerador.

O olhar dos viajantes denotava ansiedade. Todos iriam participar da reunião familiar e queriam que levássemos a sua voz para a longínqua Lusitânia. Mas o sol aproximava-se do crepúsculo e o reino das sombras avançava sobre as formas, alterando arestas e contornos e modificando as cores. Evocámos então o drama do homem que perdera a própria sombra e entrou imediatamente num mundo em que tudo era diferente e adormecia os sentidos.

O sol dominava o cenário diurno, aumentava ou reduzia a mancha escura que avançava como dragão misterioso sobre a natureza alapardada ou se retraía, formando caricaturas que obrigavam a pensar no enigma da vida.

Na opinião de Mantegazza, as sombras têm jerarquias quase espirituais e nas penumbras há sombras menores que o horizonte adelgaça ou extingue.

O nosso impressionismo contagiava o Amadeu Santos, que é esteta e aprecia as manifestações naturais. De vez em quando sublinhava um trecho de paisagem com exclamação laudatória. Ele já conhecia aqueles campos. Minas Gerais era terra do seu agrado e nela se perdera em vaivens de propaganda. Se pudesse, correrê-la-ia de lés-a-lés, a admirar-lhe a vegetação, a inspirar-se em suas fontes... Mas não podia. Homem estranho pelo dinamismo e agudeza mental, vive em permanente anseio do belo e rebusca no coração os divinos acordes da fraternidade.

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

VIII

MINEIRO

Os reflexos da mica iluminavam a estrada e faziam lembrar o mundo das pedras, que assumem atitudes incompreensíveis aos observadores superficiais. Quem diria que o diamante, a esmeralda, a gema e a turmalina foram poeira nos milénios de antano? Hoje acariciam-se e dá-se-lhes lugar honroso e útil no colo das mulheres, nas vidrarias e em certas engrenagens de relógios caros.

Os minerais pertencem a hierarquias superiores e brilham e cintilam como vistosas armaduras. As hematites semelham fogos de artifício, quando a luz as toca directamente, e os diásporos e certos mármores possuem raras tonalidades. E as malaquites, que o homem não imita, apesar do seu engenho de copiador ousado? E o cristal de rocha, degrau de acesso ao reino vegetal e em cuja estrutura parece aninhar-se um prelúdio de vida? Tantas coisas que nos povoavam a mente no caminho de Belo Horizonte!

A conversa generalizou-se a respeito do que víramos e sentíramos e cada um apreciava os factos a seu modo ou segundo a imaginação, essa lanterna mágica que alegra ou entristece, de harmonia com as coisas que recordamos. Assim dizia Jaquemont e assim o verificámos nós, que nos deliciávamos ainda com a ronda de um passado que não volta...

Todos falavam, todos lembravam um ou outro pormenor da visita a Ouro Preto.

Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espirita Brasileira, descerrando a placa da nova sede da União Espirita Mineira

*

A linha sinuosa oferece perspectivas mais variadas do que a linha recta. E naquele panorama que os olhos contemplavam, a floresta dividia-se em três espécies, como dizia certo escritor: «o bosque liliputiano que se acaricia e se ama; a selva fresca e umbrosa de castanheiros, de faias ou de abetos, que se admira; a floresta virgem dos trópicos que nos fascina com a magia de tudo o que é grande e está muito acima de nós». Simplesmente as espécies diferiam por causa da latitude e do clima.

A floresta é uma das coisas mais belas da terra brasileira. Os aborígenes nem sempre a apreciam. Estão em contacto com ela... Mas os estranhos, principalmente os europeus, senhores de zonas temperadas onde os óculos escuros não têm foros de existência, esses apreciam-na sempre. Conhecemos uma árvore em Florianópolis que enche quase o jardim público. É um simulacro de floresta para gáudio dos citadinos. É que outras plantas lhe abraçam o tronco e os ramos.

A vegetação densa é repouso de olhos que se não cansam de admirar. Tapete verde, às vezes sussurrante, às vezes silencioso, o viajante não sabe onde terminam as árvores e começam as enrediças. O conjunto é que nos atrai, com seus bálsamos, perfumes e resinas. Quando o machado é lançado às raízes, grande crime se comete no reino vegetal.

Há quem mergulhe no mistério das árvores e sinta o coro dos troncos nus aliados ao arfar das vergônteas. Depois é o mutismo, para voltar o concerto de uivos e gemidos, misturados de sons em que o ranger dos eucaliptos se confunde com o ciciar das tamarindeiras e dos zimbros.

O Magaldi olhou-nos de soslaio. Parecia-lhe história o silêncio que nos embalara e inquiriu, curioso, imitando personagem célebre:

— Em que pensas, cardeal?

— Em como é diferente a selva em Portugal...

Uma gargalhada circunstante provocou nova conversa.

— Resposta directa e oportuna! — registou o Amadeu.

Quando a sonolência nos invade, impõe-se alguma coisa que agite o organismo. E quando há interlocutores inteligentes, sobretudo brasileiros, horas se passam de belo convívio que matam o tempo e dão gozo notório. Se não

forem inteligentes nem amáveis... D. Francisco de Portugal, era homem de bom senso e comprovado espírito. E sentenciou:

— Conversar com néscios é tirar palhas de uma albarda.

Bem sabemos que há gente para tudo e que nem sempre os eruditos são os melhores conversadores. Mas no auto em que seguíamos respirava-se alegria. Um dos companheiros ia calado e atrás dele Sócrates murmurava em surdina:

— O amigo deve ser como o dinheiro, cujo valor conhecemos antes de o gastar...

O Dr. Celso acelerava quanto podia. Grande talento, grande amigo e grande... ponto. Aqui, o ponto é conviva do mais belo quilate.

E outra curva nos obrigou a relancear a vista sobre os maciços que ao longe reverdeciam...

Na estrada é assim. Uma viagem dá um livro. Basta observar e meditar com um pouco de imaginação.

As viagens de Xavier de Maistre e Blasco Ibañez são diferentes na essência, mas iguais no fundo. O primeiro sentiu o que não viu e o segundo viu o que não sentiu. A digressão fê-la o espírito do autor, que os olhos, em si, pouco vêem. Aliou, comparou, meditou, e o passeio desportivo ou literário exerceu-se no tempo e fora dele. Foi sempre assim. Onde vai o corpo, vai o sentimento...

*

Pois, amigos... Desistimos de contar os episódios consequentes. Belo Horizonte surge lá em baixo, na perspectiva que o arvoredo ensombra.

Augusto dos Santos espera a caravana com o melhor sorriso do mundo.

— Os amigos saíram há pouco. Estavam todos à sua espera. Tardaram tanto...

Sim, nós havíamos tardado. E ficámos sem a recordação sonora de irmãos dilectos. A voz é símbolo individual. Dá-nos a ideia do homem completo que a fotografia não abrange, por insuficiente e inexpressiva.

A carta lá estava assinada pelo Ademar: «Conforme o combinado, estiveram aqui os abaixo assinados, representantes de entidades espíritas da Capital, a fim de efectuar a gravação de sua despedida e saudação aos confrades lusos. Na impossibilidade de fazê-lo, aqui deixam consignado o carinhoso abraço».

Fechámos os olhos um instante e vimo-los sair em revoada. Os caminhos da vida seleccionam melhor as amizades, que as simpatias momentâneas. O ideal é uma fonte onde se encontram os sequiosos. Ali eram todos arautos da doutrina comum, homens que se entendiam sem esforço, como se entendem os construtores de edifícios gigantescos. Cada um representava seu núcleo, sua trincheira. A escola ao lado da casa de saúde, a imprensa a ilhargas do hospital.

Belo Horizonte é uma cidade-modelo. Nasceu no planalto, cresceu no planato e Rui Barbosa nomeou-a para os séculos. Não tem tradições, a não ser a dos que nela vivem e mourejam, amando e exaltando o Brasil, em clima incomparável. Mas seus filhos são mineiros da gema, sabem receber os estranhos com requintes de amabilidade. Quem sai, não mais esquece a cidade e os habitantes. É uma lembrança que anda a bailar no espírito, espécie de nostalgia a chamar o servo ao local. Atracção cingida à lei...

*

Era tarde. O crepúsculo aproximava-se da tebaida amiga e Ouro Preto estava em nós a comentar ligações que vinham de outras eras. O João Coragem chegou com o magnetofone e algumas gravações se arquivaram e por lá ficaram. Ainda hoje as lembramos com saudade. Esta e outras, que jamais chegaram a seu destino. O interesse pessoal estava em todas e por esse motivo as encarecemos.

À noite seria a conferência na União Espirita Mineira, a despedida de Belo Horizonte e de Minas Gerais. Depois ficaria tudo a enevoar a memória.

«A recordação é o perfume das almas — dizia Jorge Sand —. É o fluido mais delicado, mais suave do coração, que se desprende para abraçar outro coração e segui-lo por toda a parte». Podemos evocar a paisagem morta que nos encantou e extasiou; mas se nela não houver cintilações de vida, se um sopro anímico a não envolver, os elos se partirão e sua imagem será fumo que se evolou.

Isto sentimos, mesmo antes de suceder. Ainda não chegámos ao fim e já visionamos o quadro da ausência. Depois da partida, alguns minutos chegam para compreender a realidade. O que se viu e sentiu começa a desfocar-se, a esbater-se em neblina que prestes se transforma em nevoeiro cerrado. A memória grava as cenas, mas logo outras se sobrepõem. E quantas vezes não é preciso agitar o conteúdo para que a substância venha à superfície!

Há quem se afaste sem mágoa e se admire da sensibilidade alheia? É porque não é protagonista. Apreciem esta quadra de Fernandes Costa:

Diz alguém que a despedida
Nada custa ao coração;
Quem tal diz, que se despeça...
E verá se custa ou não!

Porque se escrevem tantas cartas, senão para encurtar a distância entre pessoas que se estimam? Quando recebemos notícias, não pensamos no espaço vencido entre a partida e a chegada. Lançamos o pensamento no mundo afectivo, evocamos factos e atitudes e revivêmo-los, como quem sente a presença ambicionada.

*

Ao jantar, a família Augusto dos Santos, expandiu afecto em palavras e actos. No dia seguinte levantaríamos voo sem coração, que ficaria ali por muito tempo, a vibrar com eles, mais do que amigos, já familiares. Esta rápida ligação está no âmago da grei, é a razão da comunidade luso-brasileira, que os humildes sentem melhor que os próprios dirigentes. Os decretos e as leis sancionam os factos, é a verificação oficial dos sentimentos e anseios do povo. Existe, sim, uma grande amizade entre os cidadãos das duas pátrias que a mesma língua reforça e que a mesma história requinta. Nos próprios índios o fenómeno está enraizado, como tivemos ocasião de ver.

Mas ao jantar a conversa irmanou uma ou outra lágrima furtiva. Ainda não chegáramos ao fim e já o coração pensava na ausência. O Amadeu Santos ficaria perto, a duas horas de voo. Voltaria mais vezes, porque é sempre desejado. Onde estiver há-de haver paz, há-de haver alegria. No Magaldi não se fala. A Faculdade de Farmácia de Juiz de Fora retém-no em Minas com frequência. Podemos dizer que é do burgo. Quando se despede é «até logo».

Nós, porém, voltaríamos?... Lisboa ficava muito longe, havia um vasto oceano a percor-

rer... Já começávamos a ter saudade, já começávamos a ser poeta. Camilo dizia que a saudade era a poesia dos homens. Pela nossa parte concordamos. Tantos poemas que sentimos sem os ter escrito! Mas o torturado de São Miguel de Seide advertia: «Onde virdes um homem recolhido com saudade, aí está um poeta». A poesia quer dizer enlevo amoroso. Naquele momento todos eram poetas. Quando se ouvem os talheres, ou a fome aperta ou o coração tem mágoas a desabafar. Ali ninguém tinha fome...

Não tardou que batessem à porta. Eram os amigos da União Espirita Mineira. Vinham buscar-nos para a conferência, comandados pelo Ademar, alma de construtor e orientador que no Espirita Mineiro tem acção eminente, íamos dizer decisiva. Vimo-lo sempre de sorriso nos lábios. Mas atrás do sorriso havia força de vontade, havia desejo de vencer. A sua mocidade irradiava coragem e optimismo. Era um vínculo.

Não é homem de meias medidas. Onde estiver, estuda, compara, agita, impulsiona. E as obras marcham em ritmo acelerado...

Mas não deixa de ser romântico, porque tem espírito. E Houssaye disse que todo o homem de espírito tem um romance no coração. Sendo assim, a legenda pertence a todos os brasileiros, homens de coração, homens alegres. A frase gaulesa «Les portugais sont toujours gais» assenta melhor ao Brasil. O Português não é tão alegre como julgam. Os minhotos são tristes por natureza. Será que a humidade do seu clima lhes imprime sombras no olhar? Ou será o espinho da saudade pelos familiares que se encontram ausentes, nas Áfricas e na América? Em compensação, os algarvios são loquazes, de alma comunicativa. Eis dois extremos a tocarem-se em contraste, que, no fundo, tem o seu motivo.

Tudo isto a propósito do Ademar. Que nos perdoe, se o condenámos à berlinda. Ele sabe que não lhe queremos mal. «Honni soit qui mal y pense»...

*

A União Espirita Mineira regurgitava de amigos. Um verdadeiro cacho humano rescendendo mocidade. Esperança e fé estampadas em rostos morenos, tisnados pelo sol dos trópicos. Eram espiritistas de convicção e de coração que levavam a existência aferrados à terra e ao ideal. Todas as ideias altruistas deambulavam em sua mente, mil projectos caridosos os entretinham à margem de ofícios e de lares que haviam formado e mantido à face da Doutrina. O coração mineiro trasbordava em expansão fraterna, não havia ali um só que destoasse.

A harmonia das almas vibrava no ideal comum, sentido e compreendido. É com esteios assim que se erguem monumentos grandiosos voltados ao futuro. São vozes que difundem a luz e braços que cimentam o edifício do amor.

Antero do Quental deu a imagem exacta nas seguintes quadras de um soneto:

Como o vento as sementes do [pinheiro
Pelos campos atira e vai levando;
E, a um e um, até o derradeiro
Vai na costa do monte semeando;

Tal o vento dos tempos leva a [ideia,
A pouco e pouco, sem se ver [fugir...
E nos campos da vida assim [semeia
As imensas florestas do porvir!

*

A mesa estava formada. Os dirigentes da União e outras figuras responsáveis quiseram vir também despedir-se do visitante. Era uma grinalda, um admirável florilégio.

O Magaldi fez a prece inicial. E que prece! A sua vibração chocou toda a plateia. A voz e as lágrimas misturavam-se num improviso pleno de simpatia e de entusiasmo em que as duas pátrias surgiam iluminadas e glorificadas.

La Rochefoucauld dizia que as pessoas fracas não podem ser sinceras. Pois o gesto do Magaldi denotou um homem forte, corajoso, decidido. Gostaria de conhecer Portugal, embeber-se na sua luz e na sua paisagem e repartir o coração mineiro pelos lusíadas de aquém-Atlântico.

A conferência foi diferente do que desejáramos. Quantas vezes quisemos falar disto ou daquilo e o rumo das coisas nos obrigou a desistir! Quem poderá fazer projectos no mar largo do Brasil e sobretudo em Minas Gerais?... O coração tem motivos que a razão não compreende. Esta frase é de autor anónimo e vem de épocas recuadas, talvez pré-históricas, mas é verdadeira. Tínhamos motivos lógicos para alterar o programa. As lágrimas do Magaldi e a vibração de sua voz chocaram-nos de tal modo, que tecemos um poema a Belo Horizonte.

Tantas coisas mineiras que estavam em nós! A paisagem dos campos, a vegetação luxuriosa, o murmúrio das fontes... E o gorgear dos ninhos por entre a ramagem da Avenida Afonso Pena, onde os ficus se alteiam, umbrosos, em conflito com o asfalto dos passeios aluídos pelas raízes.. E os jardins... e as praças... e os conjuntos arquitectónicos... e a cidade industrial... E o sorriso das crianças, que são a promessa maior e melhor daquele povo... E a graça das mulheres e a vibração dos sambas, dos baiões e das marchinhas...

A nossa despedida foi um cântico. Onde estavam as palavras no coração afogado?

Um provérbio arabe lembra que o louco tem o coração na língua e o sábio tem a língua no coração. Seja como for. Quem se vê num transe destes mal pode falar. Tudo se conjuga para o silêncio e para a lágrima. No primeiro, quem guarda a boca guarda a alma; no segundo está a dor e o alívio dos que não têm palavras, mas que sabem exprimir-se na voz do sentimento.

E o nosso coração não pôde mais. Expandimos amoralidade e reconhecimento, porque não poderíamos esquecer o carinho que nos embalou em seis dias fugazes. E não dissemos adeus, nem aos jovens da Mocidade Espirita, nem aos veteranos e mentores da União.

Eu não gosto, nem brincando,
Dizer adeus a ninguém.
Quem parte leva saudades;
Quem fica saudades tem...

Quem será o autor desta quadra popular? Está nela a voz do coração e as violas de Alcácer. Os que partem levam saudade e gostariam de ficar. Os que ficam têm saudade e gostariam de partir. Grandes e misteriosas almas que se deixam prender ao afecto e por ele trocam glórias mundanas! Grandes e misteriosas almas!

No Brasil é assim. Em Minas Gerais é assim. Uma onda filantrópica varreu o Estado de ponta-a-ponta. Nas cidades e nas aldeias, nos bairros residenciais e nas favelas pobres, tudo cresceu

ao influxo do sentimento e deu origem a fraterno anseio.

Por isso a nossa conferência redundou em promessa de volta breve à cidade-modelo, onde uma cadeira nos esperava a cada mesa.

É o maior consolo de quem anda por montes e vales, em contacto com vida nova e diferente.

Esta noite seria memorável. O coração mineiro trasbordou, como caudal que saisse do leito, envolvendo os convivas do banquete espiritual. E as margens ficaram inundadas. As ondas afectivas sobrepunham-se a cada instante, para que o banho surtisse o efeito desejado.

Grande comunhão de ideias reinava em todos. E os abraços sucediam-se com desejos de boa viagem e retorno breve às plagas brasileiras. Homens, mulheres e crianças partilhavam da mesma vibração...

*

Depois foi o regresso à casa do Augusto dos Santos. O coração mineiro trasbordou novamente e as lágrimas furtivas reapareceram. A entrada de Belo Horizonte é mais fácil do que a saída. Lá dentro há qualquer coisa de magnético que nos obriga a permanecer. Não sabemos o que é, mas sentimo-lo. Subjugação amorável? Quem lá vai corre o perigo de ficar. É como na rua dos Andradas, de Porto Alegre, onde têm ficado muitos portugueses.

Gostaríamos de viver na rua da Primavera, ao lado do Ademar, ou na rua do Rio Grande do Sul, ao lado do Augusto dos Santos. Dois pontos elevados, dois pontos estratégicos onde os amigos afluem, porque há mel que os atrai. Fomos a Belo Horizonte, atraído pelo mel da Doutrina, e tivemos o nosso quinhão de felicidade.

*

Agora é a volta ao Rio. Lá está o avião, lá está o Ademar e o Magaldi e o Moutinho. Lá estão outros que vieram à partida. Estes ficam para as lutas gloriosas. Nós seguimos com o Amadeu Santos. A nossa primeira viagem aérea.

Não é sem receio que se abandona a crosta em demanda das alturas onde pairam as águias e os condores.

Amigos, até sempre! Até breve! Temos esperança de poder voltar... um dia!

OS DITADORES DOMÉSTICOS

Por JACINTO DEL AGUILA

Todos os espíritos equânimes e amantes da liberdade nos sentimos incomodados e protestamos contra os ditadores políticos ou económicos. Isto é muito lógico. Contudo, justo é reconhecer que temos, quase todos, o censurável costume de esquecer certas coisas que nos tocam directamente. Esquecemo-nos deliberadamente dos ditadores domésticos.

Convenhamos então que não está bem. Não está bem, porque esse olvido nos é prejudicial a todos.

Antes de entrar no tema, perguntemo-nos donde sairam os ditadores que oprimem, onde se educaram, em que ambiente social viveram. Numa palavra, para sermos justos é mister ir ao fundo da questão e estudar e conhecer os antecedentes morais e psicológicos dos seres.

A experiência da vida quotidiana diz-nos, entretanto, que os ditadores políticos, assim como os domésticos, se formaram no lar, que é uma espécie de perispírito ou subconsciência, socialmente falando. Os ditadores políticos de todos os países do mundo forjaram o seu espírito autoritário no lar paterno ou já nasceram com ele, porque noutras existências foram opressores ou déspotas de povos, de suas mulheres, de seus irmãos, de seus subordinados e de seus semelhantes.

Donde se conclui que a ditadura é ingénita em cada um: há maridos que são ditadores ferozes para com as esposas e há esposas que amargam a vida ao consorte mais bonacheirão do mundo. Se elas são inteligentes, o seu autoritarismo é metodizado e às vezes suavizado: doiram a pílula dando à ditadura um sabor doce que serve para domar feras. Pelo contrário, se são incultas, então o problema assume gravidade, pois querem resolver tudo com gritos estentóricos, de ameaça e até de agressão.

Claro está que os ditadores domésticos masculinos são geralmente contundentes. Quando se aborrecem no lar deitam a casa pela janela, sem se importarem que os vizinhos escutem os seus impropérios. É, pois, sabido que, na vida matrimonial, os conjuges não têm tendências ditatoriais: uma das partes costuma ser a personificação da harmonia, a encarnação do equilíbrio.

Se observarmos bem estas coisas da vida, prestes nos convenceremos, amigo leitor, de que os ditadores se «fabricam» no lar, coisa que não têm reconhecido aqueles que dirigem a vida dos povos e das nações. Se abundam os ditadores familiares, como é possível que as sociedades se livrem deles nos cargos públicos?

Se quisermos libertar-nos para sempre das mulheres e dos homens autoritários, é necessário reformar o espírito dos lares até convertê-los em escolas de Amor e Harmonia, porque, uma vez reformados, saturados de perfume que permita respirar e amar profundamente, serão crisóis que darão ao mundo e a Deus seres capazes de se compreenderem e respeitarem.

A história diz-nos que é inútil e contraproducente decapitar os ditadores. Poucos dias após a destruição de uma vida aparece outro déspota em seu lugar. É uma espécie de círculo vicioso e pernicioso.

Os espiritistas estão, pois, convencidos de que a desaparição dos homens maus depende da sua perfeição progressiva no âmbito do lar. Ofereçamos à humanidade a cura da causa e não combatamos apenas o efeito, avisando também os governantes que é indispensável transformar os lares em laboratórios renovadores de homens e de mulheres, para que sejam cada vez melhores, mais nobres e irmanados. Até que se atinja este objectivo podemos ter a certeza de que os ditadores domésticos, políticos e sociais continuarão a fazer das suas.

(Tradução de I. D. S.)

APOLOGIA DA PRECE

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

2.ª PARTE

PROVAS CONCRETAS DA EFICÁCIA DA PRECE

I

Acção objectiva da prece — Pela prece um Espírito é atraído e liberta um prisioneiro — Dada como morta, a prece a ressuscitou — Salvos pela acção da prece o capitão Rickenbacker e seus companheiros, perdidos no Atlântico

A eficiência da prece, julgamos que ficou teòricamente demonstrada nos artigos precedentes, que constituiram a primeira parte deste modestíssimo estudo.

Resta-nos agora, para dar maior relevo a este assunto, extrair de fontes insuspeitáveis e apresentar ao leitor os testemunhos que falam indubitàvelmente da objectividade de sua acção.

É verdade incontestável que a prece, quando praticada dentro das condições prescritas, e sobretudo com fé e humildade de coração, reveste-se de uma influência, por assim dizer, miraculosa, de que há exemplos às centenas.

Ilustremos o nosso asserto com alguns deles, apenas, para não nos alongarmos demasiado nestes comentários.

Sendo o Novo Testamento *a regra de fé das religiões cristãs, havemos por bem começar por aí, abrindo-o nos «Actos dos Apóstolos», onde se relatam os acontecimentos que se seguiram à morte de Jesus. Ponhamos sob os olhos o capítulo 12. Aí se descrevem os vexames por que vinham passando os membros do colégio apostólico, por causa do seu ardor e desassombro na pregação da doutrina do Nazareno. Já alguns deles, por ordem do rei Herodes, tinham sido presos e maltratados, cabendo a pior sorte a Tiago, a quem o despótico monarca mandára passar a fio de espada. Ordenou igualmente violentas represálias contra Pedro, que foi metido na prisão e guardado por quatro escoltas de quatro soldados cada uma, que se revezavam.*

Na casa de Maria, mãe de João, entretanto, os discípulos congregados à noite, «oravam com insistência a Deus por Pedro», *enquanto ele «dormia entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias e sentinelas à porta do cárcere».*

A prova de que as preces daqueles corações ansiosos foram atendidas, decorre das circunstâncias especialíssimas em que ocorreu a libertação do prisioneiro. Tudo se passou assim: Um Espírito superior, (anjo *na linguagem bíblica) por certo o próprio* Guia *espiritual de Pedro, penetra no ergástulo, cujo recinto se ilumina da sua luz, e, tocando-o, faz-lhe cair as algemas que o manietavam. Mandando-o calçar-se e cobrir-se com a sua capa, o enviado espiritual conduz Pedro através das sentinelas, momentâneamente subjugadas à sua acção magnética; alcança o portão que deita para a cidade, o qual se lhes abre por si mesmo; e daí caminha por uma rua até a extremidade da mesma, onde deixa o apóstolo.*

Estava Pedro salvo da prisão, graças às orações que tantas almas em conjunto ergueram aos céus em seu favor!

Pela prece, aliás, obrara ele também o seu «milagre» em Jope, fazendo voltar à vida a piedosa Dorcas. Conta-se o caso no capítulo nono, versículos 36 a 43 do mencionado livro dos Actos. *Dorcas, ou Tabita, era uma discípula virtuosa do Senhor e, tendo-se anunciado o seu trespasse, muitos a prantearam, enquanto outros promoveram a vinda de Pedro, de outra localidade, para vê-la. Fazendo evacuar do recinto onde jazia a suposta morta todas as pessoas que a rodeavam, o velho Cefas ajoelhou-se e orou. Em seguida, chaman-*

O CHELMICKI

Como o tempo passa! Faz três anos que o José Carlos de Chelmicki Afflalo abandonou a vestidura material. Antes da nossa viagem a Belo Horizonte estivemos com ele na Federação Espirita Brasileira. Sentimo-lo velho e cansado, mas ainda o espartano e o lutador. Tinha 74 anos e poderia viver algum tempo mais, se o coração respondesse aos estímulos do espírito.

Foi o Henrique Magalhães que deu a notícia, cheio de tristeza de alma. Éramos grandes amigos os três. Daquelas amizades que nada consegue destruir.

Ele não queria palavras laudatórias. Nem antes, nem depois do trespasse. Mas isto é efeméride. É relembrar um vulto que anda ligado à vida desta revista e do Centro Espiritualista Luz e Amor, os quais, sem ele, não teriam surgido no momento próprio. Surgiram, porque havia um Chelmicki a reforçá-los com o seu apoio.

Estamos a vê-lo nesta casa... Um hóspede inigualável. Lia tinha grande afinidade com ele e ficou a cismar, quando o regresso ao Rio o levou a dizer:

— É a última vez que venho a Portugal.

E foi. Foi a última vez. Quando o abraçámos na Federação, já Lia tinha partido. Ele sentiu-lhe a ausência, mas não o demonstrava. Era assim o seu temperamento. Junho de 1955. O ano da nossa viagem ao Brasil. O ano da sua viagem derradeira.

Deus te salve, Chelmicki. Deus te salve e te proteja.

do-a pelo nome, mandou que Tabita se levantasse e ela, abrindo os olhos, sentou-se!

Ei-la restituída à vida corporal por efeito da oração de um justo (1).

As letras bíblicas relacionam inúmeros casos do teor destes que acabamos de citar; porém temos que passar adiante e ocupar-nos de alguns outros, entre os muitos que vêm descritos em publicações profanas, ou se passaram com pobres mortais sem as virtudes e o merecimento daquele grande vulto do Cristianismo.

Dissemos que a prece, dirigida a Deus no momento de aflição, quando a mísera criatura se sente em toda a sua pequenez a impotência, é, via de regra, a mais eficaz. Se muitas vezes as nossas preces ficam sem resposta, é que aquilo que exoramos ao Omnipotente nós mesmos poderíamos conseguir pelo nosso esforço. O que o homem pode fazer Deus não o fará por ele, é claro. Naturalmente não era este o caso do capitão Eddie Rickenbacker e seus companheiros, caídos no mar de uma «Fortaleza Voadora», na última Grande Guerra. Perdidos durante três semanas no Pacífico, nada absolutamente eles podiam obter, nem de si mesmos, nem dos homens. Só de Deus era lícito esperar o recurso para a sua sobrevivência e salvação, como de facto se salvaram. Então aconteceu, certo dia, que estavam a desfalecer de sede, e nessa ocasião viram uma nuvem de chuva passar a um quarto de milha da frágil embarcação onde viviam a sua tragédia. Oh, tanta água potável, lá longe, e eles tão sedentos! Nisto, o inesperado, o assombroso, aconteceu. Sem que mudasse a direcção das correntes aéreas, no entanto, a nuvem parou sùbitamente e, «com majestosa deliberação», movimentou-se em direcção à jangada. «Um meteorologista — escreve o tenente Whitaker, que se contava entre os náufragos — naturalmente tentaria explicar o fenómeno, dizendo que se tratava de correntes cruzadas; nós, porém, ficamos satisfeitos, simplesmente em vê-la movimentar-se em nossa direcção, depois que tínhamos feito a nossa prece.» (2).

---

(1) *O caso de Dorcas tem similar em outros, descritos nos* Evangelhos. *Trata-se do fenómeno de «morte aparente», de que são passíveis certas pessoas sujeitas a crises de catalepsia patológica. Sobrevindo o ataque cataléptico, o paciente reveste todas as características da morte real, posto que o espírito, embora afastado provisòriamente do corpo, se conserve ligado a ele por uma espécie de filamento, ou laço fluídico, a que alguns espiritualistas também chamam «cordão de prata». Sòmente a ruptura deste elemento plástico ocasiona a morte definitiva. Submetida Tabita a uma crise de catalepsia, Pedro orou ao Senhor e conseguiu retrair o seu espírito ao corpo que jazia com as aparências de morte. No seu livro* A Gênese, *Allan Kardec explica racional e cientìficamente os chamados «milagres» dos* Evangelhos, *sem que isto em nada diminua o poder e a excelsa grandeza de Jesus.*

(2) *Mary Hornaday, «A oração no campo de batalha», artigo enviado de Nova Iorque pela agência Interamericana e inserto no vespertino baiano* A Tarde, *de 28-8-1943.*

PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

(3) OS GRANDES HERÓIS

(Estas palestras são improvisadas todas as 5.as feiras no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone).

Antes de mais nada vejamos o significado da plavra herói. No paganismo era o varão nascido de um deus ou deusa e de pessoa humana. Também se chama herói ao homem perseverante e animoso que realiza uma empresa arriscada. Modernamente, herói quer dizer um homem que se distingue por feitos bélicos: o guerreiro indómito, o vencedor de batalhas. Este é um herói.

Na guerra é quem extermina e desbarata, que espalha o luto, que semeia a desgraça. Destes houve alguns cuja fama ultrapassou os continentes:

Aníbal, general cartaginês que venceu os Romanos e foi derrotado em Zama. E depois de se ter coberto de glória, de ter alcançado as culminâncias, envenenou-se para não cair em poder dos inimigos.

Júlio César, general romano, ditador perpétuo, historiador e político, um dos maiores capitães da antiguidade, rival de Pompeu, conquistador das Gálias, foi morto em pleno Senado.

Napoleão Bonaparte, imperador dos Franceses, foi um dos maiores génios militares de todos os tempos. Venceu Austríacos, Alemães e Russos, levou a guerra ao Egipto e à Terra Santa, anexou a Holanda e a Bélgica e foi morrer, acovardado, aos rochedos de Santa Helena.

Estes foram três tipos de herói. E vejam o destino de cada um. O primeiro envenenou-se, depois de espalhar o luto e a fome; o segundo foi assassinado pelo filho Brutus e o terceiro teve a Europa nas mãos e foi morrer no cativeiro. Esta é a glória efémera dos homens. Estes são os altos e baixos, as grandezas e as misérias de quem se alcandorou, esquecendo os deveres elementares.

Glória efémera, dissemos, porque teve a duração das rosas. E todos sabiam que era pouca a distância do Capitólio à Rocha Tarpeia. O pináculo e a lama. Eram os dois extremos, nos quais se confinavam a vida e o destino dos seres. Primeiro a apoteose; depois a morte e o ostracismo.

E somos levados a perguntar:

— Estes homens teriam sido heróis?

Na guerra, os que se distinguem por aquilo a que o vulgo chama coragem fazem-no muitas vezes para salvar a pele, visto que o homem, quando acossado por forças superiores, ou se entrega ou vende cara a vida, e essa transacção é feita à custa de esforço supremo, que também se chama instinto de conservação. O homem mata para não morrer, porque é vergonhoso deixar-se morrer. Por esse facto, ele pode vir a ser herói.

Mas a psicologia do herói conduz a situações fantásticas e não é preciso exemplificá-las, porque as conhecemos e porque a palavra herói é tão falsa, como os ouropéis com que lhe engrinaldam a fronte.

Roberto Lambardini dizia que não buscassem os heróis nos campos de batalha. Nem nos altares os santos e os filósofos.

— Procura-os a teu lado, — exclamava — entre as pessoas que te cercaram. Sim, procura-os aí. Só aí os encontrarás. Entre aqueles que sentiste viver, que vibraram com a desgraça e cumpriram o seu dever sem mais auxílio que a própria vontade.

Nós somos da mesma opinião. Os heróis, os verdadeiros heróis, não se encontram de armas na mão, as armas fratricidas que espalham — como dissemos — o luto e a dor, que produzem confusão e lançam — quantas e quantas vezes! — os povos em lutas inglórias e inúteis.

Não. Aí não se encontram os heróis. Os grandes heróis estão entre aqueles que se calaram engolindo afrontas, com direito a maldizer o seu destino. São tantos e tão ignorados! Vemo-los a cada passo, falamos com eles e não sabemos medir a sua coragem, a sua abnegação, a sua renúncia, síntese da melhor bravura conhecida. Não aquela que leva o homem a empunhar uma arma para matar quem nunca viu, a quem nunca falou e nunca conheceu. Não! Mas nos outros, heróis de guerras ignoradas, que vivem os seus dramas em silêncio. Nestes é que se encontram os heróis, os santos e os filósofos!

Entre os que deram exemplo sem o saber, sem esperar a glória fugaz das lantejoulas e das honrarias falsas. Entre os medalhões que se agarram às vezes aos carros triunfais. Os verdadeiros heróis são todos ignorados. E quando as circunstâncias levam a conhecê-los, a humanidade fica boquiaberta, não supondo que de figuras tão mesquinhas pudessem resultar gestos tão fortes. E podemos acrescentar: entre aqueles que partiram de sorriso nos lábios para não aumentar a pena dos homens ou das mulheres. Esses valem muito mais do que os outros. Sofrem o vexame para não susceptibilizar os próprios verdugos.

Até nesta modéstia existe heroicidade. Quem sofre sòzinho para não fazer sofrer os outros, quer sejam amigos ou familiares. É a dor taciturna que não rasteja, mas que se acocora a um canto para que a não vejam. Há muitos deste quilate.

Os santos que renunciam são dos que sentiram a dor e a amarfanharam. Não a quiseram distribuir, não a quiseram exteriorizar, porque o mundo não deseja conhecer essas tragédias.

Heróis ignorados foram aqueles que cimentaram impérios no fundo das minas, no porão das galés e na lama dos charcos. Os impérios floresceram, ampliaram-se em glória e poderio e esses pobres heróis estratificaram nos alicerces. São os verdadeiros heróis da humanidade.

Não é preciso conhecê-los, não é preciso ouvir os seus nomes, porque estão em nós. Talvez tivéssemos sido esses heróis anónimos. E — porque não dizê-lo? — também esses guerreiros que venceram batalhas, que devastaram campos e semearam luto e dor entre os homens. E

A HUMILDADE

A descoberta do homem pelo homem seria o maior acontecimento universal, suplantaria o progresso atómico. O que mais interessa ao espírito é conhecer o seu invólucro, o suporte natural que o mantém em ligação ao meio. O resto é secundário. Que rende construir grandes escadarias e salões nobres, se nos esquecemos de rasgar as portas de acesso? O homem quer dirigir-se ao mundo e vive emparedado. A limitação impede-lhe a saída normal. Procura caminhos impróprios de seus passos e não acha o verdadeiro caminho, que é um traço luminoso na escuridão. Não vê a luz, porque a não compreende.

Para ver é preciso compreender, é preciso desbastar a carapaça que escurece e avilta, é preciso limar a bruteza, o tosco da matéria, lapidar o diamante. Mas está o instrumento? Como subir à montanha de neves eternas sem preparação alpínica? Como descer à profundeza sem os necessários elementos? Burilar é trabalhar, é dar beleza à forma, é revesti-la de imortalidade que existe em nós. Para isso é necessário abrir um palácio de chave misteriosa. Uma vez achada, um mundo se descerra ao olhar atónito. As portas giram nos gonzos, suavemente, e a paisagem surge em plena claridade. Que deslumbramento, que alegria divina!

E tudo se obtém com coisa simples, ao alcance de todos. É musgo na rocha e violeta no campo. Passa indiferente ao mundo e chama-se humildade que muitos desprezam. Coitados! Não sabem servir. Se soubessem, destruiriam a muralha que os separa do Criador, alargariam os horizontes da humanidade. Seriam o traço de união entre os elementos positivos do mundo moral. Quanto mais se humilda, mais se exalta o ser em relação ao foco de onde veio. É que não são os olhos físicos que analisam o incognoscível. Esse trabalho pertence ao mundo espiritual.

(Trecho de um novo livro de LIA, recebido por Isidoro Duarte Santos)

hoje desconhecemos alguns fastos históricos, porque assim é necessário. O homem não pode lembrar-se do seu passado ominoso, nem do seu passado glorioso, porque não cumpriria a sua missão terrena, se essa lembrança lhe aflorasse à memória. Estaria sempre o verdugo em frente da vítima e a vítima em frente do verdugo.

Mas Deus é grande. Lança sobre nós um véu de esquecimento para que desempenhemos em liberdade a tarefa que nos incumbe. E cumprimos. Umas vezes bem, outras vezes mal. Mas vamos, vamos cumprindo. Vamos claudicando. Caímos aqui, além nos levantamos, para cair de novo e levantarmo-nos outra vez. E se tivermos força de vontade, se quisermos realizar uma obra, não para perpetuar um nome, porque isso é glória vã, mas para nos harmonizarmos com a consciência, poderemos enfileirar entre os justos e os santos.

O homem tem, repetimos, uma grande missão a cumprir. E nem os filósofos que melhor o compreenderam, nem os santos que melhor o guiaram podem avaliar em toda a grandeza a epopeia dos simples que se transcendem em trabalho de resgate.

O que fizeram por nós não tem nome. Não se descreve com palavras. Está esculpido para os séculos.

Olhemos para as pirâmides do Egipto. Os técnicos modernos talvez não fossem capazes de construí-las. Quem carreou aqueles pedregulhos de centenas de toneladas para o alto dos muros simétricos? Não foram reis, não foram imperadores, não foram marechais. Foram escravos, foram os ilotas de Esparta que os carrearam amassados com sangue e lágrimas. E aquelas maravilhas ainda se encontram de pé para expectação dos vindouros! Ainda se encontram de pé, são um verdadeiro símbolo da batalha humana que se trava a cada instante em todos os pontos do globo. E assim, nem toda a glória dos tais heróis vale uma lágrima dos que morreram trabalhando e cantando. Nem uma lágrima vale a glória efêmera dos marechais e dos falsos heróis.

E hão-de voltar um dia alheios à própria obra para que o seu trabalho seja mais fecundo! Esses, que morreram trabalhando e cantando, são, de facto, a grande epopeia que devemos apresentar aos contemporâneos e aos homens do futuro.

Daqui tira-se a conclusão: o mundo avalia quase tudo por um critério errado. É o critério do menor esforço, que não deve aplicar-se aos dramas psicológicos que se exercem na sombra e que melhor fora terem realidade e serem exercidos à luz do sol.

E assim nota-se que os grandes heróis foram diferentes de quem se revestiu de falso prestígio para levar aqueles a demandar o que não queriam.

O Espiritismo é uma doutrina de realidades. Coloca cada um no seu lugar. E os que lhe sentiram o influxo vão na peugada dos inimigos interiores, que se vestem como os falsos heróis. Também usam enfeites e penachos, mas escondem-se no mundo onde vivemos. Quando mal nos precatamos caem sobre nós. É que eles vigiam, enquanto dormimos. Por isso há tantas lutas intestinas que não vêm à superfície. E essas almas que encontramos na rua, no cinema e nos grandes aglomerados, cada qual com o seu drama ou a sua tragédia, irradiando alegria e perfumes falsos, travam lutas silenciosas.

Mas no silêncio é que se declaram as grandes batalhas; no silêncio é que se amarfanham as almas; no silêncio é que sangram os corações, porque há indivíduos que não têm coragem de revelar o drama pungente que os esmaga. Esses, são os grandes heróis da epopeia humana!

I. D. S.

SÓ ESPIRITISMO CIENTIFICO ?

Por HENRIQUE MAGALHÃES

II

Outra prova de que o Espiritismo religioso não é anticientífico é a demonstração do Espiritismo no Brasil. Unificado através do Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espirita Brasileira, vem o Espiritismo nesta parte do mundo dando provas de tamanha pujança, que o clero, alarmado com sua expansão, organizou verdadeira milícia, composta de sacerdotes e frades, especialmente treinados para combatê-lo, chegando seus arautos a afirmar que o Espiritismo no Brasil representa o maior perigo para sua igreja.

O Espiritismo, no entanto, em terras do Cruzeiro, aquele que denominamos de Espiritismo Científico-religioso, tem suas bases no estudo da ciência. Autores de frande relevo na Europa e outras partes do mundo são estudados com afinco pelos espiritistas brasileiros, convindo mencionar, além das obras de Kardec, igualmente as de Crookes, Bozzano, Geley, Aksakoff, Lombroso e tantos outros que será enfadonho enumerar, não esquecendo as obras de teor mediúnico, cujo imenso valor ainda é desconhecido dos irmãos de além-mar.

Mas não é sòmente o estudo desses autores que oferece base científica ao Espiritismo brasileiro. Também, entre nós, neste vasto país, se pratica o estudo dos fenómenos, levado a efeito por homens probos e de elevada estatura moral e científica. Possuímos a Sociedade de Medicina e Espiritismo, onde seus componentes se aplicam ao estudo do fenómeno e a Faculdade de Estudos Psíquicos, onde o Espiritismo é estudado debaixo da mais férrea disciplina filosófica e científica.

Temos um Sanatório Espirita em Uberaba — Estado de Minas Gerais — onde o Dr. Inácio Ferreira, médico de grande valor, vem produzindo notável trabalho de pesquisa científica, aliando seus estudos à moral evangélica.

Temos o Dr. A. Ranieri, Delegado de Polícia, afeito à análise fria das coisas, dado sua longa permanência junto aos criminosos, com seu primoroso livro Materializações Luminosas, *— apresentando-nos documentação sadia e profundamente científica.*

Acha-se no prelo, também, o livro Fenomenologia e Doutrina, *da autoria do Dr. Amadeu Santos, onde são estudados os fenómenos, debaixo das regas científicas.*

Poderemos acrescentar outros autores, verdadeiros cientistas, no sentido mais lato do termo, que manipulam a ciência para comprovar a existência da alma, mas que, no entanto, aliam à ciência que estudam aquela outra ciência — a que se exala do Evangelho de Jesus. Praticam o Espiritismo científico, sim, mas também o Espiritismo Evangélico-religioso. Fazem parte das sentinelas avançadas em terras de Santa Cruz, onde o Espiritismo ganha foros de grande comunidade, como em nenhum país do mundo.

Aqui os espiritistas se contam por muitos milhões, com Editoras em plena acção, sendo justo apontar o Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira, a maior Editora do mundo, no género.

Tão grande é a acção dos espiritistas, nesta parte do planeta, tão vasta é a sua acção social junto aos que sofrem e desesperam, que o clero organizado, alarmado com essa expansão, está procurando imitá-lo, no que diz respeito à assistência social.

Abrigos, creches, albergues nocturnos, hospitais de psicopatas, hospitais de clínicas, maternidades, escolas para adultos e crianças, cursos de corte e costura, cursos de dactilografia, etc., contam-se por centenas. Sòmente na capital da República, cidade de três milhões de habitantes, possui o Espiritismo vinte e três abrigos e hospitais, sem contar outras modalidades de assistência.

Podemo-nos jactar, graças a Deus, guardada a devida modéstia, como princípio de humildade, que esse admirável surto de trabalho assistencial que tão auspiciosos frutos vem produzindo, deve-se, em suas linhas gerais, à prática do Espiritismo Evangélico, ou Espiritismo religioso.

III

Lemos o belo e atraente trabalho de Armando Donnay, em Estudos Psíquicos *de Janeiro de 1958, a pág. 15, sob o título «Ernesto Bozzano, Sua Vida e Sua Obra».*

Quase todos os estudiosos do Espiritismo conhecem a personalidade de Bozzano, colocado entre os escritores espiritas mais lidos de todo o mundo. Analista emérito, passou grande parte de sua vida no estudo dos fenómenos supranormais, conseguindo reunir, talvez, o maior documentário existente, em torno da fenomenologia espirita. Pois é falando da vida desse gigante do pensamento que Armando Donnay nos relata o seguinte:

«Abramos aqui um parêntese. Torna-se necessário relembrar o passado filosófico de Ernesto Bozzano, a fim de provar que não há nele, contràriamente às afirmações de certos opositores, qualquer tendência para o misticismo que possa influir na sua maneira de ver.

«Esta objecção, segundo a qual os argumentos formulados pelos defensores da tese espirita não têm valor, porque os espiritistas são místicos que queriam fundar uma religião baseada nos fenómenos mediúnicos, é consequência duma observação incompleta do movimento espirita.

«O Espiritismo não se coloca como árbitro da Verdade. Não diz: «Acreditem nisto, porque o afirmamos», mas diz: «Examinai livremente, observai prudentemente». O Espiritismo não é obra dum homem nem duma seita; é o resultado da observação.

«Se é tomado em sentido religioso por multidões em que prevalece o sentimento, não significa que seja místico, mas apenas que as suas conclusões, rigorosamente experimentais, reconfortam grande número de almas e lhes dão — sobretudo — um comportamento religioso e moral. Quer dizer, o Espiritismo conci-

lia ao mesmo tempo as exigências da razão e a necessidade de crer em alguma coisa.

«Mas esta crença, esta fé não é cega, nasce dos factos. E demonstrada, raciocinada, esta fé, cujos elementos são a existência de Deus e a imortalidade da alma, é a base da Lei do Amor ao Cristo, que o Espiritismo retomou e desenvolveu com o intuito de transformar a vida social.

«Contudo, não devemos esquecer que, acima desta multidão onde prevalece o sentimento, há numerosos investigadores armados das liberdades do espírito moderno, habituados aos métodos científicos, em que prevalece a razão fria. Se eles admitem a tese espirita, não quer dizer que sejam místicos, mas que estão convencidos experimentalmente da sua evidência».

Este tópico, que consideramos magistral, aplica-se em todas as facetas ao Espiritismo vivido no Brasil e responde — assim o pensamos — às deduções de algumas figuras eminentes do último Congresso Espirita Internacional. Mostra este artigo também — o que sobremodo nos agrada —, que o grande Bozzano esposava o Espiritismo em sua feição religiosa, ou seja, como afirma Armando Donnay: «em seu comportamento religioso e moral.»

Segundo o dicionário de Cândido Figueiredo, 3.ª edição, na ortografia oficial, pág. 860, a palavra «misticismo» tem as seguintes definições:

a) Crença religiosa ou filosófica que admite a comunicação entre o homem e a divindade.

b) Devoção religiosa.

c) Tendência para acreditar no sobrenatural.

Afirmámos alhures que não somos «místicos»; e a definição de Cândido Figueiredo, quanto ao sentido dessa palavra, nos dá razão, pelo seguinte:

1.º — Os espiritistas não admitem o termo «comunicação oculta entre encarnados e desencarnados», porque esses trabalhos são levados a efeito, aqui no Brasil, a portas abertas.

No antigo Egipto, na India e na China, assim como em outros países circunvizinhos, segundo afirmam alguns escritores da antiguidade, o Espiritismo, ou melhor, o intercâmbio entre encarnados e desencarnados, era praticado às ocultas, isto é, em ambientes fechados, onde só penetravam as chamadas pitonisas (médiuns), os sacerdotes e os iniciados. Daí nasceram os termos: «ocultismo» e «ciências ocultas». Esses hábitos, pois, são muito diferentes do que se passa na actualidade entre nós, onde a entrada, nos Centros Espiritas, é pública e franca.

2.º — Por outro lado, não aceitamos a tese de que os homens se poderão comunicar com a divindade», quer dizer, Deus.

Os espiritistas comunicam-se com espíritos de todas as categorias, inclusive os grandes mentores da humanidade, mas jamais afirmam que se comunicam com Deus, ou mesmo com Jesus.

3.º — Devoção religiosa temos, porque nos devotamos ao estudo para atingir a perfeição e procuramos Deus com o pensamento, em nossas preces de agradecimento, ou quando solicitamos o seu auxílio, mas sem a pretensão de lhe falarmos, pois sabemos que Ele é imaterial, Espírito e Vida, tão sòmente.

4.º — Os espiritistas não acreditam, nem têm tendência para acreditar no sobrenatural. Ao contrário, para os kardecistas, todos os fenómenos que os espíritos nos apresentam, inclusive as curas, são produzidos dentro das leis naturais, embora, possam ser desconhecidas.

Não existe, portanto, para nós, o termo «sobrenatural».

Os três itens acima provam, cabalmente, que nós, os espiritistas, não somos «místicos».

Fazendo nossas as afirmativas de Armando Donnay, repetiremos: «O Espiritismo não é obra dum homem nem duma seita; é o resultado da observação. Se é tomado em sentido religioso por multidões em que prevalece o sentimento, não significa que seja «místico», mas apenas que as suas conclusões, rigorosamente experimentais, reconfortam as criaturas e lhes dão — sobretudo — um comportamento religioso e moral».

Fica patente, desse modo, que o Espiritismo no Brasil, onde talvez tenha mais espiritistas do que em todo o mundo ocidental e cujo movimento assistencial, expressando o mais puro cristianismo, segundo os ensinamentos do Cristo — «ama a teu próximo como a ti mesmo» — é maior do que o existente em todas as nações ocidentais juntas, no que se refere ao movimento espirita; nesse sector fica patente, repetimos, que o Espiritismo, nesta parte do mundo, é encarado como Espiritismo filosófico, científico e religioso, porque as suas conclusões, cientìficamente comprovadas, nos abrem caminho para voltarmos aos braços de Deus, quais filhos pródigos, segundo a parábola evangélica.

Ficamos hoje por aqui, pedindo a Deus ilumine todos os nossos irmãos.

ORAÇÃO À MULHER

Missionária da vida! Ampara o homem para que o homem te ampare. Não te conspurques no prazer, nem te mergulhes no vício.

A felicidade na Terra depende de ti, como o fruto depende da árvore. Mãe, sê o anjo do lar. Esposa, auxilia sempre. Companheira, acende o lume da esperança. Irmã, sacrifica-te e ajuda. Mestra, orienta o caminho. Enfermeira, compadece-te. Fonte sublime, se as feras do mal te poluiram as águas, imita a corrente cristalina que, no serviço a todos, expulsa do seio a lama que lhe atiram.

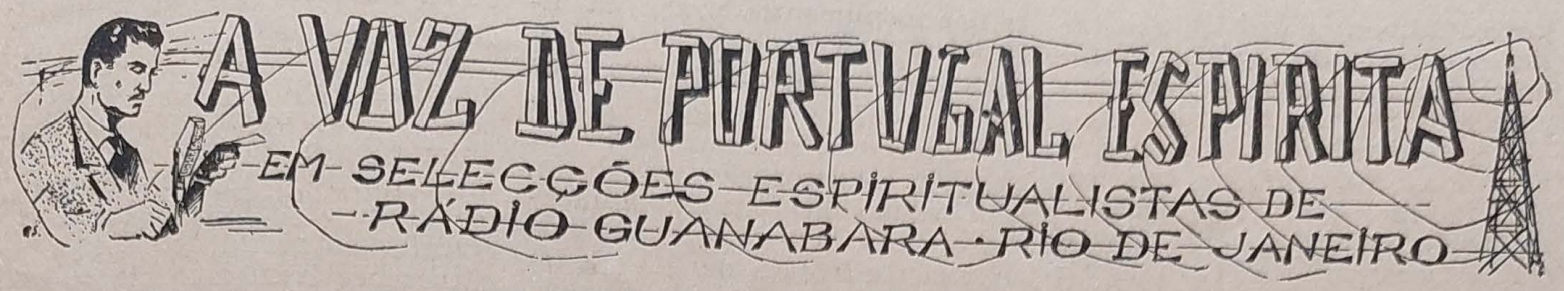
Por mais que te aflija a dificuldade, não te confies à tristeza ou ao desânimo.

Lembra os orfãos, os doentes, os velhos e os desvalidos da estrada que esperam por teus braços e sorri com serenidade para a luta.

Teu coração é uma estrela encarcerada.

Não lhe apagues a luz para que o amor resplandeça sobre as trevas.

MEIMEI



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

47

«EU SOU O KRUGER!»

Amigo radiouvinte:

Como nas peças de Pirandello, os factos espiritas andam à procura de narrador. Não é preciso recorrer aos Anais da Investigação para encontrar assunto. Os amigos do Além se encarregam de o arranjar nos mais variados tons e latitudes. São os melhores colaboradores da nossa propaganda. Quando lhes parece oportuno, surgem aqui e ali, de surpresa. Agitam a opinião pública, fazem diabruras aos incrédulos, que ficam com os miolos em água... E a imprensa fala no caso, um, dois, três dias. «Há espíritos em tal parte» e todo o mundo se dirige ao local indicado.

O que vou contar passou-se na cidade do Cabo, um dos mais belos portos da África do Sul. Um empregado bancário de 20 anos levantou-se da cama onde estava sentado e dirigiu-se à janela, como se estivesse mergulhado em sonho, o corpo retesado e os olhos fixos sobre o reflexo luminoso que ia do seu quarto à porta do armazém. E começou a falar com voz diferente num dialecto retintamente africano:

— Amigos, não tenham medo. Sou o oficial Kruger, da polícia de Goodwood. Ide a Elsies River, a casa de meu pai e dizei-lhe que sinto o que se passou entre nós. Peço-lhe que me perdoe. Não terei repouso, enquanto não me perdoar.

Segundo o *Psychic News*, este fenómeno deu que falar na África do Sul. Foi o ponto culminante de numerosas perturbações psíquicas que atingiram quatro adultos e uma criança e só terminaram com a descoberta do pai de Kruger.

O empregado bancário chama-se Jurie Wessels e vivia no mesmo quarto com Leonardo Coleman, telegrafista dos Correios da Cidade do Cabo. Pois este viu a sombra de um homem com boné de pala, na luz projectada na porta do armazém.

Os dois amigos sabiam que se iria passar alguma coisa anormal e fizeram uma prece. O primeiro viera de um colóquio com a namorada e dirigia-se de bicicleta para a garagem situada nas trazeiras da casa. Nesse momento viu um homem novo, de pé, em frente da porta, com a mão erguida para segurar Wessels e boné de pala na cabeça. Era a terceira vez que via esta figura do outro mundo.

Uma vez disse-lhe o espírito:

— Não tenhas medo. Visitar-te-ei esta noite no quarto. Espera-me lá.

Wessels correu a contar o caso a Coleman e ao outro locatário, Jacob Groenewald, mecânico dos correios, que foi a segunda testemunha, pois estava no quarto, quando Wessels caiu em transe mediúnico.

Nenhum deles era espiritista e por isso o caso provocou discussão mútua e resolveram procurar o pai da entidade. Seguiram no carro de Coleman e por intermédio da polícia souberam onde morava o velho Kruger. Souberam também que a entidade comunicante se chamava Jan Antonie Kruger, que era campeão de boxe e que morrera cinco anos antes num acidente de viação na ponte de Salt River, nos arredores da cidade. A casa Kruger fora adaptada a esquadra de polícia e o quarto do defunto em escritório. Finalmente, o filho abandonara a casa, em virtude de certas divergências com o pai.

O oficial da polícia que interrogaram confirmou tudo e disse que outros oficiais daquela corporação tinham sentido a presença de Kruger, após a morte.

Os dois companheiros não desanimaram. Era uma hora da madrugada, quando descobriram a pessoa em questão. O espírito disse-lhes que fossem a Elsies River, mas a polícia indicara-lhes a rua Weimar, onde não o tinham localizado. Contudo, voltaram a esta rua para nova pesquisa, quando Wessels se sentiu impelido irresistìvelmente para uma casa escura. Ao chegar depararam com esta nota pregada na porta e escrita em africano: «O sr. Kruger encontra-se no n.º 78 da rua Oxford, em Elsies River, depois das 18 horas». Era exactamente o local indicado pelo espírito e era também a residência de uma filha casada deste senhor. Entraram e transmitiram-lhe a mensagem. O pobre homem acabara de perder a esposa e calcula-se o conforto que recebeu, bem como a restante família. Voltou-se para os dois amigos e respondeu:

— Perdoo a meu filho. No meu coração há muito que lhe perdoei.

Este relato publicou-o Hughe Mackinson na revista sul-africana *Personality* e falou com os que tomaram parte no episódio. Uns e outros confirmam tudo sem a mínima reserva e muitos afirmam que não mais esquecerão a estranha experiência.

Eis uma grande prova de identidade que resiste à consabida transmissão de pensamento e à sugestão atribuída a muito fenómenos psíquicos e espiritas. Quantos não há que levam anos atrás de um testemunho! Outros, mais felizes, dão com ele aos primeiros passos.

Muitos seres humanos iniciam a «última viagem» cheios de receio e, quando compreendem o seu estado, surgem as preocupações morais que os acicataram na hora final. Vivem dramas pungentes, sem um minuto de descanso, fazem mil esforços para desabafar. Se encontram um médium no caminho, não o largam mais, até resolverem o seu problema essencial.

A maior parte dos lugares assombrados tem origem em casos semelhantes.

É o espírito liberto a afirmar a sua presença e a sua autonomia.

— Eu sou o Kruger!

Este foi talvez o maior desabafo da sua vida. Pesava-lhe a discórdia que tivera com o pai e buscava um perdão que o sosse-

gasse. É que nada existe que valha o sossego do espírito. A inquietação tritura os nervos, impede de raciocinar em calma.

A consciência é juiz de nossos actos e aponta caminhos que nem sempre se objectivam. Quando reconsideramos é às vezes tarde e o reconhecimento do erro não vai a tempo de saldar o débito.

Foi o que se deu aqui. O perdão salvou o espírito errante e preparou-o para novos surtos evolutivos.

E seguiu tranquilo em sua estrada. O «Kruger» foi ouvido e satisfeito um desejo que se transformou em grito de alma.

Boa noite, amigo. Até à próxima. Vivamos com alegria, sejamos fraternos e meditemos no assunto desta crónica.

48

O «FIÉL»

Amigo radiouvinte:

O caso de hoje é deveras comovente. Nem sei como hei-de começar a crónica. Quando falo nos animais há qualquer coisa em mim que se desdobra. Grande simpatia me leva para eles.

Entre todos, o cão exerce uma acção profícua junto do homem.

Já contei a história de um ser deste género, cujo dono o abandonara em terra longínqua, para depois vir encontrá-lo em circunstâncias dramáticas. Muitos ouvintes se comoveram, principalmente os que tinham sensibilidade apurada.

Agora foi outro cão que agitou os fios telegráficos em comunicado da *France Press*. Ao alto, uma legenda lacónica:

— Morreu o «Fiél».

O telegrama era de Florença, com data de nove de Junho. E dizia assim:

«Fiél», o cão que durante catorze anos esperou todas as tardes, à hora do crepúsculo, o dono Carlo Soriani, morto na guerra por ocasião de um bombardeamento, morreu também hoje.

«Algumas crianças descobriram o cadáver a meio do caminho da estrada que conduz à casa da viúva de Carlo Soriani, na paragem do autocarro onde o cão continuava a esperar em vão o regresso do dono.

«Segundo o desejo da população, o «Fiél» será enterrado junto do cemitério de Luco di Mugello, perto de Florença, onde repousa o dono. «Fiél» tinha já o seu monumento na praça da aldeia em que habitava o dono e fora condecorado há pouco com medalha de ouro de fidelidade».

Na verdade, este animal foi digno da condecoração da aldeia, embora não chegasse a compreender o gesto do povo, sempre dado ao reconhecimento de qualidades morais que excedem a craveira do vulgo.

Wertheimer escreveu que nenhum animal entende tão pouco a natureza humana como o cão. É que o homem não sabe corresponder-lhe em igualdade de sentimentos. É orgulhoso e egoísta e acha lógica a submissão do animal ao seu poder. Felizmente, há muitos donos que avaliam essas provas de humildade e constância. Sabemos de alguns capazes de correspondência perfeita.

Ninguém definiu claramente a espécie de liame que existe entre o cão e o dono. Será amizade? Será medo ou submissão voluntária? Ou estará o animal fora das leis psicológicas?

A concepção evolucionista das almas diz-nos que não há seres privilegiados e que na viagem dos milénios nos vamos temperando e aperfeiçoando. Se há probabilidades acerca da nossa descendência do símio, segundo as teorias de Wallace a Darvin, não custa acreditar que tenhamos atravessado o reino animal de harmonia com a nossa directriz. E os próprios minerais, onde há manifestações de vida, não nos devem ter sido estranhos. Portanto, a relação sentimental entre o homem e os animais domésticos deve pertencer às leis psicológicas. A única barreira visível e sensível é a linguagem. Ainda assim, a mímica supre em grande parte a existência de um idioma. Quantas vezes os próprios homens não são obrigados a recorrer a esse remédio, por falta de interprete adequado? E no mesmo povo surgem dificuldades de região para região.

A linguagem é segunda natureza. Quem fala um dialecto cria ambiente e vive nele. As coisas necessitam de nome para se qualificarem. Se não houvesse línguagem olharíamos para tudo de maneira diferente.

O gesto do «Fiel», a sua atitude permanente durante catorze anos no mesmo sítio à espera do amigo que não chegava, uma tristeza imensa estampada nos olhos meigos, tudo isto revela um coração sensível e cheio de amizade bem difícil de imitar. Além disso tinha memória e espírito de sacrifício.

Ignora-se o género de morte que lhe cortou a existência. Fosse como fosse, o cão de Florença animará um quadro estranho e único e talvez alguns videntes o localizem alguma vez ligado ao espírito do seu dono. Porque os cães sobrevivem à morte do corpo. Em toda a parte a sua imagem perispiritual tem sido mais ou menos notada, chegando até a verificar-se nos fenómenos de materialização.

Esta particularidade milita a favor dos animais superiores. Se acompanham e ajudam o homem no lar, nas viagens e nos serviços agrícolas, podemos admitir que sobrevivam, como sobrevive o homem.

Locke era de opinião que uma infinidade de seres inferiores ao homem prova uma infinidade de seres superiores a ele. Numa palavra, estamos num ciclo de vida comum a todas as espécies e os movimentos desta afectam os daquela. Pertencemos a uma cadeia. Nela vivemos, nela progredimos, o mesmo sucedendo a cada espécie. No fundo, as cadeias são absolutamente solidárias, porque em tudo existe unidade natural.

Conhecemos indivíduos inferiores ao cão da *France Presse*. Filhos que não conhecem os pais, mães que matam os filhos ou que os abandonam para sempre, homens que exploram as mulheres, que assassinam traiçoeiramente, sem vislumbre de remorso, como se não tivessem alma ou a tivessem petrificada... Tantas anomalias, tantas aberrações humanas que, só por si, exaltam o exemplo do «Fiél»!

Não digam que é o Destino, porque nós somos responsáveis e o dever de cada qual é refugiar-se na humildade e admitir o princípio anímico nos irmãos inferiores, com os quais temos muito que aprender em dedicação e renúncia.

Tantas coisas teria dito o «Fiel», se pudesse falar! Tantas coisas inéditas, tantas coisas magníficas impregnadas de servidão e de cativeiro! Tantas coisas teria dito o pobre «Fiél», o cão de alma lavada que desprezava as riquezas mundanas que não existiam para ele! Tantas coisas teria dito!

Mas foi melhor não dizer nada. O homem aprenderá em sofrimento e a vida continuará a ser escola de trabalho.

Boa noite, amigo. Deus proteja a tua vida e a tua terra.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

INSTITUTO ESPIRITA DIAS DA CRUZ

Já nos temos referido a esta agremiação, ora sob os auspícios de uma notável Directoria a que preside o nosso confrade e amigo Dr. João Pompílio de Almeida Filho. A referência de hoje tem carácter especial. É que em 1957 completou 50 anos de trabalho em prol da assistência gaúcha, nessa Porto Alegre de maravilhas naturais que se espreguiça ao som murmurejante de águas claras, na confluência de cinco rios fraternos.

Prendem-nos ao Instituto recordações muito queridas. Lá passámos horas agradabilíssimas em convívio espiritual e guardamos o depoimento para o nosso livro sobre o Brasil. Queremos que fique nessa obra uma alusão forte a respeito desta colectividade e, sobretudo, da *Casa do Pequenino*, que o Dr. Pompílio viu nascer e crescer, em noites mal dormidas, em crescentes anseios, em lutas porfiosas.

Temos em nossas mãos o meio século de vida do Instituto Dias da Cruz. Percorrê-lo, mesmo resumidamente, é aprender uma lição de esforço elevado em benefício do próximo. Nunca a solidariedade humana atingiu maior expoente do que nesses anos plenos de esperança, durante os quais obreiros de toda a espécie depositaram seus óbulos de incitamento, para que a obra se alteasse sob a direcção dos responsáveis.

Em 1907, alguns confrades recebiam indicações para a formação do *Grupo «Dias da Cruz»*, o chamado «médico dos pobres» que na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro tivera a seu cargo a cadeira de Patologia Geral e em 1877 caía varado por uma baioneta, ao defender a urna, quando presidia a sessão eleitoral na Igreja do Sacramento.

Um ano depois fundava-se a *Sociedade Espirita Dias da Cruz*, que viveu tempos em sucessivas modificações até 1931, data em que surgiu o *Instituto Espirita Dias da Cruz*, cujo 1.º Presidente foi o pioneiro Israel Correia da Silva. Daí em diante houve três reformas estatutárias, a fim de atender às exigências da assistência social, que se tornava cada vez mais necessária.

Os corpos gerentes desta colectividade, desde a fundação até hoje, englobam quase todas as grandes figuras do Espiritismo riograndense. Muitos são do nosso conhecimento pessoal, outros deixaram traços do seu trabalho e outros integraram-se de tal modo no pensamento das entidades espirituais que superintenderam na empresa, que falar nesta é falar de seus nomes.

Não vamos referi-los, que encheriam três páginas da revista.

O Departamento Espiritual foi a primeira actividade do Instituto e presentemente conta 300 obreiros em grupos mediúnicos, em trabalhos doutrinários, de receituário e de passes. Há dois anos funcionavam 19 grupos: um de orientação e desobsessão, dois de desobsessão, quatro de estudo e auxílio espiritual e um de irradiação e preces.

De 1936 a 1956 houve 605.424 consultas e 664.976 passes magnéticos.

O seu Abrigo Nocturno também foi operoso. De 1931 a 1956 albergou 525.253 homens e 172.274 mulheres, num total de 698.527 indivíduos.

De 1937 a 1956, o albergamento de menores foi: até 5 anos, 17.306 do sexo-masculino e 22.608 do sexo feminino. De 6 a 16 anos, 22.367 do sexo masculino e 13.049 do sexo feminino. Albergamento de mães: de 1948 a 1956, 17.800.

Rações distribuidas de 1943 a 1956: café com pão, 792.090. Sopa, 148.956. Leite, 66.017. Total — 1.007.063.

A *Casa do Pequenino* é o seu departamento mais grandioso. Será «um farol aceso para os desalentados que se arrastam na miséria dos que vivem embrutecidos pelos instintos inferiores, dos enfermos do corpo, dos desnudos, dos famintos, dos sedentos de carinho e de amor do proximo», como disse algures o Dr. Pompílio. Tem uma história digna de ser contada, em que os terrícolas trabalharam com denodo sob a direcção do Alto.

A assistência à criança foi atendida em todas as facetas. Os recém-nascidos até um ano terão 40 leitos, com instalações complementares, ou sejam lactário, cozinha dietética, copa de distribuição e copa de lavagem.

Os pequenos em idade escolar terão classe maternal e jardim da infância. Haverá também aulas para o curso primário, praça de recreio e de educação física, biblioteca e clube para crianças.

Será constituído por quatro pavimentos, seis dormitórios com 120 leitos, enfermaria com 16 leitos e um solário. Recolher-se-ão igualmente meninas até 18 anos, as quais serão preparadas para o lar, para o comércio ou para a oficina.

No 2.º andar haverá um vasto auditório para 550 crianças sentadas, com um grande palco, camarins para os dois sexos, serviços sanitários, etc. É um verdadeiro teatro em miniatura, permitindo recreação através de cinema, onde pais e filhos poderão assistir a espectáculos elevados.

Para terminar, diremos que o seu *Dispensário Homeopático*, de 1936 a 1956, distribuiu medicamentos gratuitos a 368.202 pessoas, que receberam 1.130.158 remédios preparados, e que, no mesmo período, a *Caixa de Assistência aos Necessitados* atendeu 15.625 pessoas, que receberam Cr$ 130.384,90 em dinheiro, além de medicamentos, géneros alimentícios e refeições preparadas.

Deste resumo se infere que o *Instituto Dias da Cruz*, de Porto Alegre, é uma agremiação digna de louvor e auxílio. A sua obra é magnífica e tende a crescer no âmbito da solidariedade.

Estudos Psíquicos envia ao seu presidente, Dr. João Pompílio de Almeida Filho, as mais sinceras felicitações.

FENÓMENO DE PIROVASIA

A APPEEM informa que assim designam os parapsicólogos a marcha com os pés nus sobre o fogo. Numa reunião internacional patrocinada pela *Parapsychology Fundation*, de Nova Iorque, o Dr. Pietro Cazzoli apresentou um informe da expedição às cidades gregas de Langadha e Santa Elena, onde se pratica a *pirovasia*. A expedição, segundo a revista *Light*, de Londres, era formada por um grupo que representava o *Centro de Estudos de Parapsicologia de Bolonha*. Através de pirómetros adequados, comprovaram a temperatura das brasas e tomaram toda a espécie de precauções para fiscalizar o excepcional fenómeno (insensibilidade e incombustibilidade do corpo humano em contacto com as brasas).

Já nos referimos em tempos ao caso de Kuda Bux, que assombrou os investigadores com fenómeno semelhante. Muitos faquires indianos possuem esta faculdade.

RIU-SE DO AVISO MEDIÚNICO ...

Two Worlds de 14 do corrente insere uma notícia, segundo a qual o sr. John Page Hopps, director de vendas da *Imperial Tipewriter Company*, de Leicester, morreu num acidente de estrada em 23 de Maio último por ter desprezado o aviso de um médium.

Hopps tinha 47 anos e era amador de corridas de automóvel. Dirigia-se para Scilly Isles no seu carro de corrida, quando chocou com um caminhão. Sua irmã ficou bastante ferida.

Na véspera do desastre, reuniu-se o trio musical Gordon Willford e sua irmã Scheila (ambos espiritistas) e John Stafford, empregado na Imperial Typewriter Company.

Willford fez tratamento magnético a Stafford e ao mesmo tempo relatou-lhe algumas clarividências. Disse que via determinadas partes de um motor. Depois descreveu em pormenor um carro com extintor de incêndio que era precisamente o de John Hopps, que o clarividente não conhecia. Scheila, que também era clarividente, descreveu a Stafford um acidente sucedido numa curva da estrada com um carro a grande velocidade, acrescentando que a vida de Hopps estava em perigo e que devia ter o maior cuidado a guiar.

Quando Stafford contou o caso ao seu director, este perguntou:

— Como fazem eles isso?

— É por meio de vibrações.

Hopps deu-lhe uma palmada na perna e respondeu com uma gargalhada.

Foi a sua última gargalhada. No dia seguinte morria no acidente que Scheila Willford vira por clarividência. O desastre deu-se exactamente como fora dito.

Stafford telefonou para a fábrica a dar notícias do sucedido e disse que vários empregados tinham ficado consternados. Estes já não estão dispostos a rir-se do Espiritismo, porque souberam do aviso, antes da morte de Hopps.

UMA HISTÓRIA PSÍQUICA

O Clarim, de Matão, extraiu do *Psychic News* o seguinte relato:

«Lord Elton contou esta história psíquica numa das suas palestras radiofónicas semanais:

«Certa vez estava ele a discursar numa escola e atacou a «superstição das coisas sobrenaturais», quando, pouco depois, um ouvinte cónego lhe relatou a sua aventura pessoal.

«Caminhava o relator por uma rua solitária, quando ouviu uma voz dizer-lhe: «Siga para Birmingham». Nesse momento passava ele próximo de altos cercados, e, como não lobrigasse ninguém, prosseguiu na sua caminhada.

«Mais adiante, ao atravessar um campo aberto, de novo ouviu a voz imperiosa: «Siga para Birmingham!». Também não viu ninguém; mas, de tal modo o impressionou a urgência da exclamação, que imediatamente voltou a casa e arrumou a mala.

«O cónego chegou a Birmingham de madrugada e sentiu-se um tanto aparvalhado por desconhecer o propósito da sua missão, resolvendo então pedir a um policial que lhe indicasse um hotel.

«Este indicou-lhe o Hotel Bull. Alguns passos andados e a mesma voz lhe bradou: «Não vá ao Bull. Vá ao Bear». O cónego voltou-se para o policial e perguntou-lhe:

«— Porque diz isso?

«Mas o guarda de segurança pública afirmou que nada havia dito.

«O cónego hospedou-se no Bear e poucas horas depois o porteiro acordou-o, pedindo-lhe a caridade de prestar os serviços religiosos a um homem aparentemente moribundo noutra dependência do hotel.

«O clérigo atendeu o pedido e descobriu na pessoa do enfermo um velho amigo americano que não via há muitos anos.

«No dia anterior o americano suplicara fervorosamente para que o cónego o socorresse antes do falecimento».

MOCIDADES ESPIRITAS

Continuam entusiásticos em Teresina os preparativos destinados à *4.ª Conferência de Mocidades e Juventudes Espíritas do Norte e Nordeste do Brasil*, a realizar na capital do Piauí, de 9 a 13 de Julho vindouro, sob o patrocínio da Federação Espirita Brasileira.

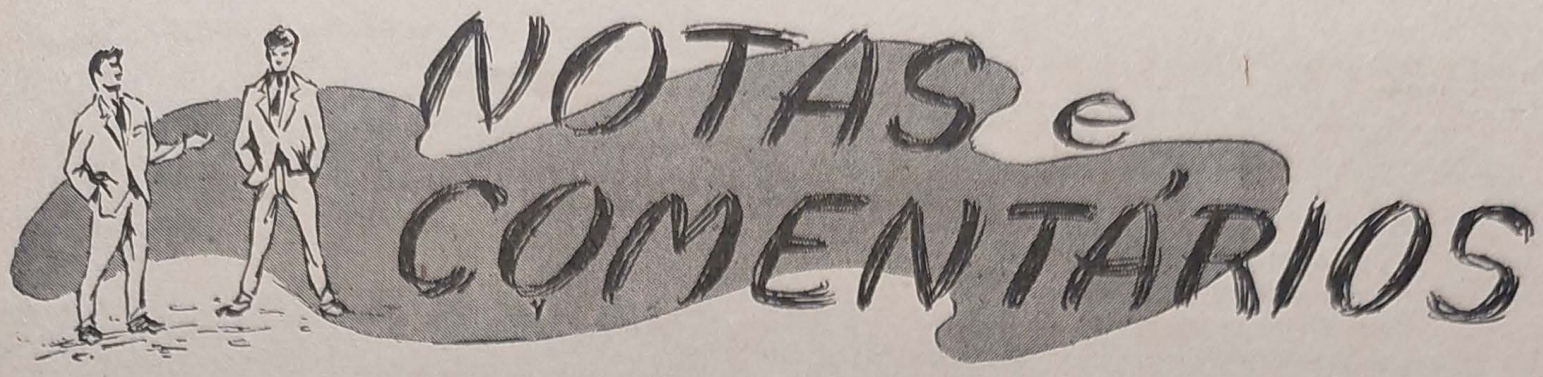
Estão convidadas as agremiações Juvenis Espiritas do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraiba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Os Departamentos Estaduais de Belém, Fortaleza, Recife, Maceió e Salvador já foram visitados pessoalmente por representantes da Comissão Organizadora do Congresso e asseguraram a sua comparência. De Manaus, São Luís e Natal também foram recebidas comunicações de adesão ao importante certame.

O Estado de Minas também se fará representar e espera-se a presença de um representante de moços espiritas argentinos.

Fazemos votos pelo êxito do empreendimento e agradecemos a notícia que nos foi enviada.

PROGRESSO ESPIRITA

O *Círculo de Estudios Progreso Espirita* de Buenos Aires teve a gentileza de nos comunicar a eleição dos seus Corpos Gerentes, constituídos pelos seguintes confrades: *Presidente*—Natálio Ceccarini; *Vice-presidente* — Maria de La Paz M. de Coppola; *Secretário* — E. T. Dola; *2.º secretário* — Mariano López; *Tesoureiro* — Santiago de Dominicis; *2.º tesoureiro* — Ida Bleeker; *Vogais* — César Bogo, Rose Ceccarini, Georgette de Laulke, Félix Vissillac, Matilde de López, Salvador Cantarella e Emília de Martínez. *Suplentes* — Rosário de Montenegro e Maria Celasco. *Comissão de Contas* — Hermínio Crocitto e Dora de Aparício.



ASSIM SE FAZ A HISTÓRIA!

O velho Marquês de Pombal, homem sagaz e experimentado, afirmava que havia gente para tudo, até para andar no mar. Tinha razão o ministro de D. José. Há gente para tudo.

O sr. Didier Daurat, segundo lemos em La Revue Spirite, *de Maio-Junho, é um homem extraordinário e de grande coragem, que publicou um livro em 1956 intitulado «Dans le Vent des Hélices», dedicado à aviação. Nele se relata a proesa da senhora Adrienne Rolland, grande aviadora que atravessou a Cordilheira dos Andes, em voo directo, guiada por indicações mediúnicas. Simplesmente o sr. Daurat está incluído na falange do Marquês e por isso engendrou um índio e alcandorou-o em cicerone da notável aviadora.*

Sabedor do caso, Hubert Forestier, director de La Revue Spirite, *interrogou a senhora Rolland, a qual respondeu:*

«Gostaria imenso que informasse os seus leitores acerca do verdadeiro espanto que em mim produziu a versão fantasista do sr. Didier Daurat, acerca do auxílio que recebi na travessia dos Andes.

«Confirmo a verdade das minhas afirmações: É a um médium que devo todas as indicações recebidas e não a um índio que conhecesse a região, segundo pretende o sr. Daurat».

Forestier diz que a senhora Rolland vai informar o autor do livro, no sentido de que venha a rectificar as suas informações.

Apesar das tentativas em contrário, a verdade brilha sempre, como luz inofuscável. Há sempre um Daurat no mar, mesmo que ande em terra como as gaivotas. No fundo admiramos a desfaçatez de um escriba que ofende o público a que se dirige, sem respeito algum por si próprio. Veicular uma verdade alterada por falta de elemento informativo é acto lamentável; mas alterá-la propositadamente, como fez o escritor francês, é acção que merece correctivo.

Sr. Daurat, é preciso cuidadinho com a verdade, que não tem pés e anda. Por isso o nosso povo diz que melhor se apanha um mentiroso, que um coxo.

O ECTOPLASMA NÃO É «LEGAL» ...

Ainda segundo Voz Informativa, *a brusquidão com que a polícia inglesa interrompeu a sessão com a médium de materializações Helena Duncan agravou a saúde desta senhora, que faleceu alguns dias depois. A busca policial não deu resultado no tocante aos elementos materiais que serviriam de ectoplasma para enganar incautos, mas todos conhecem os perigos a que se expõe o médium ante a luz branca.*

O marido da vítima lembrou-se de processar as autoridades, mas alguns advogados desaconselharam o intento. Disseram que o ectoplasma não é «legal» e que os atestados médicos referentes ao falecimento ilibariam a polícia de toda a responsabilidade. A opinião do advogado que defendeu a médium no processo por bruxaria que em tempos lhe haviam instaurado é esta:

— Helena Duncan foi assassinada.

Esta mulher foi presa por «bruxaria» com base numa lei de 1735. Ali mesmo propôs fazer uma demonstração das suas faculdades psíquicas, mas o tribunal não aceitou a... oferta. Esta e outras injustiças criaram em Inglaterra um ambiente favorável à extinção de leis obsoletas que foram revogadas, assegurando ao Espiritismo a liberdade que disfruta actualmente.

Como nos encontramos atrasados em matéria de ciências psíquicas! O estômago e os intestinos continuam a dominar o cérebro no ano da graça de 1958...

O PODER DA VIDÊNCIA

Lemos em Voz Informativa *que, segundo T. G W., a capacidade dos clarividentes de perceber os espíritos dos recentemente falecidos depende do desenvolvimento do médium e de suas atitudes para ser utilizado pelos guias. Geralmente, «vê» uma figura mental por vezes muito clara e com certa animação e colorido. Mas estas figuras podem ser de diversos tamanhos, de corpo inteiro ou simplesmente de busto ou de cabeça, o necessário, enfim, para fornecer a identificação.*

A melhor maneira de identificar as entidades consiste em provocar com o pensamento uma figura delas próprias. Isto explica também as desilusões que se produzem, quando um indivíduo se não pode recordar com exactidão como era fìsicamente. Esta figura mental é que os falecidos conseguem formar por si mesmos ou com o auxílio de entidades mais experientes.

UM VATICÍNIO REALIZADO

Na «Great Metropolitan Spiritualist Association» de Londres realizou-se em 1940 uma sessão, na qual se fez um vaticínio a respeito do engenho russo que anda em torno da Terra. A Guerra Mundial estava no seu início, as paixões mantinham-se exacerbadas e o facto não caiu bem nos circunstantes. O médium H. S. Hambling proferiu então as seguintes palavras:

— A Rússia terá que provar que está no caminho do progresso humano. As suas razões serão suspeitas, mas os seus êxitos desmentirão os que desacreditarem as suas intenções. A ciência astronómica parece ser o campo em que despertará a admiração mundial. Os seus esforços levá-la-ão ao espaço exterior do mundo, bom sinal do espírito humano em suas aspirações.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 1 de Junho último, o nosso companheiro António Cardoso realizou no *Centro Espiritualista Luz e Amor* a sua anunciada conferência intitulada «A Psicologia do Tempo».

Foi, na verdade, uma exposição interessante através de plantas carnívoras que reagem a fenómenos periódicos, passando pelos fenómenos ondulatórios e pelos contrastes das coisas, em quadros expressivos que despertaram atenção e curiosidade quantos o ouviram.

A primeira coisa que ventilou foi o caso dos relógios vegetais, pois assim intitulou o girassol, que abre e fecha a horas determinadas, e o feijoeiro, cujas folhas mudam de posição, depois de expostas certo tempo à luz artificial, atribuindo o fenómeno à hereditariedade.

Referiu-se em seguida aos animais que parecem ter noção do tempo e relatou experiências com cães e abelhas feitas na Rússia e em França. Finalmente estudou o assunto nos domínios humanos lembrando um garoto que foi um dia conduzido à Granja do Marquês, a fim de realizar um pequeno voo e, quando pousaram, disse o tempo exacto que tinha permanecido no ar.

Falou na percepção do futuro e no tempo psicológico e terminou com esta pergunta:

— Será possível paralizar o tempo, isto é, fazer com que ele não influa no indivíduo? Os teósofos dizem que sim, mas eu não o posso afirmar categòricamente.

O presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos, fez a crítica da conferência congratulando-se com o orador e apresentando vários problemas decorrentes da exposição que todos ouviram agradàvelmente.

COMUNICAÇÕES

Comunicaram-nos a eleição dos seus Corpos Gerentes as seguintes agremiações, às quais desejamos os maiores progressos materiais e espirituais: *Associação Espirita Estudantes da Verdade*, de Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro, presidida por Aleixo Vítor Magaldi, nosso representante na Cidade do Aço; a *Mocidade Espirita «Bittencourt* de Anápolis, Estado de Goiás, da presidência de Balduino Silva, e o *Instituto Espirita João Evangelista*, do Recife, presidido por Helena Moreira.

TRABALHOS DO CENTRO EM JULHO DE 1958

Dia 1, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano» dirigido por António Cardoso.

Dia 2, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de captação com a médium D. Ermelinda, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 3, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de irradiação mental «Réper-Siam» dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 4, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec» com a médium D. Maria Cecília Gorina, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina, dirigido por J. F. Cabrita.

Dia 8, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 9, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de captação, com a médium D. Ermelinda, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 10, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Réper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 11, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «As Forças Ocultas do Homem — Energias Cósmicas e Fluidos Aplicados às Doenças Orgânicas e Mentais».

Dia 15, 3.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano» dirigido por António Cardoso.

Dia 16, 4.ª-feira, às 21.30 — Grupo de captação, com a médium D. Ermelinda, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 17, 5.ª-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Réper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 18, 6.ª-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 20, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 22, 3.ª-feira, às 21.30 — Grupo Léon Denis, com a médium D. Maria Fernanda Moreira, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 23, 4.ª-feira, às 21.30 — Grupo de captação com a médium D. Ermelinda, dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 24, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Réper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 25, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec» com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 27, domingo, às 16 horas — **Festa de encerramento dos trabalhos do Centro com números de canto, música e declamação. Os sócios podem ser acompanhados de suas famílias.**

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Junho — Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

A. J. L. Dias, do Porto, 100$00; M. V. L., do Estoril, 100$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Anónimo, de Lisboa, 10$00; D. Celeste F. G., de Coimbra, 5$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zéto, de Tavira, 2$50; R. Manuel, de Setubal, 2$50; M. Teresa, de Tomar, 5$00; A. L., de Lisboa, 10$00; V. L., de Lisboa, 10$00; C., 5$00; M. L., 10$00. *Total 270$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estado da Doutrina Espirita	15$00
A Prece	10$00
Espiritismo	15$00
O principiante Espirita	15$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 42$00	30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 42$00	30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 42$00	30$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 42$00	30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	25$00
Depois da Morte (nova edição)	40$00
O Porquê da Vida	20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	40$00
No Invisível (nova edição)	45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	45$00
A Evolução Anímica	42$00
O Fenómeno Espirita	40$00
A Alma é Imortal	45$00
A Reencarnação	45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	20$00
Enigmas da Psicometria	25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	32$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	20$00
Xenoglossia	25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	30$00
Casas Mal-assombradas	40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	60$00
Narrações do Infinito	25$00
Urânia	35$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

br.

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00	25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00.	30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís*	35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel*	60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel*	35$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel*	
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes	38$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00	30$00
Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado	130$00
Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus	50$00
Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religoso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal	35$00
Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões»	30$00
Bagavad Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas	34$00
Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.	
1.º vol. — **A Caminho do Abismo,** passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572	30$00
2.º vol. — **Senda de Espinhos.** A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta	30$00
3.º vol. — **Estrada de Damasco.** Quadros da vida humana numa fazenda brasileira	30$00
O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritas — encadernado	40$00
Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos	54$00

	br.
Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire*	25$00
Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise	25$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança	60$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00	50$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espirita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar-Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu — enc. 35$00	20$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00	20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

ESTELA ROBERTS
grande médium londrina

(Ver pág. 299)

CONTÉM: Renova, da **Redacção;** Porquê, Doutor?, pelo **General Levino Cornélio Wischral;** Regresso do Desconhecido, por **Francisco Castilho;** Palestras Doutrinárias — 5 — Crédulos e Incrédulos; Longe, por **Manuel de Sousa;** Ascendamos ao Alto, por **Maria Inês Serra;** Provas Espiritas em Línguas Estrangeiras; Mensagens aos Materialistas — Explicações Claras Sobre os Factos Relatados Anteriormente, por **José Francisco Cabrita;** Apologia da Prece, por **Alfredo Miguel;** Ecos de Uma Viagem — XL — Um Departamento e Uma Conferência, por **Isidoro Duarte Santos;** As Ideias Espiritas de Abraham Lincoln, por **Enid S. Smith;** A Vida do Além, por **José Lhomme;** Bilhete Fraterno aos Assinantes do Brasil; O Milagre da «Mermaid», por **Harev Berman;** Acolhimento (de um novo livro de Lia), recebido por **Isidoro Duarte Santos;** Quarta Confraternização, por **José Simões de Matos;** A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos;** Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Noticiário.

19.º ANO — OUTUBRO DE 1958 — N.º 10

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos*, *Deolindo Amorim*, *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*, *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*, *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

Distribuidores: Agência Internacional de Livraria e Publicações—R. S. Nicolau, 119-2.º—Telef. 26 94 02

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
Juiz de Fora — *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Porto Alegre — *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

19.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1958 — N.º 10

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

RENOVA

Tudo se renova no oceano imenso da Natureza, para que a vida se mantenha estável. Quando a planta cresce e se torna árvore, aparece o sarmento a compensar a perda vital, numa espécie de reserva biológica. E se as guerras dizimam os povos, os nascimentos favorecem principalmente o sexo masculino. Por isso, não tenham medo os economistas, quando se referem ao aumento progressivo das populações. A terra dá para todos os seres. Nenhum ficará sem abrigo e sem pão.

Cazotte, no livro «O Fim do Mundo pela Ciência», escuda-se em premissas baseadas no «pecado original» e no progresso do seu tempo e faz entrar o homem no subsolo à busca dos últimos resíduos de carvão, depois de cortar as árvores da superfície. Se tivesse chegado à era atómica, veria que o carvão poderia ficar tranquilo em seus jazigos, sem que se aproximasse o fim do mundo que ele profetizara ...

Tudo se renova incessantemente. A força que preside às mutações vela pelo equilíbrio.

Podemos analisar os fenómenos físicos, os fenómenos sociais e os fenómenos electromagnéticos. Parecem diferentes, mas estão subordinados à mesma lei. Em todos eles há um ponto de contacto que os liga à Natureza. E o renovo aparece sempre ... O corpo humano modifica-se a cada instante. O aspecto dos campos altera-se também em cada estação do ano.

Quem estuda uma doutrina e a propaga, também tem necessidade de renovação. O que fica são lições que se deram. Nem todas se aprenderam, é certo, em razão do conhecimento ou em razão do método. Mas hão-de aprender-se oportunamente. Um dia saberemos mais.

O homem renova-se em todos os sentidos, pondo em jogo os trunfos ou procurando elementos de trabalho positivo. Às vezes claudica, às vezes cai na sua jornada de séculos e o exemplo feito história é meditação de vindouros. A experiência da vida alarga-se a sectores novos que o progresso engendra e os seres são colhidos na passagem.

As acções de hoje são diferentes das de ontem. O figurino adapta-se ao tempo e ao meio, como a luva se adapta à mão. Mas se tudo se renova na mesma frequência, é possível que se ignore o fenómeno ou se compreenda mal.

Aqui surge um problema: Que é que se renova primeiro: o homem ou a ideia? Cremos que deve ser o homem, porque as ideias são formas de pensamento que se captam e exercem em nós relativa impressão. Depois de modificados pela influência mental captamos outras ideias e assim sucessivamente ...

O conservantismo é ilógico e aqueles que o cultivam atrasam a marcha para a frente. O que é preciso é afinar o ritmo: nem lento, nem rápido. Quem assim fizer será actual, compreenderá o mundo, não viverá deslocado ou segregado.

No Espiritismo há velhos inflexíveis e novos de ideias maleáveis. Os primeiros têm que adaptar-se aos tempos. Sabemos que é mais difícil vergar um tronco, do que um rebento. Mas não é impossível. Há necessidades que são lei e a lei deve cumprir-se.

Não somos dos que se aferram à tradição e voltam costas à realidade. Somos de ontem, de hoje e de sempre. Devemos conhecer os novos e instruí-los em liberdade.

A descendência não é marca indelével à guisa de carimbo. Há muitos factores que a diferenciam em cada geração. Influenciam as almas e os corpos. Nada escapa ao seu domínio preponderante.

A comporta não evita a invasão das águas, que buscam novas direcções e às vezes rompem os diques. O melhor é deixá-las seguir o rumo natural.

Tudo se renova no oceano imenso da Natureza. Sejamos lógicos, acompanhemos o ritmo do progresso, abandonando nichos que isolam e privilégios que matam.

PORQUÊ, DOUTOR?

Pelo General LEVINO CORNÉLIO WISCHRAL

Olhos esbugalhados, peito ofegante, ventre volumoso, fisionomia de pavor, lá estava Alonso a se debater, em dolorosa convulsão, sobre a cama de pau-marfim, guarnecida de linhos puros e rendas valiosas. O dormitório, luxuoso e amplo, acompanhava as linhas magníficas daquele distinto solar da Avenida Batel.

Desde alguns anos, Alonso suportava, ali, em seu leito de dor, uma dura expiação. Os mais afamados médicos desfilaram à sua cabeceira deixando receitas às centenas; recursos terapêuticos, os mais modernos, foram lembrados e aplicados; especialistas da Europa e da América foram convocados; riquezas e mais riquezas foram gastas; todavia a ascite, barriga-d'água, no dizer do povo — continuava rebelde, invencível, a zombar dos recursos científicos.

Com o decorrer dos meses a aflição aumentava de intensidade, chegando a transformar aquele moço de dezoito anos num velho de rosto encarquilhado pela dor.

Tal moléstia que, no dizer dos entendidos, só acomete os velhos ou os que abusam do álcool, ou ainda os contaminados pelas toxinas de alguma doença grave, inexplicàvelmente, porém, vitimou Alonso sem que este estivesse incluído em algum desses casos, conforme, aliás, apuraram os médicos assistentes em suas pesquisas e exames. O ponto de partida da enfermidade constituía a grande interrogação que se assinalava misteriosa nas conferências médicas.

Uma vez por semana eram extraídos de seu ventre doze a quinze litros de água para aliviar-lhe a agonia; assim procedendo, evitava-se a morte certa que se daria através de hemorragias pela ruptura das veias do esófago.

Alonso, de inteligência viva, entristecido, observava os olhares não menos tristes, acompanhados de expressões piedosas de seus familiares e amigos que, inùtilmente, procuravam consolá-lo; já estava fatigado de tanta simulação.

Lentamente, formou-se em torno da família Lopes uma onda de pavor, parecia que algo de grave e misterioso amaldiçoava aquele rico palacete. À noite e algumas vezes durante o dia, podia-se ouvir, não se sabendo partidos donde, gritos plangentes de dor acompanhados de palavras de ódio e vingança. O medo e a ansiedade fixavam-se em todos os familiares e o solar tornou-se moradia de fantasmas.

Aflito, o austero Lopes chorava às escondidas, para que suas lágrimas e seu pranto não magoassem, mais ainda, o coração bondoso de sua Cármen, idolatrada companheira de longa jornada. De modo semelhante procedia a boa velhinha que, apesar de tudo, ainda se mostrava firme e confiante.

Depois de Dolores, filha mais velha, vinha Juan, Consuelo, Ramiro, Fernando e outro, sendo Alonso, o caçula, querido de todos, menina dos olhos dos pais e amigos; era Alonso, sem exagero, considerado o «namorado mui querido e lembrado de todos os momentos».

Agora era D. Cármen a amorosa mãezinha que, no seu rosário de sofrimentos, se achava abatida e extenuada pelas preocupações e apenas sabia interrogar, de semblante aparentando alucinação:

— Doutor, porque sofre tanto meu filhinho?

Só sabia pronunciar esta frase que, invariàvelmente, dirigia aos médicos, aos visitantes, aos filhos e aos santos de seu oratório, quando, contrita, se prostrava em prece.

Fazia pena observar a família Lopes mergulhada em densa atmosfera de abatimento, desânimo e confusão; o padecimento atingia a todos e não estava longe de chegar às raias de contagiante desespero colectivo.

A revolta e a lamúria contra Deus, ainda mais saturavam de dor e aflição aquele desolado lar. Todos estavam desorientados, tudo descambava, parecia até que o pesado palacete se abatia fragorosamente sobre os seus infelizes ocupantes, quando Consuelo, de coração mais puro e humilde, intuitiva ao extremo, resolveu invocar, através de veemente oração, o socorro de Jesus, o bondoso Cristo-Médico para todos os momentos difíceis.

Parecia que Consuelo ouvira agora, ao se ajoelhar em contrita prece, a própria voz de Jesus, tal como em remotas épocas passadas, quando o Divino, meigo e sereno exortava à multidão necessitada e maltrapilha, dizendo:

— «Está alguém entre vós aflito? Ore então!

Nesse santo colóquio foi a moça envolvida numa atmosfera de amor e sublimidade, enquanto dos céus caíam sobre ela perfumadas pétalas de rosa em forma de estranha neblina — bênçãos de Jesus — destinada a alegrar aquele coração amargurado. Apesar de sua lacrimosa face, exclamou extática:

— Quanto júbilo, meu Deus!

E pela primeira vez sentiu que a sua prece fora ouvida!

Enquanto a maravilhosa alegria inundava o coração de Consuelo, era Alonso rudemente atintido pelo desgosto. Os médicos, para satisfazê-lo, desenganaram-no afinal; teria apenas, quando muito, duas semanas de vida.

Forçada pela dolorosa contingência, contrariando preceitos religiosos e normas sociais, foi a família Lopes, como último recurso, bater, constrangida e apressada, às portas do centro espirita mais próximo.

De afogadilho suplicavam, todos ao mesmo tempo, uma cura rápida e milagrosa, uma imediata solução para os seus problemas cruciantes!

O dirigente dos trabalhos mediúnicos, humilde e paciente, esclareceu à descontrolada família Lopes que tudo o que nos acontecia se processava dentro do ritmo imutável da lei de causa e efeito e que o caso relatado nada mais era do que a colheita obrigatória do que fora semeado através de obras, atitudes e pensamentos, ou em outras vidas transactas.

Deu-nos gosto acompanhar o doutrinador, explanando com exemplos adequados a origem das mazelas e agruras que martirizam a pobre humanidade. As atribulações que hoje nos atingem são motivadas pelos deslizes, erros e crimes praticados em encarnações passadas. Por outro lado, é certo que as aflições que

flagelam são as mesmas que nós, individualmente, impusemos a outras pessoas. Aquele, pois, que incorrer na Lei de Amor terá que resgatar essa infracção ou violação até o último til, no dizer de nosso iluminado Mestre; nós mesmos nos punimos pelos erros que cometemos — esta é a Grande Lei que rege o Universo.

O ideal seria que cada um compreendesse que a dor é o aguilhão divino e bendito ou seja o recurso utilizado por Deus, para nos harmonizar com a vontade suprema, já que pelo amor isso não conseguimos. A dor deve, pois, ser cultuada e glorificada no altar da consciência por ser ela que nos impulsiona à perfeição.

Terminou o dirigente dos trabalhos por aconselhar que resignados fôssemos descontar, parcela por parcela, o nosso importuno débito; que cada um se aperfeiçoasse quanto pudesse, e que ele iria rogar a Deus pelos irmãos necessitados, como ele próprio também se considerava.

Assim, no centro espírita da Rua Iguaçú foram iniciadas as tarefas de assistência ao irmão Alonso e as necessárias vibrações de limpeza psíquica para seu lar.

No terceiro dia, com ausência dos Lopes, utilizando-se do aparelho mediúnico de Hercílio, manifestou-se um dos guias espirituais, por sinal o mui querido irmão Dr. Moacir, aguardado sempre com grande ansiedade pelos magníficos relatos que costuma expor à assistência para estudo e meditação.

Ouçamo-lo também:

«O caso que tantos corações comove e abala, quase que envolvendo uma sociedade inteira, convém seja posto nos seus exactos termos para nosso estudo.

«As controvérsias são naturais e úteis; os julgamentos, porém, exaltados demais; além disso, há os que até acreditam numa possível injustiça de Deus. Aqui estou para responder à interrogação daquela infeliz mãezinha que, não suportando tamanhos sofrimentos, tornou-se insana, perguntando a todos:

— Doutor, porque sofre tanto o meu filhinho?

«O actual Alonso, nosso doente, foi em 1476 em Valladolid, na velha Espanha da Idade-Média, o orgulhoso e cruel inquisidor Serrano, preposto do dominicano Torquemada, inquisidor-mór.

«Pelos sumários e despóticos julgamentos, sem nenhuma defesa, a inquisição massacrou milhares de cristãos rotulados de hereges e réus comuns; a maioria foi queimada viva, no meio de incríveis estertores, nas fogueiras do Santo Ofício, em praça pública, por contrariar vontades dos então poderosos tribunais eclesiásticos. Inúmeros foram terrìvelmente supliciados; amarrados e imóveis, tiveram vasados seus olhos com afiados estiletes de ferro em brasa. Centenas tiveram arrancados dentes e unhas com requintes diabólicos nunca vistos em animais ferozes. Muitos outros tiveram amputados, lentamente, pés e mãos pelos instrumentos bestiais das câmaras de tortura. Outros cristãos viram-se nus, atormentadas as suas carnes e diabòlicamente arrancados os órgãos genitais com a assistência de seus familiares. Ainda centenas de outros tiveram que engolir azeite fervendo tendo suas bocas horrìvelmente escancaradas por vigorosas tenazes de ferro. Para anestesiar em parte, ou amenizar sofrimentos atrozes e insuportáveis, muitos encarcerados esqueléticos pela fome e pela sede eram tomados de violenta loucura ou desmaiavam antes de serem conduzidos à presença dos juízes.

«Nunca a humanidade ouvira tão estridentes e alucinantes gritos de cólera, dor e medo. Ainda hoje ecoam com intensidade pelos séculos afora e permanecem estampados na tela dos tempos. Está a aura do nosso planeta impregnada dessas vozes de vingança, ódio e lamúrias, aguardando a esponja caridosa do amor para apagar essas chagas, até o presente tidas como indeléveis. Se as frases, soltas no espaço, fossem captadas de retorno seriam capazes de ainda abalar os alicerces pétreos daquelas pestilentas e tétricas masmorras da Inquisição.

«Assim funcionava, em nome de Deus, o Santo Ofício na Idade-Média que ainda faz sofrer milhares de pessoas que, graças ao bom Deus, ignoram o seu passado e sofrem sem saber o porquê.

«Do plano espiritual vemos sobre a terra pontos de referência, repugnantes, ensopados de sangue, ódio, lágrimas, como tumores cancerosos aferrados. Em muitos países europeus existem dessas manchas que só desaparecerão quando estiver resgatado o último til, pois continuam sendo localidades pestilentas, de atmosfera repulsiva e de vibrações fluídicas pesadas e grosseiras».

Assim ia o bondoso instrutor do espaço, Dr. Moacir, fazendo com que cada um dos presentes vivesse aquela tenebrosa época passada, quando, inesperadamente o doutrinador da sessão interrompeu a comunicação, o que, aliás, digamos de passagem, foi providencial para nós, saímos do terrível quadro configurado e todos suspirámos de alívio, ao mesmo tempo. Que pesadelo!

— E como se portou Alonso? — perguntou o dirigente da sessão.

«Não desejava, respondeu o Dr. Moacir, particularizar a conduta deste nosso irmão, pois todos somos pecadores, maiores, quem sabe, que o próprio Alonso; no entanto, vejamos por que sofre ele de ascite. Estudemos o seu drama.

«Alonso padece de barriga-d'água, pois durante a inquisição, com requintes homicidas, aplicava aos hereges tremendas lavagens estomacais, usando para tal fim dum fétido bucho de boi mal curtido, empregando-o como funil de exageradas dimensões. Amarrado e imobilizado era o infeliz herético, violentado a engolir toda a água contida naquele nauseabundo recipiente até que o estômago e os intestinos do condenado estoirassem por não suportar a pressão exagerada do líquido. Muitos foram dessa maneira assassinados.

«A ciência médica ameniza-lhe as dores, retirando, ainda hoje, de seu ventre, aquela mesma água que outros tiveram de ingerir até à agonia da morte.

«Os seus familiares, pais e oito irmãos, que hoje o cercam com carinho e exagerado amor, foram, em 1476, seus ajudantes e carrascos, executores das torturas, apedrejadores e açoitadores, e por isso sofrem também horrìvelmente. Estão outra vez reunidos em família, como, aliás, já o estiveram em muitas outras encarnações para resgate e purificação mútua daqueles hediondos crimes.

«Ninguém viola impunemente a lei de amor estabelecida por Deus! E nós acrescentaremos: Quem com ferro mata...

«Consuelo, a nossa boa Consuelo, foi sempre a única que suplicava a cessação desses martírios. Como nas demais vidas dessa família, tanto na Espanha como em Potugal e no Brasil, Con-

suelo foi sempe o anjo da guarda, o guia encarnado dos Lopes.

«Tudo indica que, com mais algumas encarnações de penosos resgates, a família e o nosso bom Alonso, terão descontados os seus débitos. Que Jesus os ilumine! Adeus!»

Assim terminou o Dr. Moacir a sua mensagem.

O SINISTRO DO QUADRIMOTOR

Durante a sessão de sofredores, no centro espirita da rua Iguaçú, comunicou-se um espírito em condições de profundo desespero e chegando a arrancar lágrimas dos presentes. A médium Tina fielmente traduzia o penoso estado de choque do irmão visitante.

Pelo desenrolar do fenómeno -lhe o poder de raciocínio. Esquecera o nome; contudo recordava ser um aviador norte-americano, ignorando, porém, a sua condição de espírito sem o corpo físico e a razão de estar ali entre desconhecidos.

Pelo desenrolar do fenómeno mediúnico teve a assistência a impressão nítida de estar presente a um pavoroso sinistro de algum avião de passageiros, tipo «Presidente», que chocasse com o solo em plena mata virgem.

Os gritos lancinantes aliados ao estado convulsivo do aviador que, ainda confuso, parecia transmitir ordens a subordinados seus, bem revelavam os terríveis momentos de alguém que é trágicamente devorado num mar de gasolina em chamas.

Após ingentes esforços do doutrinador, rogaram os mentores invisíveis uma ajuda mais eficiente para o irmão em penosa aflição. Sem demora, vindo de esferas mais elevadas, atraída pelo pranto filial, deu entrada no recinto a progenitora, que falecera muitos anos antes. Achava-se envolta em largo e esplêndido halo de luz que deslumbrou, fazendo agora chorar de alegria e admiração aquele que, momentos antes, se debatia na confusão.

Qual autêntico milagre, foi o nosso piloto voltando à calma, enquanto se convencia de que também já passara a habitar o plano espiritual. Como que para se despedir, lançou, estarrecido, um último olhar para o próprio corpo que jazia no solo, dilacerado, inerte e horrívelmente queimado.

Semelhante a feliz epílogo teatral, observámos, enternecidos, mãe e filho abraçados, numa encantadora efusão de beijos e doces recordações. Volitaram, ambos cheios de júbilo, com luzidio cortejo nupcial, em direcção às novas moradas, atraídos pelo sono melodioso e sublime da «Tocata do Despertar» e, completando a comitiva, vimos os demais tripulantes e dezenas de passageiros do avião sinistrado.

A assistência, sem sequer enxergar o que se passava no espaço, intuitivamente viveu também aquele encontro, pois que, entre suspiros de alívio, passou a render graças a Deus. O ambiente tranquilizava-se.

O guia espiritual, utilizando-se do médium Hercílio, aproximou-se para as devidas instruções relacionadas com o caso em apreço, começando por dizer:

«A justiça de Deus é universal, perfeita e imutável; ninguém desobedece impunemente a Lei do Amor do Pai sem que não venha a sofrer as consequências; a criatura que perturbar ou transgredir o ritmo divino do equilíbrio e da perfeição será obrigada, pela dor física ou pelos tormentos morais e espirituais, a tudo recompor até ao fim e que a Lei de Justiça se processa através das reencarnações, tantas quantas forem necessárias, não importando o número de anos ou séculos gastos para que seja atingida a quitação plena.

«São erros praticados em séculos idos e que o tempo procura extirpar pela dor, caso não o faça pelo amor. Pela acção e pela reacção somos impulsionados no caminho da evolução, tal como medonha tormenta acompanhada de raios, chuva e ventania, agita e sacode a àrvore frutífera até às próprias raízes.

«Dessa sentença não escapa o nosso piloto, trazido propositalmente para este recinto.

«Todas as nossas vidas, através do tempo e do espaço, abrangendo acções, actos, atitudes e até os biliões de pensamentos lançados no éter desde a formação milenária da alma ao momento actual são fielmente esteriotipados, sem possibilidade de omissões; diríamos, são eternizados. Este gigantesco e complexo repertório enfaixa constantemente a criatura e constitui o que poderíamos chamar o seu indestrutível arquivo. Quando solicitada esta ficha-arquivo, apresenta-se vertida em imagens a desfilar com todas as minúcias sobre tela viva, tipo cinematográfico, onde se reproduzem, instantâneamente, todas as vidas transatas. A tela revive, então, todas as existências de forma movimentada, colorida, sonora, visível nos mínimos pormenores; aparecem, inclusive, os turbilhões de pensamentos, porém materializados, perceptíveis e palpáveis. Basta uma fracção de minuto para encerrar a amplitude das existências intensamente vividas durante centenas de anos ou séculos. Esta fugaz fracção de tempo, do perpétuo ou do sem-fim, contém *toda a nossa existência* e dá-nos uma ideia, muito por alto, do tão falado *eterno-presente*, cuja magnificência não podemos conceber.

Agora, o guia espiritual, usando entonação diferente, algo humorado, desejando ser ouvido pelos costumeiros cochiladores da sessão, continua a relatar:

«Vejamos os elos que ligam o nosso piloto às suas vidas passadas! Falaremos, dentro de poucos instantes, de piratas, mas, perdoem-me, não destes que as escrupulosas mocinhas casadoiras costumam repelir aos gritos de «sedutor barato ou confiado!» durante um sarau ou projecção de algum filme malicioso. Não! O nosso pirata é aquele que os dicionários definem como salteador dos mares, ladrão marítimo.

«Sem demora pudemos ver, nìtidamente, na tela da eternidade, o piloto milionário do ar, louro, alto, elegante, culto, uniforme impecável, figurino 1952.

«Enquanto o apreciávamos, actualizado, eis que ele se apresentava surgindo do recuado e envelhecido século XIV; vemo-lo rodeado de marinhagem num litoral da lendária Argélia, como chefe de valhacouto de piratas.

«Defrontam-se, para as devidas comparações, duas épocas afastadíssimas, uma o apogeu do civilizado ano de 1952 e outra o vetusto 1377 da Idade-Média; perplexos, notamos que os protagonistas eram os mesmos dos que modernamente se relacionavam com a viajem do quadrimotor. As fisionomias idênticas, formas físicas pouco diferentes. O capitão aviador era aquele capitão pirata da remota Argélia; fàcilmente identificamos os actuais tripulande luxo como seus auxiliares e subordinados do veleiro corsário dos tempos distantes.

«Mergulhamos por minutos no século XIV e vemos o nosso elegante piloto como chefe bárbaro, infernal. É ele o usurpador insaciável, a lei única e também o carrasco insensível. Ele e os seus lá estão de fisionomia repulsiva, como nas historietas de quadri-

nhos, salteadores de peito aberto, largo chapéu bicórnio com o característico distintivo — a caveira e as duas tíbias em cruz — túnica larga multicor, calça bombacha e botas altas. Bravios e ligeiros como feras, de contínuo assaltam países, cidades e navios. Como valentes espadachins manejam firmes a espada de punho lavrado, em pedras preciosas e ouro.

Apreciam o crime, as esmeraldas, os luzidios diademas de ouro encrustados de pérolas raras e preferem o impetuoso amor de mulheres embriagadas; as bacanais sem fim e os libertinos regabofes onde bebem e comem, ávidos, como esfaimados animais em macabros festins.

«O mar azul, revolto e perigoso, é sua pátria habitual; assassinar e roubar é sua índole; sangue, rapinagem, raptos e violência, é sua linguagem. Quando partiam para o alto mar, no afã da rapinagem, deixavam festivos os seus refúgios, assim como as diligentes abelhas partem de seus cortiços em radiante manhã de sol. Singrando águas profundas, lá se iam, proa em riste, os veleiros e as naus de alto bordo, apontando as bocas de fogo como ouriço provocado, à cata de navios mercantes. Armavam-se até os dentes, o arsenal repleto de chuços, azagaias, alabardas, mosquetes, arcos, espadins e arcabuzes, armamento que não raro fazia temer as mais poderosas armadas. Seu roteiro era assinalado por estigmas profundos gravados com ferro em brasa; muitos morriam de susto ao se aproximarem aqueles tigres marítimos.

«Nessa configuração ia a tela revivendo o piloto e sua marinhagem, exumando-os dos velhos séculos, justamente os que pereceram, como civilizados turistas, em 1952.

«Intervém agora, a justiça divina, representada pela «Lei de Causa e Efeito», que ergue a voz e exige reparação. Ela brada:

— Chega!

«As nossas personagens são chamadas a contas; sempre unidas, passarão à colheita obrigatória de suas semeaduras.

«Os mestres kármicos fazem soar o toque de reunir; uns e outros podem estar mui distantes, porém, são atraídos, como no passado, a fim de tomarem parte em catástrofes de provas expiatórias. Eis, como são vistos em sucessivas encarnações:

«Lá os vemos, como cristãos inocentes, em França, Espanha e Portugal, curtindo indescritíveis suplícios nas câmaras de tortura da Santa Inquisição. Em seguida distinguimos os ex-piratas, meditativos e tristes, nas vestimentas clericais em mosteiros e conventos. Em outra encarnação observamo-los morrendo por asfixia em medonhas enchentes e maremotos. Agora são vistos algemados, doentes e esfomeados em fétidos porões de navios negreiros. E a colheita continua, ao toque de reunir, associando-os em país civilizado, como opulentos banqueiros e industriais, para, através de graves quedas financeiras, tudo perderem, pois quando mais prósperos se achavam foram atirados às sargetas da miséria. Quase sempre era a água e o fogo, nas demais encarnações, o instrumento precioso que tudo reduzia a nada; tinham que perder tudo e pagar por este meio o produto da rapinagem de épocas decorridas. Um dos últimos quadros se apresenta na tela: o naufrágio de grande transatlântico arrastando para as profundezas oceânicas todos os tripulantes e passageiros; nenhum consegue salvar-se. Nós, os mentores espirituais do Centro, que assistimos ao panorama do afogamento daqueles orgulhosos e soberbos passageiros, fomos tomados, por alguns momentos, daquela terrível sufocação, sentindo a mesma agonia dos que se submergiam na água.

«E o último pontinho do *i* foi-lhes, enfim, descontado, ao viajarem, mais uma vez, todos reunidos em luxuoso e veloz quadrimotor como costumavam velejar em suas naus, temidas e audaciosas, do século XIV.

«Desta vez não iam em revoada de rapinagem, iam a passeio, talvez como turistas alegres, para reverem os antigos locais de seus crimes.

«Acomodados, confortàvelmente, espreguiçavam-se nas macias poltronas do magnífico aparelho, que rápido e sereno deslizava sobre a Serra do Roncador por entre nuvens azuis.

«Tudo indicava boa e tranquila viagem, quando percebemos que a aero-moça procurava disfarçar algo sério e esquisito. Começava a piscar como para desanuviar alguma coisa, desejosa de melhor enxergar. Quase que desmaia, era-lhe impossível acreditar no que seus olhos viam dentro do quadrimotor. Quis recuar, quis fugir, mas para onde?

«E a aeronave continuava plácida a cortar os céus; os passageiros e tripulantes estavam calmos e mergulhados num silêncio significativo. Eis, quando percebemos que a moça esfregava seus olhos esbugalhados, assombrada, e seus pensamentos se projectavam no ar; pudemos ler o que ela pensava:

— É impossível! Enlouqueço!

«Vejamos nós, através dos olhos clarividentes da aero-moça: o comandante, os tripulantes, os passageiros e ela própria, mais uma vez estavam reunidos naquele moderno quadrimotor, porém, todos trajados à moda século XIV, todos ali estavam, sem que o soubessem, naquelas antiquadas vestiduras de piratas, com aqueles mesmos chapéus largos e bicórnios, armados de azagaias, chuços, arcabuzes e calçando altas botas até os joelhos.

«Era de estarrecer; lá estava a moça trémula e lívida amparada por amigos invisíveis.

«Nós, os espíritos guias, raramente conseguimos apreciar cenas como estas. Fixando o estranho conjunto de corsários, vimos, quando se aproximou, o mais terrível instante de suas vidas. Agora é o piloto, o nosso piloto, que sente o sangue fugir-lhe da cabeça, passa ainda a mão pela face suarenta, ofuscam-se-lhe os olhos, entra em vertigem e o potente quadrimotor rápido perde o governo.

«Logo após o estrondo, que abalou a mata virgem, altas línguas de melancólicas labaredas procuravam a abóbada celeste para testemunhar que mais um resgate colectivo se processava.

«Como patético lembrete, destinado ao «orai e vigiai», permanece, lá em baixo, a clareira escura de mau agouro, no meio da floresta verde...»

BRASILEIRO AMIGO!

Ajuda a manter esta revista que, além de baluarte doutrinário, é uma grinalda de amizade que aproxima as duas margens do Atlântico.

Não a deixes soçobrar!

REGRESSO DO DESCONHECIDO

Por FRANCISCO CASTILHO

A estranha cidade de Yaxchilan fica situada nas margens do rio Usumacinta, entre as fronteiras de Guatemala e do México, numa área de selvas cerradas pertencentes às terras baixas de Peten, na parte Sul da península de Yucatan.

As montanhas e os vales cobrem-se de luxuriantes florestas tropicais. Aqui cresce o chico-zapote, de cujas substâncias lácteas se extrai a goma de mascar, e o *yawche*, árvore sagrada dos *Maias*, que produz o género de algodão a que chamamos *kapok*. Nos meses de Abril e Maio a temperatura atinge, nestas selváticas paragens, 40° à sombra!

A selva não é um mundo misterioso para aqueles que apreciam a sua aventura e gostam de correr perigos. Nela todos os sentidos despertam e o homem vê-se na devida proporção entre Deus e a Natureza. E aqui, sob este enorme dossel de lianas, o ser inteligente pode prover-se de tudo que necessita: alimento, abrigo e água.

Na viagem que vou citar acompanhou-me o meu velho amigo Chank-ing, um nativo da região. Depois de dias e dias de escavações e explorações em redor da cidade de Yaxchilan abandonámos de manhã cedo as suas ruínas monumentais — e, ainda perto, lançámos um derradeiro olhar sobre os maravilhosos palácios e terraços que se elevam a 180 metros acima da selva densa.

Íamos progredindo satisfatòriamente em passo rápido e seguro, sob a azoada dos macacos brincando nas copas das ávores. Chank-ing ia uns 15 metros à minha frente, quando, sùbitamente e sem qualquer aviso, uma puma (espécie de leão da montanha), se lançou sobre ele. Por momentos fiquei paralisado — enquanto a terrível fera despedaçava o meu amigo, com suas presas e garras rasgando pedaços de carne. Os uivos da besta, mesclados com os gritos do meu amigo, ecoavam pela selva. Agarrei na espingarda e corri para os dois, disparando para o ar na esperança que o ruído assustasse a puma e ela largasse a presa para poder então atirar-lhe em cheio. Mas não o consegui: o pé prendeu-se-me numa trepadeira e caí. Ao ver este precalço a fera atirou-se a mim. Com o estômago contraído não perdi, contudo, o sangue-frio e apontei a arma.

Calmamente concentrei a vista, premi o gatilho — e rezei. A puma revolteou no ar e caiu pesadamente sobre o terreno — e as suas patas ficaram a algumas polegadas da minha perna. Um segundo depois estava morta, com uma bala no crânio. Chank-ing gemia fracamente e um simples olhar para os seus ferimentos bastou-me para compreender que estava perdido, se não recebesse imediatos cuidados médicos. Mas a povoação mais próxima ficaba a quatro dias de marcha rápida através da selva!

Tratei-o com o meu pronto-socorro o melhor que pude, mas isso não constituiu alívio para qualquer de nós. Chank-ing então pegou-me nas mãos e disse com voz fraca:

— Há muitas luas que somos amigos. Pelo penhor dessa amizade lhe peço um último favor a este seu amigo moribundo.

Jurei-lho e ele então pediu-me que o levasse para Metazabok, a Lagoa Sagrada. Eu tinha ouvido falar desse local, mas nunca pude provar a sua existência ou encontrá-lo. O velho Maio indicava-me agora a sua exacta direcção. A princípio julguei tratar-se da miragem dum espírito delirante, mas, pouco a pouco, ao ver as suas directrizes confirmadas, a minha confiança cresceu. Com o seu braço esquerdo em redor do meu pescoço e o meu braço direito segurando-lhe a cintura, seguimos a pista, ora visível na selva.

*

Algumas horas depois Chank-ing morria. Mas nada me impediria de executar as suas últimas vontades e eu tinha os olhos enevoados ao lançar-me contra a selva, buscando Metazabok para o meu amigo.

O Sol desaparecia, quando atingi o meu objectivo nas cercanias dos rios Jetja e Santa Cruz, Estado de Chiapas. Brancas colinas de 300 metros de altura elevavam-se aos lados da Lagoa Sagrada; um tambor soava algures e, de repente, vi-me rodeado por um grupo de Maios. O chefe, olhando-me fixamente, disse:

— Não se assuste, nós esperávamo-lo. O nosso irmão Chank-ing teve que regressar ao Desconhecido. É essa a vontade do Poderoso e assim será!

Instalámo-nos em seguida numa piroga e ràpidamente atravessámos a Lagoa Sagrada. Na outra margem seguimos um caminho que através das rochas nos conduziu a uma passagem sombria terminada em larga caverna. Descemos então um pequeno corredor em espiral e após uma curta marcha penetrámos num amplo recinto, onde estátuas do Deus Quetbalcoatl (a Serpente de Penas Cinzentas), se exibiam nos ângulos da quadra.

Eu nunca tinha conseguido, até ali, assistir aos seus ritos sagrados que datam do tempo do Grande Império Maio, antes da era do Cristo. O perfume do copal e do incenso rescendia de muitos braseiros e no solo amontoavam-se esqueletos de sacrifícios anteriores. Nas paredes havia estrias que faziam lembrar o sangue coalhado. Trouxeram então o corpo de Chank-ing e colocaram-no sobre uma plataforma junto de um altar; sentaram-se e começaram a tocar pequenos tambores cavados em blocos de madeira, cantando ao mesmo tempo uma litania, cuja escala descia e subia enquanto os seus corpos se agitavam ao ritmo do cântico.

Um ancião, pequeno e gasto, revestido das insígnias de gala do Ah Tzite (feiticeiro), apro-

NATAL DOS NECESSITADOS

Mais um Natal se aproxima, outro inverno espreita os velhos e as crianças. São as intempéries, são os problemas do estômago, do tugúrio e do vestuário. E embora o óbulo de alguns seja gota de água no oceano imenso da infelicidade humana, sempre vai dar alívio e conforto. Nas paredes da casa, as pedras grandes nada serão sem as pequenas.

A nossa lista é pobre, mas é de boa vontade. Os subscritores são sinceros e sabe Deus o esforço que fazem para oferecer alguns escudos aos necessitados. Mas tudo lhe será levado em conta. Quem dá com amor dá dobrado.

Centro Espiritualista Luz e Amor	*100$00*
Revista Estudos Psíquicos	*50$00*
Isidoro Duarte Santos	*50$00*
Maria Raquel Duarte Santos	*50$00*
Capitão José António Rodrigues	*25$00*
Total	*275$00*

ximou-se da ara e suplicou a Quetzalcoatl que libertasse o Seu servo das terceiras e infinitas dimensões de Camasot (a sua força negativa ou vampiro da morte).

Passado algum tempo, uma luz etérea começou a descer do tecto e ante minha absoluta estupefacção assumiu a forma humana. Os cânticos aumentaram, enquanto eu lutava contra a sensação de aturdimento que começava a invadir-me.

A aparição era magnificente, espalhando em seu redor uma luz que logo desapareceu. Diante de nós estava o Deus Quetzalcoatl.

Quetzalcoatl (devia ser Ele) elevou lentamente as suas mãos e colocou-as sobre a cabeça de Chank-ing. Nesse momento senti um choque ou vibração difícil de explicar, porque se repercutiu em estranhas pulsações no meu cérebro.

O cântico havia terminado e a aparição tomou um aspecto gelatinoso para logo desaparecer. Chank-ing começou a mover-se alguns momentos depois. Com os olhos semi-cerrados procurou-me através da câmara até encontrar-me. Chamou-me e disse-me com voz débil:

— Já regressei. Agora o senhor deve partir.

Mas, antes de o fazer, tomei-lhe o pulso: estava normal. Eu tinha transportado este homem, morto, através da selva, havia apenas algumas horas! E agora ei-lo vivo!

Analisei, depois, todos os incidentes que ocorreram neste caso:

1.º — Chank-ing morreu de choque traumático devido aos ferimentos produzidos pela puma. No seu estado, uma queda vertical da tensão circulatória e a perda de sangue levaram este a concentrar-se; consequentemente, os pulmões e a circulação pulmonar sofreram forte congestão afectando a oxigenização do fluxo sanguíneo. A tudo acrescem as múltiplas e graves feridas que recebeu.

2.º — Os Maias esperavam-nos. Creio que algum deles nos assinalou e deu o alarme.

A sua afirmação de que sabiam de nossa vinda como prova de previsão extra-sensorial, tem pouco valor. São comuns entre eles as experiências simples de telepatia, mas difícil é confirmá-las de maneira formal, sem subterfúgios.

3.º — Houve, é certo, o fenómeno físico da aparição do Deus Quetzalcoatl. Mas a atmosfera de densa expectativa que reinava na câmara poderia ter produzido uma forte sugestão hipnótica. No entanto, eu encontrava-me em tal estado de alerta, que me sentia imunizado contra a hipnose; ninguém pode ser hipnotizado contra-vontade e a cooperação das vontades é necessária para que alguém seja hipnotizado.

É difícil concluir se vimos a aparição de Quetzalcoatl através duma miragem visual, ou se, de facto, através da visão normal. Noutras palavras: algo havia de desconhecido que produziu uma visão (real ou irreal) em determinado espaço livre de qualquer corpo humano.

4.º — Chank-ing voltou da morte — do Desconhecido!

Este fenómeno tão singular nunca foi até aqui explicado pela ciência ortodoxa. Como cientista que sou, devia olhar a situação com cepticismo, mas tendo visto com os meus próprios olhos os efeitos dum campo de poder desconhecido, que implica, de certo modo, com os domínios da percepção extra-sensorial — só o posso avaliar dentro dos nossos limitados conhecimentos.

Sabemos hoje que o espírito pode produzir alterações corpóreas, inteiramente devidas ao subconsciente, quando uma emoção-reacção se produz; mas este facto só se verifica em número infinitesimal de indivíduos. Seria esta a causa verdadeira do regresso de Chank-ing à vida? Pode este fenómeno agir sobre um corpo sem vida aparente?

Não devemos fechar a inteligência ao facto de que alguma coisa escapa aos nossos actuais conhecimentos e cuja revelação esperamos, cedo ou tarde. Fora do laboratório há provas seguras de que o desconhecido é um problema definido e não mera sugestão ou subjectivismo. O tempo dirá a última palavra.

(Traduzido do «Your Fate», de Fevereiro de 1958).

PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

(5) CRÉDULOS E INCRÉDULOS

Estas palestras foram improvisadas às 5.as feiras no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

O mundo actual devide-se em dois extremos opostos: o dos crédulos e o dos incrédulos. Os primeiros aceitam tudo o que lhes querem dar; os segundos nada aceitam: são totalmente inconformistas. Entre estes dois extremos é preciso colocar-se outro sector: o sector de virtude, o sector de verdade.

O homem é crédulo por natureza. A educação nem sempre coincide com as suas melhores necessidades. Quantas vezes se lhe dá alimentação espiritual diferente atrofiadora de qualidades que bom seria desenvolver para que a sua evolução fosse mais rápida!

Ele veio de alguma parte, trouxe necessidades, trouxe aspirações; chegou e deram-lhe vida diferente. Não foi continuidade, mas dispersão, atrofia, e outras vezes estagnação! Devido a esse rumo diferente é que se transforma em incrédulo. Necessita de se aproximar de outro sector. Sabe talvez a razão disso e aproxima-se. É a necessidade de conhecer a variedade, de estudar, de analisar. E para atingir o objectivo, tem que conhecer a dúvida.

Houve um filósofo francês que dizia:

— Quando o homem dúvida revela inteligência e desejo de saber.

O homem vai atrás desse pensamento e duvida. Mas duvidar com ideia preconcebida é um erro de lógica. Não devemos duvidar de tudo e de todos. Se fosse necessário apresentar as questões por a+b, como se faz em matemática, estava bem; mas no campo filosófico, psicológico e espiritual as pedras colocam-se de forma diferente. Não podemos demonstrar todos os fenómenos por a + b. Temos que induzir e deduzir. É um dos grandes caminhos para chegar à compreensão da verdade, da verdade relativa.

Pois sobre estas dúvidas (a dúvida de quem crê demasiadamente e a dúvida de quem não crê) há uma terra de ninguém onde se instalam aqueles que estudam, que são compreensivos, que conhecem a sua capacidade e julgam poder levantar uma ponte entre os dois extremos. É nessa ponte que me encontro e se encontram muitas pessoas de bom senso. Porque nós desejamos conhecer a verdade. A verdade relativa, em harmonia com a nossa maneira de sentir, com a nossa maneira de ver, porque, analisando, estudando e meditando, podemos adquirir um sistema que resolva a questão.

No estudo do psiquismo esse meio termo existe ainda mais intenso do que noutro qualquer, porque os fenómenos que observamos apresentam-se tão multiformes, que, para os compreender, é necessário possuir vastos conhecimentos e, mesmo através desta análise rigorosa e profunda, ficamos na dúvida do que se passou. A levitação de uma cadeira, o transporte de um objecto através de um muro ou de uma porta, a interpenetração da matéria, a visão, a alucinação, a materialização, tudo isso deixa no expectador uma dúvida percuciente. A princípio fica deslumbrado, fica maravilhado. Enquanto dura o fenómeno, não tem mais palavras para se exprimir, porque os olhos e os ouvidos e toda a sua sensibilidade são poucos para ver e compreender. E não se lembra de duvidar, porque aquilo é a realidade palpável. Apresenta-se de forma tão flagrante, que ele não tem tempo de se colocar no sector dos incrédulos. Mas, passado o fenómeno, começa a duvidar. E porquê? Porque o que viu, ouviu e sentiu foi tão estranho para ele, que não tem meio de se equilibrar no seu próprio raciocínio.

Começa então a pensar: «teria sido realidade? Teria sido ilusão?». Aqui é que está a dúvida.

No sector puramente material vemos os efeitos, que duram semanas, meses, anos e até séculos. Estão materializados no granito e podemos apreciá-los durante a vida inteira, porque a vida humana é breve. E os fenómenos também o são, porque não podemos chamar duradoiro a um fenómeno que resiste às intempéries durante alguns anos ou até alguns séculos, já que a eternidade contém todo o tempo imaginável.

No campo do psiquismo o fenómeno exerce-se de forma tão diferente, que não pode haver analogia, por mais condescendentes que sejamos em face dos que ignoram ou dos que não acreditam. Por isso eu disse que o mundo se encontra entre dois extremos: os crédulos e os incrédulos.

Mas em cada homem há um fundo de credulidade. Todos os fenómenos que não pode conceber e apreciar, porque escapam à sua inteligência, são dignos de atenção até certo limite. Quem não pode compreender passa a diante e exclama:

— Foi ilusão dos sentidos. O som que passa, a nuvem que se extingue, o raio de sol, tudo isto desaparece um minuto depois, às vezes até um segundo.

E como não pode reter as imagens, como retém as coisas do mundo material, chega a duvidar até de si próprio, da sua apreciação, da sua análise, do seu estudo. Se até há pessoas que duvidam da sua própria existência!... Não sabem se existem. Sabem que vivem, mas vida não é existência. Quem vive pode não existir como ser consciente, porque há vida vegetativa e vida consciente, que é existência.

Se falamos neste instante com um amigo, ouvimos-lhe a voz, sentimos-lhe as vibrações, vemos-lhe o olhar, defenimo-lo como indivíduo e pessoa; depois sai por aquela porta e não voltamos a

vê-lo. Encontrou a morte lá em baixo num desastre de viação e nós ficamos a cogitar e a perguntar:

— Afinal teria sido ele que esteve aqui a falar comigo? Teria sido a sua imagem? Teria sido alucinação ou realidade?

Como vêem, é um problema aliciante, que leva o homem à credulidade e à incredulidade. Por isso, sempre assim fui e continuarei a ser. Não quero mal a quem duvida, mesmo sistemàticacente. Encontram-se no seu sector, encontram-se na sua posição mental. Trouxeram premissas de outra vida que hão-de produzir os seus efeitos nesta.

Mas nós temos necessidade de obrigar os incrédulos a reforçar as suas teorias. Quem não crê deve dizer porquê e quem crê deve basear a credulidade. Os do meio termo que preencheram o espaço vazio entre os dois extremos participam da credulidade e do cepticismo. Apesar disso estão mais próximos da verdade.

O Espiritismo é um campo desse género. É o campo do meio termo, é o campo da verdade. Disse e repito: da verdade relativa, porque não tem a pretensão, nem a pode ter, de se julgar senhor de toda a verdade. Não pode, nem quer, porque, sendo uma doutrina evolucionista, é susceptível de aperfeiçoamento, quando se verifique que algum dos seus postulados não está de acordo com a ciência ou com a verdade. Não se ri de coisa alguma, ao contrário de muitos néscios que se riem dele. Rir-se alguém do que não conhece é posição muito cómoda para quem a assume, mas difícil de entender para quem a estuda.

Portanto, se o mundo se encontra nesses dois extremos e nós verificamos a precariedade de qualquer deles, qual o dever de pessoas sensatas que desejem aproximar-se da verdade? É estudar sem apriorismos, é ver o que há para além dos nossos limites, é fazer análise segura de tudo o que impressiona a retina e a imaginação. Quando alguém criticar o Espiritismo e sorrir, como muitos sorriem, dizendo em tom de piedade: «Então, estes ingénuos passam o tempo a falar com os mortos?», devemos sorrir também e dizer-lhes:

— Mortos não somos nós, porque falamos com os vivos. Mortos são os senhores, porque já o estão, em boa verdade. Porque aquele que foge ao estudo de alguma coisa, que receia falar de alguma coisa, já está morto, inteiramente morto para a verdade. Aquele que se deixou apoderar de uma ideia fixa e não vê mais nada para além dela é um verdadeiro cadáver mental, e nós, espiritistas, não queremos ser cadáveres. Queremos divulgar uma doutrina de vivos para vivos, queremos dizer ao mundo que há uma mensagem de vida para ele, para que não chore, para que não duvide, para que seja optimista, visto que, para lá da morte, há continuação e não cessação.

Isto queremos nós dizer ao mundo e o mundo não quer ouvir. Precisamente, porque, se ouvisse a nossa palavra, a palavra do Espiritismo, seria obrigado a rectificar teorias, a abandonar caminhos e seguir uma trajectória consentânea com outros princípios que trariam novos privilégios, mais altos, cada vez mais altos, mas também responsabilidades maiores, cada vez maiores. E o mundo não quer responsabilidades. O mundo quer estrada larga. Isto é que o mundo quer. E uma doutrina que aponta a porta estreita, há-de ser doutrina amaldiçoada, como algumas religiões a consideram.

Mas nós estamos no sector médio, no sector da virtude, e sabemos que isso não passa de ilusões humanas. Puras ilusões, quero eu dizer, aquelas que se decantam acerca de uma doutrina real que alguns consideram ilusória. Por isso a nossa posição, a posição dos pregadores, dos divulgadores, mesmo a dos simples praticantes, é uma posição estável. E tanto assim é que podem surgir intempéries e dificuldades, porque as almas permanecem incólumes numa atitude que nada do mundo pode alterar ou demover.

Deixemos que de um lado proliferem os crédulos, esses que não raciocinam, esses que dizem: «Sou católico, porque meu pai o era», ou então «sou protestante, porque o meu professor me ensinou que o fosse», ou «sou espiritista, porque pertenço a uma família espirita». Deixemos esses crédulos a braços com a ignorância e digamos aos outros, aos incrédulos:

— Vinde ver, vinde estudar, vinde analisar! O Espiritismo é uma doutria que se oferece incondicionalmente aos homens de boa vontade. E se fordes incrédulos de boa vontade, porque não encontrastes ainda uma base para a vossa fé, então estudai esta doutrina! Sede rigorosos, não aceiteis os factos levianamente. Meditai neles, fazei como o sábio. Pegai no bisturi e dissecai em todo o sistema.

Mas esses incrédulos não se demovem e em geral mantêm-se em estado irredutível. E assim só nos resta apelar para o tempo, que é, afinal, o grande mestre. Cada um terá o seu dia, cada um terá a sua hora. Os crédulos passarão a racionalistas e os incrédulos passarão a crédulos... racionais.

LONGE

por Manuel de Sousa

Longe ... numa ilusão que me devora,
soberana de um sol que não se alcança,
Onde brilha e se apaga uma esperança
Por essa noite escura que apavora ...

Como quem vê raiar a linda aurora
após a noite incerta de bonança;
Ai!, como quem do vento não se cansa
Nessa doce ilusão de cada hora ...

Assim, ao longe ... pelas sombras frias,
No silêncio das longas invernias,
Por ti passei, ó Ermo, triste e só ...

Tudo longe de mim se transfigura
Na mudez do meu ser em desventura
Há tanto tempo a desfazer-se em pó ...

SILVES

ASCENDAMOS AO ALTO!

Por MARIA INÊS SENA

A tarde cai lânguidamente como cortina sobre cenário. A paz serena deste entardecer é embalada pelo toque argentino das Avé-Marias. Agoniza o sol no firmamento. A vastidão imensa adquire tons verdes-azulados.

O hálito fresco dos elementos vai-se mesclando com o aroma das flores que esmaltam a moldura do meu âmbito.

O silêncio, o meio ambiente, a hora agonizante, impregnados de unção poética, ajustam-se ao estado de alma, deixando-me cair num véu de sonho!

E vejo abrir-se a porta da torre ebúrnea onde lampejam as minhas ansiedades... Sim! As minhas ansiedades!

E sinto-me inundada de felicidade nunca experimentada ante um mundo maravilhoso povoado de alegrias inéditas!

Escrevendo, quisera desferir a musicalidade de ritmos impressionantes que meu coração derramou em voluptuoso êxtase e de onde despertei com saudade!

Nesse panorama não havia notas discordantes. Em tudo pairava uma sinfonia de emoções belas...

Era um mundo vazado em moldes divinos talhados pelo Cristo, jardins vicejantes, plenos de Igualdade. Num ramalhete lindamente matizado florescia a bondade dos lírios brancos... os miosótis azuis dos sonhos puros... as rosas do amor... os lilazes da caridade... as giestas áureas acendendo luminosidades...

Nessas paragens não verdejava o escalracho da maldade... as ortigas do desejo torpe... os cardos do egoísmo... essas ervas daninhas que germinam na humanidade. Não. Tudo era brancura, pureza... claridade...

Oh! porque não entrelaçam os homens as mãos em cunho de amor fraterno? Porque não selam o pacto da compreensão mútua? Colheriam no seu horto as harmonias que os dignificariam.

Muito se tem andado em várias facetas, mas a bondade e a espiritualidade estão ainda muito obliteradas. Em certos sectores parece terem recuado aos tempos de Nero.

Desprezou-se a diplomacia, aquele fogo elegante de palavras com que nos mimoseavam. Hoje, provocaria hilariedade nos articulistas de «eh! pá»!... O romanticismo rolou no vale do esquecimento e quem o exteriorizar é acusado de sofrer de «maladie du coeur».

Essas pérolas de finura que fizeram as horas venturosas dos nossos avós, foram trocadas pelo barro do materialismo, da insensibilidade e da rudeza!

Observem-se os ideais, o fraseado, a mentalidade da nossa juventude: é desolador e chocante! Não sabem «sentir», não sabem «ver»; não sabem «conversar»!

Dirão que se esgotam as possibilades de matrícula nas escolas e o nível cultural segue seus trâmites. Sim; mas onde as manifestações de educação em harmonia com essa cultura?

O número é francamente escasso... Nos pais a culpa é grande, pois a maioria gravita no círculo, vicioso das tendências isentas de Beleza.

Sei de um menino que é levado pelo «paisinho» aos desafios de futebol e nunca viu a Estátua de Camões!...

Sei de outro, que vai com o «papá» à caça a aprender o feito criminoso do extermínio; sabe de cór o nome de todos os refrigerantes, a marca dos carros e nunca visitou um museu!...

Perante este erróneo procedimento de grande parte dos actuais «paisinhos» permutando de tal modo com os filhos, que chegam a ser tratados por «tu» no mais desconcertante literalismo, que se há-de esperar desta e das futuras gerações?!

Se os paisinhos se fizessem respeitar ensinando-os a amar os velhos, a condoerem-se dos inválidos e desprotegidos...

Se cultivassem nos filhos o gosto pelas artes, levando-os a admirar as jóias arquitectónicas dos monumentos, a conhecer a história emparedada nos museus e a apreciar uma exposição de pintura ou a ouvir um concerto, formariam essas almas para a sua apreciação, em lugar de as modelar em massa bruta.

Levá-los ao campo a aspirar o perfume das flores, a embeber os olhos nos tons verdes, a ouvir o cântico das fontes e a sorver a largos haustos o esplendor da natureza, dariam lições proveitosas.

Se os pais desenvolvessem nos filhos o gosto pela beleza da vida, levando-os a olhá-la sem descrença; se desenvolvessem neles o carinho pelos animais, apontando-lhes o grande serviço que nos prestam, talvez muitos jovens não tocassem as raias da imbecilidade em mágoa arripiante...

A cidade está cheia de lindos pombos, que a adornam num adejar vibrátil. Que exemplo de ternura e ensinamento dariam os pais, levando os seus meninos a dar-lhes de comer!...

E por toda a parte existem animais sedentos de carinho e sequiosos de alimento. Em toda a parte há velhos desprotegidos, crianças famulentas, doentes ao desamparo.

É obra meritória praticar o bem e dessa prática exalá-se o gozo inefável da acção praticada.

Enfim, há muita forma de sanear ou refinar o Espírito. Mas é preciso saber extrair-lhe as virtudes.

É certo que o homem não mergulharia de todo no cativeiro da realidade onde se contorcem as forças medíocres, nem o Mundo se tornaria num ápice habitáculo de musas ou parnaso de poetas cantando hinos de Paz, Bondade e Amor, mas trilhariam esteiras de Verdade, colhendo bençãos para a sua redenção espiritual!

E a minha alma clama pelo sonho lindo que teve. O sonho!? Onde fulge esse senho bendito? Onde lançou ele os seus brocados? Onde está a sua tepidez que devia intensificar as emanações deleitosas?

Trémulo de espanto faz-se mais pequenino, imolado pelo desengano pungente.

Irmãos, porque não acreditais no mistério das vidas sucessivas a que estamos imutàvelmente ligados?

Porque não dais as mãos num amplexo de perdão e de resgate?!

Provas espiritas em línguas estrangeiras

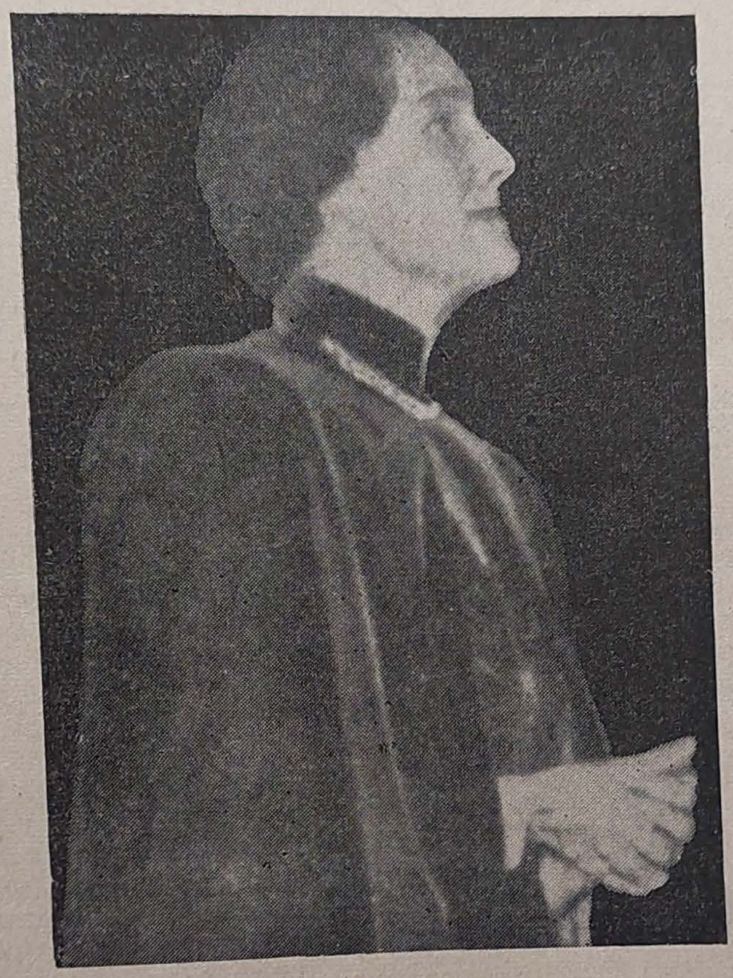
É uma bela homenagem aos soberbos dotes de médium de Estela Roberts o sucesso que obteve ao patentear as suas provas espiritas em indostano. O favorecido foi Jamna Dass, indivíduo completamente desconhecido da médium.

Esta prova evidente provém de sua «falecida» esposa que nunca falou Inglês e a médium teve que transmitir nomes hindus, como os ouvia fonèticamente. Em primeiro lugar a consorte mencionou os seus três filhos vivos na terra e disse ao esposo que ele estava preocupado com o filho do meio.

A seguir referiu-se ao seu retrato, que o marido trazia no bolso, e esta referência tão clara alegrou-o naturalmente. Depois falou de um homem novo que a tinha acompanhado a esta sessão e que foi logo identificado, quando Estela Roberts disse que ele morrera sùbitamente, na idade de 28 anos, quando o seu automóvel caíu a um rio. Jamna Dass foi então informado nesta reunião que sua mulher tinha também trazido consigo um filho de 5 anos, morto trinta anos antes. A comunicante conseguira obter um contacto muito estreito com a médium e por isso surgiam agora nomes hindus.

Primeiro a senhora Dass referiu-se aos três netos, dizendo que todos os seus nomes começavam pela letra «R». Depois o primeiro nome foi transmitido com sucesso, quando a comunicante pediu que transmitissem os seus cumprimentos a uma mulher de Nairobi e Estela repetiu o nome dela — *Agyavati*.

Em face deste triunfo, a comunicante fez nova experiência indicando três nomes indostânicos e o seu parentesco: *Rajan*, um dos seus netos; *Veena*, uma das suas netas; e *Robini*, irmã de Veena. Embora estes nomes fossem dados fonèticamente, o marido reconheceu-os imediatamente. A entidade continuou a enviar saudações para sua irmã Benji e Dass explicou que em industano se chama Benji à irmã predilecta e pediu-lhe que cumprimentasse por ela *Shakuntla*, a sua filha mais velha.



Estela Roberts grande médium londrina

Neste momento chegou outra comunicação plena de evidência: o espírito voltou ao assunto do objecto contido no bolso. Não era a fotografia, insistiu, mas qualquer coisa que ela usava.

Dasse não chegou a compreender até que Estela lhe disse que a esposa chamava ao objecto *ainak*. Ele então compreendeu e tirou do bolso uns óculos.

«Ainak» quer dizer óculos e ele usava-os, apesar das diferentes lentes que tinha experimentado para a sua vista.

Duas mensagens dadas pela médium referiam-se a acontecimento que pessoa alguma viva conhecia. Na primeira, a entidade disse como observava o marido, quando subia a uma mesa para beijar a sua fotografia suspensa da parede. Na outra, falava da maneira como ele «conversava» com ela antes de se deitar.

— São segredos meus — disse ele mais tarde.

— De facto, muitas vezes pego num livro com o retrato de minha mulher e com ela falo.

A sessão findou com uma tocante comunicação: a esposa mencionou o seu anel de ouro, dizendo que ele o tinha dado, mas queria que soubesse que ela continuava a ter a sua compensação no mundo dos espíritos.

Em Gaya, seis anos antes, Dass assistira a um ritual indiano onde era costume entregar objectos pertencentes a pessoas falecidas e dera o anel de ouro de sua mulher.

A filha de Estela, a pedido do assistente, fez um relato fiel da sessão, limitando-se a pedir a Dasse que escrevesse os nomes que tinham sido dados fonèticamente.

Foi, portanto, uma sessão altamente probatória e um triunfo de Estela Roberts.

(Do *Two Worlds* de 16-8-958).

Explicações claras sobre os factos relatados anteriormente

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

V

Como prometemos, vamos reproduzir, seguidamente, as sensatas e claras explicações que o Dr. Martins Velho deu sobre as experiências que fez e que ficaram relatadas anteriormente e bem assim sobre os resultados que obteve.

Diz assim, e reportamo-nos ao seu parecer, por o julgarmos como verdadeira autoridade nos assuntos que aborda:

«Hoje admite-se que o homem é um composto de três substâncias distintas:

1.° — O corpo material;
2.° — O corpo astral, perespírito ou força vital (fluido vital);
3.° — O espírito ou alma.

«*O corpo material*, composto de elementos materiais orgânicos, está sujeito às leis imutáveis da química, agrega-se e desagrega-se, e com a morte dissolve-se para entrar cada molécula em novas combinações orgânicas.

«*O corpo astral ou perespírito* é uma substância aeriforme (éter provavelmente) normalmente invisível, e apenas perceptível aos nossos olhos em determinadas condições de *materialização*.

«Imortal por natureza, aparenta quando visível, a forma exacta do corpo a que pertence e de que é como que o *substractum*, e pode, em determinadas circunstâncias, exteriorizar-se mais ou menos completamente, visível ou invisìvelmente, não só por morte, mas mesmo em vida do indivíduo. Tal é o caso das *aparições telepáticas* dos *duplos* de um mesmo indivíduo, dos fenómenos magnéticos conhecidos pelos nomes de *exteriorização da sensibilidade, dupla vista* e outros fenómenos sonambúlicos, etc.

«Porém nem todo o *perespírito* tem a faculdade de poder, *em vida*, emancipar-se do corpo; tal é a parte dele que se acha localizada nas células do corpo material, e que constitui a vitalidade de cada uma delas.

«Mas a maior parte do *perespírito* acha-se localizada nos gânglios do grande simpático, e é essa que em determinadas condições pode sair do corpo material.

«A terceira e mais elevada parte do composto humano, a alma ou espírito, é uma substância *invisível, imponderável, eterna e perfectível*, princípio da individualidade humana, que, desenvolvendo-se no tempo e no espaço, aspira incessantemente à perfeição. É ela que constitui o homem pròpriamente dito.

O Dr. Martins Velho explica assim à mecânica dos fenómenos:

«A acção magnética dirige-se e actua imediatamente sobre o perespírito ou *corpo astral*, como dizem os ocultistas.

«E essa consiste essencialmente em interromper ou *interceptar* o nexo que normalmente liga este ao corpo material.

«Desta sorte, dada esta *interrupção*, o corpo material do passivo *obedece*, por uma atracção inconsciente, ao *corpo astral* do magnetizador, que actua sobre ele pela força da sua vontade.

«Assim se podem explicar as *atracções* e *movimentos inconscientes* do período letárgico e os fenómenos catalépticos, bem como a insensibilidade cutânea característica destas duas fases do sono magnético.

«E quando, pelos passes transversais ou pelo sopro, se faz passar o passivo ao estado de *credulidade*, a intensidade do sono diminui consideravelmente; o *nexo* ou *liame* entre o perespírito e o corpo material está restabelecido, se bem que por uma forma não *completamente autónoma e consciente*, por isso que a observação mostra à evidência, que ele *pensa, sente, raciocina* e faz uso seguro de todas as suas faculdades físicas e psíquicas, sempre que o magnetizador *o não fascina*, impondo-lhe uma sensação ou ideia diferente, a que não resiste.

«E se passarmos agora a considerar o estado magnético superior denominado *exteriorização da sensibilidade, veremos* que ele acha ainda a sua explicação lógica e rigorosa na mesma teoria.

«Vemos com efeito que, durante esse estado psíquico especial, *uma efluviação ódica, atmosfera aeriforme ou corpo astral* irradiou em torno de todo o corpo do passivo, formando um invólucro invisível, mas *tangível*, de uma espessura variável conforme a capacidade exteriorizante do paciente.

«Vimos que ao passo que o corpo material ficava insensível à dor, essa *atmosfera ódica* gozava duma hiperexcitabilidade sensória extraordinária.

«Ora, como o corpo astral é constituido pela parte exteriorizável do perespírito, e esta contínua mantendo íntimas relações com a outra parte do mesmo, que anima todo o organismo, daqui resulta que, quando se fere o *corpo astral*, a dor é ressentida pelo corpo material, ao passo que, ferindo-se este, como a faculdade sensória *já não reside nele*, o corpo não acusa dor alguma, porque está completamente inerte e sem vida sensitiva.

«Os órgãos dos sentidos lá estão intactos, mas *sem vida sensória*, porque esta é coisa diversa e pode alhear-se deles. O órgão jaz mudo nas catedrais, enquanto a vontade do organista não inocula na sua tubagem o sopro vivicante do ar».

Refere-se depois o mesmo Dr. Martins Velho à explicação do fenómeno do sonambulismo lúcido ou exteriorização do espírito do passivo, que assim se desloca a sítios às vezes bem distantes daquele em que o seu corpo carnal adormece e lá vê e observa o que depois é fàcilmente verificável.

Critica, com lógica, os que pre-

tendem dar as mais absurdas explicações de tal fenómeno, e termina assim:

«A visão é uma faculdade psíquica e não corpórea; os olhos são apenas os órgãos destinados pela natureza a conduzirem ao cérebro as impressões visuais recebidas durante a vida normal.

«A teoria que adoptamos é, pelo contrário, racional e simples, baseando-se apenas numa hipótese que está hoje demonstrada — *a possibilidade de se separar do corpo físico, o perespírito ou corpo astral.*

«Essa possibilidade é um facto que o sábio não ousa negar».

Ora é bom explicar ou esclarecer mais uma vez que perespírito ou corpo astral é o envoltório fluídico que reveste o espírito e que este acompanha, em digressões como as mencionadas no capítulo anterior.

E relatadas numa publicação periódica que era *Estudos Psíquicos* de há 50 anos, que assim as apresentou à confirmação testemunhal das pessoas ali mencionadas e que existiam naquele tempo, e expostas como aí ficam ao longo destas *Mensagens* as experiências de um português que foi um carácter honesto e um espírito esclarecido, sempre isento de fanatismos e de vaidades, basta dizer que o método experimental que adoptou — o do magnetismo animal, difere em muito do hipnotismo, embora em seus efeitos se assemelhem.

E assim, enquanto o hipnotismo, segundo Braid e outros cultores entusiastas do hipnotismo é — «*um estado particular do sistema nervoso, determinado por manobras artificiais, tendendo, pela paralisia dos centros nervosos, a destruir o equilíbrio nervoso*», pois que os hipnotistas e fascinadores atacam exclusivamente o cérebro produzindo aí aquele desequilíbrio, «os magnetizadores — diz o Dr. Martins Velho, actuando pelos passes sobre o corpo todo, concentram especialmente os seus esforços sobre o epigastro e sistema nervoso ganglionar, procurando equilibrar o melhor possível a corrente nervosa, de maneira a obter a mais alta expressão da autonomia funcional do ser. Aqueles (os hipnotizadores) destróem pela fadiga o *Eu consciente;* estes (os magnetizadores) elevam-no ao grau sintético mais elevado.

«O verdadeiro magnetizador tem nos *passes* e nas imposições um meio eficacíssimo para graduar e regular o sono magnético.

«Atraído pelo fluido magnético, de que os passes vão como que impregnados, o corpo astral do passivo isola-se do corpo material, liberta-se das peias a que este o sujeita habitualmente, e, gozando de uma *extrema mobilidade magnética*, pode, como o pensamento, *viajar* por onde lhe apraz, ou *seguir a orientação* que lhe é imposta pelo magnetizador.

«Quanto ao passivo hipnótico, esse está longe de atingir as eminentes qualidades que distinguem o passivo magnético».

O que fica exposto mostra que o método que o Dr. Martins Velho seguiu e empregou, e muitos outros experimentadores têm adoptado, leva ao que hoje se denomina fenómeno de desdobramento do duplo humano, e que pode ser operado pelo próprio, por exercícios especiais de concentração do pensamento.

Um amigo nosso, médico conscienciosо e dotado de espírito investigador, fez aqueles exercícios incitado por leituras de teosofia e revelou-me, em mais duma conversa, que tinha obtido o resultado surpreendente de se ver em dois — o corpo físico imóvel no leito em que se deitara, e o seu Eu espiritual manifestando-se num corpo fluido perfeitamente semelhante ao *outro* pairar num plano superior.

Fazendo em si vibrar a vontade de sair para a rua assim aconteceu, deslocando-se ao longo dela por algum tempo. E certificava-se de que não era em corpo físico que o fazia, porque, indo de encontro aos transeuntes, atravessava-os dum lado a outro sem que eles dessem por tal. Qualquer receio que o influenciou fê-lo imediatamente regressar ao corpo que se movimentou e saiu da letargia em que estava, uma vez na posse do próprio espírito.

E assim se demonstra que a alma, se pode deixar o corpo inerte e abandoná-lo por algum tempo, se pode até manifestar-se em lugares muito distantes do corpo, como é o caso dos fenómenos telepáticos muito frequentes, sobrevive e melhor se manifesta quando o corpo, aniquilado pela morte, deixou de a prender ao compromisso de o utilizar como instrumento de expiação e máquina de aprendizagem.

Aqueles fenómenos de desdobramento são, em vários casos, relatados na *História Geral da Igreja* como insuspeitos *milagres*, e a propósito vamos citar o que se passou com Afonso Maria de Ligório, em que aquele fenómeno constitui uma importante peça da sua beatificação.

Foi o caso que em 21 de Setembro de 1774, depois de ter celebrado missa, caiu Afonso de Ligório num estado de grande prostração, como às vezes sucede aos sonâmbulos, e em consequência desse abatimento físico e moral, não pôde levantar-se duma cadeira até ao dia seguinte, em que despertou da letargia.

Durante este tempo ninguém ousou falar-lhe, nem mesmo as pessoas ao seu serviço, pois vendo-o naquela posição, o respeito as impedia de o irem perturbar.

Desde o dia 21 ao dia 22, por um período superior a 24 horas, manteve-se a prostração até recuperar o estado normal.

Como este incidente fosse conhecido, várias pessoas se acercaram do prelado a saber notícias de sua saúde, respondendo ele que durante esse tempo tinha ido assistir à morte do pontífice, tendo dela rigorosa ideia.

Esta resposta pareceu a todos o resultado de uma alucinação, pois que Afonso de Ligório não tinha deixado um só momento os seus aposentos, nem podia transpor a grande distância até Roma.

Contudo, passado pouco tempo veio a notícia da morte de Clemente XIX, precisamente no dia 22 de Setembro e pouco antes de Ligório despertar. E de meu conhecimento tenho também um depoimento a fazer:

Era eu ainda adolescente ouvi um dia o meu padrinho, que foi também meu professor de instrução primária, carácter íntegro e espírito culto, contar que uma noite vira *em sonho*, segundo o seu conceito, que lhe roubavam um batatal que possuia num campo a pouco mais de três quilómetros da vila em que resídia. Preocupado com *aquilo que vira*, assim que se levantou foi ao dito campo verificar o que havia:

Efectivamente lá viu o batatal revolvido e muito desfalcado.

Houve um investigador italiano, notável como professor universitário, que durante muitos anos se dedicou a anotar, a estudar e a comentar inúmeros factos semelhantes aos que temos apresentado nas *Mensagens* aqui publicadas, uns referentes aos espíritos dos que ainda eram viventes terrenos, outros como incontestáveis manifestações de espíritos que pertenceram a viventes da terra, de que havia os registos insofismáveis dos seus óbitos.

Dele falaremos na *Mensagem* seguinte.

APOLOGIA DA PRECE

Por ALFREDO MIGUEL (correspondente na Bahia)

2.ª PARTE

PROVAS CONCRETAS DA EFICÁCIA DA PRECE

III

O Dr. Carlos Imbassahy e o seu depoimento sobre a prece. — «Ah! puderam mais do que eu, desta vez!». — Espíritos malfazejos que só à força de prece podem ser expelidos. — Como actuou a prece num caso grave em que o Autor foi vítima.

Quantos por este Brasil afora conhecem o Dr. Carlos Imbassahy, através de seus livros, artigos de jornal e conferências públicas, são unânimes em reconhecer nele uma cultura opulenta, uma erudição profunda a serviço da causa espirita em nosso País. Inteligência peregrina, aguda e penetrante, no género que é a sua especialidade — a polémica — o Dr. Carlos Imbassahy não tem rival em terras brasileiras e talvez no mundo, quer o apreciemos pela maneira respeitosa e cordial com que trata o adversário, quer pela argumentação vigorosa com que revida e anula todas as críticas veiculadas contra o Espiritismo.

Publicando em 1935 O Espiritismo à Luz dos Factos, *destruiu uma a uma as objecções formuladas à parte científica da nossa doutrina; e mais tarde, em outro volume intitulado* À Margem do Espiritismo, *desfez tudo quanto se tem arguido à sua parte filosófica. Faltava ainda refutar as razões em que se firmam os que combatem a parte religiosa do Espiritismo; e, preenchendo esta lacuna, deu-nos o grande escritor patrício em 1948 —* Religião *— livro pujante em que os argumentos que invalidaram aquelas razões, pela sua viveza e eloquência, chegam a provocar arroubos de entusiasmo no leitor.*

Pois bem, é em Religião, *no derradeiro capítulo, que encontramos um substancioso estudo sobre a Prece, estudo magistral que o Dr. Carlos Imbassahy apoia na evidência de factos por ele mesmo observados e trazidos ao conhecimento do público.*

Um desses factos é o que nos permitimos reproduzir, linhas abaixo, sem omissão sequer de uma vírgula. Ouçamos o escritor:

«Numa sessão, aliás teórica, falávamos sobre pontos evangélicos, quando uma jovem presente toma o aspecto de louca furiosa e quer rasgar-se.

«Depois investe contra os assistentes. Houve pânico, que aumentou quando a vimos querer atirar-se de uma janela.

«Uns a seguraram; outros davam-lhe passes; outros traziam-lhe coisas para cheirar; cada qual alvitrava um meio, todos inteiramente inúteis, todos lamentàvelmente anódinos.

«Fizemos que se retirassem os curiosos; e nós, cercado de um grupo de médiuns, procurámos dar passes na possessa. Estes pareceram com o privilégio de enfurecê-la ainda mais; ela se lançava a nós, dizendo-nos os maiores impropérios, arranhava-nos, esbofeteava-nos.

«Já estávamos exaustos.

«Os amigos entreolhavam-se pasmos, desanimados. Era preciso chamar a Assistência.

«Mas seria o escândalo. Seria a confissão completa da falência de todos os nossos processos.

«As lágrimas vieram-nos aos olhos. Compreendemos, então, a extensão imensa de nossas fraquezas. E apelámos para o Pai. E orámos.

«E orávamos e chorávamos. Porque negar a nossa fragilidade? Êramos o responsável pela reunião. Chorávamos e orávamos.

«E quando o portador já ia descer as escadas, em busca do telefone, diz a moça, com voz mudada, com timbre másculo: «Ah! puderam mais do que eu, desta vez!»

«E acalmou. A acordou. E perguntou-nos, sorridente, ingénua, ignorante de tudo que se passara: — «Que foi? Que houve?...

«Estava curada. Estava curada pela prece.»

O caso que acabamos de transcrever, faz-nos recordar o que se conta nos Evangelhos, acerca de um moço possesso de um Espírito malfazejo, cujo progenitor suplicara a Jesus que o curasse, depois de o terem tentado, em vão, os discípulos.

Vendo estes que, a uma ordem do Mestre, o terrível obsessor deixara imediatamente o rapaz, que dantes vivia metido em correntes, como louco indomável, aproximaram-se do Senhor, em particular, e indagaram:

— Porque não pudemos nós expulsá-lo?

— Esta casta de Espíritos, respondeu Jesus, só se consegue expelir à força de oração *e jejum* (1).

Desconhecendo ainda a enorme influência da prece (Lucas, 11:1) *nas situações difíceis em que o homem vê fracassar as suas energias, os discípulos deram de si tudo o que era possível, num baldado esforço para libertar o moço da entidade tenebrosa que o obsidiava.*

Com o Dr. Carlos Imbassahy, como vimos linhas acima, a vitória sobre o inimigo desencarnado que incorporara a jovem e a queria destruir, foi uma decorrência pura e simples do apelo que ele dirigira ao Pai, invocando o seu socorro.

A nosso turno, temos também, neste teor, um pouco que contar.

Anda por pouco mais de 20 anos, vimo-nos assediado por elemento do plano astral, rancoroso e vingativo. Queria transformar-nos em joguete de sua acção maléfica.

Descrevera-nos, certa vez, uma vidente, a sua figura ameaçadora: Preto, baixote, mal-encarado, uma cicatriz no lado direito do rosto, o busto nu e peludo; na mão, erguida num gesto brutal, uma enorme faca. Era assim que aparecia ao nosso lado.

Algum tempo depois desta revelação, num sonho muito vivo, muito nítido, haveríamos de conhecer o porquê daquele propósito de vingança. A história, sem dúvida, tivera a sua origem em uma existência anterior a esta que estamos vivendo. A cena onírica nos apresenta o mesmíssimo preto descrito pela vidente, em um determinado sítio. Com ele um garoto de cor, de uns 10 anos de idade, seu filho, que, a seu mando, encaminha-se a uma venda a comprar qualquer coisa. O rapazinho engana-se na compra que fora efectuar, trazendo outra mercadoria. Seu progenitor, impulsivo, revolta-se e castiga-o severamente.

Sua cólera, a subir de ponto, leva-o a bater com mais impiedade no menino — a bater até matá-lo. Assistindo àquela cena terrìvelmente selvagem, deitámos a correr, apavorado, enquanto o homem, cheio de ódio e despeito, atira-se também, impetuoso, no nosso encalço.

Correndo sempre, de vez em quando olhamos para trás, vendo-o aproximar-se de nós. Extenuado de cansaço naquela correria desordenada, vamos estacar, de chofre, à borda de uma ribanceira, diante de caudaloso rio. O medo dá-nos o ímpeto de atirarmo-nos no curso da água, lá em baixo; mas a perspectiva de morrer afogado dita-nos a resolução de travar um pugilato com o nosso perseguidor, numa decisão extrema de vencê-lo ou ser vencido.

E ele chega, furibundo, à nossa frente. Num lance temerário, empenhamo-nos em uma luta desesperada, que termina quando o atiramos, barranco a baixo, dentro do rio!...

Não há tempo a perder. Deixámos o local, novamente numa disparada louca, já agora desvairado, a fustigar-nos o remorso de ter morto o nosso antagonista. Temos a consciência em fogo, o coração convulso, sufocado de agonia. Afinal somos um delinquente involuntário, que mesmo assim precisa fugir, distanciar-se do teatro de seu crime. E a correr e a olhar, transido de pavor, para a retaguarda, eis que avistamos a nossa suposta vítima, de arma em punho, alucinado, movimentando-se velozmente ao nosso encontro. O desespero nos aniquila, sentimo-nos desvairar. Despertamos, felizmente. Temos o corpo deprimido, trémulo e inundado de suor.

Por muito tempo esse pobre irmão ignorante lançou obstáculos no nosso caminho. Atormentou-nos bastante, especialmente à noite, a perturbar-nos o sono. Mas, em última instância, vencêmo-lo! Reabilitou-se, sem que o levássemos, ao menos uma vez, a um Centro Espirita. Quiséramos, nós mesmo, doutriná-lo; e o fizemos tão sòmente pela prece assídua, consuetudinária, até nos vermos livre de sua vexação.

---

(1) *Marcos, 9: 14-29; Mateus, 17: 14-21.*

ECOS DE UM

Por ISIDORO DUA

XL

UM DEPARTAMENTO E

O Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira é obra notável, cujo valor não se pode avaliar fàcilmente. O livro — como diz Laboulaye — é uma voz que se ouve, uma voz que nos fala; é o pensamento vivo, a alma de quem está separado de nós pelo espaço e pelo tempo.

Sempre tivemos grande apego às obras literárias. Nas letras mortas de uma página há cintilações fortes, conceitos vivos que instruem, passos que divertem, gestos que assombram. E nós perambulamos na mensagem que os vivos ou os mortos nos mandam, como se estivessem presentes na hora e na circunstância. Aquilo é actual, está no momento psicológico.

Tantas coisas que se encontram numa leitura adequada! Tantos diálogos mudos entre leitor e autor! A ressonância mental produz milagres. Sente-se que as ideias volitam como asas pandas que nos tocam e nos envolvem e o verdadeiro mundo entra em acção com todos os elementos.

Estas lucubrações devem ter levado Chesterfield a escrever que as livrarias são catacumbas onde estão embalsamados e conservados os espíritos dos mortos que não morrem.

Assim, não admira que sentíssemos curiosidade ou tentação de visitar o prédio 410 da Rua Figueira de Melo, num sítio esplêndido do Rio de Janeiro. Como dissemos, a companhia dispunha bem. Estabelecera-se a corrente necessária. Wantuil de Freitas e Brito Soares foram mais do que cicerones amáveis. Excederam-se em solicitude e a breve trecho pareciam enquadrados, como nós, na caravana dos visitantes.

Ali é que estava o motor da grande máquina que uns tantos accionavam em prol da Causa Espirita mundial, porque o livro não se restringe. O livro não tem fronteiras materiais, vai onde se reclama. Salomão exorta nos seus «Provérbios»: «Compra a verdade, não vendas a sabedoria». E quem adquire um livro aproxima-se da verdade.

Mesmo na terra, vivemos em dois mundos. Quem sentiu essa realidade e a transmitiu em letra impressa legou aos homens uma grande riqueza. Muitos não dão por isso, mas outros compreenderão e rejubilarão.

O livro é mestre mudo, na expressão do padre António Vieira. E nós acrescentamos: eternamente constante, eternamente gentil. Não se melindra, não se agasta, é solícito em extremo, conformista ao cúmulo, e, quando é preciso, diz verdades duras, sem olhar ao tempo e à senhoria. Estas razões levam-nos a adorá-lo, como expoente da verdadeira cultura.

★

A obra da Federação, neste ponto, tem sido colossal. Sabíamos que remodelara serviços editoriais, que adquirira maquinaria apropriada à expansão do livro espirita, cada vez mais reclamado em todas as classes sociais; sabíamos que o Reformador *aumentara a tiragem mantendo um preço irrisório em benefício da propaganda; sabíamos que as obras de Kardec haviam sido esteriotipadas e, posteriormente, algumas de Francisco Cândido Xavier e Zilda Gama, se não estamos em erro; sabíamos que milhões de cruzeiros estavam na base de vastos melhoramentos impulsionados por Wantuil de Freitas, actual presidente da instituição. Por isso tínhamos curiosidade. E embora Paul Bourget lhe chamasse a última paixão das pessoas velhas, juramos à puridade que a temos desde muito novo. Não curiosidade maledicente de coisas frívolas, mas elevada, de observador que não se cansa de analisar para firmar a sua opinião.*

A primeira visita foi à máquina de impressão adquirida na América por 250 contos e que hoje vale 2.000. Quando fizeram a compra pareceu uma cifra astronómica. Mas o trabalho que executou foi nobre compensação daquela aplicação de numerário.

O prédio custou 1.200 contos. Para a sua construção houve empréstimos sem juro. Entre os prestamistas salientamos Wantuil de Freitas, Manuel Jorge Gaio, Frederico Figner, Líns de Vasconcelos e Ismael Gomes Braga. Gente de fé ilimitada, abalançaram-se à obra com 80 contos em caixa. Assim têm começado quase todos os empreendimentos espiritas no Brasil...

O construtor foi o português Moisés Ferreira dos Santos, homem de grande honestidade a quem a Federação adjudica todos os serviços congéneres.

Quando pensamos que tudo isto se realizou no intuito de se poderem editar as obras do Codificador, somos levados a crer que não há obstáculos intransponíveis no caminho de semelhantes pioneiros E acresce ainda a circunstância de os directores trabalharem de graça em 80 por cento das agremiações espiritas. Santa cruzada que radica nos corações, vai contagiando as cidades, as vilas e as aldeias, a ponto, como já dissemos, de espiritista ser sinónimo de altruista.

★

Além dos companheiros mencionados no último capítulo, estava também o Major Dr. Luís Gentil. Sabendo que íamos visitar o Departamento Editorial, quis enfileirar na pequena caravana. Foi dos que mais louvou a aquisição da máquina impressora, além da qual vimos mais três máquinas para livros e outra para capas.

O Reformador *podia agora aumentar a tiragem, em virtude das providências tomadas. E Kardec andaria de mão em mão numa cruzada reconstrutiva, cujos limites se não podiam antever no momento.*

Wantuil de Freitas, a propósito da construção do grande edifício, disse-nos que o legado de 100 mil cruzeiros com que o Figner ho-

MA VIAGEM

DUARTE SANTOS

XL

E UMA CONFERENCIA

menageara o Chico Xavier, fora nela aplicado integralmente. O grande médium nada quer para si, além do que aufere como funcionário estadual.

Vimos a dobradora eléctrica do Reformador, *a máquina de dobrar os cantos dos livros, a de grampear, a de coser, uma prensa destinada a papel poroso, duas guilhotinas, máquinas de fazer lombadas nos livros (2 de cada vez), máquinas de picotar, máquinas de cortar papelão... Depois de vermos este conjunto harmonioso vasculhámos a um canto... Era a caldeira do grude a gás e electricidade. Se faltasse o gás... a electricidade desempenharia a tarefa...*

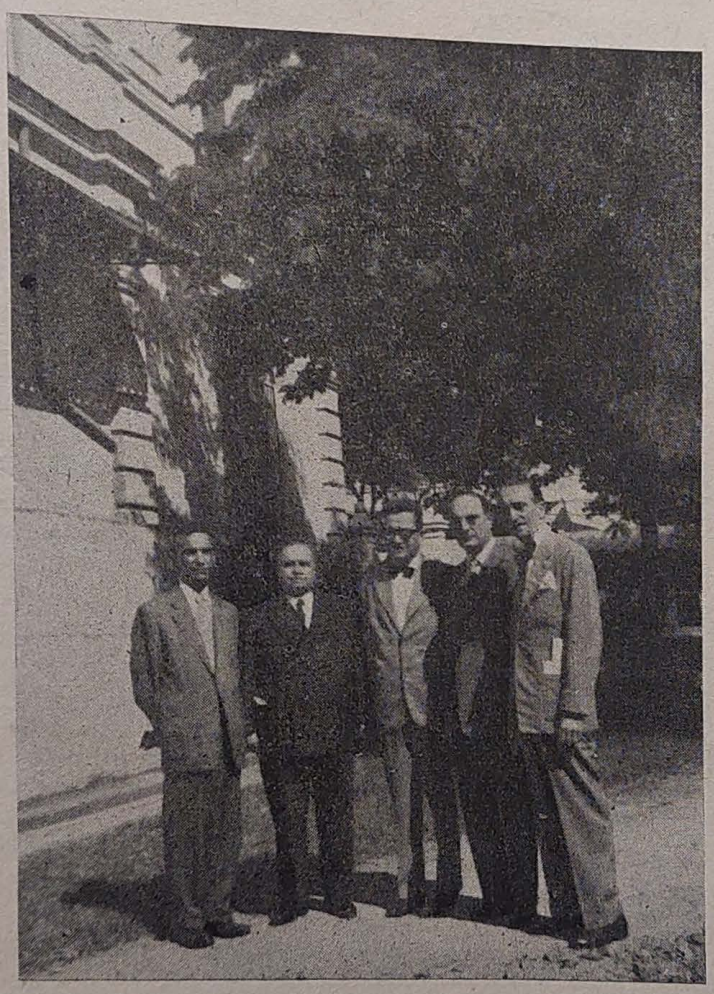
★

O departamento Editorial da Federação é uma obra moderna. A princípio os livros eram compostos e impressos em Portugal e o Reformador *fazia enormes despesas em tipografias que lhe não mantinham o aspecto gráfico. Quando se instalaram oficinas próprias tudo mudou.*

As edições intensificaram-se durante a presidência do Dr. Guillon Ribeiro, denodado defensor da propaganda escrita a quem se devem óptimas traduções, a começar pelos livros de Kardec. O público compreendeu o esforço realizado e as edições aumentaram a tiragem. Não podemos esquecer aqui o nome de Manuel Quintão, antigo presidente da colectividade que traduziu e reviu primorosamente algumas obras valiosas e foi um dos melhores obreiros do Reformador.

Podemos dizer que a Livraria da Federação era a única fonte, através da qual se bebia a água viva da Doutrina. As próprias mensagens recebidas pelo grande médium português Fernando de Lacerda foram ali editadas. O Brasil era a Meca dos espiritistas lusitanos, era o semeador das verdades reveladas traduzidas em vernáculo. E por estas obras é que a Federação se tornou conhecida nas mais longínquas regiões de fala portuguesa. Mas estava escrito que mais vastos horizontes se rasgariam. O que existia, sendo muito, era pouco para as necessidades que dia-a-dia se evidenciavam. E já tinham saído do prelo mais de 200 obras diferentes, algumas com dez e doze edições, num total de alguns milhões de exemplares. Sementeira enorme extraordinàriamente vasta, num país onde o analfabetismo campeava.

Isto pensávamos nós, enquanto o Wantuil mostrava e esmiuçava e o Brito Soares aludia a pormenores incisivos e oportunos...



Após a visita ao Departamento Editorial
Da esquerda para a direita: H. Magalhães, Isidoro, Wantuil, Brito Soares, e Correia de Sá

★

A sala de composição e impressão está apetrechada com vidros especiais, a fim de proteger a vista contra os raios ultravioletas, e tem buracos nas paredes para ventilação.

No 2.º andar do prédio novo, que tem alicerce para sete andares, há um depósito de livros de pouca venda, muito bem empacotados, e uma cúpula arqueada de brasilite, constituída por vigas de madeira aparafusadas.

Vimos uma bela máquina «Intertipe» com quatro colecções de matrizes que podem usar-se ao mesmo tempo. Tinha sido adquirida meses antes. Além desta, havia outra usada.

No depósito de paginação tomámos conhecimento da luta pelo chumbo e vimos que a revisão era feita pelo Wantuil e alguns amigos. Cada qual rubricava as respectivas páginas para efeito de responsabilidade.

Wantuil reviu todas as obras de Kardec sobre a tradução de Guillon Ribeiro. Quem conhece o assunto não pode ignorar o seu esforço ingente.

As matrizes da esteriotipagem estavam guardadas em celofane e latas apropriadas.

Um compartimento gradeado atraiu a nossa atenção e logo o Wantuil informou:

— São os documentos históricos da Federação, onde só entra o Tesoureiro.

★

Quando se visita uma obra, o que se vê liga-se ao que se não vê e faz-se o confronto. Em face

do que víamos evocámos o ano de 1932, quando surgiu em Pedro Leopoldo um médium, orfão de mãe aos 5 anos e que aos 14 vendia aguardente e cerveja às ordens de um padrinho. Era Chico Xavier, que mais tarde viria a tornar-se o maior psicógrafo do mundo latino. A Federação editou-lhe «O Parnaso de Além Túmulo», que já teve cinco ou seis edições. Depois, a linfa continuou a correr... Mais de cinquenta livros já foram veiculados por esse canal estranho. Mais de dez mil páginas, mais de mil e quinhentos temas vazados em linguagem correcta. «Cartas de Uma Morta», «Crónicas de Além Túmulo», «Emmanuel», «Brasil, Coração do Mundo», «Há Dois Mil Anos», «Cinquenta Anos Depois», «Lira Imortal», «Boa Nova», «O Consolador», «Cartas do Evangelho», «Paulo e Estêvão», «Renúncia», «Cartilha da Natureza», «Nosso Lar», «Os Mensageiros», «Missionários da Luz», «Lázaro Redivivo», «Obreiros da Vida Eterna», «Agenda Cristã», «No Mundo Maior», «Nos Domínios da Mediunidade», «Entre o Céu e a Terra», «Libertação», «Roteiro», «Vinha de Luz», «Ave-Cristo» e tantos outros que seria longo enumerar.

Este médium deu alento invulgar ao Departamento Editorial. O público leu àvidamente os seus livros discutidíssimos combatidos por adversários irredutíveis, e centenas centenas de milhar se venderam no Brasil e no mundo...

★

E também nos lembrámos do esforço hérculeo de Ismael Gomes Braga na difusão do Esperanto ao serviço da Causa, sob a égide da Federação. Primeiro dotou a nossa língua de manuais didácticos de grande utilidade prática e depois custeou a edição do «O Livro dos Espíritos» na tradução do Doutor Portocarreiro Neto. A seguir abalançou-se à tradução de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», que igualmente custeou. Portocarreiro traduziu depois «Na Sombra e na Luz», novela ditada pelo espírito de Vítor Hugo. Dois nomes, dois insignes difusores do Esperanto, mercê dos quais o Espiritismo tem sido levado a muitos povos que ignoram o idioma de Camões e Rui Barbosa. O Departamento Editorial é o foco irradiante desta propaganda gigantesca, que em 1940 atingiu um nível muito elevado, em virtude de os Espíritos começarem a dar-lhe apoio directo. Hoje é um movimento promissor enraizado na juventude.

★

A bola de neve começa então a rolar e os prelos a gemer. Os livros já não chegam para as exigências da população. Wantuil substitui Guillon Ribeiro na presidência da Federação e o seu primeiro pensamento é ampliar as oficinas da Editora. Ele insistia sempre na mesma ideia em seus relatórios anuais:

— É preciso alargar o Departamento Editorial!

Insistia sempre neste ponto. Via ao longe com sua intuição de profeta. Pois se havia mais de 50 obras totalmente esgotadas e se, de reimpressões com tiragem mínima de 5.000 exemplares, se reclamavam mais de 300.000 exemplares por ano! E se outros livros que se editassem atingiriam o mesmo número!

Não admira, pois, que no cérebro do Wantuil se agitasse um quadro a cuja realização se opunham vozes discordantes. Com efeito, onde estavam três milhões de cruzeiros (nesse tempo correspondiam a 4.500 contos portugueses), se a Tesouraria da Federação gastava tudo em obras de caridade e na manutenção do Reformador?...

★

A Federação comprou um grande prédio ao lado pela irrisória quantia de 50 contos. Um edifício histórico «que ameaçava ruína», no dizer da vistoria. Mas o Ferreira dos Santos foi inspecioná-lo e disse ao Wantuil que estava muito forte. E deste modo se adquiriu um imóvel de grande vulto pelo valor de alguns metros de terreno...

O Wantuil disse-nos a propósito deste patrício construtor:

— No Brasil há um português em tudo. Até eu tenho costela portuguesa, dos Drumonds, radicados na Ilha da Madeira...

Ali estava a secção do Reformador com ficheiros e endereços mecânicos, um depósito de papel de impressão, secção de consignações...

— Acerca de consignações — exclama o Brito Soares — quer ver a sua?

— Quero — respondemos com certa curiosidade.

Ao cabo de 10 segundos tínhamos a ficha nas mãos.

— Qual é o meu débito? — perguntámos.

— Quite!

Quem mostrou a ficha também era filha de portugueses e chamava-se Maria Elisa de Almeida. Conhecia-nos bem. Há tantos anos a lidar com o nosso nome! Mas isto foi pura demonstração da rapidez do serviço...

★

No 1.º andar encontra-se a expedição do Reformador e dos livros editados. É uma sala amplíssima de madeiramentos caros.

A sala do «Evangelho Segundo o Espiritismo» é digna de atenção. Não admira. Já houve um ano em que se venderam 80 mil exemplares...

A expedição de registados tem uma porta que liga a um terraço por onde saem os caixotes de livros que vão cair directamente nos camiões.

O tecto é do tempo da monarquia.

Ao lado, o serviço de reembolso postal e o depósito de livros esperantistas.

★

Estas notas, foram colhidas ao acaso da visita e da conversa e não há tempo de as pôr em ordem. Por um lado têm mais sabor. São instantâneos sem retoque que o leitor apreciará.

Uma coisa curiosa: terminámos por onde devíamos principiar. Na sala de entrada está um dístico que reza assim:

«Todos os lucros desta casa são aplicados em obras de assistência social. Cada economia que fizermos será mais um socorro prestado. Os nossos directores trabalham gratuitamente».

Disse o Wantuil que foi ali afixado com vista aos fornecedores... para conseguir maiores descontos e facilidades...

Sobre a portada, um lindo busto de Allan Kardec, em bronze de lei. Em frente, a árvore «Wantuil», plantada em 9 de Setembro de 1948 e junto à qual tirámos a fotografia que vai junta.

★

Vê-se, pois, que o principal objectivo da Federação Espirita Brasileira é o livro, cujas edições duplicam de ano para ano, em ritmo acelerado. Há dez anos tinha seis milhões de cruzeiros ao serviço desta cruzada. Hoje, com a crise monetária, é impossível

avaliar o seu património. O que ninguém pode negar são as perspectivas dos próximos decénios.

Todos os espiritistas brasileiros conhecem os altos serviços do Departamento Editorial e a honestidade e abnegação dos que nele trabalham silenciosamente.

Estas palavras não são laudatórias; são reflexo da nossa observação. No movimento espirita mundial não conhecemos outra obra que se lhe compare.

É consolador poder falar assim sem alterar a verdade, que se envergonha de jazer oculta, na frase de Lope de Vega.

Há quem trabalhe para os outros esquecendo-se a si próprio e há quem trabelhe para si esquecendo os outros. Os que nomeámos trabalham ou trabalharam para a Causa Espirita, em busca de mundo melhor.

Meu caro Wantuil, não se agaste com algumas palavras que irão ferir a sua modéstia. Se nos preocupássemos com essas frioleiras, quando falamos de alguma coisa ou de alguém, não haveria história; e esta viagem impressionista é também relato do que vimos objectivamente. *É um depoimento claro e desassombrado. Tocámos as obras, pesámo-las e medimo-las segundo o nosso critério e não chamamos ao branco preto e ao preto branco, como já dissemos noutro lugar, porque a verdade anda ao de cima, como o azeite...*

★

Onze dias depois o calendário marcava 19 de Junho de 1955. Era o dia da nossa palestra no Salão de Conferências da Federação, sob a presidência do Dr. Brito Soares. O recinto enorme acolheu cerca de mil pessoas. Por lá têm passado grandes homens cujo traço vivo deixou verdadeiros sulcos de claridade. Por isso não foi sem alvoroço que nos sentámos à grande mesa, onde personalidades ilustres representavam a Casa de Ismael no desejo de homenagear Portugal.

Já dissemos que não somos orador, mas deu-nos Deus o condão de comunicar aos outros o entusiasmo, quando o sentimos plenamente. Em toda a parte o comunicámos, sobretudo nos grandes aglomerados, sem necessidade de recorrer à palavra escrita, que, mesmo lapidar, é desprovida de vibração espontânea. Sempre o Alto nos acompanhou e incitou em saudações calorosas e em temas transcendentes, porque a nossa posição era de homem simples a serviço de um Ideal.

E porque havia tantas pessoas na Federação? É que os dirigentes da colectividade haviam afixado um grande cartaz com estes dizeres: «Conferência por Isidoro Duarte Santos, jornalista e escritor português, presidida pelo Dr. Brito Soares» e todo o mundo ali acorreu. Julgaram que era assim mesmo e enganaram-se. Nem somos escritor nem jornalista. Somos homem do século e aproveitamos uma revista para defender o Espiritismo. Os livros que escrevemos são opiniões volantes que nos reflectem. E se damos o que temos à Doutrina, cumprimos um dever que nos entusiasma.

★

A oração do presidente foi tão notável, que não resistimos a resumi-la. Ficará nesta obra humilde como padrão de simpatia.

«É com viva emoção — disse ele — que presido à nossa habitual domingueira, porque aqui duas nações — Portugal e Brasil — mostram que estão ligadas por laços indestrutíveis.

«Há poucos dias o nobre povo lusitano sentiu-se venturoso ao demonstrar o grande amor a esta gente na pessoa do presidente do nosso país. Agora são os espiritas de Santa Cruz que mandam a Portugal, na pessoa de Isidoro Duarte Santos, o seu amplexo de fraternidade e de gratidão pelo que devem à gente portuguesa.

«Foi esse povo altivo e desprendido que nos legou o vasto território em que vivemos e ficará na história de todos os tempos com o nome de Brasil, Pátria do Evangelho e Coração do Mundo!

«Ao Brasil coube o encargo de fazer frutificar as verdades codificadas por Kardec e daí o elevado número de obras de assistência social fundadas sob a égide do Espiritismo Cristão.

«E quem preparou o terreno

DIRECTORIA DA FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA QUE IMPULSIONOU O DEPARTAMENTO EDITORIAL

Sentados, da esquerda para a direita **— João Luís de Paiva Júnior, Dr. Brito Soares, Dr. Wantuil de Freitas, Dr. Fernando Rocha Garcia e Manuel Jorge Gaio.**
De pé, da esquerda para a direita **— Henrique Sonderman, Dr. Luís Guillon Ribeiro, Dr. Carlos Lomba, Ismael Gomes Braga, Indalício Mendes, Américo Lopes Vieira e Alfredo Félix da Silva**

para essa finalidade grandiosa, incutindo aos futuros povoadores o sentimento de liberdade, de amor, de justiça, de lealdade e fraternidade? Os destemidos e bravos filhos da lusitana terra! Portugal soube sofrer e lutar pela nossa hegemonia territorial e cristã, para que o Brasil se transformasse em grande nação eternamente portuguesa pelo coração de seus filhos e pela língua comum, única que possui em seu vocabulário a palavra «Saudade». E embora o Brasil se desmembrasse de Portugal pela vontade de D. Pedro I, que ficou nas páginas da nossa história, nunca se afrouxaram os laços afectivos que unem os dois povos.

«Eis um estranho paradoxo: politicamente separados, mas ligados eternamente pelo sentir, pelo falar, pela compreensão e, repito, pelo espírito de liberdade e lealdade.

«Os irmãos lusitanos exerceram e exercem uma influência preponderante na formação do nosso espírito associativo e religioso e lançaram as bases da jornada caritativa, humana e cristã, que deu alento às obras beneficentes e educacionais.

«Não há organização espirita em nosso país que não mantenha um departamento de assistência social ao lado de seus trabalhos doutrinários; e será difícil não encontrar nessas instituições o elemento português a cooperar ardorosamente, carinhosamente, evangelicamente.

«Rocha Pombo disse muito bem na sua «História do Brasil»: «O que faz do Português um coeficiente sociológico de alto valor para o Brasil é, além de todas as afinidades connosco, a profunda simpatia, a firme disposição que traz de identificar-se tão bem com o povo e com o país, que é como se este fosse um prolongamento lá da terra».

«Esta Casa, pode-se dizer, foi fundada e mantida nos primeiros quatro anos de existência, por um abnegado idealista português — António Elias da Silva — que também fundou o nosso mensário Reformador. *E por ela têm passado outros irmãos de Portugal, aos quais deve grandes serviços.*

«Foi seu vice-presidente Inácio Bittencourt, português, médium receitista e orador de inigualável valor, querido no Brasil inteiro, homem honrado que pobremente viveu e pobremente desencarnou. Um verdadeiro apóstolo do Bem! Sua vida é um paradigma para todos nós, isto é, de como deve portar-se o espirita cristão que não se deixa avassalar pelas seduções mundanas!

«Meus amigos: Isidoro Duarte Santos (etc., etc., etc.), bem sabe o esforço que despendemos para a cristianização da nossa terra. E se, para nós, português jámais foi estrangeiro neste solo brasileiro, mais irmão ele o é para nós, porque os nossos espíritos já se irmanaram através dos sublimes ideais que nos acalentam e iluminam.

«É esse irmão que nos vai falar nesta tarde e para ele solicitamos as vossas vibrações de simpatia».

★

O nosso tema, incisivo e profundo, intitulámo-lo «Os Dois Pratos». Mostrámos os objectivos da viagem e o momento escolhido, com o mundo em crise, cheio de luto e incompreensão, e aludimos à responsabilidade da ciência materialista, que primeiro destrói, para depois construir sobre a fonte das lágrimas. A sociedade desespera e vêm depois os moralistas e os santos a pregar a bondade e a renúncia. Século vinte, século da virtigem! Será luz inversa? Onde está o progresso moral? Surge o ódio de raças, ou melhor, de governantes, e os homens anseiam paz duradoira...

Falámos de religiões extáticas, refúgio de crentes intranquilos, do desequilíbrio geral, do que há para lá do físico e dos sentidos humanos precários...

Depois surgiu o Espiritismo, como nascente viva, que nada promete e tudo impõe, e como luz do mundo, que dá confiança e certeza espiritual. E o grande Brasil resplandeceu em beleza com seus monumentos de caridade, consequências morais da doutrina. Estas obras projectaram-se na alma popular e deram origem à solidariedade espirita, quebra-mar de celeumas e ataques traiçoeiros.

Eis um prato da balança.

Mas havia outro prato. O corpo tinha alimento; a alma reclamava o seu.

A educação é a segunda necessidade do povo. É necessário preparar as almas para seu destino através do livro e da rádio; luz para cegos, água para sequiosos. O alfabeto, o maior luzeiro da história. Gutembergue e a roda... Os caminhos de Deus... O problema da prostituição e da miséria e a reforma da sociedade pelo Espiritismo, do centro para a periferia... Harmonização com a Lei e teimosia do homem... Queda e sofrimento, cadinho e roda dentada... Pedro Leopoldo, tabernáculo de Fé, oceano vivo a banhar os corações...

O livro, mestre incomparável, dócil e presente, sonho grande da Federação, devia ser cultivado no interesse da comunidade!

Este era o outro prato.. Devíamos ser o fiel da balança. Que importava que o mundo fosse o nosso ergástulo? Estamos condenádos a galés temporárias... Cumpramos a pena e ficaremos reabilitados e restaurados!

Um assunto para grandes pregadores, ao qual não démos relevo oratório. Mas fizemo-nos compreender, porque a assembleia vibrou intensamente. Sendo homenagem, o discurso não foi apologético. *Não havia intuito deliberado de elogiar. Se elogio houve foi indirecto, sobressaíu dos factos que ninguém pode desvirtuar.*

É uma grande casa a Federação: um reduto inexpugnável cimentado em dor e sacrifício. Os livros que publica são o prato maior da balança. Valem mais que o agasalho físico ou o pão do estômago. É que, sem iluminação espiritual, não há directriz que leve o homem a porto de salvamento.

No final, uma onda de abraços demonstrou que não iludíramos a expectativa. O Alto continuava a fflanquear-nos os passos. Assim o entendeu Henrique Magalhães e o Major Gentil, que estavam na mesa.

Depois apresentaram-nos os jovens do Departamento Central das Mocidades Espiritas, com sede na Federação, e logo se estabeleceu uma tertúlia esfuziante de entusiasmo. Lá estava o Delegado que encontrámos em Três Rios, quando falámos às Mocidades...

Estes jovens são a esperança do Brasil Espirita!

Ao sair da Federação era noite cerrada. Brito Soares estava satisfeito e pensava noutra conferência. Cá fora encontrámos um funcionário superior do Banco do Brasil que aproveitara o fim-de-semana para assistir ao certame, mas que não chegou a tempo... Assim mesmo, quis que o acompanhássemos a casa e jantássemos com ele num restaurante português... Brito Soares tinha razão: brasileiros e portugueses eram ramos da mesma árvore, sentiam no corpo a mesma seiva criadora...

As Ideias Espiritas de Abraham Lincoln

Por Enid S. Smith

II

Quando se abriram os papéis pessoais de de Roberto, filho de Lincoln, apareceu entre os documentos uma mensagem em escrita de espelho obtida através do médium J. B. Conklin, com um pedido para ser entregue a Abraão Lincoln. A mensagem dizia:

«Meu estimado e melhor amigo terreno: Ficarás decerto surpreso ao receber isto; mas eu, como milhões de outros espíritos desencarnados, quero exprimir aos amigos a minha gratidão e esperança. Não morri. Como sempre, vivo ainda e mantenho a minha individualidade consciente, com esperança, aspirações e interesse pela União. Experimentei uma feliz realidade, uma gloriosa transformação pelo processo a que se chama *morte*. Comunicarei contigo».

Disse ainda a Lincoln que, com outros espíritos, lhe daria forças. Depois assinou: *E. Baker.*

O Presidente recebia com prazer estas mensagens do Além. Sentia que era um instrumento do Céu para conduzir o seu povo através do mar de sangue a uma Canaã de paz e liberdade.

«Em certa ocasião que nunca esquerei — disse H. C. Denning, de Connecticut — a conversação caíu sobre questões religiosas. Lincoln fez esta notável observação:

«Nunca me liguei a qualquer igreja, porque tenho dificuldade em dar, sem reservas mentais, o meu consentimento aos longos e complicados preceitos da doutrina Cristã que caracterizam os seus artigos de fé».

«Quando qualquer igreja inscrever nos seus altares as palavras do Salvador que resumem toda a substância da lei e dos evangelhos: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças e o próximo como a ti mesmo», unir-me-ei a essa igreja com toda a minha alma».

Ao sr. Bakeman, que estava presente e actuava como pastor espiritual de Lincoln, disse este que tinha lido cuidadosamente a Bíblia. E tirando do bolso o *Novo Testamento*, exclamou:

«Estes homens sabem que sou pela liberdade, até onde a Constituição e as leis a permitem e que os meus adversários são pela escravatura. Eles sabem-no; e mesmo lendo este livro, à luz do qual a escravidão humana não deve existir um minuto, vão votar contra mim. Não compreendo».

Ele calou-se e, levantando-se, começou a passear pela sala de recepção até recuperar o autodomínio. Por fim parou e, com voz trémula, as faces molhadas de lágrimas, obtemperou:

«Sei que há um Deus que repele a injustiça e a escravatura. Vejo a tempestade a aproximar-se e sinto nela a Sua mão. Se Ele trabalha para mim — e eu penso que assim é — estou pronto. Eu não sou nada, mas a verdade é tudo.

«Sei que sou justo, porque a liberdade é justa. Eu disse-lhes que uma casa dividida contra si própria não pode subsistir e eles verificarão que é assim».

A sua maior sessão deve ter sido a que levou à abolição da escravatura. A sessão foi precedida de numerosos sonhos do presidente Lincoln, descritos pelo Coronel Simon P. Kase.

Uma noite Lincoln sonhou que muitos «anjos» vinham até ele e o chamavam pelo seu nome. Quando respondeu e perguntou quem eram, ouviu-lhe dizer:

«Somos aqueles que vêm em nome de Deus por amor da Liberdade. Eis que milhões dos Seus anjos descem do céu e assistiriam os teus exércitos, se proclamasses a liberdade dos escravos».

Lincoln acordou muito perturbado com o sonho. Na noite seguinte os «anjos» voltaram, repetiram as suas palavras e acrescentaram:

«A maioria do país está preparada. Temes que este sonho seja apenas uma loucura. Dar-te-emos amanhã a prova de que Deus está com a causa. Se não proclamares a libertação dos escravos, não serás bem sucedido; mas se o fizeres, os exércitos inimigos desfazer-se-ão como a neve ao sol».

Nesta altura, a médium Nettie Colburn vivia em Washington. Numa sessão a que assistia o o Coronel Kase, ouviu algumas vozes que lhe diziam: «Vai e leva o Presidente à presença desta mulher».

Kase visitou Lincoln e contou-lhe o que ouvira. Lincoln foi ver Nettie Colburn, depois de combinado o encontro em casa de amigos comuns, os Lauries, de Georgetown.

Ele fez a Nettie algumas perguntas sobre a comunicação dos espíritos. Estavam presentes, entre outras pessoas, o sr. e a sr.ª Lincoln, a sr.ª Laurie, a sr.ª Mills, o Major Van Hochess, o Coronel Simon P. Kase e um oficial com uniforme de major.

Nettie caíu em transe. Ela, que fora tão acanhada, falou ao Presidente com muita firmeza. A princípio disse-lhe certas coisas que só ele compreendeu.

Depois a voz mudou até parecer a de um homem vigoroso. Mencionou o problema do dia, a Proclamação de libertação dos escravos, avisando-o de que de forma alguma deveria modificar as suas intenções e que a data da proclamação não devia adiar-se para além do fim do ano.

Quando a médium despertou do transe, um dos presentes perguntou a Lincoln se havia notado qualquer coisa de especial nas maneiras do orador que falava através dele. O Presidente, como que num sonho, apontou com o dedo para um retrato pendurado na parede. Era de Daniel Webster, cuja irresistível eloquência tanta vez ressoara no Senado sobre a interminável questão da escravatura.

E voltando-se para Nettie, Lincoln disse:

«Minha filha, possuis um dom realmente extraordinário, que vem de Deus, sem dúvida. Agradeço-te o teres vindo aqui esta noite. É mais importante do que alguém pode compreender».

A VIDA DO ALÉM

Por JOSÉ LHOMME

Que homem não pediu a si próprio a explicação deste mistério e, durante a vigília lúgubre, nessa entrevista solene com a morte, pôde deixar de pensar no que o espera?

Léon DENIS (Depois da Morte)

Muito se tem citado o pensamento de Pascal: *A imortalidade da alma é uma coisa tão importante, que é preciso ter perdido toda a espécie de sentimentos para se ser indiferente ao conhecimento do que a espera.*

Contudo, se é verdade que é preciso ser-se desprovido de todos os sentimentos para não termos qualquer preocupação a respeito da Sobrevivência da alma, é consolador verificar que, mais do que nunca, ainda existe na flor da humanidade a inteligente e nobre preocupação de sondar as origens, a natureza e o destino final do homem. Esta preocupação está actualmente muito mais desenvolvida do que outrora, porque, graças à difusão da cultura, há hoje um número muito maior de pessoas capazes de substituir um simples acto de fé, geralmente cega ou uma negação fundada na opinião dum jornalista, por um esforço consciente para adquirir uma opinião pessoal raciocinada.

Toda esta efervescência do pensamento não revelará a preocupação crescente dos espíritos contemporâneos quanto ao enigma do nosso eu e do seu futuro?

Assistimos à procura inquieta, desvairada, de qualquer coisa que possa suster ou substituir tantos dogmas, tantas crenças que desabam sem cessar sob o impulso das verificações históricas, lógicas e científicas.

Existe um Além? É preciso, após a série de provas terrestres, recomeçar uma nova existência em condições talvez agradáveis?

A obra de Allan Kardec prova que a vida, após a morte, é uma coisa real e susceptível de ser demonstrada.

O espírito sobrevive à matéria. É o que se nota após o exame duma infinidade de factos espontâneos, todos semelhantes, que se repetiram em todos os tempos e em todos os locais, que foram certificados por uma multidão de pessoas que não podem ser razoàvelmente acusadas de alucinação ou de impostura.

Há um século, que o estudo imparcial das manifestações supranormais revela a existência dum mundo igualmente supranormal, do qual nada mais temos visto do que os fenómenos mais próximos do nosso estado material.

Contudo, não ignoramos que, ao querer descobrir os arcanos da vida futura, devemos armar-nos de excessiva prudência, a fim de evitarmos soçobrar no grotesco ou no fantasmagórico.

Lembrar-nos-emos que, a todo o momento, se estendem pérfidas armadilhas aos pesquisadores do Invisível, que o fazem revestidos da orgulhosa pretensão humana, e que dão assim lugar às mistificações de seres inferiores que serão os primeiros a responder ao seu chamamento.

Felizmente, os princípios de Allan Kardec devem, a cada instante, servir-nos de guia no caos de ensinamentos recebidos e, pouco a pouco, poderemos conceber, aproximadamente, o estado que nos espera além do véu da Morte.

Antes de penetrar mais além no âmago do nosso assunto, recordemos sumàriamente que as experiências físicas e psíquicas provam, cada uma delas no seu campo, a realidade da telepatia, dos fluidos imponderáveis e magnéticos, da ideoplastia actuando na matéria fluídica, que a gama dos sons perceptíveis aos nossos ouvidos é apenas uma porção infíma da série infinita de vibrações que nos rodeiam e que poderiam ser perceptíveis a um órgão mais sensível; que a própria cor não é mais do que uma vibração que afecta muito especialmente a nossa retina.

Passa-se o mesmo com as outras percepções que a experiência psíquica nos permite localizar racionalmente no nosso corpo espiritual.

Fortalecido por estas verificações primárias e não abandonando nunca o terreno, permito-me convidar-vos a seguir-me um pouco no Além.

Para que as minhas explicações sejam mais claras, falarei na primeira pessoa, imaginando que a minha alma abandonou o corpo.

Não terei em conta o primeiro estado, logo após a partida (a morte), o estado inconsciente e nebuloso. Descreverei antes o que senti, quando percebi que a minha alma abandonara o corpo.

Portanto, quando acordei do estado de coma ou de inconsciência que se segue à desencarnação, lembrei-me de que estava doente e, ao mesmo tempo, acudiu-me à ideia: «Se penso, é evidente que estou vivo». De facto, eu estava bem vivo espiritualmente, mas não sentia o meu eu material, voava ou flutuava como em sonhos, ou como durante os momentos que se seguem ao despertar dum sono profundo, quando ainda não sabemos onde nos encontramos, nem o que aconteceu.

Ao princípio, era um sentimento, não direi penoso, mas sentia-me demasiadamente livre. Percebia que, com a continuação, esta situação tornar-se-ia insustentável. Sentia a necessidade de readquirir a estabilidade. Percebia contudo que, fora do meu eu, qualquer coisa de subtil me envolvia; não era o meu corpo de outrora, mas a sua imagem que vivia no meu pensamento. Compreendi que o meu ego devia estar alojado numa matéria e que era necessário esforçar-me para me reconstruir, tal como se me sentisse mergulhado num pesadelo; assim como, durante a minha vida na terra, o que eu conhecia melhor eram as minhas mãos e a minha cara, vi as minhas mãos formarem-se, mas eram duma matéria diáfana, transparente. Quis apalpar o meu rosto, mas os dedos não encontraram qualquer obstáculo.

A compreensão do facto que tinha qualquer

Bilhete fraterno aos assinantes do Brasil

Prezados amigos:

É sempre com grande prazer que nos dirigimos aos irmãos brasileiros. Têm-nos acompanhado com tanto carinho, com tanta dedicação, que — podemos dizê-lo — deles depende em grande parte a existência desta revista.

Agora estamos em perigosa encruzilhada. A situação económica do Brasil é agravada com sucessivos aumentos de salário e baixa vertiginosa do cruzeiro; por outro lado, «Estudos Psíquicos» vai-se enraizando em terras de Santa Cruz como parte integrante de uma unidade espiritual.

Como poderemos conciliar estes dois pontos? Como poderemos encontrar a solução do problema com benefício para todos, de modo que estreitemos ainda mais os laços que nos unem? Como havemos de sobreviver a um desequilíbrio enorme que ameaça subverter-nos?

E se a ideia dos novos aumentos for legalizada, como se prevê, o círculo vicioso aumentará sem remédio.

Por tudo isto «Estudos Psíquicos» terá, fatalmente, de aumentar o preço da assinatura.

Esperamos que sejais compreensivos e nos auxilieis na emergência.

No próximo número voltaremos a conversar. Entretanto, pedimos aos amáveis representantes que não recebam qualquer importância relativa às assinaturas de 1959, sem que sejam avisados nestas colunas.

coisa parecida com um corpo, restituiu-me um pouco de calma.

Contudo, não podia, de maneira alguma, calcular o tempo decorrido depois de haver abandonado o meu corpo. Todavia, conservara a memória e, pouco a pouco, a minha vida passada começou a desenrolar-se diante de mim, nos seus mínimos pormenores, enquanto ouvia uma voz que dizia: «Não penses no passado, nem no futuro; trata de compreender onde estás, pensa no Cristo que serviste na terra, repete comigo uma prece em honra do Altíssimo». A voz era dulcíssima. Eu sentia tanto amor nesta voz, que me vi cheio de confiança a experimentei o sentimento delicioso de que não estava só.

A voz continuava: «Trata de ver». Fiz esforços para ver; notei então que via tudo o que me rodeava, o meu campo de visibilidade tornara se de 360° em todos os sentidos. Este facto não me espanta, porque sabia que a capacidade da alma, uma vez liberta do corpo, é ilimitada. Via seres que caminhavam, ou antes, que flutuavam à minha volta. Compreendi que, para me sentir completamente à vontade devia procurar reconstituir-me. Compreendi ao mesmo tempo que a minha alma estava ainda muito apegada à matéria, que eu não tinha ainda evoluido o bastante para viver sem ela. Descobri então, à minha volta, paisagens, cenas, pessoas. Este facto perturbava-me e não podia compreender donde vinham estes quadros. Lembrei-me então de que eram os meus pensamentos, que eram forças e formas vivas, que era a minha faculdade de criar que se tornava uma realidade, mas numa desordem caótica.

O meu protector, vendo a minha perturbação, disse-me que tentasse não pensar em demasiadas coisas: «Entrega-te a Deus e tem confiança, disse. Em seguida fixa o teu pensamento em qualquer coisa de definido, pensa em mim».

Compreendi assim que tinha conservado o meu pensamento, a minha memória, a minha vista; e ao mesmo tempo comecei a distinguir sons melodiosos que, lentamente, se transformaram em harmonia indiscritível.

Assim, conservara a capacidade de ouvir, mas ouvia tal como via, com todo o meu ser. Depois, tentei compreender qual era a minha aparência, e descobri que tinha conservado a forma humana onde faltavam todos os órgãos interiores. Percebi então porque razão não tinha fome nem sede. Não respirava, se bem que estivesse penetrado por um fluido vivificante e perfumado. De repente, senti-me transportado, com uma velocidade vertiginosa, a qualquer parte, e encontrei-me na minha casa na terra; o meu guia explicou-me que, por um momento, eu pensara intensamente na minha casa, e que me transportei até lá com a velocidade que já se conhece. Descoberta a um tempo agradável e desagradável, porque não podia pensar intensamente em qualquer lugar sem que imediatamente me encontrasse nesse mesmo local. Desta maneira, andava dum lado para o outro e a minha grande instabilidade dava-me uma espécie de vertigem. O meu protector deteve-me, desviando os meus pensamentos.

Cheguei então à conclusão de que era preciso pôr em ordem todas as minhas capacidades. Convinha servir-me delas com um fim determinado e saber desembaraçar-me no caos dos pensamentos criadores: a capacidade de concentração tornava-se pois duma importância vital.

Compreendi que o meu livre arbítrio se tinha desenvolvido muito, que para viver neste estado de liberdade que me parecia completa, era preciso imediatamente estudar e aprender como é preciso viver para não sentir o desejo de voltar à Terra onde me sentia estável, se bem que a minha vida não fosse mais do que a dum mudo, testemunha impotente da vida dos humanos.

Felizmente, tinha a meu lado o meu guia, a quem contava tudo quanto me perturbava o espírito.

(Continua)

O MILAGRE DA «MERMAID»

Por HAREV BERMAN

Numa ruidosa manhã do ano de 1829 a escuna «Mermaid» largou do porto de Sidney (Austrália) rumo à baía de Collier, na costa ocidental do continente.

O Capitão Samuel Nolbrow ia ao leme e havia a bordo 18 tripulantes e 3 passageiros.

Durante 3 dias a «Mermaid» prosseguiu sua rota sem contratempos, com vento de feição, céu limpo de nuvens e a bússola firme. E Sidney ficava já distante quando o Capitão Nolbrow desceu à sua cabina, como sempre fazia, quando a viagem em redor da Austrália do Norte decorria sem incidentes, deixando o comando ao seu imediato.

A tripulação, por seu lado, uma vez que o capitão baixara a fazer companhia a umas garrafas de *whisky* comprado antes da partida, espraiava-se pelo convés, gozando o sol.

No entanto, ao quarto dia o vento parou abruptamente e um silêncio de mau presságio caiu sobre a tranquilíssima «Mermaid». O silêncio e a imobilidade do navio despertaram o Capitão Nolbrow da letargia e o seu vermelho nariz emergiu do interior em direcção ao comando. No convés verificou que o barómetro descia e que o céu era um negro muro de escuridão. Os tripulantes preguiçavam por ali, à espera do que sucedesse...

Pouco antes da meia-noite, quando a «Mermaid» se encontrava no estreito de Torres — um caudal marítimo que separa a Austrália da Nova Guiné, eriçado de mil ratoeiras para a navegação — a tormenta eclodiu.

Ventos do alto começaram a varrer a escuna, arrastando consigo montões de vagas ciclópicas sobre a amurada de estibordo e chuva fustigante caía incessantemente. Raivosamente, Nolbrow viu a «Mermaid» ser arrastada para um banco de rochedos mais ao Norte.

Três horas depois do início da tormenta a «Mermaid» embateu contra um recife de coral. Com um surdo choque o navio penetrou nas rochas de popa à proa, a quilha arrancada, o mar furioso penetrando nos seus porões.

— Abandonem o navio!... — foi a ordem de Nolbrow.

Passageiros e tripulantes, em completa confusão, lançaram-se pela borda fora e começaram a nadar em direcção a um enorme rochedo que surgia a 600 metros. No terror pânico e na escuridão parecia certa uma grande perda de vidas; no entanto, quando mais tarde o exausto Capitão Nolbrow (o último a abandonar o navio) atingiu o rochedo, verificou, pela contagem, que todas as 22 pessoas a bordo da «Mermaid», tinham atingido o refúgio. Inacreditável, mas verdadeiro!

Três dias decorreram antes de chegar qualquer socorro. Finalmente o «Swiftsure» recolheu os sobreviventes da «Mermaid», continuando a sua rota para Oeste.

Mas outro desastre se produziu: ao passar perto da Nova Guiné o «Swiftsure» foi apanhado por uma corrente poderosa — uma corrente a que nenhum dos excelentes mapas desta zona aludia.

O «Swiftsure» desfez-se contra as rochas que juncavam a linha da costa e mais uma vez a ordem de abandonar o navio soou na confusão. Desta feita duas tripulações abandonaram o barco — os sobrevivente da malfadada «Mermaid» e os seus salvadores do «Swiftsure». E novamente toda a gente se salvou!

Os socorros não demoraram. No mesmo dia o «Governor Ready», com uma tripulação de 32 homens, surgiu no horizonte, recolheu os náufragos e retomou o seu rumo, correndo para uma catástrofe ainda mais rápida do que a da «Mermaid» e do «Swiftsure». Algumas horas depois do salvamento a escuna incendiou-se e três turmas de sobreviventes ocuparam os salva-vidas do «Governor Ready» e remaram em busca de refúgio. À sua volta, centenas de milhas aquáticas, numa zona vasta e de raros navios, oferecia-lhes uma perspectiva pouco favorável. No entanto e por qualquer milagre, o cúter governamental «Comet» surgiu-lhes no deserto oceânico, arrastado para ali por uma tempestade. Ao ver os exaustos marinheiros rumou para eles e à tarde todos estavam salvos a bordo.

Três navios jaziam já no fundo do mar e nem uma vida se lamentara: as tripulações e passageiros da «Mermaid», do «Swiftsure» e do «Governor Ready» encontravam-se a bordo do «Comet» esfomeados, esgotados, mas vivos!

Durante uma semana tudo correu bem. Mas a tripulação da «Mermaid», acreditando que entre ela existia um Jonah, conservava-se num silêncio estranho. Os homens do «Swiftsure» amontoavam-se num rincão, ao passo que os do «Governor Ready» procuravam outros sítios.

Os marinheiros do «Comet», entretanto, evitavam a companhia das três tripulações, olhando os seus hóspedes com ar contrafeito. E os seus temores, como o provaram os acontecimentos posteriores, eram justificados. Uma súbita tempestade caiu sobre o navio e o «Comet» era condenado ao naufrágio.

Quatro tripulações atiravam-se agora á água. Os homens do «Comet» desceram em salva-vidas, ao passo que as três outras tripulações se debatiam no mar encapelado, tentando deseperadamente manter-se à superfície nos altos e baixos do seu naufrágio.

Dezoito horas se passaram desta maneira; 18 horas lutando contra o mar frio, goladas de água salgada e a fome! Já a esperança os abandonava, quando o paquete «Júpiter» apareceu e salvou os náufragos duma morte que parecia certa.

Quando os capitães dos quatro navios contaram os seus homens viram com espanto que pela quarta vez todos estavam salvos. Mas os infortúnios da «Mermaid» e das outras tripulações que a sua tinham socorrido não estavam terminados: dois dias mais tarde o «Júpiter» afundou-se.

Desta vez o «City of Leeds» estava perto. A recolha fez-se ràpidamente e o «City of Leeds» continuou a sua rota.

Mas outra infelicidade se pro-

duziu. Uma idosa senhora inglesa, passageira do navio, adoeceu gravemente e o Dr. Thomas Sparks, médico de bordo, deu-lhe apenas algumas horas de vida.

Durante estes últimos momentos a senhora só desejava uma coisa. Delirante, chamava constantemente seu filho, um moço que ela não voltara a ver desde que ele partira a juntar-se à Marinha de Guerra, 15 anos antes. Por fim, o Dr. Sparks procurou qualquer marinheiro que condissesse com a idade e aparência geral do jovem desaparecido de que a doente falava. E conseguiu encontrar um perfeito substituto entre a tripulação da «Mermaid». Com trinta anos, alto, olhos azuis e cabelo escuro, o homem até tinha nascido na Inglaterra e, além disso, quando convidado a ajudar o doutor, mostrou-se disposto a iludir a pobre senhora para que assim ela morresse em paz.

Desceram, então, à cabina, perto da qual o médico disse ao seu associado o que deveria fazer:

— Escute com atenção: o nome da pobre mulher é Sara Richley e eu quero que você passe por seu filho Pedro. Compreendeu? Lembre-se do nome: Pedro Richey. Veja lá não se engane...

Mas o marinheiro não o ouvia já. A sua face tornara-se branca, teve que encostar-se à parede do estreito corredor. E o doutor olhava-o com espanto...

— Que se passa? Não me diga que perdeu a coragem para este acto de misericórdia...

O marinheiro, falando a custo, só pôde murmurar:

— Não precisa repetir o nome que disse, Dr. Sparks... quero.. dizer... que não o esqueço, porque o meu nome é Pedro Richley e a senhora de que fala e que está moribunda deve ser minha mãe! Não a vejo desde que deixei Yorkshire, há 15 anos, pelo Pentecostes!

Assim, uma coincidência meritória surgiu desta surpreendente série de desastres no mar alto. O destino juntara Sara e Pedro Richley, ainda que, para isso, cinco navios fossem sacrificados, sem que qualquer vida se perdesse!

E o encontro deu muito melhor resultado do que esperava o médico: Sara Richley ficou tão contente ao ver o filho, que imediatamente começou a melhorar.

(Traduzido de «Your Fate», de Junho de 1958).

ACOLHIMENTO

A peregrinação das almas é trabalho permanente de esforço positivo. Tudo se conjuga em nós para dilatar o conhecimento. Queres um exemplo? A ginástica muscular que obriga as células a combustões e transformações. O efeito é renovação do organismo. No ambiente criado há palpitações de vida poderosa disposta a maiores impulsos.

Peregrinar é estudar. Observa-se e medita-se. O espírito ganha intuição. E nada do que aprende está fora dele, pois tanto faz observar a miniatura, como o objecto ampliado. Somos reflexos do exterior e vice-versa. Assim, viajar é profundar. É o mergulho no eu através de sendas rectas ou torcicoladas.

Esses caminhos são semelhantes aos outros, dão-nos conhecimento e acolhimento. É rumo direito ao infinito cheio de paisagens multicores onde não há isolamento. O trabalhador é acolhido pelo salário e tem nisso grande satisfação. Pois não era o objectivo da sua tarefa? Quando se atinge um fim, coroa-se a obra.

Já estudei muito, já peregrinei e pensei nos problemas da minha vida. Tive bom acolhimento, isto é, ganhei salário de justa aspiração. E agora trabalho em calma e sinto obrigações a que não posso nem quero fugir. O que realizamos de meritório é acolhimento de felicidade, prémio inerente ao valor, duas coisas relacionadas.

Quando se entra neste campo diminui a sensibilidade ao mal. Se há efeitos imediatos, se a consciência está mais apta a dominar o pensamento, é porque a responsabilidade cresceu. Quem é mal acolhido em seu mundo interior está em desarmonia com Deus, afasta-se do rumo natural.

A viagem é difícil, porque não há linhas definidas e a marcha ressente-se da ignorância ou atraso moral do peregrino. E se os movimentos não forem coordenados, mais tempo se gastará. Eu desejaria que o meu esforço se multiplicasse e o acolhimento me tranquilizasse. Era meio de me equilibrar no universo, suprema aspiração dos libertos da matéria densa.

Esta linguagem é pouco acessível. É preciso trabalho para entendê-la. Não tenho culpa da precariedade vocabular. Dou ideias, às vezes imagens fugidias, e o veículo faz o restante. Nem sempre traduz bem o que transmito.

A palavra acolhimento tem acepção diferente no vosso dicionário. Aqui está implícita no acto. Somos bem ou mal acolhidos por nós próprios e esta experiência singular habilita-nos a outra com seres estranhos.

A carne não deixa ver o problema. É preciso despojarmo-nos desse véu para o avaliar em sua grandeza. O corpo humano é a cruz do espírito na vida terrena. Em relação constante com o seu possuidor reage e serve de acesso ou degradação. Facilita e complica a vida mental e o espírito tem de contar com ele no estágio passageiro. Abandoná-lo é abandonar muitas coisas que lhe são inerentes. Os desejos grosseiros e as paixões violentas assumem aspectos característicos que lhe dizem respeito. Por isso os desencarnados vos parecem diferentes do que eram e chegais a convencer-vos da sua inexistência ou atribuís-lhes estados absurdos que só a imaginação pode alcançar. Quando alijardes o peso que vos personalizou sentir-vos-eis uma síntese do que éreis, excepto na questão ligada ao físico, que se esbate mais ou menos no ser espiritual.

(De um novo livro de LIA, recebido por Isidoro Duarte Santos)

QUARTA CONFRATERNIZAÇÃO

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Promovido pelo Departamento de Juventude e Mocidades Espiritas do Estado do Piauí, e sob os auspícios da Federação Espirita Brasileira, — realizou-se em Teresinha, capital do Piauí, nos dias de 9 a 13 de Julho, a quarta confraternização de Juventudes e Mocidades Espiritas do norte e nordeste do Brasil.

Estiveram presentes, com suas delegações, além dos Estados do norte e nordeste do Brasil, mais as delegações de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e da República Argentina, todas devidamente credenciadas e grande parte com vários componentes.

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul, atendendo a gentil convite para comparecer naquela confraternização, enviou os seguintes irmãos: José Simões de Matos, primeiro vice-presidente da Federação e supervisor dos serviços de evangelização da Infância e da Juventude; professoras Diná Fagundes Rocha, secretária do serviço de preparação de evangelizadores e Cecília Rocha, secretária do serviço de evangelização da infância, além da Sr.ª Dina de Matos, esposa do Sr. José Simões de Matos, também representando a Federação Espirita do Rio Grande do Sul.

A sessão inaugural foi realizada no melhor salão social da localidade, com grande frequência e brilhantismo, achando-se presentes o governador do Estado do Piauí e todas as altas autoridades civis e militares daquela capital. As sessões plenárias foram realizadas no confortável salão da Associação Comercial, no Hotel Piauí, o mais distinto da cidade. Os trabalhos de estudos e de explanação sobre a melhor forma de serem compreendidas e praticadas as aulas de evangelização da Infância, Juventude e Mocidade, transcorreram sempre num ambiente de ordem, fraternidade e alegria. Um tópico desta confraternização me chamou a atenção: durante as reuniões, em geral, ninguém fumou nem bebeu álcool. Entretanto, não havia qualquer proibição nesse sentido.

Por este motivo e considerando o interesse e carinho com que todas as delegações se aplicaram aos vários trabalhos desta Confraternização, tive a melhor impressão daquelas reuniões das Juventudes e Mocidades, com a cooperação experiente de devotados irmãos de maior idade que, junto destes, trabalhavam em prol do mesmo objectivo.

Estas reuniões promovem o intercâmbio de ideias e conduzem à unificação pelo entendimento que se alcança através da fraternidade. Desse modo, vão-se anulando as fronteiras dos Estados e desaparecendo os mal entendidos que, por vezes, tanto enredam e prejudicam a paz da família espirita, que deve ser unida e mais confiante e feliz, porque conhece o que outros ainda ignoram, e lhe cabe, por esta razão, o dever de exemplificar o ensino de Jesus em seu último mandamento aos seus discípulos: «Que se amassem uns aos outros como ele nos amou», e nisto o mundo nos reconheceria por seus verdadeiros discípulos. E acrescentou: «Seja esta a vossa verdadeira senha».

Os trabalhos da Confraternização foram encerrados num verdadeiro ambiente de ordem, paz e alegria. Congratulamo-nos com os organizadores da quarta confraternização, com todas as delegações e com a Federação Espirita Brasileira.

De volta ao Rio Grande do Sul, aproveitando a oportunidade da viagem, que foi longa, confraternizámos ainda: Em Fortaleza, capital do Ceará, através das entidades que tivemos ensejo de visitar: União Espirita Cearense; Casa de Saúde António da Pádua; Nosso Lar; Casa do Caminho.

Fomos hóspedes da União Espirita Cearense e do «Nosso Lar». Os irmãos Borges, da «União» e major Leite e esposa, de «Nosso Lar», aliados às irmãs Jara, Aracy e Juracy, da família Ribeiro Lima e Meneleu, nos cumularam de gentilezas inesquecíveis.

Em São Salvador — Baía — fomos hóspedes, por espaço de uma semana (o Sr. Divaldo Pereira Franco não quis deixar por menos), da «Mansão do Caminho» e «Caminho da Redenção», duas entidades que honram o Espiritismo baiano e os seus dirigentes.

Durante esta feliz e inesquecível permanência, graças à gentileza do Sr. Divaldo, visitámos a «União Espirita Baiana», onde fomos recebidos fraternalmente por seus directores e colaboradores, inclusive departamento da criança, o que muito nos sensibilizou.

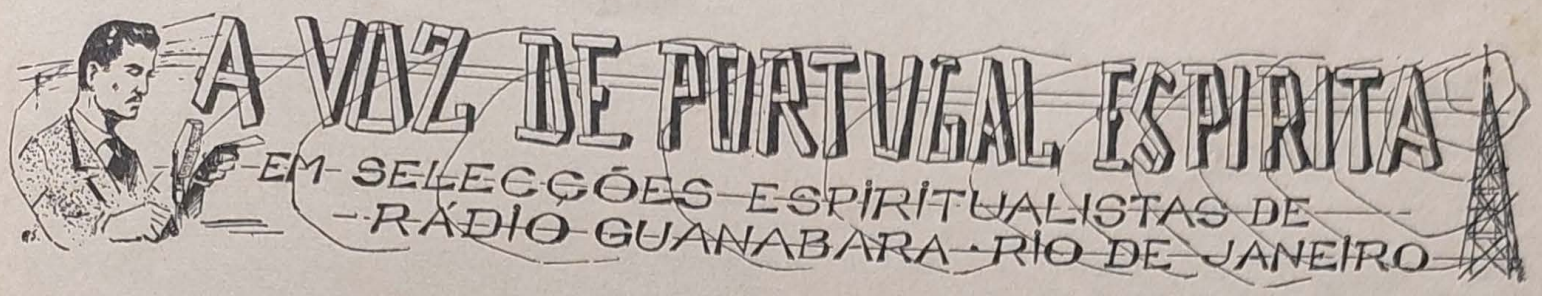
Visitámos a cidade, que é riquíssima de valores e factos históricos, e admirámos os seus costumes e a gentileza do seu povo, que bem confirma a alma brasileira.

De Salvador fomos directamente a São Paulo, sempre via aérea. Lá fomos recebidos pela gentileza dos directores da USE e o Departamento da Criança, respectivamente, nossos amigos, Dr. Carlos Jordão da Silva, Monteiro de Barros, Albino Gonçalves, Fábio e outros irmãos e amigos, cujos nomes não me recordo. Passámos lá dois dias cheios de bem estar e alegria.

Em Janeiro próximo nos voltaremos a encontrar, no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, na reunião do seminário, na qual tomarão parte interessados e responsáveis pela evangelização da infância à luz da Terceira Revelação, já aprazada para os dias 11 a 18 daquele mês.

Até lá, desejamos a todos muita saúde, paz e amor.

Porto Alegre, 2 de Agosto de 1958



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

51

GALINHA GORDA ...

Amigo radiouvinte:

Há coisas na vida que deixam o homem boquiaberto, mas que só acontecem de vez em quando.

Se fossem frequentes, a vida assumiria aspectos rocambolescos e os ficcionistas teriam mais razão.

Há dez anos procurou-me em Lisboa o sr. Miguel António Cláudio, português que tinha gasto as energias no Brasil e voltava a Portugal com experiência a mais e ilusão a menos.

Quem anda pelo mundo, mesmo em terra amiga, come pão que o diabo amassa e aprende coisas ignoradas pelos comodistas. Aumenta o cabedal de conhecimento e, ficando pobre, enriquece.

O sr. Miguel vinha comprar uns livros de Espiritismo e contou logo o seu «caso» em palavras francas, sem preâmbulos, como quem sente desejo de contagiar os outros com o *vírus* da nova doutrina. Bastava olhar para ele. Os olhos saltavam, se não falasse. E falou.

Quando, há muitos anos, foi para o Brasil, levou mercadorias à consignação com destino ao porto de Santos, no Estado de São Paulo. Tinha que arranjar um armazém onde depositasse as compras e procurou na cidade uma casa próxima das ruas principais. Eram aluguéis caríssimos, de quatro a cinco contos mensais. Por isso ele e o sócio abandonaram a ideia de casa naquele local e pensaram noutra de preço mais acessível.

O pior é que tudo era caríssimo e estavam na iminência de gastar no armazém todo o lucro da mercadoria.

Nesta situação aflitiva chegou a pensar que o melhor seria desistir de nova procura. O sócio é que discordava. Insistia em ver outras casas.

— Há tantos escritos na cidade... — dizia.

E assim andaram muito tempo, de rua em rua, de canto em canto, sem resultado algum, até que viram um excelente armazém de portas onduladas e casa de habitação.

— Vamos ver esta casa? — disse-lhe o companheiro.

— Não vale a pena — respondeu —. Deve ser um preço elevadíssimo. Demais a mais com habitação...

— E não foram vê-la? — perguntei ao sr. Miguel.

— Fomos.

— Era boa?

— Era, de facto, um verdadeiro achado. Fomos logo à cata do senhorio, a indagar o preço.

— São 300 milréis — disse o procurador, um tanto desconfiado.

— Quanto?—inquiriu o sr. Miguel, como se não tivesse ouvido bem, tão oportuna era a «pechincha» que se lhes oferecia.

— 300 milréis — repetiu o homenzinho em tom monocórdico.

Não quiseram ouvir mais. Ficaram logo com a chave. Até que enfim! Deus protegia-os e podiam agora realizar as transacções em sossego. Ainda bem que tudo se dispunha a seu favor. O Brasil era uma terra extraordinária.

Foram buscar a mercadoria e instalaram-se numa casa amplíssima. Todas as comodidades ali se concentravam. Os sócios não acreditavam que semelhante conveniência estivesse guardada para dois negociantes que vinham de tão longe. Mas a verdade era imponente. Ganharam estímulo, ganharam coragem. E ainda alguns diziam mal do Brasil! Quem assim falava nunca tinha estado em Santos e só o despeito poderia originar críticas malévolas.

Passou algum tempo de afanoso trabalho. E um dia... Há sempre nisto um negro dia!

— Meu filho — disse o sr. Miguel — escrevia à máquina e eu ditava-lhe qualquer coisa. Lembro-me como se fosse hoje. Nisto, ouvimos três fortíssimas pancadas no interior do armazém. Fiquei sobressaltado e não me contive que não exclamasse: «Temos ladrões em casa!». Empunhei a «Browning» e disse a meu filho que me acompanhasse. Queria percorrer todas as dependências de arma engatilhada e enfrentar os intrusos que se atreviam a entrar na casa.

O olhar do sr. Miguel iluminou-se, como quem revivesse, cena a cena, o insólito acontecimento. Tossiu, limpou o suor e acrescentou:

— Meu filho dava volta aos interruptores, estabelecendo a luz eléctrica, enquanto eu esperava, naquela atitude. Por fim deixámos as lâmpadas acesas.

— E os ladrões? — aventurei.

O sr. Miguel olhou muito sério para mim e obtemperou:

— Ladrões não havia... O mais curioso foi quando peguei num maço e tentei imitar as pacadas que tinha ouvido. Acto contínuo ouvia nova pancada, mesmo na minha frente, talvez para que sentisse melhor o ruído e pudesse imitá-lo. O sr. não pode imaginar a tragédia. Fiquei arreliadíssimo e só então compreendi a razão do baixo preço daquela casa.

Eu ia compreendendo o problema daquele homem, que continuava a desabafar as suas mágoas. E esperei o desfecho da história.

— Sabe uma coisa? — disse ele —. Aquilo estava assombrado e tratámos de sair quanto antes. Retirámos a mercadoria e abandonámos a «pechincha». Ninguém podia descansar com a barulheira dos invisíveis moradores. Umas vezes eram portas que batiam; outras vezes, ruídos de louça que se quebrava. Quando lá chegávamos, tudo estava em seus lugares. Um mistério, um verdadeiro mistério. Não tivemos remédio, senão sair do maldito armazém. Galinha gorda por pouco dinheiro...

— E agora, sr. Miguel?

— Agora? — respondeu ele —. Agora sou espiritista convicto e nada do mundo poderá destruir a minha fé. Por isso aqui estou a comprar os livros e a contar a minha iniciação no Espiritismo. Abençoado armazém, que desper-

tou em mim a necessidade e o desejo de estudar e seguir esta bela doutrina! Hoje rio-me da minha prosápia, de «Browning» em punho á procura dos ladrões...

E o sr. Miguel António Cláudio — Deus o conserve muitos anos — lá saíu com os livros e uma grande claridade nos olhos nostálgicos voltados ainda para a terra brasileira...

Adeus, amigo radiouvinte. Saúde e alegria, que são a base da felicidade. Que Deus guarde as maravilhas da tua terra encantadora.

52

O AMÉRICO ...

Amigo radiouvinte:

Na vida do homem há sempre um caso interessante e eu não me canso de contar aqueles que me entraram na memória. O meu amigo Américo de Oliveira Monteiro vivia há cerca de 40 anos no Cadaval, terra portuguesa de belas tradições, e encontrava-se doentíssimo, com pneumonia e flebite que a Medicina não conseguia debelar, apesar dos cuidados do Dr. Mário Pereira da Costa, seu amigo e companheiro de muitas seroadas.

— Doutor, quando me levanto?

— Por enquanto, não. O caso é sério. É conveniente esperar algum tempo...

O doente chegava a perder a esperança. Mais tarde volvia a perguntar e o médico dava a mesma resposta.

Hoje, com os progressos terapêuticos, o caso seria diferente.

No Cadaval havia um grupo familiar onde se praticava Espiritismo e ao qual o Américo pertencia. António Rodrigues dos Reis era o médium psicógrafo.

Farto de esperar a palavra salvadora, o enfermo pediu àqueles confrades que fizessem uma sessão e perguntassem às entidades espirituais quando poderia levantar-se.

Reúne-se o Grupo, o Reis sente fórte impulso no braço e começa a escrever automàticamente:

— Dentro... de... quinze... a... vinte dias.

Foi isto a 24 de Junho de 1916 ou 17. Catorze dias depois o médico declarou outra vez que não era conveniente levantar-se, dando a entender que a doença era demorada e que, após a cura, exigiria mais oito dias de repouso por causa da flebite que se mantinha um tanto rebelde.

No dia seguinte, 9 de Julho, o Dr. Mário Costa foi chamado às cinco horas da manhã por um doente que residia num prédio ao lado daquele em que habitava o Américo. Por coincidência ou coisa que o valha, este lembrou-se de abrir a janela do rés-do-chão, precisamente na altura em que o facultativo passava na rua.

— Vai ali o Dr. Mário — disse ele à pessoa de família que o tratava —. Abra aquela porta.

A pessoa dirigiu-se à porta e voltou, dizendo que já não via o médico.

— Então deixe ficar a porta aberta. Ele vai mandar-me levantar.

Decorreram alguns minutos. Ao sair da casa do vizinho, o médico viu a porta aberta e entrou, cumprimentando e perguntando como estava o doente.

— Sinto-me bem — respondeu o Américo.

O Dr. Mário Costa pediu um lençol de linho usado e começou a rasgá-lo às tiras para fazer ligaduras. Depois mandou sentar o doente, que assim permaneceu durante cinco dias. Ao vigésimo dia foi lá novamente e disse-lhe que podia levantar-se. E ajudou-o a dar alguns passos até à sala contígua.

— Já sabia que mandava levantar-me...

— Porquê? — exclamou o facultativo admirado.

— Porque o espírito-guia do Reis o disse.

— Mas isso é extraordinário! Efectivamente, não tencionava mandá-lo levantar tão cedo.

— É extraordinário, mas é verdade...

De facto, tudo se passou como dizia a comunicação: «De quinze a vinte dias deve levantar-se». Ao décimo dia, o Américo sentou-se na cama e ao vigésimo... levantou-se.

Isto confundiu o médico, que desatou a falar de Espiritismo e a narrar experiências realizadas pelo Dr. Martins Velho. E terminou com estas palavras:

— Muitos colegas meus não acreditam. Eu acredito.

Américo Monteiro era católico, mas os desgostos e a doença da primeira esposa fizeram-no ateu. Esta disse-lhe no leito mortuário:

— Tu é que foste o culpado de tudo isto.

Ele então foi à igreja e voltou ao Catolicismo. Não se devia ter convertido, porque as ideias não mudam fàcilmente.

Seu pai era espiritista e deixara-lhe «O Livro dos Espíritos» e «O Livro dos Médiuns», de Allan Kardec. Ao ler este último ficou entusiasmado. E daí em diante começou a pensar a sério no Espiritismo.

Já lá vão muitos anos, quase uma existência... Já sucederam muitos factos... O mundo foi agitado por duas convulsões sangrentas... Milhares, talvez milhões de almas, perderam os lares, as famílias, os amigos... Uns abandonaram a pátria e a crença, outros mergulharam mais fundo no pântano materialista... Os interesses particulares modificaram os homens... Mas o Américo continuou a olhar em frente, a perscrutar os mistérios do Além, a praticar a doutrina cheio de entusiasmo e fé. Sentia-se diferente, sentia-se renovado. Abandonou a carapaça que o envolvia e deixou-se banhar pela luz de um Sol mais belo que o acalentou e esclareceu. A satisfação entrou no seu espírito.

Tenho-o visto sempre no mesmo posto de honra, frente ao trabalho e ao sacrifício, como quem se impôs um dever indeclinável. Onde há dificuldades, obstáculos, transtornos, lá está o Américo. Não desfalece, não desanima. Tem alvitres para todas as circunstâncias. E diz que ao Espiritismo deve este estado de alma, esta serenidade perene.

Das pequenas coisas nascem as grandes, porque tudo está ligado no material e no moral. Uma identificação que se obtém em práticas espiritas vale às vezes mais do que cem palavras de mestre. E quando um aviso deste género produz o efeito que produziu, a vida decide-se, o caminho altera-se, os homens modificam-se. Não é preciso meditações profundas. O raio de luz varre a escuridão e o cepticismo oscila e morre. Vem depois a leitura que elucida e as dúvidas desaparecem para todo o sempre. É uma ressurreição.

Foi assim com o Américo, foi assim com outros, cuja crença parecia inabalável.

«O Livro dos Médiuns» impressionou este amigo e conduziu-o a estradas novas. Mas o António Reis imprimiu-lhe na alma um sulco indelével.

E assim se firmam convicções que sobrevivem à destruição do corpo somático e acompanham o espírito na jornada dos séculos...

Adeus, amigo. E até à próxima.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

O ESPIRITISMO NO CINEMA

Nos últimos anos vários realizadores cinematográficos se têm ocupado de Espiritismo, umas vezes em películas cómicas que, nem por isso, deixam de ser apreciadas, outras em trabalhos sérios, com «Um Certo Rapaz» e «A Paixão de Jane Eire», que suscitaram extraordinária afluência do público. Outro que teve êxito estrondoso foi «A Carroça Fantasma», que em todos os cinemas foi bem acolhido. Temos pena de não vir a Portugal um filme verdadeiramente espirita intitulado «Conflito Sentimental», apreciadíssimo na França e na Bélgica.

O Semanário espirita londrino *Psychic News* fala no operador de cinema Fred Leather, que trabalhou na fita «Sob o Signo de Capricórnio», com Ingrid Bergman, e no «Mogambo» em que Ava Gardner, no papel de guia, captou Frank Sinatra em calções e sem camisa, no cimo de uma árvore.

Pois aquele cineasta quer pôr a sua experiência técnica ao serviço do Espiritismo, em virtude de uma prova que obteve há dois anos: a visão da mãe no momento da morte.

Após este acontecimento, Leather começou a estudar o Espiritismo e a assistir a sessões que o converteram totalmente.

Com G. H. Adams, secretário da *Comissão Espirita pró-Acção Comum*, espera formar uma organização produtora de filmes, para documentar as demonstrações diárias de intercomunicação, cujo valor seria incalculável, como registo do nosso movimento.

Leather e Adams completam-se. O primeiro *sabe como fazer* e o segundo *conhece toda a organização espirita.*

Só lhes falta auxílio financeiro destinado ao equipamento inicial, embora julguem que a união se possa manter através de aluguel de fitas.

Esperam incluir Harry Edwards em demonstração de curas, Lilian Bailey em transe, uma entrevista com Hannen Swaffer e um colóquio entre jovens espiritas.

O *Psychic News* aponta a vantagem de termos fitas em que possamos ver pioneiros como as Irmãos Fox, D. D. Home, Andrew Jackson Davis, Conan Doyle e muitos outros.

Na verdade, daqui a dez, vinte ou trinta anos, essas fitas seriam de grande valor, não só pelas imagens dos mais célebres espiritas actuais, como também pelo benefício que adviria no sentido da propaganda e da instrução.

GRANDE VULTO QUE DESAPARECE

Como dissemos no último número, o presidente da Federação Espirita Internacional, David Bedbrook, abandonou as plagas terrenas após trinta anos de acção mediúnica que lhe grangeou fama universal.

A primeira prova da mediunidade deu-lha o espírito de seu irmão Duncan, morto em 1916, que foi o seu principal cooperador do Além, e nenhum delegado do Congresso de Paris há pouco realizado poderia adivinhar o sofrimento que lá o acometeu, em virtude da hemorragia que sentiu numa das sessões.

Entrou e saíu do hospital algumas vezes, mas na última já não pôde ser operado.

Era um grande curador. Exercia a sua missão na *London Spiritual Mission*, como figura das mais reputadas, não obstante repelir os elogios, dizendo que os resultados obtidos eram devidos a todos os curadores.

Em 1916, segundo conta Fred Archer, teve uma conversa fortuita com um médium em carruagem de caminho de ferro, quando regressava da grande Guerra, e este confundiu-o com um amigo íntimo, descreveu um incidente ocorrido quando Bedbrook e outro conduziam um ferido em padiola, e acabou fazendo referências verídicas a amigos e familiares do mesmo, já falecidos, mas que o camarada de Bedbrook dizia que estavam vivos.

Bedbrook não podia explicar aquilo, mas lembrou-se de que sua mãe tinha faculdades supranormais em que nunca meditara.

Mais tarde um médium descreveu-lhe o seu trabalho futuro. A certeza da sobrevivência surgiu-lhe de repente através do «copo» e do «alfabeto» e ficou atónito ao receber uma comunicação de seu irmão desencarnado que soletrou o próprio nome: D-U-N-C-A-N e outros nomes de família que ningém conhecia. Anunciou também que desejava escrever através de Bedbrook. Este nada sentiu a princípio, mas depois a mão deslizou no papel e verificou que escrevera da direita para a esquerda e debaixo para cima ao mesmo tempo.

Mais tarde «viu» o espírito de seu pai, facto que o levou a desenvolver a sua notável clarividência. Assim fez muitas demonstrações na Grã-Bretanha e na França e depressa se exercitou no idioma francês. Isto contribuiu para a conquista do cargo que desempenhava.

Foi director de *Yours Fraternally*, órgão da Federação Espirita Internacional.

Denis Conan Doyle evitou um dia grave incidente numa pista de corridas, devido à clarividência de Bedbrook, que anunciara um desarranjo no motor, difícil de localizar. Desmontou-se o maquinismo e nada viram de anormal. Denis resolveu disputar a corrida, apesar do aviso; mas seu irmão Adriano experimentou o carro e verificou que a direcção era instável e não merecia confiança. Os mecânicos examinaram então o sistema de direcção e viram que a cavidade mestra da caixa de velocidades estava presa por meia volta de fio. O aviso espiritual era, pois, justificado.

Apesar de viver ocupadíssimo em correspondência com pessoas de todo o mundo, ainda conseguiu escrever quatro livros: um em Francês, um em Finlandês, outro

em Alemão e o quarto em Inglês. Nos últimos dois anos trabalhou na sua autobiografia.

O seu livro em inglês «Thine The Power» é uma valiosa contribuição para a orientação dos médiuns, visto apresentar observações que muitas pessoas ignoram.

Este foi David Bedbrook, último presidente da Federação Espírita Internacional. Um perfeito obreiro, um perfeito espiritista.

UM MÉDIUM «OPERADOR»

A revista *Ahora*, de Buenos Aires, publicou o seguinte relato acerca de um médium que faz operações cirúrgicas em transe:

«A conhecida espiritista Lily Kelly, após emocionante peregrinação pela Índia, China, Japão, Tibet, Egipto, Filipinas e principais regiões de Europa e América, encontra-se entre nós e é muito conhecida e respeitada nos meios espiritualistas argentinos. Nasceu em Rosário, de pais irlandeses, e ali se bacharelou, cursando depois Filosofia e Letras na Universidade de Buenos Aires. Nessa época ficou órfã, com meios que lhe permitiram viajar, que era o sonho maior da sua vida.

Um dos médiuns que mais a impressionou está no México. É Lollita Carrillo. A sua especialidade é fazer operações cirúrgicas, actuando como instrumento de cirurgiões desencarnados.

Lilly Kelly presenciou alguns trabalhos deste género na companhia de um médico e de alguns estudiosos.

— Lolita Carrillo — diz ela — não estudou Medicina, nem sequer sabe Anatomia, e opera em transe profundo. Os doentes são submetidos a uma espécie de anestesia que vem do Alto e se dirige aos sentidos. Isto notam os médicos circunstantes que acreditam no Espiritismo e que, com a sua presença, custodiam a operação, fazendo exame prévio ao enfermo, com análises e radiografias para localizar o mal, quase sempre prefixado por visão espiritual, esse olho clínico de certos galenos que desconhecem as suas faculdades de vidência. Para explicar a anestesia é preciso observar. Lolita Carrillo está em transe profundo; e depois de o enfermo ter sido colocado na mesa operatória levanta com as mãos a seringa vazia e os assistentes verificam que a um simples movimento de absorção, fica cheia de líquido injectável.

Eis, em breve resumo, a notícia da revista de Buenos Aires.

No livro «Materializações Luminosas», a que já nos temos referido, há exemplos de casos semelhantes que nos fazem entrever um vasto laboratório espiritual, onde as maravilhas se sucedem a cada instante, para edificação e espanto dos incrédulos.

Muito tem que aprender a medicina oficial com as investigações espiritas!

UM CASO DE PROTECÇÃO ESPIRITUAL

Yours Fraternally, publicou há tempo um artigo do Engenheiro José S. Fernández acerca dos fenómenos chamados PSI, geralmente utilizados como protecção espiritual em momentos perigosos. E referiu o seguinte caso relativo ao falecido almirante Enrique B. Garcia.

Uma vez o Almirante visitou o Engenheiro Fernández com outro oficial de elevada patente, que manifestou desejo de conhecer a forma de receber mensagens através da mesa. Organizou-se uma sessão e a mesa anunciou a presença de «Benito Báez», o que originou alguma surpresa por se tratar de antigo oficial de marinha conhecido dos marinheiros presentes nos princípios de suas carreiras e, ao mesmo tempo, avô da esposa do engenheiro.

Durante a sessão e a fim de conseguir mais pormenores, o Almirante perguntou à entidade:

— Quando é que eu corri maiores perigos na minha vida?

— Em Santo António — foi a resposta imediata.

O Almirante explicou então:

— Eu comandava um barco que fazia investigações na costa da Patagónia. Certa noite, no Golfo de Santo António e depois de ter entregue a ponte ao oficial imediato, despertei com sensação estranha. Qualquer coisa me impelia a levantar-me. Deixei a cabina e subi logo ao convés. Cheguei à ponte e ordenei a mudança de rumo; e como não estávamos em águas profundas mandei fazer prumadas. Só então pensei no que tinha feito. Que razões tivera eu para proceder assim? Que explicação poderia dar? Mas ao despontar a manhã vi que não carecia de explicação. Um escolho emergia das águas, com o qual teríamos abalroado, se tivéssemos seguido a rota anterior. Ter-se-ia perdido o barco e a minha vida.

Enquanto o Almirante fazia o seu relatório, a mesa voltou a dar pancadas, representativas de letras.

— Fui eu que vos adverti —disse a entidade lacònicamente.

Foi, na verdade, um aviso oportuno que denota protecção.

Temos dito muitas vezes que não estamos sós e que à nossa volta se exerce um mundo invisível de que fazemos parte sem o saber. Um ou outro caso insólito traz a demonstração e obriga-nos a arripiar caminho, em benefício de nós próprios.

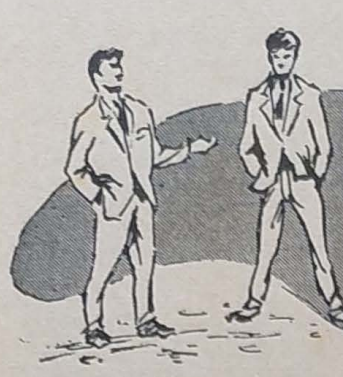
Foi o que sucedeu no caso narrado pelo Engenheiro José S. Fernández, grande investigador que há mais de trinta anos trabalha nas investigações psíquicas.

O ESPIRITISTA DEVE SER VEGETARIANO?

O célebre espirita *Ramatís* respondeu o seguinte a uma pergunta que lhe fizeram acerca do nosso condicionamente orgânico para ingestão de carnes:

«Tendes provas irrecusáveis de que podeis viver com óptima saúde sem alimentação carnívora. Basta considerar a existência em vosso mundo de animais corpulentos e robustos de vigor extraordinário que são rigorosamente vegetarianos. No que respeita ao condicionamento referido, deveis compreender que o orgulho e a crueldade, são estigmas que se forjaram através dos séculos e que deveis eliminar do vosso psiquismo. O hábito de fumar e o imoderado uso do álcool estratifica-se na vossa memória etérica e nem por isso os justificais como necessidades imprescindíveis da alma descuidada.

«Para formação da vossa consciência individual durante milénios vividos fostes estigmatizados com o vitalismo etéreo da nutrição carnívora; mas deveis reconhecer que ultrapassastes os prazos espirituais marcados para a continuidade suportável dessa alimentação mórbida e cruel. Na técnica sideral o estado psicofísico do homem actual exige o aperfeiçoamento do regime alimentar, que constitui um desvio psíquico, uma perversidade do gosto e do olfato, pois vos aproximais dos brutos na atitude de chupar tutano dos ossos e ingerir vísceras, como se fossem saborosos maniares».



NOTAS e COMENTÁRIOS

FOI ASSIM QUE O VIU ...

Katheleen Ventress relatou no Your Fate *a história de Dóris, uma enfermeira escocesa que, sentindo-se cansada, sonhou que vira um quadro que lhe era completamente estranho:*

Uma sua amiga chamada Maria estava ao pé de um rapaz que nunca vira e se encontrava moribundo cercado de luz branca muito brilhante, devido à radiação da neve. Dóris sentiu que o fundo do quadro devia ser a Noruega. Depois acordou e afastou o incidente do seu espírito.

Passado algum tempo Maria disse-lhe que tinha encontrado um jovem e belo aviador e que daria anos de vida para tornar a vê-lo. Nessa altura recebeu um convite para um baile em certo local da R A.F. e com grande alegria foi-lhe apresentado o aviador. Sentiram-se atraídos mùtuamente e combinaram um encontro na enfermaria onde ela e Dóris trabalhavam. Esta, quando atravessava o vestíbulo, viu-o chegar e ficou atónita, quase sem fala, reconhecendo no visitante o homem que vira em sonho, meses antes. Quando Maria desceu o namorado exclamou:

— Já vi a tua amiga em qualquer lado, mas não me recordo onde foi.

Pouco depois o seu avião despenhou-se e ficou gravemente ferido. Maria ajudou a tratá-lo, enquanto ele não foi transportado para a Noruega. Maria procurou Dóris em grande consternação, dizendo que iria ter um filho e não sabia o que havia de fazer. Foi então que Dóris se dirigiu ao comandante da base a contar-lhe o sucedido e combinaram a forma de transportar a sua amiga para a Noruega a bordo de um navio, devido à desorganização dos transportes.

Uma vez ali, casaram-se, mas o aviador pouco tempo durou. Morreu no mesmo quarto em que Dóris o tinha visto em sonho...

O sonho premonitório é fenómeno muito conhecido em Espiritismo e cuja génese pertence aos domínios do incognoscível. Ernesto Bozzano coligiu grande série deles, mas não se aventurou a explicá-los filosóficamente.

O HOMEM FLUTUANTE

Na mesma revista, Denis Bordeus conta que as aparições que surgem em crises nervosas são relativamente comuns, embora difíceis de explicar. E refere-se a um caso típico que ouviu ao sr. Basset Green, antigo negociante que vivia em Winchcombe, nos arredores de Cheltenham, e que oferecera à cidade de Coventry a estátua de Lady Godiva.

Em 1950, depois de ter visitado um primo que se encontrava gravemente enfermo, passou perto de Winchcombe Abbey, quando viu uma figura alta e negra a caminhar a meio da estrada.

O homem ficou horrorizado e verificou que a figura marchava meio metro acima do solo. Quando a chamou, desapareceu.

Ao chegar a casa, soube que seu primo desencarnara a seguir à sua partida.

O lado mais interessante do caso é que, no mesmo local, uma figura semelhante tem sido vista por outras pessoas.

REVELAÇÕES EM TRANSE HIPNÓTICO

A I.N.S. transmitiu um telegrama de Dalas, Estado do Texas, referindo-se a Leonard E. Kord, pai da jovem americana Patrícia Jeanne Kord de Williams que em transe hipnótico afirmou ter sido noutra vida um sargento dos exércitos confederados do Sul, morto há 96 anos na Guerra de Secessão. Leonardo mantém-se em puro cepticismo e encontra-se em Dallas a investigar nos antigos arquivos as afirmações da filha acerca de uma vida anterior. Passou dois dias em Shrevepon, Louisiana, e disse que 75 % das revelações feitas por ela em estado hipnótico são exactas.

— Minha filha, que nunca esteve em Shrevepor, — acrescentou — referiu-se no seu transe à rua Water. O que é certo é que antigos mapas de há 120 anos assinalam essa rua na localidade. Também falou de certa família Nichols que vivia a quatro quilómetros ao sudueste de Shrevepor. Ora, títulos de propriedade antigos demonstram que uma família Nichols possuia terras nessa zona, pouco antes da Guerra de Secessão. Tudo isto é muito profundo para mim e, todavia, não acredito no fenómeno.

Em compensação, disse que não conseguira provar a existência do sargento Gene Donaldson, que teria sido a encarnação de sua filha na última existência e que, segundo ela revelou em transe, morrera numa batalha contra os Nordistas em 1862, com uma bala num dos olhos.

Durante o transe, Patrícia falou com acento sulino e disse que Donaldson servira como sargento na 2.ª Divisão de Artilharia do Exército da Confederação.

Este caso faz-nos lembrar o de Bridey Murphy, que empolgou o público americano e levou aos bolsos de Morey Berstein milhões dc dólares com a publicação do seu livro «The Seach for Birdey Murphy», pois foi a obra de maior venda na América do Norte em 1956.

Bridey Murphy foi levado ao transe hipnótico e nesse estado fez revelações ocorridas entre 1866 (data da sua morte) e 1923 (data da sua reencarnação). Durante este período, só via e ouvia. As restantes faculdades foram-lhe totalmente suprimidas.

O metapsiquista alemão Rudolf Schawarz analisou o livro e diz que a edição alemã não teve o mesmo acolhimento, exclamando:

— Os métodos hipnóticos de regressão de memória deviam ser estudados por investigadores de opinião animista, como o Dr. Björkhem, que emitiu seu parecer acerca do livro em questão.

ÉLISE DES JARDINS EM LISBOA

No passado dia 25 de Setembro chegou a Lisboa a conhecida médium belga Élise Des Jardins, que veio a Portugal a convite do Grupo Experimental «Ernesto Bozzano» para uma sessão de clarividência no Centro Luz e Amor. Com ela vinha também a médium escocesa Patrícia Webster, que em tempos realizou experiências com o metapsiquista italiano professor Cazzamalli, da Universidade de Milão.

À noite do mesmo dia deu-se início à sessão, dirigida por António Cardoso, e a senhora Des Jardins fez demonstrações das suas faculdades de clarividência em relação com alguns assistentes.

O nosso confrade Jorge Raimundo entregou-lhe o retrato de um familiar desencarnado, sobre o qual a médium fez interessantes experiências probatórias. Depois estabeleceu-se o seguinte diálogo:

— Vejo um camião — disse ela —. E deve relacionar-se com essa entidade, que é seu pai...

— Exacto — exclamou o Raimundo —. Mas o camião não se relaciona com ele.

A médium insiste:

— Mostram-me um camião...

— Ah! Espere... Meu pai esteve numa fábrica onde havia um grande camião...

A senhora Des Jardins terminou, dizendo que este confrade tinha inclinação para trabalhos manuais, o que era verdade.

De uma foto de criança apresentada por Rogélia Pires diagnosticou meningite e convulsões. Em seguida examinou a fotografia de um filho do Dr. Adriano de Oliveira e declarou que se tratava de uma criança com os intestinos doentes e cujo nome começava por J. Todas estas experiências resultaram positivas.

Houve outras ainda relacionadas com os nossos companheiros Túlio Rosa e Manuel Martins Canaveira, igualmente proveitosas.

A assistência demonstrou o maior interesse pelos trabalhos realizados por Élise Des Jardins e fez votos pela sua volta a Portugal.

Isidoro Duarte Santos ofereceu às duas médiuns alguns dos seus livros que elas muito apreciaram.

TRABALHOS DO CENTRO EM OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1958

Dia 12 de Outubro, domingo, às 16 horas — Abertura dos trabalhos com algumas palavras do Presidente da Direcção, seguida de sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 14, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 15, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos com perguntas e respostas, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 16, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 17, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 19, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 21, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de intuição e clarividência com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 22, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, com perguntas e respostas, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 23, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 24, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 26, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso intitulada «A Memória: Sua Estrutura e Fenomenologia».

Dia 28, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo Ernesto Bozzano» dirigido por António Cardoso.

Dia 29, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, com perguntas e respostas, dirigido por Isidoro Duarte Santos

Dia 30, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 31, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 2 de Novembro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Conceição Dias.

Dia 4 de Novembro, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 5, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, com perguntas e respostas, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 7, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira, dirigido por Raúl Ribeiro.

NOTA — *As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, munirem-se da última quota.*

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez avisamos os assinantes e leitores de que devem fazer acompanhar a correspondência de 2$50 em franquias postais, sempre que necessitem de resposta.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos: *Mês de Outubro* — M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Zéto, de Tavira, 2$50; R. Manuel, de Setúbal, 2$50; M. Teresa, de Ovar, 5$00. *Total 40$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estado da Doutrina Espirita	15$00
A Prece	10$00
Espiritismo	15$00
O principiante Espirita	15$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 42$00	30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 42$00	30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 42$00	30$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 42$00	30$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	25$00
Depois da Morte (nova edição)	40$00
O Porquê da Vida	20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	40$00
No Invisível (nova edição)	45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	45$00
A Evolução Anímica	42$00
O Fenómeno Espirita	40$00
A Alma é Imortal	45$00
A Reencarnação	45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	20$00
Enigmas da Psicometria	25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	32$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	20$00
Xenoglossia	25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	30$00
Casas Mal-assombradas	40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	60$00
Narrações do Infinito	25$00
Urânia	35$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

	br.
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00	25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00.	30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís*	35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel*	60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel*	35$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel*	
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes	38$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00	30$00
Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado	130$00
Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus	50$00
Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religoso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal	35$00
Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões»	30$00
Bagavad Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas	34$00
Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.	
1.º vol. — **A Caminho do Abismo,** passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572	30$00
2.º vol. — **Senda de Espinhos.** A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta	30$00
3.º vol. — **Estrada de Damasco.** Quadros da vida humana numa fazenda brasileira	30$00
O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritas — encadernado	40$00
Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos	54$00

	br.
Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire*	25$00
Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise	25$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança	60$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00	50$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu — enc. 35$00	20$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigo y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00	20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM : Segregação, da **Redacção;** A Obsessão, Suas Causas e Efeitos; O Cego e a Noite, por **Rocha de Sousa;** António J. Monteiro, Representante Geral de «Estudos Psíquicos» no Brasil; Auxiliares Invisíveis — Revelações Sensacionais do Médico **Lauro Neiva;** Auxílio Através de Um Sonho, por **Miss F. M. Somethurst;** O Amigo Fantasma, por **F. Lockood;** O México, Sede do 5.º Congresso Espirita Panamericano, por **Pedro Alvarez y Gasca;** Palestras Doutrinárias - 6 - Prègar, por **I. D. S.;** Manifestações Espirituais de Natureza Telepática, por **José Francisco Cabrita;** Apologia da Prece, por **Alfredo Miguel;** De Lírios Só (do livro «Uma Alma Canta»); O Extraordinário Caso de Shânti Deví; Velha Sombra, por **Emmanuel;** Oração à Mulher, pelo Espírito **Meimei;** Um Livro Excelente, por **Ego;** Notícias da Bahia; Renasçamos, por **Paulo Alberto;** Só Espiritismo Científico?, por **Henrique Magalhães;** Irmão Negro, por **Maria Lusitana;** A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos;** Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Noticiário.

ANTÓNIO J. MONTEIRO

Representante Geral no Brasil

(Ver pág. 325)

19.º ANO — NOVEMBRO DE 1958 — N.º 11

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos*, *Deolindo Amorim*, *Nelson Baptista de Azevedo*, *Dr. Newton G. de Barros*
Nova Iguaçú	*Mrs. A. W. Sungleton*
Londres	*Alfredo Miguel*
Bahia	*Dr. Paulo Hecker*
Porto Alegre	*Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*, *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores

Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

Distribuidores: Agência Internacional de Livraria e Publicações—R. S. Nicolau, 119-2.º—Telef. 26 94 02

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. / *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. / *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

19.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1958 — N.º 11

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

SEGREGAÇÃO

O panorama do mundo oferece quadros dignos de atenção. Lavra inquietude nos povos e as palavras têm significado alarmante. Os nervos expõem-se a provas terríveis.

Ninguém trabalha em calma, porque as agências telegráficas, propulsoras da guerra fric espalham a dúvida em toda a parte. Que nos dará o próximo futuro povoado de nuvens pardacentas?

A incompreensão é a maior falha do homem. Estuda ciência e filosofia, ergue tronos à mecânica, dá largas ao sentimento religioso, afirma a necessidade de união nacional e não procura compreender o semelhante, digno, como ele, de uma pátria e de um raio de sol.

— É preciso unir fileiras contra o inimigo!

Esta frase tem poder aliciante e arremata o esforço social, com vista à grande mó que vai triturando as almas simples no jogo que degrada os homens.

Afinal, quem é o inimigo? Onde está esse fantasma que se amolda às ideias de cada um? Onde está ele, que obriga a lutar contra moinhos, num treino que, afinal, o prepara para bem morrer de crise hepática?

Falámos há tempo de racismos, a propósito de monstruosas atitudes contra certos negros da América do Norte, e vemos a ideia a proliferar em países que subscreveram a Declaração dos Direitos Humanos.

Há pouco, um estudante foi escorraçado vergonhosamente de um cabaré londrino por causa da cor da pele e, num bairro limítrofe, houve tumultos sangrentos por motivo semelhante.

Um ditador conhecido quis exterminar os judeus e lançou mão de práticas cruéis e desumanas no intuito de «apurar» e «defender» a sua raça.

Alguns bispos protestantes sairam recentemente da África do Sul com destino à capital inglesa, onde alugaram quartos num hotel. Souberam, porém, que estavam lá três mulheres negras, aliás respeitáveis, e exigiram e obtiveram que fossem logo expulsas do edifício.

A Bíblia está nos alicerces da religião anglicana e não aconselha exemplos deste género. O «amai-vos uns aos outros» é caminho de redenção sobre o qual Jesus firmou a sua doutrina. Porque se esquecem os preceitos evangélicos? Porque não se «concerta o homem com o seu inimigo, enquanto é tempo»? Porque amontoa brasas sobre a própria cabeça?

Há indivíduos que se revoltam contra a violência exercida por outros, esquecendo-se de que talvez fizessem pior nas mesmas circunstâncias.

A segregação das raças, ou antes, a sua perseguição por brancos ou amarelos, não se coaduna com os tempos novos, que as vão libertando de mandatos e tutelas encobridores de prepotências, algumas delas em guisa de protecção. Sabemos que toda causa tem efeito e que nada se faz impunemente. Muitos brancos reencarnarão em negros para benefício dessas terras inóspitas que aguardam a presença de espíritos superiores para auxiliá-las em sua evolução.

Como sabemos, a cor da pele é função geográfica em grande parte e as raças «privilegiadas» aproveitam quase sempre o braço do «protegido» para fomentar riqueza que as engrandeça no mundo económico. Assim é que os vastos impérios enfraquecem à medida que o entendimento se apodera dos satélites, como é de uso chamar aos que foram absorvidos pelas máquinas de guerra, mantendo embora sempre firme o instinto de liberdade e dignidade.

É tempo de viver em paz, aproximando os homens e reconhecendo os seus direitos, à margem de cores ou de raças. Com perseguições deste género o mundo viverá em trevas e não poderemos apregoar fraternidade, quando se erguem braços em designios de vingança. A coexistência pacífica dos seres humanos é absolutamente necessária em todas as latitudes.

A obsessão, suas causas e efeitos

Pergunta — *Não há exagero na afirmativa de que as criaturas vítimas da alienação mental não passam, em sua maioria, de obsidiadas por espíritos maus?*

Ramatis — Uma das questões mais dolorosas e de difícil solução para os espíritos benfeitores é justamente a referente à obsessão, pois não há número suficiente de espíritos adestrados para solucionarem completamente esse problema tão complexo. A humanidade terrícola, por sua vez, aumenta assustadoramente as oportunidades delituosas, o que ainda auxilia a execranda actividade obsessora das entidades trevosas sobre a Crosta.

Não há exagero em se afirmar que a maior percentagem de alienações, no mundo terreno, ainda é fruto das forças destrutivas obsessoras, muitíssimo favorecidas pelo descaso evangélico do próprio homem. Afora os casos naturais, de lesões no cérebro, todas as alienações de ordem mental se originam directamente do desequilíbrio da própria alma. Toda a alma desequilibrada se torna um repasto fácil para os desencarnados viciosos e vingativos, que agem ardilosamente do astral inferior.

Os obsessores tanto agem por sua conta própria, exercendo suas vinganças e explorando os incautos terrenos, como também aceitam encargos e «missões» vingativas, em serviço alheio, aceitando a função execrável de instrumentos de desforras de outros. Esses espíritos malfeitores revezam-se em suas próprias crueldades e vinganças, num trabalho recíproco, organizado e incessante, que exercem do Além sobre os encarnados, contra os quais tramam as mais hábeis artimanhas diabólicas, através da orientação técnica e experimentação dos veteranos.

Pergunta — *Por que há falta de espíritos capacitados para atenderem aos casos de obsessão? Porventura, seria preciso no Astral algum curso especializado ou de preparo técnico, para o êxito desse mister?*

Ramatis — Se as próprias organizações diabólicas, do astral inferior, disciplinam a sua acção nefasta e possuem cursos que ministram ensinamentos astuciosos, preparando espíritos sagazes para o domínio e a exploração das criaturas débeis de vontade e escravas das paixões animais, porque é que o serviço do bem, ainda mais complexo e delicado, não deveria também possuir as suas instituições adequadas, para melhor êxito de sua acção?

Pergunta — *Qual seria o processo mais eficiente para o tratamento da obsessão?*

Ramatis — Os mentores espirituais de alta experimentação sideral, acham que só existe uma solução lógica e sensata para esse acontecimento confrangedor: converter simultâneamente o obsessor e o obsidiado aos postulados amorosos do Cristo! Como já disse, pouco adianta afastar espíritos perseguidores e impedi-los de se aproximarem de suas vítimas, pois esse processo violenta, mas não soluciona a execução da lei de «causa e efeito»; a solução do problema fica em suspenso e a «enfermidade» espiritual voltará da mesma forma como voltam as moscas às feridas logo depois de enxotadas. Em breve, obsidiado e obsessor envolver-se-ão novamente através dos velhos laços do ódio insatisfeito e ainda superexcitados pelo desencarnado, enquanto o perseguido também vibra contra o seu algoz das sombras. A cura requer o desatamento espontâneo das algemas que os prendem há longo tempo, e isto só será possível pela força do perdão e da humildade.

LIMITAÇÃO DE FILHOS E AS CONSEQUÊNCIAS KÁRMICAS

Pergunta — *A limitação de filhos é considerada falta grave perante a Divindade?*

Ramatis — Ela não deve ser encarada como uma acção culposa que fira as regras da moral divina, estabelecidas por um Deus parecido a um pastor ou sacerdote excessivamente puritano. O Cosmos não é produto de preceitos éticos firmados no tempo e no espaço, como decorrência dos métodos da evolução dos costumes humanos ou angélicos. Eterno, Perfeito e Infinito, a sua garantia basilar é a Lei Única de coesão espiritual, sob indescritível cientificismo cósmico ainda incompreensível à mente humana, que participa do Universo, mas não é o próprio Universo.

Por isso, a procriação de filhos, com ou sem controlo, é assunto para ser examinado mais pròpriamente em relação aos efeitos favoráveis ou desfavoráveis que possam provocar em razão da Lei e da Técnica da Reencarnação dos espíritos na Terra. Visto que o renascimento na matéria é de vital importância para a mais breve ascenção do espírito às esferas paradisíacas, convém encarar o assunto sob um aspecto mais científico e técnico, em lugar de o situarmos exclusivamente sob o conceito moral do mundo e da Divindade.

Há que se reconhecer, primeiramente, que um corpo de carne é um dos mais valiosos auxílios no caminho longo da evolução sideral, servindo geralmente para que a alma penada e infeliz possa dar largas ao seu remorso causticante e reajustar-se das imprudências cometidas nas vidas pregressas. No serviço reencarnatório do Espaço, a oportunidade do organismo físico é valiosa dádiva proporcionada pelos Mentores Siderais aos espíritos aflitos e desesperados para renascerem na matéria. Em consequência, analisando-se a questão da limitação de filhos à distância de qualquer sentimentalismo humano ou de razões morais angélicas, estabeleçamos esta importante premissa: o aumento do número de corpos físicos, na Terra, aumenta as probabilidades de ventura espiritual. É fac-

tor de socorro e favorecimento para a mais breve alforria de espíritos desencarnados que imploram novos instrumentos de carne, para resgatar suas faltas pregressas e obrigações para com a Lei Kármica.

Sob qualquer hipótese em que considerarmos o problema da limitação de filhos, quer situando-o sob razões económicas, deficiências educativas ou exaustão feminina, ele só se ajusta, fundamentalmente, a estas razões: maior soma de corpos carnais, maior soma de benefícios espirituais; menor número de corpos carnais, menor probabilidade de ventura e progresso das almas desesperadas. Considerando -se, então, que com a limitação de filhos e precariedade de organismos físicos tende a aumentar nas reencarnações futuras, aqueles que limitam a prole também reduzem as suas oportunidades de futuros renascimentos, dentro do preceito evangélico: «a cada um, segundo suas obras».

Pergunta — *Poderíamos saber se existe maior quantidade de espíritos necessitados de reencarnar do que as probabilidades de encontro de corpos físicos na Terra?*

Ramatis — No Espaço que circunscreve o globo terráqueo em todo o seu sentido esférico, entre os vinte biliões de espíritos que o povoam há mais ou menos dez biliões que ainda necessitam de reencarnação com certa urgência. Se fosse possível atendê-los com o encontro de corpos físicos adequados a cada caso cármico, eles renasceriam imediatamente, a fim de despejar na matéria terrestre os venenos que ainda lhes corroem as almas torturadas por toda a sorte de sofrimentos e remorsos. Na imensa fila de candidatos à reencarnação existem seres tão desesperados, que não recuariam diante da existência física mais atroz, pouco lhes importando um corpo deformado ou repulsivo, a vida mais desherdada da sorte, desde que pudessem descer para a carne, esgotando nesta o seu conteúdo tóxico torturante, que ainda percorre a delicada fisiologia dos seus perispíritos. Para esses perturbados do Além, não há recurso mais eficiente do que a reencarnação, pois constituem imensa legião de desatinados e devedores, cujo credor principal ainda é a Terra.

Sob esse aspecto é que podeis então avaliar quão selvagem, brutal e indigno é aquele que destrói o seu corpo na alucinação do suicídio, porquanto o facto de haver renascido implicou na severa responsabilidade de haver suplantado no Espaço outro candidato à vida carnal. Então o seu crime é vultuoso perante a Lei do Renascimento pois, além de malbaratar valiosa oportunidade para sua própria redenção espiritual, ainda ludibriou a confiança angélica e traiu outra alma necessitada de reencarnação.

Pergunta — *Uma vez que a responsabilidade de procriar cabe mais dolorosa e particularmente à mulher, porquanto é que realmente suporta o fardo mais oneroso da gestação e criação dos filhos, não é injusto que, para se cumprir a espontaneidade da procriação, o esposo deva sobrecarregar a companheira com excessiva descendência, capaz de exaurir-lhe todas as energias devido aos contínuos ciclos procriativos? E será justo lançá-la por longos anos numa vida de exclusiva apreensão mental, entregue apenas à responsabilidade procriativa? Cremos que, nesse caso, a Lei não age com muita equanimidade, de vez que a mulher é a mais sacrificada. Que nos dizeis?*

Ramatis — Somos obrigados a vos recordar que, dentro da sabedoria da Lei Cármica não há injustiça nos destinos humanos, pois a cada um ela dá conforme a sua obra e o seu merecimento; «a semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória».

As almas que se reunem para compor um lar terrestre fazem-no disciplinadas pelas causas que geraram no passado, devendo sofrer exactamente as suas consequências. A Lei do Carma é de absoluta equanimidade em qualquer situação de vossas existências; e se desconfiais de sua justiça é apenas porque desconheceis as causas justas que geram efeitos igualmente justos.

Os espíritos que devem reencarnar são sempre convocados com bastante antecipação pelos mentores siderais do Além, que lhes expõem os planos de reajustamento e reeducação espiritual em futuro contacto com o mundo material. Assim, os lares terrenos são frutos de cuidadosos planos elaborados com bastante antecedência, por cujo motivo, se for de Lei Kármica que, para o devido resgate, a esposa deva procriar numerosa prole, para se livrar do remorso de quando no pretérito se negou a cumprir os seus deveres maternais, ela há-de unir-se a um esposo completamente devotado à procriação em toda a sua integridade. É fora de dúvida que a mulher, nesse caso, será a mais onerada, mas quanto a ser injustiçada, podeis crer que não há tal probabilidade na justíssima Lei do Carma.

Da mesma forma, outras mulheres podem ficar impedidas de procriar, por haverem subestimado demais, no pretérito, a responsabilidade de gerarem novos corpos para as almas necessitadas no Além, ou então abandonarem os seus filhos às ingratidões do mundo.

Pergunta — *Supondo-se que a limitação de filhos represente em certos casos uma necessidade imperiosa, em consequência de exigências da vida, como poderíamos levar a cabo essa limitação, sem nos agravarmos com a Lei da procriação?*

Ramatis — Só existe um único e justificável meio para conseguirdes a limitação de filhos: é a continência! E desta os próprios animais vos dão exemplo em suas relações dentro de épocas exclusivamente destinadas à procriação. Embora ainda contrarieis, em parte, o «crescei e multiplicai-vos» não seria tão grave o delito de evitar a procriação, se o fizeseis por meio de sensata continência. Fora da continência, não há outra justificação para a limitação de filhos, pois é ilícito que pratiqueis uma acção e depois queirais fugir à vossa responsabilidade.

OS ESTÍGMAS DO PECADO NO CORPO FÍSICO E NO PERISPÍRITO

Pergunta — *Temos lido afirmações de que, devido à sua persistente actuação, a força mental produzida pelo pensamento desregrado causa modificações tão profundas na fisionomia de certos desencarnados, que alguns chegam a apresentar verdadeiros estigmas animais. Podeis dizer-nos alguma coisa a respeito desse assunto?*

Ramatis — Realmente, há modificações que se processam no perispírito de certos desencarnados, dando-lhes aspectos exóticos ou repulsivos, em que, muitas vezes, reproduzem as feições de conhecidos animais. Mas é certo que também os encarnados po-

dem revelar em sua fisionomia os mais variados estigmas resultantes das vicissitudes morais, ou então dos vícios aviltantes. A face da criatura humana assemelha-se à tela cinematográfica reflectindo as sensações do filme; ali plasmam-se tanto os estados de ventura, bondade e optimismo, como se reflectem as subversões íntimas e insistentes do ódio, da cupidez, da astúcia ou da avareza.

O semblante humano retrata prontamente as investidas emotivas da alma, assim como regista os seus mínimos pensamentos. Quantas vezes não tendes notado que o rosto das criaturas escravizadas aos vícios e às paixões aviltantes são semelhantes a certas aves e animais! O avarento, por exemplo, não é representado pela figura do abutre, com o seu nariz adunco e os olhos com o brilho da rapina? O homem lerdo e inexpressivo, não o comparam ao boi, o astuto à raposa, o cruel à hiena, o voraz ao lobo e o luxurioso à figura do caprino?

Imaginai, pois, o que acontece quando o potencial vigoroso da força mental pode agir directamente sobre a estrutura astral do perispírito desencarnado que, por ser dotado de incrível qualidade plástica, se modifica ràpidamente na sua configuração fisionómica! Raros homens conhecem o assombroso efeito do pensamento sobre a ideoplastia do perispírito, que é, na verdade, o mais admirável prolongamento da mente no mundo astral.

Não nos referimos ao perispírito como sendo apenas um organismo singelo e semelhante a uma veste vaporosa, como ainda o crêem muitos espiritualistas, mas sim como a um avançado conjunto colectivo composto de todos os veículos de que o espírito necessita para actuar e se relacionar com os diversos planos da vida imortal, como sejam o etérico, o astral, o mental, o concreto, o abstracto, etc. Sabemos que a sua real estrutura só agora está sendo conhecida entre os espiritas estudiosos, pois só era familiar aos velhos iniciados de outrora, que já conheciam a sua avançada fisiologia «etéreo astral», através dos ensinos hermetistas e védicos.

É o mais complexo aparelhamento jamais imaginado por um fisiologista ou anatomista humano, e o seu completo conhecimento no mundo físico ainda poderá exigir alguns milénios de estudos bem aplicados. A sua cor, densidade, temperatura magnética, luminosidade e odor astral são resultantes de processos metabólicos tão complexos e subtis, que ainda escapam inteiramente à compreensão do actual homem encarnado. São fenómenos de grande sensibilidade, que atendem e reagem ràpidamente sob o mais ténue pensamento e emoção produzidos pela alma, como também se modificam e se elevam pela influência da luz original do espírito, que pode afluir de seu interior. O perispírito é o revelador de todas as acções ocorridas na intimidade da vida espiritual, e a mente, então, significa o seu aparelho cinematográfico que projecta aquilo que a alma pensa ou deseja. Em consequência, ele também reproduz, em suas funções e aspectos, o «cunho permanente» ou carácter definitivo que a alma já imprimiu na formação de sua consciência individual através de milénios.

É uma organização básica que, exteriormente, pode ser analisada pela sua cor, magnetismo, luminosidade, temperatura e odor, como elementos identificadores do temperamento psíquico do ser imortal. E, como é o fundamento identificador do tipo de cada alma, também costuma apresentar outras características de cores, com novos reflexos de luminosidade e diferenças magnéticas de temperatura e odor. Isso é conhecido no mundo astral como os «sinais acidentais» que resultam dos vários tipos de emoções e pensamentos produzidos pelo espírito, mas que não modificam o seu carácter fundamental, já exposto na aura perispiritual.

Pergunta — *Por que motivo se não poderá aplicar a nós mesmos essa admirável ciência das cores, que identifica as diversas emoções e os fundamentos psíquicos da alma? E por que nos custa tanto compreender que o pensamento seja o dínamo propulsor de todo esse mecanismo impercepítvel para os nossos sentidos comuns?*

Ramatis — Ainda são raros os encarnados que podem compreender quão poderosa é a força do pensamento e o seu maravilhoso poder de alquimia sideral que modifica a vestimenta da alma. Como ainda não podeis comprovar objectivamente a força mental que provoca modificações plásticas e fundamentais no organismo de carne, duvidais da presteza e do poderio ideoplástico com que essa mesma energia mental pode modificar o vosso perispírito. A encarnação obscurece o poderoso dínamo da memória etérica, fazendo-a esquecer a sua realidade maravilhosa do Além, por cujo motivo não vos é dado compreender todas as funções admiráveis das cores, em sua subtil operação sobre a vossa emotividade espiritual.

CENTRO ESPIRITA "JOSÉ EUSÉBIO"

O Centro Espirita «José Eusébio», de Pajuçara-Maceió, Estado de Alagoas, Brasil, elegeu os seus corpos gerentes para o triénio de 1957-1960, sob a presidência do nosso querido representante Jaime Xavier Silva, grande pioneiro do Espiritismo naquela região. Na mesma altura designou a directoria do Grupo Escolar «Zaneli Caldas», de que o mesmo confrade é Director-Geral; a directoria da Assistência Cristã «Noemi Lício Marques», à qual preside a professora Maria de Lurdes Silva; a Comissão Consultiva da Mocidade e a Comissão de Finanças.

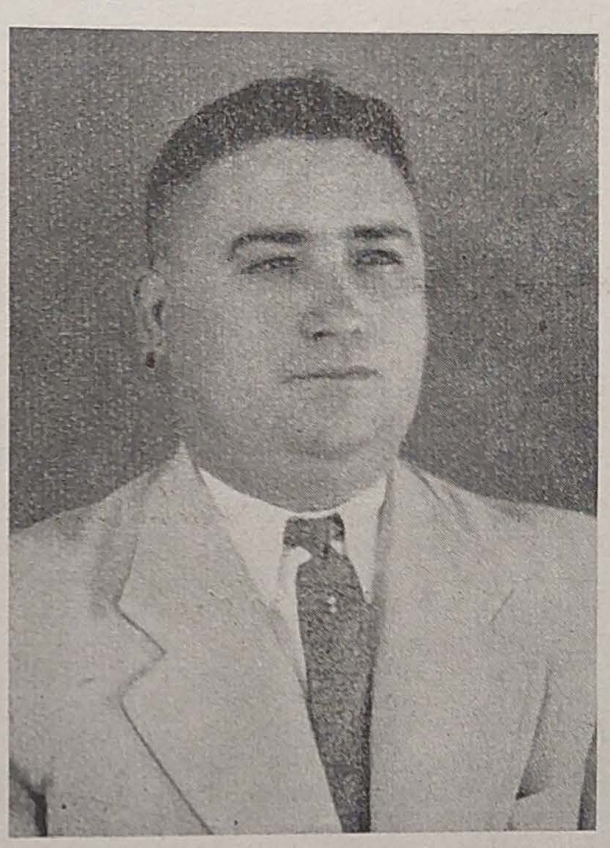
Esta organização desenvolve um labor magnífico em benefício da Doutrina e merece o apoio dos bons espiritistas.

Não esquecemos a surpresa que nos fizeram, quando visitámos o Centro, onde o sentimento de amizade atingiu os mais altos cumes. Por isso lhe enviamos as nossas saudações muito sinceras com votos de crescente progresso espiritual.

O CEGO E A NOITE

Por ROCHA DE SOUSA

A noite... Tudo é noite à minha volta. Já deixou de existir para mim a luz que me guiava os passos, já o sol se perdeu no ocaso, deixando no meu cérebro atormentado uma triste e funesta recordação do Mundo em plena luz... Só a escuridão me rodeia; perco-me dentro dela sem descortinar uma saída que me faça acalentar uma esperança... Que soluços sinto à minha volta, meu Deus?!... Será o vento rugindo por entre os penedos, ou a chuva fustigando a charneca descarnada?!... É talvez alguma ave lançando para a atmosfera o seu pio choroso e lento... talvez alguma árvore agitando na treva da noite a sua ramagem tétrica... É talvez toda a Natureza chorando a hora trágica do seu viver, lamentando a noite que a envolveu e subjugou por completo, deixando-a sem luz, sem cor... sem vida... assim mergulhada numa treva imensa... Chora... chora baixinho a tua dor, o teu trágico destino... Chora, que eu compreendo-te... Ó montanhas que ergueis picos aguçados para o céu! Ó vales que me escutais no silêncio da noite! Ó Natureza adormecida, ó Mundo!... Que direi eu desse flagelo que nos atormenta? Eu que vivo numa treva eterna? Eu que sucumbo pouco a pouco na noite que me rodeia, que me aperta, que me estragula?!... Eu que sinto os outros saltarem loucamente à minha volta e que, num gesto indeciso, só posso esboçar uma súplica... uma súplica ardente?... Eu que tenho que rastejar por montes e vales... à chuva, ao frio... sem pão para comer... sem cama para dormir? Eu que conheço o dia sem o ver? Só o posso sentir... Conheço a sua luz, mas não a posso ver. E dentro do desespero que me envolve, eu quero, eu chego a desejar ardentemente a morte... Mas, triste de mim, se a obtivesse por minhas próprias mãos, até a luz do infinito me seria negada! E espero numa ansiedade crescente essa hora bela sem que possa adiantar-me! É noite na Natureza... é noite no meu espírito esmagado pelo sofrimento... A noite... Tudo é noite à minha volta...



ANTÓNIO J. MONTEIRO

Apresentamos hoje aos leitores o nosso confrade e amigo António J. Monteiro, representante geral de Estudos Psíquicos *no Brasil, a quem os nossos representantes estaduais devem remeter o numerário relativo a assinaturas e livros.*

António J. Monteiro é um dos espiritistas mais sinceros que temos conhecido. O seu labor é proporcional à sua modéstia. Conhecemo-lo no Rio de Janeiro por ocasião da nossa viagem. Pertencia à Comissão de Recepção, à qual presidia o esforçado obreiro Henrique Magalhães, um dos maiores valores do Espiritismo em terras de Santa Cruz, e nessa ocasião convivemos assíduamente com o confrade e patrício que deixou em nosso coração impressões indeléveis.

Henrique Magalhães pediu-lhe que aceitasse a espinhosa missão. Já o conhecia da Maternidade «Casa da Mãe Pobre», *de cuja directoria faz parte, e o boníssimo irmão acedeu e tem realizado uma obra notável de auxílio, a que somos muito gratos.*

O Magalhães continuará a pugnar «pela sua revista» ao lado do Monteiro e de Américo Lopes Vieira e nós poderemos ficar tranquilos acerca do futuro da obra, porque o novo obreiro é homem de palavra e de acção, como tem demonstrado em várias agremiações espiritas.

A nossa maior alegria é lidar com pessoas honestas e sinceras que ponham o ideal acima das frioleiras terrenas. António J. Monteiro trabalha na manutenção da vida, mas sobra-lhe tempo para as coisas espirituais.

Além de operoso colaborador é médium de faculdades apreciáveis que não regateia esforços, nem alija responsabilidades.

Que os bons guias o protejam e que se desdobre em serviços à causa do Espiritismo!

AUXILIARES INVISÍVEIS

Revelações Sensacionais do Médico Lauro Neiva

Ministros da Fazenda salvos pelos auxiliares invisíveis!
Ministério da Luz Astral!

I

O CASO DA ESQUIZOFRÉNICA

Nesse tempo, ainda me enfronhando em parapsicologia, não havia assistido a nenhuma sessão espírita no Rio. De repente, antes de sair do consultório veio-me ao cérebro a ideia de ir à *Tenda Espirita São Jerónimo*, na rua Visconde de Itaboraí, n.º 8, sobrado. O sr. José Álvares Pessoa, seu presidente, recebeu-me com toda a cordialidade, facilitando-me a apreciação de todos os fenómenos.

Lá pelas 22 horas, um médium, magro e risonho, sr. Moacir Gomes da Silva, dirigiu-se para mim, tocou-me no ombro e disse-me:

— Até que enfim, «cartola», viestе aqui!

— Vim aqui, meu caro, a convite do Capitão Pessoa.

— O Capitão Pessoa já te convidou há oito meses!

Quem era aquele — pensei eu fazendo cálculos — que sabia, com precisão, o tempo do nosso conhecimento? E ajuntei:

— Quem é você?

— «Rompe-Mato».

— ...?!

— «Rompe-Mato», — acrescentou o sr. José Álvares Pessoa — é uma entidade que se apresenta com esse nome, mas que possui a luminosidade dos espíritos superiores.

— Quem te trouxe aqui, «cartola», fui eu.

— Porquê?

— Porque, «cartola», não queres mais tratar daquela doente que veio de tão longe. Qual a razão?

— Fulana?

— Sim.

— Porque, meu caro, não quer cooperar e pouco adianta insistir nos tratamentos difíceis, dispendiosos e perigosos com esses pacientes não cooperativos.

— Mas tu foste escolhido por Deus para curá-la e eu vou ajudar-te. Outra vez qualquer que precisares de ajuda, concentra-te e pensa em *Rompe-Mato*.

— E de que maneira você me pode ajudar?

— Quando tu fores vê-la, depois de amanhã...

— Eu vou vê-la amanhã, aliás todos os dias.

— Amanhã, «cartola», não vais.

— Vou, meu caro, pois tenho, também, outros doentes fazendo insulinoterapia, e a assistência tem que ser diária.

— Mas amanhã não vais!

— Porquê? Vai acontecer-me alguma coisa?!

— Não. Quero, apenas, que tu sintas o poder de *Rompe-Mato*. Quando, depois de amanhã, fores ao hospital, a tua cliente, como de costume, não cederá à ideia do choque eléctrico. Então, concentra-te, pensa com fé em *Rompe-Mato* e imediatamente ela concordará em que tu dês quatro choques, aplicado o primeiro dentro de sete dias. Logo após a sua alta vem aqui falar comigo.

Ao chegar à minha residência, pedi à minha senhora que me desse o despertador, a fim de me levantar às cinco e meia da manhã.

— Porquê mais cedo? — perguntou. — A copeira vem trazer o café às seis.

Coisa surpreendente: só acordei às nove horas, o despertador não tilintou e a copeira não me havia, ainda, trazido o café!

Minha senhora, vendo-me espantado, explicou:

— Não sei porque está travado o despertador. Quanto à copeira, esqueci-me de dizer que o Paulo (nosso filho) não tinha aula hoje e, portanto, não abriu a porta lá debaixo e ela não pôde subir.

Rompe-Mato venceu e só fui ao hospital no outro dia, isto é, «depois de amanhã». A cliente, como sempre, apresentou as suas recusas, alegando que estava melhor. Eu insistia no electrochoque e concentrei-me, lembrando-me daquela entidade.

— Como o senhor se transformou, dr. Neiva! O senhor está zangado? O senhor pode esperar, pelo menos, uma semana? Se eu não me sentir completamente boa, permito que faça, sòmente, quatro choques!

Uma semana depois, exactamente sete dias, apliquei-lhe o primeiro choque. E só foi preciso a aplicação de quatro choques! Dei-lhe alta e fui agradecer ao *Rompe-Mato*.

Rompe-Mato, vendo-me, fez como da primeira vez. Aproximou-se alegre, bateu-me no ombro e foi-me dizendo:

— Então, «cartola», aconteceu ou não aconteceu o que eu te disse?! O despertador bateu?! A empregada levou-te o café?! Foste ao hospital naquele dia?! Só fiz isso, meu filho, para sentires o poder de *Rompe-Mato!* Tu tens muita receptividade e Deus, por nosso intermédio, te ajudará!

O ROMPE-MATO

Mal chegava a Belém, do Pará, numa visita à minha mãe, quando me chamam ao telefone, pedindo-me para ver uma doente na rua Brás de Aguiar. Não me declinaram nenhum nome. Fui. Aproximando-me do portão, notei que uma senhora vinha saindo à rua. Falei-lhe da chamada, explicando que era um psiquiatra do Rio, de passagem por Belém, e que, como todo o especialista, deveria ter alguma coisa de maluco... Aquela senhora riu, mandou-me entrar e chamou o marido, o qual, após nova explicação, me disse:

— A minha senhora vem sentindo há tempos umas coisas muito esquisitas; mas eu, por oposição dela, ainda não chamei nenhum médico. Ontem à noitinha teve um ataque de nervos, caiu para trás e disse-me que um médico, a mando de *Rompe-Mato*, viria vê-la hoje, para curá-la. Quem foi que o mandou aqui, doutor?!

— *Rompe-Mato*, meu senhor!

De volta ao Rio, fazendo uma visita à *Tenda Espirita São Jerónimo*, lá me encontro com o mesmo médium que, batendo-me no ombro, me diz:

— Obrigado, «cartola», pela cura de meu «cavalo», em Belém!

A GRAVIDEZ ECTÓPICA

Já ia saindo do consultório, às seis e meia da noite, quando sinto que uma força estranha me impede de fazê-lo. Sento-me, concentro-me

e sonho com as coisas invisíveis. E o telefone me interrompe:

— É o dr. Neiva? Aqui é um rádio-amador. Estou captando uma mensagem de Belém, onde o meu colega pede que o senhor vá a casa de outro rádio-amador, hoje, às 23 horas, a fim de conferenciar com um médico paraense sobre uma pessoa de sua família que está à morte. Como o senhor mora em Ipanema, pedi ao meu colega da rua Saturnino de Brito, na Gávea, que o recebesse.

Havia chegado, poucos dias antes, de Belém, e não podia atinar com um caso de morte em minha família. Sentindo, entretanto, a necessidade de socorro urgentíssimo, telefonei para todas as companhias de navegação aérea. Não adiantou apelar para o coração dos passageiros! Todos tinham pressa e não podiam ceder o lugar! Aí, não tive dúvida: concentrei-me, rezei a Deus e invoquei o meu amigo *Rompe-Mato!* Lá veio, então, a supestão:

— Vá à tenda *São Jerónimo!*

— Para quê?! — perguntei a mim mesmo. E a resposta não tardou:

— Conseguirá um lugar no avião!

Assim, ciente e consciente das coisas invisíveis, telefonei à minha senhora, pondo-a a par de tudo e pedindo-lhe que fosse às nove e meia da noite, de automóvel, àquela Tenda, a fim de me levar à Gávea. Minha senhora, sempre descrente e sempre achando graça às minhas «maluquices», perguntou-me como é que eu poderia conseguir uma vaga, com os espíritos, num avião!... E acrescentou:

— Só se for, mesmo, uma passagem de ida para o outro mundo!

Ao chegar à *Tenda São Jerónimo,* lá encontrei, apreciando aqueles fenómenos extraordinários, o dr. Francisco Pessoa de Queirós, director do grande *Jornal do Comércio* do Recife e possuidor de cinco estações de rádio e uma, ainda em construção, de televisão, e bem assim, o afamado Prof. Sana-Khan. Inteirados dos meus propósitos, pediram-me para presenciar à minha consulta. O Capitão Pessoa, apresentando-me à médium, sr.ª Dulcineia de Lima, afiançou-me que poderia corresponder à minha expectativa.

Sentei-me calmamente, diante da médium. Olhando-me fixamente, sem nada me perguntar, disse-me:

— Meu filho, encosta a tua testa na minha. Ah, meu filho, que desgraça! Vejo uma morte em pessoa da tua família, que mora longe daqui!...

— Mas eu vim pedir-lhe, Vovó Quitéria, uma vaga num avião!

— Não me fale agora, em avião! Eu quero orientar-te a respeito do doente! Encosta, outra vez, a tua testa na minha. Ah, meu filho, eu só vejo morte! Trata-se de uma senhora ainda muito moça, com dois filhos, imensamente pálida, sem força nenhuma. Não sabem o que ela tem. Vou examiná-la. Já sei: é uma gravidez fora do útero; o feto está morto e há coágulos enormes de sangue! Chamam-lhe Marinéve, e é tua sobrinha!

— E o avião, Vovó Quitéria?!

— Não me fales, ainda, de avião! Tu não vais ter uma conferência com um teu colega do Pará?

— Vou.

— Pois bem: presta bem atenção ao que eu te vou dizer. Quando ele iniciar a descrição do caso, interrompe-o dizendo que já sabes de tudo e que é preciso agir imediatamente, a fim de sustentar a sua vida até amanhã. Manda fazer uma transfusão de 200 gramas de sangue e aplicar logo soro fisiológico. O teu colega vai fazer a objecção de aproveitar a veia para o soro glicosado, com o que não deves concordar. Ele dirá, então, que só fará a transfusão sob a tua responsabilidade Aceita tudo!

— E o avião, Vovó Quitéria?!

— Meu filho: tua mulher não vem, agora, buscar-te de automóvel? Quando estiveres dentro do carro, receberás uma intuição!

Profundamente agradecido, retirei-me. O dr. Pessoa de Queirós, confessando-se admirado e ansioso pelos resultados, perguntou-me se poderia acompanhar-me. Saímos juntos. Dentro do automóvel, minha senhora interrogou-me:

— Para onde vamos?

— Vai andando vagarosamente, pois estou esperando uma mensagem!

— Mensagem?! De quem?!

— Dos meus amigos invisíveis!

— Qual, dr. Pessoa de Queirós, este meu marido é mesmo doido!

E o dr. Pessoa de Queirós a minha senhora:

— Olha, dona Celinha, eu conheço o seu marido mais do que a senhora. O dr. Neiva é um homem de fé! Veremos o que sucederá.

Minha senhora começou, então, a movimentar, vagarosamente, o carro. Amparei a cabeça com a dextra, apoiei o cotovelo na mão esquerda e pensei em Deus. Saíu-me, rápido, esta frase: «Suzette, minha filha, dê-me o nome de uma companhia de navegação aérea».

— Real.

— Vamos para a «Real», na Avenida Rio Branco!

Iam descendo as portas de aço. Passavam cinco minutos da meia noite. Corremos ao balcão, o dr. Pessoa de Queirós, minha filha e eu. Depois indaguei:

— O senhor tem uma vaga para Belém?

— É o dr. Neiva? Ah, meu caro doutor, eu já telefonei para todos os passageiros, um por um, bem assim para as outras companhias. Ninguém, infelizmente, quer ceder o seu lugar! E eu disse que era um caso de morte! Nada posso fazer, caro senhor!

Não me dei por vencido. Concentrei-me ali mesmo e, cada vez mais crente, interroguei, ajoelhando-me no meu coração:

— E agora, Vovó Quitéria?!...

Perguntei:

— O senhor pode-me ligar o telefone para o escritório central?

— Já não está aberto a esta hora. Aliás, só eu é que posso saber se tem, ou não vaga.

— Por favor, tente telefonar!

Não obstante considerar inútil, telefonou e, voltando-se para mim, exclamou:

— Mas o senhor adivinha?! Um passageiro, sentindo-se sùbitamente doente, telefonou para o escritório central, pedindo, pelo amor de Deus, que cedesse a sua vaga a outro. A vaga é sua!

Quase às 23 horas chegávamos à casa do gentil rádio-amador, na rua Saturnino de Brito, pertinho da Lagoa Rodrigo de Freitas. Antes de iniciada a entrevista, relatei o que se iria passar. Aquele casal católico não demonstrou a mínima parcela de crença no Espiritismo. Por mais incrível que pareça, não me julgou maluco!

Não repetirei nada. Mas, perante o olhar atónito do casal, aconteceu tudo o que havia dito a Vovó Quitéria boa e bendita! Apenas acrescentei ao meu colega:

— Chegarei aí pela manhã!

Ao chegar, pedi auxílio urgente ao dr. Paulo de Castro, ilustre obstetra, que, examinando a doente, confirmou o diagnóstico de gravidez ectópica, admirando o facto pelo relato que eu lhe fazia. Operada após os exames indispensáveis, salvou-se! Digo melhor: Deus ouviu as suas preces, pois a sua fé era inabalável! O «milagre» depende de nós, dos outros, de Deus!

O CASO DO MINISTRO SOUSA COSTA

Aqui está o meu primeiro cliente, atendido em Janeiro de 1936. Eu tinha-me formado em Medicina

Auxílio através dum sonho

Por Miss F. M. SOMETHURST

Há três anos tive que apresentar-me a uma Junta de Promoções. Cerca de duas semanas antes, num domingo de manhã, estava descansando na cama, meio acordada, meio adormecida, quando ouvi os passos de meu pai aproximarem-se. Disse-me qualquer coisa, mas não percebi o quê, lutando, como estava, para abrir os olhos. Ele desapareceu em seguida e eu fiquei com uma estranha sensação a invadir-me. Mas quando me levantei senti-me como nova e desde esse momento não experimentei medo algum. Muita gente me disse que eu aparentava tranquilidade e felicidade no dia da Junta. E assim era, sentindo a presença de Deus como nunca sentira.

Quero esclarecer que meu pai morrera 4 anos antes destes acontecimentos e eu não posso ouvir sem a ajuda dum aparelho auditivo, que não tinha quando estava na cama e na altura a que me refiro. Mas era hábito de meu pai vir muitas vezes, aos domingos de manhã, dizer-me que estava pronto para o pequeno almoço.

Compreendi que ele tinha vindo nesse dia para me incutir força e coragem. E assim me apresentei à Junta e os meus anseios de transferência foram satisfeitos.

Muitas vezes meus pais me aparecem em sonhos e sempre que me encontre embaraçada ou indecisa sobre o procedimento a adoptar.

(Traduzido do «Your Fate», de Fevereiro de 1958).

* * *

O AMIGO FANTASMA

Por F. LOCKOOD

Eis aqui o resumo duma experiência recente que talvez interesse aos leitores:

Se observarmos o mapa das Ilhas Britânicas notaremos que o ponto mais setentrional das Hébridas se chama a Ponta de Lewis. Vê-se aqui um farol, precàriamente alcandorado nas escarpas duma falésia rodeada de recifes e ilhéus rochosos.

Num domingo de manhã, a 16 de Junho de 1957, encontrava-me ali sòzinha. A manhã estava tão enevoada que não se divisava o cume do farol, visto de baixo, e o mar mostrava-se encapelado e escumante. O sinal de nevoeiro soava com intervalos frequentes.

Era um dia impossível para fotografias; assim mesmo, resolvi tirar uma, para recordação desta visita. Como a minha máquina era a cores, trepei por ali, tentando captar um tom da cor avermelhada do mar para dar vida às rochas cinzentas e à espuma que emergia do nevoeiro. Senti então a presença dum amigo que eu sabia estar doente a mais de 700 quilómetros do local.

Como eu, era ciclista entusiasta e comprazia-se na fotografia a cores nas suas viagens.

Tirei a fotografia e parti. O incidente esfumou-se no meu espírito durante certo tempo, mas, alguns dias mais tarde, pedalava eu através dum carreiro pouco frequentado, não longe de Peebles, quando, mais uma vez, notei a sua presença.

Continuei a pedalar e durante meia hora conversámos e quase discutimos por vezes (amistosamente, é claro).

Havia qualquer coisa que ele queria continuar após a sua morte, qualquer coisa que sempre lhe despertara grande entusiasmo. Concordámos em princípio, discordámos nos pormenores, mas, por fim, esclarecemos tudo com mútua satisfação.

Mostrou-se, contudo, surpreendido que eu tomasse a sua visita como coisa corrente; mas, quando lhe expliquei que estava habituado a falar com os «invisíveis», pareceu compreender.

Alguns dias depois voltei a casa e perguntei por ele. Disseram-me que se encontrava no hospital em estado inconsciente nos momentos que acabo de referir.

Morreu uma ou duas semanas mais tarde.

Na manhã do seu funeral pedalava eu por uma estrada agradável e sossegada, quando voltou a falar-me, muito bem disposto, dizendo-me que tinha outros assuntos a tratar nesse dia, mas que voltaria em breve.

(Traduzido do «Your Fate», de Fevereiro de 1958).

---

em 4 de Dezembro de 1935: Artur de Sousa Costa, ministro da Fazenda, prestigiadíssimo pelo Governo! Chamou-me para vê-lo o dr. Orlando Vilela, chefe do seu gabinete, meu conterrâneo e amigo.

Verificando que a sua pressão arterial era muito alta, 24, que tinha uma antiga insuficiência cardíaca e que tinha sensação de morte próxima, com «medo de morrer», coisa que nunca sentiu, propus fazer-lhe uma sangria.

— De maneira nenhuma permitirei uma sangria! Dê-me uma injecção hipotensora.

— Não é injecção. É sangria!

— Não farei. Aguarde uma nova chamada no meu gabinete.

Examinando-o pela segunda vez, verifiquei que a pressão já estava a 28 e, achando grave o seu estado, pedi que chamasse o seu médico.

— O dr. Melo Magalhães está na Europa. O sr. doutor não conhece nenhuma injecção hipotensora?

— O caso, ministro, não é de injecção. Só sangria!

— Não farei! Aguarde a minha chamada.

Quando, pela terceira vez, compareci à sua presença, era enorme o número de visitantes, que acorreram ao seu gabinete, inclusive outros ministros, como o dr. Osvaldo Aranha, que me disse à queima-roupa:

— O senhor é funcionário e, como funcionário, é obrigado a dar-lhe uma injecção!

— Perdão, ministro. Aqui está o médico e, como tal, só faço sangria!

O ministro Sousa Costa, dirigindo-se a mim, indagou:

— O senhor garante que, com essa sangria, tudo passará?!

— Imediatamente!

— Então, faça.

E logo após a retirada de 200 gramas de sangue, apertou-me a mão, abraçou-me e disse:

— De hoje em diante, só o senhor será meu médico!

Abraçado por todos — principalmente pelo dr. Osvaldo Aranha, que se ofereceu para ajudar-me, caso quisesse ir para os Estados Unidos —, ainda hoje me encontro no gabinete do ministro da Fazenda, lembrado por uns, esquecido por outros e, talvez, de mim mesmo...

Continua)

O MÉXICO

Sede do 5.º Congresso Espirita Panamericano

Por Pedro Alvarez y Gasca
(Correspondente no México)

Em 1953 realizou-se na Ilha de Cuba o 3.º Congresso Espirita Panamericano. Ao terminar tão grande acontecimento, os delegados da Confederação Espirita Internacional (CEPA) assistentes ao Congresso resolveram por unanimidade que a seguinte assembleia daquele organismo internacional se efectuasse na cidade do México e que a Central Espirita Mexicana fosse encarregada de organizá-la.

Naquele entrementes e mau grado seu, o México teve que declinar tão assinalada distinção. O Espiritismo mexicano sofria um colapso que a C. E. M. se esforçava por sanar. Mas era necessário lutar muito: organizar o Espiritismo da República, unificá-lo, conseguir maior ligação entre os confrades e levar o entusiasmo às mais longínquas regiões. A C. E. M. propôs então que se elegesse outro membro da grande família americana, pois daria tempo de realizar, em parte, essa luta gigantesca e, assim, para o subsequente congresso, o México estaria já em condições de organizar a magna assembleia e de receber dignamente os representantes do espiritismo continental.

Foi por isto que se designou a formosa ilha de Porto Rico como sede do 4.º Congresso Espirita Panamericano, realizado em Outubro de 1957. Mas, ao finalizar este novo evento, a assembleia votou, unânimemente, no sentido do 5.º Congresso se realizar no México.

Esta insistência é altamente significativa para o nosso país. Quer dizer que o México — o México espirita — se levantou da prostracção em que se encontrava, que a C. E. M. conseguiu que o espiritismo mexicano adquirisse personalidade firme e vigorosa e que a mesma fosse reconhecida além-fronteiras, em todos os países do continente. E demonstra também a grande amizade que todas as outras nações sentem pelo México, esse povo que sempre se irmanou com elas em todas as lutas, em todos os sofrimentos, em todos os sacrifícios pela liberdade, em todas as ânsias de progresso e actualmente nas suas maiores e mais belas aspirações espirituais.

Ante esta insistência, o México não podia continuar a negar-se. Aceitou a honrosa designação e com isso contraiu um compromisso para com o espiritismo americano e do mundo: converter-se durante alguns dias em ponto de reunião para onde convergirão as avançadas da ciência do espírito. A realização deste compromisso está nas mãos dos espiritistas mexicanos. À primeira vista parece que a falta de um braço — onde há tantos braços — não será notada e que a falta de um esforço — onde tantos esforços se realizarão — não terá importância para o resultado final. Mas, se assim pensamos, primeiro um e depois outro, e outro, pouco a pouco as nossas fileiras quedarão desertas e o resultado será o vácuo e o fracasso. É preciso compreender que as vitórias que demandam esforço gigantesco se conseguem mediante a reunião de muitos pequenos esforços que, por si sós, parecem intranscendentes, mas que, unidos, se convertem em impulso irresistível que tudo vence. Assim se fazem as revoluções, quer armadas, quer do pensamento, sejam científicas, filosóficas ou religiosas.

A própria natureza obra desse modo. A grandiosidade de um deserto, a potência invencível do mar ou do vento não são mais que a agrupação de infinitas moléculas, as quais, isoladas, parece não terem valor algum. É o esforço ligado e organizado que logra destruir todos os obstáculos, alcançar todas as metas e obter todos os triunfos.

O México vai ter oportunidade de ouvir a voz do Espiritismo Continental. Saberá como pensam e sentem os seus irmãos de além-fronteiras. Escutará novas ideias, novas orientações e novas directrizes para a investigação, para o trabalho comum e solidário na busca da verdade. Ao mesmo tempo, o México terá a oportunidade de fazer ouvir a sua voz no Espiritismo Continental. Saberão os nossos irmãos de toda a América como pensamos e como sentimos os espiritistas do México. Saberão qual é a mensagem do Espiritismo Mexicano e qual a sua posição ante o espiritismo americano e do mundo.

Haverá intercâmbio de ideias e todo o intercâmbio de ideias é fecundo. As ideias são como os seres vivos que pensam e trabalham. Quando são afins e se auxiliam mùtuamente, alcançam alturas incríveis e o impulso da sua acção torna-se irresistível. Os problemas do Espiritismo serão expostos pelos representantes da Nova Ciência para estudo comum. Estaremos unidos, ombro a ombro, para estudá-los e solucioná-los. E os homens que representam o Espiritismo Americano poderão voltar a casa com uma nova impressão e uma nova ideia: que começa a ser realidade no mundo o conceito de que a pátria (a nossa pátria) abarca muito mais do que fronteiras políticas e que, graças ao Espiritismo, em toda a parte podemos encontrar o prolongamento da nossa terra e do nosso lar.

A impressão que os nossos irmãos possam levar dependerá exclusivamente do que fizerem os espiritistas mexicanos, não só durante o congresso, mas desde já, reunindo esforços e vontades para conseguir o êxito da magna assembleia internacional.

PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

(6) PREGAR

Estas palestras foram improvisadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

Hoje vou falar sobre a propagação das ideias. Madoz disse um dia que a opinião, depois da consciência, é o único juiz do homem. E, assim, o pregador ou o homem que defende uma ideia tem primeiro que formar a sua opinião, que só pode ser baseada no estudo e na reflexão; e quando se convence de uma verdade deve manifestá-la. Os que são arautos de um ideal de regeneração também têm necessidade de formar a sua opinião e defendê-la, através de todos os meios a seu alcance.

E assim, quando uma convicção se apodera de nós — como disse Estêvão Coelho de Magalhães — e a nossa língua se não presta a manifestá-la, entramos numa posição muito precária e melhor fora talvez não nos termos abalançado a tarefa de tão grande envergadura.

Não me refiro apenas ao ideal espírita; refiro-me a qualquer ideal: filosofia, sociologia, política ou religião, seja qual for, porque a posição do homem no mundo, no tocante às ideias, é demasiadamente elevada, para que se olhe com desdém e com certa precariedade de elementos. Defender uma ideia, que coisa magnífica e transcendente! Mas para a propagar não basta conhecimento, não basta ciência ou filosofia. Há outros elementos indispensáveis e um dos maiores é a força moral.

O indivíduo com força moral pode tanto, que até os outros, cheios de ciência, lhe guardam respeito. É que ele prega e exemplifica e outros pregam sem o exemplo. Pregar sem exemplo é tarefa muito inglória, muito ingrata. Por isso eu disse que o homem se deve capacitar de uma verdade e, quando se convencer de que está nesse caminho, o seu esforço será duplo e a sua razão maior. E só assim ele pode subir aos telhados e difundir a sua ideia, a sua luz, porque ideia é luz, só assim ele pode convencer os outros e até, se quiser, fazer prosélitos, embora para o bom pregador, para o bom doutrinante, o adepto seja o alvo desejado, fundamental e necessário.

Os partidários de uma opinião não se devem contar pelo número, mas pelo peso, porque, como todos sabem, é muito fácil convencer uma multidão de ignorantes acerca de ideias simplistas. É fácil. Um pouco de verbosidade, um pouco de atrevimento, e o reduto está conquistado. Mas é uma conquista inglória.

Conquistar ignorantes, convencê-los de que o vidro é um cristal de rocha é coisa cómoda, mas não pode ser *duradoira. Porque amanhã, quem viu o vidro e o tomou pelo cristal convence-se de que era apenas vidro e a posição inverte-se: a multidão passa a ser juiz e o doutrinador multidão. Por isso, quem difunde uma ideia tem que medir as palavras, os gestos e, sobretudo, tem que revestir-se de grande força moral e esta só pode emanar de esforço contínuo, de coerência perfeita. Dizer aos outros que é preciso trabalhar no aperfeiçoamento individual e ficar-se no lodo, na treva, dando exemplos contrários, pode ser tudo, menos propaganda. Ou, quando muito, pode ser a propaganda do erro, pode ser a propaganda da desgraça. E quando falamos em propagar seja o que for, dentro de uma doutrina, dentro de um campo como aquele em que nos confinamos, idealizamos sempre uma coisa mais alta.*

A opinião — dizia Pascal — cria beleza, justiça e felicidade. Quando nos convencemos de que o que propagamos vai dar felicidade aos outros, vai auxiliá-los, vai fortalecê-los perante os grandes problemas que não são capazes de resolver, praticamos acção meritória e sentimo-nos mais fortes.

Ainda há pouco disse aqui a uma senhora que a melhor recompensa que recebemos é ver o nosso semelhante equilibrado, vê-lo refeito de um perigo iminente e dar-lhe a certeza de que não está só, de que não está isolado, que há outros irmãos dispostos a prestar-lhe apoio e auxílio. Então sim, nestes momentos a força moral é uma verdadeira alavanca, alavanca de progresso, alavanca de aperfeiçoamento, alavanca de evolução espiritual.

Vemos às vezes nas praças públicas indivíduos que fazem propaganda mercenàriamente e não nos convencemos de que estão a propagar ideias producentes. Aquilo soa a latão. Mas, quando a ideia é verdadeira, fortemente positiva, quando tem um fundo espiritual, as palavras soam de outro modo, as atitudes, os olhares, toda a expressão humana se amplifica e até os mais renitentes se convencem, se entusiasmam com a pregação. Por isso repetimos: difundir um ideal, primeiro é senti-lo, primeiro é vivê-lo. E quem o não viveu, quem o não sentiu, não pode torná-lo extensivo aos outros. Temos que lhe dizer:

— Amigos e irmãos, vinde ver esta luz que irradia sobre nós e nos tranfigurou! Vinde sentir e viver o mesmo exemplo!

E em face deste conselho poderão vir a medo (muitos vêm a medo), mas, depois, mais resolutamente, vão-se aproximando, sentem o exemplo e passam, como nós, a viver o mesmo ideal. E o homem já não é homem; a mulher já não é mulher. É um adepto. E o adepto de um ideal, seja ele qual for, deve ser olhado, não naquele sentido vulgar e comum a todos os mortais, mas como um ideal de redenção, que traga alguma coisa de mais puro que as escórias que nos envolvem durante a nossa passagem pela vida.

Isto, sim, que é propagar um ideal, mostrar caminhos novos,

abrir novas fontes para que todos os sequiosos se possam dessedentar.

Onde estão os homens que sintam um ideal e o saibam viver? São tão poucos, são tão raros, que se apontam a dedo. É certo que se apontam e quase sempre a humanidade os afastou dos seus alvos, dos seus designios. A uns crucificou-os, como ao Cristo; a outros isolou-os como a leprosos. E a outros condenou-os ao ostracismo, porque eram criaturas indesejáveis. Indesejável se chama àquele que não partilha do ideal do maior número e por isso eu não posso deixar de evocar esta frase de Shakespeare:

— Presta ouvidos a todos e a poucos a tua voz. Ouve as censuras e reserva a tua opinião.

Porque, geralmente, a opinião do maior número é injusta, porque as elites pensam melhor, sentem melhor do que o grande número. Foi assim sempre.

Às multidões chamou alguém rebanho de Panúrgio. Como disse há pouco, elas são levadas pelos seus pastores que lhes dão alimento tóxico, venenoso. Mas aqueles que sentiram um ideal como nós sentimos, que esqueceram os seus interesses para atender os que sofrem, os que têm necessidades inadiáveis, que se encontram segregados e estrangulados e aos quais a Medicina já não pode alimentar esperanças, esses têm realmente necessidade de pregadores conscienciosos e de um ideal de redenção.

É o que se tem feito neste Grupo. Há tantos anos a lutar! Há tantos anos a trabalhar em esforço contínuo sem esperar a recompensa! Há tantos anos nesta labuta! E cada vez nos sentimos com mais coragem e mais amor à Causa do próximo!

Pregar é, pois, exemplificar. E já pensaram no esforço exigido para isso? Dizer aos outros: «Levantai aquela pedra!» e refestelarmo-nos à espera que outrem a levante, é comodo, mas não é exemplo digno.

Quando, porém, o homem aponta uma porta à multidão muda e queda e ele, em exemplo valoroso, a franqueia, então sim, a multidão pode franqueá-la também, porque seguirá, de facto, o bom caminho.

Ninguém exemplifica sobre a mentira. Seria retroceder. E quem sentiu, viveu e vive um ideal, certamente não deseja que os adeptos sigam por vias desse género.

AOS ASSINANTES DO BRASIL

Aqui estamos novamente, como prometemos, a fim de encarar em definitivo o caso da revista com relação aos assinantes do Brasil.

As condições permanecem e uma decisão se impõe neste momento de vida ou de morte para nós. É o aumento da assinatura para Cr$ 200,00, a partir de Janeiro de 1958.

Temos a convicção de que seremos compreendidos pela maioria de quantos nos têm acompanhado nesta cruzada de aproximação espírita luso-brasileira e que poderemos continuar a manter um baluarte que há perto de vinte anos se mantém para maior glória do Espiritismo.

Amigos, continuemos de mãos dadas no esforço comum e elevemos ainda mais alto o lábaro da fé que nos anima!

Aqui o dever colectivo é exemplificar, porque todos podem fazer alguma coisa em benefício do próximo. Alguma coisa. E até aquele que menos pode ou menos sabe tem dentro de si um apoio valoroso, e inestimável: uma palavra gentil é às vezes necessária a um aflito e até a um colérico, porque os coléricos são tocados pela gentileza, pela paciência, pela amabilidade. E assim temos sempre elementos à nossa disposição para servir, para aliviar, para socorrer. Teremos sentido o ideal.

Então cpresentemos o nosso exemplo, a nossa presença e a continuidade do nosso esforço, para que se veja em nós verdadeiros elementos activos.

Este é o caminho de quantos queiram exemplificar. É o caminho dos idealistas, dos homens fortes, que não temem a morte e muito menos o vexame ou situações a que o mundo chama deprimentes, contanto que a sua consciência seja um fulcro irradiante de bondade e de progresso. E se o homem conseguir sintetizar toda esta força, toda esta vontade numa legenda de pureza espiritual, então melhor ainda e a tarefa será simplificada.

Eu há muitos anos que me encontro nesta trincheira, a trincheira do Grupo «Reper-Siam» que aqui trabalha há dezóito anos. Tantos casos tenho visto, tantos problemas tenho sentido, tantas aflições, tantos receios, tanta coisa negativa e tantas vozes de alegria, de satisfação, vozes expansivas que pretendiam ser de recompensa, quando, afinal, a recompensa veio antes delas!

Ela veio, sim, veio antes e às vezes em lágrimas de júbilo, em satisfações indescritíveis e receios de ir longe, a fim de abrir mais os braços para apertar neles maior número de necesssitados. E digo com a máxima franqueza: achei sempre pequeno o caminho percorrido. Achei sempre poucos para abraçar e desejaria multiplicar-me de modo que esses homens e mulheres viessem até nós com seus problemas e suas lições. Ai de quem não toma parte nos problemas do semelhante! Ai dele! É um número. É uma folha morta. Porque a vida, o dinamismo, é precisamente a transcendência do homem, é estrangular essas fronteiras que o limitam e ir para o sol, para a luz, dando tudo o que pode dar para que os outros sejam mais alegres e mais fortes.

Esta é a missão do pregador. do exemplificador e o Espiritismo tem necessidade deles, porque é uma doutrina revolucionária totalmente evolucionista, cujos postulados são susceptíveis de adaptação e recomposição; e assim, sendo doutrina nova, absolutamente viva, os seus pregadores devem ser vivos, devem ser dinâmicos e não mortos, como já disse noutra palestra.

O Espiritismo que preconizamos é de vivos para vivos e não de mortos para mortos, pois, como Léon Denis afirmou, «Os mortos são os vivos do céu».

I. D. S.

Manifestações Espirituais de Natureza Telepática

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

VI

Prometemos falar hoje de notáveis conclusões a que chegara o ilustre investigador italiano Dr. Ernesto Bozzano, mas vamos primeiro falar em mais alguns factos comprovativos da manifestação da parte espiritual ou psíquica dos viventes humanos, manifestações algumas vezes efectuadas quando os espíritos se desligam, definitivamente, do seu corpo terreno, e a que costumam designar por manifestações telepáticas. Dois casos deste género vamos apresentar. O primeiro é, como segue, extraído dos anais da *Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres*, presenciado e relatado por F. Barker, antigo reitor de Cottenham, Cambridge:

«Em 6 de Dezembro de 1873, cerca das 11 horas da noite, eu acabava de me deitar, mas nem adormecera nem ainda tinha sono, quando abanei minha mulher, que me perguntou a razão. Eu respondi:

— Acabo de ver minha tia; ela apareceu, esteve aqui a meu lado, sorriu com o sorriso que lhe era próprio e desapareceu.

«Essa tia, a quem tinha muita afeição, era irmã de minha mãe, e nessa ocasião encontrava-se na Madeira, por motivo de saúde, em companhia de uma sobrinha, minha prima portanto.

«Nenhuma razão havia para suspeitar que nesse momento ela estivesse doente; mas a impressão que eu recebi foi tão profunda, que no dia seguinte participei a minha família, inclusive a minha mãe, o facto que eu havia presenciado.

«Decorrida uma semana, nós tivemos notícia da sua morte na mesma noite em que eu a vi, e levando em conta a longitude, a morte teve lugar quase no mesmo momento em que a visão me apareceu. Quando minha prima, que a acompanhou até aos últimos momentos, ouviu referir o que eu tinha visto, explicou que isso não a surpreendia, porque a finada havia chamado contìnuamente por mim na sua agonia. Foi a única vez, diz Barker, que me sucedeu um facto desta natureza».

★

Outro facto do mesmo género e não menos exemplificante da exteriorização do espírito para se manifestar em lugar bem distante do seu corpo, é o que se segue, mencionado a páginas 412 da obra «Mistérios das Ciências Ocultas» e transcrito por «Estudos Psíquicos» do Dr. Sousa Couto em seu número de Outubro de 1906, sendo pena que não mencione quem o descreve, sem dúvida para não alargar a transcrição, que é nestes termos:

«Na época em que eu frequentava a Universidade, uma grande amizade me ligava a um outro estudante, chamado Jarois Blair. Muitas vezes discutimos ambos sobre diversos assuntos, mas raro era que chegássemos a acordo. Um dos assuntos discutidos era, de quando em quando, a questão da imortalidade.

«Jarois Blair afirmava que as almas dos finados aparecem algumas vezes, enquanto eu sustentava o contrário.

«No dia em que deixámos a Universidade, o meu amigo Jarois, que era de uma tenacidade pouco comum, tornou ao seu tema favorito, e fez-me a singular promessa de que, se a morte o levasse antes de mim, viria mostrar-se, dando-me assim uma prova da sua crença.

«A partir desse dia, tendo terminado nossos estudos, separámo-nos, e partindo cada um para o seu destino, apenas tivemos de futuro relações puramente epistolares. Quase um ano depois mudei de estado e escrevi ao meu amigo Jarois Blair, dando-lhe parte do meu casamento. Eis a sua resposta:

«Querido amigo, é provável que me vejas mais cedo do que pensas; pretendo fazer-te uma visita, a ti e a tua esposa.

«Duas semanas se passaram sem que eu recebesse a menor notícia do meu amigo Blair. Ora uma manhã, em que eu estava estudando no meu gabinete ao lusco-fusco, um como ligeiro impulso me fez levantar a cabeça de cima dos livros, e vi Jarois Blair em pé sobre o limiar da porta de entrada.

«Supuz que tinha sido introduzido pelo meu criado sem me avisar e quis levantar-me para lho dizer.

«Mas foi-me impossível deixar o lugar, sobre o qual estava como que cravado.

«Meu amigo me pareceu extremamente pálido.

«— Então, Jaime, disse-me ele, acreditas agora? A verdade não está de meu lado?

«— Que verdade? respondi eu.

«— Não estou ainda completamente morto, continuou Blair, mas pouco falta. Afastei-me do meu corpo por um curto instante, julgam-me a dormir, e é preciso que sem demora eu volte para lá.

«Tinha-me posto a caminho para te fazer uma visita, mas em Richemond caí gravemente doente; se queres já partir chegarás a Richemond justamente a tempo para me veres morrer.

«Depois de ter dito estas palavras, Blair dissolveu-se na atmosfera e desapareceu.

«Devo confessar humildemente que senti um terrível arrepio: jamais em minha vida me tinha encontrado em situação semelhante.

«Apenas rompeu o dia claro, fui contar a minha mulher esta estranha aventura.

«— Creio — lhe disse — que a minha visão não foi meramente alucinatória, contudo não me admiraria se nesta singular apa-

rição houvesse qualquer pequena parcela de verdade.

«Julguei que minha mulher se ia rir de mim; mas, com grande surpresa minha, ela convenceu-me a partir para Richemond, na persuasão de que o convite feito era sério, partindo de um amigo que morre e não simples efeito de uma alucinação.

«Cedi aos conselhos de minha mulher e meia hora depois tomei o comboio para Richemond.

«Chegado ao meu destino, dirigi-me ao hotel habitualmente frequentado pelos viajantes do norte. Encontrava-se o chefe à porta, e como me conhecia, veio ao meu encontro e logo me informou que meu amigo Dr. Jarois Blair estava muito doente. E logo um criado me acompanhou a uma sala do primeiro andar e bateu a uma porta. Apresentou-se imediatamente um enfermeiro e pedi-lhe notícias do doente.

— Entrei no quarto e vi o meu amigo com a cabeça imóvel sobre o travesseiro. Tinha os olhos cerrados e a cara, de uma palidez extrema, era tal qual me aparecera na visão.

— Está em agonia — observou o enfermeiro —. Esta noite julgava-se já morto.

Súbito, meu amigo recuperou os sentidos:

— Jaime me disse ele, tu és o marido de uma mulher digna. Dize-lhe que lhe agradeço o ter-te instado para vires, sem o que eu não poderia tornar a ver-te.

«Que Deus vos abençoe a ambos e me receba em seu seio.

«Ditas estas palavras, fecharam-se para sempre os olhos do meu amigo».

★

A reprodução do que acima deixamos relatado, e que *Estudos Psíquicos* colheu da revista «A Iniciação», traz nesta revista o o seguinte apêndice:

Não creio, comenta-se ainda na citada obra, que se possa inventar uma história tão estranha, tão empolgante e que excede muito as criações dos poetas. A própria simplicidade do estilo, completamente despido de galas, favorece a sinceridade do narrador:

«Estaria ele alucinado?

«Seria um visionário?

«Tudo que posso dizer é que o caso não é único e poder-se-ia citar grande quantidade de outros.

«Seja como for e seja qual for a causa a que se pode atribuir a explicação destes fenómenos, é curioso e racional recolher todos os casos possíveis, mesmo os mais inverosímeis, porque só quando se tiver uma longa série de observações seguras, se poderá tentar as bases de uma teoria».

Pois muito bem: foi precisamente esta forma adoptada pelo Dr. Ernesto Bozzano, investigador insuspeito de toda a ciência transcendental do Espírito, e a que nos referimos no princípio desta *Mensagem*.

Foi *no método científico de convergência de provas* que o Dr. Ernesto Bozzano experimentou as suas inúmeras investigações, e nele alicerçou obras famosas, que todos vós, irmãos materialistas, devieis ler para verdes o absurdo dos vossos preconceitos.

Ernesto Bozzano nasceu em Génova a 9 de Janeiro de 1862, e desencarnou na sua terra natal em 24 de Junho de 1943.

A sua juventude foi inteiramente impregnada de ideias e concepções materialistas.

—*Transformei-me, diz ele, num positivista-materialista a tal ponto convicto, que me parecia impossível que pudessem existir pessoas cultas, dotadas de senso comum, que acreditassem na existência e na sobrevivência da alma.*

Mas em 1891 começou a ler obras contendo ideias opostas às suas e começou a admirar o talento dos seus autores, como Aksakoff, Allan Kardec, Gabriel Delanne, Crookes e outros e uma luz nova brilhou no seu Espírito insatisfeito.

E de então por diante, e durante mais de quarenta anos, ele foi fazendo investigações e escrevendo obras maravilhosas.

O seu primeiro livro apareceu em 1903 e intitula-se «Hipótese Espirita e Teorias Científicas» em que relata as suas experiências com a afamada médium Eusápia Paladino.

Publica depois curiosos estudos no género de monografias, reunindo nelas os factos mais importantes de cada categoria. De 1935 a 1937 publica, de entre outras, as seguintes obras: «A Reprodução da Crise que Precede a Agonia nos Defuntos que se Comunicam» e «A Infância dos Desencarnados na Vida Humana».

Foi assim um batalhador inteemerato e um investigador sério e desapaixonado.

O que ficou relatado nas nossas *Mensagens* anteriores está compreendido nos domínios de uma ciência nova — *O Animismo*, se a não quiserem considerar um ramo da Psicologia. Pois *Animismo* confirma o *Espiritismo* no conceito autorizado do Dr. Ernesto Bozzano, grande sustentáculo do Espiritismo na Europa, grande pelo desassombro com que proclama as suas convicções e grande pela inteligência com que se defronta com outros homens notáveis, mas de concepções opostas.

Um dia foi encarregado de dissertar sobre o seguinte tema:

«Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o conjunto dos factos?».

E foi então que ele respondeu, em conclusão final, assim:

«Nem um nem outro, pois que ambos são indispensáveis à explicação do conjunto dos fenómenos supranormais, cumprindo se observe, a propósito, que eles são efeitos de uma causa única: o espírito humano que, quando se manifesta em momentos fugazes, durante a existência «encarnada», determina os fenómenos anímicos e, quando se manifesta na condição de «desencarnado» no mundo dos vivos, determina os fenómenos espiritas.

«Decorre daí um importante ensinanmento: que os fenómenos metapsíquicos considerados em conjunto, a começar pela modestíssima tiptologia do trípode mediúnico e pelos estálidos no ámago da madeira, para terminar nas aparições dos vivos e nas materializações de fantasmas vitalizados e inteligentes, podem ser fenómenos *anímicos* ou *espiritas*, conforme as circunstâncias.

«É racional, com efeito, supor-se que o que um espírito «desencarnado» pode realizar, também deve podê-lo — embora menos bem, um espírito «encarnado», sob a condição, porém, de que se ache em fase transitória de diminuição vital, fase que corresponde a um processo incipiente de desencarnação do espírito (sono fisiológico, sono sonambúlico, sono mediúnico, êxtase, delíquio, narcose, coma).

«Segue-se que, em metapsíquica, se é obrigado constantemente a analisar, caso a caso, os fenómenos supranormais, antes de concluir ácerca da génese anímica ou espirita de cada um, o que equivale a reconhecer que o erro mais grave em que pode cair um pesquisador é o de apressar-se a generalizar, estendendo a todo um grupo de fenómenos supranormais as conclusões legìtimamente aplicáveis um só episódio».

E posto isto explanaremos na *Mensagem* seguinte os fundamentos da crença na sobrevivência do espírito.

APOLOGIA DA PRECE

Por ALFREDO MIGUEL (correspondente na Bahia)

2.ª PARTE

PROVAS CONCRETAS DA EFICÁCIA DA PRECE

IV

O autor dá notícia de sua mediunidade «sui-generis» e conta o que tem conseguido pela prece. — Como agem os Espíritos inferiores sobre aqueles a quem se agarram. — Tragédia impressionante preparada por um malfeitor desencarnado. Onde se confunde sonambulismo com possessão espiritual.

Somos espirita, mas não somos médium na acepção comum do vocábulo. Infelizmente não possuímos o dom precioso de servir de veículo às manifestações dos Espíritos. Não obstante, passa-se qualquer cousa connosco, à noite, quando entregamos o corpo ao necessário repouso, e, se por isto devemos atribuir-nos uma faculdade medianímica, então somos um médium sui-generis. *Assim é que sómente os Espíritos inferiores e sofredores nós os vemos ou sentimos. E sentimo-los ou vêmo-los, geralmente, depois que nos deitamos e sentimo-nos meio acordado, meio dorminte. Neste estado entre o sono e a vigília, eles nos dão sinais de sua presença incómoda, e o fazem por modos diversos, ora infundindo-nos pavor e maltratando-nos, ora exercendo uma pressão forte sobre nós e tentando subjugar-nos. Isto é o pior. Inúmeras vezes têmo-nos visto sob a sua acção coerciva e debatemo-nos longa e penosamente para nos desenvencilharmos. Nas ocasiões em que nos vamos sentindo avassalado por essa força constringente, experimentamos uma sensação semelhante à causada pelo clorofórmio no indivíduo, levando-o à perda dos sentidos. Caíriamos em um estado de completa inconsciência se não resistíssemos com todas as nossas energias ao assédio que eles nos fazem. Tememos naturalmente que um desses Espíritos nos incorpore em ocasião imprópria e sem a presença de alguém que o pudesse ouvir e doutrinar. Torna-se então mister afujentá-los. E para o conseguir só temos encontrado um meio certo, rápido, infalível: a Prece. Quando a dificuldade é grande para escaparmos ao seu domínio, envolvido que nos vemos na sua atmosfera fluídica,* mentalmente *oramos e logo nos sentimos incólume.*

Nestas situações, como dissemos, a prece é o remédio heróico que não falha nunca. Uma ocasião deliberáramos obter a certeza disto. Deitámo-nos, e mal nos vem chegando o sono um desses notívagos espirituais dá de querer constranger-nos, projectando-nos os seus grosseiros fluidos. Reagimos, e ele se retrai; volta, e o repelimos de novo; e repelido, torna a voltar. As investidas sucedem-se a curtos intervalos, seguidas de outras tantas reacções nossas. Decididamente, não poderíamos dormir. Às duas da madrugada o relógio já batera e estávamos deveras fatigado da impertinência desse Espírito. Afinal erguêmo-nos para a prece, e pronto: em breve mergulhámos num sono tranquilo e reparador, até às 8 da manhã.

Assim tem sido todas as vezes que somos «visitado» por esses habitantes das baixas esferas espirituais, muitos deles ainda imersos na perturbação que se segue à morte corporal e carecendo de uma prece para se orientarem; outros chegam até nós com intenção malévola, sendo ainda a nossa prece que os desarma e nos deixa livre da sua presença.

Não fôssemos espirita, desconhecêssemos este preservativo supremo que nos tem imunizado às arremetidas dos salteadores do Espaço, e, possìvelmente, já teríamos resvalado no abismo em que outros se arrojaram.

Os inimigos desencarnados são precisamente aqueles que foram na carne nossos inimigos. Protegidos agora pela invisibilidade, sentem-se mais à larga para hostilizar-nos, e isto lhes é possível de vários modos. Actuando nas mentes fracas, transformando em autómatos e levando à ruína indivíduos indefesos. Suas presas fáceis são os ignorantes, esses que julgam ser o Espiritismo um factor de loucura, por isso que o desdenham ou o combatem inconscientemente.

De quantas tragédias são eles os verdadeiros instigadores, e, portanto, os responsáveis intelectuais que a Polícia não pode identificar, basta que nos diga o noticiário da imprensa diária nos seus frequentes registros.

Ilustremos o que fica dito com um caso impressionante, sòmente um, visto que o plano deste trabalho não nos permite tratar de outros que tomariam muito espaço. Trata-se de um caso característico de possessão espiritual ou de automatização do paciente por uma vontade extrínseca e tenaz. Nós, espiritas, sabemos que tragédias como a que vamos relatar, não são tramadas em um momento — resultam de uma preparação demorada, metódica, obra paciente e calculada do Espírito obsessor. Este começa por impregnar de seus fluidos perniciosos a desprecatada vítima de sua maldade e prossegue. Chegando ao ponto de a subjugar, agora é prepará-la para o desfecho fatal, para a consumação do designio do sinistro.

Diante de nós está uma página do antigo matutino «O Imparcial», que circulava nesta capital, reproduzindo na íntegra a reportagem do «Cor-

reio da Manhã» do Rio de Janeiro, que descreve em seus pormenores o infortúnio do negociante O. S. (1), sùbitamente convertido em exterminador de sua própria família, suicidando-se em seguida. A tristíssima ocorrência verificou-se na Capital do País, no começo do ano de 1941, e dela vamos fazer um brevíssimo resumo.

Motivo de ordem financeira não havia, que tivesse influído no acto inconcebível do malogrado negociante, uma vez que era excelente a situação da firma de que o mesmo era chefe. Nem podiam ter concorrido razões decorrentes de desarmonia conjugal, pois, casado havia 10 anos e residindo em sumptuosa vivenda, no bairro da Tijuca, os seus parentes o apontavam como esposo exemplar e pai amantíssimo. Vivia para a companheira e duas filhinhas — uma de 9 anos e outra mais nova. «No dia de Natal — reza o noticiário acima aludido — foram muitos os presentes que o sr. O. S. levou para Gilda e Rosemary. À esposa dera ele uma custosa bolsa, deixando nela a importância de três mil cruzeiros. Eram as festas com que brindava Dona Alice».

No entanto, é esse comerciante próspero, esse modelar chefe da família que, à calada da noite, bruscamente, se ergue, como um autómato, do leito em que dormia com a consorte, apanha um revólver e distribui seis tiros com a mulher e as duas filhas, prostrando-as sem vida! Feito isto e vendo-se desvencilhado da força estranha e irresistível que o transformara em joguete do seu capricho funesto, o infeliz, tomado de horror, contempla a cena arrepiante de que fora inconsciente protagonista e não resiste à dor atroz que lhe arrebenta a alma: corre para o banheiro e, na sua indizível agonia, retalha os pulsos com lâmina Gillette. *Os seus derradeiros momentos são superlativamente horríveis, não tanto pelos sofrimentos físicos, quanto pela tortura moral.*

Quando, pela manhã, as autoridades policiais penetram no palacete fatídico para as providências da sua alçada, depara-se-lhes sobre a mesa de jantar um bilhete, nestes termos, subscrito pelo involuntário assassino-suicida: «À polícia — Acordei de uma crise de sonambulismo, tendo feito esta barbaridade. Por isto me suicido. Que Deus me perdõe».

Pobre e desditoso homem, vítima inerme de um facínora desencarnado — por certo seu inimigo feroz de época remota!

Percebe-se que o infortunado negociante vinha sendo, há tempo, trabalhado por esse verdugo para servir de instrumento da sua tenebrosa vindita, atentando-se na declaração do médico que o tratava. Ao repórter *do* Correio da Manhã *disse o facultativo que «o sr. O. S. sofria de forte neurastenia, o que o obrigava a trazê-lo sob constante assistência».*

Ora, quem conhece a linguagem médica, em casos como este, sabe que, sob a rubrica de neurastenia, *inscrevem certos alienistas também umas psicoses, que não encontram cura na medicina clássica. Os estudiosos do Psiquismo situaram-lhes a causa extra-orgânica e dão-lhes o nome genérico de* Obsessão. (2).

O sonambulismo é assunto estranho a isto e não propele ninguém ao crime.

Um Espírito mau, sim — convém aqui repeti-lo — pode sujeitar e induzir aos piores desatinos a criatura alheia a esta verdade.

E esta verdade é contada nos livros, nas colunas da imprensa quotidiana, observada em todos os lugares por quem tem olhos de ver e um pouco de discernimento espiritual.

DE LÍRIOS SÓ

Irmão, continua seguindo e não desanimes,
carrega com paciência a tua pesada cruz,
atravessa os vales, galga as montanhas,
percorre as longas estradas...
sem esmorecer.
Não te demores nas estâncias do caminho,
e não sintas medo da noite, que virá o dia.
Vai e confia no Senhor, que ao teu coração
não faltará alegria,
porque amas, porque sofres, carregando
[a cruz,
e é assim que serves, humildemente.
Irmão, continua teu caminho,
sustentando a cruz pesada nos teus ombros,
e, à medida que mais perto d'Ele chegares,
mais leve ela irá ficando.
E no fim da jornada, ao reparares na cruz,
que não pesa mais,
verás que carregaste uma cruz de lírios!

(Do livro «Uma Alma Canta»,
pelo Espírito de Um Poeta)

---

(1) *Em respeito à memória deste inditoso negociante, achamos caridoso ocultar-lhe a identidade sob as iniciais do seu nome.*

Para mais amplo esclarecimento do caso, recomendamos ao leitor uma instrutivíssima mensagem do Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, que foi distinto médico em nossa Pátria, mensagem essa veiculada pelo médium Francisco Cândido Xavier sob o título «Domínio Magnético» e constante do seu recente livro Instruções Psicofónicas.

(2) *Consulte-se, entre outras obras que desenvolvem esta magna tese,* O Livro dos Médiuns, *de Allan Kardec, particularmente o capítulo XXIII, que tem por epígrafe* Obsessão.

Como estudo específico, abalizado e completo, também indicamos o livro de autoria do médico brasileiro Dr. Adolfo Bezerra de Meneses, intitulado A Loucura sob Novo Prisma, *e mais a obra magnífica do patrício Dr. Inácio Ferreira, em três tomos,* Novos rumos à Medicina.

No seu trabalho magistral — A Evolução Anímica — *que igualmente encarecemos ao leitor, o cientista francês Gabriel Delanne, no capítulo V, artigo «A Obsessão e a Loucura», adverte aos representantes da medicina oficial nestes termos:*

«Os médicos têm o dever de estudar a nossa doutrina, uma vez que a sua profissão os obriga a investigar todos os meios de sarar os enfermos. Mais tarde, quando a fenomenologia espirita estiver mais conhecida, muitas formas de loucura até agora reputadas incuráveis, poderão ceder a uma terapêutica já não sistemàticamente materialista».

Escritas estas palavras há mais de sessenta anos, estamos agora justamente na época antevista pelo autor, com a fenomenologia espirita amplamente difundida e numerosos médicos a estudá-la, já convictos da dualidade causal da loucura.

O EXTRAORDINÁRIO CA

Com este título, a famosa revista italiana «L'Europeo», em seus números 640, 641 e 642, de 19 e 26 de Janeiro e 2 de Fevereiro de 1958, publicou, ilustrada com inúmeras fotografias coloridas, uma longa reportagem de seu colaborador sueco Sture Lönnerstrand, a qual resumimos aqui para que os leitores apreciem um caso raro de comprovação da reencarnação, ocorrido na milenária Índia.

Numa introdução, diz a revista que o caso se refere a uma senhora indiana, chamada Lugdi Devi, que morreu a 4 de Outubro de 1925, às 10 horas da manhã, no hospital onde havia dado à luz um menino. Contava 23 anos e era casada com um abastado brâmane de Mathura, cidade que dista 140 quilómetros de Delhi.

Pouco mais de um ano depois, a 11 de Dezembro de 1926, nasce em Delhi, no seio de uma família abastada e de óptima educação, uma menina à qual foi dado o nome de Shânti Deví («Deví» significa deusa, e é nome muito comum na Índia).

Aos 4 anos de idade, Shânti Deví começou a recordar-se de sua vida anterior, vivida na pessoa de Ludgi Devi. Pouco a pouco, esta lembrança foi-se tornando vivíssima e uma comissão investigadora, examinando uma série impressionante de provas e depoimentos, afirmou a evidência da sua reencarnação. As notícias do facto, publicadas resumidamente em 1935, obtiveram pouca repercussão na Europa.

Foi há pouco tempo que o colaborador da mencionada revista resolveu, depois de recolher as notícias aparecidas na imprensa europeia, ir à Índia, onde ouviu a própria protagonista da história e algumas dezenas de testemunhas. Com o que apurou pessoalmente escreveu um livro, de cujas passagens mais importantes se extraiu a reportagem que ora reproduzimos:

«A primeira pessoa que interroguei ao chegar a Delhi, cidade onde ocorreu o facto — informou Sture Lönnerstrand —, foi o advogado Tara Chand Mathur, pessoa culta e altamente considerada naquela cidade e que havia sido um dos três membros da comissão de investigação.

«Ao procurá-lo, sentia-me ainda invadido de cepticismo, ou pelo menos de perplexidade: não era a Índia a pátria dos santos, dos professores da «psicologia do profundo»? Não era fácil pensar em fenómenos telepáticos, ou hipnóticos, ou de sugestão, sobretudo numa cidade como Delhi? Depois de alguns minutos de conversação, notei que me achava à frente de uma pessoa de viva inteligência e de grande cultura. O Dr. Tara Chand Mathur confirmou que a investigação havia sido efectuada por ele, pelo Sr. Lala Deshbandu Gupta (presidente da Associação Nacional dos Editores, director do *Daily Tej* e membro do Congresso) e pelo Sr. Pandit Neki Ram Sharma, parlamentar insigne e líder do Partido Nacionalista. A investigação — esclareceu — não havia sido ordenada por nenhuma autoridade; eles a tinham realizado por sua própria conta e comunicado o relatório a toda a imprensa do país».

— O senhor — indagou o jornalista — certamente habituado pela profissão à objectividade, conduziu a investigação com o habitual critério jurídico. Está convicto de que não houve artifícios hipnóticos ou telepáticos?

— A investigação excluiu esta hipótese. De resto, não haveria razão para tais artifícios, nem alguém que os pudesse fazer. Um influxo telepático ou hipnótico não dura toda a vida. Shânti Deví começou a recordar de modo nebuloso a sua vida precedente aos quatro anos de idade, a memória desenvolveu-se com o seu crescimento e é hoje conservada perfeitamente lúcida. Não se trata de uma memória fragmentária. Tudo o que Shânti Deví recorda pode ser conferido: muitas pessoas e coisas de que se lembra ainda existem e comprovam as suas afirmativas.

Ante o espanto do jornalista europeu, que lhe perguntou se conhecia outros casos de reencarnação, respondeu-lhe o advogado indiano que sim, mas que nenhum havia podido ser comprovado como esse. E acrescentou um pouco irònicamente. «De modo geral, a transmigração da alma não é um privilégio nosso, indianos; não se fala dela também no Evangelho? Vós lhe chamais reencarnação, mas o conceito é o mesmo».

O entrevistado, porém, considerou que seria melhor conhecer pessoalmente a heroína da história. Chamou dois de seus filhos e recomendou-lhes acompanhassem o jornalista à residência de Shânti Deví. As relações entre as duas famílias datavam de longo tempo, tendo-se iniciado justamente, quando, na infância da menina, eram vizinhas.

A jovem achava-se ausente e o jornalista foi então apresentado aos seus genitores: o pai, Rang Bahadur, e a mãe, Prem Pyari. Recebido cortêsmente, e depois das primeiras explicações, o jornalista iniciou o seu inquérito, perguntando ao pai da jovem, que se expressava em excelente inglês:

— Como começou o senhor a perceber que a menina não era normal?

O interrogado mostrou-se surpreso:

— Não era normal? Sempre foi normalíssima. Começou a dizer coisas estranhas aos quatro anos de idade, inteiramente fora daquilo que podia conhecer. Pensámos, a princípio, que se tratasse de uma curiosa forma de imaginação infantil. Mas tais fantasias, à medida que a menina crescia, aumentavam de número e ganhavam em pormenor. E um dia disse claro e bom tom que tinha vivido numa cidade chamada Muttra. Tendo-a sob constante observação, eu e sua mãe notámos que se tratava de uma expressão manifesta de reencarnação e esperávamos que, com o correr do tempo, se esbatessem tais recordações. Para não perturbar a menina, não lhe dissemos nada. A memória de sua vida anterior, porém, reforçou-se cada vez mais, até que, um dia, pediu que a levassem a Muttra».

Passa o pai da jovem a explicar que Muttra é o nome dialectal dado à cidade de Mathura pelos seus habitantes, facto este que a princípio lhe era desconhecido. Shânti, ao fazer aquele pedido, havia completado 5 anos de idade. O jornalista indaga se a menina era hipersensível, se se referia a outras coisas com a mesma insistência, se se deixava

ASO DE SHÂNTI DEVÍ

sugestionar. Recebeu esta resposta:

— Não digo que fosse hipersensível; era certamente mais inteligente que os irmãos. Demonstrou bem cedo inteligência acima da idade. Tendia a manter-se calada e dava a impressão de viver assoberbada com um pensamento dominante. Quanto à sugestão, não sei o que dizer, pois ninguém a sugestionava.

Tendo-lhe o jornalista perguntado se, além desse indício, Shânti havia dado outros relativos à sua vida precedente, o pai da jovem reportou-se à questão dos alimentos. Disse que Shânti, muito nova ainda, manifestara, com insistência, predilecção pela dieta bramânica e que só mais tarde os pais vieram a saber que em sua vida anterior havia pertencido à casta do brâmanes. Em seguida, referiu-se ao vestuário, explicando que os hábitos diferem entre Mathura e Delhi. Pois bem: um dia a menina, ao ser vestida pela mãe, declarou que não era aquele o seu único modo de vestir-se e, evidenciando as reminiscências de sua outra vida, mencionou, pelos nomes típicos, os adornos e jóias só usados pelas mulheres bramânicas. Notável é que, para indicar uma destas jóias, a menina empregasse o termo («churey») pelo qual ela é conhecida exclusivamente no dialecto de Mathura, dialecto inteiramente desconhecido dos familiares.

Indagando se a jovem, quando menina, havia falado de um marido (da existência anterior) e obtendo resposta afirmativa, mas que recusava dizer-lhe o nome, surpreendeu-se o jornalista com este pormenor, querendo descobrir nisso uma trapaça infantil. Mas o Sr. Rang Bahadur esclareceu logo:

— Não. A própria Shânti explicou a razão: a esposa hindú bem educada evita sempre mencionar o nome do marido a outras pessoas. É uma demonstração de reserva e modéstia. Ninguém havia ensinado tal coisa à menina; no entanto, para ela, tratava-se de coisa natural e sabida.

— A menina recusava-se também a descrevê-lo? — indagou o repórter.

— Apenas um dia deixou escapar que ele tinha uma verruga na face.

— Era verdade?

— Sim. Era verdade. Ele ainda a tem.

O jornalista sentiu-se animado a fazer uma pergunta indiscreta: se o Sr. Rang Bahadur julgava impossível que alguém da família, ou mesmo algum conhecido ou vizinho, pudesse ter sugestionado ou hipnotizado Shânti, de modo a levá-la a dizer todas aquelas coisas. A resposta foi incisiva:

— Eis uma coisa que não pode admitir-se. A nossa pequena jamais saiu de casa sòzinha e os nossos vizinhos eram e são pessoas muito distintas, estimadas e normais. Ninguém, muito menos qualquer membro de nossa família, teria tido meio ou interesse de influenciar uma menina de quatro anos, a ponto de fazê-la crer numa existência passada.

Sabendo que o marido ainda era vivo, mas ante a negativa de Shânti de revelar-lhe o nome, quis saber o jornalista como havia agido a família para entrar em contacto com ele. O pai da jovem respondeu-lhe que eles não cogitaram disso, com receio de perturbar a menina, mas o fizeram a instâncias do advogado Tara Chand Mathur. Este levou à casa de Shânti um amigo comum, o Dr. Kichen Chand, que, acercando-se da menina, lhe disse muito naturalmente que tinha negócios a tratar com o marido, pelo que precisava de saber o seu nome, a fim de lhe escrever. A menina, então, disse-lho, acrescentando logo o endereço.

Assim, através de correspondência, combinaram uma visita do marido, Sr. Kedar Nath, à família de Shânti, o que se deu a acompanhado da segunda mulher 13 de Novembro de 1935, quando a menina tinha quase 10 anos. O referido senhor compareceu e do filho do primeiro casamento, isto é, do filho de Shânti.

— Como se deu o encontro entre os dois? — indagou o jornalista.

— A menina — respondeu o pai — reconheceu-o imediatamente, sem confundi-lo com o irmão dele, mais velho, que também o acompanhava. Sorriu-lhe com alegria e respeito, como se fosse sua mulher.

— Que perguntas lhe fez o Sr. Kedar?

— Um pouco de tudo. Como era a casa deles, que pessoas conheciam, quem eram seus pais e coisas assim. Mas aquelas que o convenceram definitivamente foram as de carácter íntimo. O Sr. Kedar Nath conduziu-se com muita delicadeza e tacto, sobretudo por tratar-se de uma menina de 10 anos, mas Shânti respondeu-lhe como sòmente sua mulher poderia responder-lhe.

O Sr. Rang Bahadur discorreu, ainda, sobre as circunstâncias que levaram sua família a empreender viagem a Mathura, atendendo não só aos pedidos do amigo Dr. Tara Chand Mathur, mas também aos rogos insistentes de Shânti, que os amiudou especialmente, depois do encontro com o antigo marido. Todavia, considerando que o maior interesse do interlocutor seria o de conversar com a personagem central da história, convidou-o a voltar no dia seguinte, a fim de avistar-se com a própria Shânti, cujo nome significa «paz».

O jornalista confessa que foi com emoção que, no dia seguinte, deparou com aquela que estava vivendo uma nova vida:

— Nada vi em Shânti — escreveu o Sr. Lönnerstrand — que revelasse algo de anormal. É de estatura mais baixa que alta, de compleição delicada e harmoniosa, rosto redondo, um pouco infantil, com o tradicional sinal vermelho entre as sobrancelhas. Usa óculos, mas não sempre. Quando me recebeu, tinha uma expressão séria e pensativa, que era, aliás, o seu modo normal de ser; mas, quando sorria, seus olhos negros brilhavam intensamente e todo o semblante adquiria encanto singular. Shânti tem hoje trinta e dois enos, mas, se eu não o soubesse antes e tivesse que advinhar, dar-lhe-ia vinte.

Depois das apresentações iniciou seu interrogatório:

— Tem memória genérica dos factos?

— Não só genérica. Recordo também as particularidades.

— Então — disse o jornalista — creio que se lembrará de quan-

do teve a primeira recordação física de sua vida transacta...

— Certamente. Eu era muito pequena. Um dia recusei a alimentação que minha mãe me dava, porque não era aquela a que estava habituada na minha antiga casa. Isto é, eu queria comida bramânica.

Após Shânti lhe haver dito que até hoje se recorda claramente de sua vida precedente, melhor que a infância de sua vida actual, o jornalista prosseguiu:

— Esta memória revelou-se-lhe de um só jacto, ou gradualmente?

— Gradualmente, direi, ano a ano, até à maturidade.

— Precisou fazer algum esforço para revivê-la em sua mente?

— Não. Porque o faria? A minha recordação é perfeitamente natural, tal como para as coisas da vida presente. São os acontecimentos que vêm espontâneamente à minha memória, não sou eu quem vai procurá-los.

— Teve a certeza, desde o princípio, que essas estranhas recordações não pertenciam à vida presente, mas à passada?

— Não posso dizer que tivesse certeza, na idade de 4 ou 5 anos, quando não podia raciocinar. Mas assim que essas recordações se objectivaram, compreendi imediatamente que se referiam a uma outra existência.

— Como assim?

— É simples. Era ainda menina e lembrava-me de ser adulta e casada. Tenho dois progenitores, e lembrava-me de outros dois.

— Isso perturbava-a?

— O que eu sentia não era angústia nem espanto, era ânsia de ter uma confirmação, comprovar se era verdadeiro. Por isso, quando meus pais se opuseram a levar-me a Mathura, para ver minha velha casa, eu desesperei.

A conversa, diz o jornalista, enveredou para a encarnação e para muitos pormenores da vida anterior que a jovem rememorava: a sua antiga residência, a sua condição social, os lugares, os vizinhos, os parentes e amigos, os pais, mencionando os apelidos pelos quais eles a chamavam. A própria jovem lhe confirmou que, quando, afinal, seus pais resolveram levá-la a Mathura, juntamente com a comissão de investigação — isto aos 10 anos de idade —, deixaram-lhe o encargo de descobrir as antigas residências (de solteira e casada), o que ela fez sem se enganar, tendo reconhecido imediata e espontâneamente os antigos parentes da outra vida, um dos quais se comoveu até às lágrimas, quando ela o chamou por uma expressão familiar só usada por Ludgi Deví Pelo caminho apontou todas as construções realizadas depois da sua morte. A menina exprimia-se por vezes, no difícil dialecto de Mathura, dialecto que os próprios genitores actuais não compreendiam.

O jornalista indagou da jovem se se lembrava de sua morte. Obteve resposta exacta do dia, hora e lugar. Falecera em 1925, como dissemos, dez dias depois de dar à luz o seu filho Nabanita Lal.

Em sua reportagem, ele salientou a situação absurda em que se encontrava, de perguntar a uma pessoa se esta se recordava de sua morte e receber resposta. O inconcebível do facto levou-o a fazer todo o género de perguntas à jovem, das quais salientamos as seguintes:

— Quando morreu, recorda-se de algum último pensamento?

— Recordo-o muito bem: pensei, com grande força, em Crisna.

— Seu pai referiu-me o facto de que seu antigo marido, ao visitá-la, veio acompanhado da actual esposa e do filho do primeiro casamento, quer dizer, filho de Ludgi Deví. Que impressão teve ao vê-lo?

— Reconheci-o. Não sei explicar-lhe como, mas soube imediatamente que era meu filho. Deve ter sido instinto materno.

Kedar Nath fez-lhe inúmeras perguntas de natureza íntima, às quais repondeu com desembaraço, e precisão. Com a partida do antigo marido, a menina foi presa de estranho desespero.

— Eu insisti por ir a Mathura. Entre outras coisas, disse que deveria finalmente levar o meu dinheiro ao templo.

— Que dinheiro?

A entrevistada contou, então, que havia economizado 150 rupias do dinheiro que o marido lhe dava para despesas pessoais. Essa importância havia-a guardado num esconderijo situado num pavimento de sua casa e destinado a um óbulo a certo templo religioso, caso o esperado filho fosse do sexo masculino. Mas Lugdi, como vimos, faleceu sem poder cumprir o seu desejo.

A outras perguntas do jornalista, Shânti Deví conta que, ao chegarem à sua antiga residência de Mathura, esta estava pintada de branco e não de amarelo, como desde criança ela afirmava. Mas o marido Kedar Nath explicou que, de facto, a casa fora pintada de amarelo e que havia mandado mudar a pintura para branco.

— Naquele dia, em Mathura — indaga ainda o repórter —, que outras coisas fez a senhorita?

— Pedi para ir ao banho, no rio sagrado Jumna. Acompanharam-me. Mas o caminho, durante todo o percurso, fui eu que o indiquei. Assim que chegámos, dirigi-me ao guardador e pedi-lhe a minha roupa de banho habitual e o meu posto privativo. O guardador ficou estupefacto, mas depois recordou-se de que, 10 anos atrás, havia uma jovem senhora bramânica que era frequentadora assídua do banho e que o seu posto na praia era sempre o mesmo.

O jornalista nota, então, que sua conversa com Shânti Deví se prolongara havia algumas horas e que ela continuava a responder com naturalidade, como quem nada tivesse a esconder, e a contar a própria vida com simplicidade. Indagou o jornalista se ela estaria disposta a ir, novamente, em sua companhia, a Mathura. Aquiesceu satisfeita e ficou de solitar a permissão e a companhia do pai.

Antes da viagem, o jornalista procurou de novo o advogado Tara Chand Mathur, com quem conversou longamente sobre o assunto e o qual lhe deu a folhear a documentação recolhida pela comissão que havia investigado o caso com todas as precauções. Na leitura, assim como nessa segunda entrevista com o Dr. Chand Mathur, encontrou o jornalista confirmação de todos os factos narrados por Shânti Deví, assim como passou a saber de outros de extraordinária evidência e que ela havia deixado de mencionar. Por exemplo, dizia o minucioso relatório:

«Chegados à sua primeira residência de casada, os quatro (isto é, Shânti e os três membros da comissão) saltaram da carroça e entraram. Veio ao seu encontro um velho brâmane de seus setenta e cinco anos. Shânti reconheceu-o instantâneamente, chamou-lhe sogro e ajoelhou-se perante ele, tocando-lhe os pés com profundo respeito. A acção foi tão repentina e espontânea que comoveu a estranhos, como nós».

O relatório, noutra passagem, fala das provas de reconhecimento a que ela se submeteu naquela grande casa e comenta o desapontamento de Shânti, que

chegou a chorar, por não ter encontrado, no seu esconderijo, as 150 rupias que havia guardado.

— Com certeza te enganas — disse-lhe um dos membros da comissão.

— Não me engano, não — respondeu a menina — eu tinha posto o dinheiro aqui. Quem o tirou?

Diante de sua insistência, o marido Kedar Nath, um pouco embaraçado, confessou que, depois da morte da mulher, Lugdi Deví, havia encontrado aquele dinheiro por acaso e, desconhecendo a sua finalidade, o gastara. A menina, com a explicação, deu-se por satisfeita e tranquilizou-se.

Como o jornalista não encontrasse no final do relatório as conclusões sobre o caso, perguntou a razão desta falta, ao que o advogado respondeu:

— Quando as coisas são assim tão manifestas, parece-me que seria ofender o leitor. As provas da autenticidade da reencarnação de Shânti Deví são de tal forma positivas, numerosas, permanentes e a todo momento multiplicadas, que desnecessário se tornou expormos as conclusões.

Deixando a leitura daquele documento, que trazia numerosas outras provas concludentes, comentou o jornalista com o Dr. Tara Chand Mathur:

— Deve ter sido emocionante também para os senhores.

— Sim — respondeu-lhe o advogado —, sobretudo quando nos acercámos dos genitores de Shânti, isto é, os da sua vida precedente. Foi para nós uma verdadeira questão de consciência: os pobres velhos não sabiam de nada. Encontravam-se no meio de uma roda numerosa de pessoas, quando, inopinadamente, viram correr-lhes ao encontro uma menina, que os abraçou, dizendo ser Lugdi Deví, a filha morta. De início, não entenderam. Mas a pouco e pouco, dirigindo perguntas à menina, renderam-se à evidência. Ficaram emocionadíssimos, tremiam, tinham os olhos cheios de lágrimas. E nós obtínhamos, assim, também, o seu testemunho e a sua confirmação.

Dois dias depois empreendiam viagem a Mathura o jornalista, Shânti Deví, seu pai e seu irmão. Como mulher e indiana de família respeitável, Shânti Deví não podia viajar sòzinha. Na confabulação que entretiveram, enquanto corria o trem, o jornalista perguntou, a certa altura:

— Acredito que a menina se sentisse mais feliz, se não recordasse coisa alguma de sua vida precedente.

Ao que a moça retrucou:

— Não sei. No fundo estou orgulhosa de representar a prova viva de uma doutrina filosófica e religiosa.

Chegados a Mathura, dirigiram-se à casa de negócios de Kedar Nath. Coube a Shânti apresentar este ao jornalista, que igualmente conheceu e conversou com o filho de Ludgi Deví. Depois dos primeiros entendimentos, Kedar Nath convidou-os para irem a sua casa, «minha e de Lugdi Deví», disse ele. Admitidos ao interior, o dono da casa apresentou ao jornalista a sua actual esposa e sua nora. Esta última, assim que soube que o jornalista pretendia fotografá-la juntamente com Shânti, tratou de refugiar-se em um dos compartimentos do interior. Kedar Nath explicou, então:

— Ela considera Shânti sua sogra, e disse que não está bem deixar-se fotografar a seu lado.

O jornalista, sentindo-se à vontade, fez a Kedar Nath uma porção de perguntas, às quais ele respondeu com muita franqueza. Registamos aqui os diálogos mais expressivos. O entrevistado confessou que ao receber as primeiras notícias sobre as revelações da menina Shânti Deví, não lhes deu grande crédito, não obstante fossem curiosamente exactas e que só Ludgi Deví podia saber. Ele estava casado de novo, era negociante abastado e por isso chegou a temer qualquer logro de uma família desconhecida.

— Mas o senhor convenceu-se, falando com Shânti?

— Naturalmente. Não teria sido possível duvidar.

— Shânti disse-me que o senhor lhe fez perguntas íntimas. De que género?

A esta pergunta, Kedar Nath solicitou e obteve o assentimento de Shânti, para responder:

— Foram perguntas referentes, primeiramente, aos nossos hábitos domésticos, por exemplo: os pratos de minha predilecção, o dinheiro que gastávamos, a criadagem e coisas assim. Depois fiz perguntas de carácter sexual. Shânti Deví não havia completado ainda 10 anos de idade e pertencia a uma família de rigorosa educação, mas tinha conhecimentos precisos sobre as nossas relações conjugais, quer dizer, entre mim e Lugdi Deví. O senhor pode crer, dispensando-me de entrar em particularidades.

— Lugdi Deví era uma boa esposa?

— Sim. Era corajosa, sincera e inteligente. Poucas pessoas conheci tão cheias de qualidades como ela. Era profundamente religiosa, muito devotada à família e ao lar. Começara a ler os livros sagrados e a praticar o ioga. Morreu quase de repente, com 23 anos. Fiquei inconsolável por muito tempo.

Após uma pausa, continuou:

— Depois casei de novo. A casa não podia continuar assim. Minha sogra era muito idosa para cuidar do menino.

O jornalista notou que Kedar Nath disse isto quase em tom de justificação, com os olhos baixos. A conversação estendeu-se por horas a fio, sempre em torno do mesmo assunto aqui focalizado, tendo o hóspede interrogado todas as pessoas da casa, inclusive alguns servos que haviam conhecido Lugdi. Afinal, chegaram às despedidas e Kedar Nath acompanhou-os até à estação. Lá, nos últimos colóquios, voltaram à questão dos laços afectivos entre Shânti Deví e Kedar Nath. Este, então, confessou, em voz baixa:

— Sobre o leito de morte de Lugdi Deví, prometi-lhe que não me tornaria a casar. Jurei solenemente e fi-lo espontâneamente. Não foi ela que me pediu.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual o jornalista pôde julgar que era, certamente, a primeira vez que Kedar Nath afirmava tal coisa a Shânti.

Na viagem de volta pararam em Agra, onde se hospedaram na casa da irmã de Shânti. O jornalista tocou de novo no assunto acima com Shânti Deví, estranhando, aliás, o facto de ela, tão prendada, não se ter ainda casado. A jovem respondeu-lhe que já havia escolhido: «que não se casaria de novo».

— Por que diz não se casará de novo?

— Estou certa de que o senhor compreendeu o que eu quero dizer. Se meu marido achou que não precisava de manter o seu juramento, é assunto de sua exclusiva alçada. Compreendo a situação dele e não o culpo de coisa alguma. Mas tenho o direito de escolher e não me importa que achem antinatural ou ilógico o modo como vejo as coisas, no que respeita à minha pessoa.

Shânti revelou ao Sr. Sture,

VELHA SOMBRA

Por EMMANUEL

A grande e velha sombra que oculta habitualmente a candeia bruxuleante de nossa fé quase sempre é a espessa neblina da ociosidade mental, que nos entorpece os melhores impulsos na consecução das obras do bem.

Preguiça de pensar com a própria cabeça.
Preguiça de sentir com o próprio coração.
Preguiça de ajudar.
Preguiça de fazer.
Preguiça de aprender.
Preguiça de ensinar.

Não acredites, pois, que bastaria a confissão por vezes quixotesca de nossa confiança no Cristo para dar aos outros o necessário testemunho de comunhão com o seu Evangelho de Amor e Luz.

Em muitas ocasiões, a própria palavra é um asilo à preguiça despistadora, que se envolve no verbalismo fulgurante, para continuar arrojada à inutilidade e à prostração.

Que a nossa frase se estenda em abençoada luz, revelando a glória do Eterno Benfeitor que nos rege os destinos, mas que não nos exonere do dever no exemplo vivo, de vez que apenas nas obrigações correctamente cumpridas seremos entendidos pelos companheiros de jornada no caminho da evolução.

Dissipemos, assim, o nevoeiro da preguiça mental que nos esconde o ideal cristão de servir e avancemos, com diligência, no terreno da acção...

Evitemos seja colocada a lâmpada de nosso conhecimento sob o antigo velador do desculpismo e, exumando nossos braços e nossos recursos da inércia em que jazem sepultados há séculos, façamos da inteligência o arado de nosso amor, unindo cérebro e coração, alma e corpo, vida e entendimento na construção da verdadeira fraternidade sobre a Terra, convictos de que, sòmente pelo trabalho e pelo bem é que nos tranformaremos em instrumentos vivos na exaltação do Senhor.

Oração à Mulher

Pelo Espírito MEIMEI

Missionária da vida!

Ampara o homem para que o homem te ampare.

Não te conspurques no prazer, nem te mergulhes no vício.

A felicidade na Terra depende de ti, como o fruto depende da árvore.

Mãe, sê o anjo do lar.

Esposa, auxília sempre.

Companheira, acende o lume da esperança.

Irmã, sacrifica-te e ajuda.

Mestra, orienta o caminho.

Enfermeira, compadece-te.

Fonte sublime, se as feras do mal te poluiram as águas, imita a corrente cristalina que no serviço infatigável a todos expulsa do próprio seio a lama que lhe atiram.

Por mais que te aflija a dificuldade, não te confies à tristeza ou ao desânimo.

Lembra os orfãos, os doentes, os velhos e os desvalidos da estrada que esperam por teus braços e sorri com serenidade para a luta.

Deixa que o trabalho tanja as cordas celestes do teu sentimento para que não falte a música da harmonia aos pedregosos trilhos da existência terrestre.

Teu coração é uma estrela encarcerada.

Não lhe apagues a luz para que o amor resplandeça sobre as trevas.

Eleva-te, elevando-nos.

Não te esqueças de que trazes nas mãos a chave da vida, porque a chave da vida é a glória de Deus.

Estas mensagens foram recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier

ainda em resposta às perguntas, que ela se laureara em literatura religiosa; que há cinco anos leccIona, gratuitamente, religião e literatura indiana aos pobres; que cuida dos afazeres de casa; que está escrevendo um livro intitulado *«Suker Sarovar»*, sobre problemas do espírito e que estuda o ioga.

Observou-lhe o entrevistador que ela falava em Deus como se o hinduismo não fosse politeísta, ao que a jovem retrucou:

— Deus é um só, mas os homens dão-lhe diversos nomes. Nos livros do *Rig-Veda* e do *Veda* está claramente dito que Deus é um. Deus é o mesmo na Europa e na Ásia, no seu país e no meu. O hinduísmo é uma religião monoteísta. As várias formas como Deus aparece representado têm o fim de fazê-lo compreender às massas. O conceito abstracto de Deus é inatingível pelo ignorante, que tem necessidade da imagem concreta e de um nome próprio. A idolatria, na Europa e na Ásia, é uma fase transitória.

De volta a Delhi, o jornalista deu por finda sua missão. Vira e ouvira o bastante. Despediu-se agradecido de todos, e especialmente de Shânti Deví.

E deixou a Índia, de regresso à Europa, com a «impressão de que essas provas poderiam estender-se ao infinito, em relação a todos os instantes e a quantas coisas pudessem caber na vida de uma pessoa».

(Do «Reformador», do Rio de Janeiro)

NOTA — Este caso foi apresentado há muitos anos nos jornais espiritas, mas agora adquiriu actualidade, em virtude do presente relato.

UM LIVRO EXCELENTE

Para que uma obra seja excelente, exige-se-lhe real espiritualidade. O tema tem que ser urdido a partir de bases autênticamente vigorosas.

«Ronda Espiritual» está neste caso. Pela mão de Isidoro Duarte Santos é-nos fornecida a opinião concisa de «Lia» sobre os «robertos» do palco da Terra. Surgem em densa galeria, movimentando-se grotescamente.

A entidade-autora começa por distinguir, admiràvelmente, posições de alma: «Em tudo há bom e mau. O comediante nem sempre é bonifrate. Às vezes é homem que sente, ligado à lágrima. Quando ela surge, o aspecto divino aparece aureolado».

Retrata com boa objectividade o mísero mundo em que vivemos: «Uma árvore, uma courela, um pouco de minério, uma gota de petróleo e até mesmo uns olhos de mulher, eram motivo de ódio, discórdia, guerra sem quartel». E acentua avisadamente: «As vibrações dos párias, dos esfomeados vítimas da expoliação e do roubo formam coro tremebundo que não podes imaginar».

Falando da vida no Mundo Espiritual informa: «Há aqui duas espécies de individualidades: as que olham em frente, procurando ascender a novas formas de vida, e as que estacionam, com saudade do que abandonaram». A certa altura objectiva o seu caso: «Os juízos de valor é que se alteram em mim, vencendo relutâncias e hábitos e preconceitos que ficaram na curva do tempo». E precisa assim a exigente evolução de quem lhe foi querido: «Tu vais-te modificando pouco a pouco, em forma e carácter, mas eu encontro-te imediatamente, sem dificuldade, porque acompanho a tua evolução. Para mim és sempre o mesmo: um fusil da minha cadeia, uma conta do meu rosário».

Referindo-se à desarmonia social acentua com energia: «A terra é de todos e não de alguns». Respiramos nesta afirmação um ar cristianíssimo que o Mundo patèticamente desconhece. Interpretando a Luta diz-nos que «a batalha do instinto é pó que se levanta; a batalha da inteligência é luz que se difunde. O pó quer empanar a luz». Clara visão esta das nuvens de poeira que nos circundam. E objectiva: «Triste riqueza, triste opulência que empareda o homem, em vez de o libertar!»

«Há mil combates nesse grão de areia viciado pelos fracos que na história tomam o lugar aos fortes, como se fossem cavaleiros imortais. No fundo, são ídolos que encontram adoradores fiéis».

Analisando o pobre obcecado, tem períodos de perfeita crítica: «O fanático gosta da humidade e da sombra e por isso tem ideias apagadas. Falta-lhe clorofila que só o sol pode dar. E ainda: «O fanático tem asas de morcego. A barbatana volante age em linha quebrada, vai e vém, avança e recua, no mesmo saguão escuro onde a humidade cresce».

«O fanático não serve a inteligência nem a inteligência o serve a ele. Decorou palavras, fixou movimentos, deixou crescer as unhas para se agarrar à crosta e ali se fixou, como cão preso à corrente. Dá sempre os mesmos passos, fixa as mesmas imagens, obedece às mesmas impressões». E completa o sentido crítico: «Seus olhos são lentes deformadas: aumentam e diminuem, do ponto de vista próprio». Falando do coveiro tem uma expressão exacta: «O mármore é a encadernação luxuosa de grandes parangonas. O granito é a percalina do cemitério». E sintetiza: «É o ponto final dos dramas desse mundo».

Voltando depois as apreciações para uma lástima, escreve admiràvelmente: «A beata é um aborto espiritual que não serve a religião, como o fanático não serve o ideal. Uma e outro são calços deploráveis, excrescências a pedir lanceta».

«A beata do meu quadro é a falsa, intrigante e alvissareira, untuosa e rebelde, quando a contrariam. Sob as pálpebras caídas reluz um olhar matreiro pronto a esmiuçar; entre os lábios finos de navalha agita-se uma língua em forma de lacrau. Na ponta dos dedos tem unhas afiladas para firmar a crendice e arranhar os ímpios. Nos pés tem asas de noitibó que a guiam no escuro».

Fixando uma outra vergonha afirma: «O agiota é a sanguessuga do corpo social. Encarrega-se de aumentar o seu pecúlio à custa de suor e lágrimas».

E acrescenta: «Logo que sente um veio de minério a que possa agarrar-se, faz-se artífice ou moageiro, industrial ou missionário».

«Afinal, o agiota é um farrapo de homem, um vampiro que suga sem parar».

No capítulo «O Maldizente» lê-se um diálogo que sintèticamente retrata a Maledicência:

«— Fulano é um parvo!
— Um parvo e um vaidoso!
— E é chefe de repartição!
— Devia ser contínuo!»

Depois surge «A Coscuvilheira» que «chega sempre a horas e pela página aprecia o livro, pela sílaba avalia a palavra. Não lhe importa o que é, importa-lhe o que será».

E mais adiante retrata-se genialmente o Lacaio:

«É maleável, adapta-se às mais estranhas posições. Endireita-se, curva-se, estende-se ao comprido, a um gesto do senhor. Olhos e ouvidos, mãos e pés são de quem lhe paga. Às vezes é figura decorativa, encadernada em libré e postada como um pau. Ao longe parece um traço, uma aresta de edifício». Em três linhas precisa-se, ainda, o seu tipo: «E quando fala, observa primeiro os olhos do velho. Afirma, quando ele afirma; nega, quando ele nega. A ordem é concordar». E «as viagens do lacaio são as viagens do amo. Os mesmos horizontes, as mesmas paisagens, os mesmos ribeiros e as mesmas quelhas. É um apêndice necessário sem vontade própria».

Retirando períodos exemplificativos, procurámos mostrar ao leitor a profundidade conceituosa do livro em questão. Pode-se discordar de um ou outro aspecto em que as apreciações são tecidas, mas o senso descritivo, apesar de qualquer comentário pessoalíssimo, está sempre em factor comum. Este o motivo que dignifica excelentemente o livro «RONDA ESPIRITUAL».

EGO

NOTÍCIAS DA BAHIA

Semana Espirita em Vitória da Conquista — Excepcionais festejos da Independência, no dia do encerramento — Remodelação do Centro Espirita Humberto de Campos — Para breve o término da construção do novo Albergue Nocturno — Em fase de acabamento o primeiro pavilhão do Ginásio Espirita—Diocese de Conquista

(Texto do Redactor-Correspondente de ESTUDOS PSÍQUICOS)

Em seu número de Junho do ano passado, esta revista inseriu uma reportagem sobre a primeira visita que fizemos à florescente cidade de Vitória da Conquista, no sudoeste baiano. Transmitimos então a magnífica impressão que recolhêramos, no tocante ao omnímodo progresso dessa próspera localidade sertaneja, realçando, particularmente, o trabalho dos espiritas locais, considerado na sua extensão e comprovada eficiência.

Agora, voltámos a Vitória da Conquista. Fomos companheiro de um director da União Social Espirita da Bahia, que daqui se deslocou, a fim de acertar medidas com os confrades conquistenses para a realização, em sua cidade, no próximo ano de 1959, da *III Concentração de Mocidades e Juventudes Espiritas.*

CONQUISTA ESTAVA EM FESTA

Chegámos no dia 6 de Setembro; mas Conquista estava em festa — festa espiritual — desde o dia primeiro, difundindo para o público a Doutrina Consoladora, através de uma Semana Espirita, que se encerraria no dia seguinte, justamente na data comemorativa da nossa emancipação política.

No aeroporto, à nossa espera estavam os Drs. Aquiles Mota e Luís Barreto integrando um grupo de bons amigos, todos a acolher-nos com seus sorrisos joviais e seus abraços fraternos.

Até à véspera da nossa chegada haviam emprestado o calor e o brilho da sua palavra na *Semana Espirita*, entre outros oradores, os confrades Alziro Prates, Irénio dos Santos Silva, Sátiro Santos, farmacêutico Aloísio, poeta Odilon Santos e professora Celina Cordeiro. Esta distinta educadora, tendo preferido grafar o assunto da sua palestra, inspirado na divisa de Kardec — *Trabalho, Solidariedade, Tolerância* — produziu um trabalho substancioso e interessante, que mereceu ser aplaudido com demoradas palmas pela assistência.

Dr. João Gustavo dos Santos, a cuja iniciativa se deve a construção, em andamento, do *Ginásio Espirita*, de Vitória da Conquista

Na penúltima noite a palestra estava a nosso cargo, no *Centro Espirita Humberto de Campos*. Sessão presidida pelo Dr. Aquiles Mota e os trabalhos dirigidos ao microfone pelo Dr. Luís Barreto.

No dia imediato, e no mesmo local, o encerramento da *Semana*. Estava marcada uma conferência pelo professor Everaldo Públio de Castro, ilustre Director do Colégio Estadual de Vitória da Conquista, sobre o acontecimento histórico que o Brasil celebra na efeméride de 7 de Setembro. Nós estávamos indicado para falar também. A presidência dessa magna sessão coube ao digno Prefeito municipal, Dr. Edvaldo de Oliveira Flores, que foi convidado à mesa, e após ele o Sr. Nelson Gusmão, presidente da Câmara de Vereadores, professor Everaldo Públio de Castro e Ex.ma esposa, sr.a Emerita Castro, Sr. Florentino Mendes, Delegado Regional, Sr. Alfredo Prates, Dr. Ildefonso do Espirito Santo, da União Social Espirita da Bahia, Dr. João Gustavo dos Santos, consultor jurídico da Prefeitura e o Redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos*. O Dr. Luís Barreto, ao microfone, ia anunciando os itens do programa. Primeiro, declamação de poesias por crianças e adolescentes, seguindo-se números de acordeão pelos menores Eduardo Cordeiro e Maria Luísa. Após esse introito, somos chamado a pronunciar nossa palestra. O assunto — *Independência Religiosa* — nos fora sugerido e anunciado ao final da reunião da noite anterior. Durante os sessenta minutos de dissertação, mostrámos, com fundamento na lógica dos factos, as bases em que se apoia a nossa doutrina filosófico-religiosa, para concluir que nós, espiritas, constituimos uma colectividade autónoma, livre de tutela sectária, com capacidade para discernir no tocante às

verdades espirituais e guiar-nos por directrizes próprias.

Cessadas as palmas com que a assistência, generosa, parabenizou o palestrante, foi concedida a palavra ao professor Everaldo Públio de Castro. Este, a discorrer com segurança e beleza de expressão sobre os lances que culminaram com a nossa libertação do jugo português, revelou-se um erudito e profundo conhecedor da nossa história pátria, admirável sobretudo na maneira concisa como focalizou o importante assunto. Sintetizando, mas sem omitir os aspectos mais salientes do grandioso feito histórico que tornou o Brasil independente e soberano, o provecto director do Colégio Estadual de Vitória da Conquista proferiu, em pouco mais de meia hora, uma brilhante palestra que outrem, para consegui-lo, demandaria o dobro de tempo. Por isto bem justos foram os prolongados aplausos com que o numeroso público homenageou o professor Everaldo Públio de Castro ao ouvir as suas últimas palavras na tribuna.

A PARADA DA INDEPENDÊNCIA

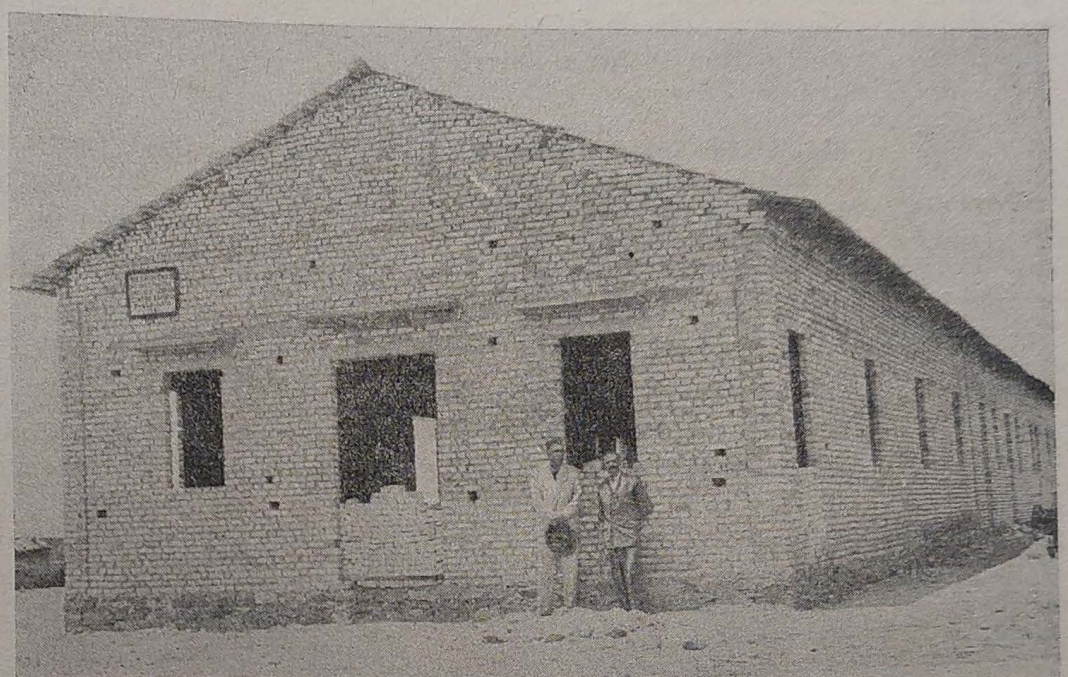
Desde cedo a cidade começou a encher-se de povo. Às 9 horas a movimentação era enorme, os passeios das principais artérias estavam apinhados de uma multidão vibrátil, postada para assistir à passagem do bonito cortejo cívico. Mais de seis mil escolares de vinte estabelecimentos de ensino tomaram parte no imponente desfile, participando do mesmo o Tiro de Guerra local, cujos rapazes foram estrepitosamente aclamados pelo seu garbo e disciplina.

Percorrido o itinerário, todos os que formaram na grande parada, bem assim a multidão imensa que fremiu de entusiasmo à sua passagem, convergiram para a praça Rio Branco e ruas adjacentes, sendo nessa ocasião ouvida a palavra do Prefeito, Dr. Edvaldo Flores, e do Juiz de Direito, Dr. Washington Trindade, exaltando o patriotismo dos nossos antepassados, que nos legaram uma pátria independente.

Foram realmente excepcionais e brilhantíssimos os festejos comemorativos do 7 de Setembro na cidade de Vitória da Conquista.

O CENTRO HUMBERTO DE CAMPOS

Nada mais tem daquela sua fisionomia de outrora o *Centro Espirita Humberto de Campos*. Quer externa, quer internamente. Tudo ali está mudado. Os seus directores precisavam de mais espaço para ampliar os serviços de assistência social mantidos pelo *Centro*, e o problema só se resolveria levantando-se um andar. Então não hesitaram em traçar o plano do arrojado empreendimento, nem recuaram ao considerar as assoberbantes dificuldades financeiras que ameaçariam a sua concretização. Homens resolutos, cheios de fé na ajuda do Alto, puseram mãos à obra e agora está o *Centro Espirita Humberto de Campos* uma edificação soberba. O segundo piso, destinado às grandes reuniões, conferências, etc., é um vasto salão que comportará folgadamente 1.200 pessoas. Em baixo funcionam secretaria, biblioteca, farmácia, posto médico, gabinete dentário e outros serviços conexos. Um sanatório para tratamento de doentes mentais (obsidiados) também está instalado na parte térrea. A obra, todavia, não está ainda concluida. Ressente-se de revestimento final das paredes e do piso superior, mobiliário novo, etc. Mas não se tenha dúvida que a perseverança dos directores do *Humberto de Campos* promoverá novos meios de angariar recursos, e dentro de pouco tempo a sua vitória será completa.



Parte do primeiro pavilhão do *Ginásio Cristão Alfredo Soares da Cunha*, que em breve será inaugurado. Terá Escola Comercial, cursos domésticos, Escola Técnica e outros departamentos

ALBERGUE «NOSSO LAR»

Em local adequado, está em meio a construção do novo *Albergue Nocturno «Nosso Lar»*. Aí encontrarão os que o procurarem um pouco de conforto e haverá espaço para se acomodar maior número de albergados.

O novo albergue, que brevemente estará preenchendo a sua finalidade, é um prédio sólido, de bom aspecto, e diz bem alto do sentimento de solidariedade dos espiritas conquistenses pelos que não têm um tecto à noite onde se abrigar.

GINÁSIO ESPIRITA

Não demorará muito, terá Conquista mais um estabelecimento de ensino secundário: o *Ginásio Espirita Alfredo Soares da Cunha*, que o seu idealizador e principal realizador, Dr. João Gustavo dos Santos, está construindo a golpes de incrível tenacidade e sacrifício. O primeiro dos três pavilhões que formarão o conjunto da obra, já está com a sua estrutura levantada, como se vê da foto que ilustra esta página. Mede 72 metros de fundo por 20 de frente. Trata-se de um projecto arrojado, em cuja execução só se empenharia um ho-

RENASÇAMOS

Depois de ter assistido, no Centro Espírita «Caminho da Redenção», *a edificantes manifestações dos Espíritos de Jesus Gonçalves e Auta de Souza, por intermédio do Prof. Divaldo Pereira Franco, presidente daquela instituição.*

Por milénios e milénios,
Foi nossa vida um horror.
Façamos hoje da vida
Um poema de luz e amor!

Dos vícios nos libertemos
E troquemos o egoísmo
Pela Santa Caridade,
Pelo divino Altruismo.

Assimilemos as sábias,
Grandes lições do Evangelho,
E deixemos no sepulcro
Do esquecimento o «homem velho».

Despertemos. Renasçamos.
Transformemo-nos deveras,
Pois pelo bem nossos dias
Serão lindas primaveras!

A natureza nos fala
De Deus, da imortalidade...
Tudo nos diz que devemos
Erguer um templo à Bondade.

Por milénios e milénios,
Foi nossa vida um horror.
Façamos hoje da vida
Um poema de luz e amor!

Bahia, 1953 **PAULO ALBERTO**

mem de vontade férrea e de um idealismo puro, como sói ser esse extraordinário Jcão Gustavo dos Santos.

DIOCESE DE CONQUISTA

As autoridades eclesiásticas elevaram a paróquia de Vitória da Conquista à categoria de diocese. O seu primeiro Bispo, recentemente nomeado e empossado, é D. Jakson Berenguer Prado. Moço ainda, culto e piedoso, ao que tudo indica, realizará um apostolado aliciante e fecundo, haja em vista o espírito de tolerância e concórdia que vem norteando o seu porte.

Falamos o que sabemos. Associando-se às homenagens prestadas a D. Jakson Berenguer Prado por todas as classes sociais, os espiritas de Vitória da Conquista, representados por uma numerosa comissão, efectuaram uma visita de cordialidade a Sua Reverendíssima no palácio episcopal. Recebidos com muita deferência pelo eminente antístite, dele ouviram os nossos confrades significativas palavras que traduziram o vivo empenho que o anima de manter um clima de respeito e harmonia entre os adeptos dos demais credos religiosos. D. Jakson Berenguer Prado é afável e cordato, bem diferente daqueles frades que antes dele ocupavam o púlpito para assacar injúrias aos espiritas, ofendendo até a honorabilidade de suas esposas. D. Jakson Berenguer Prado, durante a amistosa palestra que manteve com os espiritas que o visitaram, deixou bem claro que não admitirá desrespeito ou hostilidade às crenças alheias, o que equivaleria a insuflar animosidade e desencadear luta de irmãos contra irmãos, pois que todos somos filhos de Deus. O dever mais alto de quem exerce o ministério eclesiástico, acentuou Sua Reverendíssima, é apaziguar e fazer com que se implante o amor entre os homens.

Com essa clara visão de sua altíssima responsabilidade, o ilustre prelado demonstrou estar possuído do vero espírito do Evangelho, e por certo granjeará o apreço de todos os seus diocesanos e de quantos, sem serem católicos, ou mesmo militando em campo neutro, colaboram com o Cristo, fazendo o bem a seus semelhantes.

O redactor destas linhas rende, pois, a seu turno, uma espontânea a sincera homenagem ao digníssimo Bispo de Vitória da Conquista, no momento em que vem reiterar o seu agradecimento aos confrades que o distinguiram com tantas demonstrações de bondade durante os dias de sua estada naquela terra hospitaleira.

SÓ ESPIRITISMO CIENTÍFICO?

Por HENRIQUE MAGALHÃES

V

Em um dos artiguetes anteriores focalizámos o ponto de vista de Kardec, referentemente à «Aliança da Ciência e da Religião», estampado no livro «O Evangelho Segundo o Espiritismo». Veremos agora seu pensamento a respeito do assunto, na introdução escrita por Kardec, no «Livro dos Espíritos».

Na 25.ª edição deste livro lemos o seguinte (pág. 32): «Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do bom senso e da religião».

Pág. 33: «Nisto, o Espiritismo confirma as seguintes palavras do Evangelho: «Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados».

Pág. 35: «Nunca, porém, dissemos que esta ciência fosse fácil, nem que se pudesse aprendê-la brincando, o que aliás não é possível, qualquer que seja a ciência».

Pág. 39: «Bem frágil seria a religião, se, por não infundir terror, a sua força pudesse ficar comprometida».

Como remate da citada introdução, há uma comunicação endossada por vários espíritos, cuja hierarquia espiritual é das mais elevadas, a qual reza o seguinte:

Pág. 47: «A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará nascimento a opiniões dissidentes. Mas todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão num só sentimento: o do amor do bem e se unirão num laço fraterno. Estes deixarão de lado as miseráveis questões de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial. E a doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem comunicações dos Espíritos Superiores».

Assinados: João Evangelista; Santo Agostinho; São Vicente de Paulo; São Luiz; O Espírito da Verdade; Sócrates; Platão; Fenelon; Franklin e Swedenborg, etc., etc.

No tópico da pág. 35, Kardec demonstra o seu amor à ciência. Não é, pois, um místico, mas, sim analista frio, conforme provou no seu gigantesco trabalho através dos vários livros que escreveu. Isso não o impediu, todavia, de «aliar a ciência à religião», confirmando mais tarde o seu pensamento em «O Evangelho Segundo o Espiritismo», a págs. 45 e 46 (47.ª edição da F. E. B.).

Na pág. 32 fala no bom senso da religião.

A pág. 33 exalta as lições do Evangelho.

Há muitas citações sobre o Evangelho e a Religião, mas o que acima ficou transcrito é bastante para comprovar o pensamento do grande codificador e homem de ciência.

Se raciocinarmos sobre a elevada missão de Kardec, no mundo, revelada por espíritos superiores (ver «Obras Póstumas»), chegaremos à conclusão de que além de ele estar em constante troca de ideias com os seus guias espirituais, e, portanto, por eles inspirado, devia, sobretudo, estar devidamente preparado para tal cometimento, antes mesmo de reencarnar. Assim, as suas opiniões e os seus pensamentos expostos à humanidade devem merecer a nossa atenção e o nosso respeito, por terem cunho de verdade. Não vemos, portanto, razão alguma para nos distanciarmos desses pensamentos, atenta a maneira como nos apresentou a própria doutrina. Assim e por princípio, somos contrário a suprimir a palavra «Religião», da doutrina dos Espíritos, termo que nos induz a religarmo-nos a Deus.

O que lemos a pág. 47, recapitulando o «Livro dos Espíritos», é de suma importância para o estudo que estamos desenvolvendo. Medite-se no valor dessa mensagem, de vez que os Espíritos que a subscreveram os reconhecemos como guias da humanidade. Eles salientam o valor daquilo a que chamam «o grande princípio de Jesus». Vemos, pois, que os guias se movem em torno de Jesus, exaltando a Sua obra: o Evangelho, como Guia único para todos nós.

Eis, porque estranhamos que confrades nossos tão esclarecidos sejam contrários ao Espiritismo Religioso. Estranhamos, mais ainda, não vermos mencionado o Evangelho em seus discursos ou artigos, como a demonstrar que não lhes merece grande apreço.

Chamou-nos profundamente a atenção o tópico onde esses iluminados Espíritos vaticinam que «estes deixarão de lado as miseráveis questões de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial». Essa advertência toca de perto a todos nós. Cada qual interpreta este ou aquele princípio a seu modo, dando-lhe esta ou aquela denominação. No fundo, porém, temos em mira os mesmos fins, ou seja, a perfeição.

★

Isidoro Duarte Santos viajou através de vários Estados do Brasil, não sòmente em carácter de propaganda da doutrina, mas, sobretudo, para ver, in loco, *o desenvolvimento do Espiritismo neste vasto país. É que as notícias que lhe chegavam deste recanto do mundo eram tão animadoras, quanto à marcha do Espiritismo, que ele aceitou com o coração em prece o convite que daqui lhe enviaram. A sua opinião e deslumbramento estão expressos nas suas memórias, publicadas em* Estudos Psíquicos.

O ponto alto de sua viagem, como ele mesmo confessa, foi a peregrinação a Pedro Leopoldo, onde o mais humilde médium do Brasil e de maior projecção vem mantendo, há longos anos, a banca de trabalho proveitoso. A reunião que lá fizeram foi gravada e uma cópia dessa gravação acha-se com o próprio Isidoro, dando testemunho da fidelidade dos trabalhos e da sua reportagem (Leia-se Estudos Psíquicos *de Janeiro de 1958, pág. 16 a 21, inclusive.*

Conhecendo ambas as personagens, isto é, o Chico Xavier (médium) e o Isidoro, (visitante)

apreciámos deveras esse evento. Conforme íamos lendo a narrativa, — rica em pormenores e testemunhada por factos inéditos — as lágrimas nos assomaram aos olhos, tal a comoção e a alegria sentidas, por verificar que o Isidoro levou daquele recanto do Brasil imorredoiras lembranças, enriquecendo o seu espírito com abundantes ondas de luz espiritual.

As maravilhosas faculdades do médium levaram-no a ver diversos espíritos desencarnados, sòmente conhecidos do Isidoro, determinando-lhes os nomes, transmitindo suas palavras de estímulo ou outras, revelando suas características, etc., sendo que algumas personalidades lhe traçaram o rumo a seguir, por se acharem ligadas ao Grupo de Espíritos Superiores que dirigem os destinos do Espiritismo na pátria de Camões. Relataremos apenas dois tópicos dessa memorável reunião, a título de estudo.

Seguem as descrições do médium:

«Agora chegou à minha frente um senhor de rosto cheio, dizendo que é João Paulo Freire. O seu cabelo é grisalho... parece que tem uma parte preta... uma madeixa preta... (Esse pormenor é confirmado por Isidoro). Diz que abraça o Isidoro, a quem pede faça o possível para que a parte Evangélica do Espiritismo em Portugal *tenha expressão mais séria e unificação mais profunda. Que este é agora o ideal dos* espiritas portugueses desencarnados».

Vejamos as conclusões a que chegamos, atendendo ao apelo da primeira personagem: «Pede ele ao Isidoro, pede a todos os espiritas portugueses esclarecidos, façam o possível para que a parte evangélica do Espiritismo, em Portugal, tenha expressão mais séria e unificação mais profunda».

Notemos, em princípio, que existe no espaço uma plêiade de espíritos desencarnados formando uma falange, cuja missão é orientar o Espiritismo em Portugal e naturalmente em suas províncias do ultramar. Esta particularidade dá-lhe um cunho de grande importância. Veja-se, desde logo, que esse Grupo, que esses dirigentes do Espiritismo, residentes nas esferas mais altas, entre os quais se devem encontrar espíritos de grande projecção espiritual, como, por exemplo, Reper-Siam, *o qual foi visto pelo médium nessa importante reunião, apelam para os espiritas mais esclarecidos daquele recanto da Europa, solicitando-lhes o concurso para que o Espiritismo Evangélico se dissemine naquela parte do planeta. Eles não pedem se obtenham fenómenos; tampouco falam no Espiritismo Científico. Seus apelos dirigem-se ao Evangelho e, portanto, ao coração, pois é pelo Evangelho e através dele que se pode elevar o nível moral das massas.*

Naturalmente a cultura é necessária, sobretudo para as inteligências mais avançadas, as quais necessitam de alimento mais substancial. Mas o comum das criaturas, os mais humildes, o chamado «povo», enfim, que ainda não alcançaram as culminâncias do saber — e esses formam absoluta maioria — a esses, sòmente o Evangelho lhes penetrará o coração, sacudindo-os em sua sensibilidade, iluminando seus caminhos, tangendo-os para as hostes de Jesus.

O espírito de João Paulo Freire termina com estas sugestivas palavras, quanto ao apelo formulado:

— Este é agora o ideal dos espiritas portugueses desencarnados.

Ouça quem tem ouvidos de ouvir... — acrescentamos nós.

O Senhor se apiede de todos e nos ilumine, são os votos deste irmão menor, servo dos servos de Jesus.

IRMÃO NEGRO

Meu irmão negro, escuta a minha voz,
não evites olhar-me nem consintas
que teu filhito
cor de tinta
se lhe dou pão, fuja de mim...

Eu sou tua irmã branca, sou aquela
que vida atrás de vida, caminhando
por este mundo,
te vai amando
cada vez mais e mais ainda...

Teu olhar meigo de animal fiel,
espelho de uma alma receosa,
contempla a minha pele
cor de rosa,
como capa escondendo o teu algoz...

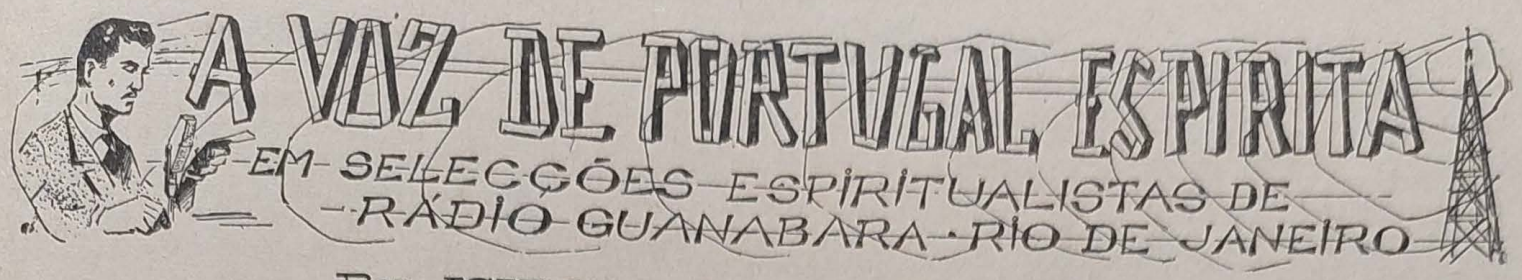
Não fujas de tua Senhora,
quero ensinar-te a ler e a rezar.
Vê em mim uma amiga
que hás-de amar
até ao fim da vida e mesmo além.

Leva-me à tua sanzala e à cubata
coberta de capim, sem luxo ou ambição,
teu filho de ébano
me dê a sua mão
confiando em mim, meu negro irmão.

Há-de um dia nascer o Sol futuro
em que ambos seremos semelhantes.
Gotas caídas
de astros brilhantes,
vivendo, enfim, a Nova Vida!...

MARIA LUSITANA

(Recebido intuitivamente em Angola em Maio de 1958)



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

53

O NEGRO

Amigo radiouvinte:

— Os homens não se medem aos palmos, dizia meu avô, que era de grande estatura e capaz de varrer uma feira. Medem-se pela dignidade, pela honradez, pelo progresso que representam.

Dizia isto por outras palavras, que as pessoas incultas não usam metáforas nem conhecem solecismos. Mas era sensato e bom. Quase todos os homens corpulentos abrigam espíritos dóceis. E alguns deixam-se bater pela cara-metade...

As nações não fogem à regra dos homens. Os couraçados, as fortalezas-voadoras, os submarinos atómicos representam poderio, sinónimo de imperialismo militar ou económico, mas nem sempre pesam na balança moral. Há factores que caracterizam verdadeiramente um povo: o trabalho pacífico, a ausência de ambições territoriais e o género de comércio a que se dedica. As indústrias pesadas são mais perigosas que os lacticínios, pois não há memória de se usar o queijo e a manteiga na artilharia de cambunal seja guardião da lei nas

Vem isto a propósito daquele negro condenado à morte por ter roubado pouco mais de um dólar e atentado contra o pudor de uma velha de oitenta anos. A América do Norte, país extenso e variado, tem uma Constituição única no mundo. E embora o Supremo Tribunal seja o guardião da lei nas divergências governativas, há disposições estaduais que muitos indivíduos aproveitam em emergências particulares.

É preciso conhecer a índole do povo americano para avaliar o fenómeno rácico que leva ao linchamento, forma bárbara de justiça ultrapassada pelo direito. Se os ingleses não recalcitram contra a aplicação da lei arcaica a um delito hodierno, os norte-americanos encolhem os ombros a enormidades que revoltariam os povos latinos.

Mas sobre a índole dos indivíduos há um princípio de equidade que deve presidir aos actos humanos. «Não basta que a mulher de César seja honesta; é preciso que o pareça», afirmou um grande moralista. Exaltar uma ideia é propagá-la. Assim, quando as nações grandes se revestem de simplicidade e bondade, a fim de proteger grandes nações que não pediram auxílio, evoco a fábula do lobo e do cordeiro e o Sermão da Montanha. E também me lembro do espalhafato de certas agências telegráficas, quando este e aquele Estado verberam atitudes contrárias ao direito das gentes, como se eles não fossem réus de iguais delitos e pudessem atirar a primeira pedra.

As nações são o reflexo dos indivíduos, que se agrupam em classes, pela cor, pelo idioma, pela ideologia, pela profissão. No limite de uma erguem-se muralhas ou cavam-se barrancos inacessíveis a outra.

A liberdade ianque é conhecida em todo o mundo e muito mais daqueles que vivem nessa terra hospitaleira, quando têm dinheiro para pagar as diversões. Nenhum visitante foi impedido de lá gastar os proventos, embora atingissem milhões. Há, porém, incongruências bem difíceis de entender, entre elas a condenação à pena irreparável de um homem, cujo delito é inferior à cominação.

O Espiritismo não admite o «olho por olho, dente por dente» de certas legislações penais e não considera as nações responsáveis pelos delitos dos indivíduos. Quanto à pena de morte, nada deste mundo a pode qualificar, porque ninguém tem o direito de eliminar uma vida, cuja função transcende os actos de pura mecânica e porque a maioria dos criminosos são vítimas do ambiente social que necessita de orientação e educação. Educar o povo é extinguir a delinquência, é dar-lhe noções de direito e dever, sem os quais as comunidades constituirão simples aglomerados sem coesão, subordinadas às injunções do arbítrio!

Li há pouco que na Suécia as cadeias fecharam por falta de reclusos e que as crianças não aprendem a roubar. Porque não imitar estas normas educativas? Porque não incutir os preceitos morais no ânimo dos povos? Pormo-nos ao lado dos oprimidos e forjar na sombra a base do nosso poderio; procurar hegemonias temporais com a mão nos Evangelhos; inventar racismos e utilizar a contribuição dos segregados, pode ser tudo num mundo atrabiliário e materialista, menos justiça distributiva que se deve a toda a criatura, independentemente de raças e de cores.

Ainda bem que Portugal e Brasil são duas nações que reconhecem o direito de viver, onde se ignora o ódio racial e se conceitua o valor humano através de leis equitativas. Ainda bem que essa pena vexatória, excessivamente iníqua, foi banida há muito dos nossos códigos, em homenagem ao reinado do Espírito.

Perante a evolução todas as raças são iguais. É o homem à face da lei em nações civilizadas. O tribunal que condenou o negro fê-lo baseado na Lei. Limitou-se a obedecer. Mas o juíz pode buscar os fundamentos do delito e julgar em consciência, mesmo quando as provas testemunhais militem contra o réu. A jurisprudência moderna já não admite o livre arbítrio absoluto e a sua maleabilidade permite evitar alguns erros judiciários de que não haveria apelação e agravo.

O Espírito é uma unidade em permanente evolucionismo e o seu invólucro não interessa grandemente, contanto que preencha o fim que o trouxe ao planeta. Uns falham ou claudicam, outros são roteiros de luz perene.

A legislação é arbitrária e relativa a cada povo. O que não entendo é que, no mesmo país democrático, a justiça de uma região seja injustiça noutra e se recalcitre contra as decisões de um Supremo Tribunal que regula a aplicação da lei.

Talvez seja miopia da minha parte. Muitas coisas que não assimilo são perfeitamente assimiladas por outros.

Meu avô dizia que os homens não se medem aos palmos. É verdade. Nem os homens, nem as nações. A estatura física vale menos do que a moral, que é um tribunal mais elevado e temido que o das

leis, como queria Rivarol. Segundo este pensador, a moral exige sempre a prática do Bem e da Virtude, porque não se baseia na estima pública, mas na nossa própria estima, que nunca nos engana.

A condenação do negro levanta novo problema. Oxalá seja resolvido a bem da humanidade.

Adeus, amigo radiouvinte. Que Deus nos guarde a todos.

54

O HOMEM SEM BRAÇOS

Amigo radiouvinte:

O mundo é uma casa de fumo, como opinou Manuel Bernardes. Não se vê o bom nem o mau. As imagens que apreciamos correspondem à realidade desfigurada. São aparências. No fundo há uma base indestrutível, sobre a qual assenta a evolução.

Quanto mais pensamos, mais se alarga o problema. O capricho de uns, a basófia de outros, o interesse, a frivolidade, tudo isto ao lado do cego de nascimento ou do enfermo sem esperança... Tanta coisa que se vê e sente no palco imenso da vida!

Isto levou Campoamor a escrever:

Do mundo entrei no bazar;
Mas quanto sofri ao ver
Que era costume vender
Quanto se aspira a comprar!

Enquanto se é menino as ilusões crescem e rescendem aroma suave. A terra é fértil e o céu reflecte o sonho de nosso espírito. As horas correm céleres, não há tempo de meditação.

A infância é o oiro da vida. Se o pudéssemos guardar indefinidamente! Se pudéssemos reter a marcha do homem! Se pudéssemos esquecer os pesadelos que nos atribulam!

Não. Nada disso podemos fazer. Estamos na roda, pertencemos ao movimento. Rico ou pobre, cego ou surdo, tem que andar na roda. Quem manda é a força centrífuga...

Isto veio a propósito do José de Jesus Ferreira dos Santos, estudante sem braços que foi aprovado no exame à Escola Industrial de Leiria. Escreveu com o pé esquerdo, como aprendera na escola primária de Carreira, em Souto de Carpalhosa, e fez uma prova brilhante. Prescindiu de privilégios, ao contrário de outros que escreveram com a mão direita.

José de Alencar dizia que a causa principal da superioridade humana era a força de vontade. E acrescentava: «O poder nasce do querer. Se o homem aplicar a energia de sua alma a um fim, vencerá os obstáculos, e, se não atingir o alvo, fará, pelo menos, coisas admiráveis».

Ignoro se o Ferreira dos Santos nasceu sem braços ou se os perdeu nalgum acidente. Seja como for. O que importa é o exemplo de perseverança que o destingue entre muitos homens válidos.

O Espírito é força irradiante a manifestar-se. Supera obstáculos, denuncia directrizes e na própria natureza se apoia para vencer.

Vi há tempos uma série de pinturas de artistas mutilados e fiquei impressionadíssimo, ao pensar no poder de adaptação do ser humano às mais variadas actividades.

O esforço deste homem sem braços deve ter sido enorme e semelhante ao da sr.ª D. Laura Barbosa, sua dedicada professora, que o auxiliou e incitou, amparando-o nos momentos de maior tristeza.

É a luta pela vida no seu mais alto significado. Assim como as plantas dirigem as raízes para o humo, assim as potencialidades da alma se afirmam em modelos que suscitam longas meditações. O materialismo não pode explicar a razão do fenómeno. Se o sangue é a vida e tudo o mais expressões secundárias duma equação irresolúvel, de que vale perder tempo na busca dos resultados? Não vale a pena. Seria esforço inútil, não avançaríamos um passo na descoberta das causas.

Mas o Espiritismo vê a coisa de mais alto. A reencarnação fornece elementos preciosos. O *homem sem braços* já teve braços fortes em vidas pretéritas, já se treinou em movimentos e trabalhos e agora assimila fàcilmente, numa escola de adaptação. Donde se conclui que ninguém deve perder a menor oportunidade de evolucionar. O que se aprende vive em nós em inteligência ou jaz em estado latente, pronto a vir à superfície, quando o momento surge. Não foi embalde que alguém chamou cidadão do universo ao bípede implume.

A pedagogia moderna na educação dos cegos tem avançado muito e mais avançará ainda. Em toda a parte se erguem vozes de simpatia dispostas a auxiliar. O que é preciso é reconhecer o primado do Espírito nesta grande cruzada, para que o homem se sinta menos lobo e mais homem, para que venham à superfície as potencialidades maravilhosas que o caracterizam.

Os radiouvintes conhecem, decerto, o caso retumbante de Helen Keller, cega, surda e muda, que não só aprendeu a falar, como também alcançou diploma numa Universidade norte-americana. Tem percorrido o mundo em vários sentidos, tem dado centenas de entrevistas, tem realizado muitas conferências e escrito algumas obras literárias. Se não fosse o desejo que a anima de suprir deficiências para afirmar a sua personalidade, teria mantido o silêncio que desde o nascimento a envolveu. Mas a luz fez-se naquela mansão prodigiosa e os homens conheceram um dos mais raros fenómenos devidos à força de vontade. Tanto que tenho pensado no trabalho educativo de quem arrancou ao silêncio da provação um génio que assombrou o mundo!

Ferreira dos Santos não quer estratificar. O seu desígnio é vencer, em competição lógica, como sucedeu ao *Aleijadinho*, em Ouro Preto e Sabará, cuja vida recordámos em nosso livro «O Espiritismo no Brasil». Aqueles que, tendo possibilidades, se deitaram à sombra dos louros colhidos, não ajudarão o progresso. Falseiam a sua missão terrena e não preparam a gleba para nova sementeira.

O *homem sem braços* pertence à geração que avança com denodo para o seu *apex*. Exercita-se ao sol do trabalho, senhor de si mesmo, alheio a desânimos. A sociedade conta com ele, como ele conta com a sociedade.

Mais uma vez recordo a fala de meu avô: «Os homens não se medem aos palmos». Se essa fosse a medida usada, Ferreira dos Santos não teria entrado na Escola Industrial de Leiria, tomando o lugar a um homem «válido» e talvez mais alto do que ele.

Estes factos obrigam a fazer paralelismos que alguns não gostam de ouvir e que justificam o renascimento do Espírito em obediência às leis de *Causa e Efeito* e *Atracção e Repulsão*.

Ferreira dos Santos devia estudar o Espiritismo para que o seu triunfo fosse completo, sem quebrantamentos nem desânimos. O seu complexo de inferioridade seria reduzido à expressão mais simples e substituído por energia salutar. E daí... talvez seja espiritista, talvez tenha lido muito e estèja conformado.

Amigo radiouvinte: desculpa, se estou ficando monótono ou não fui muito feliz no tema de hoje. Não sejamos exigentes em demasia, que o obreiro voluntário gosta de liberdade para recrear o espírito à sua moda.

Adeus e até à próxima. Que as nossas intenções sejam abençoadas.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

LAR DO AMIGO GERMANO

Passou há pouco o décimo quarto aniversário desta instituição rio-grandense sediada na formosa cidade de Porto Alegre. Tivemos ocasião de visitá-la e apreciar quanto pode a vontade humana a serviço de nobres causas. As nossas impressões reservamo-las, porém, a fim de que, na devida altura, lhe façamos a devida referência.

Como tantas outras agremiações espiritas, surgiu de uma ideia aparentemente simples que deu origem à formação do «Grupo Espirita Amigo Germano», nunca supondo que atingiria o desenvolvimento que tomou, obrigando os seus dirigentes a entrar no campo da assistência, visando a protecção de velhos e crianças.

O jornal *Desobsessão*, da mesma cidade, comentou a data, informando acerca da luta que se travou a princípio, na qual entraram alguns companheiros menos advertidos, mas que depois se puseram à disposição dos directores, contribuindo assim para o ritmo acelerado e progressivo que ainda hoje se observa nesta prestimosa colectividade.

Houve muito esforço, muita canseira, muita renúncia, muito sentimento fraternal na rota da luz traçada por uma turma de iluminados que não cessam de trabalhar, não só para consolidar a obra, mas também para a transformar e dignificar aos olhos dos que a contemplam em posição incrédula, tal o espanto causado nos visitantes que ali acorrem de todos os Estados brasileiros.

«Historiar este pequeno registo de aniversário — diz o jornal citado — afigura-se-nos impossível. Afirmamos, entretanto, que sacrifícios imensos e desusado sentimento de renúncia têm marcado a existência daqueles rapazes, os mesmos que, maduros e experientes, continuam à frente da Organização. A 15 de Maio último completou a *Casa de Germano* 14 anos de existência. É necessário *ver para crer* o que ela tem feito em benefício da pobreza. São centenas de crianças que ali encontram carinho, alimento farto e instrução. Indiscutìvelmente, terão assegurada uma vida honesta».

O *Lar do Amigo Germano* poderia servir de modelo a muitas agremiações, como sucedeu com o *Lar de Jesus*, de Nova Iguaçú, a cuja fundação presidiram os saudosos amigos Marília Barbosa e Leopoldo Machado e que se *desdobraram*, se assim nos podemos exprimir, em cinquenta e tantos *Lares* espalhados pelo Brasil.

As grandes obras são baseadas quase sempre na simplicidade. Quando começam a florescer, o povo admira-se do êxito alcançado, que está, precisamente, no sentimento que anima os seus fundadores, e vem, com o seu concurso, engrossar a falange.

A seu tempo falaremos no *Lar do Amigo Germano*. Em nosso canhenho de viajante há notas que não guardaremos só para três ou quatro.

A VIVISECÇÃO NOS ANIMAIS

Segundo lemos no semanário *Two Worlds* de 11 de Outubro, o Marechal Dawding e Michael Fryer, dois espiritistas militantes, têm lutado valorosamente para impedir o sofrimento infligido aos animais, principalmente através da vivisecção. O primeiro já realizou numerosas conferências a respeito. Além disso aproveitou sempre as oportunidades para erguer a voz na Câmara dos Lordes em benefício dos nossos irmãos inferiores, protestando enèrgicamente contra aquele processo bárbaro de pesquisa, tão usado na Inglaterra.

No princípio do mês passado realizou-se uma reunião pública na Câmara Municipal de Kensington, exactamente na véspera do *Dia Mundial dos Animais*, patrocinada pela *Cruzada Contra a Crueldade Exercida nos Animais*, dirigida por Michael Fryer. Foi uma das reuniões mais concorridas.

Dowding apontou Fryer como verdadeiro símbolo de energia e só os seus métodos aparentemente drásticos poderiam justificar resultados tão promissores.

— Ele quer resultados — exclamou —. E eu também.

A numerosa assistência aplaudiu estas palavras. Depois disse que a organização Fryer tinha cinco mil assinaturas favoráveis à Companhia, facto importante que os levaria a negociar com os partidos políticos na promessa de que, se ganharem as próximas eleições e se tornassem governo, nomeariam uma Comissão de Inquérito à vivisecção, coisa que se não faz ha 50 anos. O povo não tem meios de saber o que se passa nos laboratórios, cujas portas se mantêm hermèticamente fechadas. De resto, há cinco inspectores para fiscalizar perto de *três milhões* de experiências feitas nos animais.

Lorde Dowding, que figura na história como «Vencedor da Batalha da Inglaterra» no último conflito mundial, terminou o seu discurso exclamando:

— Se os animais tivessem o seu partido, já teria acabado a crueldade imposta às pobres criaturas!

Entre as fitas cinematográficas exibidas por Fryer, estava uma do Dr. Harry Lillie, que revela os métodos diabólicos de matar animais, e por isso ele se esforça para acabar com aquilo. E quando perguntou ao público se achavam que poderia continuar a exibir a fita, ouviu um «sim» unânime. Fryer disse que não só os matavam por causa da pele, mas também para lhes tirar o óleo, usado na margarina. E concluiu:

— Não temos o direito de tirar a vida a um ser, com intuitos de lucro, nem de o aprisionar numa gaiola!

Absolutamente de acordo! É preciso acabar com a vivisecção, vergonha da humanidade!

«ANDRÉ LUÍS» MATERIALIZADO

O *Mensageiro da Fraternidade*, de Belo Horizonte, refere-se a uma sessão realizada em Março do corrente ano, na qual se materializou o *espírito André Luís*, totalmente

iluminado, espargindo luzes refulgentes do plexo solar e da cabeça, envolto em tecido finíssimo e transcendendo claridade que enchia todo o recinto, deixando os assistentes emocionados e cheios de gozo espiritual.

André Luís encareceu a necessidade de cuidar das crianças com o maior esmero, pois será a geração encarregada de transmitir o património moral, cultural e evangélico aos fundadores do 3.º milénio.

Nesse momento colocaram nas mãos de *André Luís* a bandeira com que os *Grupos da Fraternidade* procuravam homenagear o seu guia.

André Luís recebeu o obséquio e agradeceu, dizendo que a bandeira seria colocada em lugar de relevo e se o ambiente o permitisse seria devolvida na semana seguinte.

Após a entrada do Espírito no gabinete escuro ouviu-se um ruído estranho, forte e nítido, que surpreendeu os assistentes. Veio então outro Espírito para esclarecer que o barulho fora causado por maquinaria utilizada na desmaterialização da bandeira.

Para boa compreensão destas sessões e destes fenómenos aconselhamos a leitura do livro «*Materializações Luminosas*», da autoria do Dr. Ranieri, que pode adquirir-se na redacção de *Estudos Psíquicos*.

PREDIÇÃO DE CIGANA

A revista *Ahora*, de Buenos Aires, publicou em 17 de Janeiro último o seguinte relato acerca do célebre inventor Charles Pathé:

«Era tão tímido, que nunca pôde exprimir no dia de Ano Novo, um voto de bom augúrio, por muito curto que fosse. Sua mãe, ao ouvi-lo gaguejar, encolhia os ombros e recordava a predição de uma cigana:

«— Realizará uma invenção de tamanha importância, que o seu nome será conhecido no mundo inteiro. Juntará muita riqueza e será nomeado Cavaleiro da Legião de Honra.

«E assim foi. Charles Pathé, que acaba de morrer em Mónaco, foi tudo o que vaticinou a cigana. Na juventude esteve na Argentina, onde tentou construir uma máquina de lavar, mas fracassou e regressou a França. Em 1894 descobriu um fonógrafo, comprou-o, viajou com ele por feiras e mercados, ganhou dinheiro, fundou uma fábrica de fonógrafos e construiu um dos primeiros aparelhos cinematográficos. A sua primeira fita intitulava-se «História de Um Crime» e custou 3.000 francos.

«Mais tarde dirigiu ou fiscalizou mais de 3.000 empresas, condecoraram-no e converteu-se num grande homem. A cigana tinha dito a verdade...»

AS APARIÇÕES DE CARLOS GARDEL

A mesma revista argentina, de 10 de Janeiro de 1958, sob o título «Julgam escutar a voz de Carlos Gardel», publicou o seguinte artigo, em que se refutam as notícias relativas às aparições do Espírito deste notável acntor. *Estudos Psíquicos* transcreveu uma delas da revista *Cantando*, de Buenos Aires, na página 241 (n.º de Agosto-Setembro) e por esse motivo nos apressamos a rectificá-la, dando a palavra à mencionada publicação:

«Atraídos pelas versões fantásticas de certo órgão de imprensa, milhares de pessoas se dirigiram à Vila Ballester, na esperança de presenciar o maravilhoso espectáculo de ver aparecer a figura de Carlitos Gardel a cantar. A casa onde «iria aparecer à meia-noite» está na esquina das ruas de Colón e San Martín de Villa Ballester. Na véspera dos Reis Magos chegaram ali numerosas pessoas vindas de La Plata, Rosário, Santa Fé, General Rodríguez e Campana, além de muitos curiosos provenientes de Buenos Aires. Quando o relógio deu a meia-noite, alguém olhou para a velha casa e gritou:

«— Lá está ele! Carlos Gardel!

«A multidão procurou acercar-se, mas do interior da casa surgiu um homem empunhando uma mangueira que lançou um grande jorro de água sobre a multidão.

«A polícia e os bombeiros e os soldados da guarda dissolveram os grupos que desejavam a todo custo ver a figura querida do cantor.

«*Ahora* esteve no local, fez um inquérito, mas nem um só afirmou ter visto Gardel.

«A senhorita Matilde Grenese, uma das proprietárias da casa, que se encontra à venda, diz que tudo aquilo foi propaganda insólita de gente sem escrúpulos e que ninguém pode afirmar ter visto o cantor. Ela própria convidou vários curiosos a entrar no prédio, a fim de comprovarem que nela não há aparições».

E a revista termina com estas palavras:

«Indignados pela falsidade com que utilizaram a figura do «Rouxinol Crioulo» desmentimos a versão propalada, segundo a qual terá aparecido de viola em punho e cantando as melhores canções do seu repertório».

A profissão de jornalista impõe responsabilidades que nem todos podem assumir por lhes faltar uma coisa que em todo o mundo se chama dignidade pessoal.

OS MÉDICOS INGLESES...

... já conhecem e difundem alguns fenómenos psíquicos. O *British Medical Journal* publicou o estranho relato do Dr. Arnold B. Cowan, de Glasgow, no qual testemunha um caso de premonição de morte num doente canceroso que, sentindo aproximar-se o fim da existência, disse à família e ao médico o dia e hora em que morreria.

«Ao fazer a minha visita rotineira na 3.ª feira à tarde a um canceroso dos pulmões, este pegou-me nas mãos, agradeceu-me a atenção e disse-me que não o visitasse na 5.ª feira seguinte, visto que morreria às 2.30 da tarde desse dia.

«Confortei-o, dizendo-lhe que afastasse essas ideias e prometi-lhe que voltaria. Na última 5.ª feira à tarde recebi um bilhete de um filho do enfermo. Seu pai morrera sossegadamente.

«Alguns dias depois duas filhas dele vieram consultar-me e disseram-me que, na 4.ª feira, seu pai reuniu toda a família e repetiu o que me havia declarado, isto é, que morreria às 2.30 da tarde de 5.ª feira.

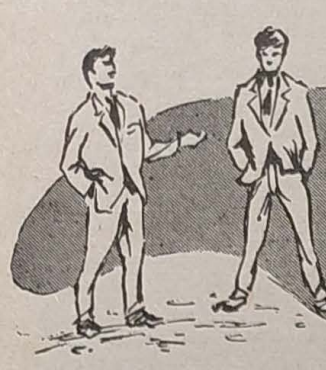
Neste dia todos os familiares o acompanharam no quarto de cama, excepto a mulher; e como a hora se aproximasse, mandou chamá-la com urgência, exclamando:

«— Depressa! Depressa, antes que seja tarde!

Ela veio a correr e quando bateram as 2.30, segundo contaram as duas filhas, seu pai suspirou, levou as mãos à cabeça, sorriu e morreu. Talvez nenhum dos meus colegas tenha tido uma experiência semelhante...».

Este artigo é desassombrado. Dá conta de um fenómeno em termos de simplicidade e verdade e bom seria que outros médicos utilizassem as colunas do *British Medical Journal* para nos revelar outros factos supranormais. Conhecemos alguns facultativos que o poderiam fazer, com grande proveito para a ciência. Mas não se atrevem, com medo de sanções ou para não serem votados ao ostracismo.

Sinal de velhos tempos, que parecem ultrapassados pelos tempos novos...



NOTAS e COMENTÁRIOS

«O ESTRANHO DESTINO DE CONAN DOYLE»

Eis o título de um artigo em que La Presse *(n.º 652) se refere ao grande escritor Conan Doyle, universalmente conhecido e cujo centenário se comemorará a 22 de Maio de 1959.*

La Revue Spirite *de Julho-Agosto insere a este respeito alguns comentários que passamos a referir.*

«Analisando cuidadosamente a obra de John Dickson Carr: «A Vida de Artur Conan Doyle», verdadeiro monumento consagrado a um homem excepcional, La Presse *soube avaliar os actos e o pensamento do criador de Sherlock Holmes, sem omitir o lado «missionário» desta nobre figura.*

«Em 1919 — diz o articulista — o governo inglês esteve quase a oferecer o pariato a Conan Doyle. Mas exigia que ele abjurasse o Espiritismo, a que se ligara depois de haver rejeitado o Catolicismo. O caso passou-se em 1887, quando o general Dayson lhe falou a primeira vez em Espiritismo. Em seguida leu muito, fez experiências e convenceu-se de que existiam «forças» supranormais. E em Junho de 1918 saía a sua profissão de fé — «A Nova Revelação» — livro a que deu o melhor de si mesmo».

Na verdade, Conan Doyle, médico, novelista e historiador de mérito, legou-nos alguns livros notáveis, entre eles a «História do Espiritualismo Experimental», em dois volumes substanciosos, consultados com grande proveito pelos estudantes da Doutrina.

O «destino de Conan Doyle», como lhe chamou La Presse, *é semelhante ao de outras personalidades eminentes, como Oliver Lodge, César Lombroso, Ochorowics e Gibier. A princípio incrédulos ou desinteressados, foram pouco a pouco abandonando a dúvida e cedendo à realidade. Charles Richet deu nobre exemplo de probidade mental ao escrever o célebre «Tratado de Metapsíquica», em que os fenómenos do Espiritismo são analisados e catalogados. Nesta redacção se encontra o 1.º volume, edição da Livraria Allan Kardec, de São Paulo, e brevemente serão editados os dois restantes.*

«ESPIRITISMO ACADÉMICO»

A propósito do artigo «Espiritismo Académico», de Deolindo Amorim, que inserimos em Maio último, publicou La Revue Spirite, *de Paris (n.º de Julho-Agosto) os seguintes parágrafos, que registamos:*

«Não será demasiado repetir que o eminente brasileiro Deolingo Amorim é uma das melhores penas do Espiritismo mundial. A sua linguagem, longe de ser dura e preconcebida, é rica de argumentos convincentes e decididos a favor da Doutrina, à qual devotou a maior parte da sua actividade.

«No seu artigo «Espiritismo Académico» escrito para Estudos Psíquicos *(n.º 5, Maio, 1958) diz-nos sem ênfase que, se o Espiritismo tem uma função essencialmente renovadora no espírito humano, não pode deixar de repercutir nos diversos ramos de cultura. O Espiritismo tem bases suficientemente sólidas para entrar nas academias sem prejuízo da sua influência no seio das multidões. O que é preciso é saber apresentar as bases da doutrina, a fim de evitar interpretações que posam comprometê-la ante as pessoas cultas ou sensatas.*

«E a concluir: Se queremos combater a ignorância que é a génese de tantos e tantos males do corpo e do espírito, devemos cuidar sèriamente da cultura espirita, que é cultura integral do intelecto e do sentimento».

Estas considerações são devidas à pena do nosso amigo Louis Fourcade, cultor da língua portuguesa e através da qual a revista em questão se costuma referir ao movimento espirita luso-brasileiro.

Pela nossa parte associamo-nos a La Revue Spirite *no tocante às merecidas referências a Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro e um dos mais cultos espiritistas brasileiros.*

O PEQUENO GÉNIO

L'Heure d'Etre, *de Paris, publicou há tempos uma notícia acerca de mais um pequeno génio ou menino-prodígio que apareceu no Oriente.*

«Sago Lane — diz a notícia — é uma rua de Singapura chamada «rua das casas mortas», por lá se alugarem quartos aos pobres da cidade, cujos pais se encontram moribundos. Pois nesta rua nasceu há sete anos o menino Lee Pan-Hon, filho de um amola-tesouras. Aos dois anos de idade cantava todas as canções, bastando ouvi-las uma só vez.

«Seu pai construiu-lhe um violino de uma caixa de sabão; e ele, sem conhecer qualquer nota musical, começou a arranhar no instrumento, até fazer com ele o que fazia com a voz. Tocava então na rua para se divertir.

«Aos cinco anos, o Director de um Conservatório encontrou-o e mandou educá-lo. Ano e meio depois o menino-prodígio chinês participou como solista num concerto do Teatro de Singapura».

O MENINO PREGADOR

Outro prodígio é Moacir, de 15 anos, que está entusiasmando os meios espiritas e espiritualistas de São Paulo. Discorre com tamanha fluência sobre a imortalidade da alma e muitos outros problemas de interesse humano, que produz admiração e espanto em todos os que o ouvem, sobretudo ao defender a infância e a juventude, a cuja Cruzada Nacional de Redenção pertence.

O Semeador, *de São Paulo, dá-nos a notícia com enorme satisfação, exclamando:*

— Os tempos são chegados! — eis a expressão que nos ocorre e que bem define o estado de coisas tão heterogéneo em que uns cruzam os braços, enquanto outros se desdobram ao serviço da humanidade.

REABERTURA DO CENTRO

No dia 12 de Outubro passado o *Centro Espiritualista «Luz e Amor»* reabriu as suas portas para mais um ano de actividade no desejo constante de fazer mais e melhor.

Apesar de ser um dia de sol esplendoroso, a sala encontrava-se completamente cheia. No estrado estava o Presidente Isidoro Duarte Santos, o prof. José Francisco Cabrita e o Dr. António Cardoso.

Abrindo a sessão, o nosso Director congratulou-se por ver ali tantos confrades e disse estar convicto de que este ano de trabalhos alargaria os horizontes do Espiritismo Português.

Referiu-se ao *Grupo de Estudos Filosóficos*, no qual todas as 4.as feiras os confrades poderiam expor seus pontos de vista, ou objecções, num ambiente de sã camaradagem, agradeceu o concurso de todos, salientando o trabalho dos médiuns e directores de sessões.

Estando no estrado a médium D. Maria Cecília Gorina, aproveitou o ensejo para lhe dirigir palavras de justiça, não só por se tratar de uma pessoa que serviu sempre incondicionalmente a colectividade, mesmo em períodos de doença, mas também por ser a médium mais antiga do Centro.

Francisco Cabrita louvou a iniciativa de Isidoro Duarte Santos e exortou as agremiações espiritas à união.

António Cardoso, depois de apoiar as palavras dos dois oradores, referiu-se a alguns factos de projecção internacional, entre eles, o 1.º prémio de Ciências de Subjugação dos Sentidos ganho pelo Dr. Martins de Oliveira em concurso realizado na Argentina, acabando por se referir a um curioso aparelho vibratório para tirar a fadiga que viu e experimentou no pavilhão americano da Exposição de Bruxelas.

E foi assim, neste ambiente de franco e espiritual convívio, que o *Luz e Amor* reabriu os seus trabalhos.

TRABALHOS DO CENTRO EM NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1958

Dia 2 de Novembro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 4, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência dirigido por Túlio Rosa.

Dia 5, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 7, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 9, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por José Francisco Cabrita, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 12, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Alice Cristina.

Dia 13, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 14, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 16, domingo, às 16 horas — Conferência de Adelaide Ivone de Sousa, intitulada «Os Mistérios da Magia».

Dia 18, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 19, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 20, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 21, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 23, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 25, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 26, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Alice Cristina.

Dia 27, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 28, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 30, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 2 de Dezembro, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 3, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 4, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 5, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Outubro — M. Margarida, de Elvas, 5$00; I. S., de Lisboa, 20$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Manuel Baptista Parente, de Newark, 100$00; Zeto, de Tavira, 2$50; R. Manuel, de Setúbal, 2$50; M. Teresa, de Ovar, 5$00. — *Total: 140$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estado da Doutrina Espirita	15$00
A Prece	10$00
Espiritismo	15$00
O principiante Espirita	15$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 42$00	30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 42$00	30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 42$00	30$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 42$00	30$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	25$00
Depois da Morte (nova edição)	40$00
O Porquê da Vida	20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	40$00
No Invisível (nova edição)	45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	45$00
A Evolução Anímica	42$00
O Fenómeno Espirita	40$00
A Alma é Imortal	45$00
A Reencarnação	45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	20$00
Enigmas da Psicometria	25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	32$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	20$00
Xenoglossia	25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	30$00
Casas Mal-assombradas	40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	60$00
Narrações do Infinito	25$00
Urânia	35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

	br.
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00	25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00.	30$00
Nó Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís*	35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel*	60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel*	35$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel*	
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes	38$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00	30$00
Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado	130$00
Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus	50$00
Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religoso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal	35$00
Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões»	30$00
Bagavad Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas	34$00
Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.	
1.º vol. — **A Caminho do Abismo,** passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572	30$00
2.º vol. — **Senda de Espinhos.** A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta	30$00
3.º vol. — **Estrada de Damasco.** Quadros da vida humana numa fazenda brasileira	30$00
O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritas — encadernado	40$00
Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos	54$00

	br.
Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire*	25$00
Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise	25$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança	60$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00	50$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar-Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu — enc. 35$00	20$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00	20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos* e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

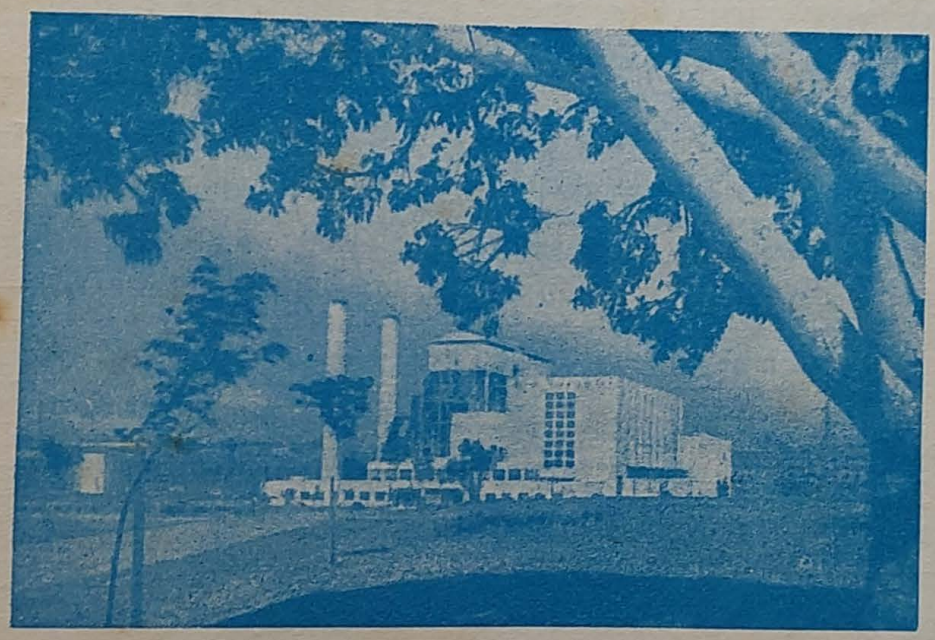
O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL



Usina Termeléctrica de Piratininga, no Estado de São Paulo

(Ver pág. 368)

CONTÉM : Não é Assim, da **Redacção;** Nos Domínios da Metapsíquica, por **José Francisco Cabrita;** A Vida do Além, por **José Lhomme;** Visão Consoladora, por **Paulo Alberto;** Previsão Espantosa, pela Médium **Enid Smith;** Natal de 1958, por **Rocha de Sousa;** A Mediunidade e o Médium; Palestras Doutrinárias, por **I. D. S.;** O Cão que Profetisou a Morte, por **Bill Wharton;** Natal dos Necessitados; Ecos de Uma Viagem — XLI — Do Rio a São Paulo, por **Isidoro Duarte Santos;** Apologia da Prece, por **Alfredo Miguel;** Só Espiritismo Científico?, por **Henrique Magalhães;** Auxiliares Invisíveis (Revelações Sensacionais do Médico **Lauro Neiva**); A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos;** Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Noticiário.

19.º ANO DEZEMBRO DE 1958 N.º 12

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro . . . . . Marechal Mário Travassos; Deolindo Amorim; Nelson Baptista de Azevedo; Dr. Newton G. de Barros
Nova Iguaçú . . . . . Mrs. A. W. Sungleton
Londres . . . . . Alfredo Miguel
Bahia . . . . . Dr. Paulo Hecker
Porto Alegre . . . . . Zalmino Zimmermann
Belo Horizonte . . . . . Dr. Noraldino de Melo Castro; Martins Peralva
Volta Redonda . . . . . Aleixo Vitor Magaldi
Buenos Aires . . . . . Dr. Luís Postiglioni
Rosário . . . . . Tito Livio Bancescu
México . . . . . Pedro Alvarez Gasca

Não se devolvem originais

Os artigos são da responsabilidade dos autores

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

Distribuidores: Agência Internacional de Livraria e Publicações—R. S. Nicolau, 119-2.º—Telef. 26 94 02

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286; *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244; *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

19.º ANO — LISBOA, DEZEMBRO DE 1958 — N.º 12

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

NÃO É ASSIM

Já viram um zoilo atacar o Espiritismo e chamar-lhe doutrina de Satanás? Já viram? Todo se esgana em motejo alardeando empáfia, como quem tem el-rei na barriga. Geralmente nada leu, nem ouviu. Sabe que é doutrina maléfica, porque lho disseram pessoas «idóneas» que afinal também não leram e que o souberam de outros nas mesmas circunstâncias. Se lhes pedem argumento-base dizem que estiveram no Brasil e que viram muita coisa. A verdade é que não viram nada, nem sabem nada. Mas vão andando e apregoando, que o número de tolos é infinito. Um provérbio russo diz que não se semeiam nem se plantam; nascem espontâneamente. E alguém afirmou que um tolo encontra sempre outro tolo para lhe ouvir a protérvia.

Há mentiras axiomáticas que destituiram a verdade na boca de certos críticos. E o mundo aceita a pacotilha, como se fosse bagagem de real valor. Referimo-nos ao mundo ignaro que julga saber muito, que não leu nem ouviu os que sabem, mas sabe que é tudo burundanga, menos aquilo que lhe ensinaram.

Que se há-de fazer a um tolo, se «não entra, não sai, não se senta, não se levanta, não se cala, nem está de pé como homem de espírito», no conceito de La Bruyère? Deixá-lo falar? Talvez seja a melhor maneira de o vencer. Os tolos que o ouvirem conhecerão o molusco que fixa a ideia e cerra o horizonte. E deixarão de ser tolos, para não envergonhar a espécie.

Não é assim que se ataca. Primeiro deve-se estudar e comparar, conhecer a fraqueza e demonstrá-la com argumentos. Quando se parte da hipótese para o facto, morre o critério, morre o raciocínio. E o remêdio é encolher os ombros à bravata.

Há doutrinas privilegiadas e doutrinas execradas. As primeiras, mesmo absurdas, têm foros de cidade; as segundas, mesmo racionalistas, são consideradas diabólicas. Assim vai o homem, assim vai o mundo...

O adepto sincero não olha ao número, olha à razão. Às vezes a quantidade mata a qualidade. Os que estão em maioria julgam que não, mas quase sempre se enganam. Que a vox populi *não raro é* vox diabli. *A* vox Dei *pertence mais ao escol do que à massa anónima.*

Por isso há «doutrinas execradas» e «incompreendidas» que lutam para se impor no concerto das ideias, não obstante a lógica que as envolve e a finalidade que as norteia. Exigem estudo muito sério. As «privilegiadas» não o exigem. A subserviência lhes basta. Apontam absurdos, como quem aponta bacamartes. Vão direitas ao alvo e atingem-nos em parte. Depois o adepto reconsidera e muda de rumo. Não foi cobardia, foi pura e simples reflexão.

Já viram um zoilo atacar o Espiritismo e chamar-lhe doutrina de Satanás? Não viram? Então vejam. Seu riso é de ignorância, de vanglória, de insensatez, como quem tem el-rei na barriga.

Contra isso, o conselho de Frei Luís de Sousa: «Não há coisa que mais quebrante os ânimos e as línguas serpentinas do que largar-lhes o campo com silêncio». Nem todos resistem à fórmula.

O Espiritismo não cura de zoilos. Sua tarefa pertence aos simples. Avança com firmeza, espancando as trevas do mal e chamando os bons ao redil. O que afirma, afirma; o que nega, nega. Insensível ao apodo, segue na sua rota imperturbável. É um refúgio, uma doutrina de resgate. Quem o estuda segue-lhe na esteira.

Não é assim que se ataca. O povo quer mais alguma coisa que arrogância. Quer verdade. A dor abriu-lhe os olhos à razão. Se um zomba, dois escutam. Não achincalham, não apedrejam, não servem o absurdo incongruento e mau.

E a luz se vai fazendo nas almas. A seara alteia a espiga para imitar a árvore do sândalo...

Nos Domínios da Metapsíquica

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

VII

Vamos, pois, entrar na parte mais transcendente destas *Mensagens*.

Pelo que temos referido é evidente que existe, em cada um de nós, uma parte espiritual ou psíquica — o espírito, e que, se ele pode manifestar-se longe do corpo a que pertence, implìcitamente se pode manifestar e muito melhor dar provas da sua presença, mesmo que já não possua o corpo que o prendia à terra.

E assim, perante os descrentes da sobrevivência da alma, que são, afinal, os crentes em todas as incongruências materialistas, estamos chegados ao ponto de tirar a natural conclusão de que existe o mundo espiritual, o mundo para onde voltam os espíritos dos que *morrem*, os espíritos que ficaram privados do corpo carnal, e mundo aquele onde eles continuam, aliás, com os mesmos temperamentos ou inclinações que tinham quando algemados à máquina corpórea.

Quem primeiro fez, no século XVIII, uma revelação clara da existência daquele mundo em termos mais ou menos experimentais e em obras de profundos ensinamentos filosóficos e teológicos, foi Emmanuel Swedenborg, intelectual sueco que nasceu em Estocolmo em 1688 e morreu em Londres em 1772.

Dotado dum espírito essencialmente prático, tornou-se depressa célebre pelos seus notáveis trabalhos científicos que lhe valeram a honra de ser eleito membro de várias corporações de sábios no seu país e no estrangeiro. As suas teorias sobre a constituição da matéria e a acção das ondas vibratórias constituem uma previsão notável das nossas teorias modernas.

Swedenborg era membro da Câmara dos Senhores, onde ocupava lugar entre os representantes da Ordem Equestre.

Teve as suas primeiras visões aos cinquenta anos de idade. A partir desse momento ele se ocupou mais de assuntos religiosos-teológicos, ou seja nos últimos trinta anos da sua vida terrena.

Alfredo Russel Wallace, o eminente naturalista inglês, pronunciou sobre Swedenborg o seguinte julgamento: «Nós temos tido grandes sábios, grandes filósofos e grandes teólogos; mas Swedenborg é o único na história do mundo que foi grande como homem de ciência, grande como filósofo e grande como teólogo: é porque ele foi único».

Estas referências e outras que se seguem a respeito de tão subida individualidade encontramo-las no livro de exaltação ao «Profeta do Norte», como alguns designam o sábio místico escandinavo, devido à autoria de Henry de Geymuller e sob o título «Swedenborg e os Fenómenos Psíquicos» aparecido em 1932, primeira obra que fez em língua francesa uma larga exposição das suas excepcionais faculdades de cientista, de filósofo e de privilegiado perscrutador da vida do Além, que, para nos dizer o muito que observou no mundo astral ou invisível, utilizou-se das suas faculdades de médium vidente, escrevente e intuitivo, e em parte das possibilidades que tinha de, conscientemente, provocar em si o fenómeno do desdobramento, a que temos feito repetidas alusões.

Eis algumas das suas observações:

«As almas são os espíritos, porque, quando o homem morre, ele torna-se um espírito. Assim pode também estar presente entre os homens. Isto me foi demonstrado por uma longa experiência. Com efeito estiveram ao pé de mim muitas pessoas que tinha conhecido na terra. Tive ocasião de as tornar a ver, quer durante alguns dias, quer durante semanas e meses.

«Estes espíritos estavam persuadidos de que se reintegravam nos seus corpos e que voltavam assim a este mundo. Se a reflexão não lhes fosse avivada, quanto a eles serem simplesmente espíritos, e que na realidade estavam separados dos homens, não eram capazes de se convencerem disso.

«Quando os espíritos estão conscientemente ao pé do homem e especialmente quando se detêm por detrás das suas costas, imaginam que são eles próprios em toda a realidade humana; e se lhes fosse permitido, (Swedenborg não acreditava que os espíritos pudessem comunicar connosco com as facilidades com que o fazem hoje) eles poderiam então comunicar os seus pensamentos oralmente por meio do homem, até mesmo por escrito. Mas isso não lhes é permitido.»

E Richard Adolf Hoffmann, professor na Universidade de Conisberga, no seu livro intitulado «*Kant und Swedenborg*» publicado em 1909 diz: «... o que nós sabemos de Swedenborg não nos permite pôr em dúvida a sua boa fé pessoal», e noutro lugar diz mais: «... a crítica científica, até a mais severamente objectiva, não pode senão inclinar-se diante dos factos, e reconhecer a realidade do dom de clarividência que constitui um dos traços mais admiráveis da personalidade do pensador sueco».

Apresentada, como o temos feito, a lata personalidade de Swedenborg, vamos relatar alguns factos transcendentes obtidos graças às suas excepcionais faculdades, que confirmam o que mais duma vez temos dito: a alma é uma entidade a quem o corpo obedece e de que ela nem sempre precisa para pôr em acção as suas faculdades.

Comecemos pela visão dum incêndio em Estocolmo, facto contado pelo célebre filósofo alemão Kant em carta dirigida a uma sua amiga e que foi reproduzida por M. Mater, conselheiro honorário universitário, no seu opúsculo «*Swedenborg, sa vie, ses escrits e sa doctrine*» publicado em 1863 em Paris.

A descrição daquele facto está nestes termos:

«O facto que se segue parece-me sobretudo ter maior força demonstrativa e dever abreviar toda a espécie de dúvida respeitante ao dom extraordinário de Swedenborg.

«Foi no ano de 1759 que o senhor Swedenborg, em fins do mês de Setembro, a um sábado, pelas quatro horas da tarde, voltando da Inglaterra desembarcou em Gotemburgo. O senhor William Cartel convidou-o para ir a sua casa com

mais quinze pessoas. À noite, às seis horas, o senhor Swedenborg, que tinha saído, voltou ao salão, pálido e consternado, e diz que naquele momento se tinha manifestado um incêndio em Estocolmo, no Södermalm, e que o fogo avançava com violência para a sua casa.

«Estava muito inquieto e saía várias vezes. Diz que já a casa dum seu amigo, que nomeou, estava reduzida a cinzas, e que a sua estava em perigo.

«Às oito horas, depois duma nova saída, diz com alegria: graças a Deus, o incêndio extinguiu-se na terceira porta que precede a minha.

«Esta notícia impressionou muito as pessoas com quem estava reunido, assim como toda a cidade. Na mesma noite comunicaram esta visão ao governador.

«No domingo de manhã Swedenborg foi chamado à presença daquele funcionário, que o interrogou sobre o assunto.

«Swedenborg descreveu exactamente o incêndio, o seu princípio, o seu fim e a sua duração.

«Naquele mesmo dia a notícia deste facto espalhou-se em toda a cidade, que se perturbou com ela ainda mais que o governador, e fixara nela a sua atenção, e muitas pessoas estavam em cuidados por motivo dos seus bens ou dos seus amigos. Na tarde de segunda-feira chegou a Gotemburgo um estafeta que o comércio de Estocolmo despachara durante o incêndio. Naquelas cartas o incêndio era descrito exactamente da maneira como acaba de ser dito.

«Na manhã de terça-feira chegou junto do governador um correio real com a descrição do incêndio, sobre as perdas que tinha causado e sobre as casas que tinham sido atingidas, sem que houvesse a menor diferença entre estas indicações e as que Swedenborg tinha dado. Com efeito o incêndio fora extinto às oito horas.

«Que podemos alegar contra a autenticidade deste acontecimento? O amigo que me escreveu examinou tudo isso, não sòmente em Estocolmo, mas, há quase dois meses, mesmo em Gotemburgo; ele conhece bem as casas mais distintas, e pôde informar-se completamente junto de toda a cidade na qual vive ainda a maior parte das testemunhas oculares, visto o pouco tempo decorrido desde 1759.»

★

É esta a parte da sobredita carta relatando o facto da visão dum incêndio à distância de 50 léguas, sendo evidente que, não havendo então os rápidos meios de comunicação que existem hoje, ele só podia ser visto e observado pelas faculdades videntes da alma agindo independentemente dos órgãos visuais do corpo, ou colhido o relato do acontecimento em informações transmitidas por espírito amigo servindo-se da mediunidade auditiva.

Em qualquer dos casos há a revelação da existência do mundo espiritual.

Mas há mais neste género de «revelações»:

O professor Dr. Rudolf Tafel possuía da neta de Bolander, fabricante que jantou com Swedenborg em Gotemburgo em 1770, o relato do seguinte facto, tirado duma carta que lhe dirigira a ele a senhora A. A. de Frese e que o dito professor menciona no seu livro «Documents Concerning Swedenborg», edição de Londres de 1875:

«Durante o jantar, Swedenborg voltou-se sùbitamente para Bolander e diz-lhe:

— Vós farieis bem em ir à vossa fábrica.

«Este, surpreendido com o tom de voz levantou-se e foi a sua casa, onde encontrou um princípio de incêndio que teria consumido toda a sua fábrica, se não tivesse sido avisado a tempo.

«Agradeceu então ao sábio sueco, que lhe sorriu e lhe disse que tinha visto que o perigo era eminente, o que explicava a sua brusquidão».

Mas há mais, neste género de vidência a distância, o que segue, constante da citada obra do Dr. Rudolf Tafel. É uma história contada pelo escritor alemão Jung-Stilling, que conhecia todas as pessoas nomeadas nela, e a jovem noiva, a que a mesma história faz referência, foi mais tarde cliente do dito Dr. Rudolf. O caso passou-se durante o banquete de noivado da referida jovem, em que, em certa altura, a conversação incidiu sobre as aparições espirituais que um dos assistentes acreditava serem possíveis.

O narrador menciona o nome deste crente e de outras personagens comparticipantes do citado banquete. Três padres que se encontravam presentes eram de opinião contrária e manifestavam-se contra tudo em que se fundamentava o crente nas ditas aparições. Alguém invoca então o nome de Swedenborg apontando as suas faculdades excepcionais.

Os três sacerdotes acusaram-no imediatamente de fanático e de herético, e qualificaram as suas relações com os habitantes do mundo espiritual de imposturas e de desvarios.

«— Senhores, diz então o irmão da noiva que residia em Amsterdão, acreditar-me-eis se vos contar a respeito de Swedenborg uma coisa que eu vi e ouvi?

«Todos conheciam o senhor G... (um dos que tomavam parte no banquete e irmão da noiva como se disse) e sabiam que era um homem que acreditava em Deus e amava a verdade. Eis a razão porque toda a gente se declarou pronta a aceitar o seu testemunho.»

Ele continuou então:

«— No ano de 1762, no próprio dia em que morreu o imperador Pedro III da Rússia, Swedenborg estava presente comigo em uma recepção em Amsterdão.

«Ele mudou de repente de fisionomia, e vimos que a sua alma não estava presente, e que se passava nele qualquer coisa de extraordinário.

«Logo que ele voltou a si, perguntámos-lhe o que acabava de acontecer. Esquivou-se a princípio às perguntas, mas, vendo as repetidas instâncias, disse enfim:

«— Neste momento, nesta mesma hora, Pedro III é morto na sua prisão. (E descreveu o seu género de morte). Senhores, prosseguiu Swedenborg, tomai nota deste dia, a fim de que possais comparar esta data com a que será dada pelas gazetas que anunciarão a sua morte.»

Os jornais não tardaram a anunciar a morte do imperador que, com efeito, morreu naquele mesmo dia.

★

E o sr. Matter, autor já citado duma obra sobre Swendenborg, ao fazer referência aos casos narrados pelo mencionado escritor alemão Jung-Stilling que conheceu pessoalmente, diz que «ele foi o mais honesto, o mais santo dos homens, mas que foi também, a despeito dos seus ares de fino crítico e arguto investigador, o mais crente dos mortais.»

Pois este sr. Jung-Stilling conta mais um caso, a respeito de Swedenborg, que dá bem uma ideia das possibilidades de comunicação com o mundo espiritual e é mais uma demonstração da existência de tal mundo, demonstração feita depois por inúmeros indivíduos acicatados pela dúvida, em vários lugares e em várias ocasiões.

Conta — repetimos — assim:

«Devo ajuntar aqui uma quarta prova experimental que não foi ainda publicada até hoje e cujo

valor é, sob todos os pontos de vista, igual ao das narrativas precedentes (refere-se a algumas das que já transcrevemos).

«Posso garantir a autenticidade do que se segue da maneira mais formal.

«Pelo ano de 1770 havia em Elberfeld um comerciante com o qual vivi na maior intimidade no decurso dos sete anos que passei naquela cidade. Era um verdadeiro místico, na acepção mais pura desta palavra. Falava pouco, mas as suas palavras eram como frutos de ouro em uma bandeja de prata. Por nada neste mundo ele ousaria dizer, conscientemente, uma falsidade. Este amigo, que há longos anos trocou a terra por um mundo melhor, contou-me o caso seguinte:

«Os seus negócios obrigaram-no um dia a dirigir-se a Amsterdão, onde Swedenborg residia naquela época.

«Tendo ouvido falar e lido muito deste homem singular, resolveu ir procurá-lo, a fim de melhor o ficar conhecendo.

«Foi, pois, fazer-lhe visita e encontrou um ancião de aspecto venerando e muito amigável, que o recebeu cortezmente e o convidou a sentar-se, e, após isto, travou-se a conversação seguinte:

O negociante. — Chamado aqui pelos meus negócios, não pude, senhor, privar-me da honra de vir apresentar-vos os meus cumprimentos. Os vossos escritos obrigaram-me a considerar-vos como um homem notabilíssimo.

Swedenborg. — Posso perguntar-vos donde sois?

O negociante.—Sou de Elberfeld, no ducado de Berg. Os vossos escritos contêm tantas coisas belas e edificantes, que têm produzido em mim uma impressão profunda; mas a fonte donde tirais a vossa ciência é tão extraordinária, tão estranha e tão pouco vulgar, que não devereis, sem dúvida, querer mal a um amigo sincero da verdade, se ele vos pedir provas incontestáveis das vossas relações com o mundo espiritual.

Swedenborg. — Seria muito pouco razoável da minha parte levar a mal o vosso desejo; mas eu julgo que tenho dado provas bastantes e incontestáveis.

O negociante. — Quereis referir-vos às que toda a gente conhece, isto é, à história da rainha, do incêndio de Estocolmo e do recibo encontrado?

Swedenborg. — Perfeitamente, e essas histórias são verdadeiras.

O negociante. — E contudo têm formulado muitas objecções contra elas. Permitis que me aventure a propor-vos que me dês uma prova semelhante?

Swedenborg. — Porque não? De muito boa vontade.

O negociante. — Eu tinha outrora um amigo que estudava teologia em Duisburgo, onde morreu tuberculoso. Visitei este amigo pouco tempo antes do seu falecimento. Conversámos sobre um importante assunto. Podereis saber dele o assunto da nossa conversa?

Swedenborg. — Veremos. Qual era o nome do vosso amigo?

(O negociante disse-lhe o nome do referido amigo).

Swedenborg. — Quanto tempo permaneceis vós aqui?

O negociante. — Cerca de oito ou dez dias.

Swedenborg. — Vinde procurar-me decorridos alguns dias. Verei se posso encontrar o vosso amigo.»

★

«O negociante despediu-se e foi ocupar-se dos seus negócios. Depois de alguns dias voltou a estar com Swedenborg cheio de esperança. O ancião recebeu-o com um sorriso.

«— Falei com o vosso amigo, diz-lhe ele, e o assunto da vossa conversação era *a restauração de todas as coisas.*

«Depois disto relatou ao comerciante, com a maior precisão, o que ele e o seu amigo tinham dito.

«O meu amigo tornou-se muito pálido, porque esta prova era esmagadora e irresistível e perguntou ainda a Swedenborg: «— Que é feito do meu amigo? Está ele no número dos bem-aventurados?»

«Swedenborg respondeu-lhe: «— Não, ele não está ainda no céu; está ainda no mundo intermediário, onde atormenta continuamente o seu espírito com o problema *da restauração de todas as coisas.*»

«Esta resposta encheu o meu amigo da maior surpresa, e exclamou:

«— Meu Deus! mesmo no outro mundo?»

«Swedenborg respondeu-lhe:

«— Certamente: um homem leva consigo as suas tendências e as suas opiniões favoritas, e é muito difícil desembaraçar-se delas. Nós deveríamos, pois, deixá-las cá neste mundo.»

«O meu amigo despediu-se deste homem notável, perfeitamente convencido, e voltou a Elberfeld.»

★

Acabámos de fazer uma circunstanciada referência ao movimento espiritualista nórdico lançado por Swedenborg, que se caracteriza por ser o precursor do movimento neo-espiritualista ou espiritista iniciado na segunda metade do século XIX, e que vai, presentemente, tomando as largas proporções dum movimento mundial.

Terminamos, assim, a primeira parte destas *Mensagens* e começaremos a publicar, no próximo número desta acolhedora revista, a segunda série designada *Mensagens aos materialistas sobre o neo-espiritualismo.*

AOS NOSSOS REPRESENTANTES NO BRASIL

Como dissemos no mês de Novembro, «Estudos Psíquicos» aumentará o preço da assinatura anual a partir de Janeiro de 1959.

Nesta conformidade, pedimos aos nossos estimados representantes que tenham em conta esta deliberação imposta pelas circunstâncias e liquidem todas as assinaturas anuais a Cr. $200,00, devendo o respectivo numerário ser enviado a António J. Monteiro, Rua Miguel Frias, 20, 2.º loja — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro.

Desde já agradecemos.

A VIDA DO ALÉM

Por JOSÉ LHOMME

II

De princípio, eu falava e o meu protector respondia-me com a sua voz, ou, pelo menos, eu julgava que falávamos como na terra, mas em breve notei que era inútil, pois de antemão eu conhecia as suas respostas: a faculdade de transmissão do pensamento, da qual se falava vagamente na terra, era aqui um facto normal. Muitas vezes o meu guia dava-me tempo a tirar, por mim próprio, as conclusões; velava apenas para que eu não me perdesse na massa das novas impressões que, contudo, provinham todas, lògicamente, do facto de a alma já não estar aprisionada na matéria grosseira do corpo.

Sentia-me feliz como um passarinho liberto repentinamente da gaiola na qual estive cativo desde a nascença. Sentia, no meu novo estado, a utilidade das meditações feitas na terra, tentando desvendar o mistério do desconhecido e, com alegria, notava que, sobre muitos assuntos, tinha chegado a conclusões acertadas nas suas linhas gerais, mas, claro está, completamente novas quanto aos pormenores.

A vida passada na terra continuava a perseguir-me; todos os meus pensamentos e todos os meus actos apareciam com uma clareza assombrosa e via os efeitos e as consequências longínquas desses pensamentos e desses actos.

O meu protector, lendo o que se passava na minha alma, dizia-me: «É bom que sofras pelo mal que fizeste; mas não te entregues ao desgosto; terás oportunidade de muito reparar».

Estas palavras consolavam-me e davam-me coragem para aprofundar o alcance dos meus maus pensamentos e das minhas más acções.

Compreendia que, o que conta sempre, são as razões do pensamento ou da acção. Desta maneira, uma acção que parecia ser um benefício, não era mais, na verdade, do que o efeito de um interesse egoísta e contava aqui como um dos piores actos que eu havia cometido.

Quis saber o que tinha a fazer neste mundo aonde chegara. O meu protector respondeu-me: «Ainda não estás no mundo para onde deverás passar; o teu estado de alma ainda o não permite; a tua alma deve encontrar o seu equilíbrio; deves saber claramente até que ponto estás preparado, a que sacrifício a tua alma está disposta, porque a vida no mundo onde entrarás ou nascerás desenrola-se no amor que não praticaste suficientemente na terra, no amor que se esquece e se sacrifica ao serviço do próximo, ao serviço das almas que se encontram nas trevas espirituais. Deverás iluminar-lhes o caminho para o Progresso; deverás ensinar-lhes o amor divino, mas deves, antes de tudo, compreendê-lo tu próprio. Os sentimentos de remorso e de arrependimento verdadeiro que leio na tua alma são caminhos que te leverão ràpidamente ao mundo da luz. Não penses contìnuamente na vida passada, apressa-te, para que eu te mostre esse mundo que é o limiar do mundo do amor».

Foi assim que o meu protector me deu a paz e a coragem de que carecia para abordar a vida que, vagamente, começava a aclarar-se para mim. Compreendi que a vida que me esperava não seria nem sofrimento eterno, nem êxtase, nem felicidade, tal como a representam as várias religiões, mas que seria uma verdadeira continuação da vida terrena, cheia de trabalho em prol do meu próximo: o trabalho do amor.

Aprecebia-me cada mais da continuação da vida da minha alma; a desaparição do meu corpo terrestre não me havia modificado de forma alguma; a minha alma ficaria tal como era, mas a compreensão das coisas, que na terra era obscura e vaga, aclarava-se agora. Sentia os resultados do trabalho de toda a minha vida passada, que consistira em compreender-me e conhecer-me a mim próprio. Este trabalho tinha-o feito só. A maior parte dos meus familiares e dos meus amigos não o compreendiam. Uns, eram apenas ignorantes, só as coisas da terra os interessavam. Outros tinham receio de deixar que as coisas da terra os interessassem. Outros tinham receio de que as suas almas voassem para a verdadeira vida.

Alguns escutavam-me, mas com medo e dúvida; ninguém tinha a coragem de deixar falar a sua alma, de a deixar viver e seguir livremente. O medo do ridículo, o receio de faltar às conveniências, aos costumes do rebanho, faziam parar os que sentiam que a Verdade estava ausente das suas vidas e, contudo, não tinham a coragem de se deixarem guiar pelas suas almas. Compreendi que os esforços que fizera na terra para conseguir que os humanos admitissem que só a vida da alma contava para a existência futura eram justos e, mais do que nunca, eu queria ajudar o meu próximo gritando-lhe que tinha razão.

Pouco a pouco, a minha alma encontrou o equilíbrio que devia atingir. Todos os pensamentos e todos os actos da minha vida se escalonaram então numa ordem tal, que me permitiu discernir claramente os defeitos que conservava e que era forçosamente necessário eliminar.

O meu protector, que me preservava dos maus pensamentos e das más influências e seguia o aperfeiçoamento da minha alma, disse-me: «Estás pronto a entrar no mundo da luz. Lembra-te de que não poderás sentir a menor sombra de vaidade; esse sentimento poderia fazer-te sair desse mundo onde vamos entrar; todos te darão muito amor; dá-lhes, em troca, tudo aquilo de que fores capaz, até à última gota. Quando se possui a fonte do amor, ela é inesgotável e, quanto mais deres, mais a fonte se encherá e tu quererás dar sempre mais; não pares e a tua vida neste mundo será uma felicidade crescente».

Não falo do tempo que levou a transformação da minha alma, porque a noção do tempo terrestre não existe onde essa transformação se opera. Mas devia ter levado muitos anos.

Assim, entrei no mundo da luz, pois a noite

não existe ali, nem no sentido próprio, nem no sentido espiritual. Neste mundo tudo é luz, som e perfume e forma uma harmonia ideal.

Ao princípio falei da capacidade que a alma possui na vida terrestre; neste mundo subsistem todas as faculdades abstratas, mas transformam-se as faculdades físicas. Assim, a vista, o ouvido, o tacto e o olfacto transformam-se numa capacidade de sensações de todo o ser; o paladar, como nós o compreendemos na terra, não existe, porque aqui não se come, alimentamo-nos — se a isto se pode chamar alimento — com as sensações da beleza das coisas. Não se deseja beber, mas tem-se sede de beleza sob todas as formas espirituais e materiais. Mesmo a fadiga é desconhecida, assim como o sono; repousamos mentalmente. É como se dormíssemos com os olhos abertos. O tempo — devo empregar esta palavra, porque não tenho outra — passa-se no trabalho de ajudar as almas que se encontram nas esferas inferiores.

Como está longe esta vida cheia de acção e de estudo daquela que nos apresentaram como passada em beatude inútil! Vi almas deste género, que se entregavam a esta ocupação de maníacos; essas não podiam progredir. No nosso mundo de luz e em todos os que estão mais além, a glorificação de Deus está nos pensamentos e nos actos com que procuramos fazer bem às almas menos felizes que não puderam passar ao mundo da luz e às almas que vivem sobre a terra.

Após a minha passagem ao mundo da luz, já não sentindo mais qualquer atracção pela matéria, desço muitas vezes à terra e tento ajudar os meus familiares e amigos nas suas necessidades espirituais.

Noutros momentos, as almas evoluídas abordam as esferas inferiores. O seu objectivo é persuadir uma alma de que lhe é possível acabar com a existência lamentável que leva. As almas desta espécie estão de tal modo impregnadas das coisas terrestres, de tal maneira possuidas pela obsessão da matéria, que o seu desejo é voltar à terra, custe o que custar.

Para elas, o bem, o belo, o amor, não existiram; acreditavam apenas na força da matéria; eram egoístas e cheias de ideias falsas. Aproximar-me delas era difícil; recebiam-me com injúrias e blasfémias; não queriam ouvir-me. Faltava-lhes paciência e amor; sobretudo amor.

Vi que algumas destas almas infelizes tinham acessos de tristeza; é neste momento que se tornam acessíveis. Tinha que falar a muitas. Como já não viviam na terra, pensavam que estavam doentes ou que sonhavam. Era preciso ajudá-las, reavivando-lhes a memória e assim conseguia demonstrar-lhes que estavam vivas, mas que os seus corpos terrenos haviam morrido.

A minha alegria era imensa, quando, após trabalho duro, aparecia um raio de luz numa alma consciente: depois disto a minha missão era comparativamente fácil; era necessário agrupar estas almas já despertas e preservá-las da influência de outras que faziam todo o possível por entravar o nosso trabalho, que devia fazer por mim próprio, e só nestes momentos muito penosos o meu protector me auxiliava. Quando sentia fraquejar a minha coragem, eu chamava-o.

Este trabalho, fortificava o verdadeiro amor que nascia em mim. Os momentos de repouso, quando eu subia à minha esfera, eram deliciosos.

Cada alma, quando abandona a terra, tem uma alma do nosso plano que vai ao seu encontro no momento da partida (a morte), para a ajudar e proteger. Muitas vezes, nenhuma ajuda lhe pode dar, quando a alma que chega não admite a continuação da sua vida e julga que tudo termina com a vida na terra.

A certeza de que no momento da partida não estaremos sós, que uma alma cheia de amor estará junto de nós, deve fazer-nos esquecer todo o receio. É preciso acreditar absolutamente neste facto. Por meio desta fé abreviamos, facilitamos a nossa aproximação da alma amiga.

A fé, a vontade e o amor são as três forças que nos permitem alcançar as esferas superiores.

Por vezes, quando regresso para socorrer os humanos, verifico que os que realizam comunicações com o além se queixam de que, nas suas pesquisas sobre assuntos desconhecidos, não recebem os ensinamentos que lhes poderiam abrir novos horizontes; acham que as respostas vindas do Além são banais ou provêm de entidades de inteligência medíocre. Compreendi as razões destes factos que certos homens de ciência explicam erradamente. Primeiro, na maioria dos casos, entra-se em contacto com almas do primeiro plano, quer dizer, do plano mais próximo da terra. As almas dos planos superiores não se dão ao trabalho de divertir os humanos que se entregam a esta ocupação com o fim de satisfazer curiosidades sem qualquer fim determinado. As almas dos primeiros planos, se bem que mais evoluídas que os terrícolas, estão longe de os poder esclarecer sobre assuntos que os interessam, visto que progridem numa massa de impressões novas.

Em segundo lugar, se um espírito superior viesse esclarecer-nos, suponhamos, sobre a questão da evolução da alma, e se pudessemos fazer um tratado com estes esclarecimentos, não tiraríamos qualquer vantagem. Porquê? É que, para compreendermos a evolução da nossa alma, é preciso passarmos pela vida, segundo as leis da evolução, e pelas experiências que nos ensinarão a pôr em prática estas leis. Na terra passa-se a mesma coisa. Toda a educação é nula, se não fizer de nós mais do que simples teóricos. Na teoria sabemos tudo; na prática, nada.

Perguntais a vós próprios: então, porque é necessário começar pela possibilidade de obter revelações superiores? Repito ainda: ponde em prática a lei do amor e as revelações virão por si mesmas, porque a vossa alma, pela experiência, estará pronta a receber e a compreender o caminho da sua evolução gradual.

Passa-se o mesmo em todas as ciências; os humanos devem chegar por si próprios a todas as descobertas, ajudados pelas almas superiores. Mas isto não percebem eles.

O progresso da humanidade faz-se lenta e gradualmente, não se faz aos saltos, que poderiam alterar a harmonia do progresso. Tudo chega a seu tempo. No mundo em que me encontro, estudo todos os ramos das ciências que me interessam, mas só nos limites da minha inteligência.

É verdade que a compreensão é mais fácil do que era na terra, pois a matéria, que tudo obscurecia, não existe aqui.

O progresso só começa, quando a alma atinge o equilíbrio e a estabilidade completa.

A religião, no sentido terrestre, não existe, porque neste mundo é ùnicamente o amor e a submissão à vontade divina nos pensamentos e nos actos. A prece existe, não em palavras, em formas, em

VISÃO CONSOLADORA

Versos para serem musicados
e cantados por Alfredo Mello.

A noite é fria e trevosa.
Debalde se olha a amplidão
Em busca de claridade ...
É completa a escuridão.

Penso em ti, ó mãe querida
E, de repente um clarão,
Um jorro de luz divina
Me trasborda o coração!

Como que, de instante a instante,
Se adensa mais o negror!
Não brilha uma só estrela!
O espaço infunde pavor!

Que me importa, mãe querida,
Essa treva exterior,
Se vens trazer à minh'alma
Teu deslumbrante esplendor?

Que tristeza pela Terra!
Que silêncio tumular!
Parece que toda a gente
Vai esconder-se no lar!

Sigo, calmo, o meu caminho,
O coração a cantar,
Que em minh'alma resplandece
A tua luz de luar!

BAHIA, 1950

PAULO ALBERTO

gestos, mas na vontade do pensamento que permite à alma subir até aos planos superiores. Se o estado da alma é receptivo, recebe as forças que lhe darão a possibilidade de evoluir.

A alma deve alimentar-se da prece; a falta deste alimento fá-la descer aos planos inferiores. As almas fracas, preguiçosas, não conseguem subir, porque não estão endurecidas pelas experiências da vida. Sabem que não puderam elevar-se, compreendem que devem renascer para outra vida terrena e deixam-nas partir. Esta compreensão, nas almas relativamente evoluídas, vem-lhes naturalmente, ao passo que, para as almas atrasadas, a volta à terra faz-se automàticamente. O seu grau de evolução é tão baixo, que não compreendem o seu próprio interesse; são então as forças superiores que agem por si próprias.

A prece, no mundo em que vivo, exprime-se por som, luz e cor. A alma em prece dá uma harmonia completa pela qual ela tenta pôr-se de acordo com o plano a que aspira; se é bem sucedida, é o êxtase; senão, é o desgosto, mas recomeça tantas vezes, quantas as precisas até que obtém o que deseja.

A adoração de todos os seres forma assim um concerto prodigioso que enche o espaço e sobe até Deus. É a saudação dos filhos ao Pai, a homenagem rendida pelas criaturas ao Criador. Por toda a parte, recolhendo-nos, ouvimos o cântico admirável que todo o ser dirige à Grande Alma. É solene a prece dos mundos, o seu canto grave e profundo faz vibrar a imensidade e só os Espíritos compreendem o seu sentido sublime.

Aqui terminamos a descrição, depois de termos tentado dar uma ideia do que é o começo da vida espiritual, baseados nos ensinamentos dos Espíritos. É o fim de todas as almas, o meio onde todos os sonhos de felicidade se realizam, onde as nobres aspirações são satisfeitas, onde as esperanças perdidas, onde os afectos reprimidos se expandem em liberdade. Lá, as simpatias e as afeições puras encontram-se, unem-se e fundem-se num imenso amor que envolve todos os seres e os faz viver em comunhão perpétua no seio da grande harmonia.

Todavia, para atingir estas alturas quase divinas, é preciso ter abandonado as paixões e os desejos; é preciso ter sido rasgado pelos espinhos da adversidade. É preciso ter conquitado a doçura, a resignação, a fé; ter aprendido a sofrer sem múrmurios, a chorar em silêncio, a desdenhar os bens e as alegrias efémeras do mundo, a pôr todo o seu coração nos bens que perduram para sempre. É preciso ter deixado nas sepulturas terrestres despojos deformados pela dor, ter sofrido com valor as privações, ter suportado sem queixumes a humilhação, o desprezo; ter sentido a mordedura do mal, o peso do isolamento e da tristeza. Porque só o sofrimento, desenvolvendo as forças virís da alma, a tempera para a luta e para a ascensão. Depura-a, amadurece-a, educa-a e abre-lhe as portas da vida venturosa.

Amigos, se quereis um dia percorrer ràpidamente a cadeia magnífica dos mundos, ganhar as regiões etéreas, atirar para bem longe tudo quanto possa tornar mais pesados os vossos passos a atrasar o vosso desejo, dai à terra o que é da terra e aspirai só aos tesouros eternos. Trabalhai, orai, consolai e amai até à imolação do vosso ser. Assim semeareis os germes da vossa felicidade futura!

FIM

PREVISÃO ESPANTOSA

Pela médium ENID SMITH

Em Abril de 1956 o mundo espiritual fez tão imprevistas demonstrações, que poderiam vir a ter significado mundial.

A experiência prevista dar-se-ia no aniversário de Benjamim Franklin, grande diplomata, filósofo, escritor e cientista, antigo sócio da *Real Sociedade de Londres*, condecorado com a «Copley Medal», em virtude dos seus trabalhos em prol da ciência experimental e digno de homenagem na terra e no Além. Os amigos do alto dizem que nos acompanham neste esforço. O espírito de Franklin, agregado ao grupo espiritual nos primeiros tempos do Espiritismo, assumiu a direcção do movimento.

Vai dirigir agora este projecto auxiliado por Tomás Edison e Heinrick Hertz, que estuda as ondas cerebrais, e outros cientistas desencarnados que durante a vida terrena pertenceram a diversas nacionalidades.

O mundo beneficiará largamente deste acontecimento no sector dos fenómenos psíquicos e verificará que os cientistas continuam preocupados com os nossos problemas, embora já pertencessem ao mundo espiritual. O seu objectivo é ajudar o progresso da humanidade.

A prova da existência das ondas cerebrais e sua reprodução em «extras» ou formas espirituais na televisão abrirá também novos caminhos à investigação científica. Será, na realidade, espantoso ver projectadas nas telas figuras de grandes homens, como Lincoln e Rooselvelt em sinal da sua influência nos diversos ramos do progresso.

Às vezes o mundo etérico lembra-nos a sua presença entre nós. Há tempos recebeu-se a comunicação, segundo a qual dentro de cinco anos haveria televisão a cores, previsão que está prestes a revelar-se. Muitos se lembrarão ainda do tempo em que o espírito de Grace Moore foi projectado na televisão. Houve quem julgasse que os aparelhos estivessem avariados. Em Long-Island a sua figura permaneceu três dias e noutros lugares teve duração menor. É este o objectivo dos cientistas etéricos; simplesmente querem aplicá-lo em grande escala, ou seja, em experiências de maior alcance.

Entre os principais colaboradores do empreendimento está o famoso Hertz, que ampliou os trabalhos de Miguel Faraday sobre as ondas electromagnéticas, mais tarde chamadas hertzianas e que tiveram grande influência na descoberta da telegrafia sem fios. Hertz trabalha com o conhecido cientista Helmohltz.

Tomás Édison, antigo espiritista, exerce grande influência no projecto. Como sabem, durante a vida terrena foi grande investigador dos fenómenos eléctricos, tendo dado ao mudo a lâmpada eléctrica, o fonógrafo e muitas outras coisas. Ele, o seu assistente e muitos cientistas esforçam-se por mostrar ao mundo a existência de ondas cerebrais, dizendo que através delas se projectarão «extras» de seres desencarnados na televisão.

Em 19 de Abril de 1956, o Dr. Hertz falou através de «voz directa» acerca do seu trabalho no Além e do seu interesse pelas ondas cerebrais. Referiu-se à ideia de projectar a figura de outros chefes de Estado de grande envergadura. Os cientistas pensam que o facto evidenciará não só a importância da electricidade, mas também o trabalho dos espiritas no nosso progresso. Querem concorrer para melhorar o mundo em que viveram.

Em 26 de Abril de 1956 comuniquei por «voz directa» com o espírito do jovem cientista Ray Stanley acerca dos fenómenos electrónicos e disse-me que trabalha com Édison e outros, que é verdadeira a previsão de televisão a cores e que tem havido projecções de «extras» nas telas americanas. Afirmou também que em breve apareceria a figura de Abraham Lincoln e de outros políticos desencarnados e que tais personagens se colocariam em determinado lugar da tela, esperando que o presidente Coolidge, adepto republicano, estivesse ao lado de Lincoln. Pelos democráticos tentariam experimentar com Jennings Bryan e lembrou-me que, se conseguissem reconhecer a sua voz, seria admirável. Fariam o mesmo com Franklin D. Roosevelt. Stanley concluiu, dizendo que esta demonstração seria talvez o maior passo na investigação científica e que Édison e outros planeavam oferecê-la em altura oportuna, por ocasião de grandes acontecimentos políticos.

— Se pudéssemos comunicar isto ao mundo antes de acontecer — disse ele — seria realmente interessante para o Espiritismo. Quer auxiliar-nos neste sentido?

Claro, que prometi fazer o que pudesse para satisfazer esses amigos do plano espiritual.

Perguntei-lhe quais os jornais para onde deveria enviar a comunicação e respondeu:

— Qualquer jornal publicará a notícia.

O Dr. Barton Elen, meu guia espiritual e antigo director do *Harmonia College, Liberal Arts* e *Spiritual Science*, explicou a importância desta predição e acrescentou:

— O nosso propósito é obter «extras» na televisão e a época convencionada é Julho e Agosto. O senador Taft consentiu apresentar-se como «extra» entre os republicanos.

Estas predições são semelhantes às de *Nostradamus*, quando diz: «Haverá tendência para actividades científicas que se desenvolverão no sentido de possibilitar um conceito revolucionário das forças da natureza.

O grande profeta do século 16 declara também que as manifestações de telepatia, telecinesia, clarividência e muitos fenómenos espiritas abrirão a porta às actividades científicas e que o mundo já começa a reconhecer a existência de certas leis imponderáveis que abrangem o Cosmos. Esta experiência de agora, bem como a demonstração psíquica a realizar este verão, será parte do empreendimento.

(Tradução de H. C.)

NOTA — Este artigo foi-nos enviado em Maio de 1956 pelo autor, que o enviou ao mesmo tempo a outras publicações espiritas. Não sabemos se algum jornal americano o inseriu, nem qual o resultado da experiência. Publicamo-lo sob reserva e a título de curiosidade, à espera de elementos conclusivos.

NATAL 1958

Por ROCHA DE SOUSA

A PIETÁ

A propósito da *Pietá*, de Miguel-Ângelo, Giovani Papini escreveu com profunda melancolia este comentário:

«A Virgem, muito jovem e triste, contempla eternamente a palidez marmórea do Filho morto, deitado no seu regaço. Parece que sòmente Ela, neste templo infindável, se recorda, esta manhã, do mistério que revolucionou e renovou o género humano».

A NOITE TRISTE

Aquela noite em que todos se desdobram fartamente, em risadas alegres; aquela noite em que se ri e canta e recorda; aquela noite em que as massas populares, endomingadas e vaidosas, se dirigem para a Missa do Galo e enchem o silêncio dos templos; aquela noite em que se iniciam furtivamente alguns idílios, e os bebedores bebem vinhos vários, e as crianças derretem a cera das velas, e as velhas falam das vizinhas e do seu tempo morto; aquela noite em que todos comem, em que todos gritam, em que todos, carnavalescamente, dão largas à sua alegria sempre tão limitada pelas circunstâncias dolorosas da vida, — essa noite é uma noite triste. E não importa que seja também a noite em que muitos cristãos mais verdadeiros se dobram nas lajes e dão graças a Deus pela vinda do Filho Dele à Terra: — mesmo esses estão alegres e também festejam tradicionalmente esse nascimento trágico.

ALEGRIA NO CALVÁRIO

Há muitos anos, quando assistia à procissão dos Passos e reparava na máscara dolorosa de muitos rostos, encontrei de repente uma cara maravilhosamente aberta e alegre. No meio de algumas lágrimas hipócritas, envolta nos panejamentos e no ritual dessa simulação tradicional, aquela cara enrugada e simples, assim aberta e assim sorridente, pareceu-me um maravilhoso paradoxo, um tema aliciante.

A procissão, sinuosa e ordenada, subia uma certa ladeira de reminiscência mourisca. Um silêncio quebrado pelos passos da turba enchia a tarde fina e um pouco fria. Algumas velhas doídas do tempo e da vida, pareciam reflectir, com melancólico pessimismo, sobre os destinos da humanidade. Rezavam para si preces estabelecidas e competentes e os lábios moviam-se com presteza para acompanhar os impulsos da mente.

Mas a tal cara absurdamente risonha e feliz não me saía da cabeça. Andei através dos murmúrios lamentosos das gentes, percorri as sombras oscilantes da noite vizinha, entrei na soturnidade do templo que começava a trasbordar desconfortàvelmente, — mas jamais larguei aquela cara risonha e feliz. Olhava-a de longe, notava-lhe os mais pequenos gestos, e o mundo em volta parecia-me sùbitamente confuso e desafortunado. As pessoas eram já sombras incertas, afogadas numa luz merencória de igreja. O tumulto envolvente, reboando pelas arcarias altas, quebrava com grosseira materialidade o silêncio profundo que é a verdade de um templo. Disputavam-se lugares com certa vivacidade imprópria. A feição crua e primária do mundo insinuava-se nas querelas feitas em surdina, na oscilação distante das opas arroxeadas, nos afazeres normais daquela hora deturpada.

Mas o tal rosto que me arrastara até ali num espanto absoluto, continuava a sorrir.

Então um padre muito alto, muito pálido e muito magro, apareceu no púlpito e falou com voz grave. Abria os braços num gesto monótono e longo, e falava com descanso e muita tristeza. Descrevia com assombrosa minúcia a crucificação. Arregalava os olhos com a imagem dos cravos perfurando os ossos do corpo, fazia uma pausa pungente nas injúrias dos soldados romanos, alargava os braços para culminar a grande tragédia com a última frase do Cristo, o sobrenatural da sua agonia, o divino do súbito rancor da tarde.

Cá em baixo, no chão da igreja cheia de calor, de gente e de murmúrios, as velhas choravam, as mulheres choravam, as crianças choravam também, confundidas e receosas, e os homens tremiam. Os jovens tremiam como os homens, mas a alguns apetecia chorar como as velhas, as mulheres, e as crianças.

No entanto, perto de mim, o tal rosto aberto movia os lábios numa prece interior — e sorria...

HISTÓRIA PEQUENA DE UMA VERDADE GRANDE

Já se escreveram, para sublinhar o significado grandioso daquela noite especialíssima, estas palavras ordenadas e contrastantes:

«No momento da morte, que sucederá de dia, as trevas cobrirão o céu de Jerusalém; no momento do nascimento, que acontece de noite, um tripúdio de folias estelares incendeia até de manhã o céu de Belém».

A História, temeràriamente firmada numa base única, diz que o Messias nasceu entre doirados de palha e bafos de animais, talvez de um parto solitário, rápido e reservado.

Giotto, com análise certa e espírito criador, rompeu a velhíssima tradição da gruta e deu ao Presépio um ar bíblico e meditado, recolhido e dramático. Seguindo esta linha racional seria provável que algum poeta de hoje, escritor, pintor ou escultor, atingisse uma solução mais lúcida para esse despertar humano do Cristo.

Tenho perguntado a mim mesmo se um parto no desconforto daquelas circunstâncias, sem assistência de alguém convivido com a matéria, não teria sido suficiente para chamar as atenções de pastores que houvesse dispersos pelo local. Tenho pensado com demora e independência se os gemidos de Maria e a súbita confusão de José não bastariam para dar maior projecção a um acontecimento vulgar. E tenho pensado também que talvez o clima anormal e imprevisto desse acidente tenha levado o espírito dos escassos assistentes a anunciarem uma nova que eles pressentiam ou desejavam.

Não quero acreditar que a vida oculta de Jesus tenha sido indolentemente estragada e desaproveitada em favor das madeiras da carpintaria de José. Algum poeta que aos doze anos fosse capaz de escrever uma *Divina Comédia*» ficaria anos inteiros agarrado a

uma tábua, fazendo bancos, acertando primitivas mesas? E um pai indulgente e sensato como José, seria capaz de impedir esse extraordinário desabrochar de uma personalidade excepcional?

Nenhum poeta foi tão poeta que não necessitasse de ler poemas e ideias; nenhum pintor foi tão precoce na sua arte que fosse capaz de pintar um *Juízo Final* sem longos anos de trabalho e meditação; nenhum escultor foi tão sùbitamente genial que tivesse concebido um *Moisés* num instante sem precedentes; nenhum músico foi tão prodigioso que tivesse efectuado a *Nona Sinfonia* sem conhecer um mínimo da técnica musical. E não cabe em mim a teoria simpista e radical de que o divino resolve tudo e de que o próprio Cristo é Deus e tudo pode.

Inspirado nas profundas meditações orientais, iniciado nas práticas dessa ciência oculta e misteriosa, o Cristo teve força interior suficiente para fugir ao frio egoísmo da calma ascética iogui. E descendo a um mundo escravizado, enfermo e miserável, propôs-se falar da sua Ideia Íntima, da sua Filosofia pessoal, da sua Mística maior. A intenção era clara e decisiva: dar um pouco de consolo a tanta gente que vivia oprimida pela sombra nada ventilada de conceitos velhos e enlameados, prometer um reino diferente e maior para além desta vida material e sem coerência exterior, apontar uma mais rápida salvação e um melhor caminho para as aspirações e para a Vida.

Mas as coisas belas e nobres, quando nascem adiantadas no Tempo, estão provisòriamente condenadas. Morto esse momento primeiro em que a luz de uma grandeza espiritual qualquer deslumbra os muitos olhos enlameados de escuro, as toupeiras voltam à terra. É o seu *habitat*. No fundo não podem ser censuradas. Parece que foi Kierkgaard que manifestou a impossibilidade de ser-se cristão, porque o indivíduo é demasiado disperso e afastado de Deus, e o Cristianismo é perfeito e divino, mesmo inatingível pela fé.

Por outro lado, o ignorante desconfia de tudo o que está para além da sua possibilidade real. O ignorante é, normalmente, numa certa medida, um despeitado, um ciumento, um mau revolucionário e um caluniador insatisfeito. E foi o ignorante que há dois mil anos manobrou na sombra a trama de calúnias e de revolta que havia de condenar o Messias apregoado e desejado. Foi o despeito que manobrou torpezas nas entranhas da terra, mais a desconfiança, o ciúme, a inveja. Essas forças pariram um negativismo satânico que arrastou as mentalidades tacanhas e exacerbadas e moveu a opinião volúvel da turba.

A verdade é menos poderosa do que certas realidades imediatas, próprias de um momento de ódio, de ternura, ou de cega ignorância. A falta de humo para o florescimento da seara provoca a fome de milhares de bocas.

A Ele, ao que mostrara de maneira nova e viva a Verdade velha, pregaram-No no alto de uma cruz. Mas essa não seria a culminância última do ódio dos humanos, da torpeza dos ignorantes, da maleabilidade das massas preconceituosas. Porque, enquanto o Crucificado fizera uma doutrina de humildade e de perdão, sem entraves de panejamentos ou de arquitecturas especiais e grandiosas, outros vieram durante séculos ao beijo da crua luz do sol e, debaixo dela, para que todos vissem, ergueram deslumbramentos de pedra e oiro, organizaram burocracias imensas e contraditórias, armaram guerras fúteis e humanas, perderam-se na construção das aparências e na ostentação da púrpura.

Hoje acredita-se na possibilidade de uma Nova Era.

A NOVA ERA

Vejo acolá, numa infindável extensão de terra, o panorama esmagador de uma babilónia feita com cimento armado. Imensas agulhas apontam ao céu, num deslumbramento de luz e de cor. O Mundo dos homens, visto deste céu imaginário e poético em que estou, parece belo, perfeito, absoluto. Mas eu sei, como homem, de que sombra se alimentam aquelas ruas fundas, que movimentos de mecânica se efectuam ao longo delas, quantas aberrações, angústias, projectos, torpezas e crimes se encerram no seio daquelas altíssimas caixas de cimento. Sei como a noite é uma simulação de alegria, irradiando através dos milhares de janelas, dos milhares de reclamos eléctricos, dos milhares de lâmpadas públicas. E sei também como atrás dessas janelas, em certas alcovas mal mobiladas e sórdidas, os sentimentos humanos mercadeiam ao sabor de lufadas de instinto.

Há neste mundo mal ordenado e contraditório uma poesia profunda e uma verdade provável. Mas há também neste mundo sobrecarregado de assembleias políticas, de desconfianças internacionais, de desejos totalitários e conquistadores, uma real incompatibilidade entre os princípios morais mais velhos e mais respeitados e as vulgares utilizações da técnica.

E por isso eu vejo pensativamente, desta improvisada situação vigilante, surgir sobre o liso das solidões arenosas ou sobre a horizontal tranquila e afastada do oceano, gigantescos cogumelos de fumo e de terra desintegrada em menos que pó. Há, bem se vê, uma precipitacão de todas as coisas num certo sentido ainda mal esclarecido. Não é sem consequências que se desintegra a matéria e as poeiras nucleares envenenam a atmosfera destes dois mil anos de Cristianismo. Não é sem consequências que os projécteis sobem uma vertical certa, numa constante e obstinada tentativa de desflorar o Espaço virgem. Não é sem consequências e sem razões que a mente humana pressente a vigilância de outros mundos.

Já não é preciso buscar o significado das nossas equações internas: em verdade poderão ter pouca importância as prosápias dos nossos artistas e as suas inovações que parecem significar tudo; poderão ter pouca importância as razões diversas dos nossos políticos obesos e interesseiros; poderão nada significar as desmedidas tradições históricas e populares, bem como certos preconceitos que por toda a parte moldam civilizações; e até pode ser que a moral se modifique e a filosofia transija com certos princípios. De facto, tudo isto pode ser assim e tudo isto pode valer pouco, se se abrir de repente o Universo sobre a nossa pequena Terra pretensiosa e tola, e sobre ela se despejarem humanidades longínquas e sabedoras, outros seres de outras dimensões — e com outras sensibilidades.

«Em verdade vos digo que na casa de meu Pai há muitas moradas».

24 DE DEZEMBRO

Faz frio. Em muitos países neva. Onde neva, as pessoas dificilmente aceitam este facto singular de que noutros cantos da Terra faz calor.

Há um brilho nas caras e a miséria parece ter-se divorciado momentâneamente dos bairros pobres. As crianças sorriem. Esperam ofertas e comem pastéis e doces. Os adultos satisfazem prazeres vulgares e o vinho corre de gargalos escancarados e o fumo sobe

A Mediunidade e o Médium

Resumo de uma palestra realizada no dia 13 de Junho de 1958, na Sociedade Espirita Allan Kardec, em Porto Alegre, pelo Sr. José Simões de Matos, primeiro Vice-Presidente da Federação Espirita do Rio Grande do Sul e Presidente da Sociedade Espirita «Paz e Amor».

A mediunidade pode ser considerada de maneira simples e natural por ser um dom comum a todas as criaturas, sem distinção de cultura, posição social ou religiosa, apresentando-se nalguns mais e em outros menos, conforme as necessidades espirituais de cada espírito na senda de sua evolução.

Ela facilita ao espírito, encarnado ou desencarnado, melhor fazer sentir e demonstrar as leis que nos regem, de causa e efeito, à luz de sua consciência. Entretanto, os fenómenos que se nos apresentam através da mediunidade, que eu disse podermos considerar simples e natural, são, por vezes, muito complexos e difíceis de resolver, se não levarmos na devida conta essas mesmas leis de causa e efeito. Porque o médium, por sua natureza mais vibrátil, atrai para si influências que noutros não têm expressão e em si se caracterizam de modo evidente. Por esse motivo, qualquer paciente que tenha mediunidade — pode ser levado a sentir, a ver, a expressar coisas que jamais poderia imaginar.

Geralmente cada qual atrai para si influências relativas ao seu estado espiritual. Segundo pensamos, sentimos e aspiramos, igualmente nos associamos e somos associados.

Conforme nos ensina o Mestre: «Cada qual colhe segundo semeia ou tenha semeado». É comum ouvirmos dizer em recintos de entidades espiritas: «Eu, em minha casa, sinto perfeitamente os espíritos que desejam comunicar-se, e aqui não». Porque será? O motivo é que os espíritos têm afinidade com os médiuns, fora da doutrina espirita. Dentro da Sociedade eles se retraem e não dão comunicação. Não obstante, tanto eles como o médium foram trazidos pela mediunidade, misericordiosamente, porque precisam ser esclarecidos à luz do evangelho. A mediunidade, no caso, é um meio para transportar os espíritos, encarnados e desencarnados, das trevas para a luz.

O Espiritismo vem esclarecer, na missão do consolador prometido por Jesus a toda a humanidade o que faltava saber sobre a ciência da vida eterna. A mediunidade é um meio, através do qual tais conhecimentos são demonstrados à humanidade. Por esta razão faz-se necessário esclarecer o médium do porquê da mediunidade na sua vida e como poderá aproveitá-la no seu progresso, aprendendo a servir com ela o seu próximo, no resgate de suas faltas passadas, sem se prender às coisas ou pessoas, nem perturbar.

Este esclarecimento deverá ser feito antes do médium ser convidado a tomar parte, na mesa dos trabalhos práticos. Antes de doutrinar os espíritos, faz-se necessário esclarecer bem o médium para que ele possa ter um ideia, mais ou menos certa, de seus deveres e responsabilidades. Só porque é médium, não deverá julgar-se espirita nem missionário. A mediunidade é independente. O médium é que precisa saber, depois de esclarecido, o que deseja, e como servir com sua mediunidade à luz da própria consciência.

Para ser espirita precisa conhecer e aceitar a doutrina codificada por Allan Kardec, à luz do Evangelho e considerar-se, em princípio, um sofredor, necessitado da mediunidade e da doutrina para curar-se de seus males de alma e ser feliz.

Missionários, no Espiritismo, poderão ser aqueles que vivem para o bem da humanidade, não se deixando prender, escravizar, às coisas do mundo. O médium esclarecido é um servidor atento e alegre em sua vida, seja ela qual for, porque sabe que não sofre por causa de ninguém, nem inùtilmente. Não se renega com as ingratidões, e prossegue sempre servindo, porque sabe que é dando que ele recebe, amando que ele é amado, e perdoando que será também perdoado. Caminha com passos firmes na senda, sem vacilações, porque sabe que leva em si mesmo a vida eterna.

Para ele não existe a morte, tudo é vida. Vive com os pés na terra, mas o seu coração, o seu pensamento, é de Deus e de Jesus, por quem vive, trabalha, ama e tem fé. Este médium, onde quer que possa encontrar-se, silenciosamente irradiará a sua mensagem de vida eterna, de ordem, de paz e amor. Porque aprendeu a servir sem se perturbar nem perturbar a outros; a amar sem se renegar. É este o seu dever. A sua responsabilidade decorre do seu conhecimento e sentimento de humanidade que o anima na sua vida. Jesus disse: «A quem muito foi dado, muito será exigido».

Encerrando esta nossa humilde palestra, desejamos congratular-nos com os médiuns esclarecidos, cumpridores de seus deveres, como homens, como cidadãos e cristãos, que procuramos ser, agradecidos à doutrina espirita que nos tirou da escravidão e transportou das trevas para a luz, por sua clareza e simplicidade, em seus ensinos e exemplos que tanto convencem como nos confortam, graças a Deus.

---

e todas as tendências estão presentes, num alarde de arrogância e de poder. Mas ninguém se apercebe do sacrilégio simbólico e disfarçado.

Os cafés estão cheios; e as tais luzes da tal babilónia de cimento armado, rasgam um clarão na noite fria e calma. Nas caves o fumo é uma película esbranquiçada que aviva o torpor e a sensualidade. Em qualquer casa humilde, com esquisita e quase inexplicável veneração, ergue-se o presépio convencional e simples, sem nenhum dramatismo, sem nenhuma solenidade. Das lojas sai gente carregada de embrulhos. Os meninos acreditam no Pai Natal e os correios transportam milhões de cartões de visita.

Apetece-me lacerar-me com a impaciência dolorosa de Ernesto Hello e esperar interminàvelmente a intervenção divina nas desgraçadas coisas humanas.

PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

(7) ESPIRITISMO RELIGIOSO?

Estas palestras foram improvisadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

Quem estuda Espiritismo sabe perfeitamente que ele se divide em três partes distintas: ciência, filosofia e religião.

A primeira contém os fenómenos e as suas leis. É baseado, precisamente, nesse amontoado de factos que o Espiritismo apresenta o seu alicerce. Depois as paredes são filosofia, porque a filosofia é a mãe da ciência. A filosofia é uma candeia que ilumina os passos da ciência e por isso, na estrutura espirita, é tomada como resultado de um mundo aparente. A outra parte é a cúpula ou telhado do edifício, ou seja a moral. Portanto, ciência, filosofia e moral são uma grinalda que constitui a doutrina.

Há quem preconize o estudo da Ciência, isto é, o estudo do alicerce, pura e simplesmente. Há quem estude a filosofia e quem estude apenas a moral. Mas se nós estudássemos cada parte de per si sem olhar ao conjunto, certamente que chegaríamos a conclusões deficientes e não atingiríamos o fim do codificador, que foi Allan Kardec. Temos, pois, que estudar as três partes, temos que as ligar entre si, porque elas são homogéneas. Se separarmos uma, as outras duas claudicarão. Temos pois, um edifício seguro, sólido, que resiste às intempéries. E as intempéries, neste caso, são a crítica dos materialistas, dos cépticos e até de algumas religiões que não só analisam preconcebidamente os postulados espiritas, como também os atacam.

Ora, quando alguém critica seja o que for, tem que se apetrechar com uma soma de conhecimentos acerca do que pretende destruir. Querer deitar abaixo, como os iconoclastas, sem fim construtivo nem verdadeiro fundamento, é temeridade e a condição do crítico é falsa, é resvaladia. O verdadeiro crítico não tem ideia preconcebida. Faz análise serena, porque só assim se chega à compreensão de uma verdade qualquer. Há, creio eu, um sector no nosso movimento que preconiza o estudo da ciência. Vai apenas ao alicerce. E ainda no último Congresso Internacional de Paris se verificou o fenómeno. Parte dos congressistas eram científicos e firmavam-se na sua posição, faziam análise unilateral. Os outros, que se dedicavam sòmente à parte filosófica, sem atender à científica e sem atender à moral, ficavam em posição também precária, porque é preciso alicerce inabalável para firmar qualquer doutrina. O Espiritismo é uma delas. Os factos valem mais do que as teorias. Já o dizia Charles Richet. O próprio Kardec diss igualmente que preferia repelir noventa e nove verdades, a aceitar uma mentira. Eu estou de acordo com ele. Para se firmar uma doutrina como a nossa é necessário grande preparação, é necessário ser judicioso em todos os sentidos, por ser combatida por religiosos, agnósticos e materialistas. Portanto é lógico aceitar os factos e basear neles postulados e teorias. O que apresentamos neste Grupo são factos para responder àqueles que não acreditam, exibindo um sorriso olímpico, o sorriso dos fracos, o sorriso dos ignorantes. É o mais picaresco dos sorrisos.

Mas se o alicerce está feito é preciso construir os muros, a ossatura do edifício. E essa está, como já disse, na Filosofia, que é imprescindível. Baseia-se na lei de Evolução, na lei de Causa e Efeito, na lei de Reencarnação. Estas três leis são a base sobre a qual assenta o Espiritismo Filosófico.

Quando o homem está convicto acerca da realidade dos fenómenos, já não precisa de mais e então busca um caminho maior, mais amplo, mais luminoso, para alicerçar a sua doutrina. Esse caminho é a Moral, visto que as consequências lógicas do Espiritismo são precisamente morais. O homem tem que se transformar individualmente e se esta ideologia nos desse apenas a certeza da imortalidade, se nos provasse apenas a ilusão da morte e a continuação da vida para lá dessa muralha que a maioria tem medo de atravessar; se ela não entrasse em nosso coração e em nossa inteligência e não indicasse o caminho da reforma espiritual, para que valeria estudá-la? Qualquer doutrina que não se proponha modificar o homem no sentido moral é doutrina a mais, como outra qualquer. Mas o Espiritismo aponta outros caminhos para que nos renovemos contìnuamente. Assenta, pois, numa moral e por isso mesmo alguns o apelidam de religioso, como no Brasil.

Haverá — pergunto — espiritismo religioso? Vamos ver. O Espiritismo tem a sua base nas antigas religiões filosóficas, que eram reencarnacionistas. Mas poderemos chamar-lhe verdadeiramente religioso? Sabemos que as religiões têm ritos, cultos e sacerdotes, e no Espiritismo não há sacerdotes, nem cultos, nem ritos. Não há disciplina religiosa e qualquer seita segue a sua trilha sem se importar com a pesquisa da verdade. Tem os seus dogmas e os profitentes seguem os sacerdotes sem raciocinar.

No Espiritismo não há dogmas. Cada qual é livre de estudar, de criticar, e se um postulado estiver em desacordo com a ciência, os espiritistas trabalharão para o colocar em seus devidos termos. Tem que se harmonizar com a ciência, pois todos sabemos que o Espiritismo deve ter base científica, a fim de permanecer. Contudo, o facto de se dizer que o Espiritismo será científico tirar-nos-á o direito de estudar a sua parte moral, que é a parte mais bela, a parte que se refere à reforma espiritual? Quer-me parecer que não. Eu,

por exemplo, que já milito nas fileiras há quarenta anos, a estudar, a investigar, a meditar, não tenho necessidade de analisar mais factos. Para me convencer não tenho necessidade. Tenho, sim, para me reformar espiritualmente. E o que nós fazemos neste Grupo não é uma reforma espiritual? Não estamos a dar do grande tesouro que temos no mundo interior? Não estamos a transcender-nos em bondade e dever? Outros lhe chamam caridade. E porque estamos aqui a trilhar caminhos tão ásperos, a que alguns podem também chamar sacrifício? Se não auferimos proventos e trabalhamos e continuamos a olhar em frente e a cuidar dos problemas alheios, é porque alguma coisa existe que nos leva a essa posição espiritual. É precisamente a reforma do homem.

Quanto mais trabalharmos pelo semelhante, mais temperados ficaremos perante as intempéries e a falta de compreensão dos outros e melhor nos entenderemos, porque, até hoje, os homens ainda se não entenderam completamente. Tanto estudam, tanto meditam e não se ocupam da alma.

Os fenómenos de vidência, de telepatia, de psicometria, numa palavra, todos os fenómenos anímicos, implicam a existência de uma centelha imortal em nós. E o homem afasta-se do estudo desses fenómenos, chama-lhes às vezes ilusionismo. Todavia, a reforma individual contida no Espiritismo chamado religioso é um factor de aperfeiçoamento que todos devem ter em conta.

Para mim não existe Espiritismo Religioso, nem Espiritismo Místico. Para mim só existe Espiritismo. E cultivando a sua parte moral contida no «Evangelho Segundo o Espiritismo» sinto que me posso tornar melhor, mais perfeito, mais harmónico com as forças invisíveis que me cercam, que nos cercam, e por isso abandono até certo ponto a parte científica, não por lhe achar pouca importância, mas porque já não serve à minha ânsia de conhecimento. A parte filosófica, portanto, e a parte moral adaptam-se mais racionalmente à evolução do homem.

Por isso, quando falo em Espiritismo Religioso, lembro-me sempre das questiúnculas estéreis entre os que trabalham no mesmo sector ideológico e cujas dissenções e cisões só podem enfraquecer a Doutrina. Não vale a pena perdermo-nos em questões de «lana caprina», como essa do corpo fluídico de Jesus, para chegar à explicação cabal dos milagres e das predições evangélicas. Tudo se pode harmonizar numa doutrina, desde que os homens sejam racionalistas. É o que devemos fazer. Espiritismo Científico, Espiritismo Filosófico e Espiritismo Religioso são caminhos que vão dar à fonte, como se diz na minha terra, e esses caminhos podem ser percorridos em maior ou menor tempo, o que também muito pouco importa. O que importa, na realidade, é a reforma do homem.

E essa reforma demonstra-se através de exemplos transformados em actos, em monumentos para os séculos. São as maternidades, os hospitais, os educandários, os ambulatórios, os hospícios de alienados, as escolas, os orfanatos, os albergues nocturnos. Tudo isto impõe o Espiritismo de forma inabalável; e, deixai-me dizer que, no Brasil, é talvez a maior alavanca da nossa causa. O Brasil tem mais de trinta hospitais espiritas, nos quais a pobreza recebe tratamento absolutamente gratuito. Em Porto Alegre há um hospital — o Hospital Espirita de Porto Alegre — onde os médicos alopatas vão fazer o seu estágio, quando se desejam especializar em neurologia ou psiquiatria.

É uma vitória, uma grande vitória do Espiritismo. Se não houvesse cultivo da parte moral, o chamado Espiritismo Religioso, o Espiritismo fraternal que se desdobra em obras de caridade e bondade, não haveria hospitais deste género que tanto se impõem. Portanto, não condenando a ciência nem a filosofia, também não posso conceber que em nosso sector haja quem condene o Espiritismo Religioso.

A palavra religião, do latim religio, *quer dizer crença em Deus. Todos os crentes fazem parte de uma corrente mental e sentem-se ligados entre si por alguma ideia. Essa ideia é Deus. Não se pode ser espiritista sem crer em Deus. É uma premissa. Quem não puder admiti-la não compreenderá a nossa doutrina. Logo, o Espiritismo chamado religioso — já o disse — não no é no sentido genérico, porque não tem culto, porque não tem ritual e porque não tem sacerdotes. Mas essa parte tem que ser entendida do ponto de vista moral. Só assim poderemos impor a doutrina a gregos e a troianos.*

Por isso devemos estudar as três facetas do Espiritismo, sobretudo a moral. Essa é a cúpula do edifício, é a trave-mestra. Já disse aqui: se o Espiritismo nada mais me desse do que a certeza da imortalidade, não valeria a pena continuar o seu estudo. Já tinha a certeza, mas o Espiritismo dá-me mais do que isso. Dá-me a possibilidade de me tornar melhor e maior; e se eu estou em período evolucionista, se eu desejo trabalhar no meu aperfeiçoamento, se eu desejo saber hoje mais do que ontem e se tenho ensejo de avançar mais um passo e deixo de o fazer, por comodismo ou outra circunstância qualquer, não cumpro a minha missão espiritual. É necessário, então, a reforma, é necessário o aperfeiçoamento das nossas qualidades. Não é só ler as obras dos filósofos e dos moralistas ou meditar nos exemplos da história e deitarmo-nos a dormir à sombra dos louros conquistados. É necessário que esses exemplos nos sirvam para seguir na esteira dos grandes mestres e principalmente dos grandes moralistas, porque moralizar é avançar.

A parte moral de uma ideologia é a coisa mais importante, que nos dá maiores consolações espirituais. Transcendermo-nos em benfazer, levar aos outros um pouco da nossa alegria é muito mais, creio eu, do que demonstrar um teorema ou descobrir mais um astro na abóbada celeste.

Isso pouco importa para a reforma moral, assim como as experiências atómicas que os cientistas fazem em todo o mundo. Não vêm trazer qualquer quinhão de reforma individual. Não vêm trazer. Tanto assim, que já se levantam vozes autorizadas, que têm o peso necessário para serem ouvidas no sentido da suspensão imediata. Porque o mundo destrói primeiro; e quando se farta como um Moloch de sangue, então é que se lembra de construir sobre os escombros.

O mundo caminha para a catástrofe, para a grande derrocada. E se meditasse na parte moral de cada doutrina, se se tornasse religioso no verdadeiro sentido, exemplificando e demonstrando, os homens entender-se-iam melhor dentro das próprias fronteiras e não se ergueriam muralhas da China nem compartimentos estanques para criar nacionalismos ferozes e afastar o homem do homem.

I. D. S.

O cão que profetizou a morte

Por BILL WHARTON

Amy Castile parou bruscamente ao chegar a uma curva do estreito caminho que conduzia a sua casa, nos confins de Beecles (Suffolk). As sombras do crepúsculo começavam a adensar-se nesta tranquila noite de primavera de 1923, mas a encantadora estudante de 16 anos não sentia a beleza verdejante à sua volta.

Os seus olhos azuis, habitualmente calmos, enchiam-se de terror ao fixar a sebe que bordava o carreiro, que lhe ficava em frente.

Ouviu um rosnar manso e de repente a cabeça de um enorme cão surgiu ante os seus olhos. Por momentos o cão e a rapariga olharam-se, fixaram-se, até que o animal voltou costas e correu na direcção da casa de Amy, que deu um grito estridente, cheia de pavor; e foi tremendo de medo que irrompeu na vivenda de sua mãe, gritando:

— Vi-o outra vez! O cão do inferno!

A Sr.ª Mande Castile tentou acalmar a rapariga:

— Não há cães infernais, minha filha. Tudo isso é insensato!

A rapariga respondeu da cadeira onde se havia atirado:

— Não é insensato, mãe. Venha e veja com seus olhos as marcas que ele deixou na areia.

E quando examinou o carreiro viu pegadas de um cãozarrão nìtidamente impressas sobre o pó. A rapariga estava em tal estado de nervos, que daí em diante não queria sair depois do sol-posto. A mãe, por fim, para lhe demonstrar que era tudo imaginação, chamou o famoso investigador psíquico Morbey Adams.

Adams ouvira já falar no «cão diabólico de Beccles», mas dera pouco crédito à história, visto que nunca encontrara quem visse tal cão-fantasma. Ao receber a carta da sr.ª Castile decidiu, contudo, ir investigar o local. Pouco antes da sua chegada a sr.ª Castile e a filha tinham ido fazer compras à vizinha cidade de Bungay e era já escuro quando se apearam dc um autocarro próximo de casa.

Quando se acercavam do carreiro, Amy começou a agitar-se e sua mãe deu-lhe a mão, mas alguns passos adiante a rapariga parou.

— Oiço-o rosnar. Vai aparecer outra vez!

— Tu és tonta, Amy! Não oiço nada!

— Está a uivar como quando a sr.ª Jones faleceu. Adivinho que vai morrer alguém, porque só posso ver o cão quando alguém...

Parou bruscamente e apontou um dedo trémulo em sua frente, gritando:

— Ali está ele, ali!

— Eu não vejo nada! — dizia a mãe, apertando as mãos da atemorizada rapariga.

— Ali, junto à sebe! — gritava Amy, apertando a mãe com a sua mão esquerda. Instantâneamente a velha senhora viu um cão negro maciço olhando-as com as mandíbulas espumantes, mostrando as presas. A senhora Castile, sem medo, olhava incrédula e via a sebe através do cão!

O animal, após alguns momentos, voltou costas, tal como Amy dissera, e trotou em direcção à casa. A rapariga afastou a sua mão esquerda do braço da mãe e imediatamente esta deixou de ver o cão, ainda que Amy o continuasse a ver.

Na manhã seguinte o carteiro participou-lhes que uma vizinha, a sr.ª Rupert Swift, tinha morrido durante a noite.

No mesmo dia Morbey Adams chegou a Beccles e começou o seu inquérito na vizinhança, falando com Amy Castile e sua mãe e examinando o caminho das aparições. As pegadas do animal tinham desaparecido, devido à chuva miúda que caira. Mas Adams descobriu três homens que tinham igualmente visto o cão e que, de cada vez, uma pessoa residente na região morria durante as 24 horas decorridas após o aparecimento do estranho fenómeno.

Os homens não tinham feito publicidade do facto para evitar que os tomassem por loucos e Adams decidiu tentar ver o cão. Durante seis dias inùtilmente esperou perto do local indicado. Mas sabia, por experiência, que se tratava de um caso onde só o animal aparecia em ocasiões especiais, como quando da morte de alguém, ou a pessoas psiquicamente dotadas, como Amy Castile. Ao propôr-lhe que o acompanhasse uma hora diária, ao pôr-do-sol, encontrou dificuldades. Mas ela, por fim, concordou. E no segundo dia a rapariga, com os nervos tensos, murmurou para Adams:

— Estou a ouvi-lo!

Adams nada ouvia, mas pegou na mão da rapariga, cujos olhos aterrorizados se fixaram na sebe; e com as mãos esquerdas entrelaçadas instantâneamente viu o negro cãozarrão a meia altura da sebe. Olhava-os, com os dentes a descoberto e um rosnar cavo. Largou então as mãos da rapariga e o animal desapareceu imediatamente. Mas ao retomá-las voltou a vê-lo.

Adams soltou as mãos da rapariga e examinou cuidadosamente o solo onde o cão aparecera. Com efeito, as pegadas lá estavam, claramente impressas no pó. Tirou então fotografias e na mesma noite examinou os negativos à luz. Quase nada conseguiu ver, mas, no dia seguinte, depois de reveladas no fotógrafo, divisou as impressões deixadas pelo cão.

Adams concluíu que o animal vinha sempre de determinada parte da sebe e com a ajuda de um polícia iniciou investigações nos terrenos vizinhos. Procurou em volta, até que à tarde encontrou o que procurava — um trato de terra mais rico de vegetação do que o resto. Cavando cuidadosamente, Adams não teve que ir longe para atingir os restos de um saco apodrecido, contendo os ossos de um mastim. Estudou-os, sem

NATAL DOS NECESSITADOS

Confrades e amigos!

Voltamos a apelar para os nossos corações no sentido de levar aos necessitados um pouco de conforto e alegria na quadra do Natal. Temos a certeza de que não apelaremos em vão e que poderemos contar com o vosso auxílio. Ele nunca faltou na hora própria e também não faltará neste momento.

Transporte do mês de Outubro	275$00
Paulo J. da Silva Ferreira, de Lisboa ...	20$00
David da Silva Guimarães, de Matosinhos	50$00
Arlindo Ferreira, do Porto	50$00
Maria Inês Sena, de Lisboa	50$00
Elisa Cândida Bizarro, de Marinha Grande	20$00
Maria Carmo Oliveira Santos, de Lisboa	10$00
João de Freitas, do Funchal	20$00
Anónimo, de Lisboa	50$00
C. M. B., de Lisboa	10$00
Artur de Freitas, de Leiria	30$00
Artur Levi Gomes, de Lisboa	20$00
Anónimo, de Barril de Alva	20$00
José Maria Cabral, de Gaia	20$00
Alice Paula Brulles, de Lisboa	25$00
Anónima, de Nogueira, Maia	20$00
João da Graça Vital, da Barquinha ...	20$00
António dos Santos, de Moscavide	4$00
Júlio Luís da Silva, da Barquinha	10$00
Laurentino Simões, do Porto	40$00
Sócio n.º 542, de Moscavide	4$00
Sócio n.º 523, de Lisboa	20$00
Sócia n.º 524, de Lisboa	20$00
Ernesto Afonso de Barros, de Lisboa ...	5$00
Germano Júlio Amaro, de Lisboa	20$00
Joaquim Dias, de Lisboa	20$00
António Luís Lopes Dias, do Porto ...	100$00
Anónima, de Ovar	50$00
Alice da Conceição Antunes, de Lisboa	20$00
Bernardo P. de Almeida, de Alcobaça	10$00
João Vito Pina, de Garvão, Alentejo ...	20$00
Estêvão Ferreira Alho, de C. Branco ..	20$00
Cesaltina Marques Louro, de Lisboa ...	20$00
Miguel Matias Carvalho, de Lisboa ...	30$00
Júlio Ramos, de Cacuso, Angola	47$50

encontrar qualquer traço de agressão que pudesse ter causado a morte do animal. Mas a maneira como o saco estava atado era mais conclusiva que os ossos. Tudo indicava que o cão tinha sido amordaçado e encerrado à força dentro do saco, e enterrado vivo!

Mas só passado muito tempo é que Adams descobriu que 30 anos antes um tal Askin tinha habitado a casa onde Amy Castile e sua mãe residiam. Askin tinha uma filha de seis anos. Certa noite, esta regressava a casa após uma lição de piano, quando foi atacada pelo cão de guarda de um vizinho e tão gravemente mordida, que veio a morrer no hospital. Desesperado de dor, Askir quis matar o cão, mas, por qualquer motivo, o tribunal negou-lhe consentimento.

Pouco tempo depois o cão desaparecia. Disse-se que Askin o tinha matado, mas como a polícia se não interessou e traço algum fora encontrado, o assunto esqueceu. E durante 30 anos o mistério do cão desaparecido não foi desvendado. O seu dono mudou de terra e todo este caso caíu no olvido até que as Castile vieram habitar a vivenda.

Como Adams declarava, Amy Castile demonstrou ser uma rapariga com altos dotes psíquicos e a sua presença era suficiente para arrancar o cão asfixiado à sepultura. Assim como ela o fazia, devido à sua poderosa influência psíquica, qualquer outros indivíduos de fraco índice psíquico o afugentavam e por isso outras pessoas o viram. Mas quem não tivesse faculdades psíquicas, também veria o cão-fantasma, se tivesse as mãos de Amy.

Adams enterrou os ossos do perro em outro occ e durante muitos meses esteve em contacto com a família Castile. Mas até à data da mudança desta para outro lado, ou sejam 5 meses depois, Ammy não voltou a ver o animal. E desde então não há notícia de que alguém tenha visto mais o cão conhecido em Beccles pelo «Cão-Fantasma».

ECOS DE UM

Por ISIDORO DUA

XLI

DO RIO A SÃ

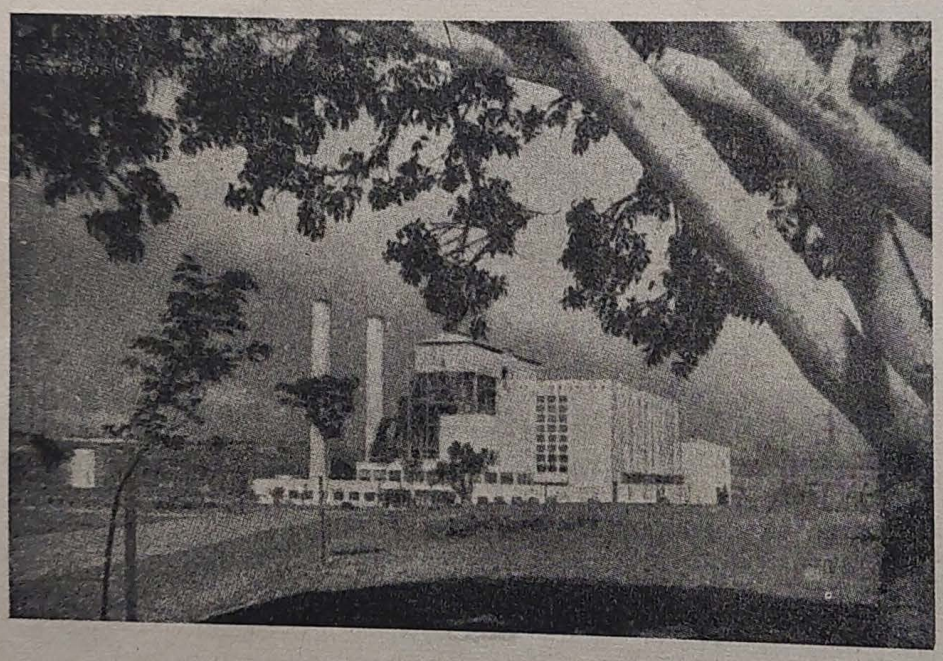
Às 8 horas daquele 10 de Junho nebuloso e frio entrávamos na Praça de Mauá, a fim de tomar o ónibus que nos levaria a São Paulo, em companhia do Amadeu Santos e através da auto-estrada General Dutra, artéria monumental de enorme alcance ao serviço da grei. Íamos ao chamamento de António Trindade, director da Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, *que se ergue na rua Casimiro de Abreu, a fim de assistir à inauguração do* Ambulatório Médico *ali instalado. E embora sentíssemos fadiga inerente ao esforço dos últimos dias, era dever nosso aceitar, pela muita consideração que nos merecia o patrício e o confrade.*

O problema rodoviário no Brasil encontra-se em plena efervescência há mais de vinte anos e não sabemos quando estará resolvido. No sector económico deve ser talvez o de maior projecção, ao contrário do ferroviário, que não tem evoluído, por razões evidentes. O que impera é o avião e o ónibus, cada vez mais luxuosos e perfeitos, a ponto de se viajar com toda a segurança, pois é raríssimo ocorrer um acidente, quer nas linhas aéreas, quer nas linhas rodoviárias. Se estas palavras forem tomadas como elogio, não importa. Representam apenas a verdade.

Em nossas andanças nunca tivemos intuitos de elogiar. «Quando se quer mostrar a beleza do cristal, movendo-o muito com os dedos — escreveu Eça de Queirós —, quase sempre se lhe empana a transparência e o brilho». Preferimos a beleza natural com o desalinho artístico que ninguém pode imitar; preferimos a mais simples obra de Deus à mais bela obra do homem.

Estas cogitações perdiam-se em volutas mentais, enquanto esperávamos o Amadeu, que já estava tardando. Quem não experimentou ainda aquele nervosismo de ver os minutos a passar, sem força para fazer parar o tempo? Os lugares estavam reservados no «Cometa», um belo veículo de ar condicionado. Isso estavam. Não havia perigo de ficar em terra, a menos que o passageiro faltasse ao embarque. Mas só a um minuto da partida é que o Amadeu surgiu da neblina... Mais uma vez nos lembrámos de Campoamor:

De esperar não canses, porque
[assim, meu bem,
Quem tudo espera, alguma ob-
[tém...



Usina termelétrica de Piratininga, construída em seis meses (200.000 Kw)

Não tivemos ensejo de reflectir no apuro e ocupámos o assento, enquanto o motor ensaiava as primeiras explosões.

Junho brasileiro é semelhante ao nosso Dezembro. Natureza meio adormecida, vento fresco a chicotear o arvoredo, folha caduca a rodopiar em céu escuro, chuva frequente em jeito de inundação... Mas há dias de sol magnífico, principalmente no Rio de Janeiro, quando a vegetação se reflecte nas águas da Guanabara. Foi assim que a vimos um dia, de volta do Corcovado. A orla do mar apresentava tons verdes inacessíveis aos melhores pincéis e os olhos debruçavam-se na superfície líquida que osculava os ilhotes de crista boleada.

Agora era diferente. A estrada quase intransitável retardaria a marcha até aos limites do Distrito Federal e poderíamos fixar imagens arredias para melhor conhecimento de um rincão, onde a liberdade canta no trilo das próprias aves.

De facto, os arruamentos ao longo do cais eram precários. Meses antes houvera enxurrada e seus vestígios estavam patentes, opondo-se à marcha de veículos motorizados.

Duque de Caxias à direita e São João de Mirite..., ambas no Estado do Rio... e logo adiante Nova Iguaçú, a princesa dos laranjais simétricos e do Lar de Jesus e do Leopoldo Machado... Aqui, a estrada é fita plana. Apetece viajar, mesmo que a chuva esbata a paisagem.

O Amadeu refestelara-se na poltrona e oferecia algumas notas ao canhenho. Olha a Rádio Nacional na Avenida Brasil! Olha a Avenida das Bandeiras! Olha a famosa auto-estrada, tra-

UMA VIAGEM

ORO DUARTE SANTOS

XII

A SÃO PAULO

ço de união entre cariocas e paulistas!

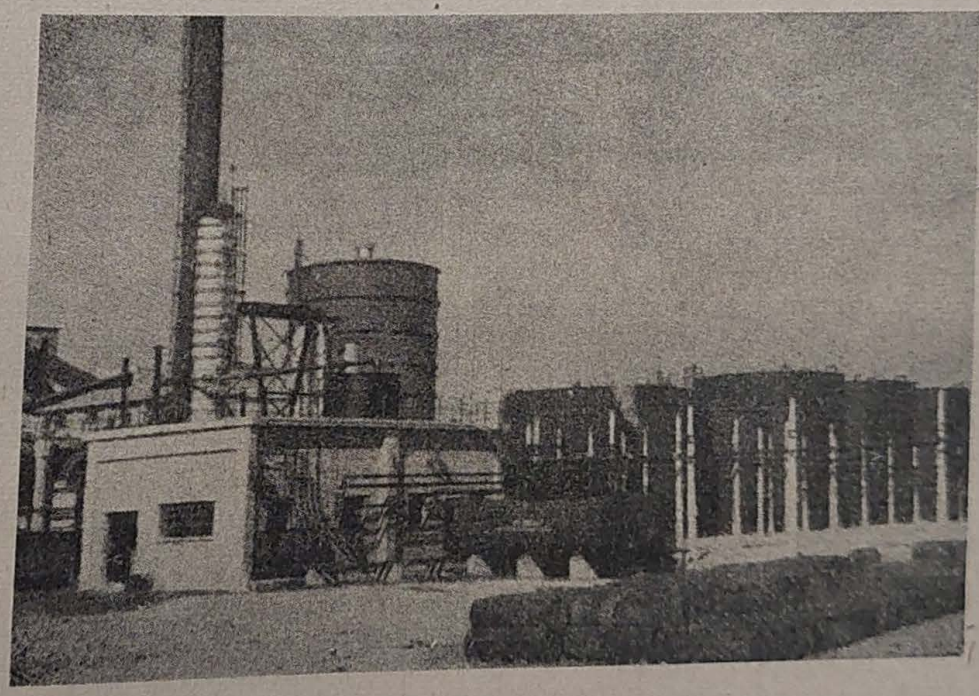
Ao quilómetro 47, a Universidade, com seus campos típicos. Havia maior amplidão, o homem sentia-se mais livre. A urbe estiola, sobretudo quando o morro oferece presa ao vento. A ressaca aérea vai de encontro ao muro e o cidadão oscila entre um gelado e um mergulho na Copacabana de areias claras.

★

Os bananais enraizados por encostas e montículos dão a nota verde à paisagem. São o grito alacre da natureza fecunda, mãe prodigiosa a multiplicar-se, a desentranhar-se em oblatas que o homem não avalia totalmente. Temos pena que a chuva anuvie a visibilidade, foscando a vidraça do ónibus. Grandes coisas haveria a contemplar nas voltas da estrada, que vai cortando cerros e mangais, indiferente ao egoismo da selva, que invade tudo.

Uma vez ou outra o «Cometa» afrouxa o andamento. É quando os pormenores avultam à nossa reflexão. Vemos árvores que protestam contra a nudez esquelética ao lado de bananeiras que estendem a ramagem em vénias de bom gosto junto às bermas, e ranchos de casas brancas esgarçadas na montanha. Ao longe, o nevoeiro alarga a mancha cinzenta. E novamente os bananais e os torcicolos, as margens de cheiro acre polvilhadas de cartazes, árvores que as heras envolvem em tentações de mata virgem...

São 10 horas e meia. A represa da «Light», no rio Paraíba, tem opulência e infunde respeito. Pertence às Companhias Associadas, cujo sistema de energia produz anualmente um milhão e quinhentos mil quilovátios, repartidos pelo Distrito Federal, São Paulo e Estado do Rio. A empresa concessionária desviou o leito para conseguir objectivos industriais. É o maior empório do Brasil no tocante a este ramo de actividade e mantém o exclusivo da viação eléctrica no Rio de Janeiro. Segundo nos informaram, as companhias mencionadas inauguraram há pouco a geradora Nilo Pessanha, no Estado do Rio, e a Piritininga, em São Paulo.



Usina de alcatrão em VOLTA REDONDA, o empório brasileiro do aço

Entretanto a chuva não cessa de cair. Num ponto ou noutro a selva debruça-se na estrada. O homem ceifa, a seu talante; a natureza refloresta, porfiosa e dominadora. Só necessita de sol e humidade. E para manter o equilíbrio da sua beleza vive de transacções e conciliações, como dizia Destournelles.

Estamos próximos de Volta Redonda e mais uma vez evocamos a indústria siderúrgica que ali instalou uma oficina gigantesca, talvez sem igual em toda a América Latina.

O aspecto campesino vai-se modificando. Montes que o homem tosquiou e ofereceu ao gado, postos de gasolina com restaurante, tufos de bambú no cume dos outeiros... A selva brasileira é variada no tom e nas espécies. De vez em quando altera-se: desaparece o intonso da vegetação e a planura amolda-se à vida quotidiana. É o cabelo cortado à escovinha.

Barra Mansa... Aqui nos deixou o Magaldi naquela tarde fatídica, de regresso da Mantiqueira. Amadeu Santos conversa muito, refere casos da sua luta, admiráveis de abnegação e tenacidade e fala em projectos a longo prazo. Gostaria de escrever connosco um livro que mostrasse o esforço português no Espiritismo do Brasil. Nós também gostaríamos. Vimos tantos pioneiros deste género! Tantos! Tantos!... E em todos vibrava a mesma fé, o mesmo desejo de sacrifício. Os portugueses identificaram-se em absoluto com a vida brasileira, cruzaram-se com os filhos da nova pátria e ninguém os distingue na família que lá criaram. É um conjunto homogéneo. Dariam o sangue por essa terra criadora.

★

À medida que avançamos, a selva perde exuberância. Há terrenos de cultivo semelhantes ao

Alentejo. À esquerda, junto ao Paraíba, a cidade de Queluz. Um trem de carga desliza nos carris, resfolegando e chocalhando... Pouca-terra... pouca-terra... O panorama distende-se. De um lado a pedreira de xisto; do outro, a cachoeira. Lá em baixo, o rio plácido e barrento. O sol é que não dardeja, porque as nuvens se acastelam.

Há nuvens de muita espécie. Cúmulos amontoados ou sobrepostos, imitando animais que se apoderam do espaço em dosséis de algodão franjado; estratos, que se espreguiçam no horizonte em forma de jacto e semelham farricocos de poeiras flutuantes; cirros alterosos dispostos em paralelo e nimbos plúmbeos a desentranhar-se em chuva copiosa.

No momento outras coisas interessavam mais do que as nuvens. Entre elas, o primum vivere que o estômago proclamou em Resende, num restaurante junto à estrada. Higiene e bom acolhimento havia nele, a par de boa comida que todos apreciavam indistintamente. Recordações profundas ligadas a receitas culinárias, música suave ou gestos nobres, todos guardam na vida, curta ou longa que seja.

Agora o sol vincava o poderio no firmamento azul. Nos trópicos é assim. Tudo à grande, tudo a farta. Horas de calor sufocante seguidas de aguaceiros que fazem trasbordar os rios.

★

A um quilómetro de Cruzeiro surgem trincheiras de barro vermelho talhadas à máquina e outras coisas que a objectiva fixou: uma ermida isolada, bananais espelhando-se num ribeirão paraibano, um chafariz, capim gordo florido, mamoeiros, outro bananal, engrinaldando a casinha branca do fazendeiro... A erosão das águas... a erosão humana... A primeira nivela o terreno, arredonda a rocha. A segunda traça caminhos, devasta, abre túneis e corta montanhas...

Subimos a serra e lá está: novos morros cortados. O capim ao longe parece rosmano de Portugal. E urubús pairam sobre ele, onde pastam bovinos. Mais laranjeiras e um amplo curral...

Já dissemos que os urubús são aves de «limpeza», varredores, ou antes, comedores de carne putrefacta. Na base do seu «trabalho» há desígnios ocultos. Não devem ter consciência do que fazem. Obedecem à própria condição, como os hienídios. Isto conclui quem observa a ronda dessas aves a que o povo chama de mau agouro. Mas não há agouro. Elas não têm culpa do negro que as reveste e que, para muitos, é objecto de mau presságio.

«A superstição — dizia La Harpe — disfarça o homem em besta, o fanatismo faz dele um animal feroz e o despotismo transforma-o em burro de carga». O sentimento religioso exagerado leva a crendices absurdas escudadas na ignorância. Deste modo se engendram preconceitos que a ciência combate à luz dos factos, mas difíceis de entender pelas massas aferradas a tradição plebeia.

No Brasil é assim, principalmente nos sertões afastados do litoral. A lenda povoa as almas de monstros fantasmáticos e essa pobre gente vegeta à sombra de um mundo invisivel que a imaginação criou e em torno do qual segue os seus trâmites normais. E porque será que à mulher cabe a maior parte na defesa da crença errónea que entrava o progresso do mundo?...

Mas nós íamos a subir a montanha. Se não fossem aquelas aves negras conversávamos com o Amadeu. Seria mais proveitoso. A sua disposição era optimismo e manancial a sua cultura. Para viandar, não há melhor companheiro. Sempre o material à ilharga do espiritual. Não é dos que se afundam no utilitarismo, chumbados à ganância corriqueira. Trabalha muito, é um raro exemplo de força de vontade, sem abandonar as cimeiras do ideal que lhe dão foros de escolhido.

Quando viajamos entra a natureza em nós, do geral ao particular, mesmo no interior de um veículo. Sente-se a ligação ao todo, somos peça de engrenagem, pertencemos ao conjunto.

— Roseira Nova! — exclama alguém alvoroçado —.

Já o sol esquentava os viandeiros do «Cometa», sequiosos de refrigerante, apesar do ar condicionado amenizar um tanto a viagem; já a trepidação do carro provocava reacções nervosas num ou noutro menos afeito a estas jornadas e por isso ouvimos aprazìvelmente o anúncio do condutor.

★

E entrámos no restaurante para tomar «alguma coisa». Ambiente hospitaleiro, serviço modelar, amabilidade, simpatia, correcção. Nos homens e nas mulheres afloravam sorrisos prazenteiros. É sempre bom encontrar pessoas amáveis, principalmente graciosas. Como escreveu Mantegaza, grande psicólogo italiano, a graça é o efeito de arte requintada que vem corrigir os defeitos da natureza. A brasileira tem modos que se lhe estampam no olhar, nas atitudes, nos movimentos. Até no timbre da voz tem encanto que atrai e seduz. Mas não faz o mínimo esforço para mostrá-lo. Se o fizesse... não teria graça, nem elegância, nem airosidade. A graça é a beleza em movimento.

Depois do guaraná fresquinho voltámos ao ónibus. Eram treze horas em ponto. Na frente, uma grande recta a cortar o planalto e junto à berma um lindo laranjal carregado de áureos frutos. A seguir, uma fila de coqueiros debruçados sobre o capim. E a fita plúmbea da estrada continua em recta até onde os olhos alcançam...

O Amadeu tem exclamações de assombro:

— Pindamonhangaba! Começa aqui o município!

— Ah! Sim! Pindamonhangaba! Lembramo-nos muito bem. Foi em 1945, no Centro Espirita Irmã Teresinha. Com o auxílio do médium Francisco Antunes Belo, o espírito materializado do Dr. Luís Gomes do Amaral realizou uma estranha operação de apendicite no sr. André di Bernardi, com a presença de alguns médicos, entre os quais o radiologista Ortiz Monteiro Pato, de Taubaté, e o facultativo Francisco Lessa Júnior, nenhum deles espiritista.

A Noite, de São Paulo, relatou o grande acontecimento, como quase toda a imprensa estadual.

«— Chovia fortemente — dizia o repórter —. A sede do Centro fora tomada. Entrámos por uma espécie de alpendre. Na sala das sessões estava uma grafonola e algumas legendas: «Silêncio», «Meditação», «Não fumar». Num quartinho ao fundo encontrava-se o paciente amarrado a pequena cama, sem cicatriz alguma no ponto de Mac Burney. O quarto, hermèticamente fechado; a janela, pregada com sarrafos. E também havia gase esterilizada, algodão, frascos de álcool, luvas, álool iodado, agrafes, um livro de diagnóstico abdominal, etc., etc.».

Fazia calor insuportável. Interrompidas as luzes e fechada a porta, a grafonola começou a to-

car música sacra. Lá fora continuava a chover. De vez em quando ouvia-se um trovão surdo e longínquo. De repente um grito vibrou na la:

— Aiiii, doutor!...

Era o paciente André di Bernardi. Mas ninguém se moveu naquele silêncio misterioso. Após uma hora e trinta e cinco minutos de escuridão, o espírito deu por terminado o acto cirúrgico. Os médicos dirigiram-se ao operado e notaram-lhe uma cicatriz de três centímetros no ponto referido. O frasco de álcool continha um apêndice de oito centímetros, com sinais de recente amputação.

Pindamonhangaba! Sim, lembramo-nos muito bem. Escrevemos duas grandes reportagens do evento que se encontram nas páginas de Estudos Psíquicos. Lembramo-nos bem...

Mas voltemos à estrada. Pouco adiante, à esquerda, um marco se ergue em memória do grande cantor Francisco Alves, o mágico do samba. Guiava tranquilamente o seu carro, quando a morte o enfrentou num camião obrigado a manobra de emergência para se livrar de outro carro que saía de um portal.

Sic transit gloria mundi... O sabiá deixou de cantar e a selva entristeceu. A alma do Brasil não está só na legítima aspiração que lhe invade os nódulos de progresso. Está na alegria de suas danças e no sentimento de seus cantares. Francisco Alves e Cármen Miranda elevaram tão alto a expressão artística, que neles se falará sempre, enquanto houver sambas e marchinhas, enquanto houver amor e saudade.

Não sabemos se o «Cometa» afrouxou a marcha. Já lá vai tanto tempo! O Amadeu é que falou no caso. Sabe que a morte não existe, tem a certeza absoluta. A memória dos que partiram anda em nós a reviver. A de Francisco Alves percorre o Brasil de lés-a-lés, como sombra fagueira. Entra no palácio e no casebre, fazendo vibrar os corações, trescalando aromas imortais...

★

Mas deixemos a pieguice do sentimento, que às quinze horas estaremos em São Paulo. O panorama altera-se. A selva perde-se na distância. Agora é Taubaté, cidade industrial que alveja perto, salientando os coruchéus ponteagudos. Duas pontes de concreto, palmeiras, matas de eucaliptos, um bambual gigante...

A roda deslisa, ladeando souteiros e laranjais na recta infinda. Mal conseguimos fixar a vista. O sol ilumina a serra à direita, que se prolonga em paralelo, como guarda da planície. À esquerda, eucaliptais mimosos rescendem perfumes e bamboleiam a fronde.

Caçapava! No fundo de um aqueduto, restos de camião estatelados contra o arvoredo. E a recta prossegue, cortando morros e ladeando muros seculares.

O capim abunda e põe manchas de cor violeta na tela campesina, enquanto as bananeiras alçam as folhas verde-claro para o céu.

Tipo de cafèzal no interior de São Paulo

Agora são os cafèzais de São Paulo, célebres em todo o Brasil. Estendem-se a perder de vista, pujantes e ramalhudos, na linha simétrica que o braço lhes imprimiu.

A grande metrópole da «garoa» está cada vez mais próxima e a nossa curiosidade vai aumentando, enquanto o Amadeu Santos se entretém na leitura de Estudos Psíquicos e Medicina Natural, que recebêramos na véspera, em mala aérea.

Outra vez a chuva tamborila na vidraça do ónibus, diminuíndo a visibilidade e empapando a terra barrenta. Os passageiros, alguns vão sonolentos e outros conversam em voz alta para dominar o ruído do motor e do asfalto em contacto com a roda. Os primeiros não são curiosos de paisagem. Isso é para nós, que vimos de longes terras e gostamos de ver mundo.

No alto de uma trincheira há renques espessos, de cor esverdeada, que se erguem, erectos e vicejantes. Sãos os bambús, os guardas do cafèzal, uma espécie de gendarmes que se firmam em postos de honra e nada os arranca do nicho que elegeram.

O que se lobriga no horizonte, quando a chuva amaina, é proximidade de metrópole. São culturas de produtos que abastecerão os mercados citadinos.

Agora a estrada cobre o Paraíba e prossegue à esquerda do rio. A seguir, em terreno declivoso, vários anúncios comerciais: «A isto, 3 leões para servi-lo», «Cerveja Mossoró»... E a fita plúmbea do asfalto galga a estrada de ferro em cujos trilhos desliza o trem da Paulista.

Mal se pode reflectir. Aproveitam-se os minutos para recrear os olhos encantados. Entrementes surge o município de Guararema e um anúncio «Firestone» numa roda de cinco metros de diâmetro.

O Amadeu, que devorara as duas publicações, exclama:

— Olha as hortas portuguesas! Cebolas, couves e batatas!

Devem ter sido portugueses os introdutores da cultura. E nós, beirão de quatro costados, sentimos alegria imensa perante as hortaliças, que faziam lembrar a nossa região longínqua.

Já se divisava a cidade que a neblina velava ao longe; e os eucaliptos denotavam Guarulhos, nos subúrbios de São Paulo.

Hortas, pomares, fitas verdes

de alfaces... Agriões, couves de cultivo japonês...

O trânsito é grande. O Amadeu fala de educação com entusiasmo, a propósito de certo artigo da Medicina Natural. Sim, a educação é indispensável, porque influi em toda a vida, como dizia Séneca, e nos prepara para a luta social. Mas é preciso saber educar. Segundo Montesquieu, há três educações diferentes: a dos pais, a dos mestres e a do mundo. O que aprendemos nas viagens e na vida de relação destrói as ideias adquiridas nas duas primeiras. Cremos que há verdade nisto. A educação paterna está ligada à vida em formação e a dos mestres é quase sempre baseada em teorias pedagógicas que a prática desmente às vezes. Só a educação do mundo imprime carácter definitivo. Nesta há lar e há escola. Isto não impede a existência de opiniões contrárias, como a de Carnot, para quem a melhor educação era a da família.

Este arrazoado pairou em nossa mente, quando o Amadeu terminou o discurso. Ele é professor, portanto educador.

Bacon, que foi tomado por Shakespeare, fez esta confissão:

— Comecei a viver estudando e acabei estudando para viver.

De uma forma ou de outra está de acordo com Montesquieu. A escola é a vida com seus cambiantes. Nela há martelo e bigorna, que exigem músculo forte para lutar. Ai dos que não conhecem a forja purificadora e nobilitante!

Diz-se que o viver não custa. O que custa é saber viver. Por isso Bacon começou a viver estudando e a estudar continuou, porque tinha de viver a vida em liberdade e responsabilidade...

Mas, que terá isto com as alfaces e as couves japonesas? Só por estas digressões valeu a pena ir do Rio a São Paulo em ónibus «Cometa» e em dia de chuva, com um jornalista e educador formado em ciências jurídicas...

★

Estamos a vinte quilómetros da Pauliceia. Eis o viaduto que leva à base aérea de Cumbica, precisamente ao lado da cidade de São Miguel. A capital domina o planalto a 750 metros de altitude. É óptima estância de europeus habituados a clima suave.

Cada vez é maior a nossa curiosidade. Os arranha-céus e as construções de ritmo acelerado vão assombrar o visitante já cheio de imagens peregrinas colhidas a diferentes latitudes.

Chegámos ao bairro operário de Guarulhos. Do Rio aqui são 405 quilómetros.

As hortas são mais cuidadas. Certamente. Onde iriam buscar alimentos os milhões de habitantes da urbe que deve muito da sua história ao padre Anchieta?

Uma das coisas mais curiosas para o nosso olhar é a fábrica de biscoitos que se ergue a pouca distância da estrada. De fábrica não tem aspecto algum. É uma espécie de trem parado na estação. O labor é subterrâneo. Que biscoitos serão aqueles? E a que hora se levantarão os pasteleiros para satisfazer gulosos que não têm conto?

Começamos a descer para São Paulo. Lá estão as chaminés, esfumadas na lonjura. À esquerda, o Alto da Penha.

Quinze horas. A «garoa» humedece a terra em forma de neblina. Chegamos ao Tieté, também chamado Rio dos Bandeirantes, com mulheres na margem, batendo roupa. Fazem lembrar as lavadeiras de Portugal...

Em frente, uma grande ponte em construção.

O Amadeu repete-nos um estribilho corrente:

— Só um louco poderia endireitar São Paulo. Ele aí está. É o Jânio!

Na verdade Jânio Quadros é um governador de extirpe popular, embora rigoroso na determinação e exigente no cumprimento da lei. A sua eleição foi precedida da célebre Marcha das Vassouras, porque havia coisas que necessitavam de varredura. Poucas vezes alguém terá assumido o poder com aura tão promissora.

O Tieté corre manso entre relvados e os arranha-céus esboçam-se na névoa.

E o Amadeu Santos esclarece:

— São Paulo: terra da «garoa», das bandeiras e do café.

Esta legenda harmoniza-se com a canção folclórica:

São Paulo, és a preferida,
Grande em tua fé!

★

O Hotel Bandeirantes ergue-se imponente no casaredo. E outros e muitos edifícios em estilo variado, ilustrando ruas largas, que são pequenas para o tráfego. Outra vez o Amadeu expande:

— Aí está a obra dos Portugueses! Sal da Terra e luz do Mundo! Portugal jamais poderá desaparecer do mapa! Se desaparecesse, ficaria em São Paulo!

Sim, ficaria.

O «Cometa» avança pela cidade. Agora, um edifício que semelha o radiador de um carro. Quantos andares, não sabemos. Vinte e cinco, trinta? É possível. É uma escada de Jacob. Mais um minuto e entramos na Avenida Ipiranga.

Passa um árabe, exclamando:

— Brasil, terra grande!

Nosso comentário:

— Deus o fez, Deus o povoou. Ou antes, Portugal o povoou.

Ficámos algum tempo no ónibus, quando entrou um carioca que esteve em Famalicão e assistiu a danças típicas. Contou as suas impressões.

— Havia lá moçoilas bonitas!

E acrescentou:

— Em Friburgo, um rancho de portugueses do Rio exibiu canções lusitanas e foi um êxito estrondoso. Um juiz de direito que estava presente disse: «Têm que voltar, nem que seja à força!».

Quem fala é o sr. Manuel Pinto de Figueiredo Júnior, representante do jornal A Noite. A sua vinda a Portugal teve carácter jornalístico:

— Observei o povo das vossas aldeias. É fino, educado. Trouxe de lá impressões muito lisongeiras. Todo o mundo diz o mesmo. Higiene, educação, fartura e bom acolhimento. Os guardas do trânsito são muito amáveis. Sabem atrair e ensinar. Perguntamos onde fica certa rua e logo explicam, lamentando não poderem acompanhar-nos.

E terminou com a seguinte anedota portuguesa acerca do Presidente Café Filho:

— Veio em grão e saiu moído, tantos foram os abraços!

★

Esta crónica destoa um pouco do conjunto e talvez não valha a pena integrá-la. Que mais poderia ter havido numa viagem de ónibus do Rio a São Paulo, através da estrada General Dutra e circunscrita a duas poltronas bem aparafusadas? Que mais poderia ter havido?...

Daqui em diante começaria a viagem, nos seus aspectos doutrinários. Se pudéssemos captar o mundo introspectivo, exteriotipá-lo e revelá-lo, seria a maior proeza de todos os tempos. Até lá, continuemos a palmilhar os velhos caminhos que o camartelo os converterá em estradas amplas, como fizeram os bandeirantes aos desfiladeiros da sua rota...

APOLOGIA DA PRECE

Por ALFREDO MIGUEL (correspondente na Bahia)

2.ª PARTE

PROVAS CONCRETAS DA EFICÁCIA DA PRECE

V

A cegueira da sabedoria humana. — Pergaminho e bom senso. — A verdade espiritual e os semi-sábios. — Cegos que vêem e videntes que não enxergam. — Dois casos de actuação espiritual em que a prece foi o remédio heróico.

Restituira Jesus a visão a um cego de nascença, e a notícia do prodígio repercutiu no Sinédrio, mandando os fariseus chamar o homem à sua presença. Interrogaram-no se tinha sido curado por Jesus e obtiveram resposta afirmativa.

Cépticos, eles ordenaram a vinda do pai do ex-cego, e este, também interpelado, não hesitou em confirmar, com vivacidade e júbilo, a cura de seu filho.

Os fariseus, contudo, negavam obstinadamente o prodígio e, despeitados em face do testemunho do próprio beneficiado, lançaram-lhe objurgatórias e o expulsaram da sinagoga.

Sabendo desta atitude da casta sacerdotal, ao encontrar-se outra vez com aquele a quem doara a plenitude da vista, o Mestre pronunciou então estas plavras que a mentalidade mundana considera ininteligíveis: «Eu vim a este mundo para um juízo, a fim de que os que não vêem, vejam; e os que vêm se tornem cegos» (1)

Para nós são de fácil inteligência estas palavras.

Os que vêem, *certamente são os doutores, os expoentes da cultura, esses figurões de intelecto desenvolvido, detentores da ciência material. Porque aprenderam nos estabelecimentos de ensino superior, e os seus nomes fulguram nos cenáculos, e se engrandecem no conceito da sociedade, não dão importância, e até repelem as coisas simples, mas para eles inexplicáveis, que os outros compreendem e entendem e sabem e conhecem, à revelia de diplomas expedidos pelas academias da Terra.*

Todavia, os pergaminhos pouco valém. Às vezes, servem para disfarçar a vacuidade de quem os possui ou para excitar a vanglória de um falso saber. Ter bom senso é mais importante: E para se ter bom senso não é preciso a posse de um diploma oficial, como pondera uma das inteligências mais equilibradas do século passado, que foi Allan Kardec.

Nada somos na consideração desses doutos; mas conhecemos a verdade que eles infelizmente ignoram. E a verdade que proclamamos ergue-se, sobranceira, na solidez dos factos observados, donde o poder resistir a todos os confrontos e análises.

Dela fogem os pseudos sábios da sabedoria humana, porque não logram acomodá-la à sua conceituação materialista.

Pobres sábios do mundo que não sabem que há outra sabedoria muito superior à sua e só possível de ser assimilada pelos humildes: a sabedoria do Alto, perante a qual os que vêem através das lentes foscas do orgulho, se tornam cegos.

Que não seriam nossos dissabores, ou que dolorosa desventura houvera sido a nossa, se possuíssemos toda a sapiência académica e entretanto tivéssemos os olhos cerrados às coisas espirituais! A cegueira espiritual tem sido desgraçadamente a origem de incalculáveis infortúnios; e tais infortúnios e tais infelicidades sòmente as podem avaliar, na sua génese e na sua extensão, os que enxergam além dos horizontes da matéria. Às vezes, por exemplo, a doençazinha introduz-se no indivíduo, e o médico, chamado para debelá-la, se vê em dificuldade para consegui-lo e nem logra explicar-lhe a causa. O facultativo franze a testa, arregala os olhos e balança a cabeça. Tem diante de si, a desafiá-lo, um mal exquisito, desconhecido, aberrante, traduzindo-se por sintomas bizarros, sem classificação nos cânones científicos. Por isto mesmo os esculápios sentem-se embaraçados, os diagnósticos variam, não dá certo nenhum remédio. Ou então é uma esquizofrenia, um abalo da mente, com intervalos de lucidez e a eclosão associada a pormenores estranhos, alarmantes. O exame clínico feito no paciente evidencia a perfeita normalidade da organização cerebral. Em um e em outro caso o enfermo bate à porta de todos os consultórios médicos, embalde tentando a cura pelos processos normais da medicina clássica. Resta-lhe recorrer aos mais afamados especialistas do mundo, e com este intuito um avião transporta-o à Europa ou à Norte América.

Por lá passa o doente meses, gasta novos rios de dinheiro e volta no mesmo estado — quando não mais sofredor e já sem esperança. É quando voz amiga e compadecida aconselha-o a tentar a terapêutica espiritual. A família do enfermo reluta, por causa do preconceito, mas acaba cedendo. E pelo meio mais simples possível, de ordinário, com aplicação de passes conjuntamente com preces, o padecente em breve fica bom, volta a reinar a alegria no seu lar, sem que, graças a Deus, um só cruzeiro dispendesse na restauração da sua saúde.

São sucessos que deixam os doutores atónitos, decepcionados com o fracasso de sua ciência...

Há cerca de quatro anos, justamente no dia de nosso retorno de uma cidadezinha próxima da capital, aonde foramos para um pequeno descanso,

---

(1) João, cap. 9.

a presença de alguém que nos é muito caro assinala-se à porta do nosso gabinete de estudo, surpreendendo-nos com esta pergunta insólita:

— Meu pai, o suicídio tem alguma explicação científica?

— Claro que sim, rapaz. — Mas, a que vem esta pergunta? — inquirimos, um tanto chocado.

E o moço, cujo semblante no momento pareceu-nos demudado, descerra os lábios num tom lúgubre e ao mesmo tempo enérgico:

— Nem sei direito. Creio que vou suicidar-me. Há muitos dias só penso nisto, sinto-me empolgado por esta ideia... Vou acabar o meu noivado, não quero mais saber de Márcia, nem do emprego... Vou jogar-me por aí afora; não tenho mais gosto para nada...

Tanto quanto nos foi possível procurámos dissimular o estupor que estas palavras nos causaram; e, tendo em mira persuadir ao rapaz de que todos somos visados por individualidades inferiores do mundo transcendente, que tanto podem provocar estados mórbidos nas criaturas invigilantes, quanto inocular nos seus cérebros pensamentos doentios, passámos a contar-lhe um caso recente, passado connosco mesmo, naquela cidade de onde, havia pouco, regressáramos.

Com efeito, ao descermos da cabine do caminhão em que viajáramos para lá, sentimos os membros inferiores em extremo fatigados, faltando-nos ânimo para caminhar. O percurso entre a capital e a citada localidade é normalmente feito em pouco mais de duas horas; porém, o motorista que dirigia o veículo se houve com tanta morosidade que não foi possível vencê-lo em menos de quatro horas.

A princípio achámos razoável atribuir aquela anormalidade orgânica ao tempo excessivo que passáramos na boleia do carro, numa posição pouco cómoda, como se sabe.

Mas acontece que, além da relaxação das pernas e uma dor aguda a penetrá-las até à medula dos ossos, uma insidiosa desinteria sobrevém e nos obriga a constante movimento. Apossa-se de nós, outrossim, como um complemento desta situação desagradável, um mal-estar geral, estampando-se na nossa fisionomia um ricto de amargura e tédio.

No dia seguinte, menos por boa disposição física do que por um impositivo de nossa palavra empenhada, logo cedo nos transportamos à propriedade rural de um amigo, situada a uma légua da cidade. Na tarde do dia imediato estávamos de volta.

Na fazendinha o nosso estado manteve-se estacionário, sacrificando a alegria que deveríamos ter no convívio da gente amiga que nos acolhera. De novo na cidade, o nosso padecimento se agrava.

Agora uns bocejos sem fim combinaram-se à exaustão dos membros, ao mal-estar e ao fluxo do ventre; e, mais tarde, ao despertarmos do primeiro e breve sono da noite escaldante de Janeiro, temos o corpo enrejelado e tiritante!...

Aquilo, enfim, estava tomando um aspecto sério e gerando apreensão. O companheiro que ocupa um leito no mesmo quarto connosco, levanta-se, inteira-se de nossa situação e mostra-se preocupado. Mas, poucos instantes depois, dobra-se novamente na cama, parecendo dominado pelo sono. Com surpresa nossa, contudo, e sem que fizesse ainda cinco minutos que se prostrara, reergue-se, de chofre, para dizer-nos, muito admirado:

— Que coisa! Sabe, Miguel? Mal fui adormecendo, escutei, bem nítidas, estas palavras: «O que ele tem é uma influência má». Creia que ouvi distintamente uma voz dizer-me isto.

— Pois, amigo, dessa influência já vínhamos suspeitando. Então vamos orar e você nos fará uns passes.

— Mas como, se nunca fiz passes em ninguém?!...

— Tanto melhor. Você aprende e ficará fazendo. Todos nós possuímos uma reserva de magnetismo animal, em maior ou menor potencialidade; e as radiações desta força, que emitimos com as mãos espalmadas em movimento alternativo ao longo do corpo de um doente, pode restituir-lhe a saúde ou fazer que ele se sinta aliviado. O passe, em suma, é uma transfusão de fluidos restauradores; e como o fluido emitido por quem esteja de boa saúde elimina os fluidos impuros de que uma pessoa esteja impreganada, segue-se que uma «influência má» — que, de resto, não é senão o efeito de uma emanação fluídica deletéria — se desfaz naturalmente por uma imposição das mãos no sentido longitudinal sobre o paciente. Nesta prática, largamente usada pelos espiritas, consiste o passe magnético, ou fluidoterapia, se quisermos empregar um termo técnico. Dispondo desta força em grau elevadíssimo, o Cristo operou aquelas curas assombrosas de que nos dão notícia os Evangelhos.

Depois de ouvir-nos, o companheiro colocou-se à nossa frente e passou a ministrar-nos os passes, — enquanto, por nossa parte, orávamos, rogando a Deus esclarecesse o pobre irmão invisível que se aconchegara a nós de uma forma tão molesta.

Passe e oração confudiram-se no seu efeito instantâneo e salutar. De nosso corpo sentimos vivamente qualquer coisa a desagregar-se, seguindo-se imediatamente uma confortadora euforia, como poucas vezes temos experimentado.

Contámos este episódio ao nosso filho. Contámos para induzi-lo a admitir a possibilidade de estar sob a nefasta inspiração de um malfeitor do Espaço interessado em arrastá-lo à ruína e ao suicídio.

Ele nos escutou e saiu cabisbaixo.

Quanto a nós, ficámos grandemente preocupado, pensando em que Centro Espirita ou médium particular iríamos levá-lo para um tratamento psíquico.

Até a hora de nos recolhermos para dormir, a este respeito nada tínhamos decidido ainda; porém, nessa ocasião, ocorreu-nos dirigir a Deus uma súplica em favor do rapaz. Que o Senhor esclarecesse e afastasse o intruso espiritual que lhe vinha insuflando aqueles pensamentos malsãos e amparasse o nosso filho, preservando-o das tentações do mal.

Foi esta, em resumo, a prece que endereçamos com toda unção, humildade e sentimento ao Pai de infinita misericórdia.

Na manhã seguinte notamos a sua costumeira jovialidade; as suas maneiras habituais estavam patentes nos seus gestos e no seu falar. Prazenteiro, saiu para o trabalho; e, à noitinha, vimo-lo regressar satisfeito e alegre. Não era mais o moço acabrunhado e pessimista que na noite anterior mantivera connosco aquele diálogo sombrio no limiar da nossa biblioteca. Para que, pois, volver ao assunto triste que o trouxera à nossa presença?

Desde então o rapaz reintegrou-se na sua personalidade; e hoje, quatro anos depois, vemo-lo

cada vez mais cheio de optimismo, casado e feliz ao lado da esposa e do seu primogénito.

Neguem os cépticos a proficuidade da prece; neguem, zombem dos que oram, e nós nos apiedamos deles, porque, na sua amaurose, nada vêem e não sabem o que dizem.

CONCLUSÃO

O assunto é fecundo, como fecunda é a prece saída do coração, segundo demonstraram os factos com que o ilustrámos. Ele levar-nos-ia muito longe, não fosse a premência de tempo e espaço a confinar-nos por aqui.

Porém algumas palavras cabe-nos dizer ainda.

Foram os benefícios colhidos na prece que nos sugeriram a composição destes artigos, que talvez um dia sejam ampliados e formem o conteúdo de um livrinho. Cada qual que os tenha lido, experimente pôr em prática as suas instruções, e sentir-se-á enriquecido de luzes, reconfortado e feliz, qual nós nos sentimos, mercê de nossas audiências com as Potências Superiores.

«Pensa em Deus tantas vezes quanto respiras», recomenda Epicteto, e nós achamos profundamente sábio este conselho. Está-se a ver a hipérbole que há nestas palavras, as quais, isoladas desta figura de retórica, significam que a frágil criatura humana deve agir e proceder sempre com as vistas voltadas para o Criador de quem emana toda a bondade e sabedoria.

Antes de conhecermos o dito desse filósofo estóico, já nos orientávamos segundo a sua advertência. E não mudaremos jamais nossa directriz. Nas grandes coisas e nas coisas mínimas, pensamos em Deus. Mandamos-lhe o nosso pensamento quando encetamos qualquer empresa e quando a concluímos; assim, também, quando a maldade nos lança desafio e submete à prova nossa tolerância. Quando planejamos uma viagem, do mesmo modo, não deixamos de rogar-lhe seja-nos o caminho interceptado com obstáculo intransponível, caso um mau sucesso se oculte no nosso desígnio.

Nesta última conjuntura o aviso, de ordinário, nos vem numa subtil intuição.

Recentemente projectáramos uma excursão a determinado recanto situado fora da área suburbana da capital, onde vezes anteriores fôramos recebidos e desfrutáramos excelente hospitalidade. Para o Alto, como de costume, alçámos o espírito, confiando-nos à direcção de Deus. Desde este momento fechou-se-nos o coração; quedámo-nos desanimado para aquele passeio.

Mas tudo estava acertado, gente nos esperando. Nossa falta talvez suscitasse desapontamento e desgosto. Demais, somos de palavra irredutível.

Sim, intimamente, nenhuma disposição de viajar. Pressentimento de um desastre, não; não era bem isto. Antevíamos que algo desagradável ia nos acontecer: um insucesso, um dissabor...

Pois, mesmo assim, partimos. E partimos ao encontro de uma surpresa acabrunhadora, de uma decepção que jamais pudéramos imaginar!

O hábito, realmente, nos vem da meninice: pensar muito em Deus, tê-lo constantemente presente na nossa memória. Este é um meio simples de se haurir força que a maioria das criaturas desconhece. E força que nos livra de muita coisa má, sem parecer que a utilizamos.

Provas disto, temo-las numerosas, comovedoras. Vamos caminhando e avistamos à distância malta de valdevinos em atitude desrespeitosa? Ou ébrio desabusado provocando aos que passam? Valeria a pena recuar, por prudência. No entanto, pensamento ao Alto, e passamos, resoluto, ao abrigo de qualquer incidente.

À refeição servimo-nos de peixe, e em dado momento da deglutição do alimento percebemos o perigo de uma espinha na garganta. A lembrança de que o Senhor tudo pode, vale, neste instante, por uma prece, e o ossinho imediatamente se desloja.

É noite e estamos nos aproximando de nossa casa pela rua deserta. Enorme cão bravio, que o dono esquecera-se de metê-lo à corrente naquela noite, avança, furiosíssimo, para nos estraçalhar. Nada trazemos na mão para nosso resguardo; teríamos fatalmente que sofrer as dentadas do terrível animal. Eis senão que o instinto de defesa, num átimo, faz-nos elevar o pensamento para Deus. Instantâneamente, como num acender de lâmpada eléctrica, a fúria do cão amortece e ele recua, escafedendo-se por uma esquina! Lágrimas de emoção e reconhecimento deslizam-nos pelas faces.

Todavia, seria infantil, ou ilógico, julgar que a prece pode desviar as nossas provações. Já se disse, e bem se compreende, que a lei de imutável justiça não se curva aos nossos caprichos. No entanto, se Deus é a soberana justiça, é também a bondade imensa, infinita e caritativa. Porque pois não obteríamos por nossas preces tudo o que a bondade pode conciliar com a justiça?

Também um doente não se subtrai ao sofrimento que o retém no leito; contudo, a palavra confortadora de quem o assista e encoraje infunde-lhe consolação e suaviza a sua dor.

O mesmo se dá quando oramos: os padecimentos que fazem parte da nossa prova seguem o seu curso sem alteração; porém a assistência, o socorro dos Espíritos benevolentes que a prece atrai, incute no nosso ânimo a intrepidez necessária para suportarmos dignamente as tribulações dos maus dias.

Assim como a perseverança na prece ameniza o nosso karma e estanca males acidentais que tenderiam a agravá-lo enormemente, o desprezo por ela é uma deplorável imprevidência que expõe o indivíduo a desastres fatais e inevitáveis.

Não orar é dispensar a presença de Deus, é ficar à mercê de influências negativas. Os constantes insucessos na vida de certas pessoas, as discórdias em muitos lares transformados em inferno, podemos atribuí-los à indiferença pela prece. Passem essas criaturas infelizes a cultivá-la, e verão como as coisas se modificam, como suas vidas se reajustam e se tornam vitoriosas.

«Hoje, mais do que nunca, a prece é uma necessidade na vida de homens e povos. A falta de intensidade no sentimento religioso acabou por trazer o mundo à beira da ruína. O mais profundo manancial de energia e perfeição, que se acha ao nosso alcance, tem sido miseràvelmente abandonado. Se a força da prece for mais uma vez posta em acção, revigorando homens e mulheres, haverá ainda esperança de que não sejam vãos nossos anseios de um mundo melhor».

Esta é a opinião do sábio Alexis Carrel, já por nós citado, glória autêntica da medicina e das letras contemporâneas.

Façamos da prece nosso pão espiritual de cada dia.

SÓ ESPIRITISMO CIENTÍFICO?

Por HENRIQUE MAGALHÃES

VI

Continuemos a focar os trabalhos realizados em Pedro Leopoldo (Brasil), tendo por principais personagens o médium Francisco Cândido Xavier e o visitante português Isidoro Duarte Santos.

No último artigo escrevemos sobre o apelo feito pelo esclarecido espírito João Paulo Freire. Hoje nos estenderemos a propósito de outro vulto do Espiritismo português, já desencarnado e cuja lúcida inteligência esparramava suas luzes em quase todos os números desta revista. Trata-se do Coronel Faure da Rosa. Quem leu os seus artigos terá verificado que foi um homem afeito à ciência, tal os conceitos que emitia.

Continuando em suas revelações de vidência, o médium prosseguiu:

«Eis um senhor também calvo... rosto comprido... idoso. Que falasse ao senhor (Isidoro), que é o José Augusto.

— Não o conheço — responde o Isidoro.

— Agora sorri e diz: «É o Rosa».

— Ah! sim! Rosa! — informa o Isidoro. O Coronel Faure da Rosa!

O médium concentra-se mais, deglute um pouco e prossegue:

— Falando com o senhor, diz ele que precisamos de reunir os corações em Portugal à volta da doutrina Espirita, como restauradora do Evangelho do Cristo. Que não é desprezar a parte cultural do Espiritismo; é erguer os corações. Que temos necessidade dessa unificação do pensamento espirita evangélico *no mundo de língua portuguesa. Que é ideal dos espiritas a quem incumbe o progresso espiritual das pátrias de língua comum. Isto é muito importante».*

«Doutrina Espirita restauradora do Evangelho do Cristo», «Unificação do pensamento espirita Evangélico».

Eis o apelo formulado pelos espiritas que, dos planos superiores, dirigem o espiritismo na pátria lusa. Esse apelo estende-se a todos os povos que falam a língua portuguesa, incluindo também o Brasil.

Por esta particularidade verificamos que os dois povos irmãos se entrelaçam, na terra e no além, auxiliando-se mùtuamente.

Não é sem fundamento que as duas pátrias, na terra, se unem em tratados defensivos. Suas raízes estão finculadas às regiões superiores, onde reside a direcção dos povos.

Agora outro pormenor de importância:

Exclarece-nos esse espírito que «não devemos desprezar a parte cultural do Espiritismo». E acrescenta: «devemos erguer os corações».

Para se tornar integral — dizem os Espíritos Superiores —, a evolução das criaturas necessita de duas asas. Uma, inteligência; outra, coração. São duas alavancas impulsionadoras, indispensáveis ao progresso espiritual dos seres. A primeira obtém-se pelo estudo, experiências, perquirições. É o que os cientistas de todos os tempos vêm efectuando, e, mais particularmente, no que toca ao psiquismo, têm realizado os grandes vultos da ciência contemporânea, essa ciência de que nos fala o ilustre Dr. António Cardoso e o Dr. Karl Müller. Somos de opinião que devemos continuar as investigações psíquicas, devidamente controladas, para provar aos cépticos e aos materialistas a sobrevivência da alma. Todavia, fazemos parte dos que afirmam que não basta comprovar a preexistência da alma; é necessário ir mais além, isto é, desbravar-lhes o caminho que os aproximará do Criador. Esse, o ponto culminante do nosso estudo.

Para chegarmos a essa finalidade, todos nós temos de cultivar os corações, aprimorando-os, activando os bons sentimentos, segundo os ensinos do Cristo: «Fazer aos outros o que desejamos que nos façam»; dar de comer aos famintos; vestir os nus; auxiliar os enfermos; proteger a infância e velhice devalida, etc., segundo a expressão maior da parabola do «bom samaritano». Eis aí a outra asa.

Qual o melhor meio de chegar a esse desiderato?

Sem dúvida, o Evangelho de Jesus, verdadeira herança do Céu para a humanidade. Eis a parte religiosa do Espiritismo.

Foi levando em consideração esse importante factor, que Allan Kardec colocou no «Evangelho Segundo o Espiritismo» aquela brilhante página, com o sugestivo nome: «Aliança da Ciência e da Religião».

Pois é esse duplo aspecto que defendemos. É pela sua sobrevivência que nos batemos.

Que os que defendem o cientifismo meditem sòmente nesses dois pontos de vista. Estamos esperançados, para não dizer certos, que chegarão à mesma conclusão.

Esse, o nosso grande desejo. Deus os esclareça e abençoe os seus propósitos, são os votos sinceros deste irmão em humanidade, servo dos servos do Senhor.

FIM

Selecções Espiritualistas

Direcção e Apresentação de

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

AUXILIARES INVISÍVEIS

Revelações Sensacionais do Médico Lauro Neiva

Ministros da Fazenda salvos pelos auxiliares invisíveis!
Ministério da Luz Astral!

II

O CASO DO MINISTRO ROMERO ESTELITA

Estava o dr. Romero Estelita substituindo, interinamente, o dr. Sousa Costa, que tinha ido aos Estados Unidos, quando me chamaram para atendê-lo urgentemente. Não podia atinar com aquela chamada urgente, pois era excelente a sua saúde. Não foi, contudo, para ele, o que só vim a saber, quando, já ao seu lado no automóvel, me disse, lacrimejando, que o seu netinho estava morrendo!

— Já chamaram um pediatra?

— Vários médicos foram chamados e o meu neto continua arroxeado, morrendo! Você, Neiva, pode salvá-lo!

Que seria? Ainda não o tinha visto, nem o conhecia, e ia fazendo uma porção de conjecturas, quando entrámos em sua residência, onde a agonia tomava todas as faces.

— Dê-me, depressa, água quente numa bacia!

Aquilo pulou-me dos lábios, antes de me inteirar de alguma coisa e de examiná-lo. A água estava fervente, pronta para um cafèzinho! Aproveitei-a, mergulhando nela os pés da criancinha, que chorou aos gritos. Estava salva!

O CASO DO MINISTRO LAFER

Aconteceu antes de ir a qualquer centro espirita, logo após a minha volta dos Estados Unidos. Não sei, pois, a quem atribuir tão providencial ajuda. Visitava, naquele dia, os meus amigos do gabinete do ministro da Fazenda, quando fui chamado, urgentemente, para atender o dr. Horácio Lefer, então ministro da Fazenda. Sua excelência esfregava nervosamente os olhos, no sentido de recuperar a visão, que lhe fugia aos poucos. Não o conhecia pessoalmente e admirei-me com a pergunta que lhe fiz:

— O senhor é diabético?

— Não, nem tenho nenhum diabético na fimília!

— Vou examiná-lo, tirar a pressão arterial e, amanhã, o senhor deverá fazer, em jejum, um exame de glicose.

— Já lhe disse, doutor, que não sou diabético, não tenho nenhum diabético na família e não faço esse exame!

— Então, ministro, eu não o posso tratar, a não ser que o senhor queira fazer um exame fundoscópico.

— Porquê?!

— O senhor poderá ter algum acidente cerebral e, com esse exame, é possível que seja evitado.

Aquiescendo, levei-o ao consultório do dr. Rui Rolim, na Praça Marechal Floriano. Apresentei-lhe o ministro e esperei o resultado.

— O senhor, ministro, é cem por cento diabético!

O dr. Horácio Lafer, cheio de admiração, fixou os olhos em mim e no dr. Rolim, dizendo:

— Pelo exame fundoscópio é possível, então, assegurar um diagnóstico de diabete?!

— Ah, compreendo, ministro, o seu espanto. O dr. Neiva usou desse truque: os microaneurismas encontrados revelam diabete. Verifique a glicose no sangue.

A uma pergunta do dr. Horácio Lafer, que desejava saber como eu fizera, prontamente, tal diagnóstico, respondi:

— Intuição!

Naquele tempo, não conhecia *Rompe-Mato*, Vovó Quitéria e Guaraní. Mas já tinha Deus em mim!

O CASO DO MINISTRO OSVALDO ARANHA

Demitiu-se, de repente, o dr. Horácio Lafer e voltou ao Ministério da Fazenda o dr. Osvaldo Aranha! Ao cumprimentá-lo, perguntou-me:

— Como estás tu? Precisas de alguma coisa? Estou às tuas ordens.

Paraibano muito desconfiado, punha-me na ante-sala bem distante de sua excelência, quando presente. Ainda estava pensando que fora indelicado, lá naquele Janeiro de 1936, e, numa das vezes em que perguntou afectuosamente pela minha saúde, aventei:

— Mas o senhor lembra-se, mesmo, de mim? O senhor sabe quem eu sou?

— Como não?! Tu não eras o médico do Sousa Costa?!

Soube, um mês depois, que alguns médicos estavam examinando o ministro, lá, no gabinete. Fiquei meio desapontado, julgando que não conquistara a confiança do ministro, e não mais fui ao gabinete. Por verdadeiro escrúpulo, jamais ofereci os meus préstimos médicos a qualquer ministro. E alguns só souberam da minha presença, quando adoeceram. Aos serventes e contínuos, porém, sentia-me obrigado a acudi-los, oferecendo-lhes a minha assistência e os remédios.

O dr. Osvaldo Aranha, sem que eu esperasse, resolveu chamar-me. Pensando que fosse uma brincadeira de quem me transmitiu o chamado, não fui. Mas um automóvel veio-me buscar à residência e fui ao Ministério.

— O senhor ministro está com uma perturbação gastro-intestinal?

— Como assim? O senhor ainda não me examinou e já sabe o que tenho! De facto, doutor, há três dias que venho sofrendo tremendamente. Já tomei todas as vacinas e nenhuma faz efeito. Resolvi apelar, então, para os teus conhecimentos.

— Vou receitar uma vacina que o senhor ainda não tomou. O senhor ficará bom imediatamente!

— Já tomei todas as vacinas.

— A que eu vou receitar, não!

— Qual?

— Leiba.

— Nunca ouvi falar nisso.

Quinze minutos depois perguntou-me:

— Mas, como pude eu ficar bom tão ràpidamente?!

— Fiz um passezinho na água...

O CASO DO MINISTRO ALKMIM

Chamou-me, pelo telefone, o sr. José Álvares Pessoa, dizendo-me que uma «entidade» desejava, com urgência, falar comigo. Era o altivo Guaraní, que a sr.ª Dulcinéa de Lima, além da Vovó Quitéria,

também «recebia». O Guaraní já me ajudara em diversas ocasiões dificílimas, quase todas espontâneamente. De uma feita, adiantou-me o diagnóstico de um cliente que vinha do Norte aos meus cuidados: — «carcinoma espino-celular do céu da boca, caso incurável e desenlace dentro de poucos meses». Absolutamente certo. De outra, ajudou-me a levantar uma mocinha com paralisia dos membros inferiores, cuja desgraça afligia a todos os médicos do hospital Anchieta: a infeliz — sem pai, sem mãe e sem ninguém — já ali vivia há seis longos, penosos e infindáveis meses apoiada sobre os cotovelos e, além da paraplegia, com incontinência de fezes, de urina, sem tacto, gélida e cheia de escaras, engessada! Levantou-se, apoiando-se em aparelhos, e ainda teve a sorte de a embaixada americana se interessar por ela.

Vamos ao caso do ministro.

— Meu filho, tu não trabalhas no gabinete do Ministro da Fazenda? Pois bem: amanhã, bem cedo, vai ao Ministério. O teu Ministro vai ter uma perturbação circulatória e, pensando em morrer, dará ciência ao seu filho-secretário. Mas não digas isso a ninguém e não fiques longe dele!

No dia imediato, bem cedo, aguardei a chegada do ministro Alkmim, cumprimentei-o com um aperto de mão e retirei-me para uma das salas do seu gabinete. De vez em quando passava um funcionário e admirava-se de me ver ali tão cedo, pois era a hora em que deveriam achar-me no hospital.

Lá para as dez e meia, chamam-me à pressa. Acudindo bem a tempo, animado pela protecção divina, examinei o dr. José Maria Alkmim, verificando que a sua pressão arterial oscilava entre dois e quatro! Sua excelência estava perdendo o pulso, muito pálido, sem força nenhuma e algum mal-estar precordial, além de uma tristeza imensa! Chamando o filho Leonardo, seu secretário particular e filho dedicadíssimo, disse-lhe:

— Meu filho, eu não lhe disse que sairia morto, numa maca?

— Hoje não, ministro! — afirmei-lhe com bastante calma, pensando no providencial Guaraní!

Creio que as minhas palavras e a injecção de Spartocânfora afastaram todos os possíveis efeitos maléficos. Uma hora após, examinando-o, já encontrei a pressão entre 7 e 12 e, uma hora mais, almoçava sorridente, no Ministério da Fazenda, com o dr. Macedo Soares, Ministro do Exterior, completamente restabelecido. Pedi, no dia imediato, que fosse feito um electrocardiograma. Ele mesmo procurou o dr. Genival Londres, que nada verificou de anormal. Pareceu-me, então, tratar-se de uma perturbação motivada pelo trabalho intenso.

O PÁRA-QUEDISTA DO EXÉRCITO

Chamou-me ao telefone o sr. Wilson Aguiar, redactor de *O Cruzeiro* e ex-director do *Diário da Noite*, do Rio, a fim de me convidar para ir à sua casa, no sentido de falar com um espírito que se comunicava através de um copo, numa mesa onde estavam todas as letras do alfabeto e as palavras «sim» e «não». Acabava de chegar do consultório, já havia mudado de roupa e jantava com o meu cunhado, pediatra e ex-vereador pelo Distrito Federal, dr. Gentil de Castro. Querendo apreciar o fenómeno, o dr. Gentil de Castro levou-me em seu automóvel.

O espírito, através do copo e mui demoradamente, pediu-me que tratasse de um seu filho, pára-quedista, que estava internado num hospital do Exército, quase desenganado, à espera, talvez, de uma morte iminente. Fiz-lhe ver que, sendo um médico civil, não poderia, sem autorização, fazer qualquer tratamento naquele hospital. O espírito disse-me que um irmão dele iria procurar-me na minha residência, para combinar o dia do exame médico. Não me adiantou mais nada, a não ser que tinha a convicção de que eu iria curá-lo, pelos conhecimentos adquiridos nos Estados Unidos.

Como quisesse retirar-me, em virtude do adiantado da hora, disse-me o espírito: «Espere mais um pouco. Deixe o Gentil ir-se embora». E, dirigindo-se ao dono da casa: «Wilson, empreste um dinheirinho ao Lauro».

— Eu não preciso de dinheirinho, mas, sim, de muito dinheiro!...

— Você precisa, mesmo, é de pouco dinheiro, pois esqueceu a sua carteira em casa...

Meus bolsos estavam, de facto, vazios!... Conversei algum tempo mais e retirei-me, pensando, admirado, naquele facto extraordinário!

Apareceu em minha residência, dois dias depois, um moço magrinho, anémico, que me pedia que salvasse o seu irmão, único arrimo de sua família pobre e desprotegida da sorte. Contou-me, simplesmente, já ter ouvido falar no meu nome, encontrando-o na lista de telefones. Receava, contudo, procurar-me, porque lhe disseram que eu era médico de ministros e as receitas eram caríssimas... Sorri, oferecendo-lhe todos os meus préstimos. Dei-lhe o endereço do consultório e marquei a hora da consulta, caso possível, logo no dia imediato.

Após dois meses de tratamento, dei-lhe alta.

E fui chamado, novamente, pelo sr. Wilson Aguiar. O «copo» queria falar-me. O espírito, indiscutìvelmente, acompanhou-me, ajudando-me. E disse-me:

— Obrigado. Deus lhe abençoe!

Tive vontade de beijar aquele «copo», como quem beijasse o cristal puríssimo de uma alma santificada pelo amor, pela caridade e pela saudade de um pai tão bom e tão amigo! Chegará o tempo, com o aperfeiçoamento físico, moral e espiritual, em que o ser humano não mais precise de «copo», de «mesa», nem de outro qualquer «instrumento», para sentir, ver e ouvir o Desconhecido?...

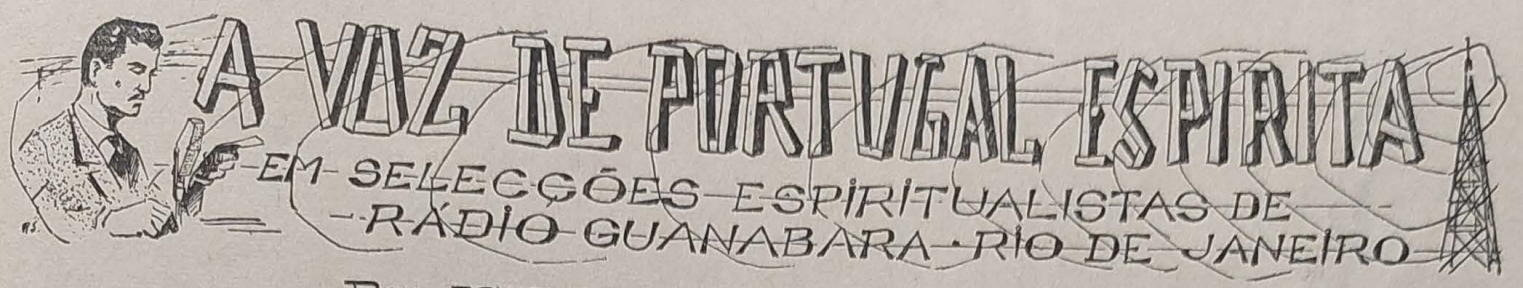
O LÍRIO DA PURIFICAÇÃO

Sentindo a presença de minha mãe em meu coração, escrevi-lhe em 6 de Junho de 1958: «Levo ao seu conhecimento mais um facto espiritual, que me emocionou intensamente. Estávamos, nessa última segunda-feira, numa sessão espirita de materialização, quando, de repente, apareceu, no espaço escuríssimo, um grande braço, vindo de não sei donde, tendo na mão um lírio azul iluminado misteriosamente. O lírio, sob a admiração e o espanto de todos, aproximou-se lentamente de mim, iluminou-me o rosto e acariciou-me a face, como se me beijassem pétalas santas! E uma voz se ouviu:

— Meu filho, este é o Lírio da Purificação!

Minha querida mãe: também senti nesse instante o seu coração iluminando-me toda a alma! E lembrei-me destes versos lindíssimos do inigualável Guerra Junqueiro, quando, ainda muito moço, o lia à luz do luar, na praia de Tambaú, pertinho do Cabo Branco.

...«Almas, urnas de fé, de caridade
[e esp'rança,
Vasos de oiro contente aberto em
[lírio santo,
Um lírio imorredoiro, um lírio
[alabastrino,
Que os anjos do Senhor vêm orva-
[lhar de pranto,
E a piedade florir com seu clarão
[divino»...



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

55

EDUCAÇÃO

Amigo radiouvinte:

Hoje vou sair um pouco do rumo que tenho dado à conversa. Porque estas mensagens —como alguns lhes chamam — não passam de conversa sem intuitos de orientação. A sr.ª Ackermann dizia que os conversadores eram pródigos: atiravam o espírito pela janela fora. Sim, os conversadores, aqueles seres privilegiados que, falando muito, calam, quando a palavra amortece, como sucede ao morrão da candeia. Mas eu limito-me a ventilar assuntos pela rama, chamando a atenção dos estudiosos para certas anomalias, limito-me a esboçar quadros humanos que os ouvintes podem completar, de harmonia com suas tintas e seus pincéis. Conheço a minha inferioridade e não imito o sapateiro de Apeles.

Isto vem a propósito da notícia que *O Semeador* de São Paulo inseriu acerca da alma japonesa no tocante à educação. Primeiro aludiu à criminalidade infantil, que vai aumentando assombrosamente nos Estados Unidos da América. Depois citou algumas informações da revista americana *Christianity Today*, segundo as quais nunca ali foi preso por delinquência um filho de japoneses. O articulista acha o caso impressionante, visto que cinco por cento de adolescentes americanos estão em dificuldades com as leis do país; entre eles, porém, não há um único filho do sol nascente.

«As informações continuam — escreve o jornal — para dizer que lá nunca um japonês foi preso por roubo, assalto a bancos e dissenção».

Em Chicago, por exemplo, há cinco mil japoneses e nesta interessante comunidade nenhuma prisão se verificou por meio de arrombamento, não obstante os seus componentes estarem há muitos anos em contacto com as influências ocidentais.

A mesma revista acrescenta que há nos Estados Unidos dez mil adolescentes japoneses e que nenhum deles jamais foi entregue ao tribunal por ter feito uma depredação, negociado com narcóticos, viajado com excesso de velocidade, roubado bolsas ou assaltado casas. E terminou, exclamando:

— Esquisitos, estes japoneses!

Esquisitos, porquê? Por serem correctos, por cumprirem os seus deveres de cidadãos em terra alheia? Por se manterem fiéis aos princípios búdicos que norteiam o seu país? Se não ser esquisito é prestar culto à delinquência, encher as prisões, abastardar o direito, especializar-se em arrombamentos, raptar crianças para extorquir quantias fabulosas, vale a pena ser esquisito como esses amarelos que não juram sobre a Bíblia, mas que aprenderam em seus códigos de moral o «amai-vos uns aos outros» do Nazareno.

Educar não é armazenar conhecimentos para cultivar hegemonias, mas desenvolver o carácter, nele estampando o que nos distingue moralmente.

— Quando fizermos a educação da bondade — escreveu Jean Finot — as gerações encontrarão prazer onde nós encontramos motivos para lágrimas.

A noção de direito e dever é coisa nebulosa que poucos compreendem. Quase todos julgam que o primeiro lhes pertence e que o segundo pertence aos outros.

Para levar um povo à noção do dever cívico é necessário trabalho constante de formação moral, a começar nos lares, onde as almas reflectem as primeiras expressões de vida. Não matar, não roubar, não injuriar são premissas de felicidade em qualquer parte do mundo. Depois vem a lealdade e a verdade. Um povo assim apetrechado dará leis aos próprios vencedores.

O japonês cultiva a sobriedade: «Come para viver, não vivas para comer». Cultiva a tolerância: «Espera a vez, não atropeles quem está na fila à tua frente». Não é prolixo, não é redundante. Fixou o provérbio de Maeterlinck: «a palavra é tempo e o silêncio eternidade».

O mais difícil na vida é harmonizar o acto com a palavra. Léon Denis acreditava na transformação e aperfeiçoamento da sociedade pela educação, ministrada desde a infância. Os maus instintos andam connosco e é preciso combatê-los à nascença. Muita gente ignora que os trouxemos de outras vidas e que podem corrigir-se e modificar-se.

O Espiritismo educa num sentido mais amplo do que a mais esmerada ética social. Antes de educar, ensina, apresenta directrizes, convence, fortalece a posição mental. Depois é seguir o caminho.

Os espiritistas convictos não são delinquentes. Não roubam, não malsinam, não rebaixam. Toleram as opiniões alheias, acatam as leis, respeitam os velhos, reivindicam o direito sem recurso à violência.

Mas esta educação resulta do próprio estudo da doutrina. Para que jurar sobre a Bíblia, se o utilitarismo domina o sentimento?

O espiritista é da opinião de La Bruyère: «O homem honrado nunca jura; contenta-se com dizer: isto é, ou isto não é. O seu carácter jura por ele». Se há palavras de honra, onde ficam as que o não são?

A revista *Christianity Today* talvez não se ocupe deste assunto comesinho. Registará factos sem análise lógica, sem extrair deles conclusão necessária. É bem pouco, na verdade, para um órgão deste género.

A educação não deve ser artificial. É preciso deixar a natureza agir tranquilamente e lentamente e vigiar que as condições do meio assegurem o trabalho efectuado, como dizia Ellen Key. Assim, sim! É orientar o espírito, aproveitando as boas tendências individuais.

Os jovens dos Estados Unidos carecem de educação integral que se dirija ao génio, aos hábitos e ao entendimento. O cinema, que tem sido alavanca de progresso e divulgação de exemplos nobilitantes, é arma de dois gumes nas mãos da mocidade. Por isso é justo classificar as fitas, para que os novos se não corrompam ao contacto de certos quadros doentios.

Os povos do norte da Europa são dignos de louvar no tocante à educação infantil. Ao chegar a homem, o jovem não receia o ambiente em que vai exercer a sua actividade. A nação educou-o, facetou-o e lançou-o no mundo. É mais um braço positivo no caminho do resgate.

O homem orienta o reino vegetal,

aproveitando-lhe as tendências, e tem conseguido coisas maravilhosas no campo da genética. Se assim age com tanto resultado, porque não aplicar os conhecimentos no sentido de elevar ainda mais o que há de bom em nosso coração?

Para educar as crianças é preciso amá-las, aconselhava Junqueiro. Não há dúvida. Sem amor nada poderemos conseguir na transmutação das almas simples.

Adeus, amigo radiouvinte. Saúde e alegria, legenda salutar ao serviço da humanidade.

56

ARANZEL

Amigo radiouvinte:

Quando se aproxima um fim de ano damos balanço à vida geral. Primeiro evocamos os momentos agradáveis, os triunfos e as glórias, as realizações e os lucros. É o activo do nosso esforço e ganhamos esperança. Uma espécie de juro que se vai capitalizando e rendendo novo juro. Depois vem o passivo. São as horas nimbadas de infortúnio que em vão tentamos riscar do mapa. Umas emergem do oceano, como bergantins desarvorados; outras mal afloram à superfície, porque o lastro é grande. Fazem parte da lição magna, que não mais esquece e cujo efeito em nós é semelhante à metamorfose da crisálida.

Ninguém quer essas «horas mortas», que não contam na existência de quem se compraz no gozo efémero de um minuto, adaptando-o a qualquer parcela de um mundo que não pode morrer.

As horas boas, ou horas felizes, são água fresca de nascentes. Quando se aproximam, rejuvenescemos; quando se afastam, entra connosco a saudade. Mutação rápida que fez dizer a Pascal: «Com pouco nos consolamos e com pouco nos afligimos».

Na verdade, o homem ignora a extensão do gozo e do sofrimento, ambos limitados à sua relatividade.

Quem só vivesse instantes de prazer cairia no monótono. O facto se verifica na mocidade que percorreu toda a gama do sensório e ficou ancilosada. As cordas deixaram de vibrar. Ausentou-se a harmonia das almas.

É preciso ganhar as horas boas através do sofrimento. Dizem que não é necessário, que destrói a saúde orgânica e mental. Os extremos são sempre nefastos, sejam de dor ou de prazer.

Após esforço grande em que tudo lançámos sem certeza de vitória, rejubilamos de contentamento, se o êxito coroa o trabalho. Avalia-se melhor o caminho, quando o percorremos e sentimos os abrolhos. É preciso conhecer por experiência e fazer como aquele que se consolava de andar a pé, vendo o outro que só podia andar a cavalo.

Há mulheres que fazem seus vestidos, porque isso lhes dá satisfação. O trabalho acalma, enobrece e dá personalidade. O ocioso vive em desequilíbrio, tem vergonha de si mesmo. No fim de um ano o seu balanço é negativo.

Claro que as horas diferem, segundo o conteúdo humano que as define. O obreiro espiritual tem alegrias que o cavador desconhece. Um vive cingido à terra argamassado em limo; outro sente a vibração da ideia a roçar os mundos. O primeiro desentranhou elementos indispensáveis ao estômago; o segundo aureolou a vida, deu-lhe expressão poética, amenizou-lhe as arestas mais duras. No fundo, tudo é trabalho consolador, construção imanente. É que a felicidade de cada um — escreveu Tourgueneff — baseia-se na desgraça de uns tantos...

Eis dois extremos que não se entenderam, nem se entenderão jamais. São contrastes necessários à compreensão do lapso que vai do nascimento à morte.

Eu penso muito na desigualdade social dos povos e nos meios de felicidade que lhes concedem. E cheguei a conclusões estranhas. Sempre que um impulso move o braço da grei, logo os videiros surgem no flanco a exercer o seu mister. E a grei continua a pensar no seu ideal, na sua aspiração. E conclui que a felicidade é um perfume levado pelo vento. Os videiros lá estão com garfo, navalha e florete. O mundo é deles tão sòmente.

Não sei se o meu raciocínio será verdadeiro. Há coisas que parecem boas e são más. O erro está na ignorância ou nas lentes que usamos.

Dos que me escutam, muitos não concordarão, alguns aplaudirão e outros hão-de encolher os ombros de indiferença. Os últimos adaptam-se a coisas que não entendo.

Se a evolução não libertasse, seria vão o esforço. Mas liberta, liberta sempre dos pequenos e grandes preconceitos. E por muito que os videiros façam em seu benefício, muito mais há-de haver em proveito da maioria. Se assim não fosse...

O que é preciso é saber esperar. Talvez o próximo ano seja menos fértil em videiros do que este.

O motivo está na escolha que se vai exercendo, quer queiram, quer não. É a selectividade. Quem lhe poderá fugir? Os seus decretos são inescrutáveis. O indivíduo é posto em seu ambiente e às vezes parece deslocado. Depois adapta-se à situação. Horas boas e horas más...

Não sei o que sinto neste momento. Gostaria de ver o homem mais homem e a experiência do ano desiludiu-me um pouco. Afinal, é menos homem. A dignidade antiga, o amor à verdade, o respeito ao próximo estão ausentes do cenário. O que vemos é falsidade e ameaça.

E não há vestígios de mudança, porque o baixo-império alastrou, abastardando as almas.

Os exemplos de nobreza iluminam o céu escuro da humanidade. Uma espécie de arco-íris de bonança. Mas depois a trovoada ressoa com mais estrondo.

O optimismo é um santelmo que brilha um segundo, que anima e dá esperança aos bem formados. Ai de nós, se não houvesse optimistas. São o lado bom da existência.

Nunca me esqueceu aquele verso de Junqueiro:

«Ser alegre é ser forte; a força é uma alavanca».

O povo conhece alguns pioneiros de concórdia que levaram o tempo a pregar aos peixes. Por mais desaires que tivessem, não abandonaram a ideia fraternal. Continuaram a vincar atitudes sadias, insensíveis ao riso e ao choro.

Também não esqueço que a força gera a força e leva à revolta e ao arbítrio. E que tudo se pode conseguir pela «não violência». Vale mais palavra mansa e decisiva, do que barulho inconsequente.

A revolta de Gandi fez oscilar a Índia em seus alicerces. Não foram as armas, não foi a insídia que rebelou os párias contra os senhores. Foi o brio da espécie, que estava no jejum voluntário do chefe, ou *mahatma*.

Não sei porquê, minha conversa é diferente. Será o fim de ano que me leva a falar assim?... Não sei se tenho esperança ou se o balanço do passado me trouxe a desilusão. Não fim do ano que vem o saberei ao certo. As horas boas e más talvez estejam connosco, como estiveram ontem e hoje, mas é necessário transformar o mundo e melhorar o homem. Essa tarefa incumbe aos contemporâneos. Se o fizerem terão cumprido a missão que os trouxe ao planeta.

Adeus, amigo radiouvinte. Até à próxima.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

INDULTO EXPRESSIVO

O *Diário de São Paulo* publicou em 6 de Junho último uma notícias do seu correspondente no Rio de Janeiro relativa ao indulto concedido pelo Presidente Juscelino Kubitchek ao médium José Arigó, de Congonhas do Campo, que fora condenado por exercício ilegal da medicina, pena que o Tribunal de Justiça de Minas Gerais já tinha reduzido a metade, ficando suspensa condicionalmente. Contudo Arigó recorreu para o Supremo Tribunal, quando o Presidente da República anulou a condenação.

O noticiarista, que se encobre sob o pseudónimo de «All Right», diz que o acto presidencial tem aspecto legal e científico, o primeiro, que aboliu a pena, e o segundo, que reconheceu como benéficas as actividades de Arigó, que poderá continuar a fazer as suas curas com o *habeas corpus* da ciência, através do gesto de Juscelino Kubitchek.

O médium declara-se assistido por Frei Fabiano e diz ter como operador um doutor Fritz, falecido há mais de cem anos.

O jornal *O Município*, de 31-12-57, publicado em Guaratinguetá, insere o depoimento de Justino Monteiro, que foi a Congonhas para verificar a realidade dos fenómenos e veio de lá convencido. Viu dois ricos baianos entregar ao médium cheques de 500 e 200.000 cruzeiros, mas Arigó devolveu imediatamente o donativo.

«All Right» refere-se igualmente ao desembargador Alfredo de Castro Silveira, morador na rua Djalma Ulrich, 272, Rio de Janeiro, o qual declarou:

— Fui atraído pela curiosidade a Congonhas do Campo e vi José Arigó, católico, apostólico, romano, humilde funcionário público, simples e bom, atendendo a todos desinteressadamente, fazer, num dia, em estado de transe, mais do que muitos médicos num ano: operações cirúrgicas na cabeça, no coração, no estômago, no fígado, nos olhos e na bexiga, em presença de médicos que se operaram, bem como alguns padres. Um sacerdote secretário particular do Papa Pio XII, estando em Belo Horizonte e ouvindo falar nas curas de um tal Arigó, foi procurá-lo. Operado, saíu bom em cinco minutos. Depois regressou a Roma, donde o papa lhe mandou um autógrafo de agradecimento e um rosário de prata com uma «trousse» do mesmo metal. Isto em Congonhas é público e notório. José Arigó já fez mais de três mil operações. Não há concorrência de médicos, porque ele só trata desenganados da medicina e nada cobra pela sua caridade. No Brasil e talvez no mundo, José Arigó é caso único.

Quem faz este depoimento é um desembargador, homem habituado a ministrar justiça nos tribunais comuns.

«All Right» termina o comunicado, chamando a atenção do deputado espirita Dr. Campos Vergal com vista a permitir-se o estudo destes casos nos cursos superiores, em cátedra especializada.

UM COMÍCIO ESPIRITA

A *Federação Espirita da Província de Buenos Aires* realizou em Abril passado um comício na Plaza Rocha da cidade de Mar del Plata, onde se fizeram ouvir Santiago Bossero e Humberto Mariotti perante mais de 2.000 pessoas que ali foram atraídas por meio de altifalantes, avisos na imprensa e prospectos espalhados por toda a cidade.

Os discursos foram transmitidos através de microfones, de modo que até muitos indivíduos que se encontravam nas esquinas próximas da praça pudessem ouvir claramente os conferencistas.

Santiago Bossero ventilou o tema «O Espiritismo e os Problemas Sociais», pondo em relevo a doutrina ante os problemas nacionais e internacionais, frisando a necessidade de facilitar aos trabalhadores os meios de produção, de cultivar o cooperativismo e as relações harmónicas baseadas na justa distribuição da riqueza para que não faltem nos lares os elementos indispensáveis à vida e à cultura, higiene e distracção das crianças. No tocante aos problemas internacionais, disse que se estendem a todas as actividades, em virtude do desconhecimento que o homem tem da sua natureza espiritual, pois ao considerar a vida desenvolve logo o egoismo, intensificando a ânsia de domínio, sem reparar nos meios que emprega para satisfazer terríveis paixões.

Depois referiu-se aos princípios doutrinais do Espiritismo e à sua influência na formação do novo arquétipo humano, que fará das virtudes cristãs a base de uma sociedade, onde reine a fraternidade e a justiça.

O orador foi interrompido muitas vezes com fartos aplausos da assistência.

Por sua vez, Humberto Mariotti falou sobre «A Nova Democracia à luz do Espiritismo», começando por analisar os valores da democracia social, cujas raízes entroncam na vida hodierna, embora à margem dos valores do espírito. Disse que a democracia chamada moderna não merece tal nome, porque no seu seio há três forças negativas (aristocracia, plutocracia e teocracia) que impedem a realização do ideal autêntico. A seguir afirmou que o Espiritismo levanta um novo aspecto democrático ao considerar o homem como espírito encarnado, assinalando que o espírito em si realiza a sua evolução através de ciclos palingenésicos, a qual só poderá efectuar-se na mais ampla liberdade, visto que liberdade e democracia são processos de evolução e realização.

— Quando a democracia se basear nos valores espirituais e palingenésicos — exclamou — a sociedade entrará numa era democrática espiritual que permitirá

uma ordem social sem classes e onde a fraternidade se converta num facto histórico.

Ao terminar, disse que o Espiritismo possui uma doutrina filosófica e religiosa que oferecerá novas visões do homem e do mundo e por isso fundará uma sociologia em que o homem se reconheça como ser imortal.

Felicitamos a *Federação Espirita da Província de Buenos Aires* pela realização do certame. As ideias nobres devem poder expor-se em toda a parte e o homem da rua é o que mais necessita de ouvir verdades lógicas que o afastem de actos subversivos e convulsões sociais.

UM SEGREDO DE FAMÍLIA E UM DORMITÓRIO ASSOMBRADO

A *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, extraíu de *Two Worlds* o seguinte caso:

«Um notável segredo de família foi dramàticamente desvendado, quando o médium americano Artur Ford realizava uma sessão pública em Cleveland, no Estado de Ohio. Em certo momento disse a um jovem que a mensagem que estava a receber provinha do pai deste, que se encontrava no mundo espiritual.

«Terminada a sessão, o jovem disse ao médium:

«— O sr. Ford esta noite cometeu um erro. A mensagem não podia ter vindo de meu pai, que está aqui ao meu lado.

«E apresentou um homem idoso.

«Então — relata Ford — o homem idoso respirou profundamente, abanou a cabeça e disse ao jovem:

«— Você ainda não era nascido, meu filho. Você é meu filho adoptivo. Acredite que foi o seu verdadeiro pai que lhe deu a mensagem e é melhor para todos que fique esclarecida a situação.

«Na sua autobiografia, Ford conta que tem dado sessões a muitas pessoas pertencentes ao governo, congressistas, senadores, membros do Estado, generais e almirantes, embaixadores, enviados especiais e outros que ocupavam altos cargos. Durante a segunda guerra mundial realizou algumas sessões com a maior cautela. Os assistentes não lhe eram apresentados, mas ele reconhecia-os muitas vezes.

O solitário encontro de Ford com um «espírito» era de arripiar cabelo. Um dia estava a passar um fim de semana na casa de campo de *lady* Elizabeth Mosley, que o alojara num quarto «assombrado», visto ele não temer os espíritos. Era um quarto enorme e frio. Quando se deitou cobriu-se com um acolchoado de penas para aquecer. Ia cair em profundo sono, quando sentiu o acolchoado fugir-lhe dos ombros. Ford segurava-o o melhor que podia, mas qualquer coisa puxava com mais força. Finalmente a cobertura foi-lhe arrancada das mãos, flutuou no ar e caíu no soalho.

«Após uma noite sem descanso, Ford almoçou fora de horas e quando voltou ao aposento outro hóspede lhe contou que ao voltar de uma reunião na noite antecedente encontrou na cama poucos cobertores. Como estivesse enregelado, entrou furtivamente num velho quarto abandonado e levou um acolchoado que estava numa cama.

«Ford disse-lhe que também ficara com menos de 10 anos de vida, em face do acontecimento...».

A MORTE DE RUDI SCHNEIDER

La Revue Spirite, em seu número de Julho-Agosto, publicou uma extensa notícia relativa à morte inesperada do médium Rudi Schneider, em Weyer, no vale de Enns, ao sul de Linz, no dia 8 de Abril de 1957.

Embora já nos tivéssemos referido ao acontecimento, vamos transcrever o que o doutor Gerda Walther dedicou ao caso.

«Rudi Schneider era um dos melhores e mais apreciados médiuns de efeitos físicos da nossa época e submeteu-se sempre à investigação científica em parapsicologia. No passado, o mais conhecido foi o seu irmão dentista Willy Schneider, que ainda vive em Braunau e em casa de quem eclodiram os primeiros fenómenos mediúnicos, que levaram o capitão reformado J. Kogelnik a chamar a atenção do professor Schrenck-Notzing para os médiuns de Braunau. Este último chamou Willy ao seu laboratório de Munique e ao Instituto de Parapsicologia da Universidade desta urbe, a fim de fazer experiências. Em casa de Rui, o mais jovem dos dois irmãos, nascido em 27-7-908, manifestaram-se fenómenos idênticos e alguns de levitação que duraram só até 1924.

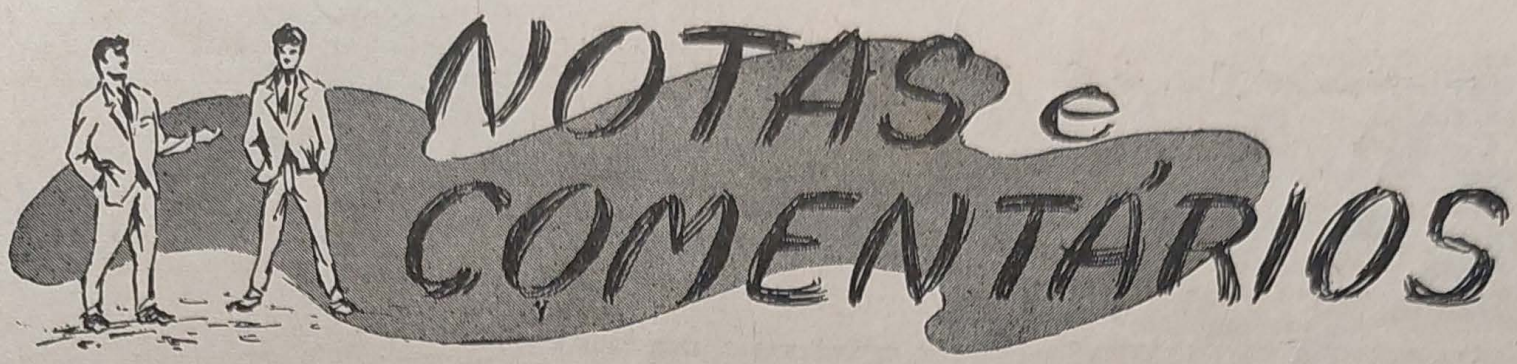
«Quando as forças de Willy diminuiram e quando este já não tinha tempo livre, o professor Schrenck-Notzing passou a experimentar com Rudi até 1929, data em que morreu, servindo-se do famoso controlo eléctrico. Os pés e as mãos não eram só fiscalizados por duas pessoas, mas por meio de lâmpadas eléctricas. Também se utilizou um gabinete de segurança com pavimento duplo e uma cabina telefónica, na frente da qual se sentava o médium e se verificavam os fenómenos.

«As experiências do doutor Eugène Osty com Rudi Schneider feitas no Instituto Metapsíquico de Paris foram especialmente importantes. Aqui, o espaço reservado às experiências era separado do médium por uma protecção de gase de dois metros de altura e por raios infravermelhos, que permitiam tirar fotografias automáticas durante as experiências. Apesar disso, observou-se uma substância «invisível» que executou movimentos à distância (telecinesia) e fez nós num lenço, chegando a materializar-se na casa do experimentador.

«O doutor Osty demonstrou que esta «energia» ou «substância» vibrava sempre no ritmo da respiração acelerada do médium e mantinha-se estreitamente ligada ao seu corpo, facto muito importante para a investigação. Digna de nota é também a semelhança de algumas materializações que apresentam deformidades anatómicas no corpo de certos homens, as quais constituem rudimentos de outro ser, ou seja de um organismo (Ver o livro «Fantasma» do Dr. Mikorey, que, sem dúvida, ignora estas analogias).

«Rudi Schneider não se interessou pela parapsicologia nem pelo ocultismo, mas prestou-se com gentileza austríaca a experiências científicas de que não podia usufrurir qualquer proveito. «*Vocês divertem-se e eu durmo*» — dizia ele depois da sessão.

«Na mocidade gostaria muito mais se o vissem jogar como avançado-centro de uma turma de futebol do que se lhe pedissem que fizesse uma sessão. Como homem da nossa época, a sua segunda paixão era o automóvel. Foi por isso que se tornou instrutor e proprietário de uma escola de condução automobilística, embora nenhum profano supusesse que fora um médium tão famoso».



A CANETA QUE ESCREVE...

O Século de 17 de Novembro inseriu o seguinte telegrama da France Presse:

«Londres, 16. — O semanário «Sunday Pictorial» conta hoje um curioso caso de espiritismo. A sr.ª Grace Rosher, pintora londrina bastante conhecida, escreve perguntas ao noivo Gordon Burdick, canadiano, falecido pouco depois da segunda guerra mundial. Escritas as perguntas, a caneta escreve sòzinha as respostas, bastando que a sr.ª Rosher acompanhe a caneta com a mão, a pouca distância. O namoro da sr.ª Rosher durou quase trinta anos e o noivo morreu uma semana antes do casamento. O «Sunday Pictorial» publica uma reportagem a este respeito com fotografias impressionantes da caneta a escrever sem ninguém a segurá-la. A sr.ª Rosher afirma que nunca se dedicou ao Espiritismo».

Este comunicado saiu na primeira página do diário português circundado a filete vermelho, prova do alto conceito em que foi tido pela redacção.

A imprensa moderna vai-se habituando à fenomenologia espirita, não obstante a teimosia de muitos que lhe querem barrar o caminho. Melhor fora, porém, aceitar os factos, do que desvirtuá-los ou fazer em torno deles a conspiração do silêncio. Que a verdade ninguém a pode adulterar eternamente, sobretudo quando o seu conhecimento é necessário à evolução humana. No entanto há sempre indivíduos ou classes que tentam impedir o brilho de uma ideia, mesmo que dela emane benefício moral ou social. São os bem instalados na vida, aferrados a tradições que o progresso vai desvanecendo em holocausto à justiça que se deve a todos.

Com o Espiritismo dá-se um caso bem curioso. Quanto mais o combatem, mais cresce e se avigora nos que sofrem por ele, que o mesmo é dizer, que trabalham para bem do próximo.

O Século foi sempre infenso à propaganda espirita. Não perdia um só momento de achincalhar e de zombar de coisas sérias e demasiado transcendentes para a mentalidade dos seus, aliás, cultos articulistas. Hoje parece que mudou. Novos tempos, novos costumes. Mas não há incoerência nessa atitude. Há bom senso.

Felicitamos o grande jornal português e fazemos votos para que haja ecletismo verdadeiro em suas páginas, como houve, de facto, em tempos que já lá vão.

CADA UM NO SEU LUGAR...

Jules Armengot, médium de grandes faculaades, entre elas a clarividência e a clariaudiência, desencarnou em 18 de Junho num acidente de automóvel próximo de Pont Beauvoisin (Isère), quando se dirigia de Leão para Belley. Perdeu o domínio do seu carro, em que viajava sòzinho, e foi de encontro a uma árvore. Quando chegou ao hospital exalou o último suspiro.

Nasceu em 1894 e tinha boa saúde. Chegara a Leão muito novo e começou a trabalhar numa firma importadora de citrinos fundada por seu pai. Após a morte deste, fundou com um amigo outra casa semelhante, mas ficando em boas relações de amizade com seus irmãos.

Nesta altura surgiu a dificuldade. A senda que trilhara não estava em seu destino. E assim ouviu um dia uma voz:

— A tua missão terrena é curar os doentes. Deves curar. Chegou o momento.

Armengot não ligou importância ao caso, mas oito dias depois a mesma voz repetiu-lhe as mesmas palavras:

— Não tenho tempo — disse ele. O meu comércio rouba-me todos os minutos.

— Ah! Sim! O teu comércio. Não tínhamos pensado nisso. Vamos tomar providências.

Durante seis meses, tudo correu bem. Depois surgiu a falência. E quando terminaram as formalidades ouviu outra vez a voz que lhe dizia:

— Como já não tens comércio, vais agora curar. Não pedirás retribuição, mas aceitarás o que te derem. Desse dinheiro tirarás o necessário para a família. O resto será para os pobres.

Esta anedota conta-a Jean Barbier na Revue Spirite de Setembro-Outubro e não deixa de ser interessante.

De facto, Jules Armengot fez curas sensacionais. Espiritista-cristão de grande fé e tolerância, costumava dizer em público.

— Somos humanos e temos os dois pés na terra. Se fôssemos anjos não estaríamos aqui. Devemos, pois, viver como seres humanos, evitando cair no egoismo, no orgulho e na avareza, três faltas que se não resgtam sem dura expiação. O resto pertence à materialidade humana e libertar-nos-emos dela, acelerando a nossa evolução.

TRÊS ANEDOTAS

Oferecemos três anedotas, que respigámos de Two Worlds:

1.ª — Um confessor dizia ao moribundo que olhasse para Deus e repudiasse o diabo e as suas obras.

— Estou disposto a obedecer a Deus — respondeu ele — mas não a impor condições.

2.ª — A influência da rádio nos lares é tão grande, que o menino, ao fazer as suas orações em companhia da mãe, perguntou-lhe:

— Mamã, não podia pôr um anúncio no meio da oração para pedir uma bicicleta?...

3.ª — Mamã, os anjos voam?

— Voam, sim, minha filha.

— O papá dizia ontem à criada que era um anjo. Então, quando voará?

— Quando eu acabar de comer a sopa, queridinha.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

O Dr. António Cardoso voltou ao Centro no dia 16 de Outubro para realizar uma conferência intitulada «A Memória: Sua Estrutura e Fenomenologia».

Foi um belo trabalho de carácter filosófico e científico, que dividiu em sete pontos, entre eles, diferença entre imagens alucinatórias e reais, alteração das percepções, enfraquecimento da memória, «doenças» da memória e localização da memória. Por este enunciado se pode fazer uma ideia do que teria sido a exposição, atenta a probidade do conferencista.

Referiu-se aos processos de ampliar a memória, tratou da memória de grupo, baseado no estudo de Pierre Janet, apresentou vários testes psicológicos, aludiu à regressão da memória, enfim, tocou em todas as teclas do problema, deixando óptima impressão nos assistentes.

Outra conferência coube a D. Adelaide Ivone de Sousa, no dia 16 de Novembro, acerca dos «Mistérios da Magia». Foi um dos trabalhos mais interessantes que lhe ouvimos. Historiou a Magia desde os tempos mais remotos e contou muitos fenómenos de grande interesse, alguns dos quais ligados à sua vida no norte de África, há cerca de vinte anos. A assistência ouviu-a com imenso agrado, porque a conferencista chegou a demonstrar vivacidade invulgar, talvez por ter vivido alguns quadros que apresentou.

O presidente da Direcção apreciou as duas conferências em crítica imparcial, congratulando-se com o esforço destes dois incansáveis pioneiros.

Também no dia 25 de Novembro, no Grupo «Ernesto Bozzano», o nosso confrade Túlio Augusto Rosa falou sobre «Radiestesia», apresentando as suas experiências pessoais que despertaram autêntica curiosidade na assistência.

Em certa altura discordou de alguns radiestesistas, principalmente de Charloteaux, que dedicou um livro à parte física do problema, tendo-se estabelecido um diálogo entre o expositor e o presidente da Direcção, que se encontrava na assistência. Esta estreia foi auspiciosa, quer pela exposição em si, quer pelas experiências feitas nalguns assistentes.

TRABALHOS DO CENTRO EM DEZEMBRO DE 1958 E JANEIRO DE 1959

Dia 2 de Dezembro, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 3, 4.ª feira, às 21.30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 4, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Iniciação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 5, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Alice Cristina.

Dia 7, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por José Francisco Cabrita, com a médium D. Maria Gorina.

Dia 9, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 10, 4.ª feira, às 21.30—Grupo «Léon Denis», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Alice Cristina.

Dia 11, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 12, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 14, domingo, às 21.30 — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «Aspectos Sociais e Morais do Espiritismo».

Dia 16, 3.ª feira, às 21,30—Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio A. Rosa.

Dia 17, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 18, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 19, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 21, domingo, às 15.30 em ponto — Festa do Natal, em que tomarão parte oradores, cantores e declamadores. Os sócios podem trazer pessoas de família.

Dia 22, 2.ª feira, às 15 horas — Distribuição de roupas e enxovais pelo Grupo de Protecção à Criança.

Dia 23, 3.ª feira, às 15 horas — Distribuição de donativos aos necessitados. Às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 24 e 25 — Não há trabalhos no Centro.

Dia 26, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Alice Cristina.

Dia 28, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 30, 3.ª feira, às 21.30—Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 31, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1 de Janeiro, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 2, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 4, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 6, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 7, 4.ª feira, às 21.30 — Grupo «Léon Denis», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Alice Cristina.

Dia 8, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 9, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas de sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, munir-se da última quota paga.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estado da Doutrina Espirita	15$00
A Prece	10$00
Espiritismo	15$00
O principiante Espirita	15$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 42$00	30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 42$00	30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 42$00	30$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 42$00	30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	25$00
Depois da Morte (nova edição)	40$00
O Porquê da Vida	20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	40$00
No Invisível (nova edição)	45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	45$00
A Evolução Anímica	42$00
O Fenómeno Espirita	40$00
A Alma é Imortal	45$00
A Reencarnação	45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	20$00
Enigmas da Psicometria	25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	32$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	20$00
Xenoglossia	25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	30$00
Casas Mal-assombradas	40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	60$00
Narrações do Infinito	25$00
Urânia	35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00	25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00.	30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís*	35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel*	60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel*	35$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel*	
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes	38$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00	30$00
Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado	130$00
Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus	50$00
Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religoso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal	35$00
Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões»	30$00
Bagavad Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas	34$00
Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.	
1.º vol. — **A Caminho do Abismo**, passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572	30$00
2.º vol. — **Senda de Espinhos.** A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta	30$00
3.º vol. — **Estrada de Damasco.** Quadros da vida humana numa fazenda brasileira	30$00
O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritas — encadernado	40$00
Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos	54$00
Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire*	25$00
Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise	25$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança	60$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00	50$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar-Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu — enc. 35$00	20$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00	20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA